

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SIMONE MEIRELLES

ROMANCES COM CORAÇÃO: LEITURA E EDIÇÃO DE ROMANCES  
SENTIMENTAIS NO BRASIL

CURITIBA

2008

SIMONE MEIRELLES

ROMANCES COM CORAÇÃO: LEITURA E EDIÇÃO DE ROMANCES  
SENTIMENTAIS NO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras, Área de Concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez.

CURITIBA

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS  
COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

Meirelles, Simone

Romances com coração : leitura e edição de romances sentimentais no Brasil / Simone Meirelles. – Curitiba, 2008.  
402f. : il.

Inclui bibliografia

Orientador: Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Romantismo. 2. Leitura. 3. Livros e leitura. I. Rodriguez, Benito Martinez, 1962-. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 808.80145

Andrea Carolina Grohs CRB 9/1.384

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Adelina e José Reginaldo (*in memoriam*) pelo apoio e incentivo à leitura desde a mais tenra idade.

Ao professor Benito Martinez Rodriguez, por aceitar mais um desafio ao meu lado, pela confiança depositada em mim e por ter sido um orientador seguro, atento e inspirador.

À equipe da Assessoria de Comunicação da UFPR, pelo apoio e compreensão.

Às leitoras que participaram concedendo entrevistas para este trabalho.

Ao meu marido Universo, pelo amor, paciência e incentivo.

Aos meus filhos Bernardo e Luíza, que chegaram durante o trajeto e trouxeram luz e ânimo para completar a jornada.

A Deus, por todas as bênçãos e por ter permitido mais esta realização.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata quadringentésima vigésima terceira, referente à sessão pública de defesa de tese para a obtenção de título de doutor a que se submeteu a doutoranda **SIMONE REGINA MEIRELLES RODRIGUEZ**. No dia oito de dezembro de dois mil e oito, às quatorze horas, na sala Athos Veloso, 3.º andar, no Setor de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes *Professores Doutores*: **BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ**, *Presidente*, **MÁRCIA ABREU**, **ANAMARIA FILIZOLA**, **MARILENE WEINHARDT** e **ANTONIO DIMAS** designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada “ROMANCES COM CORAÇÃO: LEITURA E EDIÇÃO DE ROMANCES SENTIMENTAIS NO BRASIL”, apresentada por **SIMONE REGINA MEIRELLES RODRIGUEZ**. A sessão teve início com a apresentação oral da doutoranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na seqüência, o Professor **BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, o senhor Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Doutora em Letras**, área de concentração **Estudos Literários**. A versão final da tese deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia oito de dezembro de dois mil e oito. XXX

  
 Dr. Benito Martinez Rodriguez

  
 Dr.ª Márcia Abreu

  
 Dr.ª Anamária Filizola

  
 Dr.ª Marilene Weinhardt

  
 Dr. Antonio Dimas

  
 Simone Regina Meirelles Rodriguez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
 SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

## PARECER

Defesa de tese da doutoranda SIMONE REGINA MEIRELLES RODRIGUEZ para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo assinados BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ, MÁRCIA ABREU, ANAMARIA FILIZOLA, MARILENE WEINHARDT e ANTONIO DIMAS argüíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“ROMANCES COM CORAÇÃO: LEITURA E EDIÇÃO DE ROMANCES SENTIMENTAIS NO BRASIL”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

| Banca                     | Assinatura | APROVADA<br>Não<br>APROVADA |
|---------------------------|------------|-----------------------------|
| BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ |            | APROVADA                    |
| MÁRCIA ABREU              |            | Aprovada                    |
| ANAMARIA FILIZOLA         |            | Aprovada                    |
| MARILENE WEINHARDT        |            | aprovada                    |
| ANTONIO DIMAS             |            | APROVADA                    |

Curitiba, 08 de dezembro de 2008.

Prof. Dr. Paulo Astor Soethe  
 Coordenador

## RESUMO

O presente estudo analisa aspectos da produção e leitura dos romances sentimentais. Lançados no Brasil em 1978, os livros das séries *Sabrina*, *Julia e Bianca* e similares chegam a 2008 com tiragens de 12 mil exemplares por título, e lançamentos de cerca de 30 obras diferentes ao mês. Partindo de entrevistas com profissionais das duas principais editoras desses textos no País – a Nova Cultural e a Harlequin Books – são enfocados os modos de editoração e estratégias de marketing para esses livros. Por outro lado, entrevistas com leitoras dão conta de como estas assimilam os textos, o que as atrai neles e como essas obras influenciam seus cotidianos. Em tempos de concorrência entre editoras, as leitoras vêm se mostrando mais exigentes quanto à qualidade dos livros, em especial em relação à tradução e seleção de autoras, o que não quer dizer que queiram alguma mudança substancial no modelo de narrativa já aprovado para as séries. Pode-se considerar que o sucesso desses textos está calcado na exploração de um conteúdo simbólico baseado na repetição de situações esquemáticas previamente conhecidas, muitas claramente inspiradas nos contos de fadas, e num marketing editorial que busca aumentar e manter tanto a demanda quanto a fidelidade do público, através do conhecimento apurado das expectativas das leitoras quanto aos textos. Apesar disso, aos poucos as editoras estão perdendo o controle sobre o consumo das obras. Com a utilização da Internet, grupos de leitoras digitalizam livros antigos, que são distribuídos gratuitamente; traduzem os que ainda não foram lançados em português; escrevem suas próprias obras e as publicam digitalmente; e comentam o que leram. Com isso, cria-se uma nova lógica que parece subverter a ordem da indústria cultural, deixando de lado as editoras. Todos esses aspectos estão analisados nesta tese, procurando uma visão multidimensional de um fenômeno de leitura que está presente no mundo todo. Em última instância, diante de textos que fogem ao cânone, mas conquistam leitoras que se dizem “viciadas” em romances, busco ainda comprovar que toda leitura é válida e pode trazer benefícios. Cada leitora entrevistada trouxe voz àqueles que acreditam que a leitura é eminentemente e prioritariamente uma atividade positiva, capaz de agregar sentido às menores ações.

Palavras-chave: Leitura. Romances sentimentais. Nova Cultural. Marketing editorial.

## ABSTRACT

The following research analyses the aspects of the production and the reading process of sentimental novels. The books of the series Sabrina, Julia and Bianca, launched in Brazil in 1978, reached until now the number of 12,000 books issues per title and about 30 different stories per month. In order to understand the editing e marketing strategies of these books, two of the main publishers of these texts in Brazil (Nova Cultural and Harlequin Books) were interviewed. On the other hand, many interviews with readers where made in order to analyze how they understand the texts, what is attractive about them and how they influence their lives.

In times of competition among publishers, the readers appear to be more demanding about the quality of the books, especially in relation to the translation and selection of the authors, which does not mean they expect any substantial change in the actual approved model for the series. One may consider that the success of theses texts is centered on exploring a symbolic content based on the repetition of schemed situations previously known, many of them clearly inspired in fairy tales and in an editorial marketing that aims to enlarge and keep both the demand as well as the fidelity of the readers through the keen understanding of their expectations.

In spite of that, the publishers are slowly losing control over the consumption of their titles. Through the internet, groups of readers digitalize old books, and publish them for free; translate titles that were not yet launched in Portuguese; write their own stories and publish them, and add their comments about what they read. On this way, a new logic that seems to subvert the order of the industry is been created, letting publishers aside.

All these aspects are analyzed in this dissertation, whose objective is to show a multidimensional view of a lecture phenomenon which occurs in all countries.

By analyzing texts that are different from the pattern, but that have conquered readers that admit to be “addicted” to novels, I intend to show that all reading is positive and may bring benefits. Each reader interviewed has agreed to the idea that reading is eminently a positive activity, which gives sense to the smallest actions.

Key-words: Reading. Sentimental novels. Nova Cultural. Editorial marketing.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |      |
|--|------|
| FIGURA 1 – LOUCURAS DA PAIXÃO, SÉRIE SABRINA, CAPA .....   | 171. |
| FIGURA 2 – LOUCURAS DA PAIXÃO, SÉRIE SABRINA, PÁGINA .....   | 172  |
| FIGURA 3 – LOUCURAS DA PAIXÃO, SÉRIE SABRINA, ÚLTIMA<br>PÁGINA.....                                | 172  |
| FIGURA 4 – LOUCURAS DA PAIXÃO, SÉRIE SABRINA, QUARTA<br>CAPA.....                                  | 173  |
| FIGURA 5 – CAVALEIRO VALENTE, SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS<br>ESPECIAL, CAPA.....                    | 174  |
| FIGURA 6 – CAVALEIRO VALENTE, SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS<br>ESPECIAL, CONTRA CAPA E PÁGINA 1 ..... | 175  |
| FIGURA 7 – CAVALEIRO VALENTE, SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS<br>ESPECIAL - ÚLTIMAS PÁGINAS .....       | 176  |
| FIGURA 8 – CAVALEIRO VALENTE, SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS<br>ESPECIAL – QUARTA CAPA .....           | 177  |
| FIGURA 9 – A TENTAÇÃO DO DESEJO, SÉRIE RAINHAS DO ROMANCE,<br>CAPA .....                           | 178  |
| FIGURA 10 – A TENTAÇÃO DO DESEJO, SÉRIE RAINHAS DO ROMANCE,<br>PÁGINA 1 .....                      | 179  |
| FIGURA 11 – A TENTAÇÃO DO DESEJO, SÉRIE RAINHAS DO ROMANCE,<br>QUARTA CAPA.....                    | 180  |
| FIGURA 12 – UM DESEJO A MAIS, SÉRIE PAIXÃO, CAPA .....   | 181  |
| FIGURA 13 – UM DESEJO A MAIS, SÉRIE PAIXÃO, ÚLTIMAS PÁGINAS..                                      | 182  |
| FIGURA 14 – UM DESEJO A MAIS, SÉRIE PAIXÃO, QUARTA CAPA .....                                      | 183  |

**LISTA DE QUADROS**

|   |     |
|---|-----|
| QUADRO 1 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS PARA A<br>TESE.....                              | 200 |
| QUADRO 2 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS PARA A<br>DISSERTAÇÃO DAS BANCAS AO CORAÇÃO..... | 201 |
| QUADRO 3 – PERFIL DAS LEITORAS QUE RESPONDERAM<br>QUESTIONÁRIO POSTADO NO ORKUT .....         | 202 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>1 INTRODUÇÃO: POR QUE ROMANCES COM CORAÇÃO?</b> .....   | 11  |
| <b>2 LITERATURA DE ENTRETENIMENTO E LEITURA</b> .....  | 19  |
| 2.1. A VOZ FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA .....  | 29  |
| 2.2. LEITURA E CORRENTES TEÓRICAS .....  | 36  |
| 2.3. LEITURA, PRAZER E GOSTO .....   | 44  |
| <b>3 ROMANCES SENTIMENTAIS NO BRASIL</b> .....   | 55  |
| 3.1. PEQUENO HISTÓRICO DO ROMANCE SENTIMENTAL E SUA INFLUÊNCIA<br>NA FORMAÇÃO DA LEITORA BRASILEIRA .....      | 55  |
| 3.2. REPETIÇÃO DE MODELOS, O PONTO CENTRAL DO ENREDO DOS<br>ROMANCES SENTIMENTAIS.....                         | 66  |
| 3.3. AMOR ROMÂNTICO E ASCENSÃO SOCIAL, UM PAR PERFEITO .....   | 74  |
| <b>4 NOVA CULTURAL E HARLEQUIN: EDITORAS E EDIÇÃO DE ROMANCES<br/>SENTIMENTAIS NO BRASIL</b> .....             | 85  |
| 4.1. NOVA CULTURAL, A LÍDER NO PAÍS .....  | 85  |
| 4.1.1. Sobre a questão da autoria .....  | 90  |
| 4.2. A HARLEQUIN BOOKS NO BRASIL .....   | 99  |
| 4.3. PERFIL DO PÚBLICO LEITOR DOS ROMANCES SENTIMENTAIS .....  | 107 |
| 4.4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS ROMANCES SENTIMENTAIS DA NOVA<br>CULTURAL .....                                | 114 |
| 4.5. LIVROS DE BOLSO, LIVROS DE BOLSA .....  | 120 |
| <b>5 MARKETING EDITORIAL DOS ROMANCES SENTIMENTAIS (VENDENDO O<br/>QUE (QUASE) SE VENDE POR SI MESMO</b> ..... | 140 |
| 5.1. A INTERNET COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DAS EDITORAS<br>.....   | 146 |
| 5.2. QUERIDA LEITORA: UMA CORRESPONDÊNCIA ÍNTIMA .....   | 151 |
| 5.3. CAPAS E PUBLICIDADE INTERNA: A AUTOPROPAGANDA .....   | 157 |
| 5.4. ROMANCES SENTIMENTAIS NA MÍDIA .....  | 184 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>6 A LEITORA SAI DO ARMÁRIO</b> .....  | 194 |
| 6.1. O INÍCIO DE TUDO: O GOSTO PELA LEITURA DOS ROMANCES<br>SENTIMENTAIS ..... | 203 |
| 6.2. USOS DE LEITURA, TEMPO E PRECONCEITO .....                                | 219 |
| 6.3. LEITORAS ATIVAS: E-BOOKS, TRADUÇÕES E ESCRITA .....                       | 229 |
| <b>7 CONCLUSÃO: ANDANDO NO FIO DA NAVALHA</b> .....                            | 248 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 258 |
| <b>APÊNDICES</b> .....   | 265 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 375 |

## 1 INTRODUÇÃO: POR QUE “ROMANCES COM CORAÇÃO”?

“Romances com coração” foi o slogan usado pela editora Nova Cultural nos anos 80 do século XX para promover os livros das séries sentimentais de massa *Sabrina, Julia, Bianca e Barbara Cartland*. O coração é usado como forma de explicitar a relação que as leitoras tinham com a leitura. Era algo próximo, íntimo, pessoal. Sucessos de vendas, com tiragens que chegavam a 600 mil exemplares por mês<sup>1</sup>, foram livros lidos por uma geração de mulheres brasileiras, das mais variadas classes sociais. Os romances sentimentais da Nova Cultural sobrevivem ainda hoje em edições semanais nas bancas de revistas, podendo ser adquiridos também por assinaturas. As tiragens médias das séries no início de 2008 alcançavam, somadas, segundo a editora, 240 mil exemplares ao mês<sup>2</sup>, número bem abaixo da época de maior vendagem das séries, nos anos de 1980, mas ainda assim bastante significativo diante da realidade do mercado editorial brasileiro. Recentemente, a editora Harlequin Books, com sede em Toronto, Canadá, que até o início dos anos 2000 tinha contrato para publicação no Brasil pela Nova Cultural, entrou no País diretamente, com sua própria marca, publicando romances sentimentais. Com isso, o segmento ganhou o que não tinha há 30 anos – concorrência – o que pode desencadear mudanças como o aumento do número de leitores, a partir da maior oferta de títulos, fator que levaria a um aquecimento no mercado das séries românticas.

Pelas reportagens publicadas em torno da chegada da editora ao Brasil, e que serão citadas mais adiante, é possível perceber a importância da Harlequin no mercado de romances sentimentais. Trata-se de um gigante editorial, com potencial

---

<sup>1</sup> SILVA, Paulo Sérgio. **Leitoras indiscretas visitam as bancas**. 210f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. p. 95

<sup>2</sup> Dado fornecido em entrevista concedida por Leonice Pomponio, editora da Nova Cultural, para a esta pesquisa.

para se estabelecer no país e influenciar o mercado nesse segmento, o que ainda não aconteceu, mas pode ocorrer num futuro próximo. Enquanto isso, a Nova Cultural segue como líder de mercado, ancorada na fidelidade obtida das leitoras e também num melhor sistema de distribuição.

A presença de duas editoras consideradas fortes no segmento de romances sentimentais não teria repercussões se não fossem as escolhas das leitoras. O que ler, por que ler, quando e como ler? Cada leitor responde de forma individualizada a essas questões. Mas quando milhares de leitores respondem da mesma forma, apontando o mesmo tipo de texto, aí está um sucesso editorial. O conceito de sucesso, sempre problematizável, é entendido no caso dos romances sentimentais como a permanência das séries editoriais no mercado brasileiro ao longo de três décadas com tiragens significativas, o que não deixa de ser um fenômeno a ser estudado, num país onde o baixo índice de leitura é problema sempre discutido tanto na mídia quanto nos meios acadêmicos.

Pode-se considerar que esse sucesso está calcado na exploração de um conteúdo simbólico baseado na repetição de situações esquemáticas previamente conhecidas e aprovadas, muitas claramente inspiradas nos contos de fadas, e num marketing editorial que busca aumentar e manter tanto a demanda quanto a fidelidade do público, através do conhecimento apurado das expectativas das leitoras quanto aos textos. Esses serão os elementos descritos nos primeiros capítulos deste trabalho. Ao lado desses pontos, quem melhor que as leitoras (porque em sua maioria são mulheres) para esclarecer seu apreço pelos livros? O que as atrai nos textos? Como percebem (e se percebem) as ações das editoras? Como se relacionam com o texto? Essas perguntas, uma vez respondidas, poderão dar uma dimensão prática dos usos de leitura, que por sua vez, serão confrontados com os aspectos teóricos levantados nesta pesquisa. Existe também a proposta de observar em que medida os editores realmente são capazes de definir o que o público quer ler. Os resultados revelam que muitas vezes as leitoras fogem do *script* programado pela indústria cultural. Cada vez mais, esse público se mostra

independente em relação às editoras, principalmente com o uso de recursos disponíveis na Internet.

As leitoras entrevistadas adoram romances sentimentais de séries populares, como *Sabrina, Julia, Bianca, Clássicos Históricos*. Lêem por prazer, entendendo-se aqui prazer como entretenimento. Lêem sempre que podem, driblando a falta de tempo comum nos tempos modernos, buscando uma fantasia romântica com a certeza de um final feliz. Fazem dessa leitura um momento um lazer.

Cumprindo seu papel de leitura de entretenimento, os romances também podem ser vistos como um momento que as leitoras dedicam a si mesmas, distanciando-se dos problemas cotidianos. De todas as motivações apontadas para a leitura dos romances sentimentais, uma é especialmente forte e recorrente nos depoimentos colhidos: a possibilidade de evasão que esses textos proporcionam. As leitoras querem desfrutar da possibilidade de evasão que esses textos proporcionam. Esses sonhos podem levar a muitos caminhos, alguns deles fora do plano imaginário.

Nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência. Como essas propriedades são, por sua vez, mutáveis, as leituras variam, e as reações perante as obras sempre se alteram.<sup>3</sup>

As leitoras estão se organizando de novas formas. Como uma evolução dos clubes de leitura do passado, elas criam grupos de discussão na Internet. O mais representativo deles está no site Orkut<sup>4</sup>, denominado *Adoro Romances*, que tinha em setembro de 2008 cerca de 12.000 participantes. Nesses grupos, as leitoras discutem suas preferências a respeito dos textos, autoras, cenas, postam

---

<sup>3</sup> ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC. 2001. p. 51

<sup>4</sup> O Orkut é um site de relacionamento na Internet, do qual participam apenas pessoas convidadas por outros membros e que se reúnem em torno de comunidades virtuais com base em interesses comuns. Nessas comunidades, propõem temas para discussão, trocam opiniões e experiências.

textos de sua autoria (que normalmente reproduzem o padrão dos textos sentimentais publicados pelas editoras), questionam o que consideram deficiências, enfim, comentam tudo a respeito dos romances das séries. São indícios de comportamento levados em conta inclusive pelas editoras para balizar sua atuação. O blog<sup>5</sup> *Literatura de Mulherzinha*, escrito por uma jornalista que se apresenta como uma “apaixonada” por leitura, em especial pelos romances de séries, também traz elementos para pesquisa. No que diz respeito à pesquisa, os dados retirados das comunidades da Internet são analisados com ressalvas, dadas as dificuldades para identificação real das autoras. No entanto, funcionam como ponteiros de uma bússola, apontando situações passíveis de reflexão.

Para buscar respostas a questões em torno da leitura desses romances, foram estabelecidos contatos com as leitoras, tanto pessoalmente quanto por meio de comunidades virtuais. Ao reunir e analisar esse material, acredito que foi possível ter uma visão do que as leitoras pensam a respeito dos romances sentimentais.

Segundo Silvia Borelli (1996):

Literatura de cordel, melodrama e romance popular ocupam, ainda na atualidade, espaços significativos no contexto cultural, conjuntamente a outras formas mais contemporâneas como romance policial, ficção científica, quadrinhos, fotonovelas, radionovelas e telenovelas. Consolidar outras histórias literárias pressupõe confirmar a articulação entre matrizes populares, manifestações da cultura de massa e elementos da cultura erudita.<sup>6</sup>

Para Richard Shusterman (1998), a legitimação dessa forma de arte – a arte popular, que agrada ao povo – como objeto de estudo acadêmico pode ser um caminho para a renovação das instituições universitárias e para a integração social.

Segundo ele,

---

<sup>5</sup> Blog é um diário on line. Criados em 1999, os blogs logo ganharam adeptos em todo o mundo, de acordo com Pollyana Ferrari, autora do livro **Jornalismo Digital** (São Paulo, Contexto, 2006 – Coleção Comunicação). O criador do Blog escreve no site suas opiniões sobre qualquer assunto que queira. É de exclusiva responsabilidade do criador, habitualmente pessoa física, e também aberto para os leitores postarem opiniões e trocarem idéias com o autor.

<sup>6</sup> BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996. p. 45.



as artes populares da cultura de mídia (cinema, comédias, novelas de televisão, música pop, vídeos etc.) são apreciadas por todas as classes de nossa sociedade; reconhecer sua legitimidade estética enquanto produtos culturais ajudaria a reduzir a identificação opressiva da arte e do gosto estético com a elite sociocultural das artes maiores.<sup>7</sup>

A incorporação desses novos repertórios ao campo acadêmico, na visão do autor, é uma forma de mudar a própria universidade. Pensar a leitura de textos que são fruto da cultura de massa, integrando as leitoras de romances sentimentais a um contexto cultural acadêmico, analisando suas opiniões de uma perspectiva sem preconceitos, não deixa de ser um desafio, diante do dilema estético que envolve as obras. Não se trata de defender os textos por suas eventuais qualidades nem de passar ao largo de seus consideráveis defeitos, quando se fala na questão literária, mas de acreditar que a leitura, mesmo quando de livros fora dos padrões estéticos da chamada alta literatura, pode, sim, ser considerada um ato positivo, que pode trazer bem estar (o que não é o pouco diante do caos da vida moderna) ou levar a usos menos óbvios da leitura, a serem esmiuçados ao longo da pesquisa.

José Paulo Paes (1990) defende a literatura de entretenimento como formadora de leitores, a despeito do descaso dos literatos nacionais para com ela:

Numa cultura de literatos como a nossa, todos sonham ser Gustave Flaubert ou James Joyce, ninguém se contentaria em ser Alexandre Dumas ou Agatha Christie. Trata-se obviamente de um erro de perspectiva: da massa de leitores destes últimos autores é que surge a elite dos leitores daqueles, e nenhuma cultura realmente integrada pode se dispensar de ter, ao lado de uma vigorosa literatura de proposta, uma não menos vigorosa literatura de entretenimento.<sup>8</sup>

No Brasil, não se pode dizer que temos essa “vigorosa literatura de entretenimento”. Apesar de *best sellers* de auto-ajuda ou ficção figurarem no topo das listas de livros mais vendidos, as tiragens não chegam a impressionar, exceto, talvez, em autores como Paulo Coelho. Será que os leitores começariam com a

---

<sup>7</sup> SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 66

<sup>8</sup> PAES, José Paulo. **A Aventura Literária**. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.37

literatura de entretenimento e passariam para a de proposta como um natural passo adiante? Difícil dizer, mas com certeza a pesquisa com as leitoras fornece alguma sinalização a respeito.

A literatura de entretenimento tem um objetivo como produto, que se cumpre nas grandes vendas e na popularidade alcançada, do ponto de vista da empresa que a produz e comercializa. Sua popularidade se faz na medida em que as editoras conhecem seu público e oferecem exatamente o que esses leitores desejam, não apenas nos padrões de texto e enredos que já têm aceitação comprovada, mas também em formato, custo e visual. No outro vértice deste estudo está o consumidor final do produto – o leitor – que oscila entre os interesses envolvidos nas estratégias de produção e circulação dos romances e os desejos manifestados individualmente e/ou coletivamente em grupos de leitura, na busca de textos que cumpram a promessa de evasão e catarse contida nos romances sentimentais.

Optar pelos romances das séries não é uma escolha fácil na vida cotidiana. As leitoras são alvo de preconceito por sua escolha de leitura, como narram em depoimentos que serão apresentados ao longo deste trabalho. Trata-se de uma leitura até ridicularizada. Ainda assim, as editoras lançam cerca de 30 títulos ao mês – ou seja, um novo livro ao dia. Obviamente, segundo as leis de mercado, não haveria tanta oferta se não houvesse também uma demanda à altura. Os mecanismos que movem essa bem azeitada engrenagem também são alvos desta pesquisa. Com isso, a intenção é descobrir os elos que ligam produção e consumo desses livros, como as duas pontas dessa linha reagem uma à outra, quais são os atrativos da leitura de romances sentimentais e porque as pessoas ainda os lêem em pleno século XXI.

Nesse caminho, iniciei o capítulo 2 abordando os conceitos teóricos em torno da indústria cultural. Assim, busquei posicionar os romances sentimentais em relação à cultura de massa. Falar também da crítica feminista, apesar de não ser a linha teórica mestra deste trabalho, se fez necessário pelo próprio objeto de estudo

ser dirigido fundamentalmente às mulheres. As linhas teóricas do estudo da leitura também são apresentadas.

O capítulo seguinte mostra as influências da literatura sentimental na formação da leitora brasileira e traça um histórico dos romances sentimentais até o século XXI. Os modelos narrativos dos textos são esmiuçados, mostrando que não fogem dos padrões pré-estabelecidos. E que cada vez mais, o erotismo de faz presente nas páginas sentimentais.

O capítulo “Nova Cultural e Harlequin: editoras e edição de romances sentimentais no Brasil” apresenta as principais empresas do segmento e o caminho para a produção do livro. Fica ressaltado aí o modelo de produção industrial, em que os textos são tratados como um produto qualquer. Entrevistas com executivas das duas editoras reforçam esse argumento, ao mesmo tempo em que revelam os rumos que as editoras estão tomando comercialmente.

Para analisar como as editoras influenciam as leitoras através do marketing, o capítulo 5, “Marketing editorial: vendendo o que (quase) se vende por si mesmo” vai esmiuçar as principais intervenções dessa natureza dentro e fora do livro. Internet, propaganda, pesquisas são elementos que as editoras das séries de bancas utilizam para gerar e manter a demanda pelos livros.

Por fim, no capítulo 6, entram mais especificamente as relações entre leitoras e livros, que entretanto aparecem pontualmente nos capítulos anteriores. São apresentadas as 40 leitoras que, entrevistadas, revelam sua paixão pela leitura (por isso o termo “sair do armário”). Elas falam sobre como chegaram a esses textos, quais os itens mais relevantes para sua escolha, e como essa leitura interfere no dia-a-dia. Mais que isso, como as leitoras estão deixando o papel de consumidoras para se tornarem autoras, editoras, tradutoras e críticas desses livros, utilizando as tecnologias disponíveis na Internet.

Para encerrar essa apresentação, resta ainda esclarecer um ponto que considero fundamental: como cheguei a esse tema de pesquisa. Devo dizer que esta tese refaz também meu caminho pessoal como leitora. Da infância mergulhada

em contos de fadas, passando depois aos inocentes romances cor-de-rosa de Barbara Cartland, a seguir, as séries *Sabrina*, *Julia* e similares, até o interesse por outras literaturas e pelos estudos literários. Os livros, também chamados água-com-açúcar, já foram o alvo da minha dissertação de mestrado, *Das bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje*<sup>9</sup>. Se naquele estudo, voltado ao conteúdo e ideologia dos textos, enxerguei todos os defeitos dos romances sentimentais, as imagens femininas oprimidas e conformadas apresentadas nos livros, os enredos paternalistas em que as personagens masculinas encerram a solução para todos os problemas das mulheres, as manobras das editoras para seduzir as leitoras, nesta tese percebi um outro lado. Nas conversas com as leitoras me enxerguei em muitos momentos, às vezes na antiga atitude ingênua diante dos textos que se repetem, às vezes na solidariedade com a defesa do direito de escolher a leitura que convém a cada um. E analisando os usos de leitura que são feitos, me perguntei se toda leitura é boa. Será que tanto pode ser boa quanto ruim, não importa o texto que se tem nas mãos? A diferença estaria no olhar do leitor? Por acreditar que sim, são questões que me propus a investigar neste trabalho.

Creio que lidar sem preconceitos com a complexidade das relações entre leitoras e leituras, buscando entender como as pessoas lidam com textos sentimentais e como estes cativam seu público de forma apaixonada, pode contribuir para encontrar caminhos para um trânsito maior de obras literárias entre um público mais amplo. E, porque não, apontar para novas formas de relacionamento entre leitor e obra, que podem vir a influenciar os rumos do mercado editorial.

---

<sup>9</sup> MEIRELLES, Simone. **Das bancas ao coração**. Romances sentimentais e leitura hoje. 227f. Dissertação (Mestrado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

## 2 LITERATURA DE ENTRETENIMENTO E LEITURA

Produzida em massa, para consumo de grande número de leitores, a literatura de entretenimento, da qual os romances sentimentais são uma das modalidades, é também chamada de literatura de massa ou paraliteratura, que por sua vez, é fruto da cultura de massa.

Consideramos importante conceituar cada um desses elementos. Começando pela cultura de massa, trata-se de um conceito intimamente ligado à comunicação de massa. Adorno (1986) prefere chamá-la de indústria cultural, em seu famoso ensaio de mesmo nome, para excluir qualquer idéia de uma forma cultural nascida do povo:

Abandonamos essa última expressão [cultura de massa] para substituí-la por indústria cultural, a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; estes pretendem, com efeito, que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas.”<sup>10</sup>

A concepção do autor é de uma indústria cultural manipuladora, que utiliza seu público para arrecadar lucro e ao mesmo tempo manter o *status quo*:

O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto (...). A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori e imutável. É excluído tudo pelo que essa atitude poderia ser transformada. As massas não são a medida mas a ideologia da indústria cultural, ainda que esta última não possa existir sem a elas se adaptar.<sup>11</sup>

Para Adorno (1986), existe um tom de “indulgência irônica” por parte dos intelectuais que defendem o fenômeno da indústria cultural como democrático e inofensivo. Segundo ele, o objetivo da indústria cultural é a dependência e servidão dos homens.

---

<sup>10</sup> ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. *Apud* COHN, Gabriel, org. **Theodor W. Adorno. Sociologia**. Ática, São Paulo, 1986. p. 92

<sup>11</sup> *Ibid*, p.93

O que na indústria cultural se apresenta como um progresso, o insistentemente novo que ela oferece, permanece, em todos os seus ramos, a mudança de indumentária de um sempre semelhante; em toda parte a mudança encobre um esqueleto no qual houve tão poucas mudanças como na própria motivação do lucro desde que ela ganhou ascendência sobre a cultura.<sup>12</sup>

Em síntese, Adorno condena a indústria cultural, considera-a importante enquanto característica da ideologia dominante, mas se recusa a levá-la a sério ou ver na difusão de seus produtos algum ponto positivo. “Em nome de seu papel social, questões embaraçosas sobre sua qualidade, sobre sua verdade ou não-verdade, questões sobre o nível estético de sua mensagem são reprimidas, ou pelo menos eliminadas, na dita sociologia da comunicação”<sup>13</sup>.

Ao comentar a obra de Adorno, Waldenyr Caldas (2000) destaca que

se observarmos que os *mass media* fabricam industrialmente elementos culturais, pautados nas normas do lucro, da standardização e da divisão do trabalho, semelhantes às do capitalismo, então assim também compreender-se-ão a apropriação e destruição de uma cultura pela outra. Nesse caso, obviamente, a cultura de massa (indústria cultural) apropria-se dos valores da cultura popular destruindo suas características fundamentais, como propõe Adorno<sup>14</sup>.

Apesar de sua argumentação consistente, muitos críticos não concordam inteiramente com o posicionamento de Adorno quanto à indústria cultural. Terry Eagleton (1997), por exemplo, identifica a questão da indústria da cultura como merecedora da atenção dos estudos literários:

Afinal, sabemos que as pessoas não acreditam em tudo o que vêem ou lêem, mas precisamos também saber muito mais sobre o papel que esses

---

<sup>12</sup> ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. *Apud* COHN, Gabriel, org. **Theodor W. Adorno. Sociologia**. Ática, São Paulo, 1986. p.94

<sup>13</sup> *Ibid.* p. 97

<sup>14</sup> CALDAS, Waldenyr. **A literatura da cultura de massa: uma análise sociológica**. São Paulo: Musa Editora, 2000. p. 37.

efeitos têm em sua consciência geral, muito embora tal estudo crítico fosse considerado, politicamente, apenas uma operação secundária<sup>15</sup>.

Essa “operação secundária” a que se refere Eagleton é justamente o objeto do presente trabalho, que, obviamente, não acredito ser uma preocupação menor. Concordando com alguns aspectos das críticas de Adorno, tenho convicção de que essas modalidades de produção cultural de massa são feitas “para” o povo, mas não a partir dele. A cultura de massa se concretiza por meio dos produtos culturais – canções, livros, programas de televisão – feitos com objetivo de lucro, para atingir ao maior público possível. Esse público é encarado como consumidor e sua interação com o produto é desejável apenas na medida em que possa informar de que forma agradá-lo (ao consumidor) para que este venha a consumir mais. Daí a se pensar se realmente há possibilidade de escolha. Esse é o conceito da interatividade buscada pela televisão, rádio, celular, Internet. Hoje, considera-se que, por conta da possibilidade de conexão com o público, este tenha uma posição mais ativa nas relações de consumo, com capacidade de interferir na dinâmica de mercado. Será? Na verdade, a possibilidade de escolha parece estar limitada aos produtos oferecidos pela empresa, seja a interatividade efetivada via Internet, telefone ou outra. Em outras palavras, aparentemente o consumidor pode escolher, desde que contrate determinada empresa, com determinados serviços e bens de consumo, devidamente protegidos por licenças de uso. Longe de constituir-se como espaço de intervenção ou reorganização dos indivíduos ou das comunidades entre si, tal operação não é muito diferente da lógica de um hipermercado onde podemos “interagir” escolhendo quaisquer itens dentre os que estejam nas prateleiras. É verdade que a Internet vai um pouco além desse marco, se levarmos em conta algumas formas de rearticulação/invenção de espaços de sociabilidade mais propriamente alternativos, como no caso das comunidades de discussão. Mas ainda

---

<sup>15</sup> EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 296

assim, a questão da interatividade precisa ser relativizada e contextualizada. Como afirma Muniz Sodré (1983):

Ao contrário da cultura elevada, a indústria cultural não se promove como o lugar de produção de verdades universais, contornando mesmo a metafísica do falso e verdadeiro. Embora os conteúdos da cultura de massa (filmes, anúncios publicitários, shows, etc) reiterem as velhas mitologias do bem e do mal, da verdade e da mentira, etc. o modo de produção (e de eficácia) deste sub-campo está em sua *forma* [grifo do autor] – tautológica, repetitiva, mágica – que produz um real próprio (modelos, simulações), capaz de invadir discursivamente a vida cotidiana, provocando a adesão dos consumidores a seus enunciados. Do ponto de vista da cultura elevada, que se quer crítica e produtora de verdades transcendentais, a forma industrial é violenta pela distância que instaura entre produtor e consumidor, pela redução dos conteúdos significativos a valores próprios ao *medium* industrial: a violência pode ser normalizar por sua excessiva demonstração, a inquietação se converter num padrão uniformizado de consumo, a novidade, ainda que superficial, erigir-se em alavanca de mudança e de progresso<sup>16</sup>.

Assim, no caso dos romances sentimentais, o final feliz dos romances está a serviço de uma acomodação de tensões, fato observado por várias leitoras que se dizem atraídas pela possibilidade de ver, na ficção, o que na opinião delas não acontece na realidade. Essa distância entre o cotidiano e o texto, em seu sentido simbólico, também está no cerne dos fatores de popularidade dos romances sentimentais. Qualquer inquietação deve ser banida, e os textos se revestem de um verniz de novidade, mudando título, capa e autora, para apresentar o mesmo conteúdo pasteurizado, apresentando-o como um produto cultural – no sentido de erudição, uma vez que a leitura é um ato valorizado socialmente.

Caldas (2000) chama a atenção também para a conexão entre a cultura de massa e o conceito de classes e ideologia dominante:

A cultura de massa, cujo objetivo é o lucro, vai destinar seu produto aos “diferentes níveis de gostos”, estratificando consumo cultural. Mas o problema não está restrito apenas à produção da cultura de massa. No campo da produção literária, (e em todas as outras atividades culturais) a

---

<sup>16</sup> SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. p. 85.



literatura culta (a expressão é de Adorno) é produzida pela classe dominante para si mesma. E, a rigor, pelo menos no Estado capitalista, não há como ser diferente.<sup>17</sup>

Por mais que os enredos dos romances sentimentais reproduzam a ideologia dominante, com padrões patriarcais e manutenção dos valores da sociedade de consumo, conforme observado na dissertação *Das bancas ao coração*, já citada, não considero que seus efeitos sirvam apenas aos processos de dominação social e/ou ideológica em termos marxistas. A questão poderia ser discutida em vários pontos de vista, mas esse não é o foco deste trabalho. A meu ver, basta perceber que essa reprodução de valores funciona como um fator apaziguador, que permite a leitura ligeira e sem questionamentos proposta pela literatura de entretenimento. Isso não quer dizer que a leitora dos romances aceite, sem questionar, todas as situações propostas.

Estudiosos como Néstor García Canclini (1997) acreditam na capacidade do público de se defender do “bombardeamento” de informações da indústria cultural, aproveitando o que for de seu interesse e descartando o que não for. Nessa visão, os indivíduos são capazes de reciclar as informações e adaptá-las ao seu modo de vida, ou seja, ter uma posição crítica, consciente ou inconsciente, sobre a massificação da cultura. Essa é uma visão que pretendo exemplificar neste trabalho através da análise das discussões entre leitoras de romances sentimentais.

Ao acreditar no senso crítico e na capacidade do público de interpretar e dar novo sentido às informações, é possível acreditar também na quebra da hegemonia da indústria cultural, em sua falibilidade como ideologia dominante. A partir daí as formas de entretenimento criadas por essa indústria, voltadas ao grande público, podem ser olhadas criticamente, como objetos que refletem não só um produto construído para atender uma demanda, mas aspectos da própria sociedade. Também é prudente moderar as certezas que se tem em relação à incapacidade de

---

<sup>17</sup> CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Editora, 2000. p. 21

os leitores darem nova significação às leituras da literatura de entretenimento, colocando-as a serviço de suas vivências e atendendo a demandas legítimas<sup>18</sup>.

Em contraponto, para Caldas (2000), a literatura de entretenimento, também chamada de paraliteratura, é feita

para aquele leitor sem preocupações com a 'grande literatura'. Para ele, aliás, é indiferente ler Guimarães Rosa ou Adelaide Carraro. Como o primeiro exige conhecimentos anteriores, o domínio de um vocabulário mais rico, possui uma linguagem que menos o atrai, ele fica com o segundo, a quem vai entender muito bem e nada lhe exigirá, senão a leitura pura e simples do romance<sup>19</sup>.

Segundo esse argumento, é preciso uma dose de comodismo para optar pela leitura de romances sentimentais, ou para qualquer literatura de entretenimento. Não deixa de ser verdade. A meu ver, as duas visões, a de Canclini e a de Caldas, têm cada qual sua lógica pertinente. Da mesma forma, as leitoras podem escolher uma leitura fácil, que não imponha qualquer exigência de reflexão, mas, por razões que fogem ao controle dos produtores dos livros, ditadas por vivências pessoais, que levem também a reflexões. Essas questões estarão exemplificadas nas entrevistas.

A literatura de entretenimento, aquela feita para divertir, integra o rol da chamada literatura de massa. Como define Muniz Sodré (1978):

A expressão literatura de massa designará na totalidade do discurso romanesco tradicionalmente considerado como diferente e opositivo ao discurso literário culto, consagrado pela instituição escolar e suas

---

<sup>18</sup> Néstor García Canclini, em seu livro "Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade", São Paulo, Edusp, 1997, revela seu espanto ao encontrar um artesão zapoteca, no interior do México, que com facilidade adaptava a seu trabalho informações as mais diversas, sem por isso perder a autenticidade. "Quando lhe perguntei sobre as tapeçarias com imagens de Picasso, Klee e Miró que exibia, respondeu que começaram a fazê-los em 1968, quando foram visitados por alguns turistas que trabalhavam no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e que lhes propuseram renovar os motivos. Mostrou um álbum de recortes e jornais em inglês, em que eram analisadas as exposições que esse artesão realizou na Califórnia. Em meia hora, vi aquele homem mover-se com fluência do zapoteco ao espanhol e ao inglês, da arte ao artesanato, de sua etnia à informação e aos entretenimentos da cultura massiva, passando pela crítica de arte de uma metrópole. Compreendi que minha preocupação com a perda de suas tradições não era compartilhada por esse homem que se movia sem muitos conflitos entre três sistemas culturais". p. 241-242. O sociólogo reconhece, assim, que tendia a subestimar a capacidade do artesão de lidar simultaneamente com diferentes códigos e sistemas culturais.

<sup>19</sup> CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Editora, 2000. p. 14.

expansões acadêmicas. Incluem-se, assim, no universo da literatura de massa, o romance policial, de ficção científica, de aventuras, sentimental, de terror, a história em quadrinhos, o teledrama, etc.<sup>20</sup>

Esses mesmos textos são chamados de literatura de entretenimento por José Paulo Paes (1990), segundo o qual:

Literatura de entretenimento faz parte da cultura de massa [...]. Na cultura de massa, a originalidade de representação tem importância muito menor. A fim de satisfazer ao maior número possível de seus consumidores, as obras dessa cultura se abstêm de usar recursos de expressão que, por demasiado originais ou pessoais, se afastem do gosto médio [...] no âmbito da literatura de entretenimento vige a categoria gênero. Seriam fundamentalmente o romance policial, o romance sentimental, o romance de aventuras, a ficção científica e a ficção infanto-juvenil.<sup>21</sup>

Segundo posiciona Paes, a literatura de entretenimento se opõe à chamada literatura de proposta ou erudita. Enquanto a segunda se propõe a oferecer uma visão original do mundo, uma ruptura, na primeira a originalidade não tem tanta importância, apostando na repetição para satisfazer ao maior número possível de consumidores. É importante observar que a idéia da originalidade, do rompimento com modelos e fórmulas, como fundamento para uma literatura de qualidade, é uma herança da Modernidade. Nem sempre foi assim. Na Arte Clássica as idéias e formas artísticas fundamentavam-se em modelos convencionais, sem que isso fosse condenável ou impedisse a produção de obras de arte.

#### O conceito de Classicismo

vem de *classis*, [grifos do autor] “frota”, em latim, e refere-se aos *classicis*, aos ricos que pagavam impostos pela frota. Um escritor “classicus” é pois um homem que escreve para esta categoria mais afortunada e mais elevada na sociedade. [...] significa aí um autor de obras para as camadas superiores. Depois o vocábulo sofreu várias transformações, passando a designar um valor estético, ético, mas principalmente didático: um escrito “clássico” veio a ser uma composição literária reconhecida como digna de ser estudada nas “classes” das escolas.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> SODRÉ, Muniz. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. p. 15.

<sup>21</sup> PAES, José Paulo. **A aventura literária**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 25, 26, 28

<sup>22</sup> ROSENFELD, Anatol. **Romantismo e Classicismo**. *Apud: O Romantismo*. Org. por Jacó Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1978. p.262.

Nesse sentido, a obra tem uma função prática, o oposto do conceito da obra de arte no Romantismo. É também didática, devendo transmitir conceitos éticos. O valor estético reside na obra; o artista não deve se sobressair a ela. “Sem ser um anônimo mestre ou oficial, este [o artista] trabalha quase como um artesão, seguindo regras estabelecidas, às quais se conforma e se ajusta humildemente”<sup>23</sup> A idéia de seguir padrões é desprezada pelos artistas românticos, que têm na originalidade e na espontaneidade alguns de seus motes principais. Por esse prisma, a literatura de entretenimento, com seus textos moldados segundo regras pré-estabelecidas, apesar da óbvia distância de resultados estéticos, não traz uma concepção nova, mas sim atualiza na indústria cultural por paradoxal que possa parecer, certos modos de uso da arte que já existiam em séculos anteriores.

A literatura de entretenimento é um fruto dos folhetins (forma literária serializada) que surgiram no século XIX, na França, transformando-se naquele século, no âmbito da cultura letrada, em uma das principais manifestações do que, no século XX, veio a caracterizar a indústria cultural. Ocupando o espaço de rodapé dos jornais, o folhetim tornou-se uma forma literária popular, resultando num processo que incorporou o grande público ao mercado literário. As heranças do folhetim são bastante visíveis ainda hoje nas novelas de televisão, no cinema, na literatura, como lembra Marlyse Meyer (1996): “pela mediação da radionovela, o folhetim é o fundamento da telenovela, essa grande criação narrativa na América Latina”<sup>24</sup>.

Os folhetins também podem ser chamados de precursores dos *best sellers*:

Foi no século passado que a civilização ocidental conheceu o primeiro veículo de comunicação de massa – o jornal – que, por sua vez, se tornou o hospedeiro do primeiro *best-seller*, o romance de folhetim. E o romance de folhetim, que encontrou seu paradigma com Eugène Sue, condensa ingredientes de comunicação com a massa que repetem mitos da sociedade arcaica, pré-histórica, não obstante destituídos de sua integridade e de sua estrutura fechada: contém uma cosmogonia e repõem

---

<sup>23</sup> ROSENFELD, Anatol. **Romantismo e Classicismo**. *Apud*: **O Romantismo**. Org. por Jacó Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1978. p. 263

<sup>24</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**. Uma História. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 386

em circulação o relato do eterno retorno. Com efeito, no folhetim impera um esforço simplificador do mundo, cujas funções estão reduzidas a uma luta entre o Bem e o Mal, com a vitória triunfal e exemplar do Bem.<sup>25</sup>

Outra característica da literatura de entretenimento é a forte delimitação de gênero. Sua sustentação se baseia na repetição de um modelo, que, conforme Borelli (1996), se renova pela variação e não pela ruptura. Nessa repetição está a força e um dos segredos da popularidade das séries de romances sentimentais, ficção científica e romances policiais.

A idéia é reforçada por Eco (1991):

o romance popular não inventa situações narrativas originais, mas combina um repertório de situações 'tópicas' já reconhecidas, aceitas, amadas por seu público [...]. Os leitores, por seu lado, pedem ao romance popular (que é um instrumento de divertimento e evasão) não tanto que lhes proponha novas experiências formais ou subversões dramáticas e problemáticas dos sistemas de valores vigentes, mas exatamente o contrário: que reforce os sistemas de expectativa integrados na cultura vigente e com ela conformes<sup>26</sup>.

Padronização, entretanto, não pode ser considerada uma exclusividade da cultura popular de massa. Como lembra Shusterman (1998), mesmo as artes maiores seguem fórmulas e convenções. Para ele

o que determina a validade estética de fórmulas, convenções e normas gerais é o fato de serem aplicadas ou não com imaginação. Se a arte popular as explora, com freqüência, de um modo mecânico e rotineiro, as artes maiores têm suas próprias formas esgotadas de padronização monótona, como o academicismo, em que, para usar as palavras de Clement Greenberg, a "atividade criativa diminui" e "os mesmos temas são mecanicamente modulados numa centena de obras diferentes"<sup>27</sup>.

Vista de forma isolada, essa frase de Greenberg poderia muito bem aplicar-se à literatura de entretenimento, que trabalha abertamente com a repetição e utilizando linguagem coloquial, visando atingir maior faixa de público. Paes (1990)

<sup>25</sup> LUCAS, Fábio. **Crepúsculo dos Símbolos**: reflexões sobre o livro no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 63-64.

<sup>26</sup> ECO, Umberto. **O super-homem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 81

<sup>27</sup> SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 126

cita explicitamente o objeto deste estudo, lembrando que “no nível popular da literatura de entretenimento se situam, por exemplo, os romancetes de amor da série *Sabrina* ou as historietas de ficção científica da série *Perry Rhodan*”<sup>28</sup>. Nota-se que, apesar de defender a legitimidade da literatura de entretenimento e sua importância no contexto da literatura (ainda que como formadora de leitores para a literatura dita “de proposta”), Paes não deixa de demonstrar reservas e até um certo preconceito ao empregar os diminutivos “romancetes” e “historietas”. O motivo desse tom pejorativo se explica no trecho seguinte. O autor considera que esses textos, vendidos comumente nas bancas de revistas, seriam exemplos de uma literatura de entretenimento “popular”, enquanto que para um nível “médio” os exemplos seriam os *best sellers* de ficção, normalmente comercializados nas livrarias. Aí já se denota duas questões – primeiro, além do formato dos textos, também a forma de comercialização (bancas, livrarias) estaria influenciando numa divisão de público, o primeiro menos seletivo e o segundo, mais exigente. Intui-se, também, uma divisão de classe social, visto que, subliminarmente, o acesso à livraria estaria reservado a um público de poder aquisitivo maior.

Observe-se que Paes não se refere a uma diferenciação de conteúdo entre os romancetes e historietas e os *best sellers*. Além da forma de comercialização, ele trata do modo de produção para distinguir “aquilo que, por sua elaboração mais rudimentar, visa a um público menos discriminativo, daquilo que, por sua fatura mais elaborada, pretende atingir leitores de maiores exigências”<sup>29</sup>. Logo, a elaboração do texto e formato editorial um pouco mais sofisticados, e não necessariamente a mensagem em si, seriam o caminho da diferença.

A consideração final de Paes no trecho informa que, para ele, apenas a literatura “média” de entretenimento pode estimular o gosto e o hábito da leitura, adquirindo assim “o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto onde o

---

<sup>28</sup> PAES, José Paulo **A aventura literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 28

<sup>29</sup> *Idem*.

entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo”<sup>30</sup>. É possível ampliar e relativizar esta visão. Considero que qualquer leitura – seja “alta”, “média” ou “baixa” – pode estimular o leitor a buscar outros textos que possam de alguma forma se relacionar com os primeiros. Isso não quer dizer que uma literatura leva necessariamente a outra, e este é um dos aspectos analisados neste trabalho.

## 2.1. A VOZ FEMININA E A CRÍTICA FEMINISTA

A necessidade de falar sobre a crítica feminista tem seus motivos. Primeiro, por estar examinando textos escritos e dirigidos explicitamente ao público feminino. Em segundo lugar, a voz das leitoras – no caso das entrevistadas, todas mulheres – está presente, desvendando suas afinidades e interações com os textos. Por último, admito que não posso deixar de considerar minha própria condição de mulher diante do objeto de pesquisa, também eu um alvo dos textos e da mídia que impõem concepções do que é ser feminino e do que deveria ser importante para as mulheres.

Segundo Elaine Showalter (1981), a crítica feminista não é una, mas pode ser descrita por diferentes idéias. Uma delas, explorada na dissertação *Das bancas ao coração*, dá conta dos estereótipos femininos reproduzidos nos textos dos romances sentimentais: “The first mode is ideological; it is concerned with the feminist as reader, and it offers feminist readings of texts which consider the images and stereotypes of women in literature, the omissions and misconceptions about

---

<sup>30</sup> PAES, José Paulo **A aventura literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 28

women in criticism, and woman-as-sign in semiotic systems”.<sup>31</sup> Foi com esse olhar que analisei os livros para checar a imagens femininas, conforme descrito na dissertação, estudo que serviu de base para o desenvolvimento dessa tese.

Escritos por mulheres e reescritos por editores e tradutores, o fato da autoria dos romances sentimentais ser em sua maioria feminina não é tão relevante quanto o fato das suas leitoras ideais e empíricas o serem. A mulher é assim consumidora de uma literatura produzida por mulheres, mas que relata um mundo onde os homens são o objeto de desejo, sinônimo de proteção e ascensão social.

A crítica feminista não tem um aparato teórico rígido, como confirma Showalter (1981): “This invigorating encounter with literature, which I will call feminist reading or the feminist critique, is in essence a mode of interpretation, one of many which any complex text will accommodate and permit”.<sup>32</sup> Sendo um modo de interpretação, a leitura feminista permite diversas análises.

Sobre o estudo da crítica feminista, Jonathan Culler (1997) observa que:

o conceito de uma mulher leitora leva à asserção de uma continuidade entre a experiência das mulheres nas estruturas sociais e familiares e suas experiências como leitoras. A crítica fundada sobre esse postulado de continuidade interessa-se notavelmente pelas situações e pela psicologia das personagens femininas, investigando as atitudes com relação às mulheres ou investigando as ‘imagens de mulher’ nas obras de um autor, um gênero ou um período.<sup>33</sup>

Interessa a esta pesquisa especialmente a crítica descrita por Showalter e Culler, da mulher como leitora. Mas o que vem a ser essa mulher-leitora? Culler chega à seguinte conclusão, que confessa puramente diferencial: “ler como uma mulher é evitar ler como um homem, identificar as defesas específicas e distorções

---

<sup>31</sup> SHOWALTER, Elaine. **Feminist Criticism in the Wilderness**. In. \_ Writing and sexual difference. *Critical Inquiry*, v. 8, n.2, Winter 1981. p. 182

<sup>32</sup> *Idem*

<sup>33</sup> CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: Teoria e crítica do pós-estruturalismo. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997. p.51



das leituras dos homens e providenciar reparações”<sup>34</sup>. Culler cita ainda o estudo de Jane Tompkins, sobre *A Cabana do Pai Tomás*, em *Sentimental Power*, do qual nos interessa a seguinte questão: embora seja na avaliação de Tompkins o mais importante livro do seu século, *A cabana...* é colocado em um gênero – o romance sentimental – “escrito por, sobre e para mulheres, e portanto, visto como lixo ou pelo menos não merecedor de uma crítica séria”<sup>35</sup>. Ou seja, o próprio gênero é relegado a um segundo plano não por suas qualidades ou falhas, mas por ser escrito e dirigido por e para mulheres. Pode-se traçar um comparativo entre essa postura com a tomada socialmente contra os romances das séries sentimentais.

Não apenas a leitura das mulheres é fruto de críticas, mas a própria concepção do feminino também. Andreas Huyssen (1997), em seu ensaio “A cultura de massa enquanto mulher – o ‘outro’ do modernismo”, aponta a associação feita pelos intelectuais modernistas, na virada dos séculos XIX e XX, da cultura de massa – e das massas – como feminina. Nessa linha de argumentação, não apenas toda a produção feita pela indústria cultural, mas também o próprio sentido da mesma, está associado às mulheres, que passaram a ter acesso ao consumo de bens culturais da série letrada justamente naquela época. Emma Bovary e suas leituras de “romances cheios de amor e de amantes” são lembradas como emblemas de tudo o que o modernismo abomina. Assim, Emma é apresentada “como uma leitora de literatura inferior – subjetiva, emocional e passiva – enquanto o homem (Flaubert) emerge como um escritor da genuína e autêntica literatura – objetivo, irônico, e com controle de suas formas estéticas”<sup>36</sup>. A posição de destaque das mulheres na cultura contemporânea já superou conceitos como esse, uma vez que, como aponta o autor, a atribuição da feminilidade à cultura de massa sempre dependeu da

---

<sup>34</sup> CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: Teoria e crítica do pós-estruturalismo. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997. p.51

<sup>35</sup> *Ibid.* p. 68

<sup>36</sup> HUYSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997. p. 43

exclusão real das mulheres da alta cultura e de suas instituições. Além disso, as fronteiras entre arte e cultura de massa estão cada vez mais tênues:

Também parece claro que os usos que a alta arte faz de certas formas de cultura de massa (e vice-versa) têm cada vez mais borrado as fronteiras entre as duas; onde havia o grande muro modernista, que costumava manter os bárbaros do lado de fora e a cultura do lado de dentro, protegida, há hoje apenas um terreno movediço que pode se mostrar fértil para alguns e traiçoeiro para outros.<sup>37</sup>

No caso dos romances sentimentais, não existe aqui a pretensão de propor “reparações” ao conteúdo ou a viabilidade deste gênero. Isso implicaria necessariamente numa avaliação estética e política das obras, identificando as chamadas distorções de Showalter. A pesquisa não olhará prioritariamente para dentro da obra, mas para o seu entorno. A intenção é ampliar a visão que se tem sobre esse “produto” literário, observando quais mecanismos a editora utiliza para tornar a leitura mais atraente e as relações que, como empresa, estabelece com o público leitor. Na outra ponta desse novelo, trazer para dentro da pesquisa a voz das leitoras – a mulher-leitora empírica – tem como função analisar como elas se relacionam com a leitura e com as editoras, porque escolhem e apreciam os textos, se de alguma forma fazem uma análise crítica, sem implicar com isso em avaliar o conteúdo dos livros.

É preciso lembrar que, apesar de as escritoras e a crítica feminista, como a crítica em geral, considerar esses romances tolos – Showalter (1981) diz que “women’s novels which are centrally concerned with fantasies of romantic love belong to the category disdained by George Eliot and other serious women writers as ‘silly’ novels”<sup>38</sup> – eles alcançaram a longevidade, superando dois séculos de publicações, sempre dirigidos prioritariamente ao público feminino - apesar de, especialmente no século XIX, serem lidos por representantes de ambos os sexos.

---

<sup>37</sup> HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997. p. 61.

<sup>38</sup> SHOWALTER, Elaine. **Feminist Criticism in the Wilderness**. *Apud*. **Writing and sexual difference**. *Critical Inquiry*, v. 8, n.2, Winter 1981. p. 195

O fato de serem dirigidos às mulheres fez dos romances sentimentais um canal para a educação feminina segundo padrões pré-estabelecidos de moral e conduta, como ressalta Sodré (1985):

Existe, porém, um gênero específico do elemento feminino, que é o romance sentimental. Seu projeto ideológico implica a normalização amorosa ou sexual, constituindo o sujeito feminino segundo o estado da legislação ou da moral patriarcal em vigor, com a ajuda de informações sobre ética, moral, casamento, família, felicidade, etc.<sup>39</sup>

O valor dessa “educação” é questionável. Para Adorno (1986),

Sobre os benefícios da indústria cultural, os teóricos que a defendem dizem que - “Demais, tudo isso [produtos da indústria cultural] produz toda a série de benefícios; por exemplo, pela difusão da informação e de conselhos, e de padrões aliviadores da tensão” . Ora, essas informações são certamente pobres ou insignificantes, como prova todo estudo sociológico sobre algo tão elementar como o nível de informação política, e os conselhos que surgem das manifestações da indústria cultural são simples futilidades, ou ainda pior; os padrões de comportamento são desavergonhadamente conformistas.<sup>40</sup>

Na maioria das vezes, as informações e “conselhos” dados nos romances sentimentais são realmente superficiais. A utilização que se fará deles, entretanto, cabe à leitora configurar. Às vezes, o interesse se dá justamente na superficialidade, como para a leitora I.G.B., que copia os pratos típicos narrados nos romances e os prepara em casa, “para ver se é como eles se referem”.<sup>41</sup> Ela tenta, assim, explicitar uma “convenção da veracidade”<sup>42</sup> na narrativa, buscando validar o texto por seu suposto estatuto de verdade. Pode-se, entretanto, ver o mesmo gesto de uma outra

---

<sup>39</sup> SODRÉ, Muniz. **Best Seller: a literatura de mercado**. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 47

<sup>40</sup> ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. *Apud*. COHN, Gabriel, org. Theodor W. Adorno. Sociologia. Ática, São Paulo, 1986. p. 96

<sup>41</sup> I.G.B., Entrevista 13. As entrevistas feitas com leitoras estão numeradas de 1 a 40. A tabela com seus perfis está no capítulo 6 desta tese.

<sup>42</sup> A “convenção da veracidade” é apresentada por Walter Mignolo em **Lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa** e é definida como intrínseca a um texto que se propõe a ter uma relação de correspondência entre o discurso e o mundo. *Apud* CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf de (Org.). **Literatura e história na América Latina**. EDUSP, São Paulo, 1993.

forma, numa tentativa de transposição de aspectos da leitura para o cotidiano da leitora, permitindo integrar de alguma forma o ato de leitura ao campo de outras práticas sociais cotidianas. Imaginemos essa mesma leitora servindo um assado aos filhos ou amigos e dizendo que a receita foi tirada de um romance, e que se trata, supostamente, de uma comida típica dos Estados Unidos ou França. Nesta perspectiva, a prática da leitura como entretenimento não se esgota no gesto de consumo do livro, mas desdobra-se sobre práticas a princípio inusitadas, quando se examina a leitura por um viés puramente estético.

O aspecto “educacional” dos romances sentimentais foi estudado por Maria Teresa Santos Cunha (1999), nos romances de M. Delly, que eram leitura recomendada pela escola e incentivada pela família, especialmente nas décadas de 1930 a 1960 no Brasil.

Sendo livros extremamente populares entre jovens urbanas de classe média entre as décadas de 30 e 60 e constatado o encanto que despertavam, parece correto supor que os romances de M. Delly propiciaram o desenvolvimento da sensibilidade e do imaginário românticos, experiências que se caracterizaram como uma forma de educação. Assim, essa literatura para aquela geração de leitoras, funcionou como uma forma de socialização secundária, como um dos processos formais para interiorização e/ou reforço de normas, condutas, valores e “submundos”, como explicitam Berger e Luckmann.<sup>43</sup>

Apesar da influência dessa leitura estar hoje bastante reduzida em comparação com as décadas estudadas por Cunha, em função de inúmeros fatores, que vão desde a presença da mulher no mercado de trabalho a novas formas de lazer, como televisão e Internet, ainda assim é preciso lembrar que historicamente o romance sentimental teve um caráter fundamental na formação da leitora brasileira, e ainda hoje alcança vendas significativas, conforme dados obtidos junto à editora e que serão abordados no próximo capítulo.

---

<sup>43</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**: Os romances de M. Delly. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. p.126

Ainda falando do possível aspecto “educativo” da literatura sentimental, ao reproduzirem padrões conformistas ou paternalistas, os romances sentimentais vão legitimar a subordinação feminina à estrutura econômica e à hierarquia sexual, aceita pelas leitoras. Estas, ao depararem-se com enredos mirabolantes nos romances sentimentais, não questionam se a ideologia contida repete os padrões patriarcais, se as informações sobre família, casamento, sexo são coerentes com a realidade social do século XXI. Isso não é exatamente uma novidade no que diz respeito à mulher como leitora. Como observa Marcia Cavendish Wanderley (1996), citando Caroline Heilbrun,

A leitura feminina não é o que fatalmente ocorre quando uma mulher lê um texto literário. Ao contrário, o que tem ocorrido é que as mulheres, por terem sido alienadas de uma experiência apropriada à sua condição de mulheres, terminam por se identificar com as experiências e perspectivas masculinas que se apresentam como universais. Já aqui podem-se entrever dois momentos da crítica feminista. Um primeiro que desperta para a valorização da experiência como um dado orientador da leitura e que, apontando para a possibilidade de uma leitura feminina de um texto literário, vai constatar num segundo momento que essa leitura não vem sendo efetivada pelas mulheres. Isto porque as mulheres vêm sendo alvo de discursos que não possibilitam esse tipo de leitura.<sup>44</sup>

As leitoras dos romances sentimentais, em sua maioria, não têm uma leitura feminina no sentido crítico apontado por Heilbrun. Com uma posição passiva em relação aos estereótipos narrados e mesmo à condição de condutores da trama, catalisadores dos sonhos românticos e porta para a ascensão social das heroínas que os personagens masculinos incorporam, as leitoras aceitam as situações narradas, em que muitas vezes a mulher aparece num papel de vítima das circunstâncias. Questionamentos, quando existem, ficam num campo tão superficial quando a própria proposta da literatura de entretenimento.

---

<sup>44</sup> CAVENDISH, Márcia Wanderley. **A Voz Embargada**. São Paulo, Edusp, 1996, p.19

## 2.2. LEITURA E CORRENTES TEÓRICAS

Os textos publicados nas séries de romances sentimentais são descritos neste e em outros trabalhos como repetitivos e superficiais. As leitoras aceitam a convenção tácita imposta pelo gênero, que propõe a credulidade em personagens incrivelmente belos, inteligentes e/ou sensuais, que oscilam entre uma atividade profissional ou aventureira intensa e o romantismo desbragado, para os quais o amor romântico representa a solução para todos os problemas e a certeza de um final “felizes para sempre”.

Essas leitoras se encaixam na descrição de Jouve (2002):

O que a maioria dos leitores busca não é uma experiência desestabilizante, mas, ao contrário, uma confirmação daquilo em que acreditam, daquilo que sabem e esperam. A habilidade toda dos best-sellers é responder a essa demanda. O leitor, dividindo de antemão os valores do herói, não se transforma ao seu contato. O outro não lhe serve para se redefinir, mas para consolidar a imagem (muitas vezes ilusória) que ele tem de si mesmo. Ver uma personagem dividir nossos valores tem algo de fundamentalmente tranquilizante.<sup>45</sup>

As leitoras querem textos que confirmem suas expectativas em torno de um casal ideal num mundo onde todas as dificuldades são superadas e em que a felicidade coroa todas as agruras enfrentadas pelos personagens principais ao longo da trama. Os papéis sociais são bem definidos, sonhos de consumo embalam o imaginário. Não há questionamento.

Para o embasamento sobre as teorias ligadas à recepção e leitura, o livro de Jouve, *A leitura*, com uma análise das teorias mais relevantes e destrinchando as relações entre textos, autores e leitores em suas mais diversas possibilidades, foi de extrema utilidade. Segundo Jouve (2002) a leitura pode ser definida de várias formas. Como um processo neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico, como segue:

---

<sup>45</sup> JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 129.

- a) É neurofisiológico porque é inicialmente uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos;
- b) É cognitivo porque ao perceber e decifrar os signos do texto, o leitor vai pensar e refletir sobre ele, num “esforço de abstração”;
- c) É afetivo porque provoca emoções, o que está na base do princípio da identificação que motiva a leitura de ficção;
- d) Como processo argumentativo, na medida em que o autor utiliza o texto para agir sobre o destinatário, modificando seu comportamento. “A intenção de convencer está, de um modo ou de outro, presente em toda narrativa” <sup>46</sup> ;
- e) A leitura é um processo simbólico, pois o leitor tira um sentido do texto, reagindo à história e aos argumentos propostos de acordo com o seu contexto cultural.

Mas estudar a leitura é o que? Analisar o modo de ler um texto ou o que nele se lê? Ou questionar os sentidos de um texto, analisando a obra em si? Não por acaso, Jouve (2002) descreve o estudo do leitor como um quebra-cabeça teórico. Algumas das linhas teóricas mais conhecidas são apresentadas nos parágrafos a seguir.

Surgida no fim dos anos 1960, na chamada Escola de Constância, a estética da recepção de Hans Robert Jauss propõe repensar a história literária a partir de seu público. Como define Jouve, a história literária, portanto, seria menos a história da obra do que a de seus sucessivos leitores. Em seu texto seminal, *História da literatura como provocação à teoria literária*, Jauss (1994) afirma que

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético. A distância entre o horizonte de expectativa e a obra, entre o já conhecido da experiência estética anterior e “mudança de

---

<sup>46</sup> JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 21.

horizonte” exigida pela acolhida à nova obra, determina, do ponto de vista da estética da recepção, o caráter artístico de uma obra literária.<sup>47</sup>

Segundo ele, a mesma obra pode ser encarada como relevante em determinada época, para depois ser descartada como uma produção banal, e vice-versa. Para Jauss (2002),

a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.<sup>48</sup>

Seria possível falar então em uma fruição de entretenimento, como um adensamento da experiência estética. Se na maioria das vezes os textos sentimentais são absorvidos sem questionamento, eles também podem levar a uma reação de estranhamento quando a narrativa foge dos paradigmas, a exemplo do romance sentimental *Mel do Pecado*, com um suposto romance homossexual, que será abordado mais adiante neste trabalho.

Ainda segundo Jauss (2002),

Uma análise da experiência estética do leitor ou de uma coletividade de leitores, presente ou passada, deve considerar os dois elementos constitutivos da concretização do sentido – o efeito produzido pela obra, que é função da própria obra, e a recepção, que é determinada pelo destinatário da obra – e entender a relação entre texto e leitor como um processo que estabelece uma relação entre dois horizontes ao operar sua fusão. [...] A fusão dos dois horizontes – aquele que envolve o texto e aquele que o leitor traz na sua leitura – pode operar-se de maneira espontânea na fruição das expectativas realizadas, na identificação aceita tal qual era proposta, ou mais geralmente na adesão ao suplemento de experiência trazido pela obra. Mas a fusão dos horizontes pode também assumir uma forma reflexiva: distância crítica no exame, constatação de um estranhamento, descoberta do procedimento artístico, resposta a uma

---

<sup>47</sup> JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo, Ática, 1994. p. 31

<sup>48</sup> JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção: colocações gerais**. Apud LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor**. Textos da estética da recepção. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 69



incitação intelectual – enquanto o leitor aceita ou recusa integrar a experiência nova ao horizonte de sua própria existência.<sup>49</sup>

A teoria de Jauss, ao longo das décadas, ganhou críticas por suas limitações. Luiz Costa Lima (2002) diz que o autor na prática apresentava apenas uma história da literatura do leitor, cuja idéia tentou aprimorar em textos seguintes:

Sob o neoliberalismo contemporâneo, a situação da arte é tão embaraçosa quanto a do homem em geral. Extremamente meritório como era o esforço de Jauss, seja em ultrapassar sua proposta inicial, seja em, rompendo com os limites acadêmicos das disciplinas, pensar em fundamento para a teorização da literatura, ele, entretanto, ainda é simplista ...por otimismo.<sup>50</sup>

Na teoria do leitor implícito, Wolfgang Iser observa o leitor de forma mais particular, considerando-o um pressuposto do texto, que lhe pede para obedecer às suas instruções. Não se trata do leitor real, mas de uma construção textual.

O conceito de leitor implícito é [...] uma estrutura textual, prefigurando a presença de um receptor, sem necessariamente defini-lo: esse conceito pré-estrutura o papel a ser assumido pelo receptor, e isso permanece verdadeiro mesmo quando os textos parecem ignorar seu receptor potencial ou excluí-lo como elemento ativo. Assim, o conceito de leitor implícito designa uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto.<sup>51</sup>

Ou seja, o leitor de Iser é um leitor ideal, presente onde o universo literário está sob controle. Essa linha teórica pode ser relacionada à leitura real, como faz Compagnon (2003):

O leitor implícito propõe um modelo ao leitor real; define um ponto de vista que permite ao leitor real compor o sentido do texto. Guiado pelo leitor implícito, o papel do leitor real é ao mesmo tempo ativo e passivo. Assim, o

---

<sup>49</sup> JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978. p, 259. *Apud* JOUVE, Vincent **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 139.

<sup>50</sup> LIMA, Luiz Costa (Org). **A literatura e o leitor**. Textos da estética da recepção. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 22

<sup>51</sup> ISER, Wolfgang. **Der Akt des Lesens**. p. 34 *Apud* COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003. p.151.

leitor é percebido simultaneamente como estrutura textual (o leitor implícito) e como ato estruturado (a leitura real).<sup>52</sup>

Tanto Iser quanto Jauss entendem que a leitura é influenciada por uma série de normas sociais, históricas e culturais do leitor. A essa bagagem, Iser chama de “repertório” e Jauss, de “horizonte de expectativa”. São esses fatores que permitem que um mesmo texto seja lido de forma diferente por diferentes leitores. Assim, a forma como *Madame Bovary* foi lida à época de seu lançamento nunca poderá ser a mesma de um leitor de hoje.

Já na abordagem semiótica de Umberto Eco, em *Lector in Fabula*<sup>53</sup>, existe a constituição no texto de um autor-modelo, estabelecido por estratégias de um autor-empírico. Na outra ponta, constitui-se um leitor-modelo, previsto pelo texto, prevendo uma leitura considerada correta pelo leitor-empírico. Seria necessária, então, uma cooperação entre leitor e texto, para que o primeiro corresponda às solicitações contidas no segundo. Sob esta ótica, as leitoras-modelo de romances previstas no texto teriam uma forma pré-determinada de ler, mas na prática não é o que acontece sempre, como será visto nas entrevistas.

Jouve (2002) aborda ainda as análises semiológicas de P. Hamon e M. Otten. Desenvolvidas nos anos 1980, baseiam-se na vontade de estudar a leitura a partir do detalhe do texto. Não se trata mais de grandes modelos teóricos, mas de análises pontuais, sempre muito apuradas, que colocam em evidência esta ou aquela característica do ato de leitura. M. Otten numa tentativa de síntese, propõe apreender a atividade de leitura por meio de três campos nitidamente circunscritos: o texto para ler, o texto do leitor, a relação do texto com o leitor. Assim, constatam-se numerosos empréstimos dos sistemas de Iser e de Eco.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003. p. 151.

<sup>53</sup> ECO, Umberto. **Lector in fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 35-46.

<sup>54</sup> JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 15.

Além dessas, Jouve (2002) também cita uma nova abordagem da leitura, centralizada sobre o leitor real, surgida com dois ensaios de Michel Picard: *La lecture comme jeu* (A leitura como jogo) (1986) e *Lire le temps* (Ler o tempo) (1989).

O que Picard critica nos pesquisadores que o precedem é o fato de eles analisarem leituras teóricas operadas por leitores abstratos. Já é tempo, segundo ele, de acabar com essas leituras hipotéticas (que, talvez, nunca existiram) para estudar a única leitura que considera verdadeira: a leitura concreta do leitor real. Diferentemente do leitor etéreo dos modelos de Iser e de Eco, o leitor real apreende o texto com sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente.<sup>55</sup>

Parece-me que essa linha teórica vem ao encontro da proposta desta tese, que vai buscar na leitora de carne e osso sua apreensão dos textos sentimentais. Não deixa de lado, entretanto, a influência do chamado repertório sobre o entendimento do texto. Picard propõe encontrar em todo leitor três instâncias essenciais: o “ledor”, que vem a ser o indivíduo que segura o livro nas mãos e mantém contato com o mundo exterior; o “lido”, como o inconsciente do leitor que reage às estruturas esquemáticas do texto; e o “leitante”, como a instância crítica que observa a complexidade da obra. Seria então a leitura um jogo entre esses três níveis de relação. Mas em sua análise da obra de Picard, Jouve propõe desdobrar o “leitante” em duas formas: uma instância que tenta adivinhar a estratégia da narrativa no texto e outra que busca decifrar o sentido global da obra. Também extrai do conceito de “lido” o “lendo”. Este seria a parte do leitor que acredita na ilusão do texto como um mundo que existe.

Esquecendo a natureza lingüística do texto, ele “acredita”, por um momento, no que lhe está sendo contado. [...] Existe de fato um nível de leitura em que, por meio de certas “cenas”, o leitor reencontra uma imagem de seus próprios fantasmas. Assim, de fato, ele que é “lido” pelo romance: o que está em jogo então na leitura é a relação do indivíduo com ele mesmo, de seu eu com seu inconsciente. O interesse do leitor pelas cenas de violência ou de amor reativaria assim o voyerismo infantil; a vontade de poder dos heróis de romance falaria com nossos desejos ocultos.<sup>56</sup>

<sup>55</sup> JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 15.

<sup>56</sup> *Ibid.* p. 51-52

Os textos dos romances sentimentais podem ser lidos dessa forma, despertando e/ou revelando nas leitoras seus desejos de catarse, fuga do cotidiano, sonhos de ascensão social e/ou felicidade por meio do amor romântico. Mas como seria observar o “leitante” dessas leitoras? Um desafio interessante, sem dúvida. Mas para isso, seria preciso uma análise com base em um texto de romance específico, o que não é proposto nesta tese.

Uma abordagem que me parece adequada a este trabalho é a que têm Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1999), pensando a história do leitor e suas leituras como um todo. “Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas”<sup>57</sup>. No livro *A formação da leitura no Brasil*, as autoras analisam a construção do leitor a partir de uma visão do contexto político e histórico, o posicionamento social e econômico dos autores, o papel da escola e o leitor descrito nas obras literárias:

Se é certo que leitores sempre existiram em todas as sociedades nas quais a escrita se consolidou enquanto código, como se sabe a propósito dos gregos, só existem o *leitor*, enquanto papel de materialidade histórica, e a *leitura* [grifos das autoras], enquanto prática coletiva, em sociedades de recorte burguês, onde se verifica no todo ou em parte uma economia capitalista. Esta se concretiza em empresas industriais, comerciais e financeiras, na vitalidade do mercado consumidor e na valorização da família, do trabalho e da educação.<sup>58</sup>

Elas falam de leitores de carne e osso, passíveis de serem historicizados e estudados estatisticamente, ao qual contrapõem o leitor implícito, destinatário virtual, introjetado na obra. Se nessa última característica este trabalho não vai se comprometer, na primeira há bastante semelhança. Em *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*, obra anterior das mesmas autoras, elas já traçam um histórico da formação do leitorado brasileiro. Minha intenção é ir adiante, chegando às leitoras

---

<sup>57</sup> LAJOLO, Marisa, e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. p. 15

<sup>58</sup> *Ibid.* p. 16

reais na atualidade. Para Jouve (2002), “saber como se lê é determinar a parte respectiva do texto e do leitor na concretização do sentido”<sup>59</sup>.

O controle do leitor pelo texto é questionado por Proust em *O Tempo Redescoberto*, citado por Compagnon (2003). Segundo o escritor, as lembranças de leitura têm mais a ver com o cenário em que se lê e as impressões que acompanharam a leitura do que com o livro em si. Como define Compagnon a respeito das idéias de Proust:

O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro.<sup>60</sup>

De acordo com esse conceito, as leitoras dos romances sentimentais poderiam através da leitura refletir e configurar suas próprias idéias a respeito das situações narradas. A leitura diria assim, mais sobre elas do que sobre o texto.

Utilizar uma literatura de massa para chegar a esse leitor concreto permite enxergar as mediações que a indústria cultural utiliza para se aproximar do grande público.

O fascínio duradouro dessa literatura (*best seller*) indica que não se pode estudá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeitos dos estratagemas mercadológicos ou dos subprodutos da literatura culta. Considere-se o seguinte enunciado: “Diz-se que a novela reflete a alma do povo, porque é assistida pelos setores populares; sendo assim, o sabão em pó também reflete, porque é consumido”. Ele tem razão, mas apenas em parte, porque é um juízo que parte de um *modelo culto* (a vivência estética do crítico) e vê na novela *apenas* um *consumo decadente* da cultura dita elevada.<sup>61</sup>

Sodré (1985) defende uma análise mais aprofundada na literatura de massa para encontrar nela os elementos de tradição narrativa e imagística que

---

<sup>59</sup> JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p 61.

<sup>60</sup> COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003. p. 144.

<sup>61</sup> SODRÉ, Muniz. **Best Seller: a literatura de mercado**. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 71

conquistam os leitores para as narrativas folhetinescas. Com isso, seria possível utilizar esses textos como material de ensino e até como fonte de esclarecimentos sobre “as maneiras como as populações de tradição iletrada se relacionam com a situação de leitura ou decodificação do texto escrito ou visual”.<sup>62</sup>

Neste trabalho, a busca vai além: fazer da literatura de massa a base para o entendimento do relacionamento entre leitura e leitoras, no campo real e no imaginário, apontando para formas de criação de demandas e relações entre indústria cultural e consumidores.

### 2.3. LEITURA, PRAZER E GOSTO

Seria muito mais fácil abordar a literatura de massa e os romances sentimentais sem tocar na questão da estética. Porém, para focar a percepção das leitoras sobre esses textos, é preciso buscar as noções de valorização e de experiência estética que podem ser aplicadas a essa leitura. Há que se considerar que a busca de uma experiência que reúna prazer e distração é o objetivo final na leitura dos textos dos romances aqui estudados.

Os romances sentimentais apresentam uma visível simplicidade formal. Esteticamente, se comparados com exemplares da chamada literatura de proposta, seriam apontados como uma literatura superficial, repetitiva, enfim, sem as qualidades inerentes de originalidade, cuidado formal e profundidade psicológica da chamada literatura culta. Essa comparação, entretanto, foge do foco deste estudo. O questionamento proposto não é quanto à qualidade estética dessas formas literárias, mas quanto a que tipos de usos e formas de fruição o leitor pode fazer de sua leitura e de que forma questões mercadológicas influenciam na demanda por esses textos.

Quanto ao fato de tratar-se de uma literatura dita marginal, trago aqui as considerações de Fábio Lucas (1989), que expõe que

---

<sup>62</sup> SODRÉ, Muniz. **Best Seller**: a literatura de mercado. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 72

Vivemos a era do *best-seller*, ou seja, da glória fabricada em laboratórios de publicidade e da reputação produzida. Enquanto isso, há uma demanda insatisfeita de autores clássicos e de obras fundamentais da história humana. [...] Mas, entre nós, há situação pior. É que mesmo a “boa literatura”, considerada esta como a que mais agrada à classe cultural, também vai sendo marginalizada dos meios de comunicação de massa. Nesta, acolhe-se a notícia, o fato literário visto na sua face efêmera. Mas tudo que se liga ao aspecto da perenidade, a obra na sua eterna juventude, exposta ao constante movimento de atualização, perde interesse para jornais, revistas, rádio e TV. Recensão de obra poética? Não é comercial. Comentário a uma reedição? Não contém novidade. Exploração de um tema literário? Não se dirige a um público comprador. A literatura, desse modo, recolhe-se ao vale comum das gavetas. [...] Daí que, quando se repete acerca dos “marginais” da literatura, há de perdurar a questão: qual literatura não se encontra marginalizada? <sup>63</sup>

Se por essa ótica toda literatura na cultura de mercado se torna marginal, o que pelo seu conteúdo seria habitualmente marginalizado acaba no centro das atenções. Essa aparente contradição faz pensar que mesmo o critério de literatura marginal também pode ser relativizado.

A experiência estética pode prescindir do respaldo acadêmico e ser gerada mesmo por textos que não se encaixam em seus conceitos de excelência. Bom e ruim são conceitos relativos, como observa Marc Jimenez (1999):

A antropologia da arte ensina-nos que o belo, assim como o feio, são valores relativos não somente a uma cultura, a uma civilização, mas também a um tipo de sociedade, a seus costumes, à sua visão do mundo, em um dado momento de sua história. O relativismo em matéria de categorias estéticas há muito tempo já tomou o lugar do idealismo. E contudo, emocionados por um espetáculo, uma obra-prima ou uma paisagem qualificados como esplêndidos, não nos acontece invocar a beleza como se se tratasse de um dado imutável, aistórico ou transistórico exigindo a unanimidade e a universalidade dos julgamentos de gosto? <sup>64</sup>

Para o criador da expressão “prazer do texto”, Roland Barthes (1973), o julgamento de um texto é individual:

---

<sup>63</sup> LUCAS, Fábio. **Crepúsculo dos Símbolos**: reflexões sobre o livro no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 84, 90.

<sup>64</sup> JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Unisinos, 1999. p. 23.

Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau.[...] Não posso dosear, imaginar que o texto é perfectível, que está pronto a entrar num jogo de predicados normativos: é demasiado **isto** [grifos do autor], não é suficientemente **aquilo**; o texto (o mesmo se passa com a voz que canta) só me pode arrancar este juízo, nada adjectivo: **é isso!** E mais ainda: **é isso para mim!** E este “para mim” não é nem subjetivo, nem existencial, mas sim nietzschiano (“...no fundo, é sempre a mesma questão: O que é que é **para mim?**...”)<sup>65</sup>

Ainda para Barthes, existe o prazer (o contentamento) e a fruição (desfalecimento, o indizível), essencialmente diferentes. Aparece de novo o conceito de ruptura, já citado como herança da Modernidade:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta (talvez até chegar a um certo aborrecimento), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem.<sup>66</sup>

A literatura de massa encontra historicamente muitas restrições quanto à sua qualidade literária, mesmo entre seus defensores. Como ressalta Caldas (1988), “sem imaginação, criatividade, uso abusivo da retórica vulgar, de cultura média, baixo nível e de mau gosto, são algumas das características a ela atribuídas”<sup>67</sup>. Ele mesmo, entretanto, aponta para uma outra possível visão dessa literatura, também chamada de paraliteratura, citando Jean Tortel:

A primeira coisa para a qual este crítico nos chama a atenção é no sentido de que não concebamos a *priori* a paraliteratura como “má” literatura, como literatura medíocre. Devemos entendê-la, em tese, como dotada de uma autonomia em relação à literatura culta, como universo distinto na produção da cultura. Só assim, e nessas condições, é que detectaríamos as premissas básicas e a própria lógica interna que regem a dinâmica e desenvolvimento do discurso paraliterário.<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Lisboa, Edições 70, 1974, p. 48.

<sup>66</sup> *Ibid.* p. 49

<sup>67</sup> CALDAS, Waldenyr. **Uma utopia do gosto**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 111

<sup>68</sup> CALDAS, Waldenyr. **Literatura da cultura de massa**. São Paulo: Musa Editora, 2000. p. 81



Enquanto a história da estética valoriza a arte, é importante entender que a literatura de massa não é uma arte e nem se propõe a tal. A literatura de massa propõe o prazer – não aspira à beleza, evoca a comoção, excitando os sentidos em um movimento que prescindem da dimensão intelectual, transbordando na excitação das lágrimas, do riso, da sensualidade. E é capaz de fazer aflorar essa emoção no momento da leitura. Os romances sentimentais, tidos por excelência como literatura de entretenimento,

divertem, entretêm, restituem e estabelecem com o leitor uma relação em que prazer, riso, medo, lágrimas, ansiedade e, fundamentalmente, excessos – afetivos e emocionados – afloram, possibilitando também o resgate de experiências: experiências de outra estética presente em qualquer tempo e em qualquer espaço da história da cultura.<sup>69</sup>

Há muito tempo ler, pelo exclusivo prazer do ato e buscando o desencadeamento fácil dessa tempestade de emoções, carrega um estigma, uma vez que a academia (aqui entendida como comunidade acadêmica literária tradicional) só aceita que a leitura cause prazer se trouxer também reflexão e questionamento.

Supõe-se que as pessoas sempre leram por prazer e distração, entre outras coisas; mas parece que no século XVIII surgiu uma tendência de perseguir esses objetivos com maior exclusividade do que antes. Tal era pelo menos a opinião de Steele, expressa no *Guardian* (1713), atacando a predominância desse “jeito duvidoso de ler [...] que naturalmente nos induz a um modo indeterminado de pensar [...] Aquele conjunto de palavras que se chama estilo fica totalmente aniquilado [...] A defesa comum dessas pessoas é que não têm na leitura outro propósito além do prazer, o qual, creio eu, devia brotar mais da reflexão e da lembrança do que se leu do que da transitória satisfação do que se faz e nosso prazer devia ser proporcional a nosso proveito”.<sup>70</sup>

Já naquela época, como hoje, havia a tendência da crítica literária de considerar apenas um tipo de prazer no texto – o prazer estético, enquanto o prazer

---

<sup>69</sup> BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção**. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996. p. 50

<sup>70</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 45

da diversão seria falso. Porém, ler para passar o tempo é diferente de ler para experimentar um prazer dos sentidos que não se dirige a nenhum propósito prático. O uso prático que se faz da literatura de entretenimento é aspecto fundamental na relação entre leitor e texto. Ao ler para passar o tempo, há uma relação tipicamente distraída, despojada, do leitor com a obra, similar àquela de quem liga a TV para dormir.

A respeito da distração, cabe comentar as observações de Walter Benjamin (1985) a respeito do Dadaísmo, que, para ele, tentou causar através da pintura ou da literatura os efeitos que o público procurou, anos depois, no cinema. Pregando a obra de arte contestatória, os artistas dadaístas buscavam produzir obras sem qualquer possibilidade de utilização contemplativa. A desvalorização proposital das obras levava à discussão, à polêmica.

Ao *recolhimento* [grifos do autor], que se transformou, na fase da degenerescência da burguesia, numa escola de comportamento anti-social, opõe-se a *distração*, como uma variedade do comportamento social. O comportamento social provocado foi o escândalo. Na realidade, as manifestações dadaístas asseguravam uma *distração* intensa, transformando a obra de arte no centro de um escândalo.<sup>71</sup>

A distração inicial, o choque proposital, acabavam levando a um efeito contrário, captando a atenção do público para uma discussão em torno do objeto. O mesmo acontece no caso do cinema, conforme compara Benjamin, quando a imagem se move, não pode ser fixada, a associação de idéias do espectador é interrompida continuamente, a cada quadro que se modifica. “Nisso se baseia o efeito de choque provocado pelo cinema, que, como qualquer outro choque, precisa ser interceptado por uma atenção aguda”<sup>72</sup>, observa o autor;

Ocorre que há quem pegue um volume de narrativa sentimental, na cama, para estimular o sono, e acaba “prisioneiro” do enredo, despertando para uma

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** Tradução; Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 191.

<sup>72</sup> *Ibid.* p. 192.

relação de intensa curiosidade, cumplicidade e projeção no texto. Da mesma forma, aquele que busca a leitura de forma desinteressada de seu uso, apenas pelo prazer estético, não utilitário, pode acabar também “fazendo uso” desse texto, ainda que em alguma forma de “educação estética”. Seriam, então, o texto de prazer e o texto de fruição, tão diferentes em sua forma de utilização pelo leitor?

Essas formas de uso revelam muitas vezes mais sobre o leitor do que sobre a obra, como diz Jimenez (1999):

Difícilmente podemos admitir que o prazer seja uma espécie de dado em estado puro da obra de arte. Uma obra de arte me agrada, seja! Mas o prazer que sinto é elaborado por mim, em função de meu temperamento, do despertar de minha sensibilidade à arte e de minha educação. O prazer, de forma alguma específico à esfera estética, não é, portanto, um critério de qualidade artística. Talvez ele seja um dos múltiplos elementos de julgamento, mas ele me ensina muito mais sobre mim mesmo do que sobre a obra com a qual sou confrontado.<sup>73</sup>

Shusterman (1998) condena a posição de filósofos e teóricos da cultura, que ignoram as artes populares, nas quais podemos incluir a literatura de entretenimento, ou as rebaixam a “lixo cultural, por sua falta de gosto e de reflexão”<sup>74</sup>. Ele defende a valorização estética das artes populares:

Nós tendemos a considerar as artes maiores somente a partir das mais célebres obras de gênio, ao passo que a arte popular é tipicamente identificada com as produções mais medíocres e padronizadas. Existem, no entanto, muitas obras medíocres e, infelizmente, até mesmo ruins dentro das artes maiores, como reconhecem os mais ardentes defensores da cultura superior. [...] Em ambos tipos de arte, a distinção entre eles sendo mais flexível e histórica do que rígida e intrínseca, existe a necessidade assim como espaço para um julgamento de seus sucessos e fracassos do ponto de vista estético.<sup>75</sup>

Talvez seja o caso de considerar que também dentro dos textos dos romances sentimentais possa haver obras bem escritas – como muitas leitoras

---

<sup>73</sup> JIMENEZ, Marc. **O que é estética**. São Leopoldo, UNISINOS, 1999. p. 386-387

<sup>74</sup> SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 99

<sup>75</sup> *Ibid.* p. 103

salientam. Elas apontam boas autoras e más autoras, conforme seus critérios pessoais, mas que coincidem diversas vezes, conforme constatado nas discussões da comunidade do Orkut *Adoro Romances*<sup>76</sup>. A lista de melhores livros e autoras é muito semelhante, de uma leitora para outra. Há que se considerar que, para elas, o que faz a qualidade do texto normalmente é o enredo interessante, e não alguma forma mais elaborada de escrita. Não vem ao caso aqui procurar ou estudar essas obras, mas observar que mesmo dentre esses textos, existem diferenças qualitativas. A guisa de exemplo, cito o livro *O Mel do Pecado (To touch the sun)*, de Bárbara Leigh, publicado na série *Clássicos da Literatura Romântica*, em 1991 (sem número de série). O livro é um dos mais debatidos da comunidade *Adoro Romances*<sup>77</sup> – tanto amado quanto odiado – e está em primeiro lugar em várias listas de melhores livros apontados pelas leitoras, talvez por fugir de alguns dos estereótipos mais recorrentes dos textos. Curiosamente, em suas bases, trata-se de um enredo com vários pontos de afinidade com *Grande Sertão, Veredas*, de Guimarães Rosa, transportado para a época medieval. O mito da mulher guerreira está ali reproduzido, na figura de Druana, ou Drue. Criada como homem pelo tio, ela é uma comandante militar, líder de pelotões do rei da Inglaterra, capaz de derrotar muitos homens. Apaixona-se por um companheiro irlandês, Connaught, que por sua vez também se interessa por ela, sofrendo conflitos por pensar que ela é um

---

<sup>76</sup> *Adoro Romances* é apenas uma das comunidades do Orkut em torno dos romances sentimentais de séries, sendo a com maior número de membros, 12.348 em 12 de setembro de 2008. Outras comunidades sobre o mesmo tema encontradas são “Eu Adoro Livros de Romance”, 4445 membros em setembro de 2008; “Eu Amo Ler Romances”, 2191 membros na mesma data; “Romances: Julias, Sabrinhas”, 996 membros; “Caçadoras de Florzinha”, 452 membros; pesquisados em setembro de 2008. Há outras duas comunidades: “Eu Leio Romances Nova Cultural” (528 membros) e “Romances Nova Cultural” (857 membros) que pelo conteúdo parecem ter ligação com a editora, com objetivo de divulgar as séries da marca.

<sup>77</sup> Inclusive, o livro consta como em primeiro lugar na lista no site oficial do grupo, o [www.adororomances.com](http://www.adororomances.com). A lista dos chamados “Dez melhores Clássicos Históricos de todas as épocas” é a seguinte: “1- Mel do Pecado - Barbara Leigh; 2 -Lobo Domando - Deborah Simmons; 3- Anel de Noivado - Deborah Simmons; 4 - Bodas de Fogo - Deborah Simmons; 5- A Substituta - Margaret Moore; 6 - Alma Guerreira - Margaret Moore; 7- Por Decreto Real - Shari Anton; 8 - Pureza Roubada - Elizabeth Mayne; 9 - A Esposa Virgem - Deborah Simmons; 10 - As Duas Vidas de Adrienne – Nina Beaumont”. Disponível em : <http://www.romanceshistoricos.adororomances.com/top.htm>>. Acesso em 10/02/2008.

homem. Uma vez revelada a farsa entre quatro paredes, vem o dilema. Drue não quer ser vista como mulher, com todas as limitações que isso implicaria na época. Ela se vê como um guerreiro, um líder, e quer permanecer como tal. Por fim Connaught aceita que ela continue a passar por homem, uma vez que ela prefere a separação caso ele não ceda. Ambos assumem um romance – que a seus pares parece ser homossexual – e terminam o livro em plena batalha, cada qual liderando um pelotão, sem a certeza de que sobreviverão, mas lado a lado. Além do enredo, também acontece nesse livro um encontro entre os dois protagonistas, sem se identificarem, quando ainda são crianças, num episódio que gera muitas discussões entre as leitoras. Fato semelhante acontece em *Grande Sertão, Veredas*. Sobre *Mel do Pecado*, seguem alguns comentários das leitoras:

C. - 27-08-05 - Tive que comentar sobre esse livro que acabei de ler tb achei maravilhoso e com certeza entrou no meu top 10 de livros românticos. Concordo com vcs, a parte do irlandesinho é importante. Mas eu lembrei tb de um livro do Guimarães Rosa que as professoras de literatura costumam comentar bastante no terceiro colegial para quem já passou talvez lembre eu acho que se chama Grandes Sertões Veredas e conta uma história semelhante, de um jagunço (Riobaldo) que se apaixona por outro jagunço(Diadorim),mas sem saber que na realidade é uma mulher mas ele só descobre quando Diadorim morre.E ele tb vive um conflito interior.

Anônimo - 16/08/05- Mel do Pecado, na minha opinião, é o tipo de livro q se caísse na mão daqueles pseudo-intelectuais faria com que eles mudassem totalmente sua impressão sobre os romances de banca - livros "água com açúcar". Pq? Primeiro, a Drue não é simplesmente uma personagem q se veste de homem. Ela não está "disfarçada" p/ fugir de alguma coisa, e e nenhum momento demonstra fazer isso contrariada. Muito pelo contrário. Ela é uma personagem tipicamente masculina. Ela deseja ser assim. Foi criada assim. E por viver toda uma infância no meio dos homens acaba adquirindo a MORAL masculina vigente na época. Ela se tornou a minha personagem favorita de todos os livros q li. Pq? Pq ela é corajosa, é forte, é inteligente. Sua beleza esta dentro de si, representada por suas atitudes, sua moral. Por levar em conta seus sonhos de ser um Cavaleiro e não deixar que o Amor por Connaught ficasse entre ela e seu sonho. Ela em nenhum momento se sujeita a ele. Não há submissão. Não há derrota no amor deles. Ambos os lados devem ceder p/que o amor possa florescer. É maravilhoso, pq na vida real é assim mesmo. O amor é lindo, mas nós mulheres, não podemos abandonar nossos sonhos por um

companheiro. Não importa o quão grande seja nosso amor por ele. Connaught representa o homem q percebe isso. Q se ele fizesse Drue abandonar tudo aquilo q ela acreditava, ela deixaria de ser aquilo pela qual se apaixonou. Ele acaba percebendo q a única coisa q pode exigir dela é seu amor. E isso ele já tem. Depois q conseguiu entender isso, eles passaram a viver felizes juntos. Isso é apenas o começo para uma discussão. O que vocês acham? T.

S. – 18-04-06 - Mel com gosto de Fel - Os fãs que me perdoem, mas eu tenho trauma desse livro. A Drue, vou te contar, viu... ô mulherzinha mais sem carisma. [...] A autora só fez me aborrecer descrevendo as desventuras da Drue. A autora reforçava tanto mas tanto que a mocinha parecia e queria ser homem, que conseguiu me irritar. Drue não só agia como homem como também tinha o corpo de homem e não podia procriar, porque a autora também forçou a barra e deu um jeito de provocar a esterilidade dela. Assim, ela tanto fez que acabou me convencendo que a Drue não era mulher mesmo... e nem homem. Drue era um nada, ou melhor, era um ser andrógino sem nenhum sex appeal. Ser andrógino e estéril num romance romântico !?!? Como assim? Fim. Pra mim como leitora romântica, todas as minhas expectativas acabaram ali.. E o final uéé então... Nossa, odiei aquilo! Detesto vácuos em histórias. Ainda mais quando fico com a sensação de que o autor não soube como terminar o romance. A impressão que eu tive é que autora quis atribuir à Drue um contorno épico prum enredo mexicano e, claro, não podia dar outra: final pífilo.

C. - 08/11/07 - Bom, desde que eu li o livro pela primeira vez (muitos anos atrás...) eu tive a impressão de era um romance gay. Hoje em dia eu tenho certeza disso!!! Pense bem: (aqui entra meu dedo) a autora queria escrever um livro sobre um romance entre 2 homens, mas não podia, afinal o público que ela visa é o feminino e os editores nunca iam permitir esse tipo de coisa! Então ela cria uma figura de mulher que é masculina, e que há muito tempo esqueceu que na verdade é uma mulher. Daí ela cria um homem todo másculo e fortão (um urso) e coloca ele correndo atrás do/da Drue, que é um garoto e cria essa história dela ser mulher pra disfarçar. Pra mim esse é um romance gay e ninguém me tira isso da cabeça. Discordem o quanto quiserem, podem ficar à vontade.<sup>78</sup>

As discussões são tantas – um dos fóruns já dura três anos de postagens no grupo – que o livro ficou “famoso” e chegou a ser vendido no site Mercado Livre, em 2006, usado, por R\$ 72,00. O que isso demonstra? Que entre as leitoras dos

---

<sup>78</sup> ORKUT, Comunidade Adoro Romances. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=20694825&kw=Mel+do+Pecado>> . Acesso em 10/03/2008.

romances sentimentais também existe um critério estético próprio, capaz de separar os livros entre bons e ruins, de acordo com o gosto pessoal e com a adesão (ou não) às fórmulas já consagradas para esses textos. Como um comparativo, pode-se argumentar que Raymond Chandler e Dashiell Hammet são autores de romances policiais e considerados bons escritores pela crítica literária, impondo-se sobre os autores medíocres do mesmo estilo literário. Por que, então, não existiriam boas autoras de romances sentimentais, que se destacassem sobre outras? Talvez por ser o romance sentimental um gênero literário ainda menos valorizado do que os romances policiais ou, numa visão feminista, por ser uma literatura dirigida às mulheres e por isso ignorada, nunca houve interesse, a que eu saiba, num comparativo e/ou análise de conteúdo e estilo entre as autoras. Esse também não é o foco desse trabalho, mas não deixa de ser uma possibilidade para outras pesquisas. Para isso, seria preciso superar um obstáculo crucial, a questão da autoria desses romances, bastante problemática, a partir do momento que as editoras na tradução têm liberdade para adaptar os textos, reduzi-los ou aumentá-lo. Dessa forma, pode-se falar de uma autoria do argumento ou do enredo, não da obra. São questões que serão abordadas mais adiante.

No entender de Caldas (1988), “o gosto obedece a uma lógica implícita na sociedade de classes: a lógica da estratificação social. Cada classe social possui seu universo próprio de valores. E o gosto estético é um deles”.<sup>79</sup> Em muitas situações essa regra não se aplica. A explicação dos fenômenos sociais pela classe já provou ser um modo de definição reducionista, que não dá conta da complexidade das sociedades humanas. Gosto é mais uma questão de momento histórico do que de classe social. Nesse sentido, vem a calhar a afirmação do professor Antonio Candido em conferência citada também por Caldas: “o gosto é indefinível por excelência, é uma questão de fruição e não de crítica. É a injunção do meio e da

---

<sup>79</sup> CALDAS, Waldenyr. **Uma utopia do gosto**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 133.

tradição”<sup>80</sup>. O que entendo nessa afirmação é que existem diferentes instâncias na experiência estética. Uma pesquisa não precisa nem deve ignorar a questão do gosto, mas não pode ater-se a ela, sob pena de entrar num subjetivismo que não levaria a nada.

Ainda assim, sem abdicar a julgamentos críticos, há que se considerar que o conceito do que é esteticamente bom ou ruim é relativo e muda com o tempo. Está ligado a elementos econômicos, sociais e políticos. Já a idéia do prazer, não. O prazer é possível, seja diante de uma música de Bach (que, pelos critérios estéticos de várias gerações, é considerada de bom gosto), seja na leitura de um texto sentimental, com seu previsível final feliz. É como relata a leitora G.F.C.: “Quando a gente está lendo um romance bem interessante, assim, uma coisa gostosa, está vivendo aquele romance naquela hora. A gente se transforma. De repente eu sou a mocinha, eu sou a condessa, não é assim quando a gente está lendo?”<sup>81</sup> Não seria esse um exemplo de real prazer na leitura?

---

<sup>80</sup> CALDAS, Waldenyr. **Uma utopia do gosto**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 135.

<sup>81</sup> G.F.C., Entrevista 11



### 3 ROMANCES SENTIMENTAIS NO BRASIL

Pode-se dizer que está havendo um ressurgimento dos romances sentimentais no mercado brasileiro. Os livros, que há alguns anos ficavam escondidos nas prateleiras das bancas de revistas, voltam a ser colocados em locais de maior visibilidade. O número de séries vem aumentando com lançamentos periódicos das duas principais editoras presentes no mercado, a Nova Cultural e a Harlequin Books, que disputam o mesmo público. No ano de 2002, quando foi concluída a dissertação *Das bancas ao coração*, já citada neste trabalho, estavam no mercado 10 séries. Hoje são 19 (sete da Nova Cultural e 12 da Harlequin), entre livros mensais, quinzenais e semanais, que garantem mais de um lançamento ao dia para as leitoras. Mas antes de entrar nesses detalhes de mercado, é preciso esclarecer: o que são esses romances? O que os torna diferentes de outros e/ou iguais entre si? É o que será apresentado a seguir.

#### 3.1. PEQUENO HISTÓRICO DO ROMANCE SENTIMENTAL E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA LEITORA BRASILEIRA

O romance sentimental é, como já frisado, uma das variedades da literatura de entretenimento. Porém, não descende unicamente dos folhetins. Os romances sentimentais (também chamados por Marlyse Meyer de novelas femininas) que hoje encontramos nas bancas de revistas na forma de séries como *Sabrina*, *Julia* e várias outras, são frutos diretos da produção romanesca surgida na esteira do grande sucesso do autor inglês Richardson, *Pamela*, publicado em 1740. Na seqüência, também na Inglaterra, aconteceu a popularização do romance gótico (oficialmente a partir da publicação de *O Castelo de Otranto*, de Horace Walpole, em 1764<sup>82</sup>), do qual derivou a idéia dos romances educativos, com fundo moral,

---

<sup>82</sup> Em seu livro *O Super Homem de Massa*, Umberto Eco indica a publicação de *O Castelo de Otranto* como iniciando oficialmente a época do "Gothic"

retratando a mulher casta e defensora de sua virtude, submetida a todo tipo de provações para garantir sua pureza. Não podemos esquecer também, como origem mais longínqua, os romances de amor cortês e os “romances preciosos”<sup>83</sup>, descritos por Nelly Novaes Coelho como:

Forma romanesca que proliferou nos salões da França no século XVII, na linha de evolução do ideal cortês que nascera na Idade Média e avançara pelo Classicismo adentro. O romance precioso substitui o romance cortês quando este começa a decair. A aventura heróica e maravilhosa, presente neste último, é substituída pela aventura sentimental e pelo heroísmo da paixão, que suporta mil provas para dar testemunho de sua verdade. O culto da mulher muda de caráter, pois agora aquela dama inacessível e idealizada do amor cortês cede lugar à dama também apaixonada, embora continue sendo respeitado o tabu anterior, de censura ao amor carnal.<sup>84</sup>

Meyer (1996) também atesta a antecedência das “novelas românticas” aos folhetins:

Na verdade, o livro [*Folhetim – Uma história*] inicialmente previsto visava, ao procurar as origens européias do romance brasileiro, focalizar principalmente as ‘novelas de segundo time’, aquelas ‘novelas sem fronteira’ franco-inglesas que aqui aportaram, precedendo e abrindo caminho para a popularidade do folhetim. Tenho nos meus guardados longas análises do que chamamos três romances paradigmáticos: *Sinclair das Ilhas, Amanda e Oscar, Celestina*.<sup>85</sup>

Alencar [José de], quando recorda serões que se situavam precisamente na idade de ouro do folhetim romântico, não o evoca, mas evoca outros “romances românticos”. Por conseguinte, o romance-folhetim ainda é coisa diversa das “moderníssimas novelas”. Estas não só o antecedem de muito, como ainda vão coexistir algum tempo com ele, a julgar pelas listas que os jornais continuam publicando, em progressão decrescente, é verdade, relativamente à invasão do folhetim. Donde se conclui que, tanto na França como no Brasil, se a fórmula de Girardin (o folhetim) teve tal sucesso, foi porque já respondia a hábitos adquiridos de leitura ou audição de ficção. E se no Brasil o folhetim “pegou” tão bem foi porque encontrou

---

<sup>83</sup> É interessante apontar que o atual slogan da série *Sabrina*, da Nova Cultural, é justamente “Romances Preciosos”.

<sup>84</sup> COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.p 22.

<sup>85</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**. Uma História. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 p. 17

terreno favorável: às leituras tradicionais tinham sucedido as “galantes novellas todas traduzidas do francez”.<sup>86</sup>

Os romances sentimentais são caracterizados ainda pela pesquisadora Tania Rebelo Costa Serra (1997), da Universidade de Brasília, como uma vertente da ficção de divertimento presente já no século XVI, definidos como “verdadeiros códigos para o ‘bom comportamento’ no amor cortês. A rigor, esses romances são uma continuação da poesia cortês medieval, em que são especificadas regras para o comportamento amoroso adequado à corte”.<sup>87</sup>

No século XVIII, os romances sentimentais já tinham características bem definidas, como apresenta Meyer (1993):

O produto [novela pré-romântica] é um misto de sensibilidade, sentimentalismo, moralismo didático, moral e recato, que continuam a imperar mesmo quando se instalam suspenses, sustos e sadismos dos vilões do romance gótico. Tudo regado a lágrimas abundantes, a serviço de alguns temas recorrentes: educação, criação de filhos, amor entre religiosos (conflito ou sátira), pesado destino da mulher casada, drama das solteironas, sofrimento das governantas, necessidade de *princípios* (*Jane Eyre*), expectativas e imprescindível virtude das mocinhas casadoiras [...]. O casamento é o alvo motor do entrecho, mas se a aspiração é um casamento de amor, deve-se evitar a cega paixão.<sup>88</sup>

Outros temas citados por Meyer, como a usurpação de bens e incesto, vêm complementar esse painel. Já naquela época, a repetição de um padrão era aceita e até procurada pelos leitores. Foi o caminho aberto para o folhetim, que surgiu na seqüência, alcançando enorme popularidade. Mas quais seriam os motivos desse sucesso? Convém salientar que os interesses de classe embutidos nas temáticas dos romances e nos modos característicos como estas são neles tratadas são todos tópicos relacionados ao que viria a ser definido como universo da mulher na

---

<sup>86</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**. Uma História. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 33-34

<sup>87</sup> SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. **Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)**. Brasília, Editora UnB. 1997. p. 17

<sup>88</sup> MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo, Edusp, 1993. p. 60-61

sociedade burguesa, bem como a funcionalidade de sua posição na ordem familiar da época.

Borelli (1996) traça também um histórico dos romances sentimentais e educativos como precursores do mercado editorial no Brasil:

É possível afirmar que, desde meados do século XIX, tem início, no Brasil, o processo de configuração de um mercado editorial que se segmenta ao redor de públicos particulares. Laurence Hallewell relata que, nos anos 1830, na metrópole do Rio de Janeiro, e mais tarde nas províncias, emerge um público leitor feminino bastante numeroso e eficaz consumidor de livros ao estilo romance-folhetim. As mulheres passam a fazer parte do mercado consumidor a partir do momento em que o analfabetismo deixa de ser critério *essencial à moralidade feminina* [grifo do autor] e que mulheres – ou pelo menos parte reduzida delas – têm acesso à educação formal com a fundação, em 1816, da *primeira escola para moças*, na cidade do Rio de Janeiro. Editoras como Paula Brito, do editor de mesmo nome, e Garnier, de Baptiste Louis Garnier, editam alguns romances neste gênero, entre 1830 e 1850. Mas é a partir da década de 1860 que, principalmente a Garnier, passa a publicar variados romances-folhetim, na forma de livros: Bernardo Guimarães, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Luis Guimarães Junior e Machado de Assis são autores que configuram o imaginário das receptoras emergentes, em meados do século XIX.<sup>89</sup>

Note-se que o “público do romance” no século XIX coincide exatamente com o leitorado propriamente dito. Alberto Manguel (1997) informa que no final do século XIX, a leitura em voz alta de romances nas linhas de produção de charutos em Cuba funcionava como um procedimento de regulação do ritmo e aumento da produção total das operárias. *O Conde de Monte Cristo*, de Dumas, foi citado como uma das leituras preferidas, a ponto de os trabalhadores escreverem ao autor, em 1870, pedindo-lhe para ceder o nome do herói para um charuto, no que foram atendidos<sup>90</sup>. Além desse exemplo, os círculos de leitura, nos quais uma mulher alfabetizada lia o texto em voz alta para as demais, muitas das quais iletradas,

---

<sup>89</sup> HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*. Apud BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil**. p. 89-90.

<sup>90</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 135.

apontam para outros modos de circulação dos romances sentimentais, mesmo onde a leitura não se tinha difundido mais amplamente.

É inegável que o modelo de romance sentimental tal qual o conhecemos inclui também traços dos folhetins, na preocupação de cativar um grande público, na produção em massa e na padronização, além da idéia de uma serialização, não de um mesmo texto, como no caso dos folhetins, mas de modelos tão semelhantes que fazem a leitora aguardar e procurar outro da mesma série.

Nascido na França, o folhetim teve na década de 1840 sua definição como forma específica de romance. Foi quando Eugène Sue publicou no *Journal des Débats*, entre 1842 e 1843, *Os mistérios de Paris*. Em 1844 sai, do mesmo Sue, *O judeu errante*; e de Alexandre Dumas, *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*. É quando o termo folhetim passa a designar também o novo modo de publicação de romances. E praticamente toda a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim para, depois, conforme o sucesso alcançado, ser lançada em livro.

Ao contrário dos trabalhos de Sue, até hoje estudados, os romances e romancistas das primeiras “novelas românticas” (escritos em sua maioria por mulheres) acabaram relegados ao esquecimento, apesar do sucesso alcançado em tempos passados:

Ainda que periódicos como a *Edinburg Review* e outros de alto nível reclamassem muito contra essa produção comercial, é interessante notar que, de maneira geral, a crítica é bastante condescendente com essas mulheres e suas obras, consideradas à margem da literatura por muitos e lidas por quase todos, porém. Quase sempre masculina, a crítica vê na mulher e no seu romance um elemento civilizador e educativo para o homem criado na rudeza dos costumes ingleses, os quais estão bem retratados no *Tom Jones*, romance masculino. [...] Admira-se também nas mulheres romancistas sua capacidade de “cumprir a função da fábula [...] ilustrar uma verdade moral”; o que elas cumprem com tal seriedade que muitas vezes coroam o desfecho com um quase sermão, como em *A Simple Story*, de Inchbald.<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo, Edusp, 1993. p.58

Comentando o nascimento do gênero romance, Ian Watt (1990) destaca a crise no casamento, no século XVIII, a qual considera um dos fatores do sucesso de *Pamela*, de Richardson:

A gravidade do problema (crise no casamento) explica o enorme sucesso que *Pamela* obteve na época. As criadas, como vimos, constituíam uma parte importante do público leitor e achavam muito difícil se casar: não admira, portanto, que lady Mary Wortley Montagu achasse que o triunfo de Pamela a transformara na “alegria das criadas de todas as nações”. Em termos mais gerais, é provável que a heroína de Richardson simbolizasse as aspirações de todas as mulheres leitoras sujeitas às mesmas dificuldades. Não só isso. Dificuldades um pouco semelhantes tornaram-se comuns na sociedade moderna em consequência do individualismo econômico: e isso explicaria por que a grande maioria dos romances escritos depois de Pamela seguiram seu modelo básico e concentraram o interesse num namoro que conduzia ao casamento.<sup>92</sup>

É significativo que, mesmo no século XXI, o casamento, amor e, como pano de fundo, ascensão social, continuem abastecendo o imaginário das leitoras por meio dos romances sentimentais. No Brasil, podemos dizer que romances do gênero sentimental ou romântico praticamente nunca deixaram de circular, desde o século XIX. Primeiro, com as novelas já citadas por Meyer. Depois, na forma dos folhetins sentimentais, escritos por autores brasileiros consagrados, a exemplo de *A Viuvinha* e *Cinco Minutos*, de José de Alencar. E, já no século XX, quem hoje na faixa dos 50, 60 anos, não se lembra da popular *Biblioteca das Moças*? Editada pela Companhia Editora Nacional de 1935 a 1963, teve centenas de números, muitos deles com até dez edições publicadas dentro da mesma coleção, sendo que “uma edição comportava, em média, de três a quatro mil exemplares”.<sup>93</sup> Mesmo antes desses romances, traduzidos em sua maioria do francês (M. Delly, pseudônimo de dois irmãos franceses, assinava a autoria do maior número de títulos da coleção), em 1920 os romances de M. Delly já chegavam ao Brasil através da edição portuguesa da coleção *Biblioteca das Famílias*. “Em edições baratas, vendidas em

<sup>92</sup> WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo, Cia. das Letras, 1990. p. 131

<sup>93</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.36

livrarias e em bancas de jornal, teve grande aceitação, principalmente entre jovens normalistas. Essas obras eram presença constante nas Escolas Normais”.<sup>94</sup>

No início da década de 70, havia coleções como *Romances Rebeca*, da Edições de Ouro, que publicava o mesmo tipo de romance sentimental, de autoras nacionais e estrangeiras, incluindo sucessos da autora inglesa Barbara Cartland, conhecida na mídia como a “rainha dos romances cor-de-rosa”, pelo enorme sucesso de vendas. Os livros podiam ser adquiridos em livrarias ou por reembolso postal, tanto que os próprios livros traziam encartado o formulário para pedidos pelo correio e a lista dos romances publicados. Com isso, era viabilizada a chegada da coleção em cidades do interior do Brasil.

É preciso lembrar, também, que entre as décadas de 1950 e 1970, no universo brasileiro da ficção sentimental, reinavam absolutas as fotonovelas, que já mereceram vários estudos<sup>95</sup>. O declínio das vendagens até o desaparecimento das fotonovelas das bancas, que pode ser associado à emergência das telenovelas com a aceitação massiva da televisão, coincide também com o surgimento e popularização de novas séries sentimentais. Foi no final da década de 1970 que surgiram as séries da Editora Nova Cultural *Sabrina, Julia e Bianca*, tornando-se na época um estrondoso sucesso. E assim, os romances sentimentais chegaram a várias gerações de leitoras brasileiras, inspirando sonhos românticos de avós, mães e filhas, como descreve Cunha (1999):

Lidos por donzelas casadoiras e heroínas românticas no século passado [XIX], neste século por jovens de classe média nos anos 50 e 60, por operárias nos anos 70, colocados à disposição das leitoras adolescentes nos anos 80, os romances de folhetim atravessaram classes sociais, tempos históricos e lugares físicos. Estendidos diante dos olhos da leitora, favoreceram a imaginação, provocaram reações de desagrado,

---

<sup>94</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.35

<sup>95</sup> Alguns exemplos de estudos sobre fotonovelas são os trabalhos de Angelucia Bernardes Habert, **Fotonovela e industrial cultural**. Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Editora Vozes, 1974; e Dulcília Schröder Buitoni, no artigo **Fotonovela: Infelizmente ainda um quadrado amoroso**. In, **Literatura em Tempo de Cultura de Massa**. São Paulo: Nobel, 1984.

normatizaram condutas, educaram/deseducaram sensibilidades: encantando, fazendo chorar, rir, desejar, temer, sonhar, amar, odiar. E, agora, nos anos 90, continuam aí, com novos nomes, e ao que parece, provocando “novas languidezas”. Que o digam as Sabrinas, Julias e Biancas, que, expostas ao sol nas bancas de revistas, alinham-se no espaço e anunciam pelos jornais, em pleno inverno de 1994, um mundo de emoção e aventura, uma chance de se apaixonar, uma possibilidade de pôr mais romance na vida.<sup>96</sup>

O folhetim sempre foi considerado uma leitura primordialmente feminina. Segundo Borelli (1996), no século XIX, “a constituição de um novo modelo de produção e consumo permite que a atenção do emergente público receptor – principalmente o feminino – fosse dirigido para temas como moda, assassinatos, histórias românticas e o folhetim”.<sup>97</sup> Isso se aplica também aos romances românticos já citados. Para Meyer (1996): “A mulher, a ‘gentil leitora’, é o destinatário ‘natural’ do romance”.<sup>98</sup> O mesmo se pode intuir quando lembramos das leituras da personagem Emma Bovary, de Flaubert:

Era só amores, amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários [...] cavaleiros bravos como leões e mansos como cordeiros, virtuosos como já não há [...]. Durante seis meses, aos quinze anos, Emma sujou as mãos no pó dos velhos gabinetes de leitura. Mais tarde, com Walter Scott, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com armários, salas de guarda e menestréis.<sup>99</sup>

Não apenas entre as mulheres, os romances sentimentais ou novelas femininas foram de extrema importância na formação do leitor no Brasil; eles também são elementos presentes na formação na nossa literatura, conforme atestam autores consagrados, como José de Alencar e Machado de Assis. Os dois citam, em suas obras, a leitura de textos como *Amanda e Oscar*, *Paulo e Virgínia* ou

---

<sup>96</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 41

<sup>97</sup> BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996. p.56

<sup>98</sup> MEYER, Marlyze. **Folhetim**. Uma história. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 379

<sup>99</sup> FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Abril Cultural, 1970. p.33-34



*Sinclair das Ilhas ou Os Desterrados da Ilha da Barra*. Por exemplo, no conhecido texto de Alencar (1990), *Como e porque sou romancista*:

Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção [...]. Era eu quem lia para minha boa mãe, não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo. [...] Nosso repertório romântico era pequeno: acompanhava-se de uma dúzia de obras, entre as quais primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outras de que já não me recordo.<sup>100</sup>

O folhetim nasceu no Brasil como uma leitura para mulheres da burguesia. Foi uma grande mudança. Até o início do século XIX, não era dado às mulheres o direito de aprender a ler. Tanto que a ignorância feminina foi registrada pelos viajantes que visitavam o Brasil com indignação e incredulidade. Essas reações são narradas no livro *A Formação da Leitura no Brasil*, de Lajolo e Zilberman (1996):

Estava assentado que o saber ler para elas não deveria ir além de rezas, pois que isso lhes seria inútil, nem tão-pouco se desejava que escrevessem a-fim-de que não fizessem, como sabiamente se observava, mau uso dessa arte.<sup>101</sup>

Desde a chegada da Corte ao Brasil tudo se preparara mas nada de positivo se fizera em prol da educação das jovens brasileiras. Esta, em 1815, se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever nem fazer as operações. Somente o trabalho de agulha ocupava seus lazes, pois os demais cuidados relativos ao lar são entregues às escravas.<sup>102</sup>

A partir das primeiras décadas do século XIX chegam ao Brasil as novelas francesas, rapidamente traduzidas e publicadas pela Imprensa Régia, todas de teor

---

<sup>100</sup> ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas, SP: Pontes. 1990. p. 24 e 29

<sup>101</sup> LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Apud LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

<sup>102</sup> DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Apud LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

sentimental. Entre os títulos, estão *Paulo e Virgínia*, sucesso de Bernardin de Saint-Pierre, publicado em 1811, *O amor ofendido e vingado*; *O amigo traidor* e outros <sup>103</sup>.

Ao mesmo tempo em que representavam um avanço na educação das mulheres no Brasil, os textos sentimentais foram bastante criticados. Enquanto os estrangeiros viam na escolha desses textos uma forma de manter as jovens ignorantes, para os pais e maridos era uma leitura sem valor e, portanto, própria para mulheres. Desqualificar a leitura permitida e/ou escolhida pelas mulheres era uma forma de depreciar a própria mulher. Como dizem Lajolo e Zilberman (1996), as mulheres liam folhetins e romances ligeiros, que as editoras e a imprensa lhes ofereciam. Essa leitura, porém era desvalorizada, seja porque as obras eram consideradas de má qualidade, seja porque seria desejável que lessem textos mais elevados, embora desestimulantes.

Ora em casa também pouco se lê: na máxima parte delas não há livros, nem como alfaias da sala de visitas ou do gabinete de conversas. Afora romances franceses e os romances-folhetim das folhas diárias, a nossa mulher nada lê, e aqueles mesmos escolhe-os mal. [...] Fora do romance-folhetim e do romance mundano, Bourget ou Jorge Ohnet, indiferentemente, a verdade é que a mulher brasileira, mesmo no Rio de Janeiro, que se presume a mais adiantada cidade do país, e salvo exceções raríssimas, nada lê. <sup>104</sup>

Diante desse cenário, é bastante significativo que a personagem Aurélia, em *Senhora*, de José de Alencar, apareça tendo como autor preferido Shakespeare e lendo também autores brasileiros. Além disso, num recurso de intertextualidade, Alencar informa que Aurélia apreciou a *Diva*. E que é uma leitora contumaz, como aparece em vários trechos da obra.

Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em que achava não o simples cantor, mas o sublime escultor da paixão. [...] À tarde, no jardim, ou admiravam juntos as flores, ou liam

---

<sup>103</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996, p. 242

<sup>104</sup> VERÍSSIMO, José. **Leitura e Livros**. *Apud* LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996, p. 241

no mesmo livro algum romance menos interessante do que o seu próprio.<sup>105</sup>

Através de suas personagens, Alencar criava uma leitora fictícia, admiradora tanto dos grandes autores (Shakespeare) como dos ditos menores (Balzac, Alexandre Dumas), além dos folhetins franceses, pouco respeitados. Com isso, inventava uma mulher mais culta do que as que existiam na realidade, forjando uma imagem feminina que condizia com os ideais da Escola Romântica – a mulher idealizada, perfeita, pura e inteligente.

Enquanto, por meio de seus livros, criava uma mulher mais instruída, Alencar não fugia dos valores da sociedade patriarcal. Além da leitura, trabalhos com agulhas e passeios no jardim eram o máximo com que se ocupavam as mulheres de seus livros. Porém, não se pode deixar de estabelecer a importância do contraponto entre esses dois lados. O domínio da leitura passa a ser uma das habilidades desejáveis às mulheres. “Junta-se assim a capacidade para a leitura às demais habilitações requeridas pela educação feminina. No conjunto, reforçavam todas o lugar social da mulher: sua educação, por melhor que fosse, dirigia-se à ocupação deste papel ao cumprimento das tarefas de esposa e mãe”, dizem Lajolo e Zilberman (1996).<sup>106</sup> Para elas, por mostrarem um padrão cultural ainda utópico no contexto do Império Brasileiro, as obras de Alencar e Machado de Assis (*Lucíola*, *Helena*, *Iaiá Garcia*) sugerem uma equivalência entre o universo feminino e masculino, e manifestam uma concepção de leitura que contém um fator emancipatório. Assim, mulheres leitoras e cultas são mais inteligentes, mais sensíveis, mais virtuosas e, em alguns casos, como em *Senhora*, superiores aos homens em valores e coragem. O que não impede que, como Aurélia, acabem ajoelhadas aos pés do herói.

---

<sup>105</sup> ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo, Ática, 33ª ed., 1999. p. 196 e 161

<sup>106</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996, p. 256

Se obras sentimentais e de aventuras como as citadas contribuíram para a formação dos leitores no Brasil, é de se cogitar que papel ocupam hoje, ainda, no imaginário do público leitor formado prioritariamente por mulheres. Porém, seria superficial dizer que a longevidade alcançada pelos romances sentimentais está apenas no entretenimento que as histórias românticas oferecem às leitoras. Por trás dela está a indústria editorial, com planos de marketing que envolvem projetos gráficos, pesquisas, distribuição em pontos-de-venda nos cantos mais distantes do país, preço acessível, venda de assinaturas, enfim, com a tecnologia a serviço do consumo.

### 3.2. REPETIÇÃO DE MODELOS, O PONTO CENTRAL DO ENREDO DOS ROMANCES SENTIMENTAIS

O público cativo dos romances sentimentais adquire um produto (pois é isso que esses textos representam tanto para a editora quanto para a leitora) que se renova pela repetição de um padrão já estabelecido. O tema central é sempre uma relação amorosa homem-mulher. Pode-se resumir os romances dessas séries em uma frase: histórias de amor com final feliz. Para José Paulo Paes (1990), há neles um forte conteúdo compensatório:

Tampouco é difícil perceber no romance sentimental, que privilegia o amor como sentimento todo-poderoso que leva de vencida as barreiras sociais e faz a costureirinha se casar com o rico herdeiro, um eco da moral do conto de fadas. O final feliz desses contos satisfaz o nosso 'sentimento do justo' ao reparar injustiças como a de crianças abandonadas no mato por seus pais ou de enteadas tiranizadas por suas madrastas.<sup>107</sup>

A originalidade desses textos não é desejada nem esperada. Eles reafirmam uma visão do mundo que parte do senso comum. É a esse repetir e justificar o fruir convencional das coisas tal como se encontram estruturadas no

---

<sup>107</sup> PAES, José Paulo. **A Aventura Literária**. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 30

mundo real que Eco, citado por Sandra Reimão (1996) aponta como o principal mecanismo de consolação da literatura de massa. “Entre os vários mecanismos consolatórios presentes nas literaturas *best seller* (final-feliz, punição dos ‘malvados’, os ‘bons’ provam que sempre o foram), [...] o mais satisfatório e consolador é o fato de que tudo continua no lugar.”<sup>108</sup>

Os romances sentimentais seguem o padrão do romance grego descrito por Mikhail Bakhtin, conforme lembra Cunha (1999) :

De acordo com Marlyse Meyer, as bases do que seria o “modelito Delly, o arquétipo da moderna Cinderela”, têm suas origens no velho padrão do romance grego, por sua vez, esquematizado por Mikhail Bakhtin quando estudou a teoria do romance: “Um par de jovens em idade de casamento. A origem deles é desconhecida, misteriosa. Eles são dotados de beleza rara. Encontram-se inesperadamente; via de regra numa festa solene. Apaixonam-se repentinamente e apaixonadamente, um amor insuperável. Encontram entraves que retardam e impedem o enlace. Os apaixonados são separados, procuram-se, reencontram-se. Têm importante papel os encontros com amigos ou inimigos inesperados, adivinhas, vaticínios, sonhos proféticos, pressentimentos, poções para dormir. O romance termina com a feliz união dos apaixonados em matrimônio.”<sup>109</sup>

Sodré (1985) dá outra interessante “receita” dos romances sentimentais, baseado não num teórico da literatura, mas num texto da revista de fotonovela *Sétimo Céu*, que pela popularidade alcançada no passado pode falar com conhecimento de causa sobre o padrão dos textos sentimentais:

O *ethos* desse gênero romanesco (romance sentimental) costuma ser o mesmo do da fotonovela, que tem os seus mandamentos para o sucesso.

- 1) só pessoas bonitas farão os papéis principais;
- 2) os trajés e os ambientes serão, de preferência, luxuosos;
- 3) a linguagem, tanto quanto possível, trará imagens poéticas, pois é preciso um pouco de literatura;

<sup>108</sup> Eco, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. p. 190-206. *Apud.* REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: ComArte, 1996. p. 28.

<sup>109</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1990, p. 215 *Apud.* CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M. Delly. p. 36

4) as histórias, sempre românticas, conterão um drama que corra paralelo. Podem ser incluídos: roubo, revólver, mulher perversa (madrasta), tentativa de homicídio, etc. Haverá, contudo, 2/3 de amor (romance) e 1/3 de drama, no máximo;

5) é proibido falar-se de adultério. Nada que fira a lei poderá ser estimulado;

6) a história deverá girar em torno de pessoas que pertençam a níveis sociais diferentes. As mocinhas sonham em se transformar em princesas...;

7) cenas mais fortes convencem: briga, rapto, afogamento e, na parte amorosa, um pouco de cinema: nas cenas de amor de maior intensidade, corpos em pose sensual, mas sem exageros!;

8) a idéia de grandiosidade: improvisar festas ou bailes, colocar muita gente em cena, tudo isso valoriza a apresentação;

9) o fim deve ser sempre em estilo 'final feliz', sem precisar de beijo, necessariamente;

10) sempre será estimulada a vitória do bem sobre o mal, jamais se admitindo histórias de princípios morais duvidosos"(Cf. Mandamentos da fotonovela, da revista *Sétimo Céu*, 1959).

Evidentemente, essas regras são flexíveis, acompanhando a moral da época. Mas o exame empírico das publicações do gênero demonstra que a narrativa sentimental praticamente não muda. Através dela, mantém-se um arquétipo feminino de natureza romântico-puritana que a ordem estabelecida não deseja esquecer.<sup>110</sup>

É significativo que o modelo acima, descrito em 1959, possa ser aplicado quase sem mudanças quase 50 anos depois. Mas apesar de a fórmula ser a mesma, é necessário destacar também as diferenças entre os romances sentimentais das fotonovelas de *Sétimo Céu* e as séries atuais, acompanhando novos padrões da sociedade. Entre eles a presença da mulher no mercado de trabalho, a posição de aceitação em relação ao divórcio e a forma mais liberal com que o sexo é tratado. Em relação a esta última questão, em praticamente todos os exemplares lidos para este trabalho as heroínas e heróis têm relações sexuais, descritas com mais ou menos detalhes, às vezes fora do casamento, aliás, como acontece também nos

---

<sup>110</sup> SODRÉ, Muniz. **Best-Seller**: a Literatura de Mercado. São Paulo, Ed. Ática, 1985. p. 48

folhetins eletrônicos, as novelas de televisão. Mesmo os textos com enredos ambientados em épocas passadas incluem cenas de sexo, antes ou depois do casamento. No entanto, em todos, o casamento ou o pedido de casamento acontece ao final, moralizando a paixão dentro de um relacionamento socialmente aceitável.

Os enredos dos romances têm uma organização linear, obedecendo à cronologia dos fatos, ligados por relações de causa e efeito. O princípio da verossimilhança é respeitado, ou seja, os autores procuram dar aos fatos a aparência de verdade. Os romances “mantêm a fórmula básica *boy meets girl*, a partir da qual o romancista adiciona novos elementos de modo que cada romance pareça único e inédito”.<sup>111</sup> No enredo a ação é privilegiada, girando em torno do destino do herói e da heroína.

A própria Harlequin Enterprises, no Canadá, passava instruções bastante claras às autoras sobre o conteúdo dos livros, conforme narrado por Tânia Modleski (1996), em *Loving with a Vengeance*, referindo-se a um texto de 1978:

The publishers offer the following guidelines to prospective authors:

Harlequins are well-plotted, strong romances with a happy ending. They are told from the heroine's point of view and in the third person. There may be elements of mystery or adventure but these must be subordinate to the romance. The books are contemporary and settings can be anywhere in the world as long as they are authentic.<sup>112</sup>

É fácil perceber que pouco mudou, nos romances publicados hoje, em relação ao guia fornecido pela editora nos anos 70. Com intenção de manter suas altas vendas e conquistar leitores em todo o mundo, a Harlequin criou assim uma “linha de produção” de romances.

A esse respeito, em sua dissertação de mestrado, Liliana André expõe interessantes considerações:

---

<sup>111</sup> ANDRÉ, Liliana Lacerda. **A imagem feminina no romance sentimental de massa**. Dissertação de mestrado. UFPR, Curitiba, 1991. p. 45

<sup>112</sup> THE WRITER'S 1978 YEARBOOK, p. 103. *Apud.* MODLESKI, Tania. **Loving with a vengeance**. Mass-produced fantasies for women. London: Routledge, 1985. p. 35-36

Levando-se em conta que as histórias são oferecidas e aceitas principalmente como entretenimento, Bernard Berelson e Patrícia Salter fazem algumas considerações a respeito da intenção da comunicação na ficção de massa. Segundo eles, para se entender como as histórias vieram a ser escritas é necessário descartar qualquer intenção maldosa por parte dos autores e editores. Em primeiro lugar, as histórias são escritas da forma como as conhecemos porque é um método conveniente de escrever, ou seja, as histórias exigem enredos breves, compactos, em que a ação começa logo e se move depressa. Em segundo lugar, o padrão comum das histórias exige conformismo. A inércia e o medo de alterar uma fórmula feliz combinam-se para manter as histórias dentro de determinados limites, e finalmente a heterogeneidade do público a que se destinam as histórias diminui a variedade e a complexidade das idéias comunicáveis.<sup>113</sup>

Ainda tirando partido do estudo de André, que aproveitou dados de Doc Comparato,<sup>114</sup> na classificação das tramas ou “plots”, em linguagem televisual, mais comuns na ficção televisiva, podemos citar alguns que podem ser extrapolados para o romance sentimental de massa. Dentre eles, os seguintes:

- a) **trama de amor** – um casal que se ama é separado por alguma razão, volta a se encontrar e descobre que o amor entre eles ainda existe;
- b) **trama de Cinderela** – é a metamorfose de uma personagem, de pobre a rica, de feia a bonita, de inadequada a adequada, de incompetente a competente, de acordo com os padrões sociais vigentes;
- c) **trama de triângulo** – o triângulo amoroso;
- d) **trama da volta** – o filho volta à casa paterna, marido que volta da guerra; namorado que volta à cidade depois da separação durante anos;
- e) **trama de vingança** – um crime (ou injustiça) foi cometido e o herói/heroína quer fazer justiça ou desvendar a verdade;

---

<sup>113</sup> BERELSON, Bernard ; SALTER, Patrícia. **Norte-americanos majoritários e minoritários: uma análise da literatura de ficção das revistas**. *Apud.* ANDRÉ, Liliana Lacerda. **A imagem feminina no romance sentimental de massa**. Curitiba, 1991. Dissertação, UFPR. p.22-23

<sup>114</sup> COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1983. p. 89. *Apud.* ANDRÉ, Liliana Lacerda. **A imagem feminina no romance sentimental de massa**. Curitiba, 1991. Dissertação, UFPR. p.37



Além desses, André (1991) cita ainda os **enredos do salvador** (o herói salva a heroína de ameaças e perigos reais ou circunstanciais), o **enredo do Patinho Feio** (a heroína geralmente considera-se sem graça ou deslocada até o surgimento do herói que afirma que ela é especial e merece o seu amor, incutindo-lhe confiança e fazendo desabrochar uma nova mulher); **enredo da Bela e a Fera** (herói ou heroína desconhecem a verdadeira natureza física ou social do outro, mas apaixonam-se mesmo assim, levando em conta as qualidades do ser amado). Poderia-se acrescentar ainda dois outros temas: o **enredo do casamento de conveniência**, no qual por algum motivo que não o amor as personagens precisam se casar (ou fingir que são casadas) e acabam se apaixonando e fazendo da farsa realidade, e o **enredo do bebê**, em que a narrativa se faz em torno de um filho, do casal ou de um deles ou mesmo de outros, por quem os dois resolvem ficar juntos e acabam se apaixonando, ou o pai que descobre depois de anos que teve um filho com a antiga namorada e os dois reatam em função da criança.

Nas séries da Nova Cultural, essas tramas aparecem com frequência como motes para os conflitos necessários à confecção da história de amor dos protagonistas. A alternância desses modelos e combinações com diversas variáveis de tempo e ambientação, leva a enredos que parecem sempre diferentes, apesar da semelhança do padrão da escrita. Essa semelhança não passa despercebida às leitoras, como comenta B.M.M.: “Apesar de terem pessoas diferentes, com tipos físicos diferentes, lugares diferentes, de uma certa maneira eles são iguais”.<sup>115</sup>

Uma vertente de romances está em ascendência nos últimos anos. Os chamados “históricos”, ambientados em épocas passadas, divididos genericamente pela Harlequin como “medievais” e “regência” e pela Nova Cultural em “até século XVIII” e “século XIX”<sup>116</sup>. Os livros narram em detalhes costumes e cenários atribuídos às épocas relatadas, mas heróis e heroínas não se diferenciam muito em

---

<sup>115</sup> B.M.M., Entrevista 19

<sup>116</sup> O aumento do interesse por esses textos acompanha também, na esfera da chamada “alta literatura” o crescimento dos lançamentos de romances históricos.

comportamento dos que estão representados nos romances contemporâneos. Os plots também são os mesmos: patinho feio, bela e a fera, casamento de conveniência, vingança, estão todos lá, com a diferença que os personagens são cavaleiros, damas, barões, condessas...

Na minha dissertação *Das bancas ao coração*, a pesquisa central recaiu sobre as imagens femininas nos textos dos romances sentimentais. Cabe aqui um resumo dos resultados obtidos, para melhor conhecimento dos textos. Entre as considerações abordadas na dissertação, com base em quatro livros estudados prioritariamente, e outros vinte tidos com complementares, destaca-se a aparência física como um dos pontos centrais da caracterização das personagens. As heroínas são belas, mas não vaidosas. Nunca utilizam recursos artificiais para parecerem mais bonitas. Suas descrições sempre associam qualidades naturais, deixando cabelos pintados, maquiagem e unhas vermelhas para as anti-heroínas. Com isso, associa-se a artificialidade e a vaidade à maldade, enquanto a naturalidade é associada à bondade. De forma geral os romances sentimentais usam a beleza como um primeiro motivo de atração entre as personagens, mas depois colocam a aparência como fator secundário: as personagens devem se apaixonar levando em conta o bom caráter e qualidades morais dos parceiros.

Como Cinderela ou Branca de Neve, muitas heroínas são órfãs, e, portanto, desamparadas emocionalmente e/ou financeiramente. Fazer heroínas órfãs é tradição nos romances sentimentais e nas heroínas do romantismo desde o século XIX. Lembrem-se a Jane Eyre, de Charlotte Brontë, no livro de mesmo nome, e Aurélia, de *Senhora* (José de Alencar), entre as mais famosas. Nos romances de M. Delly esse também era tema recorrente: “o culto aos antepassados merecia páginas especiais nos romances, uma vez que a maioria das heroínas era órfã”.<sup>117</sup> Em muitos dos romances lidos para o mestrado, as heroínas, além de órfãs de pai e mãe ou de um dos pais, freqüentemente eram também madrastas, ansiosas por

---

<sup>117</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 104

assumir um papel materno na vida dos enteados. Isso porque as heroínas têm um instinto maternal evidente, ao contrário das vilãs.

As funções sociais das personagens, de forma geral, eram bem definidas nos livros selecionados. As mulheres ocupavam seus papéis na sociedade (mães, esposas e profissionais) de forma a deixar transparecer o conflito existente na acumulação desses papéis, mas sempre superando as dificuldades. Mesmo que todas fossem independentes financeiramente, podendo garantir seu sustento pelo próprio trabalho, elas também precisavam de um homem – no papel de um protetor – sem o qual suas vidas seriam incompletas ou sem o qual enfrentariam problemas aparentemente acima de suas capacidades individuais de solução. Em várias situações, as personagens femininas descreviam sua insegurança e como o homem representava, para elas, a proteção.

Geralmente, os homens dos romances sentimentais têm posições social e economicamente superiores às mulheres, o que foi confirmado na pesquisa. É o mote da Cinderela, um dos mais tradicionais dos romances sentimentais, sendo recorrente também nos folhetins e novelas de televisão. A descrição de ambientes luxuosos, contas bancárias sem limites, consumo de bens sofisticados, enfim, um apanhado de valores do capitalismo, presente nos textos estudados, tem como função alimentar o imaginário das leitoras com objetos e situações inatingíveis para a maioria das pessoas. Apesar de relatar situações da vida de pessoas ricas ou milionárias, as personagens foram apresentadas nos textos, de forma geral, como pessoas que não dão importância ao dinheiro, para quem os valores morais e familiares é que são fundamentais, pelos quais se deve abrir mão de todos os outros.

Por fim, as personagens femininas demonstraram nos livros estudados uma independência e vontades próprias bastante características dos tempos atuais, disputando com os homens a condução da trama e influenciando decisivamente na conquista do “final feliz” essencial ao texto sentimental. Com esse resumo, espero ter dado um panorama geral do conteúdo dos romances.

### 3.3. AMOR ROMÂNTICO E ASCENSÃO SOCIAL, UM PAR PERFEITO

Acredito que um dos motivos do sucesso e permanência das séries sentimentais como leitura favorita de milhões de leitoras está no fato de que os enredos exploram o amor romântico (obrigatoriamente heterossexual, com a discutível exceção do livro *Mel do Pecado*, já citado). Este é um dos – senão o – tema mais abordado atualmente da maioria das mídias: TV, cinema, rádio, revistas, seja na forma de editoriais, entretenimento ou publicidade, sempre misturado a uma boa dose de erotismo. O amor nos livros das séries açucaradas é capaz de vencer todos os obstáculos, não muito diferente do sentimento narrado séculos antes, como analisa André Lázaro (1996):

Se ainda hoje o modelo de amor que a cultura de massas divulga encontra suas matrizes no *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, escrito no longínquo final do século XVI, é porque o modo de sentir e experimentar nossa própria individualidade ainda está ligado às inovações renascentistas<sup>118</sup>.

Há que se observar que, ainda que Romeu e Julieta não tenham chegado ao final feliz, a intensidade do envolvimento romântico, em que a morte é preferível à separação, representa o símbolo do grande amor ainda nos tempos atuais. Hoje, entretanto, a mídia apoderou-se do mito do amor romântico para reconfigurá-lo com novas tintas, conferindo importância ao final feliz dos amantes.

A construção do mito do amor na cultura ocidental, segundo Lázaro, se dá ao longo dos séculos, desde a Antigüidade. Já nos séculos II a VI da era Cristã, nos romances helenísticos, pode-se falar num modelo que parece conhecido dos apreciadores de filmes românticos de Hollywood ou dos romances das séries populares:

As transformações do papel da família no mundo romano desta época abrem espaço para a idealização do casal. Nestas narrativas, dois jovens – uma moça e um rapaz – ambos virgens – belos e nobres, em idade de casamento, subitamente se apaixonam, em circunstâncias adversas.

---

<sup>118</sup> LÁZARO, André. **Amor do Mito ao Mercado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 23

Seguem-se incríveis aventuras – fuga, naufrágio, cativo, prisão, morte fictícia, crimes, processo – provas através das quais são testadas a castidade e fidelidade dos namorados. O romance termina com o casamento.<sup>119</sup>

A idéia de que o amor romântico é um conceito culturalmente inventado e aprendido não elimina a concepção de afeto existente entre os seres humanos, como lembra Costa (2000):

Declarar que o conceito de amor foi criado no século 12 é diferente de acreditar que não existissem afetos e paixões até esse momento. O que se afirma é que a cultura de valorização do amor romântico, tal qual conhecemos hoje, ainda não tinha sido inventada. Até o século 12, época triunfal da escolástica, as paixões, reprovadas pela tradição eclesiástica, também não encontrariam espaço na moral matrimonial.<sup>120</sup>

A força que une os amantes, diante de todas as adversidades, é um dos princípios básicos do amor romântico e mais uma vez encontra raízes na história de *Romeu e Julieta*. É este o sentimento que Lázaro (1996) chama de “amor moderno”.

A peça de Shakespeare pode ser lida como a formulação do mito do amor. Ali as tensões entre indivíduo e papel social, escolha e obediência à regra, vontade e destino encontram uma expressão que adquire valor paradigmático para compreensão do que é amor moderno. Podemos tratar como mito a narrativa mágica que coloca em cena conflitos de tal ordem que a própria tradição reconhece neles uma origem. A origem do amor moderno não é, neste sentido, uma determinada circunstância social, um determinado conflito de forças economicamente identificadas, mas uma narrativa para a qual se volta constantemente nosso imaginário. É nesse sentido que podemos falar do mito do amor moderno, um modelo de conflito que ganha a dimensão de uma interrogação permanente do indivíduo sobre seus vínculos com o mundo. A indústria da cultura soube repetir exaustivamente este modelo, acrescentando-lhe, porém, o final feliz em contrapartida do arrebatamento trágico.<sup>121</sup>

De acordo com Lázaro, é através do crescimento da imprensa e da maior circulação de livros que o amor moderno se difunde pela Europa e Américas. E esse

---

<sup>119</sup> LÁZARO, André. **Amor do Mito ao Mercado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 80

<sup>120</sup> COSTA, Cristiane. **Eu compro esta mulher**: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 16

<sup>121</sup> LÁZARO, André. **Amor do Mito ao Mercado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 134 e 135

modelo traz premissas da sociedade burguesa do século XVIII, que constrói o ideal de casamento em que os esposos se amem como dois amantes.

O amor erotizado tende a ganhar valor positivo e a se estabelecer como o modelo do amor único. Mas esse modelo é restrito socialmente e só se difunde e populariza através da literatura romântica dos séculos XVIII e XIX. Aliás, amor e casamento é o tema privilegiado dessa literatura, onde se prescrevem modelos e dramatizam conflitos intermináveis que, no espaço da privacidade burguesa, fazem vibrar os amantes e seus leitores.

<sup>122</sup>

A revista *Panorama Editorial* traz em sua matéria “Com açúcar e com afeto, o livro predileto”, uma entrevista com a antropóloga Mirian Goldenberg, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a respeito das séries sentimentais lançadas no Brasil. Segundo ela:

esses livros fazem parte de um todo da socialização feminina que é voltada para fantasia, para o romance, para a irrealidade. [...] “O desejo do final feliz é uma expectativa universal, porque nós somos socializadas com contos de fadas, com romances, com novelas, que têm o ápice no final feliz. Aliás, o que é interessante é que ninguém quer saber o que acontece depois disso. Porque o final desses romances, na verdade, é o começo de algo, talvez não tão feliz. Porque é quando começam a vida juntos e o cotidiano de um casal, que forma uma família, tem coisas boas e coisas problemáticas sempre. Assim, esse gênero de romance dá a ilusão de que é possível paralisar naquele momento do ápice da relação, que é quando os dois se comprometem”<sup>123</sup>.

Ou seja, o amor romântico é tratado como um sentimento imutável, persistente, capaz de resistir a qualquer intempérie. O “felizes para sempre” tenta se fazer realmente eterno, no congelamento da imagem do casal unido e feliz ao fim das narrativas, sejam em livros de bancas, telenovelas ou filmes.

Nos romances sentimentais, há também um forte conteúdo de ascensão social. Os personagens principais invariavelmente terminam o romance em bom estado financeiro, no mais das vezes ricos mesmo. Se não o eram a início,

---

<sup>122</sup> LÁZARO, André. **Amor do Mito ao Mercado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 155 e 156

<sup>123</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**. Ano 2, nº 21, julho 2006. p. 24.

conquistam a posição ao longo da trama, seja pelo casamento com um herói/heroína rico (de preferência milionário), seja por incrível sorte ou competência nos negócios. Não por acaso, de todos os contos de fadas, o modelo de Cinderela é o mais repetido, não apenas nos textos aqui analisados, mas também em toda a cultura de massa<sup>124</sup>. Isso acontece por que, neste enredo, a ordem social não é respeitada. Como observa Costa (2000):

O primeiro mito de Cinderela é o da pobre menina rica. A gata borralheira não é uma garota qualquer. Cinderela nasceu em berço de ouro e, em seu sonho, espera o restabelecimento de sua situação original, a reintegração à sua classe de origem. Reintegração que [...] somente é possível quando, num passe de mágica, ela passa a ostentar todos os símbolos de status da nobreza: carruagem, vestido, jóias, sapatos. A paixão do príncipe é imediata. Mas seria, se conhecesse a bela metida em andrajos, com uma vassoura na mão?<sup>125</sup>

Nota-se que nas entrelinhas do conto de Cinderela, há a idéia de que basta incorporar símbolos de riqueza para trilhar o caminho até o topo da pirâmide social. São imagens repetidas também na publicidade. Nelas, é só usar a roupa da marca certa, o creme ideal para rejuvenescer a pele, o sabonete das atrizes, para tornar-se jovem, rica e poderosa – uma princesa. Quem vê esses anúncios, seja em TV, revista ou outras mídias, aceita como normais essas imagens, incorporando a idéia de que as aparências demonstram seu lugar na sociedade. Aí está um dos berços do consumismo que vigora atualmente nos países capitalistas, tema que não é o foco desta pesquisa, mas que permeia o imaginário com o qual os textos sentimentais trabalham. Sobre essa ideologia do consumo, Sodré (1983) diz:

A organização discursiva da indústria cultural está assentada na moderna economia de mercado, com sua vertical penetração em todas as esferas da vida do consumidor contemporâneo. A informação se apresenta como uma mercadoria e, como tal forma, pretende ser neutra, um serviço “público” politicamente isento ou então com a roupagem da democracia liberal. Os

---

<sup>124</sup> Aqui pode-se lembrar das novelas de televisão e filmes como *Uma linda mulher*, *Sabrina*, *My Fair Lady* e outras.

<sup>125</sup> COSTA, Cristiane. **Eu compro esta mulher**. romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 28

conteúdos informativos encontram na estrutura de mercado o seu principal modo de articulação – razão pela qual se busca discernir mercadologicamente o gosto do público, a fim de atingí-lo com a mercadoria informativa<sup>126</sup>.

O autor acredita que os antigos manuais de comunicação tinham menos pudores em explicitar as estratégias ideológicas da grande mídia. Ele cita o norte americano Bond, que nos anos 1950 ensinava técnicas de compensação do que chamava de “frustrações inevitáveis”. Entre elas, a frustração do impulso do amor:

A sexualidade frustrada deveria ser compensada com a exaltação do sonho romântico, mas complementada por relatos agressivos. Explica o autor que “muitas histórias de assassinatos, muitas histórias de interesse humano, mesmo alguns noticiários de óbito têm um forte conteúdo romântico e, à sua própria maneira, auxiliam os impulsos amorosos frustrados a serem compensados”<sup>127</sup>.

Segundo Bond (1962), os escritores populares (autores de *best sellers* ou profissionais da literatura de massa) conseguem êxito ao satisfazerem esses desejos bloqueados. A princípio, o caráter esquemático proposto me parece excessivo. No entanto, o aspecto de catarse dos textos é apontado por leitoras entrevistadas como um dos fatores de motivação da leitura, conforme será analisado mais adiante. Além disso, no caso dos romances sentimentais, há também o forte conteúdo sexual que muitas séries oferecem, e que podem, sim, trazer às leitoras uma espécie de compensação de frustrações reais ou mesmo um prazer erótico na leitura. As duas principais editoras mantêm séries que exploram cenas picantes, e não por acaso, se chamam *Sabrina Sensual*, na editora Nova Cultural, e *Desejo, Fuego e Sexy*, na Harlequin. Mesmo nas outras séries, cenas de sexo são constantes, muitas com descrições bastante detalhadas. O fato não passa despercebido entre pesquisadores dos textos sentimentais, como Lígia Dumont (1998):

---

<sup>126</sup> SODRÉ, M.. **A Verdade Seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. p. 80

<sup>127</sup> BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**. São Paulo, Agir, 1962. *Apud* SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. p. 81.



Não são as promessas de um romance cor-de-rosa, de sonhos pueris, de príncipes encantados que protegem para o resto da vida o motivo primeiro para escolher os romances de séries: isso foi posteriormente tratado com outras entrevistadas. É certo que esses componentes são também necessários e queridos, mas é principalmente o prazer de se estar ativando e exercitando a libido, proporcionado pelos jogos de sedução pormenorizadamente descritos, o grande motivador a escolha da leitura dessas mulheres. Agora sim, estava claro o elemento catalisador – e não secundário – que atua no processo de motivação da leitura de romances de séries dos sujeitos pesquisados. Sexo ainda é tido como uma questão muito íntima, às vezes pecaminosa, dentre os valores cultivados em comunidades sócio e culturalmente carentes. A prática da sexualidade da mulher é muito cerceada e a alternativa da leitura encontrada pelas entrevistadas é em princípio tida pela sociedade como importante: ainda não se questiona muito, nem foi bem divulgado – por que não interessa ser – este aspecto da leitura de romances de massa.<sup>128</sup>

Como observa a pesquisadora, os romances sentimentais trazem uma estratégia muito bem traçada, ao camuflar o erotismo com eufemismos. Assim, um “amor incontrolável” pode ser traduzido por “uma enorme vontade de fazer sexo”. Na comunidade *Adoro Romances*, vários tópicos comentam cenas mais picantes dos romances lidos, como “Frase mais *hot* que já li”, “Trecho 3 Hot”, “Trecho 3 Hot / 5 estrelas”<sup>129</sup>, além de outros mais explícitos como “Os bem dotados” e “Dedos mágicos”. Além de reproduzirem os trechos preferidos, as leitoras fazem observações sobre suas próprias reações ao texto:

A.P., em 28/02/2008 - Vixe...essa frase detonou com a minha imaginação...tá até saindo fumacinha!!!!!!!!!!!! Viu só vizinha...as meninas colocam essas frases e nem avisam que são prejudiciais ao nosso bom senso....assim não dá, depois a gente é que fica com a fama de depravadas, Lulu...mas essas frases que elas colocam...não dá para resistir, né?????? P....posta esse trequinho, posta?????????

L., em 28/02/2008 – J!!!!!!!!!!!!!! Amiga!!!!!! É que às vezes eu me empolgo.....kkkkkkkk<sup>130</sup> .....sabe como é isso né...eu sou uma

<sup>128</sup> DUMONT, Ligia. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257f. Tese. (Doutorado em Comunicação). UFRJ, Rio de Janeiro, 1998. p. 211.

<sup>129</sup> A palavra em inglês *hot* indica para as leitoras que o trecho é quente, picante. O número 3 indica tri, que no jargão da comunidade quer dizer bastante. E o 5 estrelas remete à classificação de hotelaria, no caso, padrão superior.

<sup>130</sup> Em linguagem de Internet, risos podem ser descritos como kkkk, rrsrs, hehehe..

ADORADORA DE HOMENS DELICIOSOS.....kkkkkkk...mas no fundo, no fundo, como eu já disse aqui, eu sou uma menina pura.....kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk. Pura safadeza.....rsrsrs. PS: Tô depravada mesmo.....rsrsrsrs.....mas é que esses homens mexem com meus nervos.....minha vizinha L. entende o que eu estou dizendo.....rsrsrsrs

A., em 28/02/2008 - "Parece que nunca vou conseguir penetrá-la na profundidade que quero, mulher - ele se justificou. - Vou cada vez mais fundo, mas não acho suficiente". Se ele quiser tentar ir mais fundo em mim eu não vou me incomodar!! <sup>131</sup>

Na comunidade, entre suas iguais, as leitoras incorporam personagens e assumem a sexualidade exaltada pelos textos eróticos dos romances. Não existe timidez ou repressão explícita. Há que se considerar que a pesquisa de Dumont enfocou leitoras de comunidades carentes, onde a ausência de opções culturais e mesmo recursos para investir em educação e lazer são patentes. Nesse caso, guarda bastante distância das leitoras descritas aqui e mesmo das entrevistadas, em sua maioria com acesso à Internet, curso médio ou superior e moradoras de grandes centros urbanos. Em termos culturais, o período de 10 anos que separa aquela pesquisa desta não faz muita diferença, a meu ver. Já naquela época, o sexo era material de uso diário em outras mídias, como televisão e revistas. Ainda assim, a leitura de textos com conotação erótica permanece um tabu. Na Internet, as leitoras podem exprimir suas fantasias sexuais, resguardadas pelo anonimato, mas nas entrevistas pessoais, a questão do sexo foi colocada em segundo plano, só sendo explicitada quanto colocada em pauta com certa insistência e ainda assim, apontada como item menos importante do que o romantismo das séries.

Acho que [o sexo] ainda é abordado com conseqüência de um sentimento, por mais que seja colocado de forma mais aberta, de uma atração, nunca é desvinculado de um sentimento. [...] Não vou dizer que é uma coisa que eu escolha por saber que vai ser assim, mas não me incomoda, porque não li nenhuma história até hoje que fosse para o lado de ser apelativa, de não fazer sentido, então sempre que as descrições são de uma forma mais

---

<sup>131</sup> ORKUT, Comunidade Adoro Romances. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=2435868913563998519&kw=trecho+mais+hot>>. Tópico Trecho mais Hot que Já Li, Acessado em 10/03/2008.

pormenorizada, o fato de estarem dentro da história, e não usar isso como um chamariz, faz a diferença.<sup>132</sup>

É um estímulo a mais, mas não que seja o ponto central da história. É uma parte legal de ler. Eu não leio livro brasileiro, porque é muito aquela coisa de pegar, de sexo por sexo. Nos romances, por mais picante que seja, sempre o cara está totalmente envolvido com a moça, ele se despede pensando nela. Isso que as mulheres sonham.<sup>133</sup>

Para essas leitoras, apesar do conteúdo erótico ser descrito como “legal” e “interessante”, não é apontado como motivo principal da escolha do repertório. Entretanto, em conversas informais, após as entrevistas, leitoras fizeram brincadeiras comentando como os livros são “estimulantes” e que “aquecem não apenas o coração, mas também o corpo”. Virginia Rivera, gerente de marketing da Harlequin, confirma. “As brasileiras gostam muito de livros com cenas mais picantes, mas sempre dentro de um contexto de romance”<sup>134</sup>. Ou seja, querem uma literatura erótica, mas não pornográfica.

Por isso, a leitora R.O. critica a forma como o sexo é tratado em alguns romances:

Há casos em que a história ficou esquecida em algum lugar externo ao livro (o exemplo mais drástico disso que eu citei no livro foi *O Soberano Poderoso*). Há casos em que ele (o sexo) é usado como um instrumento de dominação/submissão (as histórias da Diana Palmer, onde os personagens sempre precisam superar um trauma, pessoal ou do parceiro para serem felizes). Há casos em que é instrumento de punição/redenção (Lynne Graham, a criadora das virgens mártires mais desinformadas do planeta). Claro, há os casos onde ele é parte de um contexto de um relacionamento que se tornará uma história de amor, mas passa por diferentes estágios até alcançar este nível. Ouvi falar uma vez que algumas cenas eram cortadas porque as leitoras brasileiras não gostavam de cenas picantes. Absurdo. O sexo também é uma forma de avaliar como os tempos mudaram e isso foi retratado nos romances. Quem ler algo escrito na década de 70 e início dos anos 80, vai perceber que a mocinha tinha a necessidade de se manter

---

<sup>132</sup> C.P.A. Entrevista 2.

<sup>133</sup> S.A.O. Entrevista 1.

<sup>134</sup> Virginia Rivera, em entrevista para a tese. Como será citada várias vezes, estaremos referenciando esta entrevista apenas agora. Entenda-se nas próximas citações que se trata da mesma entrevista, reproduzida na íntegra nos Apêndices.

pura. E as cenas eram insinuadas. Atualmente, tem algumas descrições que exageram na dose. Há quem confunda 'hot' ou aquela pimentinha da capa com mau gosto mesmo. Há quem sabe temperar bem a mistura e as leitoras agradecem!<sup>135</sup>

A relação por vezes problemática do público com a sensualidade foi abordada pela editora da área de romances da Nova Cultural, Leonice Pomponio<sup>136</sup>. Segundo ela, capas com imagens muito sensuais e mesmo títulos de livros ou séries que lembrem muito o erotismo (como a série *Sabrina Sensual*) vendem menos, devido a uma situação cultural. A leitora compra seus livros muitas vezes na mesma banca, normalmente conhece o jornaleiro, e se preocupa com o que ele vai pensar sobre ela. Numa preciosa analogia, Pomponio diz que “é como ir à farmácia, comprar preservativo”. Assim, ela compara o desejo e ao mesmo tempo o pudor de comprar títulos que nitidamente explicitem um conteúdo mais sensual aos dilemas de quem vai comprar camisinhas no comércio. Uma vez que a própria editora sustenta que os romances que publica são para puro entretenimento, prazer inteiramente descompromissado, lazer confortável, seria uma espécie de "sexo casual", leitura-que-não-faz-pensar em paralelo com relação-de-intimidade-corporal-sem-compromisso.

A dona de casa L.A. diz adorar as cenas mais picantes, que a relembram de suas “picâncias” dos tempos de casada. Ao mesmo tempo, critica duramente a relação casual que as personagens têm com o sexo, afirmando que a leitura poderia influenciar as leitoras mais jovens para uma visão de relacionamento que a seu ver seria danosa:

A afetividade entra muito pouco (nos livros). Depois de um tanto eles dão uma melhoradinha mas, digamos assim, são livros escritos para as meninas novas de hoje, não pra senhoras do meu tempo. Porque essas meninas novas encaram o sexo assim. Olhou, gostou, ficou e já foi pro

---

<sup>135</sup> R.O. entrevista 10

<sup>136</sup> Leonice Pomponio concedeu extensa entrevista à autora para esta pesquisa e será citada diversas vezes. Para facilitar a leitura da tese, usaremos referência para a entrevista apenas em sua primeira aparição, sendo que nas outras citações fica implícito que se trata da mesma entrevista, reproduzida na íntegra nos Apêndices.

motel. Mas na minha opinião um relacionamento não é por aí. Então isso, às vezes, me choca um pouco de que isso só incentive mais essa banalização que está no mundo. (...) Aí eles (os livros) praticamente descrevem o ato sexual do começo ao fim, nos mínimos detalhes. Coisa que naquele tempo, meu Deus do céu, jamais. Então, eu entendo que acompanharam o que está aí, mas eu acho que um livro deve ser feito para enriquecer o espírito. E o que enriquece o espírito não é exatamente retratar como certo, comum e maravilhoso o que está acontecendo no mundo. Porque se fosse bom, este mundo não estaria como está.<sup>137</sup>

Como recomendação, L.A. sugere que os pais monitorem a leitura dos filhos, como ela mesma diz ter feito com sua filha C., também leitora de romances sentimentais. Ou que os romances das séries viessem com um aviso de “não recomendado para menores”. O que, diante do público visado pelas editoras, com certeza, não seria aprovado, até pelos comparativos com as cenas eróticas disponíveis livremente em outras mídias.

Já a leitora M.E.L. usa o livro como uma forma de apimentar a vida conjugal, aparentemente substituindo o termo sexo por carinho.

De repente você termina de ler um romance carinhoso e você tem aquele carinho com o teu esposo. [...] Às vezes você quer fazer um carinho, um tipo de vida meio parecido com aquele romance. Então às vezes você muda no sentido de ficar pensando, puxa vida, eu faço isso, mas eu poderia fazer aquilo do livro. Então às vezes você cria uma situação romântica.<sup>138</sup>

Nesse caso, a leitura dos romances se torna um estímulo para mudanças na vida das leitoras, que afetam inclusive sua relação com o parceiro. Este, segundo ela, aprova a prática e participa da realização da fantasia da esposa. Dessa forma, mais do que fazer da leitura apenas o caminho do sonho, da fantasia, as leitoras interagem com os textos, envolvem-se e muitas vezes buscam estabelecer relações entre as suas experiências pessoais e as formulações ficcionais.

Esse é uma das formas de uso que as leitoras encontram para os romances sentimentais. Muitas delas não têm vergonha de dizer que a leitura é uma

---

<sup>137</sup> L.A., entrevista 3

<sup>138</sup> M.E.L. Entrevista 18.

fuga do cotidiano, uma forma de viver nos livros um romantismo que não encontram em sua vida. Seria mais prudente perguntar o porquê da necessidade de fuga, da necessidade da fantasia, do que condenar a fantasia em si. É mais lógico que esse desejo gere a oferta dos romances sentimentais, do que o contrário. Assim, pode-se dizer que tira-se o poder absoluto do produtor, ganhando espaço os desejos do consumidor, alterando aparentemente a lógica capitalista no caso desses livros, encarados tanto pelos editores quanto pelas leitoras como um bem de consumo.

## 4 NOVA CULTURAL E HARLEQUIN: EDITORAS E EDIÇÃO DE ROMANCES SENTIMENTAIS NO BRASIL

A literatura sentimental é um produto que se vende por si mesmo. Compra quem já conhece, sabendo que o próximo exemplar trará exatamente as mesmas características do anterior. Mas como se dá esse fenômeno que é o sonho comercial de toda editora? Primeiramente, é preciso conhecer as editoras com maior visibilidade no mercado nacional – Nova Cultural e Harlequin Books – e, depois, buscar entender como elas elaboraram suas estratégias de vendas e a escolha dos textos para suas leitoras. Foi tomado por base o exemplo da Nova Cultural, cuja editora da área de Romances, Leonice Pomponio, e cuja gerente de marketing, Cristiane de Mutüs, concederam entrevistas para esta pesquisa, durante uma visita feita à sede da editora, em São Paulo, em março de 2008. Já gerente de marketing da Harlequin, Virginia Rivera, respondeu em outubro de 2007 a um questionário via Internet, mas de forma bastante sucinta. Nesse caso, nem todas as perguntas foram contempladas. Foi feita por e-mail uma solicitação de contato pessoal, com visita à editora, que não obteve resposta. Devido a dificuldades para a ida ao Rio de Janeiro e a efetiva visita à editora, em função de tempo e questões pessoais, a idéia foi abandonada. Até porque as entrevistas com as executivas da Nova Cultural geraram um material amplo para pesquisa.

### 4.1. NOVA CULTURAL, A LÍDER NO PAÍS

Os romances da série *Sabrina* foram lançados no Brasil em 1978 pela editora Nova Cultural, até hoje líder de mercado nesse segmento literário com uma tiragem mensal de aproximadamente 240 mil exemplares, somando-se todas as

séries publicadas. As séries tiveram seu *boom* de vendas no Brasil na década de 80, e sobrevivem em edições semanais nas bancas de revistas, podendo ser adquiridas também por assinaturas. Em 1979, foi lançada a série *Julia*; em 1980, a série *Bianca*; em 1981, a *Barbara Cartland*; em 1985, *Momentos Íntimos*. *Clássicos Históricos* chegou em meados dos anos 90. Dessas, apenas *Clássicos Históricos* e *Barbara Cartland* tinham enredos ambientados em séculos passados. Em março de 2008 a série *Sabrina* alcançava seu título de nº 1.525 – ou seja, como é uma edição semanal, é o exemplar da 1.525ª semana, uma marca espantosa. Hoje, *Sabrina* e *Julia* são sinônimos de romances sentimentais no Brasil.

Pode não parecer, para quem ouve falar de *Sabrina* há 30 anos, mas o cenário comercial das séries muda periodicamente. De 2002 para cá, diversas séries passaram por transformações significativas, adotando enredos de época (*Julia* e *Bianca*). Também foram criadas novas séries e outras foram tiradas de circulação, caso de *Barbara Cartland* e *Momentos Íntimos*. Eram 10 séries da editora em 2002, hoje são sete. Ainda assim, atualmente, a leitora da Nova Cultural tem à disposição 16 romances diferentes a cada mês (um a cada dois dias, como frisou uma publicidade encartada em romances). As séries disponíveis em março de 2008 eram as seguintes, com as respectivas descrições disponíveis no site da editora, incluindo número de páginas e preços de capas:

\* Bestseller – Romances consagrados – Romances instigantes escritos por escritoras renomadas, com tramas envolventes. Emoção do começo ao fim do livro”. 320 páginas, Mensal. R\$ 10,50.

\* Bianca – Tramas cheias de romance, suspense e magia levam você para lugares além da imaginação! Prepare seu coração. E atenção: a partir da edição 863, a série Bianca terá 224 páginas, muito mais emoção para você! 127 páginas, Mensal. R\$ 5,90. A partir da edição 863, terá 224, mensal, R\$ 8,90.

\* Clássicos Históricos – Romances do século XIX – Muita cultura e lazer nas páginas de romances históricos inesquecíveis. Conheça lugares e costumes de uma época de puro romantismo. Histórias que se passam no século XIX (1801-1900). 224 páginas, Quinzenal. R\$ 8,90.



\* Clássicos Históricos Especial – Romances até o século XVIII - Homens corajosos, damas audaciosas, perigos e aventuras vão conquistar você! 320 páginas de magia e romance! Histórias que se passam até o século XVIII (1800). 320 páginas – Quinzenal. R\$ 10,50

\* Julia Históricos - Príncipes, piratas, castelos, damas misteriosas... Perigo, emoção e muito romance vão transportar você ao passado e a lugares inimagináveis. 160 páginas – Semanal. R\$ 6,90.

\* Sabrina – Romances Preciosos - A magia do amor presente na vida moderna. Conheça os sentimentos, sonhos e dúvidas de mulheres como você! 128 páginas – Semanal R\$ 5,90.

\* Sabrina Sensual - Romances intensos, repletos de paixão e desejo. Prepare-se! Você viverá intensas emoções até a última página. 192 páginas – Mensal. R\$ 8,50<sup>139</sup>

Além dessas, o site da editora informou em março de 2008 que lançaria ainda no primeiro semestre do ano uma nova série “histórica”, chamada *Isabella*, composta exclusivamente de sagas – histórias de personagens interligados por laços de sangue ou amizade. Pomponio informou, entretanto, que o projeto foi abandonado por ter textos muito semelhantes aos da série *Clássicos Históricos* e pela dificuldade de obter originais de sagas na seqüência correta de publicação.

Até o ano 2002, as traduções da Nova Cultural eram feitas a partir de publicações originais em inglês da canadense Harlequin Books, acordo comercial que foi encerrado no final daquele ano, quando a Nova Cultural passou a publicar textos da Kensington Publishing Corp, de Nova York, Estados Unidos. O modelo dos enredos, segundo as leitoras, seria diferente do adotado pela Harlequin Books. E, ao que parece, não agradou muito, motivando várias críticas das leitoras nos fóruns de discussão na Internet. A então responsável pelo Marketing da Nova Cultural, Daniella Tucci, abriu um tópico na comunidade virtual *Adoro Romances*, dia 5 de agosto de 2005, questionando as leitoras sobre o que pensavam e queriam dos romances, e recebeu uma enxurrada de reclamações. Algumas delas estão reproduzidas a seguir:

---

<sup>139</sup> NOVA CULTURAL. Disponível em <<http://www.romances.com.br>>. Acesso em 20/03/2008.

Que bom que alguém se importa . Muito obrigada Daniela pelo interesse... eu e como vc pode constatar outras inúmeras leitoras estão insatisfeitas com os novos livros de romance... digo que os clássicos históricos estão ruins, parece que a pessoa que faz o enredo não se preocupa muito com os fatos históricos.. eu encaminhei um e-mail... já tinha reclamado para a editora Leonice Pomponio que pediu fatos mais concretos sobre minha insatisfação... porém ela não se pronunciou mais após minha resposta. Espero que vc possa ajudar refazer a imagem dos livros de romance da Nova Cultural.

As histórias estão mais fracas, algumas não prendem a atenção, para quem é viciada nesses livros e que não consegue deixar de ler até ver o livro terminar pode ter certeza que quando deixa um livro pela metade para terminar no dia seguinte é porque o livro é chato mesmo. Como as outras meninas disseram, também acho que as capas não têm a mesma qualidade das antigas. Eu faço coleção de clássicos históricos então imagine como ficou? As capas antigas todas coloridas e agora os livros são menores amarelos na lateral, nem parece que é a mesma coleção !!! Por favor pesquisem mais as autoras, já que a Harlequin não faz mais parte da Nova Cultural, a maioria dessas novas autoras não está agradando. Um abraço.

Eu leio estes romances desde o início e os adoro, o problema é que vocês trocaram uma editora excelente (Harlequin) por uma outra que sinto muito dizer é uma porcaria (Kensington), são raras as histórias que prestam, eu tinha assinatura e cancelei todas, a maioria dos livros são intragáveis. Eu lembro que na época da mudança vocês começaram a anunciar que viriam novas séries e autoras e eu imaginava que seriam da Harlequin, eu até mandei um e-mail perguntando e falaram que era surpresa, eu quase tive um colapso ao ver a 'surpresa' que tinham armado, quando eu escrevi reclamando (várias vezes) a resposta foi que eles tinham feito uma 'pesquisa' com as leitoras e por isso a mudança. Eu fiquei indignada! Por que eles não foram sinceros e falaram que tinham perdido os direitos da Harlequin? Eu achei um absurdo e simplesmente parei de comprar. Ainda bem que a Harlequin voltou ao mercado brasileiro trazendo de volta nossos livros tão amados, porque, infelizmente, os da Nova Cultural, com raras exceções, estão horríveis. Tem uma autora que escreve para a Harlequin e que também escreve para a Kensington, Beverly Barton, que vocês podiam publicar pois as histórias dela sempre são muito bonitas. Para a Nova Cultural voltar a ser o que era e ter o prestígio que tinha só voltando a ser parceira da Harlequin novamente, ou achar uma outra editora que chegue pelo menos aos pés dela, senão lamento dizer, estará fadada a ir para o buraco.<sup>140</sup>

---

<sup>140</sup> ORKUT, Comunidade Adoro Romances. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=390082>>, no tópico "Sou da Nova Cultural quero saber sua opinião". Acesso em 15/09/2005

Devido às queixas, a Nova Cultural passou a diversificar seus fornecedores de originais, publicando outras editoras, como a St. Martin's Press e a Harper Collins, além da Kensington, conforme explicou Pomponio. Ela própria admite que os textos tinham má qualidade.

A Kensington publica autores que estão começando no mercado editorial agora. Tem alguns autores que já são bons. Nós fizemos Hannah Howell, Jo Goodman. Eles têm alguns autores bons. Mas na maioria são autores que estão começando. Então as histórias são meio fraquinhas. E a gente percebeu isso, então abrimos o leque para outras [editoras].

Assim, a Nova Cultural foi buscar parceiros de peso para fazer frente à Harlequin. A St. Martin's Press integra o grupo Macmillan, sendo, segundo seu site, um dos sete maiores selos editoriais dos Estados Unidos:

Founded in 1952 by Macmillan in London, St. Martin's Press was for many years primarily a distributor of Macmillan books. However, particularly during the last 30 years, St. Martin's grew rapidly as a publisher in its own right, finally becoming one of the seven largest publishers in America. Some of SMP's most successful authors include: James Herriot, Rosamunde Pilcher, Dan Brown, Thomas Harris, Stephen Coonts, and Janet Evanovich. From their home in the Flatiron Building in New York, St. Martin's publishes books under five imprints: St. Martin's Press, Griffin, Minotaur, Thomas Dunne Books, and Truman Talley Books.<sup>141</sup>

Já a Kensington, segundo sua própria página na Internet informa, seria a última editora "independente" de fôlego no mercado norte americano:

Kensington Publishing Corp. is the last remaining independent U.S. publisher of hardcover, trade and mass market paperback books. 2006 marks our 32nd year in business. From the time our very first book (*Appointment in Dallas* by Hugh McDonald), became a bestseller, Kensington has been known as an astute and determined David-vs.-Goliath publisher of titles in the full spectrum of categories, from fiction and romance to health and nonfiction<sup>142</sup>.

Nada disso, entretanto, garantiu alguma mudança substancial nos textos publicados. Segundo Pomponio, não existe uma diferença de estilo ou de conteúdo

<sup>141</sup> MACMILLAN. Disponível em <<http://us.macmillan.com>> . Acesso em 20/07/08.

<sup>142</sup> KENSINGTON. Disponível em <[www.kensingtonbooks.com.br](http://www.kensingtonbooks.com.br)> . Acesso em 20/07/08.

entre os textos das diferentes editoras, mas sim de autor para autor. A trama, diz, “é tudo a mesma coisa”. E completa: “Tanto faz você pegar um Kensington, um Harper, um Harlequin [...] é o mesmo ‘jeitão’, aquele romance com casal central e só, o que muda um pouco a trama é o autor”. Impossível ouvir essa frase e não se questionar: a que autoria ela está se referindo?

#### 4.1.1. Sobre a questão da autoria

Na percepção das leitoras, o autor é um dos fatores mais importantes na escolha dos romances sentimentais. O quesito, numa escala de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante, recebeu na maioria respostas de 3 a 5.

Atualmente a Harlequin tem escritoras que já são conhecidas e que chamo de seguras, você sabe o que esperar da Penny Jordan, Lynne Graham, Diana Palmer, Nora Roberts etc. Isto garante que eu compre mais livros da Harlequin.<sup>143</sup>

Eu não vou muito pela editora, vou pela autora.<sup>144</sup>

Gosto muito de Clássicos Históricos em geral e dos livros da Nora Roberts, Deborah Simmons, Linda Howard, Nina Beaumont, e outros.<sup>145</sup>

Não deixa de ser curioso, uma vez que o texto passa pela mão de diversas pessoas – tradutores, copydesks, editores –, é adaptado conforme os objetivos comerciais da editora, num sistema de produção que será apresentado ainda neste capítulo. Dessa forma, como eu já mencionei, pode-se falar no caso dos exemplares publicados no Brasil, na autoria da trama, não da obra, e ainda assim se não for levado em conta que as narrativas repetem modelos ou *plots* já estabelecidos. Mesmo com as leitoras cientes de que esses livros são escritos segundo esquemas

---

<sup>143</sup> M. Entrevista 21.

<sup>144</sup> S.A.O. Entrevista 1

<sup>145</sup> M. Entrevista 24

bastante repetitivos, ainda assim a autoria emerge como um valor central, como que a emular a noção de valor estético da obra de arte, tal como construída e rearticulada em nossa sociedade desde os princípios da modernidade no Ocidente, e em especial nos últimos 250 anos. Nesse sentido, enquanto no campo da arte a noção de autoria é questionada ou até considerada extinta, por exemplo, em termos barthesianos, no caso das leitoras dos romances sentimentais a “autora” segue firme e forte como fonte de valor, ou em outras palavras, de autoridade estética. Por essa ótica, parece perfeitamente adequado que uma das entrevistadas tenha mencionado que além das séries sentimentais, também apreciava obras de autores como José de Alencar e que depois deles passou aos romances sentimentais.

Eu nasci romântica, eu já tinha lido e gostado muito de *O Guarani* e de *Iracema*, que são dois romances bem melosos até certo ponto, e quando eu peguei aquele livrinho com aquela historinha de duas pessoas que se apaixonavam e terminavam juntas, num final feliz, eu me deleitei. Era uma *Sabrina*, não lembro nem a história nem o título, só me lembro que era *Sabrina* o primeiro que eu li.<sup>146</sup>

A noção de autoria das leitoras é baseada em especial em critérios de enredo, conforme observado através das discussões travadas pelas leitoras no fórum da comunidade *Adoro Romances*, em blogs e também nas respostas de algumas leitoras. Elas entendem que a autora “escreve bem” na medida em que produz enredos interessantes, que prendam a atenção, com direito a reviravoltas e conflitos bem inseridos no contexto. Também avaliam diálogos – uma vez que a dinâmica dos textos faz com que eles sejam primordiais – e a coerência histórica, quando nos romances de época. Elas comentam sobre as autoras:

Da Anne Mather, da Robin Donald, da Daniele Steel, que eu sei que gosto bastante, se eu vejo um livro delas, eu vou e pego, porque sei que são boas escritoras, que as histórias geralmente são legais.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> C.P.A. Entrevista 3

<sup>147</sup> T.A.S, Entrevista 14

[Lindsay Sands] é uma das minhas autoras prediletas! Ela escreve super bem... seus textos são leves, engraçados... mas profundamente românticos! Ah, e p/ quem gosta de sobrenatural... ela tem algumas séries no exterior desse tipo!<sup>148</sup>

Amo esta Autora! Os livrinhos são todos muito bem escritos, com um maravilhoso senso de humor!!!<sup>149</sup>

No Blog *Mulheres Românticas*, que é assinado por três leitoras de Aracaju, há uma descrição um pouco mais detalhada do que elas consideram uma boa autora:

Anne Marie Winston é uma autora que sempre recomendo. Gosto dos livros dela. São sensuais, sexies...com personagens fortes e sempre há uma carga dramática neles, outro ponto em comum nos livros dela é que sempre alguém morre e essa morte acaba sendo o catalisador do envolvimento (ou reconciliação) do casal principal.<sup>150</sup>

Na hora de falar sobre o assunto, algumas entrevistadas usam termos bem mais vagos e passionais:

[Gosto de] Todos da Nora Roberts, Diana Palmer e Linda Howard por que elas são maravilhosas.<sup>151</sup>

Essa paixão pelas autoras vai ao encontro do que diz Gramsci, citado por Ecléa Bosi (1973).

Os leitores de folhetins (aqui diríamos fotonovelas) [ou romances sentimentais] se apaixonam pelos autores com uma sinceridade muito

---

<sup>148</sup> ORKUT, Comunidade Adoro Romances. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=390082>>. Acesso em 15/07/2008, no fórum de debates no tópico "Lindsay Sands – autora, livros e comentários", postado por L. .

<sup>149</sup> ORKUT, Comunidade Adoro Romances. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=390082>>. Acesso em 15/07/2007, no fórum de debates no tópico "Tori Phillips", postado por A.

<sup>150</sup> BLOG MULHERES ROMÂNTICAS. Disponível em <http://www.mulheresromanticas.blogspot.com>. Acesso em 15/07/2008. A apresentação do site traz o seguinte resumo: "Um blog para contar as aventuras e desventuras de três viciadas em romances". Elas postam sobre livros que indicam, fazem comentários de leitura, também comentam sobre capas e mostram fotos de visitas a sebos, fazem listas dos melhores livros e convidam para encontros de leitoras.

<sup>151</sup> S. Entrevista 36

maior e com um interesse muito mais vivo do que nos chamados círculos cultos as pessoas se interessam pelas obras eruditas.<sup>152</sup>

Talvez isso aconteça por um maior distanciamento que os leitores da chamada literatura culta tenham em relação às obras, mas é bom lembrar também um episódio recente em que o autor de um *best seller* autobiográfico se revelou um pseudônimo, com sexo e história de vida diferentes dos descritos quando do lançamento do livro, e que esse fato causou repercussão na mídia e mudou a expectativa relação a como sua obra era encarada, de literatura considerada “alternativa” e “contestadora” para apenas mais uma obra no mercado. Isso porque toda a mídia em torno da obra foi calcada na “figura marginal” do suposto autor<sup>153</sup>.

Mas se nos romances sentimentais o texto é retalhado e remoldado na tradução, parece lógico supor que passe também por muitas mãos em sua língua original. Com pseudônimos diferentes, as mesmas autoras escrevem para mais de uma editora e mais de uma coleção (históricos ou contemporâneos). Daí uma questão surge: não seriam as autoras, em alguns casos, também personagens ficcionais? A quem, então, as leitoras “amam”?

Na dissertação *Das bancas ao coração*, um dos tópicos analisados em relação aos romances sentimentais foi a apresentação da autora nas contracapas ou nas últimas páginas dos livros. Essas “mini-biografias” são feitas em cinco ou seis linhas, e são notadamente ficcionais, evocando, de um lado, uma atmosfera cotidiana de harmonia familiar. De outro, a possibilidade de que essas mulheres escritoras têm sucesso fazendo o que gostam, sem sair de suas casas ou cidades (normalmente elas moram em lugares desconhecidos, nunca em grandes centros como Nova York). A menção a prêmios recebidos reforça a legitimidade da leitura e da escritura. Os prêmios, indicados por associações pouco conhecidas no Brasil

---

<sup>152</sup> BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 74.

<sup>153</sup> O episódio que envolveu o autor J.T. Leroy foi notícia em jornais e revistas de ampla circulação, em 2006. Ele se dizia um jovem garoto de programa de 25 anos, mas na verdade era uma mulher, Laura Albert, de 40 anos. A notícia completa sobre o caso, publicada pela Agência Estado, pode ser acessada no link <<http://www.achanoticias.com.br/noticia.kmf?noticia=4241657>>.

(talvez no mundo), podem dar à leitora a sensação de estar lendo obras com apuro técnico, escritas por autoras consagradas e respeitadas internacionalmente.

A autora de *À moda antiga*, Susan Fox, é apresentada à leitora da seguinte maneira:

Susan Fox ganhou dois prêmios Romance Writers of America Golden Heart no início de sua carreira. Sempre foi fã de westerns e cowboys, sempre pensa em heróis românticos usando Stetsons e botas e, em suas palavras 'espero nunca escrever uma história sem um homem do Oeste'. Os leitores ficarão felizes em saber que ela planeja escrever muitos livros no futuro. Susan vive com o filho mais novo, Patrick, em Des Moines, Iowa. <sup>154</sup>

Em obras mais recentes, a Nova Cultural tem utilizado o selo Best Seller do The News York Times para indicar, segundo ela, as autoras consagradas da lista do "famoso jornal" dos Estados Unidos como campeãs de vendas, conforme explica na primeira página dos livros. A Harlequin também publica as apresentações das autoras na quarta capa e um selo de *best seller*.

Nas biografias, às vezes não há menção ao estado civil da autora, o que para a leitora pode ser importante. Uma autora divorciada ou viúva pode gerar tanto identificação com as leitoras quanto a sensação de que, mesmo sabendo muito sobre histórias de amor, a escritora não soube trazê-las para dentro de sua vida. No caso dos outros textos, elas são apresentadas como casadas e vivendo em harmonia com seus maridos e filhos.

Na apresentação da autora do livro *Um homem mais velho*, a imagem de felicidade conjugal é ainda mais reforçada:

Phyllis Halldorson encontrou seu verdadeiro Príncipe Encantado aos dezesseis anos. Casou-se com ele no ano seguinte e, assim, constituíram uma família. Sendo uma leitora compulsiva ao longo de muitos anos, Phyllis sonhava com o dia em que poderia escrever suas próprias histórias. Essa oportunidade chegou quando os dois filhos de Phyllis chegaram à adolescência. Ao escrever seu primeiro romance, ela compreendeu que tinha encontrado sua grande vocação, tão longamente negada. Afinal,

---

<sup>154</sup> Fox, Susan. *À moda antiga*. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina Noivas, 109).



como poderia não escrever romances, depois de ter conhecido seu verdadeiro herói, tão bem descrito nas obras da Silhouette.<sup>155</sup>

Percebe-se que a escritora passou a escrever já na meia-idade, o que pode trazer para as leitoras dessa faixa etária a sensação de que o sucesso não está restrito à juventude, bem como a realização dos sonhos. Em contraponto, há narrativas sobre autoras que revelaram sua vocação na infância:

Lori Handeland tinha dez anos quando decidiu que seria escritora. A necessidade de trabalhar obrigou-a a adiar alguns anos a realização de seu sonho de infância, mas desde que conseguiu publicar seu primeiro romance, ela escreve histórias que variam entre gêneros contemporâneo, histórico e mistério. Lori já recebeu inúmeros prêmios por seus livros.<sup>156</sup>

LuAnn McLane sempre gostou de ler e escrever, e era a primeira aluna da classe em Redação. Ela trabalhou como jornalista antes de começar a escrever ficção, e hoje é uma conceituada autora de romances contemporâneos. Seus livros são altamente elogiados pela crítica e são sucesso de vendas no mundo inteiro.<sup>157</sup>

A autora de *Segredos do Amor*, Teresa Southwick, tem a biografia ainda mais romanceada:

Teresa Southwick é uma californiana nativa que se mudou para o Texas recentemente. Casada há 25 anos, tem dois filhos lindos e é cercada por heróis. Ler sempre foi a sua paixão, desde garotinha. Ela não poderia ter ficado mais feliz quando seu sonho de escrever em tempo integral se tornou realidade. Suas coisas favoritas incluem: segurar um bebê, fragrância de jasmim, andar na praia, o barulho da chuva no telhado e, acima de tudo, finais felizes. Teresa também escreve romances históricos.<sup>158</sup>

Ao invés de dados sobre sua profissão, a autora é apresentada quase como uma “miss” de concurso de beleza. O que se pode concluir é que as próprias autoras são apresentadas como personagens de um mundo ficcional de romancistas

<sup>155</sup> HALLDORSON, Phyllis. **Um homem mais velho**. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia, 1161).

<sup>156</sup> HANDELAND, Lori. **Quando a lua surgir**. São Paulo: Nova Cultural, 2008. (Bianca, 858).

<sup>157</sup> MCLANE, LuAnn. **Loucuras da paixão**. São Paulo: Nova Cultural, 2008. (Sabrina, 1525)

<sup>158</sup> SOUTHWICK, Teresa. **Segredos de amor**. São Paulo: Nova Cultural, 2001 \*(Sabrina Noivas, 126).

felizes, amadas e amantes, bem-sucedidas e reconhecidas profissionalmente. Ou seja, características também encontradas (e/ou desejadas) nas personagens dos romances sentimentais e buscadas pelas leitoras.

Para a leitora L.A., as autoras escrevem sobre algo que dominam. Ela vê as autoras como pessoas reais, tão românticas quanto seus livros, e não como profissionais que escrevem textos segundo um formato pré-estabelecido pela editora. Na ingênua opinião da leitora, elas trariam algo de si para a obra:

Mas [os romances] ainda me fazem ver que existem pessoas que sentem, porque o escritor sente o que escreve na minha opinião. Ele não escreve pelo simples ganhar o dinheiro ou vender livros, não. Existe algum sentimento nessa pessoa, nem que seja um desejo não realizado. E ele põe ali no papel. O escritor, ou geralmente, são escritoras. Colocam aquelas situações românticas com aqueles homens maravilhosos, aqueles amores assim instantâneos, arrebatadores.<sup>159</sup>

Em muitos aspectos, a impressão que se tem pelas biografias é que as autoras são pessoas comuns, daquelas que podemos ter pela vizinhança. Elas têm suas famílias (unidas e perfeitas), gostam de animais, vivem em pequenas cidades. Ou seja, elas têm uma referência na vida real que gera empatia com as leitoras. Conhecer as autoras através das apresentações representa para as leitoras uma aproximação e uma forma mais íntima de contato com o texto. A leitora E.A.S.<sup>160</sup> disse que a apresentação da autora “é interessante, porque geralmente elas começam a escrever por hobby, às vezes como um escape, e são pessoas simples, moram com a família, às vezes até em lugares isolados. É uma coisa meio sonhadora...”. Em outro comentário, ela disse acreditar que a apresentação é verdadeira em suas informações, apesar de ser um pouco romanceada. Ela conta um outro fato que, no entender da leitora, reforça a veracidade das informações: “na semana passada, eu li uma e a menina [a autora] dava até o endereço para corresponder com ela”. Encontrei uma apresentação que se encaixa nesse padrão,

---

<sup>159</sup> L.A., Entrevista 7 .

<sup>160</sup> E.A.S., Entrevista 15

e que reúne quase todos os lugares-comuns das biografias das autoras dos romances sentimentais. É a de Myrna Mackenzie – nas referências bibliográficas identificada como Myrna Topol - do romance *Pretendente perfeito*, da série *Bianca*:

Myrna Mackenzie, vencedora do Holt Medallion, um prêmio para destacados talentos literários, sempre foi fascinada pela crença de que existe um herói e uma heroína respectivamente dentro de todo homem e toda mulher. Adora escrever sobre pessoas comuns que realizam sonhos extraordinários. Ex-professora, Myrna vive nas redondezas de Chicago com o marido – seu namorado do tempo de escola – e dois filhos. Myrna gosta de tudo que se relaciona ao amor, riso, música, férias nas montanhas, observar as estrelas, tudo o que não esteja ligado ao dia-a-dia frio e impessoal. As leitoras podem escrever para Myrna para PO. Box 225, LaGrange, IL. 60525-0225.<sup>161</sup>

Não há dúvida de que o endereço ao fim da apresentação é um forte componente para dar credibilidade à biografia. Porém, basta observar os outros elementos, a vida idílica relatada, para perceber o aspecto visivelmente ficcional do texto e da personagem que ele apresenta. A leitora B.M.M. diz que a apresentação da autora “não passa bem a realidade, não, mas não deixa de acrescentar alguma coisa. Você acha bonito o fato de uma pessoa morar num lugar como aquele, ter uma família tão perfeita como aquela, com até cachorro”<sup>162</sup>. Essa mesma leitora, demonstrando uma percepção real dos meandros da editora para conquistar seu público, afirma que tanto a biografia da autora quanto às cartas à leitora publicadas nas obras procuram “demonstrar um pouco mais de qualidade da leitura (...) O livro procura passar, como aquelas orelhinhas que têm nos livros que você compra em livraria, livro mais assim, a nota do editor. Então ele tenta passar isso para você, pra você se sentir um pouco melhor”.<sup>163</sup>

Então, se por um lado, as leitoras reconhecem as autoras como quem está por trás de uma obra de melhor ou pior qualidade, e essas autoras são apresentadas como mais um personagem em seus livros, uma figura romanceada,

---

<sup>161</sup> MACKENZIE, Myrna. **Pretendente perfeito**. São Paulo: Nova Cultural, 2001. p.112. (Bianca, 766)

<sup>162</sup> B.M.M. Entrevista 19.

<sup>163</sup> B.M.M. Entrevista 19

por outro as editoras manipulam os textos até que se encaixem num padrão previamente determinado. Por conseqüência, pode-se pensar que realmente, não existe uma autoria única, o livro é composto em várias mãos e as leitoras, na verdade, são iludidas em maior ou menor proporção ao se apoiarem no critério de autoria para escolher um texto.

Para reforçar essa situação, hoje as leitoras têm o acesso aos sites das autoras. Alguns deles estão na lista de *links* indicados pela comunidade *Adoro Romances*. Ali, as leitoras acompanham as obras de suas autoras preferidas, seus lançamentos mais recentes e, quando é o caso, qual a seqüência dos títulos de séries de obras, as chamadas sagas.

O site da autora Nora Roberts ([www.noraroberts.com](http://www.noraroberts.com)), uma das mais citadas pelas leitoras e um dos carros-chefes de lançamentos da Harlequin, chama a atenção pela extensa bibliografia, com mais de 200 obras listadas. Em média, são lançados de cinco a sete livros inéditos por ano (na década de 80, os lançamentos chegavam a dez por ano). Em algumas obras, com temas policiais e ficção científica, Roberts utiliza o pseudônimo de J.D. Roob. Obviamente, esse ritmo inviabiliza qualquer processo artesanal de criação artística, é uma outra lógica de produção em relação à literatura de proposta. Aparentemente, Nora Roberts é muito mais uma grife do que uma autora, quando se pensa numa figura que trabalha com tensões estéticas. Pode-se supor, o que não seria surpreendente, que ela conte com uma equipe de redatores trabalhando sob sua supervisão, a exemplo do que é feito atualmente nas novelas de televisão brasileiras, em que os núcleos narrativos são abertamente divididos entre diversos autores, devidamente citados, mas apenas um assina a trama. A idéia de grife é também reforçada pela existência, no site da autora, de um link para a “Nora Store”, um site em que estão à venda não apenas livros, mas objetos como sacolas, garrafas de água e camisetas com o nome da autora, todos com a possibilidade de serem (supostamente) autografados por ela.

Assim, o bom autor das séries sentimentais não é necessariamente o bom autor da literatura de proposta. Lembrando mais uma vez Raymond Chandler e

Dashiell Hammet, que tendem a ser assimilados como autores de uma escrita que traz a configuração do herói com um texto mais problematizado, com mais contradições e discrepâncias em relação ao gosto médio para os padrões do romance policial, na literatura sentimental o que vale é a capacidade de produzir mais do mesmo, em grande quantidade e com narrativas que pareçam apresentar conflitos e enredos mais interessantes, mas que não fujam dos paradigmas desse estilo literário.

#### 4.2. A HARLEQUIN BOOKS NO BRASIL

A Harlequin Books lançou-se em abril de 2005 no mercado editorial brasileiro, com as séries *Grandes Autores*, *Paixão*, *Destinos*, *Jéssica* e *Desejo*. Para isso, a canadense firmou acordo com a editora Record, conforme reportagem publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 16 de julho de 2005.

A editora canadense Harlequin Books, especializada em literatura feminina, entrou de sola no mercado de livros de bolso, em parceria com a Record. A presidente do grupo, Donna Hayes, esteve no Rio para o lançamento oficial. Os livros já estão nas bancas de revista do Rio e de São Paulo desde abril. 'Agora, vamos nos estender pelo Brasil, um mercado que nos interessa pelo tamanho e potencial de crescimento', disse ela. 'Nosso grupo existe desde 1949, vende 140 milhões de livros por ano, em 95 países e 27 idiomas. Temos 12 séries temáticas e vamos começar com cinco no Brasil. Nos EUA, lançamos 112 títulos por ano. Aqui serão dez por mês.[...] E a Record nesta história? Segundo o presidente do grupo, Sérgio Machado, com essa parceria, a editora quer aprender a metodologia do livro de bolso. "Não é só um formato nem um patamar de preço, mas um tipo de publicação que você só compra se tiver lido o anterior".<sup>164</sup>

---

<sup>164</sup> NOVO selo quer conquistar povo com livro de bolso. **Jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo, 16 julho 2005. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=337ASP028>>. Acesso em 13/10/2008.

Três anos depois, as séries Harlequin podem ser encontradas, além de nas bancas de revistas, em espaços como farmácias, supermercados, lojas Americanas e nos sites da Livraria Saraiva e Submarino. A editora oferecia em março de 2008 um total de onze séries: *Jéssica (quinzenal)*, *Paixão (a cada dez dias)*, *Destinos (quinzenal)*, *Sexy*, *Desejo Fuego*, *Romances Históricos (quinzenais)*, *Harlequin Romance*, *Grandes Romances (mensais)*, *Desejo (quinzenal)*, *Grandes Autores* e *Rainhas do Romance (mensais)*. Em julho de 2008 foi lançada a série *Harlequin Special*, conforme *e-mail marketing*<sup>165</sup> distribuído pela editora e assinado por Virginia Rivera, completando uma dúzia de séries. A *Special* é descrita vagamente como “temas de maior sucesso e histórias escritas por autoras que amamos”. Os primeiros lançamentos, numa trilogia, tinham autoras diferentes escrevendo sobre o mesmo tema: romances com sheiks árabes. Não é informada a periodicidade.

Dos romances Harlequin no Brasil, apenas os *Grandes Romances Históricos* são ambientados em séculos passados. No total, são 19 lançamentos ao mês (ou 20 se formos considerar *Special* como mensal). Os preços de capa variavam de R\$ 7,50 a R\$ 12,00 em março de 2008, sendo que o exemplar mais barato era quase dois reais mais caro do que o exemplar mais barato da Nova Cultural. Isso pode representar também uma estratégia para segmentar o produto num patamar de qualidade acima do concorrente.

O texto distribuído pela assessoria de imprensa da Harlequin em 2005 e enviado a esta pesquisadora pela gerente Virginia Rivera descreve cada um dos lançamentos (ela mesma destaca que no texto faltam as séries *Sexy* e *Fuego*, lançadas depois).

*Desejo* é a série perfeita para a leitora que busca por histórias de amor picantes, com heróis de tirar o fôlego.

Já as românticas e apaixonadas vão se deleitar com *Jessica*.

---

<sup>165</sup> *E-mail marketing* é a correspondência eletrônica que traz um texto ou anúncio publicitário. É o correspondente eletrônico da mala direta.

E aquelas que não abrem mão de glamour e sofisticação vão encontrar em *Paixão* romances inesquecíveis em cenários internacionais.

Em *Destinos* a Harlequin Books traz uma grande novidade para a leitora brasileira: as continuidades. São séries mais longas focadas na história de uma família que tem grande mistério a ser solucionado. A cada episódio, uma peça desse quebra-cabeça é encaixada, ao mesmo tempo em que mais um casal apaixonado se forma.

*Grandes Romances Históricos* é uma das séries campeãs de preferência das leitoras de todo o mundo. E no Brasil não é diferente. Abrangendo diversas épocas históricas, desde o período medieval até século XIX na Inglaterra, são romances que têm como heroínas feiticeiras fascinantes, órfãs que cativam o coração do nobre ou moças de sociedade que desafiam valores tradicionais para estarem sempre junto do homem amado.

*Rainhas do Romance* apresenta autoras de renome internacional, em histórias inéditas e reedições.

A Harlequin Books também possui uma linha editorial para as livrarias: *Best Sellers* - autoras da Harlequin Books que tiveram excelente performance nas principais listas de mais vendidos dos Estados Unidos. Dentre elas, Nora Roberts, uma das autoras de maior sucesso da atualidade. Visite nosso site: [www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br).<sup>166</sup>

A página da Harlequin Books na Internet, numa forma de mostrar sua presença mundial no mercado, tem *links* para *sites* de vendas de livros da editora na Alemanha, Austrália, Canadá, Espanha, França, Holanda, Itália, Japão, Reino Unido e Suécia.

A revista *Panorama Editorial* traça um resumo da entrada da Harlequin no mercado nacional, informando que a empresa está presente em 96 países e que, na *joint venture* com a editora Record, cada empresa detem 50% do capital. A gerente-geral da Record, Vânia Tavares, completa as informações: “A Harlequin Canadá é líder nesse segmento mundialmente. Em todos os países em que se estabeleceu conquistou a liderança na categoria de romances. A Record, por sua vez, entendendo que o mercado internacional é muito forte na publicação de *pockets*, decidiu se alinhar a uma empresa líder nesse segmento”<sup>167</sup>.

---

<sup>166</sup> Texto oficial da Harlequin Books enviado pela gerente de marketing Virginia Rivera, via e-mail, para esta pesquisadora.

<sup>167</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**. Ano 2, nº 21, julho 2006. p. 21.

É relevante observar que a Record lançou quase dois anos depois seu próprio selo de *pocket books*, o Bestbolso, editando basicamente *best sellers*, conforme release distribuído pela assessoria de imprensa do grupo, em maio de 2008.

A BestBolso, que chegou ao mercado em setembro de 2007, já trouxe aos leitores autores como Umberto Eco, Frederick Forsyth, John Steinbeck, entre outros. A cada mês, são lançados cinco novos títulos, todos do acervo do Grupo Record, a preços que variam de R\$ 14,90 e R\$ 19,90.<sup>168</sup>

Esta pode ser a resposta da Record à parceria, se utilizando do *know how* da Harlequin para ingressar nesse mercado. Os livros são vendidos em supermercados como Extra, em pedestais próprios para *pocket books* com a marca BestBolso, além de algumas bancas de revistas, de acordo com a própria assessoria. Também estão em livrarias e seus sites. No site da Livraria Saraiva, por exemplo, era possível achar em julho de 2008 duas edições do livro *Baudolino*, de Umberto Eco, o primeiro no selo BestBolso, por R\$ 19,90 e o segundo, com selo Record, por R\$ 48,00.

Apesar das lacunas nas respostas de seu questionário, Virginia Rivera encaminhou também um texto de apresentação da Harlequin, que dá conta do tamanho da empresa no mundo:

Especializada em variados tipos de livros para mulheres, a empresa, com sede em Toronto, publica em torno de 110 títulos por mês em 27 idiomas, e possui representantes nos seis continentes. Seus livros são escritos por mais de 1.300 autoras de todas as partes do mundo, e oferecem às mulheres uma leitura variada, abrangendo diversos gêneros, como romances contemporâneos, romances históricos, *thrillers* e suspenses românticos.

A Harlequin promove sua presença global através de escritórios em Toronto, Nova York, Londres, Tóquio, Milão, Sidney, Paris, Madri, Estocolmo e Varsóvia. A editora também tem acordos de licenciamento com grupos de outros nove países. O prestígio mundial da marca Harlequin confere a empresa que tem sua licença uma oportunidade única de vender autores em diversas partes do mundo, em todos os lugares e a toda hora que as mulheres compram.

---

<sup>168</sup> Release distribuído aos veículos de comunicação pela assessoria de imprensa da Edições Bestbolso, em 03/04/2008, assinado por Gabriela Máxima, gerente, e Luciana Barretto, assessora.



O perfil diversificado das consumidoras, que abrange as classes A/B/C, também é uma preocupação constante da editora. Através de pesquisas realizadas em mais de 15 países, a Harlequin Books procura identificar as características e aspirações de suas leitoras a fim de lhes proporcionar momentos de leitura prazerosa.<sup>169</sup>

Pode-se perceber aí que a Harlequin tira partido de sua presença em vários países para pesquisar as tendências de leitura, podendo assim oferecer um produto afinado com as demandas das leitoras. Tanto que em apenas três anos de presença com livros de marca própria no Brasil, já conquistou a atenção e a fidelidade de muitas leitoras, que percebem os diferenciais dos romances da editora.

Eu conheço as duas e acho que no momento a Harlequin está fazendo coisas bem melhores, me agradam mais as autoras, a nível dos contemporâneos, nos históricos ainda fico com a Nova Cultural.<sup>170</sup>

Gosto simplesmente do fato de uma editora ainda se preocupar em estar lançando esses tipos de histórias, tendo em vista as outras modalidades de revistas que há hoje em dia no mercado. A Nova Cultural é conservadora em alguns aspectos e isso é desagradável. A Harlequin é mais dinâmica e moderna... prefiro esta! Sem, é claro, desmerecer a Nova Cultural pois também leio alguns livros dela de vez em quando.<sup>171</sup>

Os contemporâneos da Harlequin são melhores, quanto aos históricos, prefiro os da Nova Cultural.<sup>172</sup>

Há um bom tempo, a Nova Cultural publicava os livros da Harlequin. Já me confessei viúva desta fase, porque os livros eram muito bons. Os romances históricos eram realmente históricos. Depois que a parceria foi rompida, confesso que demorei para me adaptar aos livros da Kensington, que passaram a ser publicados pela Nova Cultural. Achei as histórias fracas, sem personagens carismáticos. No entanto, reparei - graças às indicações de outras leitoras - que eram problemas de algumas autoras. A Kensington também tem autoras boas, como a Quinn Taylor Evans. A principal

---

<sup>169</sup> Texto de divulgação oficial da Harlequin Books encaminhado a esta pesquisadora via e-mail pela gerente de marketing Virginia Rivera.

<sup>170</sup> C.P.A. Entrevista 2.

<sup>171</sup> I. Entrevista 22.

<sup>172</sup> L. Entrevista 23

diferença é que as autoras da Harlequin são mais conhecidas. As da Nova Cultural precisam ser descobertas.<sup>173</sup>

O fato de a marca Harlequin já ser conhecida das leitoras obviamente ajuda nessa identificação. Afinal, foram anos publicando nos livros da Nova Cultural a logomarca Harlequin na capa, com as mesmas autoras que as leitoras conhecem, num estilo que foi consagrado com fórmula de romances sentimentais. Não por acaso, os dados oficiais de vendas no mundo surpreendem pelas dimensões:

A média de livros vendidos por ano pela Harlequin é de quase 150 milhões de exemplares - metade fora do continente americano e 96% fora do Canadá - sendo que, em 2004, 12 títulos da editora figuraram nas listas dos livros mais vendidos do jornal New York Times ao longo de 46 semanas. Desde sua fundação, a editora publicou aproximadamente 4,95 bilhões de exemplares.

A Harlequin, que compra diariamente mais de dois originais de ficção, é responsável pela edição de selos amplamente conhecidos em todo o mundo: "Silhouette", "Mira Books", "Red Dress Ink", "LUNA Books", "HQN Books", "Steeple Hill Books" e "Steeple Hill Café". Aproximadamente um em cada seis livros de bolso vendidos em supermercado dos EUA é do selo Harlequin ou Silhouette.<sup>174</sup>

São dados que coincidem com os descritos por Tania Modleski (1996), quando escreveu em 1982:

Since 1958 when the first Harlequin Romance was published, over 2,300 titles have appeared. In 1977, Harlequin had 10 percent of the paperback market in North America, selling 100 million books on this continent and 50 million more in countries like Israel, Germany, and Holland. Although the United States is the chief market for Harlequins, the novels are now translated into sixteen languages. Approximately 140 women write for the company, most of them British. The readership is, apparently, entirely female and comprised of women of all ages.<sup>175</sup>

---

<sup>173</sup> R.O. Entrevista 10

<sup>174</sup> Texto de divulgação oficial da Harlequin Books encaminhado a esta pesquisadora via e-mail pela gerente de marketing Virginia Rivera.

<sup>175</sup> MODLESKI, Tania. **Loving with a vengeance**. Mass-produced Fantasies for Women. New York, London: Routledge, 1996. p. 35

Como já mencionado, a Harlequin criou um padrão de texto que tornou-se modelo no segmento de romances sentimentais. Por isso, não foi surpresa que a entrada da empresa no mercado tenha causado uma queda nas vendas da Nova Cultural, conforme relata a gerente de marketing Cristiane de Mutüs.

O mercado de romances acompanha o mercado de revistas femininas. Quando um cai o outro cai na mesma proporção. Quando a Harlequin entrou a gente teve uma quedinha de vendas, mas que se estabilizou logo em seguida. Foi uma coisa pontual. E se estabilizou no novo patamar. Não vou dizer que a Harlequin entrou e o mercado dividiu, não. A maioria das leitoras lê as duas. Estatisticamente é o que dá pra falar. Mas a gente teve uma quedinha sim.<sup>176</sup>

Diante disso, a Nova Cultural adotou a estratégia fortalecer-se no segmento dos chamados romances “históricos”, como conta Pomponio:

Primeiro foi a vinda da Harlequin para cá, por que ela dominou o mercado com o contemporâneo. Então quando ela veio pra cá eles [os leitores] começaram a dividir entre Nova Cultural e Harlequin e começaram a comprar os contemporâneos da Harlequin. Então teoricamente, vamos dizer que foi um acordo tácito, nós pegamos a fatia dos históricos. A Harlequin não publicava, ela começou agora, mas o nosso não, temos uma série semanal, uma quinzenal e uma mensal, que são históricos. Então a gente basicamente pegou esta fatia que são os históricos no mercado de séries.

O que na visão de Pomponio foi um “acordo tácito”, para Mutüs foi a adoção de um reposicionamento de mercado.

A gente teve um processo não de encolhimento, mas a gente procurou trabalhar mais as nossas *expertises* para quando sair para o mercado, sair mais forte com um produto. Eu diria que o marketing também olhou para dentro. Então a gente está muito mais numa fase de saber o que a leitora quer e como atender esse desejo, que é próprio do reposicionamento quando você tem uma nova concorrência.

---

<sup>176</sup> Cristiane de Mutüs concedeu extensa entrevista à autora para esta pesquisa e será citada diversas vezes. Para facilitar a leitura, usaremos referência para a entrevista apenas em sua primeira aparição, sendo que nas outras citações fica implícito que se trata da mesma entrevista, reproduzida na íntegra nos Apêndices desta tese.

Tentando driblar a concorrência da empresa que por quase 30 anos foi parceira, a Nova Cultural apostou nas vendas dos romances de época. Segundo Pomponio, foi feita uma pesquisa que revelou o índice maior de vendas dos chamados históricos. Desde 2006, aproximadamente, a editora passou a investir mais nessa fatia de mercado. Em termos de conteúdo, o texto não muda muito. Apesar de ter descrições de costumes e lugares da época narrada, a própria editora diz que o tratamento dado ao texto é tão moderno e coloquial que não muda nada em relação ao contemporâneo, apenas o cenário, ou “pano de fundo” é diferente.

Outra consequência da concorrência é que as leitoras ficaram mais exigentes, na observação das executivas da Nova Cultural.

As leitoras ficaram mais críticas. Isso é uma coisa que a gente vê muito no Orkut. A tradução disso ou daquilo, acho que a exigência delas ficou maior. “Agora eu tenho o que comparar”... Eu tinha um produto que se definia, agora elas conseguem falar “eu quero comprar a Nova Cultural” ou “eu quero comprar Harlequin”. Uma é melhor nesse ponto, outra é melhor naquele ponto, o formato de uma isso, de outra aquilo.<sup>177</sup>

A leitora está mais exigente. Conforme você vai colocando no mercado tramas mais envolventes, elas já não aceitam aquelas historinhas mais simples, que não levam a nada.<sup>178</sup>

Se a leitora agora pode comparar e escolher, é uma situação completamente diferente daquela que a Nova Cultural desfrutava nas décadas anteriores. Daí a necessidade de um posicionamento de mercado mais cuidadoso e estudado. Segundo Mutüs, a editora quer passar às leitoras uma imagem de qualidade editorial. De fazer “um livro de entretenimento, mas um livro que abre as portas do mundo da leitura, um livro de qualidade”, diz. Por ser uma editora que tem outras linhas editoriais, ela compara: “O mesmo carinho que a gente tem com uma edição comemorativa de 100 anos de Machado de Assis, é o mesmo carinho, o mesmo cuidado, o mesmo profissionalismo que a gente tem com cada um dos

---

<sup>177</sup> MUTÜS, Cristiane, em entrevista para a tese.

<sup>178</sup> POMPONIO, Leonice, em entrevista para a tese.

quase 20 lançamentos por mês”. Apesar dessa postura, é de se questionar se esse cuidado seria o suficiente, diante das reclamações das leitoras quando às traduções e edições dos textos. Além disso, critérios como número de páginas parecem pesar tanto – ou mais – para a editora quanto a qualidade final do livro.

#### 4.3. PERFIL DO PÚBLICO LEITOR DOS ROMANCES SENTIMENTAIS

O público leitor dos romances sentimentais não muda em relação às editoras. A revista *Panorama Editorial* informa que o perfil do público da Harlequin, segundo dados da editora, é formado essencialmente por mulheres, com faixa etária que vai de 26 a 50 anos, sendo que 66% exercem uma atividade profissional e compram de um a três livros por mês.

A respeito do público leitor da Nova Cultural, conforme dados divulgados pela editora na mesma revista:

Seu público é composto por 99% de mulheres, das quais 40% entre 20 e 29 anos e 33% na faixa dos 30 aos 39 anos. Destas, 70% trabalham fora, 19% são dona-de-casa e 10% são estudantes. Em termos de escolaridade, 43% completaram o ensino médio e 28% têm curso superior completo. Já a distribuição por classe social é a seguinte: 9% pertencem à classe A, 42% à B, 33% à C e 15% à D.<sup>179</sup>

Pomponio dá um perfil mais geral: “nós temos desde aquela pessoa mais humildezinha até médicas, psicólogas, secretárias, advogadas. Começa com 14, 16 anos e vai até 60, 70 anos”. Complementando as informações, ela informa que 55% trabalham fora, são casadas e costumam ler outros tipos de textos. Segundo a editora, o perfil das leitoras não mudou nas últimas décadas.

A gente tinha medo que envelhecesse o público, que a garotada não se interessasse mais pelos romances, mas pelas pesquisas a gente recebe

---

<sup>179</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**. Ano 2, nº 21, julho 2006. p. 21. Revista institucional da Câmara Brasileira do Livro.

bastante e-mails de meninas de 14, 15 anos que adoram romances. Que começaram a ler porque a mãe lia, então é uma coisa que você percebe que está passando de geração.

Questionada sobre como conquistar novas leitoras, Pomponio expõe a preocupação da editora: “Esse é o desafio da Nova Cultural. Nós pensamos em lançar, por exemplo, uma leitura *teen*, para essa meninada que está vindo aí. Há esse projeto, mas a gente ainda está com receio, se será bem aceito ou não”. Esta seria com certeza uma experiência curiosa. Conseguiria um romance sentimental dirigido a adolescentes aumentar o índice de leitura nessa faixa etária? A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgada em maio de 2008 pela Pró-Livro e executada pelo Ibope, revelou que o índice de leitura no país passou de 2,3 livros/ano por habitante para 4,7 livros/ano, em 2007. Na análise da professora Marta Moraes da Costa, da Universidade Federal do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, não houve um aumento efetivo no nível de leitura, mas sim uma mudança na forma de avaliar, incluindo a leitura infantil. Tanto que *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Os Três Porquinhos* figuram entre os dez livros mais citados pelos entrevistados como “última ou atual leitura”, correspondendo na pesquisa aos mais lidos no país. Na lista figuram, lado a lado, *Dom Casmurro* e os contos de fadas.

Não há uma leitura intermediária para que você possa dizer que se trata de um país efetivamente de leitores. A pesquisa reflete mais o perfil de leitura das crianças, que realmente, lêem muito. [...] Se nós temos crianças estimuladas por professores e livros ilustrados, que lêem muito até a quarta série, a partir daí o interesse pela leitura decai muito. [...] Nesse período os jovens estão sujeitos a requisitos sociais fortíssimos e nenhum deles aponta para a leitura. Pelo contrário, aquele adolescente que lê muito é até marginalizado pelo grupo.<sup>180</sup>

Concordando com as constatações da professora, da falta de uma leitura intermediária, ainda que ela não aponte a literatura de entretenimento como uma contribuição efetiva para a formação do leitor, acredito que os romances

---

<sup>180</sup> MORAES, Andréa. País com Branca de Neve entre os mais lidos não é sério. Entrevista com Marta Moraes da Costa. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 10/06/2008. Educação, p. 11.

sentimentais, com seu apelo de leitura fácil e prazerosa, poderiam representar esse patamar para as adolescentes, tanto quanto outros textos da chamada alta literatura. A professora C.P.A. conta que indicava os livros das séries sentimentais para suas alunas. “Quando eu trabalhava com ensino supletivo e ensino médio, era uma festa. Inclusive na hora do recreio, eu nem ia para a sala dos professores, lá íamos nós trocar livrinhos e conversar sobre os que tínhamos lido”<sup>181</sup>. Na opinião dela, esse contato conseguiu incentivar a leitura entre as alunas.

Considerar a literatura de massa como uma possibilidade de texto para incentivo da leitura com certeza é uma idéia que encontra resistências. Será a leitura – qualquer leitura – positiva, independente dos textos lidos? Analisando as dificuldades encontradas por educadores para incentivar práticas de leituras entre estudantes da 8ª série e 1º ano do ensino médio em uma escola de Minas Gerais, o pesquisador Núbio Delanne Ferraz Mafra (2003) produziu sua dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense. Ele entende que o ensino de literatura nas escolas de ensino médio vive um impasse, entre a seqüência historicizante dos estilos literários, que assemelham as aulas de literatura a uma aula de História, e a busca de um projeto transformador que leve os estudantes à prática de leitura. Professores e pais reclamam que os jovens não querem ler, quando eles mesmos, muitas vezes, também são avessos à leitura. Dessa forma, os jovens “entregues à própria sorte, pressentem uma necessidade de ler. Pressentem, pois reproduzem o senso comum que associa o acesso à leitura e escrita com o aumento de possibilidades de ascensão social”.<sup>182</sup> A leitura, fica então, condicionada ao que se deve ou não se deve ler.

“A escola deve promover o prazer pela leitura” – de que prazer se fala? Do sinônimo de pura satisfação ou daquele que problematiza, instabiliza o leitor? A leitura é somente sinônimo de prazer ou pode, muitas vezes, ser

---

<sup>181</sup> C.P.A. entrevista 2.

<sup>182</sup> MAFRA, Núbio D. F.. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003. p. 7

também suor, esforço? São reflexões que sinalizam a necessidade de se repensar teorias e práticas de leitura.<sup>183</sup>

Segundo o pesquisador, as escolas têm oferecido apenas leituras institucionalmente aceitas por ela. No ensino médio, são os clássicos; no fundamental, literatura infanto-juvenil. O problema é despertar o interesse dos alunos.

O leitor adolescente carrega sua história de leituras, possui também o seu horizonte de expectativas em relação ao texto. Ainda que sejam poucos, estes jovens vivenciam o prazer barthesiano de leitura; estes textos [da literatura de massa] satisfazem seus interesses. “Eu gosto de filme de suspense. Mas livro de suspense eu nunca peguei. Agora, ‘esses romances’, a gente começa a ler e não dá vontade de parar, não” (aluna K, 14 anos). Romances “desses”, como “Julia” ou “Sabrina”, caminham em direção à trilogia observada para as antigas fotonovelas, um das representantes da literatura de massa: relação amorosa, obstáculos e finalmente, a reestruturação da vida através do clássico “final feliz”.<sup>184</sup>

Não seria o caso, então, de aproveitar o repertório já conhecido pelos alunos – a literatura de massa – para traçar paralelos com a literatura de proposta, os chamados clássicos, enfim, promover uma interação maior entre essas duas literaturas em prol do estímulo à leitura? Ainda que não se proponha aqui uma análise do ensino de literatura ou propostas para uma nova metodologia para este ensino, considerar a possibilidade de incluir textos de literatura de massa – sejam romances sentimentais ou outros – vem bem ao caso. A partir do momento que vejo como fato que essa literatura consegue cativar os leitores, tornando-os fiéis e, como dizem várias leitoras de romances, “viciadas” em leitura, acredito ser hora de despir-se de preconceitos para aproveitar o que de bom pode ser obtido com isso também nos meios escolares. Livros e séries como *Harry Potter*, *O Alquimista* ou coleção *Sabrina*, legítimos integrantes da literatura de massa, podem ser úteis de formas ainda pouco exploradas na criação de uma geração leitora.

<sup>183</sup> MAFRA, Núbio D. F.. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003. p 13

<sup>184</sup> *Ibid.* p. 16



Junto com outras literaturas de iniciação, elas [literaturas de massa] contribuem para a desmistificação dos cânones literários que têm sido propostos nas aulas de Literatura. Não no sentido de anulá-los mas, muito pelo contrário, fortalecê-los no trabalho pedagógico de mostrar que a literatura pode se constituir de uma continuidade travessa.<sup>185</sup>

Dessa forma, observa Mafra, levando os alunos a conviver com a diversidade literária, os próprios adolescentes poderiam ver que suas leituras, por mais triviais que pareçam, podem funcionar como iniciadoras de um projeto de leitura maior. A proposta do autor, com a qual concordo, é um diálogo crítico entre os títulos reconhecidos nas aulas de Literatura e aqueles trazidos pelos próprios alunos, respeitando o repertório escolhido pelos jovens, ainda que seja um açucarado romance sentimental ou um *best seller* de Paulo Coelho. Demasiado “integrado”, como diria Eco? Talvez. Mas apenas a experiência prática poderá dizer se esse não seria um caminho viável para estimular a leitura dentro e fora do ambiente escolar.<sup>186</sup>

Continuando o perfil dos leitores das séries sentimentais, a média de compra de livros por mês é de três exemplares. Porém, de acordo com Mutüs, as leitoras podem ser divididas em três comportamentos de consumo: *heavy*, para as que lêem mais de oito livros ao mês; *medium*, para as que lêem cerca de cinco livros ao mês e *light*, que lêem de forma esporádica. Por esses números, vê-se que o público leitor consome um número razoável de livros para o padrão de consumo nacional. Observando também esse consumo, diz Dumont (1998):

Enfocando especificamente o caso brasileiro, percebe-se que não faltam leitores no país: existe, sim, uma discriminação que não deixa reconhecer

---

<sup>185</sup> MAFRA, Núbio D. F. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003. p. 39

<sup>186</sup> Sobre a questão da leitura nas escolas, existe ampla bibliografia, mesmo que não consensual. O debate segue em aberto. Ainda que não seja ponto central nesta tese o confronto entre a natureza compulsória/ padronizadora da escola e um “prazer da leitura”; ou ainda a relação entre leitura literária esteticamente densa e leituras de textos de natureza mais esquemática (contos de fadas ou tipologias da ficção de massa, como narrativas sentimentais etc.), acho importante remeter a alguns textos que focalizam o assunto, como “A formação do leitor: pontos de vista” (RJ, Argus, 1999), organizado por Jason Prado e Paulo Condini e “A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual (tradução de Laura Sandroni. SP, Global, 2003) de Teresa Colomer, entre outros.

como sujeitos/leitores aqueles que não lêem a literatura considerada como tal, a idealizada.<sup>187</sup>

Ainda assim, Mutüs considera que é possível ampliar muito o patamar de leitura. Ela lembra que tiragens de 12 mil exemplares em 20 títulos ao mês – o que soma 2.880.000 unidades ao ano – são bem significativas, mas se comparadas à tiragem de uma revista como *Veja* (uma vez que os dois produtos são comercializados em bancas), que vende quase um milhão de exemplares a cada semana e tem 50% de seu público leitor feminino, o número de leitoras dos romances parece bem pequeno. Como diz ela, “se você pensar na população feminina alfabetizada brasileira, estatisticamente, a gente tem muito a conquistar”.

Conquistar novas leitoras, diz Mutüs, é um desafio não apenas da Nova Cultural, mas de todas as editoras, com base numa educação melhor, uma economia mais estável. “Enquanto isso, o desafio é manter o que a gente tem e tentar um pouquinho a mais, aproveitar cada bolha de euforia que diz que o país está melhor este ano”. Isso porque o poder aquisitivo é fator primordial na questão do aumento das vendas dos livros.

Pomponio informa que as séries *Clássicos Históricos Especial* e *Clássicos Históricos* são as mais vendidas. “Mas isso é relativo, porque são quinzenais. *Julia*, que é o histórico pequenininho [menor número de páginas], é semanal. Se a gente for juntar no mês, *Julia* passa um pouquinho dos *Clássicos*, porque ele é bem baratinho”, analisa ela.

A valorização da leitura enquanto *status* cultural, não apenas por parte da sociedade, mas também de políticas de governo, está ajudando num ressurgimento da leitura de romances, diz Mutüs, após o que ela chama de um “*gap*” ou uma brecha no início dos anos 90 quando os romances praticamente sumiram, mesmo sem deixarem de ser editados. Segundo ela:

O romance sumiu da cabeça das pessoas por um período. O que aconteceu, eu não sei. Eu já perguntei para as pessoas mais antigas que

---

<sup>187</sup> DUMONT, Lígia. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257f. Tese. (Doutorado em Comunicação). UFRJ, Rio de Janeiro, 1998. p. 227

trabalham na editora, e ninguém sabe me dizer. A gente tinha um produto extremamente conhecido, como as fotonovelas durante um período, e de repente, a gente deixou de ter aí uma estrela dentro do mercado, passou a ter um outro papel. Agora começa a surgir como uma leitura mais valorizada, até porque [...] existem políticas de governo.

Nesse sentido, a Nova Cultural tem investido no aumento da visibilidade dos romances, com ações de marketing, que serão detalhadas no próximo capítulo, e com a participação da editora na Bienal do Livro, em São Paulo, em 2008. Segundo Mutüs, a idéia é marcar presença, mostrando ao público que não sabia que *Julia*, *Sabrina* e companhia ainda estão no mercado e apresentar as séries ao lado de todos os outros livros.

Questionada se esse dito ressurgimento dos romances tem a ver com a entrada da Harlequin no Brasil, Mutüs inverte a questão. Para ela, esse movimento é que trouxe a empresa canadense ao mercado nacional:

Durante 20 anos a Harlequin foi nossa parceira, ela entrava no mercado via Nova Cultural. E a Nova Cultural participava dos encontros dela, dos licenciados no mundo, onde ela atuava e a gente via situações muito parecidas. As pessoas mais jovens já não lêem tanto, o volume de vendas sofreu queda ao longo dos anos e assim por diante. Acho que o fato de a gente ter um país grande, onde as taxas de leitura são pequenas em relação ao potencial, acabou atraindo a Harlequin. Tipo: vamos atuar direto, quem sabe a gente não vai conseguir fazer melhor do que eles? Mas não necessariamente, porque o mercado que a gente lida tem alguns limitantes. É muito mais difícil de trabalhar. É diferente você vender creme dental, que é um item de primeira necessidade, e vender um livro.

Em resumo, pode-se perceber que as editoras travam uma disputa pelas leitoras, mas mantêm uma postura de não competirem de forma agressiva. Fala-se em “acordo tácito”, em divisão de segmentos entre “históricos” e “contemporâneos”. Realmente, a Harlequin tem apenas uma série quinzenal, de conteúdo dito histórico, contra cinco da Nova Cultural. Daí a ser um mar de rosas, vai uma grande distância. Apesar de não se enfrentarem abertamente, as duas editoras disputam as mesmas leitoras e conhecer profundamente as demandas delas pode fazer a diferença no objetivo de conquistar a fidelidade desse público. E a Internet entra como grande

ferramenta dessa conquista. Não faltam, portanto, pesquisas, contatos via e-mail, postagens em sites de relacionamento, como poderá ser visto no capítulo 5.

#### 4.4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS ROMANCES SENTIMENTAIS NA NOVA CULTURAL

Há muito a produção de livros deixou de ser um método artesanal e/ou solitário nas grandes editoras. O texto muitas vezes passa por tantas mãos que mesmo sua autoria fica diluída. Isso acontece não apenas em relação aos romances sentimentais. Borelli (1996) descreve o processo de edição dos textos da famosa coleção paradigmática *Vagalume*, da Editora Ática, e não deixa dúvidas quanto ao processo industrial que se impõe:

O texto recebido [...] passa, inicialmente, pela leitura do editor e da assistente de edição. Ambos trocam impressões iniciais e definem encaminhamentos. Depois disso, e na maioria dos casos, o texto é enviado para leitura crítica externa, efetuada por professores colaboradores, que são contratados pela editora para elaborar relatórios críticos, orientados por roteiros de leitura crítica que os editores produzem antecipadamente. O leitor colaborador recebe, portanto, o texto, o roteiro de avaliação crítica e as observações preliminares efetuadas pelo editor e assistente editorial. [...] Algumas vezes, os textos podem – mediante a presença de dúvidas entre os leitores adultos – ser encaminhados para leitura e avaliação externas de jovens estudantes. [...] A leitura crítica externa é encarada como procedimento regular e todos os textos, com raras exceções, passam por essa etapa de seleção. [...] Da leitura crítica externa, o texto passa pelo processo de preparação de originais – uniformização da linguagem e padronização de acordo com os critérios adotados pela editora – e retorna ao editor que formula relatório, com sugestões e encaminhamentos contidos nos pareceres dos três leitores: editor, assistente e leitor-crítico. Esse relatório é dirigido ao autor que aceita, ou não, reformular o texto e devolvê-lo na segunda versão. A nova versão tanto pode voltar na forma definitiva quanto retornar aos leitores-críticos para nova avaliação. Às vezes, o texto depende da elaboração de uma terceira ou quarta versão.

Ao final, impera a opinião do editor, que toma decisão sobre a pertinência da publicação deste livro.<sup>188</sup>

Na publicação de romances sentimentais, tomando como exemplo os da Nova Cultural, o processo não é tão diferente. A questão da autoria passa ao largo: os romances são sem qualquer pudor resumidos ou aumentados, de acordo com o número de páginas previsto para a série à qual devem ser adequados. O autor dessas mudanças pode ser o tradutor final ou a equipe de edição.

O processo começa com a escolha dos textos. As editoras americanas enviam os originais para a editora Nova Cultural, onde ficam aos cuidados da editora Leonice Pomponio, que descreve os passos a seguir. Ela e sua equipe lêem os textos de forma parcial – os primeiros três capítulos, onde é descrita a trama, algumas páginas do meio e os três últimos capítulos. Se a história “parece interessante”, os direitos do livro são adquiridos. Ele segue então para a tradução. Existem dois tipos de tradutor contratados pela editora: aquele que se limita a traduzir o texto sem grandes adaptações, e que depois precisa de um *copydesk* para finalizar o livro, e o tradutor final, que já é um *copydesk*, e que praticamente reescreve a história para o português e entrega o texto pronto. Esses últimos são profissionais difíceis de encontrar, de acordo com Pomponio. Quando o texto em português chega, passa por uma edição. Depois vai para a paginação, para a revisão gramatical e de diagramação e, por fim, a impressão.

Vê-se que a escolha dos textos segue critérios totalmente subjetivos. A “trama interessante” pode ter significados diferentes conforme cada ponto de vista. A questão da fidelidade ao texto original perturba as leitoras da comunidade *Adoro Romances*, a ponto de solicitarem e conseguirem uma reunião com Leonice Pomponio para falar especialmente sobre os cortes nas traduções. O encontro foi narrado pela editora em sua entrevista para a tese e também postado no Orkut pelas leitoras para conhecimento dos outros membros da comunidade.

---

<sup>188</sup> BORELLI, Sílvia Helena B. **Ação, suspense, emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996. p. 118-119

Segundo a editora, as leitoras reivindicaram que os textos sejam traduzidos sem cortes. “Elas querem pegar o original de 320 páginas e que seja feito inteiro”, explica Pomponio. O conflito acontece porque a Nova Cultural tem um número específico de páginas para cada série e o original é adaptado para se encaixar nesse patamar, em especial as séries *Julia*, *Sabrina* e *Bianca*, de 130 páginas em média. Para atender, ao menos em parte, aos pedidos das leitoras, a série *Bianca* foi aumentada de 128 para 160 páginas. A série foi escolhida por estar tendo uma boa aceitação desde que passou a inserir temas sobrenaturais, como vampiros e lobisomens – sem deixar de lado a trama amorosa. A questão foi tratada de forma comercial pela editora. Segundo ela, a comunidade do Orkut representa apenas 10% do faturamento da empresa e os livros com número de páginas menores são os que mais vendem, por serem também mais baratos. Logo, o corte nos originais vai continuar.

Da parte das leitoras, na comunidade *Adoro Romances*, o encontro foi descrito num *post* do dia 17 de março de 2008. A leitora C. apresenta em longa carta o resultado da reunião, realizada dia 13 de março de 2008.

Discutimos alguns pontos que têm sido motivo de desagrado para as leitoras, como cortes nas edições, séries fora de ordem e sem marcação, setorização em históricos e autoras novas, bem como o aumento de títulos sobrenaturais, além do sempre polêmico tema de e-books, sebos e trocas de livros. [...]

Quanto aos cortes nas traduções, é um pouco mais complicado e de certa forma é consequência de outro assunto discutido, o foco da NC direcionado para o setor de Históricos. Acontece que os títulos disponíveis são um pouco maiores do que a quantidade de caracteres disponíveis nas publicações da Linha Clássicos Históricos Especiais, e na tradução do inglês para o português, o livro cresce em aproximadamente 30%. Acaba aí a discussão, pois eles precisam cortar, ainda mais para publicar em títulos mais finos como no caso do Bianca e do Julia (eles aproveitam títulos de antologia para essas linhas, mas nem sempre os há disponíveis).

Qual a solução encontrada pela editora? A linha Bianca deverá em um futuro próximo, muito próximo, aumentar o número de páginas para igualar à linha Clássicos Históricos Especial. Ocorrerá também a procura não por tradutores, mas

por adaptadores, que são profissionais que além de traduzirem, adaptam para o tamanho requerido.

Vou explicar melhor essa situação. Os antigos livros da editora e os atuais são traduzidos por uma equipe de anos colaborando. Acontece que os títulos quando da época com a Harlequin, já eram por si só mais curtos e não precisavam ser editados tão drasticamente. Com as novas editoras e o novo foco, os títulos são substancialmente maiores e os cortes se tornaram necessários, só que os tradutores nem sempre sabem como editar o texto para que caiba dentro da quantidade de caracteres requerida e acabam cortando o que incomoda ou o que acham não alterar o entendimento do texto (não esquecer que boa parte das tradutoras da NC são senhoras que tinham recomendação para suavizarem as cenas de sexo na década de 70 e 80, não se pode pedir para elas alterarem um comportamento de anos de um dia para o outro). O caso do livro *Feitiço da Lua*, da Ronda Thompson, é simbólico. O tradutor achou que as cenas com sangue e sexo eram fortes demais e acabou cortando-as. A quem achou não termos sido ouvidas, mas o texto que saiu das mãos do tradutor era ainda mais editado, foi feita uma recuperação de última hora.<sup>189</sup>

A narrativa está de acordo com o que foi relatado pela editora. E em benefício desta última, a conversa conseguiu apaziguar, ao menos momentaneamente, os ânimos das leitoras participantes e de outras que apresentaram suas concordâncias em comentários no fórum de discussão. Ainda mais positivo, ao menos para o ponto de vista da empresa, foi a conclusão que as leitoras levaram sobre os *e-books*<sup>190</sup>, outro ponto nevrálgico para os lucros da editora. A leitora C. comenta o tema:

Fazer e distribuir *e-books* pode não ser crime, mas é contravenção. Qual a diferença? As colegas advogadas que nos esclareçam nessa questão. Fomos informadas de que quando compram os direitos de publicação estes valem por 5 anos Com a digitalização dos títulos, estamos concorrendo com a editora e causando prejuízos. A editora explicou que houve inclusive um caso em que a autora localizou um título no esnips e entrou em contato através da Kensington, que avisou de forma não muito educada que eles não possuíam os direitos de comercialização em *e-book*. Esses casos podem até mesmo ocasionar a interrupção do contrato com a editora.

---

<sup>189</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=2589387234597223903&kw=reuni%C3%A3o>>. Comunidade Adoro Romances, tópico “Reunião 12/03/2008”. Acesso em: 21/03/2008.

<sup>190</sup> E-books são livros disponibilizados digitalmente e gratuitamente na Internet. No caso dos romances de séries, podem ser exemplares já lançados ou inéditos, traduzidos pelas próprias leitoras.

Pedimos a todas que cessem a digitalização dos livros dos últimos cinco anos. Sebos e *e-books* são concorrentes da editora, isso é inegável, e canibalizam os lucros, o que pode sim reverter em prejuízo para nós, no sentido de inviabilizar investimentos da mesma em publicação.<sup>191</sup>

Assim, através da Internet, as leitoras podem tensionar relações de produção e consumo, ao digitalizarem textos inteiros que passam a circular fora do controle dos editores originais, ampliando o papel até há pouco desempenhado pelos sebos. Além disso, ao anteciparem traduções de títulos ainda não comercializados no Brasil, assumem postura mais ativa e driblam os projetos comerciais das empresas, o que obviamente, desagrade as editoras, como comenta Pomponio:

Nós somos concorrentes de nós mesmos. Além das bancas e sebos, agora tem também os *e-books*. Elas próprias [as leitoras] traduzem, então é jogo duro. A gente pode comparar com o DVD pirata, não dá pra concorrer, é complicado, porque você batalha, trabalha, e de repente alguém coloca seu livro lá de graça, na Internet. E vai fazer o que? Isso está em todo lugar.

Segundo ela, a concorrência com a Internet bem como os sistemas de trocas de usados nos sebos leva a uma redução de vendas dos exemplares novos nas bancas. Já Rivera afirma que não vê “o mercado de sebos como algo que venha a denegrir nossos negócios atuais ou o crescimento deles”. Esta é uma afirmação no sentido de não enfrentamento, uma vez que obviamente a venda paralela rouba mercado das editoras. Além de sebos espalhados por todo Brasil e bancas que têm suas “caixas de usados” em bases de troca de dois por um, há ainda o comércio na Internet, em sites como o Mercado Livre, com leilões virtuais de romances sentimentais em preços que iniciam em R\$ 2,00 e podem chegar, como comentado no caso do livro *Mel do Pecado*, em R\$ 72,00, ou mais. Numa possibilidade ainda remota, Mutüs revela que a Nova Cultural tem planos para vender *e-books*,

---

<sup>191</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=2589387234597223903&kw=reuni%C3%A3o>>. Comunidade Adoro Romances, tópico “Reunião 12/03/2008”. Acesso em: 21/03/2008.



acompanhando as tendências de mercado em torno da Internet, onde as mais diversas publicações impressas, como revistas e jornais, têm suas versões *on line*.

Nessa e em outras tantas falas, observa-se que toda a motivação da editora em torno dos livros é comercial, o que não é surpreendente. Apesar da comparação já citada por Mutüs, do cuidado na edição dos textos, como já foi dito, eles são notadamente objeto de uma linha de produção, o que se encaixa na descrição de Sodré (1983):

A organização discursiva da indústria cultural está assentada na moderna economia de mercado, com sua vertical penetração em todas as esferas da vida do consumidor contemporâneo. A informação se apresenta como uma mercadoria e, como tal forma, pretende ser neutra, um serviço “público” politicamente isento ou então com a roupagem da democracia liberal. Os conteúdos informativos encontram na estrutura de mercado o seu principal modo de articulação – razão pela qual se busca discernir mercadologicamente o gosto do público, a fim de atingí-lo com a mercadoria informativa.<sup>192</sup>

Assim, como mercadoria, os livros têm o papel de atender à demanda das leitoras por “mais do mesmo”, obras que se diferenciam entre si apenas superficialmente. Do formato ao número de páginas, tudo é pensado no sentido de vender mais. Já para as leitoras, ao menos as que se manifestam na Internet, nem sempre as decisões tomadas pela editora são as mais adequadas. No enfrentamento das duas, até agora, há um jogo de avança e recua de ambas as partes, mais claramente assumido e detectado pela editora. Esta oferece a cada demanda apresentada pelas leitoras, uma resposta concreta, mas que não chega a sair de seu planejamento comercial, ou seja, quando aumenta o número de páginas ou muda o fornecedor de textos originais, a editora toma decisões dentro de uma margem de manobra confortável, sem grandes investimentos. Agrada uma fatia das leitoras e, como objetivo final, aumenta/mantém as vendas. Caso isso não ocorra, basta voltar atrás.

---

<sup>192</sup> SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983. p. 80

#### 4.5. LIVROS DE BOLSO, LIVROS DE BOLSA

Ler não é escolher apenas a obra, mas também onde e como esse livro será lido.

Minhas mãos, escolhendo um livro que quero levar para a cama ou para a mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examinam a forma tanto quanto o conteúdo. Dependendo da ocasião e do lugar que escolhi para ler, prefiro algo pequeno e cômodo, ou amplo e substancial. Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em suas capas; declaram-se também pelo tamanho. [...] Julgo o livro por sua capa; julgo um livro por sua forma.<sup>193</sup>

Como diz Manguel (1997) no texto acima, o formato influencia, sim, no que se pode chamar de uma personalidade do livro. Não apenas para os leitores, que optam por uma leitura que parece mais rápida e fácil em função do tamanho reduzido e, habitualmente, preço menor do que os livros de tamanho maior e edição mais sofisticada, mas também na definição de aspectos mercadológicos, como custos e ponto de vendas. Os livros da Nova Cultural e da Harlequin se encaixam no que o pesquisador Lívio Lima de Oliveira (2002) chama de livro de bolso, *pocket book* ou livro acessível. Para ele:

A acessibilidade do livro depende de diversos fatores: a língua, o público-alvo, a legibilidade (elementos gráficos que a diagramação deve privilegiar para que o texto fique legível), o suporte ou a matéria prima (tipo de material que o editor utilizou para imprimir, já que existem até livros de plástico que podem ser lidos debaixo do chuveiro), a finalidade (será usado na escola ou apenas para uma leitura de lazer?), entre outros tantos.<sup>194</sup>

---

<sup>193</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.149.

<sup>194</sup> OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção "L&P Pocket"**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 12

O pesquisador ressalta em seu trabalho outros dois fatores, ainda assim ligados aos anteriores: formato e preço do livro. No quesito formato, ele lembra que este

é um dos fatores que acabam englobando outros: o seu estudo remete ao material utilizado na produção do livro, ao problema da legibilidade, ao local onde o livro deve ser guardado (armazenagem), aos locais onde ele era vendido (distribuição e venda)<sup>195</sup>.

Para ser considerado de bolso, deve ser fácil de manusear e favorecer a legibilidade.

Para Voss, o livro de bolso é caracterizado pela portabilidade e pela sua facilidade de “sentar” na mão, o que faz da largura um item mais importante que a altura. A largura acaba também sendo responsável pela leiturabilidade (ou legibilidade), pois os livros com mancha de texto de no máximo 90 mm de largura, usando tipos de 8 a 10 pontos tipográficos, garantem maior legibilidade.<sup>196</sup>

Voss, citado por Oliveira (2002), estudou os formatos de livros de bolso mais apreciados em vários países. Segundo ele, os brasileiros prefeririam o formato com alturas de 160 a 180 mm e largura de 120 mm. Os livros editados pela Nova Cultural no Brasil seguem como padrão o formato de 180 mm de altura por 120 mm de largura. Já os da Harlequin são um pouco menores, apresentam formatos de 170 mm de altura x 105 mm de largura.

Logo, podemos dizer que segundo os critérios apresentados, os livros sentimentais podem encaixar-se na categoria de livros de bolso. Não por acaso, o slogan da Harlequin no Brasil faz um trocadilho: “O livro de bolsa da mulher moderna”. Que se pode traduzir por essa frase? Primeiro, é um livro para ser levado onde a leitora estiver. É compacto, leve, prático. Segundo, é feito para mulheres, dirigido a elas, especificamente. Terceiro, não é para qualquer mulher: é para as

---

<sup>195</sup> OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 12

<sup>196</sup> VOSS, Walter Adolfo. **Aspectos dimensionais do assim chamado livro de bolso** p. 24-5. *Apud* OLIVEIRA, Lívio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação de mestrado. USP, 2002. p. 13.

modernas, com isso entendendo-se as que estão de acordo ou mesmo à frente de seu tempo. Assim, o slogan busca atualizar o produto valorizando a leitora.

Já para falar de “preço acessível”, há que se considerar acessível a qual classe econômica, num país de tantas desigualdades sociais como o Brasil. Em 2008, como já foi dito, os livros preços variavam de R\$ 5,90 a R\$ 12,00. Se comparados a livros vendidos em livrarias, os exemplares ainda são mais baratos, até por serem confeccionados em materiais de qualidade inferior (papel, capa e acabamento). Mas as leitoras dos romances sentimentais não se limitam a adquirir exemplares novos. Há um amplo mercado de exemplares usados, sejam em sebos, bancas de revistas ou pela Internet, em sites como Mercado Livre ([www.mercadolivre.com.br](http://www.mercadolivre.com.br)). Alguns sebos inclusive montam sites específicos destinados às leitoras dos romances sentimentais. É o caso do Bazar do Romance (<http://bazarosromances.blogspot.com/>). Esses livros são vendidos por valores entre R\$ 2,50 e R\$ 6,00, em média, em agosto de 2008. No primeiro caso, corresponde ao preço de um refrigerante em uma lanchonete de shopping em Curitiba. No segundo, menos que um sanduíche numa rede de *fast food*. Seriam então acessíveis? Apesar de expressarem em sites de relacionamento críticas aos preços dos livros novos, muitas leitoras se assumem como compradoras compulsivas nestas mesmas comunidades. Questionadas sobre os preços dos livros, se são caros, baratos ou justos, as opiniões das entrevistadas dividiram-se entre caro e justo.

Acho o preço na banca caro, geralmente espero ir para o sebo perto aqui de casa onde geralmente compro todos eles por R\$3,00 a 3,50. Se o preço fosse menor nas bancas a leitura seria mais acessível a todas.<sup>197</sup>

Caro. Pelo fato de muito serem em estilo *pocket* como os da Harlequin algumas séries como os *Jéssica* ou *Paixão* não valem a pena, já da Nova Cultural acho caro pagar R\$5,90 por 128 páginas, já os Clássicos Históricos Especial acredito que estão mais dentro do padrão de preços.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> N. Entrevista 29

<sup>198</sup> L.D.A. Entrevista 3

Caro. O brasileiro mal tem dinheiro para pagar o que precisa para sobreviver. Para muitos leitura é um luxo. E raramente entra na lista de prioridades. As leitoras precisam ficar espertas. Eu já vi livros que comprei no sebo serem vendidos com capas duras e mais chiques a um preço exorbitante nas livrarias. Então, se as editoras praticassem preços mais acessíveis, facilitaria o acesso das leitoras.<sup>199</sup>

Caro. Eu acredito que pela quantidade de séries que as editoras publicam, elas poderiam baixar um pouco o valor de alguns livros.<sup>200</sup>

Acho justo. Eles têm um peso para a gente consumir, mas se você pensar o que o autor está ganhando, há questão de direitos autorais. que está respeitada, que há um trabalho de tradução ali, que há toda uma empresa sustentando isso, eu não acho que seja caro. E a qualidade desses romances não fica a dever a outros livros que custam 4 ou 5 vezes mais.<sup>201</sup>

Justo. Creio que o preço até que é compatível quando a editora não comete o absurdo de retalhar o livro, pagamos muito mais caro por coisas que muitas vezes não trazem nem divertimento e muito menos cultura, com esses livros dá para aprender um monte de coisas, além de cultivar o excelente hábito da leitura.<sup>202</sup>

Pra mim o preço é justo, muitas vezes menos de dez reais e qualidade do livro é boa, o que compensa muitas vezes o preço, que são bem mais baratos que os de livraria.<sup>203</sup>

Outras afirmaram comprar apenas em sebos ou emprestar de amigas. Ainda assim, acredito ser possível considerar os romances vendidos em bancas como acessíveis do ponto de vista de preço, diante das várias alternativas que as leitoras têm para obtê-los.

Uma vez caracterizado que os textos sentimentais lançados no Brasil encaixam-se no padrão de livro de bolso, parece relevante fazer um pequeno histórico desse nicho editorial no mundo e no Brasil. A partir disso, será possível

---

<sup>199</sup> R.O., Entrevista 10

<sup>200</sup> S. Entrevista 27

<sup>201</sup> C.P.A. Entrevista 2

<sup>202</sup> I. Entrevista 32

<sup>203</sup> M. Entrevista 24

perceber que as técnicas de edição, distribuição e divulgação foram aprimorando-se ao longo de muitas décadas para chegar ao modelo hoje adotado pelas editoras no País.

Oliveira (2002) traçou a trajetória dos livros de bolso, desde os primeiros passos até a atualidade. Manguel (1997) também dedica um capítulo do livro *Uma história da leitura* ao formato do livro. Segundo ele: “De todas as formas que os livros assumiram ao longo do tempo, as mais populares foram aquelas que permitiam ao leitor mantê-lo confortavelmente nas mãos”<sup>204</sup>.

No final do século XV, conforme narra Oliveira, um professor de Veneza chamado Aldus Manutius criou uma editora para produzir livros para seus alunos. Ele queria exemplares menos onerosos, fáceis de carregar e de ter em casa e não tão luxuosos como os grandes livros pesados que estavam guardados nas bibliotecas.

Conforme relata Manguel (1997),

À medida que as bibliotecas particulares cresciam, os leitores começaram a achar os volumes grandes não apenas difíceis de manusear e desconfortáveis de levar de um lado a outro, como inconvenientes para guardar. Em 1501, confiante no sucesso de suas primeiras publicações, Aldus respondeu à demanda de seus leitores produzindo uma coleção de livros de bolso in-octavo – metade do tamanho do in-quarto –, impressos com elegância e editados meticulosamente<sup>205</sup>.

Com o sucesso alcançado, a idéia de Aldus foi copiada em vários lugares da Europa, como França e Países Baixos. O padrão estabelecido pelo mestre italiano – livros de formato pequeno, a custo baixo e com alta qualidade de texto – estabeleceu um padrão de impressão durante o século seguinte. Com o tempo, as necessidades dos leitores mudaram, bem como qualidade dos livros impressos, mudanças sentidas especialmente a partir do final do século XVI. Segundo Febvre e Martin, citados por Manguel (1997), “os livreiros-editores já não estavam

---

<sup>204</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 152

<sup>205</sup> *Ibid.* p. 161-162

preocupados em prestigiar o mundo das letras, buscavam apenas publicar livros cuja venda fosse garantida”<sup>206</sup>.

Na análise de Oliveira (2002), foi a partir da invenção da imprensa por Gutenberg e do êxito de Aldus que o mundo passou a criar um mercado consumidor de livros, com o aumento do número de impressões.

Roger Chartier mostra que “livreiros e impressores inventivos e prudentes colocaram ao alcance de uma grande clientela textos que antes só circulavam no mundo restrito de letrados afortunados (é o caso dos *pliegos sueltos* castelhanos e dos *plecs* catalães, dos *chapbooks* ingleses ou da fórmula editorial conhecida na França sob o termo genérico de *bibliothèque bleu*). O essencial é compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos.”<sup>207</sup>

Os chamados *chapbooks* surgiram ao longo do século XVII, quando mascates vendiam pequenos livros e baladas populares, mas só ganharam seu nome a partir do século seguinte. De acordo com Manguel (1983), a palavra aparentemente deriva dos diaristas ou *chapmen* que vendiam esses livros; *chapel* era o termo coletivo usado para designar os diaristas de uma tipografia. Nessa época, o tamanho mais popular desses livros era o in-octavo, no qual uma única folha podia produzir um livrete de 16 páginas. Outra definição:

Chapbooks arose in the sixteenth century as small, inexpensive, stitch-bound books that contained popular tales, farces, almanacs, ballads, lurid descriptions of crimes and school lessons. Chapbooks were sold by traveling ‘chapmen’, and flourished until the nineteenth century.<sup>208</sup>

Segundo Manguel, as primeiras coleções de livros de bolso surgiram na era vitoriana. A utilização de tecido nas capas, ao invés de couro, tornou as

---

<sup>206</sup> FEBVRE e MARTIN, **L'apparition du livre**. Apud MANGUEL. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 163.

<sup>207</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, Editora UnB, 1994. Apud OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP. São Paulo, 2002. p. 16.

<sup>208</sup> Disponível em <<http://www.rhizome.mb.ca/pci/staccato/what.htm>>. Apud OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) \_ USP. São Paulo, 2002. p. 20.

publicações ainda mais econômicas. Um cuidado com a beleza das publicações e ilustrações atendeu um novo tipo de leitor, que queria ter em casa bibliotecas próprias, em lugar nobre da casa. Mas há pesquisadores que apontam a França como berço dos livros de bolso, com o surgimento, no século XVII, da *bibliothèque bleu*, uma coleção de tamanho pequeno e preços populares. Para Roger Chartier, este foi “o mais poderoso instrumento de aculturação escrita na França do Antigo Regime”. E acrescenta:

a *bibliothèque bleu* é uma fórmula editorial que vai beber no repertório de textos já publicados, aqueles que mais parecem convir às expectativas do grande público que ela quer atingir. Donde duas precauções necessárias são não tomar os livros de capa azul como ‘populares’ em si mesmos, pois eles pertencem a todos os gêneros da literatura erudita; considerar que eles já possuíam uma primeira existência editorial, às vezes muito antiga, antes de ter ingressado no repertório de livros para um grande número de leitores.<sup>209</sup>

Já no século XX, um dos marcos dos livros de bolso foi a coleção Penguin, lançada na década de 1930. A idéia, criada pelo editor inglês Allen Lane, partiu de sua constatação da falta de boas opções de leitura barata e rápida. Seu ponto de partida era o seguinte:

Publicariam uma coleção de reimpressões dos melhores autores em brochuras bem coloridas. Elas não atrairiam apenas o leitor comum: seriam uma tentação para todos que soubessem ler, intelectuais ou ignorantes. Os livros seriam vendidos não apenas em livrarias e bancas de livros, mas em papelarias, tabacarias e casas de chá.<sup>210</sup>

Em sua editora, a The Bodley Head, o projeto não foi bem recebido a princípio, mas Lane insistiu e conseguiu os direitos sobre algumas obras já publicadas por outras editoras e de autores de sucesso como Agatha Christie e Ernest Hemingway.

---

<sup>209</sup> CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, Editora UnB, 1994. p. 20. *Apud* OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. p. 19.

<sup>210</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 168.



Em 30 de julho de 1935, os primeiros dez livros da Penguin foram lançados a 6 pence cada volume. Lane havia calculado que quebraria mesmo se vendesse 17 mil exemplares de cada título, mas as primeiras vendas não passaram nem de 7 mil. Ele foi então visitar o comprador da enorme cadeia de lojas Woolworth, um tal de Clifford Prescott, que vacilou: a idéia de vender livros como qualquer outra mercadoria, junto com pares de meias e latas de chá, parecia-lhe um tanto ridícula. Por acaso, naquele exato momento, a senhora Prescott entrou no escritório do marido. Consultada sobre o que achava da idéia, manifestou-se com entusiasmo. Por que não, perguntou ela? Por que não tratar os livros como objetos do dia-a-dia, tão necessários e tão disponíveis quanto meias e chás? Graças à senhora Prescott, fechou-se o negócio.<sup>211</sup>

A partir daí, a coleção prosperou, unindo qualidades como ampla distribuição, custo baixo, excelência e variedade de títulos. Mais importante que isso, na opinião de Manguel, foi a realização simbólica da Penguin: uma grande coleção de livros que podia ser comprada por quase todas as pessoas em diversos lugares do mundo.

Outra coleção famosa foi a da editora alemã Albatross, a série “The Albatross Moderns Continental Library”. Segundo Oliveira, os livros tinham formato 111 x 180 mm, acabamento e design elaborados. As capas tinham cores distintas, conforme o tema ou área, e o projeto gráfico era assinado por um famoso artista gráfico da época, Giovani Mardersteig. “A coleção foi apresentada ao público em 1932, com seus primeiros vinte títulos (começava por James Joyce, passava por Aldous Huxley e Virginia Woolf e acabava com Dashiell Hammett)”.<sup>212</sup> A Albatross acabou sendo extinta em 1943. Com o tempo, outras empresas se estabeleceram na Alemanha, que hoje tem um forte mercado de livros de bolso.

Em 1996, 58% da população já gastava, com a compra de livros de bolso, pelo menos dez marcos, garantindo um faturamento superior a dezessete milhões de marcos. Como se vê, a Alemanha é um país que adotou

---

<sup>211</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p 170.

<sup>212</sup> OLIVEIRA, Lívio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002.p. 22.

realmente o livro de bolso, transformando-o em um poderoso meio de comunicação de massa.<sup>213</sup>

Nos Estados Unidos, após várias incursões de editores desde 1829, sem grande permanência, foi no final do século XIX que surgiu a “pulp novel”, que logo atraiu grande número de editores. Eram “romances baratos, como as ‘dime novels’ que os críticos consideravam literatura sem valor, os temas são histórias de guerra, de detetives, de amor ‘açucarada’”<sup>214</sup>.

Depois de distribuídos, os livros que retornavam e os que sobravam tinham as capas tiradas. Aproveitando o miolo, era colada outra capa e o produto era vendido como novo título. Essa técnica é usada, inclusive no Brasil, até hoje. [...] Um exemplo disso é a série de livros *Julia*, voltada ao público feminino. Depois de um determinado tempo nas bancas, os livros eram devolvidos para a editora. Ela juntava vários números diferentes e colocava outra capa, transformando o produto em uma espécie de ‘obras completas’.<sup>215</sup>

Em junho de 1939, ocorreu nos EUA uma revolução semelhante à feita por Allen Lane, na Inglaterra: a *paperback revolution* americana. “Robert de Graaf, com o suporte financeiro de uma grande editora de livros capa dura, a Simon & Schuster, apresentou uma nova ramificação dessa editora (..): a Pocket Books”<sup>216</sup>. O formato dos livros era 120 x 163 mm e custavam 25 centavos de dólar. Os livros logo viraram uma febre, primeiro em Nova York e logo depois, no resto do país, apresentando um crescimento ainda mais significativo durante a Segunda Guerra, quando o governo incentivava a leitura dos *pocket books* nos fronts de batalha. Segundo Dessauer, citado por Oliveira (2002):

---

<sup>213</sup> OLIVEIRA, Lívio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 25.

<sup>214</sup> COLLIN, P.H. **Dictionary of printing and publishing**. 2ª ed. Cambridge, Peter Colling Publishing, 1997. p. 239. *Apud* OLIVEIRA, Lívio, **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção L&P Pocket**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 32.

<sup>215</sup> OLIVEIRA, Lívio, **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção L&P Pocket**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 32.

<sup>216</sup> *Ibid*, p. 33.

Pouco depois do final do conflito armado nasceu a nova era dos livros de bolso. Os volumes lançados na época pela Bantam Books, a New American Library e a Pocket Books, bem como por outras editoras que logo se juntaram a elas, não diferiam dos demais apenas quanto ao formato, tamanho e preço: eram livros que utilizavam novos canais de distribuição, até então fechados para a indústria livreira. Valendo-se das facilidades das cadeias nacionais de lojas e dos distribuidores independentes locais, os livros foram expostos em bancas de jornais, charutarias, drugstores, estações ferroviárias, etc. Em grande parte, eles criaram um mercado novo, jamais atingido antes.<sup>217</sup>

No Brasil, o livro de bolso surgiu no final do século XIX. Mas, para Oliveira (2002), o sucesso das coleções é relativo.

Desde o final do século XIX, há tentativas de publicar coleções e séries em formato pequeno, mas elas parecem sempre obedecer a uma regra: durante um certo período, essas coleções alcançam um razoável sucesso de vendas, mas pouco depois acabam falindo. Aí, surgem outras e o ciclo é retomado: sucesso ligeiro e rápido declínio. Uma coleção, na verdade, parece substituir outra, ainda que de editoras e temáticas diferentes.<sup>218</sup>

Foi a carioca Livraria Quaresma que no final do século XIX tornou-se especializada em livros de formato menor e preço acessível, incluindo temas como humor, credices e literatura infantil. Foi daí que surgiu o rótulo “edição Quaresma” para edições populares. A empresa fechou em 1951.

Em 1927, a Companhia Editora Nacional lançou algumas coleções que iriam durar mais que as anteriores, entre elas a “Série Negra”, de romances policiais; a “Coleção Terramarear”, com temas variados, e, alguns anos depois, a “Biblioteca das Moças”, dirigida ao público feminino e que pode ser considerada uma precursora dos romances sentimentais no Brasil. Os livros mediam 120 mm x 160 mm e tinham entre 60 e 70 páginas.<sup>219</sup>

---

<sup>217</sup> DESSAUER, John. **Tudo sobre a publicação de livros**. 2 vols. São Paulo, Mosaico/Edusp, 1979. P. 22 *Apud* OLIVEIRA, Lívio, **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. p. 35.

<sup>218</sup> OLIVEIRA, Lívio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. 131 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). USP, São Paulo, 2002. p. 41

<sup>219</sup> LIMA, Yone Soares de. **A ilustração na produção literária**. São Paulo, IEB/USP, 1985. p. 96. *Apud* OLIVEIRA, Lívio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação de mestrado. USP, 2002. P. 45.

Compostas só de obras traduzidas, principalmente do francês e do inglês, explorando habilidosamente os filões da sentimentalidade e da aventura, essas coleções conquistaram uma “legião de leitores e assinalam os primórdios da invasão do best-seller estrangeiro, facilitada e estimulada pela ausência de similares nacionais”, além de chegarem ao Brasil com garantia de sucesso (já se conheciam as traduções portuguesas publicadas na coleção Biblioteca das Famílias), “por já terem passado em seus países de origem pelo teste de popularidade e aqui aportarem aureolados do prestígio publicitário”<sup>220</sup>.

No final de 1935, a gaúcha Editora Globo lançou a “Coleção Globo”, no formato 111 x 160 mm, e que segundo Hallewell (1985), era “uma série econômica que reunia ficção popular e clássica, cujo reduzido preço de capa exigia uma tiragem bastante grande para aquela época, de 7.000 exemplares”<sup>221</sup>. As vendas não corresponderam às expectativas e a coleção não foi adiante. A editora Edições de Ouro surgiu após a Segunda Guerra Mundial, lançando a coleção “Sem Mestre”, que ensinava diversas atividades. Depois, com a venda de livros policiais, o catálogo da editora cresceu, com venda em bancas de revistas e livrarias próprias, além de reembolso postal. Entre os livros lançados estavam os da coleção *Rebeca*, de romances sentimentais, também em formato de bolso, que tinha como principal autora publicada a britânica Barbara Cartland.

Hoje em dia, a editora com mais visibilidade na venda de livros de bolso no Brasil é a gaúcha L&PM Editores, fundada em 1974. A coleção de maior sucesso da editora é a “L&PM Pocket”, “considerada hoje uma das mais representativas coleções de livros acessíveis do mercado editorial brasileiro”<sup>222</sup>. Com catálogo eclético, apresenta ficção brasileira e estrangeira, incluindo traduções de clássicos e *best sellers*. E a Record, como dito anteriormente, lançou-se nesse mercado com o selo BestBolso.

---

<sup>220</sup> PAES, José Paulo. Faz falta uma literatura brasileira de massa. Folha de São Paulo, 10/12/1988. p.9. *Apud* CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadiilhas da sedução**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 36

<sup>221</sup> HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo, T.A. Queroz/Edusp, 1985. p. 325.

<sup>222</sup> OLIVEIRA, Livio. **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação. 131f. (Mestrado em Comunicação) – USP. São Paulo, 2002. p. 63.

O caráter tardio da aceitação no Brasil das edições populares, sejam de bolso ou não, também pode ser associado ao traço marcadamente de classe que configura o livro e a leitura no País. Como se tratava de um elemento de consumo de setores elitizados da população, sem “valor de troca”, devia ser condizente com o presumido “valor de uso”. No que se refere à questão do preço, é um processo análogo aquele que faz de todo escritor brasileiro, segundo José Paulo Paes, um Thomas Mann ou um Kafka, mas nunca um Conan Doyle. O novo leitor já não vê com maus olhos a literatura barata. Seja em textos de entretenimento ou no catálogo de clássicos, aos poucos o fator preço está deixando de ser uma referência de qualidade. Que isso esteja mudando é sinal de transformações expressivas no tecido social e nas funções da leitura no Brasil.

Apesar de publicar livros de conteúdo diferente dos romances sentimentais das séries como *Sabrina* e similares, é possível encontrar paralelos, não apenas no formato, mas também no sistema de distribuição dos livros de bolso de editoras como a L&PM, BestBolso, Nova Cultural e Harlequin.

Entre os fatores de popularidade dos romances sentimentais está com certeza o fácil acesso aos livros das séries. Segundo Oliveira (2002), os livros de bolso revolucionaram o lugar onde o livro era vendido, saindo da livraria tradicional para espaços ditos de passagem, como bancas de jornais, supermercados, farmácias, padarias, entre outros. No Brasil, enquanto os livros da Nova Cultural concentram suas vendas nas bancas, com ampla rede de distribuição – é difícil entrar numa banca de revistas que não tenha algum romance Nova Cultural nas prateleiras –, os da Harlequin estão em bancas esparsas, mas também em lojas de departamentos, como Americanas, supermercados, como Carrefour e Extra, e sites de compra como Submarino, Americanas e Saraiva, além de vendas diretas via site próprio. Para a editora canadense, o resultado alcançado ainda está longe do ideal, como informa Rivera: “Nosso canal principal de vendas são as bancas. Ainda não temos uma excelente cobertura nacional, mas estamos caminhando para melhorar esta

distribuição. Outros canais, estamos em início de trabalho, mas ainda de forma tímida”. Apesar disso, devido ao histórico da Harlequin como grande editora internacional, a perspectiva é que com o tempo ela consiga alcançar uma distribuição similar à de sua concorrente.

Para Oliveira, a principal inovação trazida pelos exemplares de bolso foi a democratização do livro e da leitura, “já que nos mais longínquos pontos era possível comprar livros por algumas moedinhas”<sup>223</sup>. O próprio pesquisador acrescenta que essa situação era real quando surgiram os *pockets books*, porque em 60 anos o preço médio desses livros aumentou pelo menos 28 vezes.

As bancas vendem os romances no sistema de consignação. Nem a Nova Cultural nem a Harlequin têm uma política agressiva de assinaturas. Esse é considerado mais um serviço para a leitora, mas na opinião de Mutus, é um canal que pode ser melhor trabalhado. Nas grandes cidades, questões de segurança, trânsito e falta de local para estacionar acabam influenciando nas vendas, o que aponta para uma possível brecha de mercado nas vendas diretas.

Nas editoras Nova Cultural e Harlequin as assinaturas e vendas diretas de exemplares atrasados funcionam por telefone e Internet. Os custos não podem ser chamados de módicos: de R\$ 231,40 a R\$ 358,80 para assinaturas anuais de séries da Nova Cultural. Na Harlequin, é obrigatório assinar pelo menos duas séries, a custos a partir de R\$ 306,00 para as séries *Jéssica* e *Desejo*, por um ano<sup>224</sup>.

Se por um lado, o oferecimento de assinaturas permite que as leitoras recebam os romances em casa, sem perder nenhum número das suas séries preferidas, o mau funcionamento do sistema de entregas pode se transformar num item negativo para a editora. É o caso da Harlequin, que segundo leitoras, atrasou a entrega das assinaturas em fevereiro de 2008 e estaria falhando também na entrega

---

<sup>223</sup> OLIVEIRA, Lívio **O livro de preço acessível no Brasil: o caso da coleção “L&P Pocket”**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação), ECA/USP. São Paulo, 2002. p. 38

<sup>224</sup> Valores pesquisados em março de 2008 no site das editoras

nas bancas, conforme as discussões na comunidade *Adoro Romances*, sob o tópico *Harlequin – Assinantes Fevereiro*, aberto por M.A. em 12 de fevereiro de 2008:

Alguém já recebeu sua leva de livrinhos? Eu ainda não recebi...vou esperar até o dia 15 para reclamar...afinal, eles sempre falam que até o dia 15 a gente recebe...

E alguns comentários postados no tópico:

G. - Desculpe postar aqui.... mas hoje finalmente recebi uma resposta da Harlequin. Depois de várias tentativas de assinaturas por e-mail (eles nunca recebiam...) e outras tantas pelo site.... eis que perdi a paciência e mandei um último e-mail dia 23/01 reclamando do descaso deles... Hoje dia 14/02 recebi a primeira resposta, dizendo que a minha assinatura está sendo providenciada e que logo receberei o boleto para pagamento. Entro aqui para contar a novidade para vcs e vejo o pessoal reclamando da demora nas entregas... será que "um dia" receberei meus livrinhos em casa???

L. - Eu também ainda não recebi e moro no interior do estado de São Paulo, só assino porque na minha cidade chega com 4 meses de atraso quando chega pois tem alguns que se já esgotou e não chega. Tava demorando muito para começar a falhar!!!!!!!

D. - Não sou assinante mas compro direto pacotes de livros (escolho de várias séries), os lançamentos que aqui demoram mais de 3 meses para chegar nas bancas. Estou desde o dia 19/01 tentando fazer o pedido, e nada...Dia 15/02 depois de eu mandar um e-mail cancelando o pedido é que foram postados os livros. A Mariana do atendimento informou que estão com problemas nos sistemas, razão do atraso...Sei lá, mas de repente tenha algo a ver com a demora das assinaturas tb. <sup>225</sup>

Mais uma vez, podemos considerar que comentários negativos possam ter sido postados pela concorrência, ou que aqueles que informavam ter recebido os exemplares no prazo o tenham sido pela própria editora. Mesmo assim, são dezenas de comentários e os acima denotam situações que parecem, ou poderiam, ser verídicas. Assim sendo, é de se questionar a eficácia do sistema de assinaturas da empresa.

---

<sup>225</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=2528319443962604676>>.. Comunidade Adoro Romances.

Na questão do formato de bolso – ou de bolsa – deve-se considerar os locais de leitura: há quem leia na cama, no ônibus, no trabalho e até no elevador (constatado pessoalmente por esta pesquisadora num edifício comercial de Curitiba, no qual a ascensorista passava o tempo lendo um romance de série). Por vezes, o exemplar precisa ser segurado com apenas uma mão. Um livro de capa dura, de difícil manuseio, com certeza limitaria essas possibilidades. A leitora L.L., fazendo um comparativo entre Nova Cultural e Harlequin, aponta o formato como diferencial, “Harlequin - livros com formato bolso, menor e mais prático Nova Cultural - livros maiores”<sup>226</sup>, apesar de tecnicamente os dois poderem ser chamados de *pocket books*.

Entre as leitoras pesquisadas, a maioria apontou a cama como o local preferido de leitura. O lugar de leitura não deve ser desprezado como fator coadjuvante do prazer de ler. Para Manguel,

Há algo mais do que entretenimento no ato de ler na cama: uma qualidade especial de privacidade. Ler na cama é um ato aut centrado, imóvel, livre das convenções sociais comuns, invisível ao mundo, e algo que, por acontecer entre lençóis, no reino da luxúria e da ociosidade pecaminosa, tem algo da emoção das coisas proibidas. [...] A expressão trivial “levar um livro para a cama” sempre me pareceu carregada de uma expectativa sensual.<sup>227</sup>

Se pensamos aqui nos romances sentimentais, com seu conteúdo erótico muitas vezes não abertamente assumido e o prazer sensorial que a leitura oferece às leitoras, conforme suas próprias narrações, a cama parece mesmo o local mais adequado a essa leitura. Questionadas sobre o lugar onde lêem, as leitoras responderam:

Na cama. É tomar um banho e a última coisa antes de dormir é ler. E às vezes, o dormir, coitado, vai para o espaço.<sup>228</sup>

---

<sup>226</sup> L.L., Entrevista 34.

<sup>227</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 180.

<sup>228</sup> C.P.A. Entrevista 2.



Geralmente em casa. Mas onde eu estiver calma e em paz, estou lendo. Ah... eu sem nada pra fazer...<sup>229</sup>

Em casa, se em papel, na cama. Mas sempre no meu quarto<sup>230</sup>

Já me escondi até no banheiro para poder ler sossegada um romance, mas gosto mais de ler na cama<sup>231</sup>

Geralmente, em casa e na minha cama... Mas leio em outros cantos da casa e, até, na faculdade no intervalo de uma aula para outra.<sup>232</sup>

Paradoxalmente, o espaço mais público aparece também como lugar de leitura freqüente. A condução ou o ônibus são lugares apontados pelas entrevistadas, talvez por permitir que as leitoras passem o tempo sem perceber o local onde estão. Ou talvez, cercadas de estranhos, com um cenário indiferente passando à janela, as histórias açucaradas ganhem mais sabor. As duas situações de leitura não chegam a surpreender, entretanto, pois já foram observadas há muito tempo, como relata Chartier (2001), no ensaio *Do livro à leitura*, ao analisar imagens de leitores em obras de arte nos séculos XVII e XVIII:

Na sociedade antiga, duas representações contraditórias permitem ver, no quadro ou na estampa, e ler, na confissão ou na ficção, as situações de leitura: a primeira, dominante, reconhece a leitura como ato do foro privado por excelência, da intimidade subtraída ao público; a segunda faz dela um cerimonial coletivo, em que uma palavra mediadora é leitora para os iletrados ou mal letrados. [...] Novas representações são figuradas a partir de então: a leitura ao ar livre no jardim, sob as folhagens [...], a leitura em pé, acompanhando a marcha.<sup>233</sup>

As leitoras que respondem ler nos ônibus afirmam morar em grandes cidades: São Paulo, Fortaleza, Rio de Janeiro. Então, é de se imaginar que gastem um tempo relativamente longo no trajeto entre suas casas e trabalho ou local de

---

<sup>229</sup> I, Entrevista 22.

<sup>230</sup> L. Entrevista 30.

<sup>231</sup> C. Entrevista 31.

<sup>232</sup> M. Entrevista 33.

<sup>233</sup> CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. (org). 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 90-91.

estudo, daí é mais comum a condução como local de leitura do que para leitoras de cidades menores.

Gosto de ler em casa, no meu sofá e às vezes no ônibus...quando encontro um lugarzinho <sup>234</sup>

Em casa, na cama, no ônibus etc. <sup>235</sup>

Em casa e na condução ao trabalho. <sup>236</sup>

Ônibus e casa. <sup>237</sup>

Há ainda as que lêem em qualquer lugar onde haja oportunidade:

Em casa; na fila de banco; na espera do médico, dentista, ônibus. Geralmente, leio em casa, no meu quarto. Ou na cadeira do computador ou na cama. Por isso, volta e meia falo que quis jogar o livro pela janela, quando não gosto dele. No meu caso (o lugar) não influencia. Se a história capturou minha atenção, sou capaz de ler em qualquer lugar, com barulho, sem barulho, sozinha ou acompanhada. O porém é que não gosto de ser interrompida. Se estou mergulhada naquele universo, não gosto que me tragam de volta antes da hora. <sup>238</sup>

A leitura em lugares tão díspares não chega a surpreender, uma vez que os romances sentimentais não exigem raciocínios intrincados para que sejam compreendidos. É literatura que se permite ler em vários lugares, mesmo sob risco de interrupção, óbvia em ambientes como filas de bancos ou salas de espera. Assim, lugar e leitura não se dissociam, fazem parte de um todo que compõe o cenário para o ato de ler:

Quer escolhamos primeiro o livro e depois o cantinho apropriado, que encontremos o canto e depois decidamos qual o livro adequado ao clima do lugar, não há dúvida de que o ato de ler no tempo requer um correspondente ato de ler no espaço, e a relação entre os dois atos é

---

<sup>234</sup> L. Entrevista 39 – cidade não informada.

<sup>235</sup> V. Entrevista 25 - moradora de Fortaleza-CE.

<sup>236</sup> M. Entrevista 26 , moradora de São Paulo -SP

<sup>237</sup> N. Entrevista 29, moradora do Rio de Janeiro –RJ;

<sup>238</sup> R.O., Entrevista 10, moradora de Juiz de Fora - MG

inextrincável. Há livros que leio em poltronas e livros que leio em escrivatinhas; há livros que leio em metrô, bondes e ônibus. Acho que livros lidos em trens têm algo da qualidade do que leio em poltronas, talvez porque em ambos os casos posso me abstrair facilmente do ambiente.<sup>239</sup>

A leitura nos ônibus, no Brasil, corresponde à dos metrô em outros países. Mutus aponta, de forma bem humorada, a relação entre o uso do transporte público no Brasil e o baixo índice de leitura.

A gente até brinca, porque o brasileiro lê pouco? Porque quem pode comprar livro não anda em transporte público e não tem muito tempo pra ler. Esse tempo no transporte coletivo, lá fora por exemplo, todo mundo no metrô tem seu livrinho.

Apesar do exagero, a afirmação não deixa de ser instigante, se pensarmos que quem utiliza automóvel não tem essa possibilidade de leitura e gasta, muitas vezes, longo tempo para chegar ao destino.

Conhecendo suas leitoras, as editoras sabem que tanto para a leitura na cama quanto nos ônibus, o formato de bolso é mais adequado. Mesmo a capa em papel flexível auxilia o acomodar do livro na mão. O número de páginas também influencia no manuseio e no preço dos livros. Cada série sentimental segue um padrão. Diante da possibilidade de inovar, a Nova Cultural fez a seguinte pesquisa em seu site, em 28 de novembro de 2007:

Querida Leitora,

A sua opinião é muito importante para nós e pode nos ajudar a resolver alguns impasses. Como é do seu conhecimento, os Romances Nova Cultural são traduzidos para o português dos livros originais em inglês. Temos recebido, com uma frequência cada vez maior, livros originais com histórias muito boas, porém com um número de páginas bem superior ao formato das nossas séries em português. Para publicar essas histórias em Sabrina, Julia e Bianca, que temos certeza de que você irá adorar, nós temos duas opções, e para isso é fundamental sabermos a sua preferência, uma vez que o nosso objetivo é que você, leitora, fique satisfeita.

---

<sup>239</sup> MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura. Uma história da leitura.** Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 177-178.

Com o intuito de preservar o conteúdo das histórias, temos, portanto, as seguintes opções:

1 - Publicar cada uma delas na íntegra, em uma única edição, num livro com maior número de páginas e, portanto, com alteração de preço;

2 - Publicar cada história dividida em duas partes, em duas edições contínuas da série, mantendo o preço atual.

Acreditamos que esta é uma decisão que deve ser tomada em conjunto com as leitoras, levando em conta as suas opiniões e preferências, para que possamos continuar realizando o nosso trabalho de maneira gratificante, tanto para nós como para vocês.<sup>240</sup>

Em sua entrevista, Pomponio não revelou intenção de publicar obras em duas partes e nem obras especiais com número de páginas maior, de onde deduz-se que o projeto ainda não foi aprovado ou nem vai sair do papel. Mas como já visto, o número de páginas das séries costuma gerar conflitos – as leitoras querendo mais, as editoras preferindo menos para baratear custos e atingir número maior de consumidoras.

Formato e número de páginas são problemas que desaparecem quando se fala em *e-books*. No computador, eles podem ser programados para a leitura no formato Word ou mesmo imitando livros, em páginas que parecem apenas escaneadas de obras em papel. E surge agora uma nova forma de leitura. Os aparelhos de MP4, onde os textos podem ser baixados, foram apontados por duas leitoras como opção para leitura em qualquer lugar. É o livro na palma da mão:

Em casa, na cama, no ônibus e onde eu tiver um tempinho!!! Mas, pra mim pelo menos, ficou mais fácil ainda ler meus livros no mp4...pq ele é pequenininho e eu posso até ler durante alguma aula chata..<sup>241</sup>

A leitora C.P.A., logo após sua entrevista, mostrou o aparelho de MP4 com o livro que estava lendo. E afirmou aproveitar o tempo entre as aulas, já que é professora, para se distrair com os romances. Conquanto perca-se algumas

---

<sup>240</sup> NOVA CULTURAL. Disponível em <[www.romances.com.br](http://www.romances.com.br)>. Acesso em 20/09/2007.

<sup>241</sup> H. Entrevista 28.

características da leitura – o contato com o livro, o ato de folhear, a imagem lúdica da capa e até o correr os olhos na linha, que no aparelho é extremamente, e para mim, irritantemente, curta – pode-se imaginar que, caso esses aparelhos se tornem tão populares quanto o celular, por exemplo, mais leitoras e mais leitoras possam adotar essa prática. O próprio celular, inclusive, com suas novas tecnologias, já está sendo também utilizado como meio de leitura. Na comunidade do Orkut *E-Books de Romances AR (Adoro Romances)*, a internauta C.A. postou em 14 de junho de 2008 o tópico “Alguém lê romances no celular?”, em que informa: “Eu converto os livros para Java e coloco no celular, já li diversos livros assim”<sup>242</sup>. Seguem-se várias conversas em que leitoras trocam informações sobre os modelos e marcas dos aparelhos usados para a leitura, tamanho de cartão de memória necessário e como fazer a conversão dos textos.

A tecnologia está criando assim novas demandas a serem atendidas. Às editoras, resta a alternativa de apressarem seus projetos de livros via Internet ou verem mais e mais obras sendo distribuídas entre as leitoras através da rede sem qualquer retorno comercial para as empresas.

---

<sup>242</sup> ORKUT. Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=12867211&tid=5211664100558546357>. Acesso em 29/08/2008.

## 5. MARKETING EDITORIAL DOS ROMANCES SENTIMENTAIS: VENDENDO O QUE (QUASE) SE VENDE POR SI MESMO

Quando se fala em produtos de comunicação de massa, adotar uma estratégia de marketing é fundamental para o sucesso de um empreendimento comercial. Marketing é muito mais do que propaganda e vendas. Entenda-se pelo conceito explicitado por Pride e Ferrel:

Marketing é o processo de criar, distribuir, promover e apreçar bens, serviços e idéias para facilitar relações de troca satisfatórias com clientes em um ambiente dinâmico. Como compradores dos produtos que as organizações desenvolvem, promovem, distribuem e apreçam, os clientes são o foco de todas as atividades de marketing.<sup>243</sup>

Com base no conhecimento que têm do seu público, as empresa criam o que se chama mix de marketing, série de ações a serem desenvolvidas, que deve ser coerente com as estratégias da empresa e flexível o suficiente para responder rapidamente às mudanças nas condições de mercado, concorrência e necessidades do consumidor. Nessa área, é quase um bordão apontar que o objetivo é satisfazer as necessidades dos clientes. Segundo Kotler e Armstrong (1999),

Os profissionais de marketing dirigem essas demandas criando produtos e serviços apropriados. Esses *produtos* [grifos do autor] satisfazem as necessidades e desejos e oferecem *valor*, a percepção do cliente da diferença entre as vantagens de possuir e usar o produto e o custo para adquiri-lo. Se o produto oferecer um bom valor, irá criar satisfação no cliente. A idéia complexa de qualidade é intimamente ligada à satisfação. *Qualidade* significa não só a ausência de defeitos, mas também que o produto oferece a satisfação que o cliente busca.<sup>244</sup>

---

<sup>243</sup> PRIDE, William; FERREL, O.C. **Marketing: conceitos e estratégias**. Rio de Janeiro, LTC: 2001. p. 15

<sup>244</sup> KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1999. p. 16

É preciso lembrar que “satisfação”, do ponto de vista da empresa, quer dizer manutenção, e se possível, expansão dos negócios. Já para o consumidor, tem definições as mais variadas. Nas citadas relações de troca entre empresa e cliente, o que a primeira quer do segundo é o dinheiro, e, tanto quanto possível, que ele venha de forma regular e crescente. Então a idéia de que os profissionais dessa área trabalham para atender às demandas dos clientes inclui o fato de que muitas dessas demandas são criadas e refundidas precisamente por essas ações de marketing. Não se pode dizer, portanto, que se trata de demandas genuínas, mas de desejos fomentados mercadologicamente pela indústria cultural.

Assim, as ferramentas de marketing são utilizadas pelas editoras de romances sentimentais para se aproximar das leitoras, de forma a poder a um mesmo tempo atender a demanda pelos textos que elas (as leitoras) desejam ler e também gerar a procura/desejo pelos textos que as empresas têm a oferecer. Utilizam para isso recursos como publicidade nos próprios exemplares – como já foi dito, por seguirem um mesmo modelo, os romances são a propaganda de si mesmos, compra quem já leu – ; pesquisas de opinião; sites e *blogs* na Internet, assessoria de imprensa para divulgação na grande mídia; e cartas à leitora publicadas nos livros.

Os romances sentimentais, enquanto literatura de massa, têm similaridade com os chamados *best-sellers*, textos escritos também com fórmulas já consagradas e feitos para alcançar grandes vendas:

O best-seller contém, assim, soluções narrativas e conteudísticas que atraem o grande público e auxiliam na vendagem. A própria publicidade, quer externa, nos anúncios diretos ou indiretos, quer a interna, nas orelhas do livro, na quarta capa ou nos resumos dos catálogos, cuida de dar ênfase às virtudes míticas da obra. Promete um entretenimento ou uma excitação da mente, acompanhada de uma solução. O ideal do best-seller será o mundo não problemático e o fim feliz.<sup>245</sup>

---

<sup>245</sup> LUCAS, Fábio. **Crepúsculo dos símbolos**. reflexões sobre o livro no Brasil. Campinas: Pontes, 1989 p. 65

Por outro lado, encontram também diferenças, como ressalta Zilberman (1984):

Os livros seriados, de tamanho de bolso, não postulam qualquer reconhecimento artístico, conformando-se a um papel descartável, o que lhes faculta a multiplicação infinita de um único modelo. O best-seller figura em livrarias e assimila da literatura os traços estéticos vigentes, ainda que os atenua, para, assim, diluir o eventual caráter de contestação a algum sistema de dominação, seja estético, político ou ideológico, que o experimentalismo possa conter.<sup>246</sup>

Como parte de um projeto de marketing editorial voltado às vendas, as editoras de romances sentimentais utilizam a divulgação publicitária como em qualquer outro bem de consumo na economia de mercado. Para Reimão (1996):

Como, no Brasil, o principal problema da indústria do livro talvez seja o rompimento do círculo de desinformação, que isola o potencial leitor do universo da leitura, os fatores externos parecem ser fundamentais no “despertar” de leitores. Laurence Hallowell comenta esse isolamento: “a maioria dos brasileiros deixa de comprar livros para a leitura de lazer porque, além dos autores conhecidos e detestados no tempo de escola, simplesmente não sabem que outra coisa ler”.<sup>247</sup>

Entra aí o marketing editorial, com ações das mais diversas. Rivera informa que a Harlequin utiliza material de publicidade em ponto de vendas. Nesse sentido, o que se verificou nos locais de vendas foram estantes próprias para livros de bolso com a logomarca da empresa em cima. No entanto, não só livros da editora estavam expostos, misturando-se obras da LP&M. Na Nova Cultural, Mutüs revelou: “A gente faz ações pontuais, em pontos de vendas, assessoria de imprensa, material promocional, anúncios em revistas femininas”. Essas ações incluem, por exemplo, promoções em rádios com brindes em forma de romances das séries. Nas bancas, reproduções das capas dos romances se transformam em cartazes para exposição na vitrine. Mutüs observa que a Região Sul apresenta mais dificuldades para a

---

<sup>246</sup> ZILBERMAN, Regina. **Literatura e o apelo das massas**. *Apud* AVERBUCK, Ligia (Org). **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984. p.20.

<sup>247</sup> REIMÃO, Sandra. **Mercado Editorial Brasileiro**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996. p. 95.



realização de ações promocionais, devido à legislação local que taxa o que não é livro, a exemplo de brindes como DVDs e outros que não sejam considerados produtos editoriais. Mas não estão longe os tempos em que o exemplar de *Sabrina* nº 296, *A Maldição Cigana*, de Anne Mather, veio encartado num pacote de sabão em pó Minerva, nos idos dos anos 1980, como lembrou a leitora C.P.A. Ela menciona o episódio e observa como a leitura dos romances era vista naquela época: “Se vem na caixa de sabão em pó, quem lê é a dona de casa, aquela que lava roupa”<sup>248</sup>. Já a leitora M. é uma das que foi influenciada por ação semelhante, e conta que “há 22 anos comecei a ler em uma promoção do sabonete Lux (livrinho grátis), gostei tanto quanto dos da série *Vagalume* e passei a comprar.”<sup>249</sup> Hoje, os brindes vêm em revistas femininas e em outros exemplares dos próprios romances, desvinculando a imagem dos romances daquela possível leitora dona de casa, que no entanto, com certeza, compõe as fileiras de leitoras de carne e osso.

As pesquisas de opinião, tanto quantitativas quanto qualitativas, são a principal ferramenta das editoras para pautar suas mudanças – capas, formatos, conteúdos. Mutüs informa que na Nova Cultural as quantitativas são feitas geralmente através de um encarte (carta-resposta) na própria publicação, e as respostas são tabuladas levando-se em conta o volume de vendas em cada região e a representatividade das amostras recolhidas em relação a esse fator. São feitas geralmente a cada quatro anos. Já as qualitativas são feitas normalmente em São Paulo, a cada três anos, reunindo leitoras dentro de determinado perfil. As pesquisas postadas na Internet são utilizadas com mais frequência, mas apenas como um balizador, um indício, pelas dificuldades de tabulação, uma vez que a mesma pessoa pode responder várias vezes à mesma pergunta ou mesmo a pergunta pode ser respondida por pessoas com interesses comerciais envolvidos. A Nova Cultural, segundo Mutüs, tem arquivadas pesquisas feitas desde 1990. Nesse período, diz,

---

<sup>248</sup> C.P.A. Entrevista 2

<sup>249</sup> M. Entrevista 26.

não mudaram muito nem o perfil leitor, nem hábitos de compra. Rivera informa que a Harlequin realiza pesquisas pelo site da editora, avaliando as respostas tanto em termos quantitativos como qualitativos. Os resultados ela disse não poder revelar, provavelmente por questões estratégicas.

Uma vez que a produção do livro é feita a várias mãos, as pesquisas funcionam como balizadores para formatar o produto a ser oferecido às consumidoras. Ao entender o livro como produto, torna-se aceitável e mesmo desejável que sejam utilizados mecanismos de marketing para melhorar e manter as vendas. Como diz Borelli (1996):

Os elementos desvendam a dupla face da indústria cultural. Aparentemente, opõem-se os *lados de uma mesma moeda*: [grifo do autor] do lado da indústria, da fabricação, observam-se padrões, modelos, rotinas, homogeneidades; de outro, da cultura, produtores culturais, receptores, revelam-se variedades, diversidades, algumas criatividade, eventuais rupturas. De um lado, a divisão técnica do trabalho que dilui autorias, mas possibilita, paradoxalmente, a execução de um produto que resulta do esforço conjugado de autores variados; somam-se aos escritores todos aqueles que investem, interferem, propõem, alteram e imprimem um contorno final ao objeto, seja ele livro, filme, radionovela, telenovela. Todos estes, mercadorias solidamente construídas de acordo com modelos de fabricação, chegam às mãos de um consumidor-receptor que deles se apropria e transforma-os em objetos impalpáveis (cf. noção de 'mercadoria impalpável', Morin, 1984, p. 14), passíveis de realizar sonhos, desejos, de criar novos sonhos, novas fantasias.<sup>250</sup>

Para a autora, esses dois lados da mesma moeda não são excludentes, convivem muito bem. Mas há um outro ponto de vista na questão. Os mecanismos de produção e divulgação acabam criando situações em que o que vale é o volume de vendas, e não qualquer outra qualidade literária inerente ao produto simbólico livro. De acordo com Lucas (1989):

A conduta dos meios de comunicação de massa, diante do fenômeno da literatura, tem consistido em tratá-lo como um consumo a mais. Daí a cotação da bolsa de compra e venda de livros, expressa nas listas dos mais vendidos, constituir o principal indicador das tendências as serem

---

<sup>250</sup> BORELLI, S.H.S. **Ação, Suspense, Emoção**. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996. p.122.

registradas. Parte-se, na escolha da informação “literária” ao grande público, da lógica do predicado ou de uma aberração silogística: o que se vende muito é necessariamente bom. Ou, inversamente: é bom porque se vende muito. Esta é a lei perversa do mercado, que assim transforma o eixo da qualidade numa função de quantidade.<sup>251</sup>

A quantidade de vendas está diretamente ligada também à imagem que os livros têm no mercado. A questão do posicionamento dos livros mercadologicamente, discutida nas entrevistas com Pomponio e Mutüs, partiu de uma reportagem publicada em fevereiro de 2005 no jornal *Gazeta Mercantil*, na editoria de Mídia e Marketing. Nela, a editora da Nova Cultural da época, Janice Florido, afirma que a meta da Nova Cultural seria modificar a imagem que o público tem dos romances sentimentais.

A série vive, hoje, uma situação no mercado similar às sandálias Havaianas há 30 anos. Todo mundo usava, mas ninguém confessava. A São Paulo Alpargatas fez um extraordinário trabalho de reposicionamento da marca e, hoje, ela é este sucesso fashion de nível mundial. Nossa intenção é fazer um trabalho semelhante.<sup>252</sup>

Pomponio, comentando a reportagem, diz que ainda falta “um pouco” para alcançar o patamar desejado, mas que já houve mudanças, em especial no preconceito em relação à leitura.

Às vezes você encontrava quem dizia “isso é leitura de empregada doméstica”. Isso não existe mais. Essas meninas do Orkut, que recebi semana passada, têm inglês fluente. Elas lêem os livros tanto em inglês quanto em português. [...] Então, as pessoas têm um nível cultural e são fãs dos livros, independente do fato de ter menos poder [aquisitivo] ou não.

Sobre o mesmo assunto, Mutüs explicou o trabalho executado pela editora, alertando que mais do que um reposicionamento, com a entrada da Harlequin no mercado nacional, a Nova Cultural precisou redefinir estratégias:

---

<sup>251</sup> LUCAS, F. **Crepúsculo dos Símbolos**: reflexões sobre o livro no Brasil. Campinas, SP: Pontes, 1989

<sup>252</sup> NEVES, Regina. Romance açucarado é líder de vendas. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, p. A-26, 19/02/2005. Na íntegra nos Anexos.

O que a gente buscou nos últimos anos foi trabalhar o produto editorialmente, a qualidade e excelência editorial, não que não tivesse antes, mas com a entrada da Harlequin no mercado, a gente precisou se voltar muito mais internamente, olhar o produto, o que o mercado precisava, qual o espaço que poderíamos ocupar, mais do que sair atirando. Até porque quando você fala de romances, quando você fala de *Sabrina, Julia e Bianca*, não existe muito uma diferenciação, é sinônimo de categoria. Quando eu faço uma campanha pra mim, eu estou beneficiando o meu concorrente também. Então a nossa estratégia foi um pouco diferente, foi mais estar nos recolhendo, acompanhar o que ia acontecer com mercado, como nós iríamos nos posicionar perante as leitoras e para ver o que vinha e a partir daí começar a trilhar novos caminhos de comunicação. É o que ainda estamos fazendo.

Como diz Mutüs, o fato dos nomes *Sabrina, Julia e Bianca* terem se tornado sinônimo da categoria romances sentimentais (ou de amor, ou românticos, ou de banca, como denominam as leitoras), a exemplo de outros produtos, como Gillette para lâminas de barbear, limita a atuação da empresa na sua divulgação, sob pena de beneficiar gratuitamente a concorrência. O uso de mecanismos dirigidos, como a Internet, parece ser a solução para uma comunicação mais direta com as leitoras.

### 5.1. A INTERNET COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DAS EDITORAS

Os sites são hoje o principal canal de comunicação entre as editoras e as leitoras. E mais: tornaram-se parte inerente dos negócios. Novos lançamentos, venda direta, assinaturas, perfil editorial das séries, propagandas da editora e dos livros, espaço para postagem de opiniões das leitoras, tudo torna essa uma importante ferramenta de marketing. Trechos de obras são também disponibilizados para leitura, numa espécie de isca para a compra dos livros. A Nova Cultural mantém em seu site espaços para contatos diretos com as leitoras. Ali a empresa posta com freqüência perguntas e informações comerciais e recebe as respostas. Já a Harlequin apenas recebe e-mails, como será descrito a seguir.

Como em todas as publicações na Internet, pode-se considerar possível que a própria editora poste comentários em seu blog e mesmo nas comunidades de relacionamento como o Orkut, estimulando opiniões positivas sobre si e/ou negativas sobre a concorrência. Mas a quantidade de material acumulado nesses canais torna bastante difícil, senão impossível, que tudo não passe de informações manipuladas.

A Nova Cultural utiliza um blog em seu site [www.romances.com.br](http://www.romances.com.br), no link Espaço da Leitora, para divulgar lançamentos e fazer pesquisas de opinião. Mesmo considerando a possibilidade dos comentários direcionados, é preciso observar que uma pesquisa feita dessa forma é considerada válida para a editora, ajudando-a a obter respostas importantes sobre as opiniões das leitoras. Foram 10 perguntas, formuladas de fevereiro a setembro de 2007 envolvendo os mais diferentes aspectos a respeito dos romances. Cada item recebeu entre 50 e 100 respostas de leitoras, em média. Os itens e as datas em que foram inseridos no site estão listados abaixo:

1. Ao escolher um romance para ler, os que têm a foto de um casal na capa são mais atraentes para você do que os que têm uma capa com paisagem ou algum outro cenário, sem o casal? Esse fator tem alguma influência na sua escolha ao comprar um romance, independentemente de título, autora e sinopse da história, ou o fato de aparecer ou não um casal influi? – 15 de fevereiro de 2007.
2. Na sua opinião, um bom romance deve necessariamente conter descrições detalhadas de cenas de sexo (quanto mais picantes melhor) ou você acha mais interessante a indução à imaginação, a “atmosfera” de tensão sensual entre o herói e a heroína, sem necessidade de descrever detalhes íntimos? Ou para você é indiferente, contanto que a história seja bem escrita, com um enredo que prenda a atenção? – 2 de março de 2007.
3. Pelas nossas pesquisas e pelo feedback que recebemos das leitoras, nos foi possível determinar que, para a maioria das leitoras, é indiferente se a história é contemporânea ou de época, desde que seja uma boa história. Gostaríamos de saber a sua opinião a respeito disso. – 9 de março de 2007.
4. Em nossos romances históricos retratamos cenários de diversos lugares e diferentes épocas. Dessa forma tentamos agradar as leitoras de todos os gostos, de maneira diversificada. Gostaríamos que vocês nos contassem sobre suas preferências e sobre as lembranças de romances marcantes que já leram. – 5 de abril de 2007.

- 5.. O tamanho do livro influencia no seu interesse pela história? Qual o número de páginas ideal na sua opinião? – 30 de abril de 2007.
6. Gostaríamos de saber sua opinião sobre a carta da editora publicada em todos os nossos romances. - 25 de maio de 2007.
7. Você gosta de histórias que abordam temas sobrenaturais, paranormalidade, magia, etc., ou você não compraria um romance desse gênero? - 13 de junho de 2007.
8. Se você tivesse que definir os Romances Nova Cultural em uma só palavra, qual seria ela? Diga a primeira que vier à sua mente. - 29 de junho de 2007.
9. Qual a sua opinião sobre assinatura virtual? Você pagaria para ler todas as séries de romances através do site da Nova Cultural? O que você acha dessa opção de leitura? - 3 de agosto de 2007.
10. Você reconhece o selo “Melhores Autoras do The New York Times”, impresso em algumas capas dos romances de nossas séries? Se sim, o selo influencia pela escolha do romance? (Este selo identifica os romances escritos pelas melhores autoras do gênero, segundo a classificação do jornal americano “The New York Times”, referência de crítica literária mundial) – 24 de setembro de 2007.<sup>253</sup>

Pelos temas abordados, pode-se perceber que a editora busca um direcionamento para várias questões relevantes em relação às mudanças comerciais das séries nos últimos anos, como os temas paranormais (depois adotados na série *Bianca*), e-books, imagens das capas e os número de páginas dos exemplares. Também usa a própria formulação das perguntas para informar e reafirmar a qualidade das séries.

Na pesquisa para esta tese, questionadas sobre como tomam conhecimento dos lançamentos, muitas leitoras apontaram o site das editoras, grupos de discussão e blogs, ao lado das indicações de amigas. Não por acaso, todas as leitoras que postaram depoimentos para a tese no Orkut disseram que sabem dos novos livros pela Internet. :

---

<sup>253</sup> NOVA CULTURAL. Disponível no <<http://www.romances.com.br>>. Acesso em 20/03/2008.

Agora entro no site das editoras e escolho quais eu vou comprar.<sup>254</sup>

Eu entro nos sites das editoras e de algumas autoras que eu gosto.<sup>255</sup>

Nos próprios livros, nos sites da Harlequin e NC, no orkut nas comunidades, tem o blog da R., *Literatura de Mulherzinha*, que comenta os romances.<sup>256</sup>

Ora, vou nas bancas! E como sempre estou na internet vejo alguns lançamentos. Ainda que saia antes nas bancas do que nos sites oficiais.<sup>257</sup>

Eu sempre entro no site da NC [Nova Cultural] e de vez em quando da Harlequin também, anoto os títulos que mais me interessam e aguardo saírem nas bancas.<sup>258</sup>

O site da Nova Cultural traz links para os seguintes temas: Lançamentos, Assinaturas, Espaço da Leitora (blog), o Porquê das Séries, Trilogias, Edições Anteriores, Autoras e Cadastre-se. É de fácil navegação, expõe as capas de lançamentos, apresentação das autoras com a indicação e capa de seus respectivos livros lançados pela editora, perfil das séries e ofertas para assinaturas.

Já o site da Harlequin ([www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br)) coloca lado a lado as séries de romances de bancas e séries similares, mas com edições vendidas em livrarias. Assim, a mesma Nora Roberts tem romances vendidos a R\$ 12,00 nas bancas, e a R\$ 49,90 nas livrarias. O que muda basicamente, além dos títulos, são capa, papel e o número de páginas. Os links do site são para: Apresentação da Empresa, Coleção Banca, Coleção Livraria, Assinatura, Promoção e Mais Vendidos. Há também uma seção de Autoras em Destaque. Quem quiser pode cadastrar o e-mail para receber as novidades da empresa na forma de e-mail marketing. Falta, entretanto, um link para interação com as leitoras, onde estas possam se manifestar. Há apenas um tradicional Fale Conosco, para envio de e-mails à editora.

---

<sup>254</sup> C.P.A. Entrevista 2

<sup>255</sup> L.D.A. Entrevista 7

<sup>256</sup> M, Entrevista 21

<sup>257</sup> I., Entrevista 22

<sup>258</sup> S., Entrevista 27

Tanto na Nova Cultural, quando na Harlequin, mais do que para divulgação, o site funciona efetivamente para vendas. Segundo Mutüs, tem-se percebido uma mudança no comportamento de compra das leitoras, com redução da procura nas bancas e um redirecionamento para assinaturas. Esse é um canal, segundo ela, ainda a ser trabalhado pela editora. Como alerta o pesquisador Marcello Póvoa (2000):

As relações de venda na Internet estão afetando as definições de mercado de massa. As vendas na Rede tendem a ser personalizadas, adaptando-se ao perfil de cada consumidor. Em teoria, quanto mais um indivíduo usar um *web site* de comércio, mais informações deixará registradas sobre seus gostos e preferências. Com esta informação em mãos, *web sites* de comércio podem estabelecer relações personalizadas com seus clientes.

259

Esse objetivo ainda está longe de ser alcançado pelas editoras, mas com investimento e, levando-se em conta a fidelidade demonstrada pelas leitoras às suas séries e autoras preferidas, seria perfeitamente viável o conhecimento individualizado de cada leitora a acessar o site de compras, suas preferências e, com esses dados, fazer um trabalho dirigido ao aumento de vendas. Um esforço nesse sentido foi realizado pela Nova Cultural com o lançamento, na Bienal do Livro de São Paulo, em agosto de 2008, do Clube do Livro Nova Cultural ([www.clubelivronovacultural.com.br](http://www.clubelivronovacultural.com.br)), uma loja virtual com produtos da empresa, para compras via Internet não só das séries de romances da editora mas também de suas outras publicações, a exemplo da série *Os Pensadores*. Aliás, a participação na Bienal, voltada à divulgação do segmento romances de séries, conforme narrado no site da editora, teve as mesmas condições de outras editoras: lançamento de livro com a presença de uma autora estrangeira, bate-papo com a equipe editorial em auditório abordando como são produzidos os livros e ambientação especial no estande, com o “Castelo da Nova Cultural” e a presença de atores caracterizados

---

<sup>259</sup> PÓVOA, Marcello. **Anatomia da Internet**: investigações estratégicas sobre o universo digital. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. 83



como cavaleiros, damas e guerreiros. Todo esse investimento demonstra a busca de um posicionamento profissional no mesmo patamar das editoras dos livros da chamada alta literatura, dando respaldo às escolhas das leitoras, que podem ver suas séries preferidas ao lado de obras consagradas pela crítica, expor os romances como literatura de qualidade, por estarem na Bienal, ao mesmo tempo em que tenta atrair um público mais elitizado para a leitura desses romances.

Seria possível uma conciliação entre os pólos da leitora que se considera culta e a escolha de um texto que se inscreve numa categoria cultural sem valorização? É nessa intersecção que a editora trabalha para reforçar a imagem das séries, agregando elementos que em conjunto tentam criar uma aura de qualidade e adequação.

## 5.2. QUERIDA LEITORA: UMA CORRESPONDÊNCIA ÍNTIMA

Tentar falar diretamente à leitora, ainda que por meio de suas publicações, é uma das características do marketing da editora Nova Cultural, e que começa a ser adotado pela Harlequin no Brasil nos exemplares mais recentes, publicados a partir de 2008. Na Nova Cultural, ao abrir o livro, a leitora se depara com uma apresentação, assinada pela editora do momento, Leonice Pomponio. Às vezes, o texto comenta o romance. Noutras, dá conselhos ou faz algum comentário ameno sobre as vantagens da leitura de romances.

Estas “cartas à leitora” funcionam como um momento de aproximação entre leitora e editora, isto é, quem produz e quem lê o livro. É o contato mais próximo possível nesse caso, uma vez que a autora do livro não costuma se manifestar, pelo menos na narrativa propriamente dita (lembramos Machado de Assis e suas referências à “gentil leitora” no texto como um contraponto da explicitação do autor).

Pomponio comenta que escrever as cartas “dá trabalho”. E que houve uma mudança de conteúdo baseado no retorno das leitoras.

Antes, a gente falava sobre os romances. Depois veio uma ordem aqui dentro para falar mais de marketing, falar das séries, aí não gostaram, elas [as leitoras] reclamaram, que não era isso que elas queriam encontrar nas cartas da leitora. Queriam uma coisa mais pessoal... E a gente voltou a falar dos romances, da história, para localizar a leitora sobre aquilo que ela está comprando. E a gente já dá uma idéia de que é uma coisa gostosa de ler, que ela vai adorar. E elas dão muito valor a essa cartinha. Às vezes a gente faz uma comparação com a vida real, daí já dá um sonho, uma esperança.

Ao reagir à proposta da editora de transformar as cartas num espaço publicitário, é como se as leitoras desejassem uma emulação do processo mais tradicional de divulgação da experiência de leitura, a recomendação pessoal. Assim, querem uma apresentação que se dirija a elas como leitoras e não como consumidoras.

Seguindo a mesma cartilha, a Harlequin utiliza cartas à leitora em seus livros, porém de forma um pouco menos pessoal, com a assinatura da Equipe Editorial Harlequin Books e o tradicional “querida leitora”, normalmente comentando o enredo do livro em que está encartada. Como exceção à regra, na edição 40 da série *Romances Históricos*, foi publicada na página 2 uma longa carta assinada pela autora do livro, Paula Marshall, iniciando com “Querida leitora...” e abordando o enredo que se passa na corte da rainha Elizabeth I e os acontecimentos históricos narrados. A carta encerra da seguinte forma: “Para mim, escrever sobre esse período foi uma experiência fascinante, e espero que conquiste vocês também”<sup>260</sup>. Com isso, tenta-se um contato entre uma personagem pretensamente real – a autora – e a leitora, de forma a criar uma cumplicidade em torno da obra.

---

<sup>260</sup> MARSHALL, Paula. **Além da Promessa**. Rio de Janeiro, Harlequin Books: 2008. (Romances Históricos, 40).

A idéia das cartas, sejam da editora, sejam da autora, é de buscar uma aproximação das leitoras. A proposta não é nova e já aparecia nos romances da *Biblioteca das Moças* na primeira metade do século XX.:

Eram obras já explicitamente dirigidas à mulher, “moças” como parecia ser mais refinado chamar. Isso pode ser comprovado, ainda, pela cartinha endereçada à “gentil leitora” que, nas primeiras edições encontra-se ao final dos volumes. Entre outras palavras ao público leitor feminino, a cartinha à leitora incentivava a novas leituras “capazes de satisfazer ao seu gosto e à sua sensibilidade”.<sup>261</sup>

Ao se ver nomeada no texto, a “querida leitora” a quem as cartas nos romances sentimentais de hoje se destinam pode encontrar ali um reflexo de suas idéias e a legitimação da leitura.

Apesar de se repetirem nos conceitos, as cartas à leitora são sempre diferentes umas das outras, sugerindo cuidado individual com cada texto. Nessas apresentações, destaco algumas que me pareceram mais emblemáticas dos objetivos das editoras e evidenciam as linhas seguidas para motivar a leitora a ler mais romances das séries:

Cartas que incentivam e justificam a leitura:

Querida leitora,

O que fazer quando o dia está chuvoso, quando não está passando nada de interessante na tevê, quando não encontramos nenhum amigo, quando estamos no ônibus e o trânsito está insuportável? Fácil: ler um romance que levante o astral, que nos distraia, que nos faça sonhar!

Fernanda Cardoso – Editora.<sup>262</sup>

Cartas com conselhos sobre o dia-a-dia da leitora, numa espécie de consultório motivacional básico:

---

<sup>261</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte: Autêntica.p. 36.

<sup>262</sup> MCMAHON, Barbara. **Planos do Destino**.São Paulo, Nova Cultural, 2000. p.2 (Sabrina, 1199)

Querida leitora,

Nem todos os dias são alegres não é mesmo? Mas quando você estiver em um dia triste, lembre-se de que haverá o dia seguinte que será muito melhor! Não desanime, pois o desânimo atrai coisas ruins, e se você sempre mantiver o sorriso e a alegria, ficará muito mais fácil vencer os desafios!

Fernanda Cardoso – Editora.<sup>263</sup>

Cartas que comentam os romances, exaltando-lhes a qualidade, e colocando a editora numa posição de cumplicidade com a leitora, assumindo-se também uma leitora:

Querida leitora:

Nesta fascinante história de paixão e desejo, dois personagens carismáticos vivem um romance inesquecível! Vire a página e deixe-se transportar para uma época de batalhas e perigos, e acompanhe a emocionante aventura de um corajoso cavaleiro que enfrenta o maior desafio de sua vida: conquistar o coração da mulher amada!

Leonice Pomponio – Editora<sup>264</sup>

Às vezes, a seção “Querida leitora” ainda funciona abertamente como publicidade, servindo também para informar as leitoras a respeito de novidades nas séries, num tom íntimo:

Querida leitora,

Acabo de fazer a edição deste romance e confesso que fiquei triste. A história é tão envolvente, que eu gostaria que ela não tivesse fim. É realmente uma delícia desfrutar de algumas horas de prazer com um bom livro nas mãos. E pensando nisso, a Nova Cultural resolveu atender a inúmeros pedidos de leitoras que nos acompanham, lendo os romances e participando do nosso dia-a-dia. Em breve, as histórias de *Sabrina* estarão maiores e muito mais envolventes, pois teremos mais páginas para sonhar. Aguarde, tenho certeza de que você vai A-DO-RAR!

Leonice Pomponio - Editora<sup>265</sup>

---

<sup>263</sup> MACKENZIE, Myrna.. **Pretendente perfeito**. São Paulo: Nova Cultural, 2001. p.2 (Bianca, 766)

<sup>264</sup> BRADLEY, S. **Tarde demais para esquecer**. São Paulo, Nova Cultural, 2008. p. 2 (Clássicos Históricos Especial).

Cria-se com as cartas às leitoras uma personagem: a editora. A idéia transmitida é de uma profissional bem-sucedida, executiva de uma grande editora, que ganha a vida como leitora de romances. Ela lê com prazer, seleciona os melhores textos e indica os livros à leitora empírica. Ela também compreende os possíveis motivos que levam a leitora até os livros – recomenda horas de descanso num dia de verão e que a leitora se distraia e sonhe com os romances. Aproxima-se como uma amiga e conselheira, de forma íntima, confidencial, com mensagens de incentivo diante das dificuldades do dia-a-dia. Mesmo quando os nomes que assinam esses pequenos editoriais mudam, não é possível notar uma distinção de padrão de escrita ou conteúdo, o que denota mais uma padronização inserida no modelo do romance sentimental. A partir da entrevista com Leonice Pomponio, pode-se dizer que ela incorpora com propriedade a imagem da profissional que lê os livros, que os valoriza e acredita estar prestando um serviço à leitora. Sem, no entanto, deixar de lado seu papel de executiva paga para editar textos que vendam cada vez mais, através de mecanismos os mais variados, desde a paginação até a adequação das narrativas ao gosto das leitoras locais.

A imagem da amiga que dá conselhos e indica livros é percebida pelas leitoras, como demonstra a pesquisa feita pela Nova Cultural com as leitoras no site da empresa. Saber se elas liam e o que elas achavam das cartas foi a sexta pergunta da pesquisa colocada no site da Nova Cultural, conforme descrito anteriormente. A pergunta teve 44 comentários postados no site. As leitoras podiam se identificar no blog conforme quisessem. Algumas das respostas estão reproduzidas a seguir. Por elas pode-se perceber uma intimidade reveladora, quando a editora é mencionada pelo primeiro nome.

31 de Maio de 2007 – E.B.F. - Sim, acompanho todas as cartas para mim é como se estivesse sabendo da opinião de uma amiga. em relação aquele romance específico, sem entrar em detalhes.

---

<sup>265</sup> ABROSE, Marty. **Case-se comigo!** São Paulo, Nova Cultural: 2008. (Sabrina, 1488).

4 de Junho de 2007 – A. - Sempre leio o que a Leonice escreve, ela como editora sabe nos informar sobre o livro que vamos ler. Sempre muito atenciosa, sempre responde meus e-mails e tira minhas dúvidas!!! Parabéns, Editora Nova Cultural, por ter uma pessoa tão especial em sua equipe!

Há também quem perceba uma pasteurização das respostas, que podem encaixar-se em qualquer livro, independentemente do enredo.

11 de Junho de 2007 C. Leio os comentários mas não dou importância, cada pessoa tem uma opinião e é comum os comentários não corresponderem a minha opinião sobre a história. Já me decepcionei com muitos comentários achando que a história era o máximo o que não correspondeu à realidade. Na verdade o comentário é sempre elogioso, então não dá para confiar.

23 de Agosto de 2007 14:20 - V.F.L. Sempre leio o que a Leonice escreve, mas às vezes tenho a impressão que ela não leu o livro, pois muitas das vezes não corresponde à realidade. Beijos! <sup>266</sup>

Algumas leitoras enxergam no comentário uma pessoa real que escreve:

28 de Julho de 2007 - 13:33 - Z.O. - Gosto muito dos comentários da Leonice, acho que ela deve ser uma grande mulher e competente também.

Leitoras assíduas inclusive comparam os comentários entre os editores que assinam a página de recados, percebendo diferenças de estilos. No caso específico da leitora abaixo, pode-se intuir que, pelos erros de gramática contidos, aparentemente com base em regras de português já fora de uso (“coerêntes” e “crêr”), trata-se provavelmente de uma pessoa com mais de 50 anos.

21 de Agosto de 2007 - 18:59 - G.P. - Sim, aprecio e gosto muito dos comentários da editora. Especialmente quando ela usa esses comentários que envolvem a história que vamos ler em seguida. Um editor, que faz muita falta para mim, em seus comentários bem precisos e coerêntes com a autora do livro e o enredo da história, sempre, era o Roberto Pellegrino. Eu, sinceramente, “sabia” quando um romance seria bom, só em ler o seu comentário inicial a respeito da trama. Eu lia sem medo, pois a opinião dele, realmente me levava à crêr que ele não só lia a história completa, como passava sua “crítica” a respeito da mesma. Isso me empolgava

---

<sup>266</sup> NOVA CULTURAL. Disponível em <[www.romances.com.br](http://www.romances.com.br)>. Acesso em 30/10/2007;

muito. Porém a nova editora é muito boa também e estou gostando dos seus comentários.

Na dissertação *Das bancas ao coração*, a leitora E.A.S.<sup>267</sup> diz: “O recadinho da Janice eu nunca leio, o que ela escreve para a gente eu nunca leio”, apesar de pouco antes ter comentado um desses “recadinhos”, que achou interessante. A percepção de que “ela” – que pode ser Janice, Leonice ou qualquer outra – escreve para “a gente” – leitoras – cria um vínculo quase pessoal entre editora e leitora, uma aproximação certamente obtida ao longo de anos de publicações e cuidadoso esforço de marketing.

### 5.3. CAPAS E PUBLICIDADE INTERNA: A AUTOPROPAGANDA

Além de estimular as vendas do produto, as editoras de romances sentimentais têm também a preocupação de manter a leitora cativa. Para isso, utilizam uma série de elementos peritextuais, no sentido descrito por Borelli (1996):

*A peritextualidade* [grifo do autor] é, sem dúvida, característica fundamental na configuração de qualquer identidade literária. Constrói e define uma idéia, configura e projeta a imagem do livro; por meio dessa imagem torna-se possível a ocorrência dos processos de identificação por parte do receptor. Todos os elementos em conjunto – formato, capa, cores, títulos, subtítulos, ilustrações, número de linhas e caracteres, espaços pedagógicos e publicitários, textos, escrituras – respondem pelo padrão de apresentação do produto e oferecem ao leitor, receptor potencial, algo que já conhece e pode adquirir com segurança. Esclarecem-lhe o sentido da narrativa, permitem o reconhecimento, constroem a ponte entre *peritextualidade* e textualidade. Na primeira, o leitor encontra a forma, a *cara*, as outras escrituras; na segunda, identifica o espaço das

---

<sup>267</sup> E.A.S., Entrevista 15.

textualidades propriamente literárias e mergulha, finalmente, no universo mágico das palavras.<sup>268</sup>

Se os romances das séries da Nova Cultural e da Harlequin podem ser considerados quase uma colcha de retalhos na forma de sua edição, a identidade literária entre um livro e outro é forte: um é praticamente a publicidade do outro.

Coleções e séries apresentam-se como elementos significativos na configuração da identidade literária e na realização do *pacto literário*. Colaboram no processo de construção de um padrão editorial em que modelos, mais ou menos unificados, são fundamentais na produção, divulgação e comercialização dos produtos.<sup>269</sup>

Capas, contracapas, cores, slogans, as editoras utilizam todos esses elementos para incentivar não apenas a venda e a leitura do exemplar que a leitora tem em mãos, mas também uma demanda por outros da mesma ou de outras séries. Nesse objetivo, as empresas demonstram conhecer seu público. Elas analisam as vendas de cada edição e descobrem o que incentiva mais as leitoras a adquirir os exemplares. Pomponio conta que capas com homens em cena de sensualidade vendem menos, apesar de serem muito comentadas pelas leitoras. Já a capista – como é chamada quem cria as capas dos livros – da área de romances da Nova Cultural, Mônica Maldonado, em entrevista para a tese, informa que, quando a imagem da capa não corresponde à descrição do casal central do livro, as leitoras reclamam. Todas as capas são feitas com base em bancos de imagens de fotos para as séries contemporâneas, e de ilustradores para os históricos. Nesse último caso, as ilustrações são de bancos internacionais. A capista recebe um *briefing* da história, incluindo época e lugar em que se passa a história e características dos personagens. Então garimpa nos bancos de imagens algo que seja adequado.

Dependendo da história dá um trabalho, porque você imagina que o banco de imagens tem milhões de imagens. Mas adaptar uma imagem com a

---

<sup>268</sup> BORELLI, Silvia H. **Ação, suspense, emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ: Estação Liberdade, 1996. p. 161.

<sup>269</sup> Ibid. p. 148



história, com as características do personagem, nem sempre é tão fácil assim. Mas na maioria das vezes a gente consegue um resultado satisfatório. Tem que ser, senão elas ficam bravas... Mas é legal, eu acho que tem que olhar a capa e tem que imaginar a história mesmo, o casal da história.<sup>270</sup>

Algumas vezes, a capa é a mesma do original da obra, mas apenas quando a imagem segue padrões semelhantes aos adotados pela Nova Cultural. Nada é feito de forma personalizada ou mesmo artística. A linha de produção que se inicia com a escolha dos textos continua na finalização visual do livro. As leitoras, entretanto, não percebem isso. Cobram adequação e individualidade para as obras, esperando que cada capa seja feita especialmente para aquele livro. As reclamações dessas consumidoras, quando a imagem não corresponde à narrativa da obra, aparecem várias vezes em discussões da comunidade *Adoro Romances*. Há situações descritas em que a roupa dos personagens na capa não correspondia à época da narrativa (Medieval x Regência), ou que a cor dos cabelos não correspondia, ou ainda que dois livros diferentes tinham a mesma ilustração de capa. Uma leitora chega a reclamar que não comprou a obra achando que já tinha o livro, mas foi verificar e percebeu que se tratava de um título diferente. Nesse caso, percebe-se uma falha da capista, que provavelmente esqueceu já ter usado a ilustração anteriormente, o que diante do número de títulos editados ano após ano não chega a ser surpreendente. Outro exemplo:

Teve um livro que o cara da capa era quase loiro (branco com cabelo dourado escuro, um gato), quando comecei a ler o livro cheguei à conclusão de que a pessoa que escolheu a capa nem se deu ao trabalho de ler o livro; o mocinho era mestiço, com cabelo preto e comprido como cabelo de índio americano. O mesmo aconteceu com a capa de "Um preço alto demais", da Miranda Lee, a foto da mocinha era loira e na descrição ela era morena.<sup>271</sup>

---

<sup>270</sup> Mônica Maldonado, em entrevista para a tese, na íntegra nos Apêndices

<sup>271</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=2474080535369816628&kw=capas>> Comunidade Adoro Romances, no tópico "A respeito das capas". Postado por A. em 06/07/06.

Ao mesmo tempo que esperam essa personalização do livros, as leitoras da comunidade *Adoro Romances* sabem como são feitas as ilustrações e comentam sobre os modelos fotográficos que posam para os ilustradores das capas. Alguns modelos aparecem em vários desenhos, em poses e com roupas de épocas diferentes, e têm sites próprios, onde divulgam o trabalho realizado.<sup>272</sup>

Sendo a capa a primeira imagem que se tem do livro, deve ser pensada de forma a impressionar a leitora. A maioria das capas dos romances sentimentais, de uma forma ou outra, passa uma imagem de romantismo e/ou envolvimento amoroso entre as personagens, preparando as leitoras para também envolverem-se na leitura. Esse envolvimento se realiza nas palavras da leitora G.F.C, que relaciona as capas dos livros das séries sentimentais com as das revistas de fofocas e televisão, que envolvem pessoas famosas: “Eu mesma, vou muito mais pela capa, pelo desenho e pelo título. Por exemplo, ‘Uma louca paixão’, eu já imagino uma louca paixão. Revista, mesmo, a gente compra às vezes só pela capa, pelo que está acontecendo. Ah, fulano está namorando sicrana. Isso atrai muita gente”.<sup>273</sup>

A título de comparação, parece relevante observar que as cenas íntimas estampadas nos livros publicados atualmente diferem bastante das fotos que apenas sugeriam beijos e abraços nos romances das séries dos anos 80. Menos ainda têm em comum com os romances publicados na metade do século passado,

---

<sup>272</sup> A leitora C, em 20/02/08, postou a seguinte mensagem no tópico “O rei das capas, Fábio”: “Gente, fazendo meu zapping costumeiro me deparei no canal a cabo E! com o programa E- Especial com o Fabio, aquele mesmo das milhões de capas de Clássicos Históricos (até hoje foi o modelo que mais “estrelou” capas de romances) americanas, contaram a vida toda dele, que no inicio a pintora teve que brigar com os editores que o achavam muito sexy , e queriam que ela cortasse os cabelos dele , e colocasse mais roupas, porque ele aparecia só com uma calça preta colante, uma espada e um cinto , era muito chocante, é claro que depois de publicada a capa foi um sucesso, sobre as fãs malucas que gastam fortunas seguindo ele pelo país , que ele foi o primeiro modelo a fazer um calendário , que lançou vídeos com dicas para apimentar a vida sexual das leitoras ... mas o mais bizarro é que ele escreveu 6 livros CH (Clássicos Históricos) !! e que foi o contrato mais “polpudo” oferecido a um autor iniciante , para desespero de autoras consagradas, que disseram que não era nem mesmo ele que escrevia os livros , mas sim um ghostwriter. Alguém já tinha conhecimento desse fato digno do “Acredite se Quiser” , e alguém já leu algum desses livros?” Outra leitora complementa dando o site do modelo: <http://www.fabioifc.com>, onde aparecem várias capas de romances “estreladas” por ele.

<sup>273</sup> G.F.C., entrevista 11.

como os das Biblioteca das Moças. As diferenças, tanto quanto as mudanças dos tempos e do comportamento, denotam também mudanças em relação ao que é considerado do universo romântico e feminino, como descreve Cunha (1996):

Mais amplamente, como o imaginário exprime-se através do simbólico, as capas evocavam símbolos convencionalmente ligados a uma atitude romântica – cores claras, mulheres rodeadas de flores, pássaros e animais domésticos – lidam com a imagem sob a forma de representação. A representação, nesse caso, permite identificar situações consideradas típicas do feminino tradicional – paz, recato, ligação com o mundo privado – que povoaram a literatura romântica até bem pouco tempo e, por força de convenções, reafirmam a relação entre o que não está dito, mas está significando.<sup>274</sup>

Assim, as capas padronizadas de hoje, utilizando fotos em sua minoria, e ilustrações em sua maioria, evocam outras sensibilidades. São freqüentes as cenas eróticas, de intimidade física. Apenas as séries históricas trazem elementos que podem ser considerados mais românticos, com imagens de damas ou cavaleiros, por vezes sozinhos, ou em cenários de campo, como castelos e fortalezas ao fundo.

No que diz respeito à publicidade, os romances sentimentais aparecem num patamar abaixo da visibilidade – já foi apontado que muitas pessoas ignoram que os romances das séries *Sabrina*, *Julia* e similares continuam sendo publicados e vendidos nas bancas. De acordo com Mutüs, a publicidade desses livros se faz pontualmente nos pontos de vendas através de cartazes, merchandising e Internet, mas a propaganda boca-a-boca – ou computador-a-computador – entre as leitoras ainda é um forte elemento divulgador. Além disso, para manter a atração das consumidoras que já são leitoras, os romances sentimentais se valem de publicidade nos próprios livros. De três a quatro páginas de cada edição da Nova Cultural e Harlequin são dedicadas à publicidade.

A publicidade interna alterna menções a séries em geral e resumos de próximos lançamentos, não apenas da série em que está inserida, mas também de

---

<sup>274</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**. Os romances de M.Delly. Belo Horizonte, Autêntica, 1999. p. 65

outras. Quando várias séries são anunciadas num mesmo livro, a editora, em vez de um produto individualizado, está divulgando um conceito que se espalha sobre todos os títulos. Também os custos de produção da publicidade ficam menores, uma vez que o mesmo anúncio é encartado em várias edições diferentes. Todas trazem anúncios para assinaturas e compras diretas. Propagandas dos sites são recorrentes. Tanto Harlequin quanto Nova Cultural aproveitam as primeiras e as últimas páginas para essa publicidade. É uma estratégia que realmente atinge o público. A leitora M. se baseia nos resumos, nas capas e também nos anúncios no final dos livros para escolher os romances que compra:

Eu compro os livros pelas autoras e se eu gostar do resumo do livro. Pelas capas e o resumo da história contida no verso do livro, as chamadas no final sobre os próximos livros, se eu me interessar, fico aguardando sair na banca. Vou a até três bancas e gosto de ver capa, resumo e autora.<sup>275</sup>

Quando as propagandas estão no final dos livros, a hipótese é de que a leitora, encerrando a leitura do título, está aberta ao estímulo para a compra de um novo exemplar. Os anúncios servem de lembrete às leitoras, incentivando a leitura de outros romances das séries. Já no início da obra, há informações sobre compras e dados sobre o próprio livro em que estão inseridas. A última página é sempre dedicada às informações sobre pedidos de números atrasados e assinaturas. Comercialmente, o livro traz em si seu próprio marketing, auto-divulgando os produtos da editora.

Os exemplos demonstram que as duas editoras apostam na divulgação nos próprios livros para vender mais, tanto nas bancas quanto através das vendas diretas pelo site ou telefones. É o novo caminho das vendas, eliminando intermediários e dirigindo-se diretamente às leitoras.

Chartier (2001) contrapõe a produção do texto à produção do livro. De um lado, as orientações, implícitas ou explícitas, do autor para o protocolo de leitura

---

<sup>275</sup> M. entrevista 21.

desejado para a obra; de outro, as formas tipográficas, a disposição e divisão do texto, sua tipografia e ilustração.

Reconhecer como um trabalho tipográfico inscreve no impresso a leitura que o editor-livreiro supõe para seu público é, de fato, reencontrar a inspiração da estética da recepção, mas deslocando e aumentando o seu objeto. Ao centrar sua atenção apenas na relação autor/leitor e nas obras com estatuto literário, essa forma de crítica textual limita duplamente seu enfoque da leitura. De um lado, ignora os efeitos produzidos pelos dispositivos de produção de livros na recepção dos textos, portanto, na construção de sua significação através do ato da leitura.<sup>276</sup>

O autor dá destaque às alterações de leitura que o editor pode proceder, e no caso dos romances sentimentais, esses elementos são parte fundamental da leitura das obras. A título de exemplo, selecionei quatro exemplares, dois da Nova Cultural e dois da Harlequin, para uma análise mais detalhada das capas e da publicidade interna. As imagens respectivas estão reproduzidas logo depois dos textos. Não há a pretensão de uma análise semiótica ou ideológica das páginas, mas sim uma percepção de como as editoras interferem sobre os textos, dispondo de determinada forma os elementos visuais e o que se pode depreender mercadologicamente dessas escolhas. A disposição gráfica dos títulos, assinaturas e *slogans*, tanto quanto as imagens de capa, cumprem função na construção do efeito de credibilidade da obra. Em conjunto, eles orientam a leitura, fornecendo à leitora indicações sobre o gênero, o conteúdo e a forma de leitura da obra:

**a) Nova Cultural** - *Loucuras da Paixão*, de LuAnn McLane. *Sabrina* n.1525. A capa traz numa foto (*Sabrina* é a única série a usar fotos na Nova Cultural) em que um casal está sentado numa cama desarrumada, sugerindo intimidade. Uma modelo loura, 20 e poucos anos, de frente, num amplo sorriso, tira a camiseta branca de um modelo moreno de costas para a foto. Ele está vestindo uma calça de pijama lilás, ela uma

---

<sup>276</sup> CHARTIER, Roger (org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.99

blusa de alças da mesma cor, demonstrando cuidado com a composição de cores. O cenário tem ainda uma janela grande, sem cortinas, tendo desfocado um ambiente externo urbano, com algumas casas. O nome da série aparece acima, à esquerda, em azul escuro, tendo abaixo, em corpo menor, o slogan “Romances Preciosos”. Logo abaixo, o número do exemplar e o preço, R\$ 6,90. Ao contrário das edições dos anos 80, o nome *Sabrina* tem pouco destaque. Isso pode indicar que, cada vez menos, o nome da série é importante, pois já está associado definitivamente ao produto romance sentimental. Logo, tanto faz ser *Sabrina*, *Julia* ou *Bianca*. Importa mais o título do romance e nome da autora, esses sim, em corpo grande e cores fortes (vermelho e verde escuro). A cena no quarto reflete a contemporaneidade da obra: sexo é considerado fácil, divertido, e a leitora pode esperar esse tratamento nas obras da série. Na primeira página do livro estão frases atribuídas a uma publicação chamada *Romantic Times* e opiniões de leitoras. No primeiro caso, um rasgado elogio à edição: “Loucuras de Amor é um romance delicioso e divertido...”, com assinatura de Susan Mobley, *Romantic Times*. Nas opiniões das leitoras, mais elogios: São quatro frases, a exemplo da seguinte: “LuAnn McLane escreveu uma comédia romântica cheia de charme, um livro divertido e gostoso de ler”. Com essa página, a Nova Cultural reforça para a leitora a imagem de uma leitura de qualidade, segundo a empresa pretensamente reconhecida internacionalmente nos meios de comunicação e pelo público. Questionada sobre essas frases, Pomponio afirmou serem retiradas de sites e publicações especializadas em romances, mas não é difícil acreditar que poderiam ser simplesmente inventadas. O livro traz ainda na página 2 a tradicional carta à leitora, abordando o enredo do romance, como uma prévia do que a leitora lerá. A última página do livro também é dedicada à publicidade, com um anúncio da Central de Atendimento da empresa, destacando e-mail e o site e

convidando as leitoras a atualizarem um cadastro. A quarta capa, no verso do livro, traz a logomarca “Romances Nova Cultural”, em amarelo, centralizado na parte de cima da página. O resumo da obra ocupa a maior parte da página, o que é fácil de entender, uma vez que é um dos elementos mais importantes, segundo as leitoras pesquisadas, para a escolha das obras na hora da compra, perdendo apenas para o item autora. Há ainda uma reprodução, em tamanho menor, da foto da capa. Um box em vermelho traz um pequeno texto com o título “Sobre a Autora”, nos moldes já descritos anteriormente. Há ainda o selo “Nova Cultural”, bem discreto, abaixo à esquerda. E abaixo, à direita, acima do código de barras, o endereço do site da editora, [www.romances.com.br](http://www.romances.com.br). Numa análise geral, pode-se dizer que a editora privilegia o que as leitoras consideram importante – o resumo e a autora – estimulando a venda do livro de forma sutil;

**b) Nova Cultural – Cavaleiro Valente**, de Hannah Howell. *Clássicos Históricos Especial*, 287. A capa traz uma ilustração de um homem jovem, entre 20 e 30 anos, sem camisa, com um xale jogado nos ombros, buscando remeter a um guerreiro escocês. Ele está num jardim florido. Ao fundo, o que parece um castelo, envolto em brumas. Impossível não lembrar os comentários das leitoras sobre modelos que posam para essas capas: a imagem é do guerreiro sensual, que ao mesmo tempo defende o castelo, mas aprecia a beleza do jardim. Acima, à esquerda, em tamanho pequeno, vem o selo da série *Clássicos Históricos Especial* e o slogan Romances até o Século XVIII. À direita, está em amarelo o selo “Best Seller - as melhores autoras – The New York Times”. Abaixo do selo, o número da edição e o preço, R\$ 10,90. A autora ganha destaque, com o nome escrito em amarelo forte. O título aparece no mesmo tamanho de letra, mas em branco. Nesse exemplar, a contracapa é usada para um

anúncio colorido do selo “The New York Times – Best Seller – as melhores autoras”, o mesmo que foi tema de pesquisa pela Internet no site da Nova Cultural. O texto informa que o selo indica que “a escritora é consagrada” como campeã de vendas pelo “famoso jornal The New York Times dos Estados Unidos”. Novamente na página 1, estão frases atribuídas a publicações especializadas elogiando os romances. Nesse caso, são duas, assinadas por “críticos” de publicações denominadas *Romantic Times* e *A Romance Review*. Há cinco frases atribuídas a leitoras. Todas elogiam os romances e a autora, apontando os “personagens carismáticos” e “mais um livro fantástico desta autora que escreveu os melhores romances da Escócia medieval que eu já li”. Nas últimas páginas, encontra-se uma publicidade da própria série, com o resumo e reprodução da capa do próximo lançamento, num evidente estímulo à compra e ao hábito de colecionar. Nesse exemplar, percebe-se um investimento maior na publicidade, com a impressão colorida na parte interna, o que demonstra a importância que a editora está atribuindo ao tal selo, presente na capa dessa edição. A quarta capa repete a imagem da capa em formato menor e traz em quase toda a sua extensão o resumo da obra. Mais uma vez, em destaque, está a apresentação da autora, citando os prêmios recebidos por ela. Repetem-se os selos da Nova Cultural e o endereço eletrônico. Os conceitos são os mesmos já analisados no exemplar de *Sabrina*, descrito acima;

**c) Harlequin** – *A tentação do desejo*, de Diana Palmer. *Rainhas do Romance*. n. 5, 2007. Como não poderia deixar de ser, em se tratando de Diana Palmer, o nome da autora ocupa nada menos que um terço da capa do livro. Entre os dois nomes, a chamada “Autora número 1 da lista de best-sellers do *The New York Times*”. O título da série é bem discreto, em letras finas, acima da autora. A ilustração é de um *cowboy* de perfil,



segurando o chapéu numa pose pensativa. Ao fundo, desfocados, alguns cavalos, um campo e montanhas. Histórias passadas no Oeste americano, com *cowboys* modernos, estão entre as vertentes de temas dos romances sentimentais, inclusive apontados pela leitora L.A., da entrevista 7, como seus preferidos. Assim, a imagem da capa brinca com o imaginário da leitora, que pode esperar do livro um herói forte e solitário. Sobre a heroína, nada... Logo, é o personagem masculino que parece ser valorizado na obra, como aliás, está descrito no resumo da quarta capa, onde o texto se refere muito mais ao personagem Blake, “um advogado mandão”, do que à sua “doce e atenciosa” secretária, Violet. O número da edição, preço (R\$ 12,00) e o selo Harlequin ocupam a parte de baixo da capa, à esquerda e à direita, respectivamente. Chama a atenção, acima do título, o lembrete “Inédito”, que faz lembrar que a Harlequin tem republicado diversas obras lançadas anteriormente na parceria com a Nova Cultural, especialmente as mais pedidas pelas leitoras, como uma comentada saga “De Burgh”, de sete títulos, que mereceu vários tópicos na *Adoro Romances* e foi relançada na coleção *Romances Históricos*. A página 1 traz um anúncio da nova forma de distribuição dos romances, que passa a ser quinzenal. Traz as datas em que os exemplares chegarão às bancas e o e-mail de Virginia Rivera para mais informações. Percebe-se que otimizando a distribuição em apenas duas datas ao mês, a editora provavelmente reduzirá custos. Outra informação do anúncio é a data em que os números chegarão às bancas, sendo duas datas para diferentes regiões do país. Em algumas capitais e grandes cidades do interior de São Paulo, dia 14/08, nas demais cidades, em 14/11 (o ano não foi especificado), o que denota três meses de diferença na distribuição, fato que já foi mencionado pelas leitoras como um ponto negativo da Harlequin e motivo para a opção por assinaturas e vendas diretas. Três páginas do fim da obra são dedicadas à propaganda. Uma é de assinaturas. A

seguinte traz dois lançamentos da série *Romances Históricos*, com resumos das obras e, no canto, em destaque cercado, o fone para assinaturas e compras diretas. A terceira é dedicada ao próximo lançamento da série *Rainhas do Romance*, uma obra de Nora Roberts com um longo resumo do enredo. Novamente na página, o box com o anúncio do Marketing Direto para assinaturas e compras. Todas as páginas são em preto e branco. O que se percebe é que a Harlequin foca na venda direta e assinaturas na maioria das páginas de publicidade, provavelmente para compensar as dificuldades de distribuição. Apesar de, segundo a Nova Cultural, a Harlequin se especializar em romances contemporâneos como este, o anúncio traz o incentivo de venda para a única série dita histórica da marca. Na quarta capa, em branco, chama a atenção a foto da autora, uma senhora loura em seus 50 e tantos anos. A apresentação é curta, mas superlativa: “Diana Palmer. Autora de mais de 95 romances, traduzidos para vários idiomas e publicados em todo o mundo. Diana já foi vencedora de diversos prêmios, incluindo o Romantic Times, o Affair de Coeur e o Rita Award”. Na parte de cima, está o nome da série e seu slogan “Autoras e histórias consagradas nas principais listas de *best-sellers* internacionais”. Uma linha vermelha divide essa parte do resumo do livro. Na parte de baixo, o código de barras e o selo Harlequin Books, com o slogan “O livro de bolsa da mulher moderna” e o endereço eletrônico [www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br). Esse livro traz diversas peças diferentes de publicidade, mais uma vez manifestando a preocupação da editora em ofertar um produto que transmita qualidade editorial, no sentido de atrelado à lista dos mais vendidos. Só nessa página, são duas citações de que a obra seria um *best-seller*, logo, produto já previamente aprovado pelo público leitor, dentro do conceito comercial de que o que vende mais, agrada mais e é melhor;

**d) Harlequin** – *Um desejo a mais*, de Anne Mather. *Paixão*, n. 70, 2007.

Por se tratar de uma série que investe no erotismo, a imagem da capa, dentro de um círculo, traz a ilustração de um casal, ele moreno, ela ruiva, na faixa dos 30 anos, sobre uma cama de lençóis brancos. Ele, sem camisa, está deitado por cima dela, beijando-se o pescoço. Ela veste uma camisola com a alça caída sobre o braço. Toda a cena sugere as preliminares de um ato sexual, uma cena clichê, mas adequada à estratégia da editora. Neste exemplar, ao contrário dos outros analisados, o título da série vem em destaque, o nome *Harlequin Paixão* em amarelo sobre fundo vermelho intenso. Em tamanho pequeno, logo abaixo, está o número da edição e o preço, de R\$ 7,50. No mesmo tamanho do nome da série, mas sobre fundo branco, vem a autora e, menor, o título do livro. Um selo amarelo acima, a direita, informa que trata-se de “Autora Best-seller”. O selo Harlequin Books vem centralizado abaixo da imagem do casal. A capa equilibra a imagem erótica do casal, que no círculo parece convidar a leitora a observá-lo secretamente através de uma lente, com a capa branca, limpa e em papel brilhante. Provavelmente, a idéia é evitar que a leitora de constranja em adquirir um exemplar que se propõe picante. A primeira página traz um trecho do livro (não um resumo), mas uma espécie de degustação. Nada menos que nove páginas no final do livro são dedicadas à divulgação. Duas delas trazem um longo trecho do próximo lançamento da série *Paixão*. A seguir, uma página dedicada a assinaturas. Depois, uma propaganda da série *Desejo Fuego*, com capas de livros e o slogan “Ardente e inusitado”. Também tem um box do marketing direto. A página seguinte traz uma publicidade no mesmo modelo, só que da série *Jéssica*, com o slogan “Histórias de amor fortes e provocantes”. A outra página é dedicada à série *Paixão Sexy*, com a capa de um livro, o box de marketing direto e o slogan “Sofisticação e sensualidade em cenários internacionais”. No mesmo modelo, as páginas

seguintes são para as séries *Desejo* (“Sedução e paixão garantidas”) e *Destinos* (“Personagens marcantes, histórias inesquecíveis”). A última página traz sete resumos de livros da série *Paixão*, sendo quatro de próximos lançamentos e três de últimos lançamentos. O exemplar fornece um grande espaço para a publicidade interna, apontando para duas situações. A primeira, a confiança da editora nesse tipo de divulgação. A segunda é que, provavelmente, a edição ficou menor do que o número de páginas habitual, sobrando assim mais páginas para publicidade. A quarta capa em branco repete a logomarca em vermelho e amarelo da série. Logo abaixo vem o slogan “Sofisticação e sensualidade em cenários internacionais”. E depois, o resumo do livro. A apresentação da autora ocupa quatro linhas, sem box nem destaque, apenas com letra em cor diferente, no caso, verde. As informações, entretanto, mais uma vez tentam agregar à obra a capacidade da autora de produzir textos apreciados pelo público: “A autora *best-seller* Anne Mather já publicou mais de 150 romances, que ultrapassaram a marca de 100 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo”.

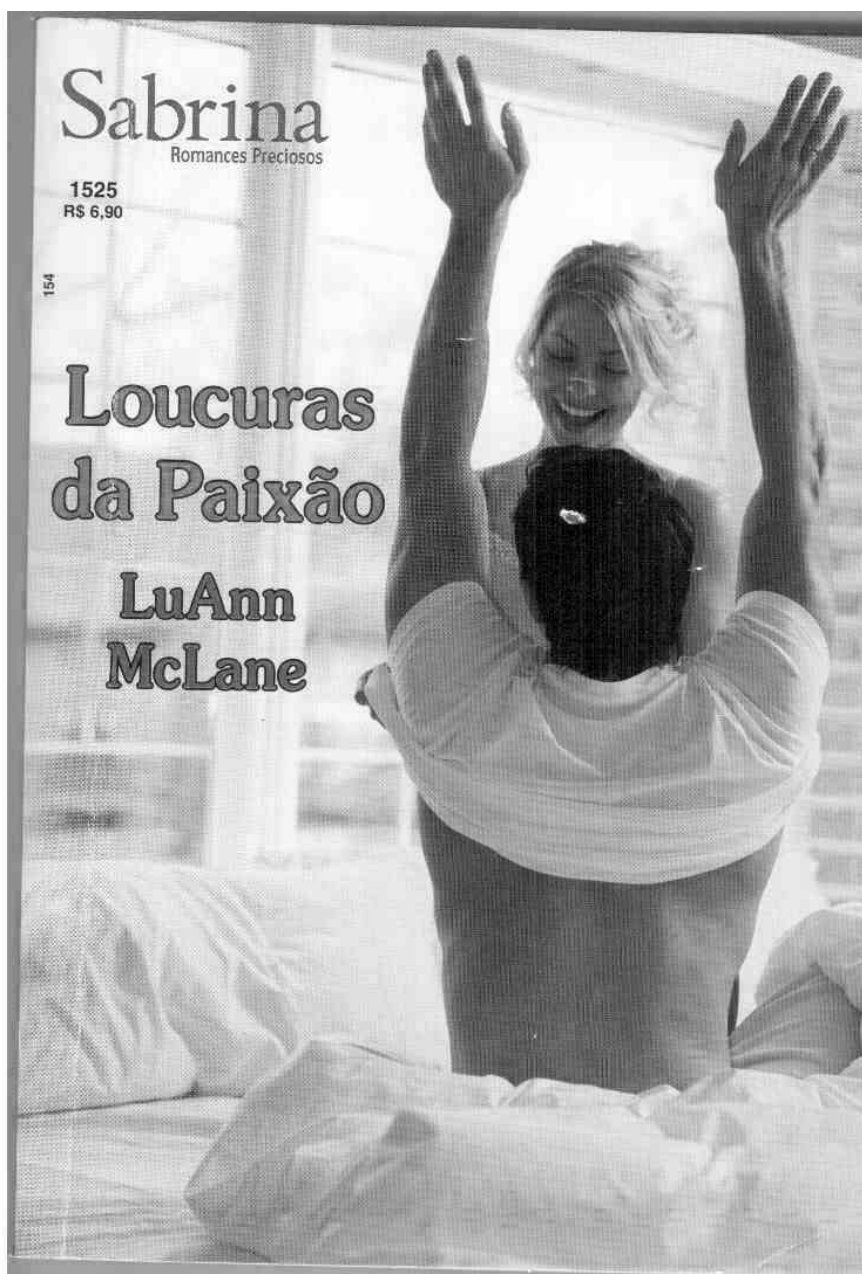


FIGURA 1 – LOUCURAS DA PAIXÃO – COLEÇÃO SABRINA. - CAPA

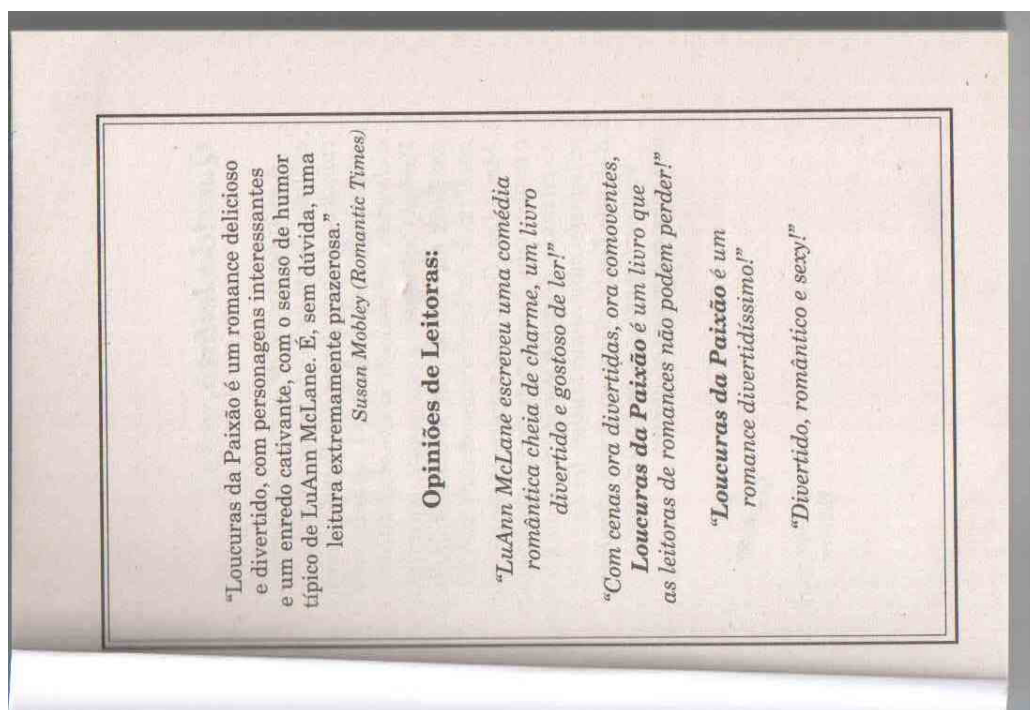


FIGURA 2 – LOUCURAS DA PAIXÃO – COLEÇÃO SABRINA - PÁGINA 1

**ROMANCES** **NOVA CULTURAL**

**CENTRAL DE ATENDIMENTO DE ROMANCES**

**Assine, renove sua assinatura ou atualize seu cadastro**

1- e-mail: romances@teletarget.com.br  
 2- tel.: (11) 3038-1414 / fax: (11) 3038-1418  
 (de segunda a sexta das 8:00 às 20:00 hs)  
 3- caixa postal 3342 / cep 01060-970

*Para adquirir as edições que faltam na sua coleção: tel.: (11) 3038-1438*

**Fique por dentro das novidades!**  
 Acesse o site  
**www.romances.com.br**

Entre para o mundo do prazer da leitura

- ESPAÇO DA LEITORA ✓ Participe do nosso Blog
- LANÇAMENTOS ✓ leia um capítulo
- ASSINATURAS
- TUDO SOBRE AS NOSSAS SÉRIES
- TRILOGIAS
- EDIÇÕES ANTERIORES
- AUTORAS
- CADASTRE-SE

**ATENÇÃO!** NOVIDADES EM JANEIRO 2008!  
 Nossa Loja Virtual entra no ar  
 www.clubedolivromovacultural.com.br

FIGURA 3 – LOUCURAS DA PAIXÃO – COLEÇÃO SABRINA – ÚLTIMA PÁGINA



## Duelo de emoções...

Jamie Lee sempre foi apaixonada por Griff Sheldon, mas ele a vê apenas como uma irmã mais nova. Pelo menos é assim que ela pensa. Por isso, quando o produtor de cinema, Parker Carrington, aparece na cidade para fazer uma filmagem, e cai de amores por Jamie, ela decide que aquela é a oportunidade perfeita para dar um novo rumo na sua vida amorosa...

As atenções de Parker por Jamie despertam o ciúme de Griff. Começa então uma batalha acirrada entre dois rivais, que se confrontam como inimigos numa disputa para ganhar o amor da bela Jamie. Um é bonito, charmoso e refinado. O outro é lindo, atraente e sabe dançar como ninguém. Mas somente um dos dois poderá dar a Jamie a felicidade com a qual ela sonha...

### *SOBRE A AUTORA*

*LuAnn McLane sempre gostou de ler e escrever, e era a primeira aluna da classe em Redação. Ela trabalhou como jornalista antes de começar a escrever ficção, e hoje é uma conceituada autora de romances contemporâneos. Seus livros são altamente elogiados pela crítica e são sucesso de vendas no mundo inteiro.*



[www.romances.com.br](http://www.romances.com.br)



FIGURA 4 – LOUCURAS DA PAIXÃO – COLEÇÃO SABRINA – QUARTA CAPA

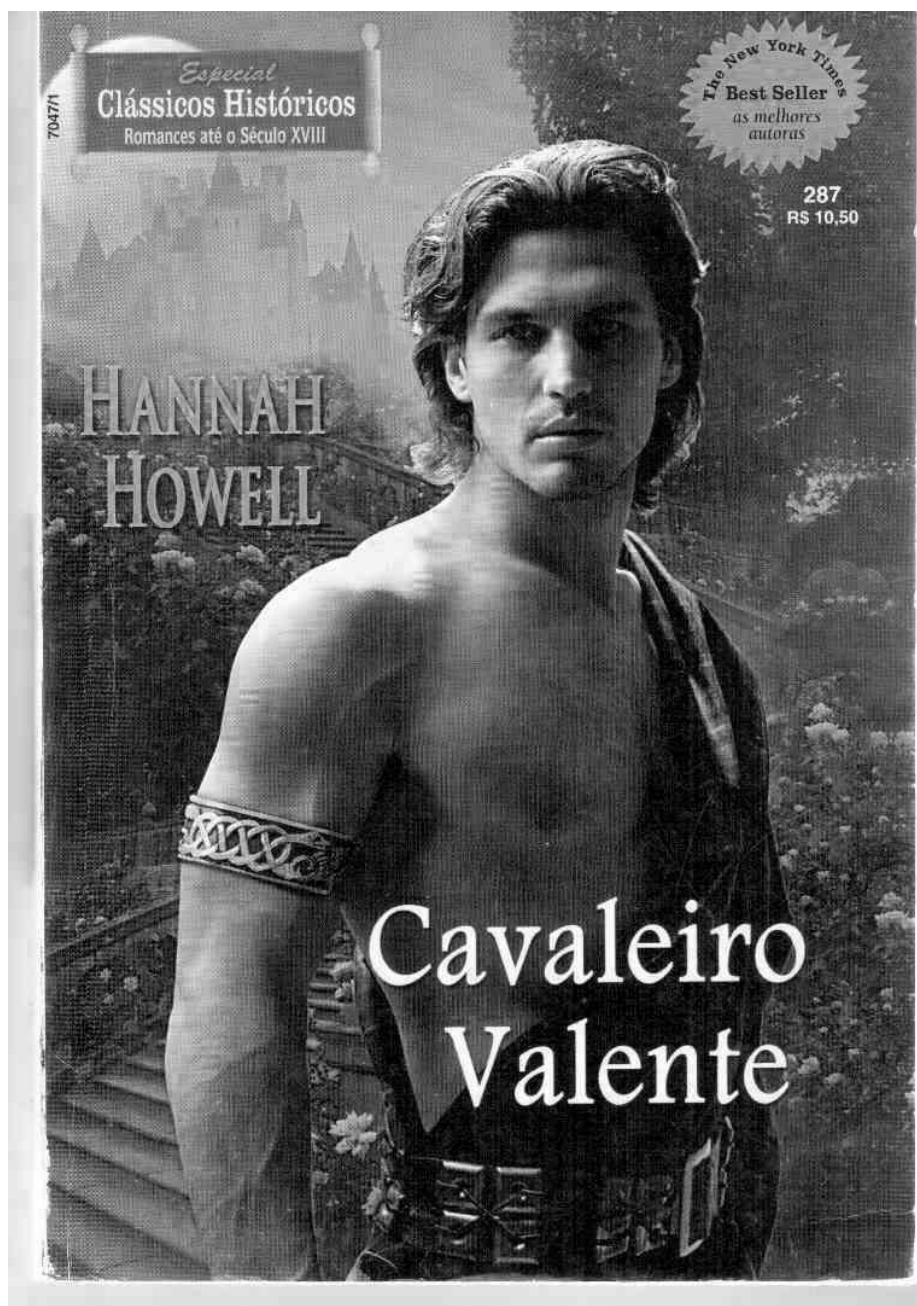
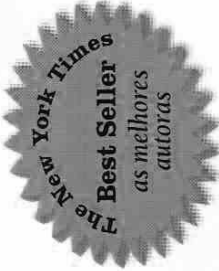


FIGURA 5 – CAVALEIRO VALENTE – SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS ESPECIAL - CAPA




PARA VOCÊ NOSSA LEITORA,  
AS MELHORES AUTORAS DE ROMANCE!



The New York Times  
**Best Seller**  
as melhores autoras

A presença deste selo nas capas dos Romances Nova Cultural indica que a escritora é consagrada pelo famoso jornal The New York Times dos Estados Unidos como campeã de vendas!



ROMANCES NOVA CULTURAL

“*Cavaleiro Valente* é um verdadeiro tesouro para os apreciadores de romances históricos ambientados na Idade Média. Mais uma vez, Hannah Howell capta a essência da Escócia medieval nesta aventura romântica inesquecível.”  
– *Lizabelle Cox (Romantic Times)*

“*Cavaleiro Valente* é aquele tipo de leitura que flui, um livro que, uma vez que você começa a ler, não consegue mais largar, e lê sem sentir o tempo passar. Para quem procura um romance histórico caloroso e emocionante, é uma ótima escolha. Eu recomendo!”  
– *Mireya (A Romance Review)*

**Leitoras:**

“Eu adorei *Cavaleiro Valente*, se bem que eu sou suspeita para dar opinião, porque adoro todos os livros de Hannah Howell!”

“*Cavaleiro Valente* é o primeiro livro que li de Hannah Howell, e com certeza não será o último. Fazia tempo que eu não lia uma história que prendesse tanto a minha atenção, do começo ao fim.”

“Sempre que pego um romance de Hannah Howell para ler, espero paixão, intriga e muita aventura. *Cavaleiro Valente* não é exceção. Desde o início da história, os diálogos provocantes e espirituosos me cativaram. Os personagens são carismáticos, e o enredo é excitante, mais um livro fantástico dessa autora que escreveu os melhores romances da Escócia medieval que eu já li.”

“*Cavaleiro Valente* é de uma autora que tem a capacidade de fazer as emoções dos personagens transbordar das páginas do livro. O leitor sente o desespero, a dor do coração partido, a paixão e a alegria de Gabel e Ainslee neste romance excelente! Uma história de amor maravilhosa, personagens espetaculares, um cenário sem igual, trama intrigante, esmero e primor nas descrições, emoções à flor da pele, narrativa cativante, cenas repletas de romantismo e sensualidade, diálogos inteligentes e espirituosos, enfim, tudo o que faz você ir noite adentro sem conseguir parar de ler.”

“*Cavaleiro Valente* tem intriga, paixão, vingança e sensualidade.”

FIGURA 6 – CAVALEIRO VALENTE – SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS ESPECIAL – CONTRA CAPA E PÁGINA 1

**Entre para o mundo**

**do prazer da leitura!**

*Em cada página uma nova emoção*

Leia na próxima edição

**Enigma de uma Paixão**  
Lois Greiman

**Inglaterra, 1790**

A bela e vivaz Fleurette Eddings, deleita-se com uma vida de liberdade e faz a sociedade torcer o nariz ao seu independente modo de viver. Mas a extravagância de comprar a estátua de um guerreiro celta, se afigura como um excesso até mesmo para ela. Sobretudo quando um vigoroso e excitante desconhecido, de feições estranhamente familiares, surge misteriosamente em sua vida...

O toque suave e caloroso de uma linda dama desperta Killian Hiltsglen, o lendário "Celta Melancólico", de um encantamento que durou séculos. Com o fim da maldição que aprisionou seu espírito à pedra fria, o destino de Killian agora está ligado ao da mulher sensual e tentadora que o libertou... Uma mulher que guarda um segredo obscuro e que lhe promete a um desejo ardente e primitivo... Um desejo que poderá fazer renascer em dois homens do passado uma paixão proibida que o tempo não conseguiu abalar...



Quinzenalmente nas bancas!

ROMANCES NOVA CULTURAL

FIGURA 7 – CAVALEIRO VALENTE – SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS ESPECIAL - ÚLTIMAS PÁGINAS



FIGURA 8 – CAVALEIRO VALENTE – SÉRIE CLÁSSICOS HISTÓRICOS ESPECIAL – QUARTA CAPA

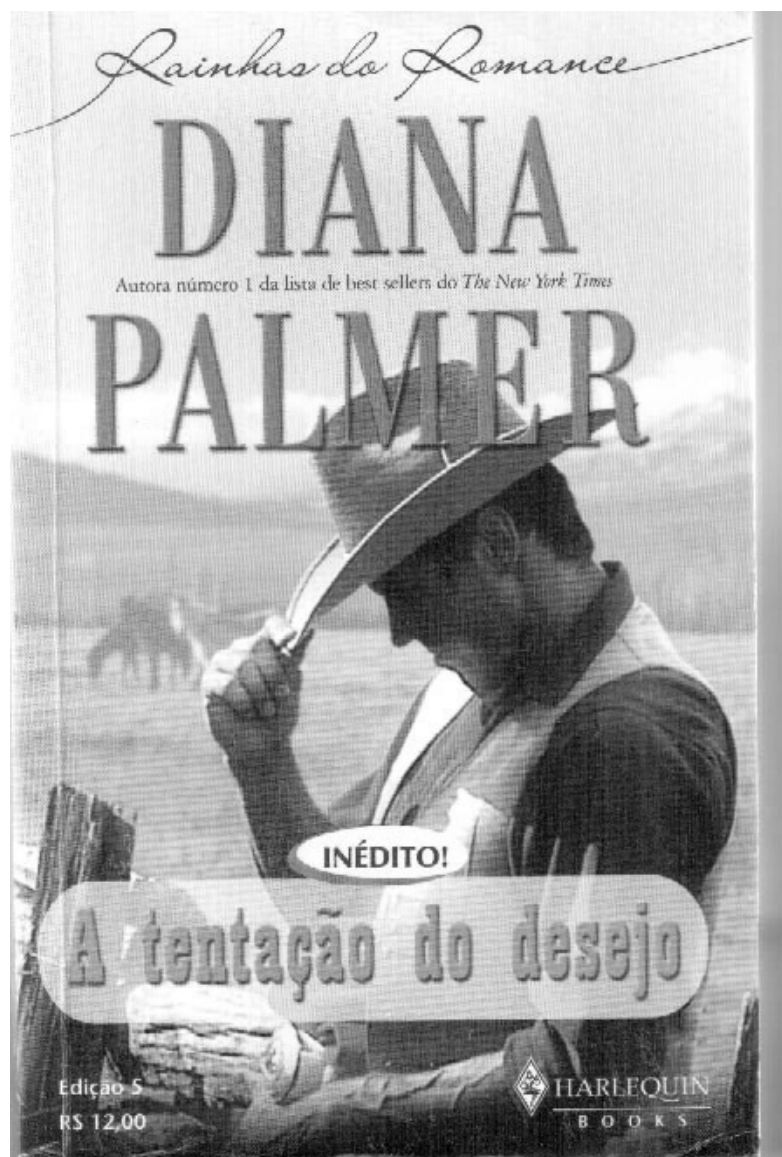


FIGURA 9 – A TENTAÇÃO DO DESEJO – COLEÇÃO RAINHAS DO ROMANCE - CAPA

# Novidade!

## DISTRIBUIÇÃO QUINZENAL DAS SÉRIES HARLEQUIN

**Agora você encontrará, a cada 15 dias,  
livros novos nas bancas!!**

A partir de AGOSTO, nossos livros vão estar quinzenalmente nas bancas das cidades denominadas GRUPO 1: São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Ribeirão Preto, Belo Horizonte, Santos, Bauru e São José dos Campos.

Nas demais cidades, denominadas GRUPO 2, a distribuição começará a partir do mês de NOVEMBRO.

**DATA DE LANÇAMENTO**

| SÉRIE               | EDIÇÃO | TÍTULO                     | GRUPO 1 | GRUPO 2 |
|---------------------|--------|----------------------------|---------|---------|
| DESEJO              | 57     | Uma lei para o coração     | 14/08   | 14/11   |
| DESTINOS            | 57     | O último solteiro          | 14/08   | 14/11   |
| JESSICA             | 57     | Poderosa atração           | 14/08   | 14/11   |
| ROMANCES HISTÓRICOS | 31     | Um toque de cupido         | 14/08   | 14/11   |
| PAIXÃO              | 60     | Cativa do coração          | 14/08   | 14/11   |
| PAIXÃO SEXY         | 01     | O pulsar do desejo         | 14/08   | 14/11   |
| RAINHAS DO ROMANCE  | 06     | O orgulho de Jared Mackade | 14/08   | 14/11   |
| DESEJO              | 58     | Noites quentes de paixão   | 28/08   | 29/11   |
| DESTINOS            | 58     | Herança sagrada            | 28/08   | 29/11   |
| JESSICA             | 58     | Bel-prazer                 | 28/08   | 29/11   |
| PAIXÃO              | 61     | Traições e desejo          | 28/08   | 29/11   |

*Obs: A data de lançamento em bancas é baseada numa previsão dada pelo distribuidor dos livros Harlequin.*

Também informamos que a série Harlequin Paixão Sexy começará com a EDIÇÃO 01 a partir do mês de AGOSTO, conforme a planilha acima. A numeração foi alterada em virtude de considerarmos esse livro uma série nova, adicional à série Harlequin Paixão, que permanece com 2 edições mensais.

Maires informações, contate:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

FIGURA 10 – A TENTAÇÃO DO DESEJO - SÉRIE RAINHAS DO ROMANCE – PÁGINA 1

## Rainhas do Romance

*Autoras e histórias consagradas nas principais listas de best sellers internacionais.*



### *Diana Palmer*

*Autora de mais de 95 romances, traduzidos para vários idiomas e publicados em todo o mundo, Diana já foi vencedora de diversos prêmios, incluindo o Romantic Times, o Affair de Coeur e o Rita Award.*

Blake Kemp era um homem bastante fiel aos seus princípios e tão teimoso quanto o dia é longo em Jacobsville, Texas. Como principal advogado da cidade, ele tinha uma reputação a zelar e isso significava impedir que a doce e atenciosa Violet, sua assistente, fizesse mais do que o trabalho dela. Ela tinha de sair do caminho de Blake. Mesmo que precisasse muito dela.

Cansada de aturar os mandos e desmandos de seu chefe, Violet prefere pedir demissão e se afastar do homem que ama com todas as suas forças.

Mesmo com toda a teimosia, Blake é um homem inteligente, e logo percebe que Violet é sua estrela guia. Sem ela sua vida se transformaria em um eterno breu... E restava apenas uma coisa a ser feita: contratar Violet de novo e cuidar para que os negócios não se misturassem às questões do coração. Mas Violet tinha uma agenda própria, e isso incluía lembrar seu chefe do quanto ela era indispensável, tanto no trabalho quanto na vida de dele!

ISBN978-85-7687-423-2



9 788576 874232



**HARLEQUIN**  
**BOOKS**

*O livro de bolsa da mulher moderna.*  
[www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br)

FIGURA 11 - A TENTAÇÃO DO DESEJO - SÉRIE RAINHAS DO ROMANCE – QUARTA CAPA

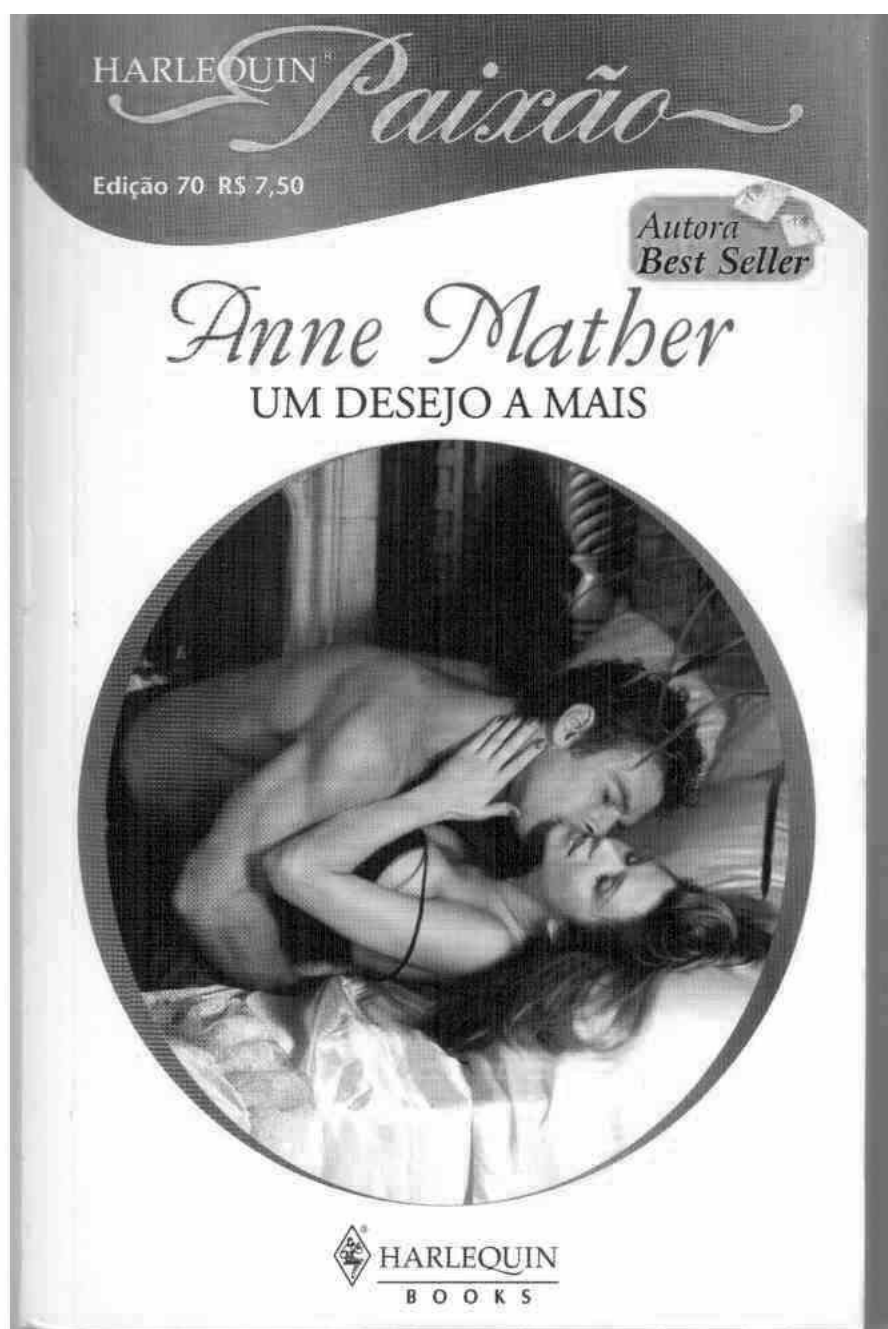


FIGURA 12 - UM DESEJO A MAIS – SÉRIE PAIXÃO - CAPA

**HARLEQUIN**  
**DESEJO**<sup>TM</sup>  
Sedução e paixão garantidas.

**OS ELLIOT**  
Mestres na arte de fazer negócios  
com boas doses de prazer.

**Um Segredo de Paixão**  
*Maureen Child*

**Um Vaqueiro de Paixão**  
*Nora Roberts*

**Um Amor de Paixão**  
*Maureen Child*

**HARLEQUIN**  
**DESTINOS**  
Personagens marcantes, histórias inesquecíveis.

**O Amor Crispino**

**Um Amor de Paixão**  
*Nora Roberts*

**Um Vaqueiro de Paixão**  
*Nora Roberts*

**Um Amor de Paixão**  
*Maureen Child*

**Um Amor de Paixão**  
*Maureen Child*

**Marketing Direto Harlequin Books**  
Entre em contato e saiba sobre:  
Compra de EDIÇÕES ANTIGAS e ASSINATURAS  
Contato: [mdireto@recorrd.com.br](mailto:mdireto@recorrd.com.br) ou  
pelo telefone: (0XX21) 2585-2002  
De segunda a sexta-feira das 8:30 às 18:00

**HARLEQUIN BOOKS**  
O livro de bolsa da mulher moderna.  
[www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br)

**Marketing Direto Harlequin Books**  
Entre em contato e saiba sobre:  
Compra de EDIÇÕES ANTIGAS e ASSINATURAS  
Contato: [mdireto@recorrd.com.br](mailto:mdireto@recorrd.com.br) ou  
pelo telefone: (0XX21) 2585-2002  
De segunda a sexta-feira das 8:30 às 18:00

**HARLEQUIN BOOKS**  
O livro de bolsa da mulher moderna.  
[www.harlequinbooks.com.br](http://www.harlequinbooks.com.br)

FIGURA 13 – UM DESEJO A MAIS – SÉRIE PAIXÃO – ÚLTIMAS PÁGINAS



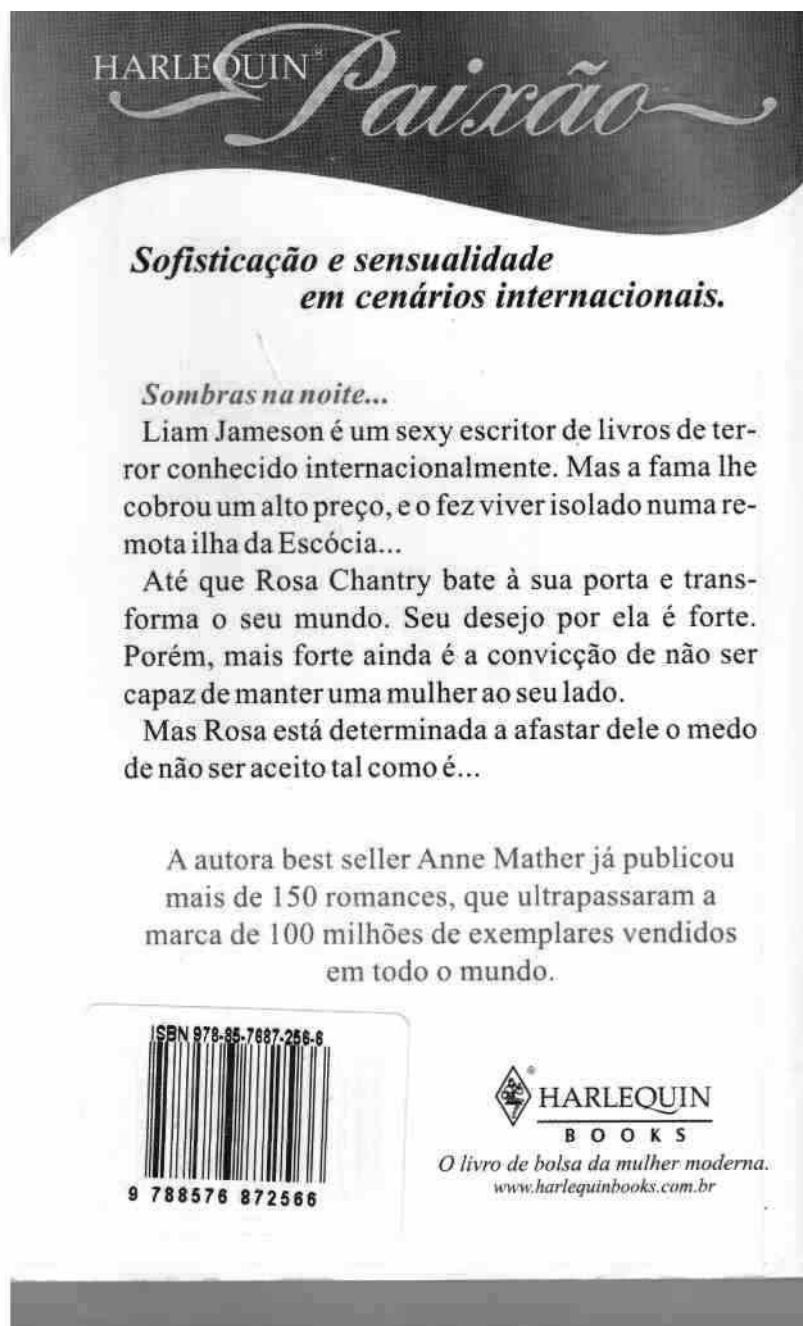


FIGURA 14 - UM DESEJO A MAIS – SÉRIE PAIXÃO – QUARTA CAPA

Se cada livro funciona como um anúncio de si mesmo e das demais séries, uma promessa de histórias “inesquecíveis”, “fortes e provocantes” em formato de bolso, para serem levadas ao trabalho, à praia, para a mesa de cabeceira, os elementos peritextuais seriam como “instruções de uso” para a leitora: começando pela capa, com sua sugestão erótica, a pose do casal criando um suspense quanto à consumação da intimidade física; a carta à leitora convidando para momentos de prazer com textos escritos por autoras “best-seller” e “premiadas”; o texto em si, em linguagem acessível e ritmo acelerado; as apresentações das autoras criando personagens reconhecíveis para escolha de novos romances; a publicidade em páginas seguidas de anúncios das séries, convidando ao embarque em novas românticas aventuras; e o resumo da quarta capa, trazendo a expectativa do desenrolar do enredo, fundamental para levar ao ato de compra do produto. Em conjunto, esses elementos compõem uma espécie de teia de sedução que envolve a leitora, trabalhando com o imaginário de forma favorável à leitura.

#### 5.4. OS ROMANCES SENTIMENTAIS NA MÍDIA

Os anos de 2005 e 2006 foram pródigos em reportagens na mídia sobre romances sentimentais. O motivo não é o súbito interesse da imprensa no assunto, mas um trabalho de assessoria de imprensa feito assumidamente pela Nova Cultural e provavelmente também pela Harlequin. Trata-se de um serviço de divulgação utilizado atualmente por todas as grandes empresas e boa parte também das mídias e mesmo profissionais liberais, nas grandes cidades. De forma geral, o objetivo é a influência da opinião pública, uma vez que as publicações se dão na parte editorial dos veículos, e não como publicidade paga.

Se

gundo a definição da Federação Nacional dos Jornalistas , a assessoria de imprensa compreende, entre outras funções, “o serviço de administração das informações jornalísticas e do seu fluxo das fontes para os veículos de comunicação e vice-versa”<sup>277</sup>. Assim, no caso das editoras, a assessoria atuou segundo a definição de Kopplin e Ferraretto, desenvolvendo atividades de:

Relacionamento com veículos de Comunicação Social, abastecendo-os com informações relativas ao assessorado (através de relises, press-kits, sugestões de pautas e outros produtos), intermediando as relações de ambos e atendendo às solicitações dos jornalistas de quaisquer órgãos de imprensa.<sup>278</sup>

Normalmente desenvolvida por um jornalista ou relações públicas, a atividade de assessoria de imprensa muitas vezes é vista com reservas, apesar de hoje ser corriqueira. O motivo, para alguns veículos e profissionais de imprensa, é que o assessor é considerado um lobista, defendendo os interesses da organização para a qual trabalha, interesses que nem sempre são os mesmos do público leitor. Ainda assim, os veículos, sejam jornais, televisões, rádios ou revistas, utilizam diariamente os serviços das assessorias para encontrar fontes para entrevistas, sugestões para pautas e informações das mais variadas<sup>279</sup>.

Nas onze reportagens recolhidas para esta pesquisa, publicadas em jornais de Norte a Sul do país, é possível perceber dois focos principais trabalhados pela assessoria. Primeiro, mostrar que os romances das séries são publicados e lidos por um público formado por pessoas de várias classes sociais, se possível com entrevistas de leitoras com curso superior. Segundo, divulgar esses romances como

---

<sup>277</sup> FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS. **Manual de assessoria de imprensa**. São Paulo, 1986. p. 12

<sup>278</sup> KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artut. **Assessoria de Imprensa: teoria e prática**. 4.ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001. p.13.

<sup>279</sup> Em Curitiba, todos os veículos de comunicação, sem exceção, utilizam serviços das dezenas de assessorias de imprensa existentes. Falo por experiência prática como profissional com 20 anos de atuação na assessoria de comunicação da UFPR e em assessorias privadas.

uma leitura de qualidade. Essas observações vão ao encontro da fala de Janice Florido, quando aponta na reportagem do jornal Gazeta Mercantil, já citada anteriormente, a intenção de reposicionar os romances da Nova Cultural no mercado.

Mutüs ressalta o papel da assessoria de imprensa:

O objetivo da assessoria é exatamente levar a categoria romance para uma pauta para tentar quebrar o bloqueio do preconceito. Quando a Janice falou, lá atrás, sobre Havaianas, isso é um chinelinho era sinônimo de uma coisa barata, vagabunda, que a partir do trabalho que foi feito, nos últimos anos, hoje está na moda de novo. Era uma coisa muito popular, e conseguiram quebrar esse preconceito. Foi isso que foi feito na assessoria. Mas isso é um ciclo, porque senão você começa a repetir os veículos e aí você não consegue mais encaixar as pautas. Geralmente a gente consegue pauta de comportamento, sobre a leitora de romance, muito mais do que sobre o benefício que essa leitura vai trazer. A gente fez uma época por um período de mais de um ano, em que a gente trabalhou pesado, vários veículos, várias pautas, desde Gazeta Mercantil, de economia, propaganda e marketing, mercado, como está vindo esta leitora, até pauta de comportamento, é um vício, elas são apaixonadas, existe preconceito, quem é que lê, e mostrar um pouquinho a cara da nossa leitora média pra quebrar esse preconceito.

De forma geral, percebe-se que a quebra de preconceito citada por Mutüs começa pela elite, que é quem tem o hábito de leitura dos jornais. A grosso modo, não seriam as leitoras de romance o foco do trabalho de assessoria, mas sim aqueles que criticam essa leitura. É preciso pensar, também, que uma coisa é publicar matérias na grande imprensa do Centro-Sul, outra é estar em publicações em cidades médias ou pequenas, ou ainda, no Norte-Nordeste. A influência da mídia, no segundo caso, é maior, ainda que o índice de leitura se mostre habitualmente menor.

O que se vê nas matérias reunidas neste trabalho é exatamente o que Mutüs descreve. Editorias diversas, mas abordagens semelhantes. O resultado, segundo ela, não se refletiu em aumento de vendas, pois coincidiu também com a entrada da concorrente no mercado, mas ainda assim, entendeu a ação como positiva, ao trazer visibilidade para as séries.

Com títulos como “Final feliz faz o sucesso das Sabinas”, na *Folha de S. Paulo*, de São Paulo (SP); “Estilo: Romances populares vendem mais que best-sellers”, no *Diário Popular*, de Pelotas (RS); e “Páginas de amor”, no *Guia da Semana*, de São Paulo (SP), as reportagens trazem invariavelmente a surpresa pelo fato dos romances sentimentais ainda existirem, serem lidos e terem altas vendas. Os números descritos não coincidem, mas são sempre significativos, como na primeira reportagem citada acima, que afirma que a Nova Cultural e a parceria Harlequin-Record atraem 350 mil leitoras ao mês. No jornal *O Estado de S. Paulo*, em reportagem reproduzida também na íntegra no *Diário Popular*, de Pelotas, fica a afirmação: “os críticos torcem o nariz para as publicações na linha *fast-food*, mas a verdade é que vendem feito pão quente”<sup>280</sup>. Em duas ocasiões, fui procurada para responder aos jornalistas com uma visão acadêmica do assunto, para reportagens dos jornais *O Povo*, de Fortaleza (CE), “Literatura cor-de-rosa”, publicada em 17 de julho de 2006, e do *Jornal do Comércio*, de Recife (PE), “Final feliz que cabe na bolsa”, publicada em 12 de junho de 2006.<sup>281</sup> Nesses casos, não por indicação da assessoria de imprensa, que normalmente orienta os jornalistas sobre fontes a serem procuradas, mas por pesquisa dos repórteres na Internet, onde meu nome apareceu ligado a artigos sobre o tema, segundo eles mesmos informaram à época. O resultado, em ambas as entrevistas, foi um box na reportagem com algumas considerações sobre o assunto, infelizmente sem grande aprofundamento, pela linha de questionamento adotada pelos entrevistadores e também pela característica das publicações.

Nas entrevistas com leitoras, há elogios às séries, enquanto os jornalistas lembram que as histórias são repetitivas, sem no entanto prosseguir na crítica:

O problema é que algumas histórias são muito parecidas.' Para a estudante Elaine Cordeiro, de 39 anos, os romances são leitura leve antes de dormir.

---

<sup>280</sup> FIORI, Vera. Final Feliz. Os romances açucarados, vendidos em bancas, sobrevivem (e muito bem) ainda hoje. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 jun 2005.

<sup>281</sup> As reportagens estão nos Anexos da tese.

“Prefiro quando são mais próximos da vida real. Se o homem é o mais lindo e o lugar é o mais paradisíaco, perde um pouco a graça”. Já a assistente administrativa Leide Jales prefere as que se passam em lugares distantes. “Quando leio, imagino como seriam esses lugares. Meu grande prazer é a leitura”. Ela costuma comprar livros toda semana. ‘Esses romances eu leio desde os 11 anos, hoje tenho 33’.<sup>282</sup>

Na mesma reportagem destaca-se o perfil do público leitor: “jovens universitárias, executivas, advogadas, donas de casa, senhoras na faixa dos 70 anos e até mesmo homens”. Essa afirmação perpassa a meta da editora de estabelecer a leitura de romances entre um público selecionado, de forma a elevar a imagem dos textos qualitativamente.

Formas de vendas e estratégias de divulgação são explicitadas nesse texto:

A Nova Cultural espera este ano aumentar as vendas de 10% a 15 %. Os romances vão aparecer nas sacolinhas distribuídas em bancas e marcadores de livro. Já a dupla Record/Harlequin apostou em outdoors, aproveitando que as leitoras do gênero conhecem os livros da Harlequin - há alguns anos, era a empresa canadense que fornecia os romances para *Sabrina* e suas irmãs.<sup>283</sup>

A contragosto das editoras, as críticas veladas à leitura estão em alguns textos. Isso acontece porque a assessoria de imprensa pode sugerir os temas de reportagens aos veículos, mas não tem como controlar o que será publicado, uma vez que os textos são de responsabilidade exclusiva dos jornalistas e editores dos periódicos, trazendo também a opinião deles:

Mesmo depois do movimento feminista na década de 60 e da crescente participação no mercado de trabalho, boa parte das mulheres continua a sonhar com o príncipe encantado. Pelo menos, nas páginas editoriais.<sup>284</sup>

---

<sup>282</sup> LACERDA, Ana.Paula Final feliz faz o sucesso das Sabrinhas. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, julho 2005. Disponível em <[www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=336ASP004](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=336ASP004)>. Acesso em 13/10/2008.

<sup>283</sup> *Idem*.

<sup>284</sup> EDITORAS disputam leitora de romances açucarados. **Valor Econômico**, São Paulo, 15 maio 2005. Disponível em <<http://www.cbl.org.br/content.php?recid=2745&type=>>>. Acesso em 13/10/2008.

Bem mais positiva – e porque não dizer, conivente com a posição proposta pela assessoria das editoras – foi a reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*:

Em dias de violência, crises econômicas e relacionamentos difíceis, os livros que proporcionam diversão e uma boa dose de romance fazem os leitores esquecerem os problemas por alguns momentos. Nomes como Nora Roberts e Barbara Cartland, a avó de Lady Di, evocam grandes histórias de amor, atraindo um público expressivo no mundo todo.<sup>285</sup>

Já o repórter do Guia da Semana se deu ao trabalho de ler alguns dos romances e dar sua opinião sobre eles. O resultado com certeza mereceu aplausos da editora, ainda que os romances sejam apontados como diversão não muito empolgante:

Ao contrário do ledô engano, os livros são muito divertidos, mesmo para alguém que não está familiarizado com o universo de romances fofinhos e novelas mexicanas. Como não se envolver, e até se emocionar com a história dos irmãos Duncan [...] Tirando todas as improbabilidades do enredo, e as páginas onde a melosidade dos muitos adjetivos chega a cansar um pouco, os livros são uma boa pedida para os tempos de grana curta, ou quando você vai fazer uma viagem longa, se fica bastante tempo no trânsito ou se vai passar uma temporada no mato, sem sinal de diversão realmente empolgante.<sup>286</sup>

Em duas ocasiões, na *Folha de S. Paulo* e no *Diário de Cuiabá*, há entrevistas com uma autora brasileira, Gladys Posmik, que escreve para a Nova Cultural. Provavelmente, foi uma fonte indicada pela própria assessoria de imprensa. Ela é apresentada como uma leitora gaúcha já na terceira idade, que virou autora e publicou até então dois livros pela Nova Cultural, curiosamente, ambos ambientados em cidades dos Estados Unidos. Pode-se entender que existe uma rejeição por parte das leitoras a ambientações na realidade brasileira. Já a autora alega que a escolha por cidades norte-americanas foi para não destoar do que já vinha sendo

---

<sup>285</sup> FIORI, Vera. Final Feliz. Os romances açucarados, vendidos em bancas, sobrevivem (e muito bem) ainda hoje. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 jun 2005. <[http://www.diariopopular.com.br/21\\_08\\_05/estilo.html](http://www.diariopopular.com.br/21_08_05/estilo.html)>. Acesso em 10/09/2008.

<sup>286</sup> KACZUROSKI, Thiago. Páginas de amor. **Guia da Semana**, São Paulo. Disponível em <[http://www.guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=9&cd\\_news=13881](http://www.guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=9&cd_news=13881)>. Acesso em 30/07/2007.

publicado, pois uma autora brasileira e um ambiente nacional de uma só vez poderiam ter repercussão negativa entre as leitoras. Vem a calhar a posição das leitoras que gostam das paisagens paradisíacas descritas nos romances:

Tem um livrinho que eu estava lendo [...] estes dias atrás, num lugar, numa ilha, que você não consegue imaginar aonde ele possa ser; Você diz assim: no Brasil não tem disso [...]. Tem aqueles livros de escola, que eu nem lembro mais o nome, mas eles não têm fantasia [...] Agora, aqueles livrinhos de escola, de Machado de Assis, aqueles “indinhos”, aquelas coisas... Não me identifico com escritor brasileiro, não consigo.<sup>287</sup>

Se você puder escolher, viver num país de primeiro mundo, onde tudo funciona, claro que você preferiria, do que viver num lugar onde todo mundo sofre, não tem estrutura, saúde, educação, nada. Eu gosto de ver na novela um lugar onde tem tudo, ou ler num livro que se passe num lugar bonito em que todos têm tudo, os personagens não têm problemas.<sup>288</sup>

A falta de identificação com a literatura brasileira pode ser reveladora de uma recusa do imaginário local, uma antipatia com o que é ser brasileiro, pela realidade nacional, a exemplo das pessoas que não gostam de ver filmes brasileiros por acharem que só mostram pobreza. Nas entrelinhas, poderia revelar-se talvez uma luta para aderir ou se identificar com uma imagem mais glamurosa e valorizada, o *american way on life* presente nos romances das séries sentimentais.

Gladys também aponta o preconceito contra os livros que escreve: “Porque são livros vendidos em bancas de jornal e muito baratos, as pessoas desconfiam”<sup>289</sup>, diz ela. Mais uma vez, aparece o conceito de que livro, por ser um bem cultural, deve ser destinado à elite e, por isso, não pode ser economicamente acessível.

Ao fim da análise, pode-se dizer que o serviço de assessoria de imprensa foi bem feito. As reportagens, conquanto perpassadas por alguma crítica ou

---

<sup>287</sup> M.E.L., entrevista 18.

<sup>288</sup> S.A.O, entrevista 1.

<sup>289</sup> MIRANDA, Débora. Romances de banca completam 25 anos no Brasil. **Diário de Cuiabá**, Cuiabá, 06 abril 2005. Disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=214654&edicao=11184&anterior=1>>. Acesso em 10/09/2008.



resistência dos autores, repercutem de forma positiva para as séries sentimentais. Assim, a assessoria reforça as ações de marketing das editoras dando amplitude e visibilidade aos conceitos previamente estabelecidos nas diretrizes das empresas.

Uma reportagem, em especial, não pode ser considerada como fruto direto da assessoria de imprensa, mas indiretamente influenciada pelo aumento da visibilidade dos romances de banca da mídia. Trata-se da bem estruturada matéria “Com açúcar e com afeto, o livro predileto”, publicada na revista *Panorama Editorial*, da Câmara Brasileira do Livro, em julho de 2006. Inclusive, tema de capa da publicação e mencionada anteriormente neste trabalho. O texto começa comparando as tiragens consideradas impressionantes dos livros de bancas às médias do que as editoras de outros livros colocam no mercado. E depois se questiona sobre quais seriam os componentes que levam as leitoras a consumir vários livros ao mês, contra um comportamento dos leitores em geral muito mais tímido em relação a livros de livraria.

Estaria no canal de distribuição utilizado, mais popular do que as livrarias? Nos preços praticados, que são imbatíveis para esse tipo de produto, que é em formato de bolso e com papel jornal? Ou seria tão somente pelo gosto por esse gênero, restrito a um universo romântico, onde só cabem enredos que terminem em final feliz? E, por fim, em que medida esse tipo de literatura pode significar uma porta de entrada para ampliar o hábito de leitura?<sup>290</sup>

O conhecimento que as editoras têm de seu mercado consumidor é relatado, destacando as pesquisas realizadas pelas editoras e que o que as leitoras gostam ou não gostam nas obras facilmente é refletido no desempenho de vendas. Os pesquisadores entrevistados para a reportagem opinam sobre as razões do sucesso dos livros. Para Ailton Amélio da Silva, psicólogo e professor do Instituto de Psicologia de Universidade de São Paulo (USP), o principal é o ideal de amor

---

<sup>290</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**. Ano 2, n. 21. São Paulo, jul. 2006. p. 22

romântico, destacando a importância do romance, no sentido de relacionamento amoroso, para as mulheres, comprovado por pesquisas.

A reportagem questiona também o papel da literatura de entretenimento como degrau para a leitura de outros gêneros literários. A resposta não é diferente da análise feita anteriormente neste trabalho: pode acontecer ou não. Para Márcia Abreu, professora e diretora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas, a leitura dos romances

Pode desenvolver o gosto pela leitura, porque (a leitora) descobre que nos livros há tramas interessantes, que ela pode se emocionar ou pensar na vida. Nunca se tem certeza sobre o que a leitora atribui àquilo. Alguns afirmam que é para fugir da vida cotidiana, mas tem gente que lê para pensar sobre sua vida. A leitura não é uma coisa tão direcionada que o autor consiga conduzir tão fortemente. Então, pode acontecer da pessoa começar a ler esse tipo de literatura, e como ela é repetitiva, algumas se cansam da fórmula e aí buscam outra. Não acho que é uma evolução, 'daí vai se tornar um bom leitor depois', mas pode passar disso para outro tipo de romance ou livros que tratem de temas esotéricos ou de auto-ajuda. Não diria que vai passar para um Guimarães Rosa, mas também não é possível que todo mundo leia Guimarães Rosa.<sup>291</sup>

Já a antropóloga Mirian Goldenberg, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), contrapõe a leitura em busca do prazer e a que visa conhecimento e desenvolvimento intelectual. Sobre a primeira, ela diz: “Não sei se alimentam a leitura ou o desejo por mais e mais romances, em diferentes meios. Acho que quem busca esse tipo de livro não procura o prazer da leitura, mas o prazer da fantasia que ele oferece”.<sup>292</sup>

Ainda sobre esse assunto, Márcia Abreu cita uma experiência pessoal, em que professores de escolas públicas no Mato Grosso elogiavam as alunas que liam *Sabrina*, por terem mais vocabulário e uma redação melhor. Nesse sentido, analisa ela, alunas que vêm de família culta e estudam em colégios particulares, são

---

<sup>291</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**, ano 2, n. 21, São Paulo, jul.. 2006. p. 24

<sup>292</sup> *Idem*.

criticadas caso leiam romances sentimentais, já as de origem pobre, quando lêem esse tipo de obra, são chamadas de “intelectuais da classe”. A constatação não é diferente da observada pela leitora S.A.O.:

Tem pessoas que têm uma imagem de mim: nossa, como ela é culta, vive com um livro na mão. Outra pessoas, quando vêem que eu só leio romance, dizem, nossa mas você não lê nada assim de conteúdo.<sup>293</sup>

Há também na reportagem críticas aos romances sentimentais, como a de Luiz Percival Leme Britto, professor e presidente da Associação de Leitura do Brasil, que classifica os romances de subliteratura, sem diferença com as antigas fotonovelas ou as novelas de televisão: formato definido, enredo e estratégias narrativas já conhecidas.

Em várias ocasiões, a reportagem toca em pontos que esta pesquisa procura desenvolver, como os usos da leitura e como esta afeta a vida das leitoras. O que isso mostra? Que existe pelo segmento editorial e pela crítica acadêmica uma preocupação em analisar a inserção dos romances sentimentais no cenário da leitura no país. Na intersecção entre o que se lê e o que, pela opinião da crítica literária e cultural, se deveria ler, os romances aparecem como a prova de que existe muito mais leitura no país do que se imagina ou mesmo do que aparece nas estatísticas oficiais. Falta olhar para estas leitoras como pessoas reais, de carne e osso, e descobrir o que torna a leitura dos romances açucarados tão atraente ou mesmo relevante em suas vidas.

---

<sup>293</sup> S.A.O. Entrevista 1.

## 6. A LEITORA SAI DO ARMÁRIO

Para entender melhor o papel que a leitura de romances sentimentais ocupa na vida das leitoras e os fatores de popularidade dessas séries, foi realizada uma pesquisa qualitativa, uma vez que dados quantitativos não são foco deste trabalho. A amostra inicial foi selecionada buscando diferentes extratos sociais, sempre tendo em vista obter informações relevantes sobre o comportamento das leitoras, sabendo que os dados coletados nas pesquisas qualitativas são predominantemente descritivos. Geralmente, o material obtido nessas investigações é rico em relatos pessoais, cabendo ao pesquisador observar todo o contexto da situação estudada.

Dentro da pesquisa qualitativa, o tipo de abordagem escolhida foi a entrevista semi-estruturada, na qual a temática dominante se prende a perguntas que buscam detectar fatores como motivos da leitura (por que se lê, para que se lê) e escolha de leituras (pela editora, autor, título, capa, etc). Ainda existe no Brasil uma carência de pesquisas sobre as motivações de leitura de entretenimento, principalmente partindo do ponto de vista dos leitores. Uma das exceções é a pesquisa com leitoras de romances de Lígia Maria Moreira Dumont (1998), que diz que

Face ao incipiente corpo de pesquisas empíricas no tocante à osmose leitor/romance e ao uso dos valores simbólicos adquiridos nesta “inter-relação”, fez-se necessário buscar uma nova forma de abordagem, onde se pudesse verificar com maior precisão a função da leitura e o uso que dela fazem sujeitos, independentemente de ser a mesma considerada como arte, marginal ou paraliterária.<sup>294</sup>

Dumont faz uma análise de várias abordagens utilizadas em pesquisas com leitores. Nesse sentido, descarta como pouco proveitosas – no que

---

<sup>294</sup> DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998. p. 153

concordamos – as pesquisas sob abordagem histórica e aponta como boas possibilidades os pontos de vista das teorias sociológicas, que tradicionalmente baseiam-se em fatos empíricos, dando mais enfoque à socialização dos indivíduos e à internalização de valores como motivação para a prática de ações.

A partir dos anos 60, observou-se uma preocupação crescente com os temas da intencionalidade.

É consenso dos novos postulados que o estudo da intencionalidade dos indivíduos torna-se mais fiel quando coloca em evidência contexto específico dos atores, acrescido de seus próprios relatos, comentários e análises, fundamentados na descrição das ações do seu dia-a-dia.<sup>295</sup>

Ainda dentro de um pensamento de estudo sociológico, Dumont cita a pesquisa de A. W. McHoul, que afirma que um dos meios mais eficazes para descobrir novas formas de entendimento de uma ação social específica, como a leitura, seria através do paradigma etnometodológico. A proposta seria utilizar uma nova forma de entrevistar e abordar as pessoas, tendo como referencial o discurso de rotina e partindo dos relatos que os entrevistados dão a respeito de determinadas situações. A idéia é examinar o sentido dado à prática das suas ações, observando também as motivações, as sensibilidades e as expectativas.<sup>296</sup> Esta forma de pesquisa dá importância à contextualização e à subjetividade, no que diz respeito à produção de sentidos, o que torna sua utilização pertinente na presente investigação. Como explica Dumont (1998),

não se trata de tentar descobrir o que existe na mente das pessoas que estão fazendo os relatos, mas de, através da forma com que estas descrevem os fatos sociais do dia-a-dia, identificar os valores e métodos em que se apóiam

---

<sup>295</sup> DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998. 154

<sup>296</sup> McHoul, A.W. **Telling how texts talk: essays on reading and ethnomethodology**. London, Routledge & K. Paul, 1982. Apud DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998. p. 155-156

para governar suas atividades. A proposta da etnometodologia é investir no estudo da atitude natural da vida cotidiana.<sup>297</sup>

A metodologia escolhida para realizar a parte da pesquisa feita pessoalmente foi a entrevista ou história oral, que possui paradigmas semelhantes aos da etnometodologia, já que ambas privilegiam características de respeito à subjetividade, ao contexto e aos relatos dos atores. A técnica da história oral possibilita, quando necessário, uma reavaliação do fato relatado. Entretanto, a entrevista não exclui a necessidade de o pesquisador recorrer sempre a outras fontes de informação para entender, de forma abrangente, a realidade que está pesquisando.

Todos os autores que discorrem sobre a técnica da história oral são unânimes em apontar vantagens, que se identificam com aquelas atribuídas à etnometodologia: o relato oral imprime ação ao fato pelo ritmo da fala e da pausa, da incerteza ou da segurança no tom da voz, pelo meneio dos gestos e olhares. Mesmo considerando a subjetividade que pode levar o entrevistado a destacar alguns fatos e omitir outros – para ele de menor importância – (sendo isto também significativo), não se pode negar a riqueza das informações transmitidas pelas emoções, dos detalhes mínimos e da ênfase impressa nas narrativas.<sup>298</sup>

Pelo descrito acima, a técnica da história oral aparece como a mais adequada para levantar os dados necessários a esta pesquisa. Dentro dessa técnica, existem duas modalidades, a história de vida e a entrevista temática, sendo que esta segunda se mostrou mais apropriada, já que direciona a entrevista ao tema central da pesquisa, enquanto a primeira necessita englobar toda a vida pregressa do entrevistado. Assim, as leitoras entrevistadas foram convidadas a uma conversa informal, com identidade preservada, e instigadas a falar sobre suas preferências e relações com a leitura. Algumas foram contatadas por Internet, dentro da comunidade *Adoro Romances*, outras foram indicadas por amigos. Todas foram entrevistadas individualmente, com base em um questionário padrão com perguntas

---

<sup>297</sup> DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998. p. 165.

<sup>298</sup> *Ibid.* p. 168

em sua maioria subjetivas (ver Apêndice), mas dando abertura a novos questionamentos surgidos a partir da conversa. Das entrevistas, seis foram feitas pessoalmente e quatro pela Internet. A intenção nesse segundo caso era utilizar o programa MSN, que permite visualização e voz, mas o mesmo não funcionou a contento, com falhas de som e imagem, então o e-mail foi a solução escolhida para algumas entrevistadas que julgamos especialmente interessantes por sua trajetória. A entrevistada de número 7 é uma das mais atuantes na comunidade *Adoro Romances*, tendo inclusive dado entrevista em uma das reportagens citadas no capítulo anterior. A de número 8, além de leitora, também comercializa livros pela Internet. A de número 9 é organizadora de encontros de leitoras, além de pesquisar sobre o tema para seu trabalho de graduação. E a de número 10 é autora do blog sobre romances mais comentado na *Adoro Romances*, o *Literatura de Mulherzinha*<sup>299</sup>. Por essas características, julguei aceitável obter os depoimentos por e-mail. No total, foram dez entrevistas, realizadas entre 20 de fevereiro e 10 de agosto de 2008. As feitas pessoalmente foram gravadas e transcritas integralmente para facilitar as consultas.

Além disso, um questionário resumido foi postado no fórum de discussões da comunidade *Adoro Romances*, do Orkut, com respostas voluntárias, para colher opiniões de outras leitoras, garantindo uma abrangência maior da amostra. No total 20 internautas responderam esse questionário, entre os dias 15 e 20 de abril de 2008, depois foi solicitado que não houvesse mais respostas, uma vez que julguei o número suficiente para as análises em questão.

O questionário foi montado segundo uma lógica de temas, mas eventualmente nas entrevistas essa ordem foi modificada de acordo com as

---

<sup>299</sup> A apresentação do blog é a seguinte: “Esse é o blog com coragem de falar sobre os livros que todo mundo lê, mas, por algum motivo, fica tímido pra assumir. Julia, Bianca, Sabrina, Desejo, Clássicos Históricos, Paixão, Destinos, Grandes Autoras... Além disso, tem romances, bestsellers, livros famosos e desconhecidos! Sou leitora compulsiva, então, pode aparecer de tudo por aqui! As informações sobre algumas edições estão aguardando seus comentários!”. Disponível em <<http://livroaguacomacucar.blogspot.com/>> . Acesso em 10/03/2007.

respostas das leitoras. Em Curitiba, algumas entrevistas foram feitas em locais como cafés e confeitarias, entre uma xícara e outra de café, para um tom informal, evitando uma linguagem acadêmica. Outras leitoras preferiram me receber em suas casas, entre suas pilhas de livros.

O questionário divide-se nos seguintes tópicos:

- a) Identificação (nome, idade, profissão, escolaridade, estado civil, cidade onde mora);
- b) Gosto pela leitura (o que mais gosta nos romances, quantos lê ao mês, qual série favorita, se o final feliz é importante, há quanto tempo lê os romances, onde costuma ler, o que mais costuma ler, o que acha do sexo nos romances, se tem um tema preferido);
- c) Percepção das editoras (vê diferenças entre as editoras, como toma conhecimento dos lançamentos, onde costuma adquirir os romances, o que acha do preço, já foi assinante, já entrou em contato com as editoras, o que influencia na hora de escolher os romances);
- d) Relacionamento com outras leitoras (Internet, encontros de leitoras, se comentam os livros);
- f) Influência dos livros no dia a dia (se acha que a leitura influencia, se já copiou alguma situação narrada, se já se identificou com alguma personagem, se já sofreu preconceito pela escolha de leitura);
- g) Perguntas específicas conforme o perfil das leitoras, como a vendedora de livros, a blogueira e a pesquisadora.

No eco desses depoimentos estão as dez entrevistas feitas para a dissertação *Das bancas ao coração*<sup>300</sup>, em 2001, que também revelaram dados interessantes sobre a leitura e a relação das leitoras com os textos, não totalmente

---

<sup>300</sup> Já citada anteriormente neste trabalho, minha dissertação “Das Bancas ao Coração”, defendida em 2002 na UFPR, trouxe entrevistas com 10 leitoras.



explorados no trabalho anterior. As entrevistas estão transcritas na íntegra na dissertação e, portanto, puderam ser aproveitadas nesse trabalho. Essas leitoras foram entrevistadas pessoalmente ou com entrevista gravada por telefone. Moram em Curitiba, Londrina (PR) ou Astorga (PR). Foram contatadas por meio de amigas em comum, reportagens sobre leitoras em jornais ou com a ajuda do proprietário de uma banca de revistas. É uma amostra mais ampla, com leitoras que se enquadram no perfil descrito pelas editoras.

Entre os questionários aplicados para para a dissertação citada acima e para esta tese, há uma diferença de perspectiva, mais do que de perguntas. Enquanto o primeiro focava nos usos de leitura e relações dos textos no cotidiano das leitoras, o feito mais recentemente tem mais questões referentes à visão que as leitoras têm com as editoras e como percebem os mecanismos comerciais envolvidos na produção editorial. No conjunto, os dois se complementam para uma visão ampla da leitura de romances sentimentais.

Ao conversar com as leitoras, a intenção foi trazer para dentro de um trabalho analítico as percepções da leitura dos romances sentimentais. Reconhecendo as diferenças de estatuto e natureza discursiva das formulações teóricas e dos depoimentos “leigos” em crítica, mas “especializados” nos romances em questão, acredito que foi possível extrair sentidos de um e de outro em relação ao objeto examinado.

Para evitar confusões, a numeração das entrevistas está de forma contínua, de acordo com a relevância de cada grupo para este trabalho, sendo as 10 primeiras feitas para esta tese, de 11 a 20 as feitas para a dissertação e por último, de 21 a 40, os depoimentos eletrônicos respondidos por Internet na comunidade *Adoro Romances*.

O perfil das leitoras entrevistadas para a tese, até por serem leitoras contatadas inicialmente pela Internet, revela-se de escolaridade acima da média. Também não temos entrevistadas casadas. Esse fato é mera casualidade, não refletindo o perfil apresentado pelas editoras para as leitoras em geral. O que se

pode supor é que as internautas, adeptas de uma tecnologia moderna, são também mais jovens, exceção feita à entrevistada de nº 3, que é mãe da entrevistada de nº 2. Como o casamento acontece cada vez mais tarde, segundo pesquisas, isso se reflete no estado civil. As leitoras entrevistadas pessoalmente moram em Curitiba ou São José dos Pinhais. As que responderam por e-mail nesse grupo estão em Juiz de Fora (MG), Ijuí (RS), Campina Grande (PB) e Nova Iguaçu (RJ).

| Entrevista | Iniciais | Idade | Profissão                 | Escolaridade     | Estado Civil |
|------------|----------|-------|---------------------------|------------------|--------------|
| 1          | S.A.O.   | 33    | Economista                | Pós-graduação    | Solteira     |
| 2          | C.P.A.   | 35    | Professora                | Superior         | Solteira     |
| 3          | L.A.     | 62    | Dona de casa              | Fundamental inc. | Divorciada   |
| 4          | V.A.S.   | 21    | Educadora                 | Superior incomp. | Solteira     |
| 5          | I.S.     | 22    | Educadora                 | Ensino Médio     | Solteira     |
| 6          | D.R.F.   | 21    | Educadora                 | Superior incomp. | Solteira     |
| 7          | L.D.A.   | 22    | Estudante                 | Superior incomp. | Solteira     |
| 8          | J.V.     | 24    | Assistente Administrativo | Ensino Médio     | Solteira     |
| 9          | E.M.S.   | 27    | Historiadora e professora | Ensino Superior  | Solteira     |
| 10         | R.O.     | 29    | Jornalista                | Superior         | Solteira     |

QUADRO 1 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS PARA A TESE  
 FONTE: O AUTOR (2008)

| Entrevista | Iniciais | Idade | Profissão                | Escolaridade            | Estado Civil |
|------------|----------|-------|--------------------------|-------------------------|--------------|
| 11         | G.F.C.   | 36    | Atendente de confeitaria | Ensino Médio incompleto | Casada       |
| 12         | A.C.R.   | 21    | Desempregada             | Ensino Médio            | Solteira     |
| 13         | I.G.B.   | 58    | Perita criminal          | Superior                | Separada     |
| 14         | T.A.S.   | 24    | Secretária               | Ensino Médio            | Solteira     |
| 15         | E.A.S.   | 36    | Auxiliar de cozinha      | Ensino Médio            | Solteira     |
| 16         | V.N.P.   | 35    | Auxiliar de costura      | Ensino Fundamental      | Solteira     |
| 17         | V.N.P.O. | 32    | Auxiliar de enfermagem   | Ensino Médio            | Divorciada   |
| 18         | M.E.L.   | 36    | Secretária               | Ensino Médio            | Casada       |
| 19         | B.M.M.   | 40    | Bancária                 | Superior                | Casada       |
| 20         | R.R.     | 16    | Balconista               | Fundamental incompleto  | Solteira     |

QUADRO 2 – PERFIL DAS LEITORAS ENTREVISTADAS EM 2002 PARA A DISSERTAÇÃO “DAS BANCAS AO CORAÇÃO”  
 FONTE: O AUTOR (2008)

Já as respostas ao questionário postado na Internet, no Orkut, Comunidade Adoro Romances, revelaram uma amostra onde predominam as leitoras denominadas pela gerente de marketing da Nova Cultural como “heavy”, ou que lêem mais de oito livros das séries por mês. Sempre guardando ressalvas sobre a veracidade das informações, que servem aqui apenas como balizadoras de comportamento do leitorado, essas entrevistadas se apresentaram como tendo perfil descrito no quadro na próxima página.

Algumas não deram informações pessoais (os dados estão em branco), o que a meu ver não compromete o resultado, uma vez que as respostas são sempre passíveis de questionamento (por exemplo o caso de três entrevistadas que informaram ter 17 anos e estar cursando graduação, o que não é impossível, mas pouco provável). Para identificação, estou usando a inicial do nome que as entrevistadas postaram no site.

| Entrevista | Iniciais | Idade | Profissão            | Escolaridade      | Cidade                  |
|------------|----------|-------|----------------------|-------------------|-------------------------|
| 21         | M.       | 30    | Advogada             | Superior          | Campinas                |
| 22         | I.       | 18    | Estudante            | Superior inc.     | Arraial do Cabo-RJ      |
| 23         | L.       | 17    | Estudante            | Superior inc.     | Pato Branco/PR          |
| 24         | M.       | 17    | Estudante            | Superior inc.     | Caicó-RN                |
| 25         | V.       | 17    | Estudante            | Superior inc.     | Fortaleza -CE           |
| 26         | M.       | 34    | Analista/ CRM        | Superior          | São Paulo-SP            |
| 27         | S.       | 32    | Empresária           | Superior inc.     | Natal-RN                |
| 28         | H.       | 23    | Redatora de rádio    | Superior inc.     | Presidente Prudente -SP |
| 29         | N.       | 22    | Estudante            | Superior inc.     | Rio de Janeiro          |
| 30         | L.       |       |                      |                   |                         |
| 31         | C.       |       |                      |                   |                         |
| 32         | I.       |       |                      |                   |                         |
| 33         | M.       |       |                      |                   |                         |
| 34         | L.L.     |       |                      |                   |                         |
| 35         | R.       | 43    | Funcionária pública  | Superior          | João Pessoa-PB          |
| 36         | S.       |       |                      |                   |                         |
| 37         | L.D.     | 34    | Consultora de vendas | Ensino Médio      | Ribeirão Preto - SP     |
| 38         | V.       | 32    | Professora           | Doutorado incomp. | Brasília-DF             |
| 39         | L.       |       |                      |                   |                         |
| 40         | J.       |       |                      |                   |                         |

QUADRO 3 – PERFIL DAS LEITORAS QUE RESPONDERAM QUESTIONÁRIO POSTADO NO ORKUT  
 FONTE: O AUTOR (2008)

Esse farto material poderia ser lido de diversas formas e certamente renderia várias interpretações sobre leitura, a depender do ponto de vista de observação. Para evitar perder-me nessa areia movediça de opiniões e sentimentos extravasados, optei por ater-me a aspectos ligados aos motivos da atração que os textos exercem sobre as leitoras, bem como à dualidade entre leitura e produção dos textos, confrontando os interesses da indústria e os usos que as leitoras fazem desses materiais. Boa parte desse objetivo já foi cumprido nos capítulos anteriores. Resta agora abordar algumas características específicas, como o uso do tempo, as motivações de leitura e as novas formas de relações entre leitoras e editoras.

## 6.1. O INÍCIO DE TUDO: O GOSTO PELA LEITURA DOS ROMANCES SENTIMENTAIS

Enquanto as editoras estão preocupadas em formar novas leitoras para seus livros, as leitoras atuais mostram que é a recomendação de pessoas próximas a principal porta de entrada no universo açucarado das séries de banca. Mães, irmãs, avós e primas fazem o papel de incentivadoras. Dos 20 depoimentos na Internet, 13 afirmam ter iniciado a leitura de romances entre 9 e 15 anos, por intermédio de parentes ou amigas, mesmo que às vezes a contragosto. Também entre as outras entrevistadas, várias afirmaram terem lido esse tipo de romances ainda na pré-adolescência, a partir do exemplo de pessoas próximas:

Fazem 15 anos que os leio, a minha prima sempre lia e não me emprestava nenhum, fiquei muito curiosa, uma tia tinha um solto na estante, peguei e amei.<sup>301</sup>

Comecei a ler romances muito cedo e o primeiro que ganhei foi de minha avó. Leio romances há mais de trinta anos<sup>302</sup>

---

<sup>301</sup> M, Entrevista 21

Minha mãe me deu o primeiro romance, eu tinha 11 anos, tinha acabado de sair da quarta série, foi meio que um presente de aniversário eu poder ler os livros de adulto que ela já lia.<sup>303</sup>

Eu tinha aproximadamente 12 anos quando tive contato a primeira vez com este tipo de leitura. Eu tinha ficado doente e quando voltei pra casa não tinha absolutamente nada pra fazer. Revirei algumas gavetas e encontrei uns “Momentos íntimos” e “Julias” que pertenciam à minha irmã (ela nega isso até a morte hoje). Vou te confessar que odiei os dois. O primeiro exatamente por ter cenas de sexo. Eu tinha 12 anos e era uma boboca. Ainda brincava de bonecas e achei aquilo um absurdo. Fiquei constrangida por vários dias, achando que todo mundo aqui de casa sabia que tinha lido aquilo. O segundo porque achei um ultraje a personagem principal sofrer como um cão na mão do “mocinho” e no final acabar tudo bem, com os dois felizes e contentes. Meu pai sempre estimulou nas filhas o ato da leitura, e foi ele que comprou meus primeiros livros, num sebo perto de casa. Nessa época conheci dentre autores brasileiros e estrangeiros, conheci também os chamados “Clássicos da Literatura Romântica” e destes eu gostei, apesar de alguns também terem cenas de sexo, que eu pulava estrategicamente.<sup>304</sup>

Com o aval de pessoas mais velhas e/ou experientes, que são também próximas no campo da afetividade, as leitoras são iniciadas na tradição do texto sentimental logo cedo. Como um presente ou objeto proibido, os romances passam a integrar suas rotinas e a compor os elementos dos seus imaginários. Mesmo a jovem leitora constrangida com as cenas de sexo acabou seduzida pelo universo romântico das narrativas. Pode-se falar num caráter pedagógico dos textos, numa espécie de educação para a sensibilidade romântica, da mesma forma que os romances da *Biblioteca das Moças* fizeram com gerações anteriores:

A leitura parece atuar, assim, como uma das práticas constitutivas da intimidade individual, colocando a leitora em contato direto com suas emoções e pensamentos, em solidão e recolhimento. E, ao que tudo indica, era o romance que a enlevava: o romance que saiu da carta, do diário íntimo, do relato de uma viagem; o romance que, ao assumir a forma de registro da vida privada, ia ao encontro de suas preocupações, contribuía para educar suas sensibilidades e seus sentidos, atravessava suas horas

---

<sup>302</sup> C. Entrevista 31

<sup>303</sup> C.P.A. Entrevista 2

<sup>304</sup> E.M.S., entrevista 9

com estórias plenas de detalhes concretos. Nesse sentido, o romance era um veículo que privilegiava uma nova sensibilidade: o individualismo, a particularidade, o espaço físico circundante em sua especificidade.<sup>305</sup>

Dizer que as leitoras moldam suas expectativas a partir do que lêem nos livros seria superestimar o papel deles e, ao mesmo tempo, subestimar a capacidade delas de separar ficção e vida real. No entanto, existe, sim, influência do mundo da fantasia dos romances sobre a realidade das leitoras. Elas sentem prazer em vivenciar, através da leitura, as situações ideais, seja românticas ou eróticas, dos textos sentimentais, e na medida do possível, buscam transferir esses ideais para suas vidas:

Esse tipo de literatura, pra mim, me preenche interiormente e me faz continuar acreditando naquilo que a gente acreditava aos 15, 20 anos. E sonhava que a vida da gente fosse ser aquela.<sup>306</sup>

Os romances sentimentais são sensíveis às necessidades femininas como romantismo e doçura. Normalmente em romances a personagem feminina nunca é idealizada e cada mulher consegue ver seus defeitos e anseios dentro da protagonista.<sup>307</sup>

Essa visão de que a heroína dos romances não seria idealizada vai contra tudo o que já li em e sobre os romances sentimentais. Como já demonstrado nas análises apresentadas anteriormente, as heroínas são sempre belas, corretas e seus eventuais defeitos perfeitamente explicáveis em relações de causa e efeito. Uma personalidade forte, alguma precipitação, dificuldades financeiras, familiares e/ou profissionais são o máximo de problemas que as autoras permitem às protagonistas. O que se pode entender então do que diz J.V. acima é que ela enxerga nas personagens fraquezas humanas que considera coerentes com o texto, ao mesmo tempo que busca transferir para sua própria realidade alguns aspectos das emoções vividas pelas heroínas.

---

<sup>305</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.p. 63

<sup>306</sup> L.A., Entrevista 3.

<sup>307</sup> J.V., Entrevista 8

Uma das entrevistadas da tese, a educadora D.R.F., que só lia livros técnicos sobre educação, está sendo iniciada por duas amigas (as entrevistadas de números 4 e 5) na leitura de romances sentimentais, tendo apenas dois livros do gênero em seu rol de leituras na época da entrevista. Ela diz que nem fazia idéia do que se tratavam os livros e que tinha certo preconceito em relação aos romances das séries. “Eu achava que era muito essa coisa de imaginação, de fantasia, que não era real”.<sup>308</sup> Leu e achou as histórias “bacanas”. “Eu acho que é bom para fugir um pouco da realidade. Esse livro tem a ver não com o contexto histórico, mas com as relações entre as pessoas”, analisa ela. Entre suas leituras preferidas ela cita livros de auto-ajuda, destacando acreditar que são textos que podem trazer alguma mudança e aproveitamento prático para sua vida. A idéia do livro de caráter utilitário não destoa de certas tendências pragmáticas da educação e cultura, onde só tem valor o que pode ser utilizado de forma concreta.

A visão da leitora é a mesma da antropóloga Mirian Goldenberg, quando relata que

esses romances levam a leitora a se alienar da vida dura, da concretude da vida cotidiana. Ao lê-los entra no mundo da fantasia e isso não é ruim, assim como a gente vai ao cinema e assiste a uma comédia romântica. Não leio mais esses livros, mas tenho com a novela, com o filme de Hollywood, com os seriados românticos da televisão essa mesma relação. É uma necessidade totalmente feminina e que esses romances preenchem e isso é positivo.<sup>309</sup>

Em comparação ao livro canônico, aquele que cai no vestibular e cuja leitura é exigida nas escolas, o texto sentimental encontra na indicação uma vantagem. O primeiro chega ao estudante através de um currículo, por determinação de um professor, enfim, algo que vem de fora, imposto pela autoridade de quem domina o saber, um adulto em oposição à criança ou adolescente. Já os romances

---

<sup>308</sup> D.R.F., Entrevista 6

<sup>309</sup> COM açúcar e com afeto, o livro predileto. **Panorama Editorial**. Ano 2, n. 21. São Paulo, jul. 2006. p. 26



sentimentais são, como se viu, habitualmente indicados por pares, sem qualquer interesse, abordando o uso da leitura como lazer. Falando a respeito da literatura e dos leitores que ignoram os apelos da mídia, Enzensberger (1998), no ensaio *Crepúsculo dos Resenhistas*, destaca que

Esse público [os leitores] forma suas opiniões de maneira independente do *blablablá* das resenhas e dos programas de entrevistas, e o único tipo de publicidade no qual ele acredita é a propaganda boca a boca, que além de ser gratuita, jamais poderia ser paga.<sup>310</sup>

Ou seja, nos dois extremos, dos leitores da chamada alta literatura e na literatura de entretenimento, há uma aproximação: a indicação feita pelos iguais é a que mais importa. Ao contrário da literatura exigida nas escolas, longe de ser uma obrigação, a leitura de romances sentimentais é vista como um prazer. Algo que casa bem com lazer e férias:

[Leio] em torno de dez [por mês]. Quando estou de férias, leio um por dia, até dois.<sup>311</sup>

Quando eu vou para a praia, aconteceu de eu ler [...] três, quatro histórias em dois dias. [...] Normalmente é mais domingo os dias que eu lia.<sup>312</sup>

Eu não viajo se não tiver levado comigo uns romancinhos, uns dois, três. Senão, como eu vou ficar? Numa dessas eu chego lá e só tem os que já li, então eu tenho que levar novos daqui. Se vou demorar uma semana, tem que ter uns três, quatro.<sup>313</sup>

Isso acontece porque, como já se viu, em linguagem fácil, os textos dos romances sentimentais trazem enredos que não diferem das comédias românticas de Hollywood ou das novelas da televisão, com elementos já conhecidos das leitoras. O número de livros disponível mensalmente nas bancas permite o acesso a

---

<sup>310</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995. p.42.

<sup>311</sup> C.P.A., Entrevista 2

<sup>312</sup> B.M.M., Entrevista 19

<sup>313</sup> I.G.B., Entrevista 13

um enorme arsenal de textos, suprimindo, ao mesmo tempo que estimula, o que diversas leitoras chamam de “vício”.

Somos como viciados que falam um ao outro qual o melhor produto.<sup>314</sup>

Há uns 15 anos, comecei por pura curiosidade e viciiei.<sup>315</sup>

É difícil não ficar viciada, são livros simples, com linguagem acessível, com histórias em que todas se sentem ou desejam ser a protagonista, com final feliz.<sup>316</sup>

A associação da leitura ao vício permite assimilar algumas contradições. Vício é o que não se consegue controlar, a necessidade premente de uma determinada substância, normalmente nefasta. A abstinência do produto viciante traz conseqüências para o corpo e a mente. As viciadas em livros sentimentais, então, precisam do romantismo dos textos para suprir a necessidade de enredos apaziguadores, que tragam a certeza de finais felizes que não se encontram facilmente na vida real. Com isso, compensam uma realidade onde, como é comum aos seres humanos, convivem com frustrações. A idéia lembra o livro *Madame Bovary*, de Flaubert. Nele, a leitura de textos sentimentais é tratada como um vício da pobre Emma, personagem central da trama, ao qual ela acaba sucumbindo e, por fim, perecendo. Segundo Zilberman (2001):

Flaubert, tal como Cervantes, mostra, por meio do romance, os perigos da má literatura, propondo um tratamento, digamos homeopático: Madame Bovary curaria os leitores, vacinando-os contra as más leituras. Só que o leitor por excelência representado no texto é uma mulher, indicando que o público feminino constitui a porção mais frágil e passível de sedução pelos maus livros postos à sua disposição. O novelista flagra o movimento de consolidação de um gênero popular, destinado sobretudo às mulheres, de que quer se distanciar, elaborando uma obra de ficção dirigida a um setor diferenciado e consciente do público. Com isso, a literatura, ela mesma, se

---

<sup>314</sup> J.V. Entrevista 8

<sup>315</sup> I, Entrevista 32

<sup>316</sup> M. Entrevista 21

segmenta, dividida a partir da leitura que proporciona, uma de ordem ilusória e feminina, outra de natureza séria e, por analogia, masculina.<sup>317</sup>

Note-se que apenas a literatura feminina é considerada perigosa, viciante, talvez não tanto por seu caráter ilusório, mas por sua capacidade de, através de seus mecanismos de narrativa, aliciar as leitoras até que mergulhem completamente em leituras, de forma apaixonada. Diante da ficção romântica, as leitoras de ontem, como as de hoje, mantêm essa relação de paixão com os textos. Já a leitura dos homens seria racional, crítica e distanciada.

Muitas vezes, as leitoras buscam estabelecer relações entre suas experiências pessoais e as formulações ficcionais. A identificação é uma das bases da atração que exercem os romances sentimentais:

Ao ler, o leitor experimenta uma situação desencadeada tão-somente pela leitura: ele consegue ocupar-se com os pensamentos de outro. Graças a essa propriedade da leitura, o leitor substitui a própria subjetividade por outra, abandonando temporariamente suas disposições pessoais e preocupando-se com algo que até então não conhecia. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Logo, a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é basicamente dialógica.<sup>318</sup>

Assim, a perita criminal I.G.B. usou um fato de sua vida como medida para reprovar a atitude de uma personagem de romance: “Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado”<sup>319</sup>. É o momento em que a leitura é utilizada como contraponto à história pessoal. Já a leitora M.E.L. leu num romance uma

---

<sup>317</sup> ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores**. São Paulo, Editora SENAC, 2001.p. 35.

<sup>318</sup> Ibid. p. 52

<sup>319</sup> I.G.B. Entrevista 13

história que parecia ser a sua própria, enxergando-se na personagem cujo nome não esquece:

Eu li um romance uma vez que tinha uma história parecida com a minha com o meu marido. Foi uma história assim bem leve. Foi a primeira história que eu li, foi numa Sabrina, que ela não continha sexo. Ela era só um romance, assim, de encontros, envolvendo amigos que tentavam fazer um romance, pessoas que quando foi marcado o casamento, e eles casaram. [...] E me identificou muito. [...] Foi um romance bem leve, bem suave, no fim terminou na festa de casamento deles, foi bem gostoso de ler. Camile, eu nunca esqueci o nome da moça. [...] Aquele foi mais natural, eles se encontravam mais naturalmente, o cenário não era aquelas fantasias de ilha, castelos, era bem natural.<sup>320</sup>

Também usando os textos como um espelho, a ex-doméstica G.F.C. gosta das histórias em que a personagem principal se envolve com o patrão, dando vazão através da leitura ao desejo de ascensão social de quem atuou em um subemprego ou mesmo a um envolvimento sentimental talvez sonhado em segredo. “Eu queria ser aquela pessoa, naquele momento”<sup>321</sup>, diz ela, referindo-se ao seu romance favorito, exatamente com o tema citado acima. Nesse caso, a leitura além de ser o espaço da evasão para um mundo de completa fantasia, se torna campo da realização de um plano imaginário que na realidade é desejado, mas impossível, ou ao menos muito difícil de ser realizado efetivamente.

Há também leitoras que guardam distância entre suas próprias vidas e o que acontece nos romances. “A maioria são personagens fora da realidade. Fica difícil se identificar com qualquer uma delas”, diz a professora de História E.M.S.

Citando a frase de Iser em *The Act of Reading*, Zilberman (2001) diz que:

Pensar pensamentos alheios não implica apenas compreendê-los, mas supostamente conduz a uma alteração naquele que pensa, o leitor. Escreve Wolfgang Iser: “[...] pensar pensamentos dos outros não quer dizer apenas compreendê-los, tais atos de compreensão só podem ser bem sucedidos se eles ajudam a formular alguma coisa em nós”. Os atos de compreensão envolvidos no processo de constituição do significado

---

<sup>320</sup> M.E.L. Entrevista 18.

<sup>321</sup> G.F.C.. Entrevista 11.

capacitam o leitor a refletir sobre si mesmo e a descobrir um mundo a que até então não tivera acesso.<sup>322</sup>

Por mais que a princípio possa parecer estranho à crítica literária, os romances sentimentais também levam as leitoras a refletirem sobre aspectos de suas vidas. A professora C.P.A. diz que a leitura dos romances a influencia nas expectativas de uma vida mais romântica. Ao mesmo tempo, comentando sobre seu romance preferido, revela um questionamento interior:

Teve um que me marcou que a personagem era professora, eu não consigo lembrar o título, a autora, mas lembro de uma frase que o mocinho disse para a mocinha quando queria convence-la a casar. Porque ela falou que não precisava casar, não precisava de uma família, porque ela tinha os alunos. E ele respondeu que ela ia viver uma vida emprestada, fingindo ser mãe dos filhos dos outros. A carapuça serviu...Isso me fez pensar, porque eu estava saindo de um relacionamento, estava frágil e isso pesou um pouquinho.<sup>323</sup>

Solteira, sem filhos, morando com mãe, aos 35 anos, C. com certeza sofre pressões para se adequar aos modelos femininos vigentes. Obviamente, no romance citado acima, houve um final feliz entre a professorinha e o protagonista. No momento em que leu o texto, C.P.A. identificou-se e questionou-se se não estaria também ela preenchendo sua vida com os filhos de outras pessoas. Por outro lado, parece não ter percebido o quanto o romance sentimental dá pouca importância à realização profissional da personagem, e como apela para o amor romântico e a maternidade como únicos caminhos possíveis para a felicidade feminina. Se a entrevistada tomou alguma atitude a respeito, não revelou. O que parece é que instalou-se um conflito íntimo, contrapondo duas perspectivas diferentes, a da realidade, possível, e a ficcional, idealizada.

Seria então a literatura de entretenimento capaz de provocar rupturas na visão de mundo já estabelecida pelas leitoras? Eu não diria rupturas, mas sim reflexões, em casos em que algum ponto da narrativa estabelece conexão com a

---

<sup>322</sup> ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores**. São Paulo, Ed. SENAC, 2001. p. 52.

<sup>323</sup> C.P.A. Entrevista 2.

realidade das leitoras. Nesses momentos, a leitora interfere no texto, contrariando e/ou extrapolando a intenção do autor e agregando ao ato de ler suas próprias experiências, gerando novos significados. Essa interferência, entretanto, não acontece nas lacunas da obra, visto que os textos são construídos de forma a não deixar vazios – no sentido proposto por Iser – na narrativa. Mas funciona, mesmo assim, porque esse preenchimento é da natureza da relação entre leitor e obra literária. Fica de lado a idéia de que o texto conduz o leitor, quando se percebe que este transforma a escrita meramente burocrática, repetitiva, em um novo significado que reflete suas próprias visões do mundo.

Como observa Zilberman (2001):

Como é o texto que fala ao leitor, e não o contrário, estabelece-se no início um funcionamento assimétrico, conforme o qual o segundo se deixa dirigir pelo primeiro. Wolfgang Iser, discutindo o ato de ler, destaca, contudo, que a função do leitor é eminentemente transformadora, pois, graças à sua ação, a obra passa de mero artefato artístico a objeto estético, passível de contemplação, entendimento e interpretação.<sup>324</sup>

Às vezes as leitoras tentam trazer elementos dos livros para seu dia-a-dia, não apenas se identificando, mas buscando mesmo resultados práticos. A secretária M.E.L. tenta fazer o marido ficar mais romântico:

Às vezes eu estou lendo perto dele, eu digo: olha, estou lendo uma cena bonita, depois nós vamos querer fazer igual. Digo: lê aqui junto. Ele diz: eu não vou ler esses livrinhos, esses livrinhos são pra mulher. E eu: não, homem devia ler também, que era pra aprender a ser mais romântico, a ser cavalheiro, abrir porta do carro, deixar a dama passar. Ele diz: ah, isso é coisa pra livrinho. E eu digo: não, isso é coisa pra livrinho não, é vida real.<sup>325</sup>

Se nas entrelinhas está o preconceito do marido quanto aos livros que a esposa lê, menos pelo conteúdo e mais pelo público-alvo, em outras ocasiões ele concorda em simular as situações da narrativa:

---

<sup>324</sup> ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores**. São Paulo, Editora SENAC, 2001.p. 51.

<sup>325</sup> M.E.L. Entrevista 18.

Eu converso muito com meu marido. Falo, eu li um romancinho assim, tão gostoso, a gente podia viver igual. Ele diz, nunca vai ser igual, mas a gente pode tentar. Ele aceita, ele concorda. Então a partir de agora a gente vai fazer assim. Vai dois, três dias, depois você já cai naquela bagunça de filhos.<sup>326</sup>

Ao trazer para a realidade as situações idealizadas dos livros, a leitora percebe que não consegue manter o padrão romântico por mais que alguns dias, pois os atritos normais da vida real se sobrepõem, enquanto nos romances ou não existem ou são facilmente contornados.

Para a jornalista R.O., pequenas situações dos romances são reproduzidas no dia-a-dia de forma bem humorada, como relata:

Já mandei cartas anônimas me declarando para um garoto que eu gostava. Não deu certo. Nos livros sempre funcionam! Também já sai com um rapaz por quem eu sempre fui interessada, para descobrir que ele não era aquilo que eu pensava... Já perdi a paciência com vendedor em uma loja de sapatos, que me atendeu mal porque eu queria um sapato barato (era para ir à uma festa à fantasia) e falei com todas as letras que nunca mais voltaria lá e que ele tinha perdido uma cliente que poderia comprar o que quisesse lá dentro (no carnê, mas isso ele não precisava saber). Já me atralhei bancando cupido para os outros. Já falei o que não devia com quem não devia. Enfim, no final das contas, terminei rindo de mim mesma. E isso é muito bom.<sup>327</sup>

O que se pode perceber é que a leitura romântica vai se entranhando no cotidiano da leitora, interferindo em suas relações. Logo, não se pode dizer que existe um distanciamento tão acentuado entre leitora e leitura. Mesmo diferenciando realidade e ficção, existe o entrelaçamento das duas, construindo uma relação que de uma forma ou de outra acaba influenciando o modo como as leitoras se comportam e enxergam a vida.

Uma forma de analisar esse fato é perceber que a impossibilidade de vivenciar na realidade as situações ficcionais, sempre modelares, geraria certamente uma frustração. O comportamento das leitoras pode ser entendido, como sugere

---

<sup>326</sup> M.E.L.. Entrevista 18.

<sup>327</sup> R.O. Entrevista 10

Adorno em relação à ideologia da indústria cultural, como sendo uma situação em que

o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens [...]. Pretendendo ser o guia dos perplexos e apresentando-lhes de maneira enganadora os conflitos que eles devem confundir com os seus, a indústria cultural só na aparência os resolve, pois não lhe seria possível resolvê-los em suas próprias vidas.<sup>328</sup>

Dentro dessas perspectivas, se encaixam os depoimentos melancólicos das jovens educadoras:

Eu acho que na vida todo mundo procura um final feliz e nem sempre isso é possível, então é como se estivessem suprimindo isso que elas não têm na vida real.<sup>329</sup>

Na vida a gente não tem final feliz. É muito difícil. E vai demorar muito pra gente chegar a um final para saber se ele é feliz ou não. Então a gente tem que trazer um pouco disso pra gente, mesmo que não seja realidade, para dar um ânimo, esse tipo de coisa.<sup>330</sup>

É uma visão possível, mas não a única. Habitualmente, os romances sentimentais trazem situações e estereótipos de personagens praticamente impossíveis de serem encontrados na vida real.

Dos modelos de astros de cinema aos protagonistas dos romances de amor, até os programas de TV para a mulher, a cultura de massa, o mais das vezes, representa e propõe situações humanas sem conexão alguma com as situações dos consumidores e que, todavia, se transformam para eles em situações-modelo.<sup>331</sup>

Entretanto, de forma geral, como foi mostrado nos depoimentos, essas situações-modelo não são consideradas como viáveis pelas leitoras, mas como ponto de partida para uma mudança de cotidiano ou apenas uma miragem, distante

<sup>328</sup> ADORNO, Theodor. W. **Adorno. Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 91

<sup>329</sup> I.S. Entrevista 5

<sup>330</sup> V.A.S. Entrevista 4

<sup>331</sup> ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Tradução: Pérola de Carvalho. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 25



demais para tornar-se realidade, mas ainda assim dentro do espaço do sonho. As leitoras admitem, sem censura, que os romances são uma espécie de fuga, que os enredos não são reais: “De certa forma, é a fuga da realidade dramática que temos que nos leva a ler esses livros”<sup>332</sup>. Ainda assim, sentem a necessidade de sonhar com esse mundo ideal, vivendo na ficção o que não encontram em suas vidas.

A leitora T.A.S. se diz uma “espectadora passiva” das séries e aponta as razões pelas quais as “outras” leitoras lêem os romances, excluindo-se destas motivações, talvez por vergonha de admitir-se entre o grupo que descreve:

Tem pessoas que lêem porque querem fugir da realidade, da situação financeira, muito problema familiar, um relacionamento familiar difícil, relacionamento amoroso é difícil, mas tem também pessoas que têm namorado, são casadas, que lêem simplesmente porque gostam. Eu acho que as mulheres gostam de romances, [...] gostam de sonhar, de ser bem tratadas, e no romance, a personagem é bem tratada, amada, ele [o herói] demonstra, enquanto na vida real elas não têm isso. Eu acho que elas gostam de ler porque a heroína recebe muito carinho dos personagens, na vida real geralmente o companheiro não demonstra tanto.<sup>333</sup>

O desencanto com a realidade e a passividade afloram em alguns depoimentos, e o sonho é o único lugar onde uma plenitude amorosa e mesmo pessoal é possível:

Ali eles retratam bem essa parte romântica que toda mulher, digamos assim, escondida, sonha. Ainda mais se a mulher é como eu, com 20 anos de casada, onde não sei se é por a gente não ter sabido cativar, mas também não sobrou muita coisa disso<sup>334</sup>.

Em sua culpa por “não ter sabido cativar” ou quem sabe não ter sabido conquistar uma vida amorosa mais satisfatória, a leitora vê nos romances sentimentais seu caminho de sonho, de realização através da felicidade perfeita da personagem, que não é a sua mas que incorpora, pelo menos por uma tarde de

---

<sup>332</sup> L.D.A. Entrevista 7

<sup>333</sup> T.A.S., Entrevista 14

<sup>334</sup> B.M.M., Entrevista 19

domingo. Seria o que Adorno chama de “satisfação compensatória”,<sup>335</sup> propiciada pela indústria cultural, mas conscientemente assumida.

Uma explicação detalhada da motivação de leitura está no depoimento de M.E.L., que expõe de forma muito sincera como a leitora – incluindo-se nesse rol – envolve-se num sonho de amor ideal, mesmo conhecendo os limites da realidade, e o papel do romance sentimental ao proporcionar a catarse deste sonho.

Eu penso comigo, que por mim, eu ia gostar de viver uma vida, ter um romance daqueles. Não digo num lugar daqueles, mas no dia-a-dia, no cotidiano, num romance daquele. Eu gostaria. Aquele carinho, aquele amor, aqueles passeios, aqueles jantares cheios de sofisticação. Eu acho que ia ser gostoso viver assim. Se a minha rotina fosse essa, acho que eu ia gostar. [...] A impressão que tem é que eles, naqueles romances, que depois de muitas brigas, daqueles desencontros, a sensação que você tem é que o homem vive pra você, pra heroína, no caso. Acho que no fundo, no fundo, toda mulher gostaria de ter um homem que vivesse pra gente. [...] É o que o romance faz: você viver aquela situação, não é? Quando você lê aqueles romances, você fecha o olho e já começa a imaginar. Você está lendo, ali, e você vive as emoções da heroína, você sofre junto com ela, eu pelo menos faço isso, consigo penetrar na leitura.<sup>336</sup>

Ao fantasiar através dos livros, a leitora encontra no campo da imaginação o que a realidade não proporciona, simplesmente porque as situações-modelo descritas nos romances não são, efetivamente, do campo do real, mas da idealização. Pode-se falar em fuga da realidade, mas não em alienação. Resta um questionamento. Que tipo de sonho têm essas mulheres? Ao que parece, um em que as relações são machistas, onde os homens são o centro em torno do qual as personagens femininas gravitam e os filhos são a plenitude da realização feminina. Essa poderosa ideologia se reflete em todos os aspectos da cultura e não dá à mulher outra saída existencial que a de reprodutora, enquanto ao homem é reservado o papel de criador/produtor. Algumas leitoras tentam criticar esse tipo de

---

<sup>335</sup> ADORNO, Theodor. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 99

<sup>336</sup> M.E.L., Entrevista 18

situação implícita nos livros, mas nem por isso deixam de ler, seguidamente, os textos que reproduzem essa mesma ideologia.

A leitora fã de Nora Roberts, em evidente contradição, critica algumas séries, mas elogia o caráter esquemático das obras:

Outra coisa que eu acho legal é o caráter dos personagens, mau é mau, bom é bom [...]. Por isso parei de ler *Julia*, *Sabrina*, perdeu o interesse para mim. A mocinha era sempre boazinha, por mais boazinha que você seja, se entra alguém no seu caminho, dá vontade de esganar a pessoa, não tem jeito. O que acho legal em livros é a ética. Principalmente no país em que a gente vive, onde não existe aquela coisa que se você fizer um coisa errada, você vai sofrer uma penalidade. Aqui o crime compensa. E nos livros, não. Isso que frustra na realidade.<sup>337</sup>

Existe nos romances sentimentais uma possibilidade de catarse considerada fundamental pelas leitoras. É o final feliz. A maioria diz que não gostaria de ler um romance sem esse elemento. De forma geral, as razões apresentadas são as mesmas: diante de um cotidiano em que só se ouve falar em violência e notícias ruins, a hora de lazer tem que trazer uma compensação.

As respostas das entrevistas demonstram isso:

O final feliz..Esse pra mim é indiscutivelmente o ponto forte deles [os romances]. Eu sei que vou pegar um desses livros e que no final tudo vai dar certo, por mais que tenham conflitos, eles tornam a história interessante, mas você vai chegar lá no fim e vai ter um final feliz. [...] Porque é uma necessidade humana nossa, ter a certeza de que as coisas vão terminar bem. É o que nós esperamos. Os contos de fadas estão aí há milhares de anos e todos têm final feliz. Então eles acabam fazendo com que há tantos anos esses romances prendam o interesse. Eles se modificaram ao longo do tempo, se você pega aqueles mais antigos e compara com os de hoje, a gente vê que acompanhou as mudanças da nossa sociedade, tanto o linguajar, quanto a questão do sexo, como ele é colocado naqueles da década de 80 e como é colocado hoje, mesmo os chamados *hot* da época, é diferente de hoje. Ele acompanhou essas mudanças, mas a característica principal continua a mesma. Quem gostava continua gostando.<sup>338</sup>

---

<sup>337</sup> S.A.O. Entrevista 1

<sup>338</sup> C.P.A. Entrevista 2

Acho primordial. Acredito que é exatamente por isso que eles são esse sucesso há 30 anos no Brasil. A leitora procura exatamente o final feliz.<sup>339</sup>

Sou daquelas pessoas que acredita que de depressivo, já basta a vida. Normalmente me informo se o final do romance é feliz. Se não for, nem leio.<sup>340</sup>

O final feliz não é necessário para fazer uma boa história. [...] No entanto, no nosso dia a dia, o *happy end* ajuda. As pessoas sentem necessidade de boas notícias em um mundo cheio de maus exemplos e coisas ruins. Tem dia que dá raiva ler/ver/ouvir o noticiário (e, no meu caso, como jornalista, produzi-lo): parece que os fatos conspiram para você não querer sair de casa. O *happy end* no momento de lazer vira um alívio, uma catarse, uma esperança de que as coisas podem, sim, ser diferentes.<sup>341</sup>

Mesmo assim, a editora tem feito experiências para situações em que o final seja dúbio ou mesmo com os personagens principais definitivamente afastados. Pomponio conta que, no exterior, o final feliz não é obrigatório para algumas séries. Para fazer um teste de aceitação, a editora traçou a seguinte estratégia: lançar um livro com final dúbio, depois lançar mais quatro ou cinco com finais felizes e então colocar no mercado mais um diferente. A recepção inicial, disse ela, foi boa, mas leitoras escreveram perguntando se o livro teria seqüência, visto que a personagem central não se decidiu por um dos heróis. “Eu acho mais legal, porque deixa a leitora pensando com quem ela [a protagonista] vai ficar [...] Deixa a leitora decidir, entendeu?”. Ela admite que em alguns casos a autora deixa para resolver a vida da personagem num próximo título, como uma estratégia para vender mais livros. Ou seja, numa próxima edição, a leitora encontrará, enfim, o final feliz da heroína. A leitora L.A. disse já ter lido livros sem finais felizes nas séries mais antigas, provavelmente da *Biblioteca das Moças*. Ainda assim, diante das afirmações das leitoras sobre a importância de uma leitura leve, divertida e com um final satisfatório e principalmente, compensatório, parece difícil o sucesso dessa proposta da Nova

---

<sup>339</sup> E.M.S. Entrevista 9.

<sup>340</sup> J.V. Entrevista 8

<sup>341</sup> R.O. Entrevista 10.

Cultural, que estaria quebrando um paradigma dos romances sentimentais no Brasil. O que as leitoras querem, como mostraram em suas entrevistas, é se deixar envolver nos enredos, mergulhar nessa fantasia, vivenciar na imaginação as experiências das personagens, para depois voltarem, saciadas de sonho, para seus cotidianos cheios de demandas familiares, profissionais e sociais.

## 6.2. USOS DE LEITURA, TEMPO E PRECONCEITO

A editora Nova Cultural demonstrou mais de uma vez sua meta de posicionar os romances sentimentais, enquanto produto, num patamar de leitura de qualidade, ainda que na categoria entretenimento. Essa preocupação não é sem razão de ser. Seguidamente, as leitoras são criticadas e até ofendidas por sua escolha. Ainda assim, essa leitura representa, para muitas, uma das poucas ações feitas em prol de si mesmas ao longo do dia.

Uma diferença percebida entre o perfil das leitoras entrevistadas para a dissertação *Das bancas ao coração* – em sua maioria casadas, com ensino médio ou fundamental – em relação às entrevistadas para esta tese, que possuem na maioria curso superior completo ou incompleto e são todas solteiras – está no uso do tempo. Enquanto as estudantes e profissionais liberais que responderam para a tese lêem na cama, no ônibus, nos trabalhos e faculdades, sem maiores reclamações em relação a oportunidades de leitura, nota-se nas primeiras entrevistadas uma dificuldade maior em achar tempo para se dedicar a algo que não seja o trabalho dentro e fora de casa, e o cuidado com os filhos e maridos. Não por acaso, essas leitoras apontam como um fator positivo a pouca atenção que a leitura desses textos necessita.

Como não é uma literatura, não é um livro assim, cheio de detalhes intrincados, igual é uma literatura um pouco mais elaborada, que a gente pode dizer que se você não prestar atenção você vai se perder [...] é uma

literatura que se a gente largar no meio de um capítulo e não der mais pra ler hoje, a gente pega amanhã, lê dois, três parágrafos antes e vai continuar e não vai perder nada [...] A *Bianca* dá oportunidade de a gente ter acesso a uma leitura, ao invés de ficar o tempo inteiro na frente da televisão e você dar andamento na sua casa, na sua família.<sup>342</sup>

Nessa opção pelo que pede pouca atenção aparece a questão da cobrança do desempenho da mulher nos diversos papéis de mãe, profissional, dona-de-casa, esposa e não raramente, provedora do sustento da família. É comum as leitoras se queixarem da falta de tempo para ler – o que poderia ser entendido por falta de tempo para si mesmas:

Eu sempre gostei de ler [...] Uma das grandes dificuldades depois que eu tive as crianças, foi justamente a constância, de eu poder ler um livro, de uma coisa um pouco mais elaborada, não pode ser duas, três páginas num final de semana e só pegar no outro final de semana.<sup>343</sup>

Não é desconhecido o fato de que as mulheres na sociedade contemporânea são instadas a acumular papéis. Existe a cobrança de um comportamento padrão, aceitável socialmente, em que todas devem desempenhar esses papéis como características próprias do ser feminino e não regras culturalmente criadas. Há vozes – como as das críticas feministas – que tentam levantar essas questões, apontando o paternalismo e o machismo encobertos nas revistas femininas, nas novelas de televisão, nas atitudes cotidianas. Os romances sentimentais, entretanto, reforçam essas diferenças, contornando os conflitos como se o envolvimento romântico, o amor, pudesse por fim a eles. Essa possibilidade de atenuação dos conflitos, a aceitação dos papéis que a sociedade impõe como sendo benéficos e prazerosos pode estar também no cerne da atração feminina pelos romances sentimentais. Sem força, capacidade e/ou vontade de lutar contra os papéis que a sociedade lhes impõe, as leitoras os aceitam e administram, usando os romances como caminho de fuga para um “lugar” onde todos os problemas são

---

<sup>342</sup> B.M.M., entrevista 19

<sup>343</sup> B.M.M. Entrevista 19

resolvidos e têm sempre um final feliz. Essa promessa de solução, sempre cumprida a contento nos romances, não é encontrada nos livros da chamada literatura de proposta.

Já para as leitoras com ensino superior, a leitura aparece de forma mais afirmativa. Questionada sobre o assunto tempo, a professora C.P.A. faz um comparativo entre a rotina da mãe e a sua própria:

Minha mãe sempre ficou em casa, se criou para ser dona de casa e cuidar da família. Aí ela se casou, teve só a mim de filha e foi uma mãe que se doou integralmente. Ela era a primeira pessoa a se levantar e a última a deitar. Ela nunca estava fazendo nada para ela, era sempre pros outros. A única coisa que ela fazia exclusivamente para ela era ler. Então eu acho que para mulheres que têm essa vida, de viver muito para o outro, isso acontece sim. Eu como ainda sou solteira, a minha vida é toda para mim, eu faço muitas coisas por mim, inclusive ler.<sup>344</sup>

Ao mesmo tempo, ela faz uma crítica pertinente a quem reclama da falta de tempo:

As pessoas têm dificuldade para gerenciar seu tempo. Então acabam abrindo mão do lazer, e infelizmente a leitura é o primeiro lazer de que elas vão abrir mão. Elas não vão deixar de assistir televisão, não vão perder o capítulo da novela, mas deixam de ler. E ficam suspirando, ah, eu queria tanto ler<sup>345</sup>

Analisando a situação das leitoras em terceira pessoa, a leitora E.M.S. diz que

As mulheres, em sua grande maioria, têm jornada dupla de trabalho. Ler esses romances é uma forma de alívio para um dia massacrante de trabalho. O sucesso desses romances está exatamente no fato de sempre terem um final feliz. É um amarrado que dá certo.<sup>346</sup>

Diante da competição com as mídias eletrônicas, como televisão e Internet, escolher a leitura como forma de empregar o tempo não pode ser considerado fato

---

<sup>344</sup> C.P.A., Entrevista 2

<sup>345</sup> C.P.A., Entrevista 2

<sup>346</sup> E.M.S., Entrevista 9.

irrelevante. O ato de ler por si só exige maior concentração – mesmo que se trate de uma leitura despreziosa – e trabalha com a experiência lúdica, encorajando a apreensão de novas experiências, ainda que no plano imaginário. Num mundo em que tudo parece acontecer cada vez mais rápido, em que as informações bombardeiam as pessoas em todos os lugares, e, como paradoxo, num país em que a maioria da população só nas últimas décadas está deixando o analfabetismo, parar um pouco e ler um livro é uma experiência a ser valorizada. Porém, para muitas pessoas em torno das leitoras de romances sentimentais, isso não basta. A literatura marginal, pois não aprovada pelo cânone, é constantemente criticada. Elas partem, então, na defesa de sua escolha.

Em comum com outras leitoras com nível de escolaridade superior, a professora C.P.A. assume sem restrições o gosto pela leitura dos romances sentimentais. A questão do preconceito, já citada em outros trechos deste trabalho, perpassa a fala de muitas leitoras e alinhava uma série de considerações sobre o assunto. Na hora de defender a escolha de leitura, aquelas com mais estudo se sentem respaldadas por seus diplomas universitários e se investem de autoridade para assumir o gosto pela literatura sentimental, sem se importar se isso irá agregar alguma impressão negativa à sua imagem perante amigos e/ou parentes. E de forma geral, a maioria afirma já ter sofrido algum tipo de preconceito relacionado à leitura de romances de bancas, como no caso da estudante universitária L.D.A:

Tive um episódio constrangedor quando uma pessoa no avião perguntou por como eu não tinha vergonha de ler esse tipo de leitura em público, eu lhe disse que não e ela respondeu que eu não tinha noção do que era leitura e/ou cultura e com certeza era uma sonhadora que teria que batalhar muito para conseguir sair do colégio. Então eu disse a ela que falava, contando com o português, três idiomas e que fazia duas graduações e isso a deixou chocada. A sociedade é muito preconceituosa em relação a livros românticos.<sup>347</sup>

---

<sup>347</sup> L.D.A., Entrevista 7



Da mesma forma, a historiadora E.M.S. afirma que tenta superar as amigas para demonstrar que a leitura de romances não faz dela uma pessoa menos inteligente:

Preconceito a gente sofre sim, quando admite abertamente que lê esses romances. Tenho algumas amigas que me dão aquela “sacaneada”, mas eu vou levando. Claro que isso me aborrece, porque a impressão que tenho é que preciso matar um leão por dia para mostrar que sou tão ou mais inteligente do que elas. Há alguns meses atrás eu e três amigas estávamos estudando para um concurso aqui do meu Estado. Lembro que uma delas disse que dificilmente eu me concentraria, porque estava com a cabeça nos “mocinhos de papel jornal” (expressão que ela ouviu de uma professora de faculdade). A impressão foi que aquilo me deu mais garra para estudar do que qualquer outra coisa. A única que passou fui eu.<sup>348</sup>

A jornalista R.O. usa o seu blog como afirmação do gosto pela leitura de romances, mas também sofre o preconceito no dia-a-dia:

Já teve gente que ficou chocada ao ver que uma jornalista gosta destes livros sem cultura, de empregada doméstica, de mulher frígida blá blá blá... Até mesmo uma parente, que fazia faculdade de Contabilidade, fez questão de repetir que o professor disse que estes livros são para pessoas sem esclarecimentos e de mente limitada. Eu perdia a paciência e respondia de forma ácida e crítica. Neste dia, preferi me fazer de surda e apelar para a diplomacia afirmando que “leitura sempre faz bem.” Certo tempo depois, fui digitar um trabalho desta parente e de algumas amigas. E não é que tinha, entre outras coisas, um nada bonito “trajédia” no texto? Chamei minha mãe, mostrei a ela e disse que nem as heroínas limitadas dos meus livrinhos escreviam isso... Citei outras situações como estas no blog. Atualmente, parto para o “Já leu? Não? Então, não critica. Você não sabe do que está falando”<sup>349</sup>

Para outras leitoras, sem o mesmo nível de escolaridade, fica uma voz envergonhada, que busca nas entrelinhas a afirmação. Convivendo com o estigma da escolha da leitura à margem do cânone, as leitoras procuram justificar o gosto pelos romances açucarados apontando neles valores que consideram importantes:

---

<sup>348</sup> E.M.S., Entrevista 9

<sup>349</sup> R.O., Entrevista 10.

É uma forma de cultura.<sup>350</sup>

Acho que você aprende bastante, lendo. Tem palavras que você não sabe, procura no dicionário, você aprende palavras novas. Acho que tudo que você lê é cultura, é aprendizado.<sup>351</sup>

Lembrando os bancos escolares, aprender novas palavras é apontado como fator de aquisição de conhecimento. Da mesma forma, percebem nas descrições dos textos possibilidade de entrar num campo restrito e privilegiado, onde poderão aprender sobre povos e lugares que possivelmente nunca chegarão a conhecer pessoalmente. Nesse quesito, os romances das séries históricas ganham ainda o adendo de apresentar episódios da História e modo de vida em outros tempos, sempre considerados verossímeis.

Quando leio algo sobre a Itália, especialmente, sobre Florença, prometo a mim mesma que vou anotar os detalhes para conhecer de perto (quando realizar meu sonho de ir até lá).<sup>352</sup>

[Gosto da série] Clássicos Históricos Especial, pelo desenrolar da história, pelo fato dos personagens e das histórias serem mais estruturados em relação às outras séries, além de em 85% dos livros o contexto sócio-cultural é bem fiel à realidade.<sup>353</sup>

Ficar conhecendo lugares que a gente tem certeza que nunca vai poder ir. Às vezes, descreve tanto o lugar que dá a impressão que a gente está lá naquele lugar, conhecendo.<sup>354</sup>

Nem tudo as leitoras aceitam de bom grado, como a dona de casa L.A. que apontou o que ela considerou uma incongruência num romance ambientado no ano de 1.352 d.C.. Segundo o texto, conta ela, a heroína tomou um banho de banheira e “foi envolvida em macias toalhas felpudas. E eu me apeguei àquilo [...] toalhas

---

<sup>350</sup> E.A.S. Entrevista 15

<sup>351</sup> V.N.P.O, Entrevista 17

<sup>352</sup> R.O., Entrevista 10

<sup>353</sup> L.D.A., Entrevista 7

<sup>354</sup> E.A.S., Entrevista 15.

felpudas em 1.352?”<sup>355</sup>. Talvez por motivos como este, a leitora diz preferir os romances com ambientação contemporânea. Ao mesmo tempo, ela atribui um ganho de conhecimento para os leitores das séries históricas, enquanto critica a superficialidade dos assuntos abordados pela mídia nas revistas de fofocas, leitura popular nos dias de hoje:

Porque poucas pessoas se interessam em ler alguma coisa numa enciclopédia, num livro mais cultural. O que as pessoas querem? Quem casou, quem descasou das novelas, qual é o próximo capítulo, quem vai escrever a próxima novela das 8. As pessoas, ou as revistas femininas, de moda, maquiagem, as pessoas... Está faltando cultura. E eu acredito que, culturalmente [falta] o ser humano entender que esse mundo não teve sempre computador, televisão, celular, tudo isso de hoje. Então a pessoa vê um pouco de como o mundo começou e como era difícil. E talvez valorize um pouco mais, né?! Desde ter filhos, conseguir um médico, ir visitar a família. Hoje você pega um automóvel, no asfalto. Naquele tempo era à cavalo, uma carroça, uma grávida com problema, a parteira não conseguia chegar porque chovia torrencialmente. Quer dizer, faz a pessoa pensar um pouco que não foi sempre assim tudo à mão.[...] É, essa é a minha opinião. Que o ser humano precisa começar a pensar de uma vez que isso tudo não nasceu feito e que a vida já foi muito mais difícil e que as pessoas sobreviveram, tiveram muito mais filhos, viveram muito melhor, mais tranquilos, sem tanto problema, sem tanto stress. Porque o que acontece? Tudo isso que existe você quer ter, você se estressa trabalhando, trabalhando, trabalhando pra ter e você lê essas, além de ter uma noção de como era, você também, se você tiver cabeça, você começa a questionar “mas será que eu preciso de tudo isso que eu vi lá na loja e ainda não possuo?”.<sup>356</sup>

Paradoxalmente, para a leitora a vida narrada nos séculos passados traz uma possibilidade de repensar o consumismo. Porém, nas séries em questão, na maioria dos heróis e/ou heroínas desfrutam de condições financeiras privilegiadas perante os outros personagens, são nobres, possuem bens ou títulos nobiliárquicos, não são simples camponeses e operários. Assim, a leitura proposta por L.A. provavelmente é levantada por poucas leitoras, até porque as dificuldades citadas

---

<sup>355</sup> L.A., Entrevista 3

<sup>356</sup> L.A., entrevista 3

por ela geralmente, quando ganham destaque nas narrativas, resolvem-se a contento.

Para a antiga editora da Nova Cultural, Janice Florido, haveria ainda um outro benefício na leitura dos romances sentimentais, citado por ela em sua entrevista na *Gazeta Mercantil*: “Os livros têm a função básica de entreter, mas têm representado para muitas leitoras a porta de entrada pra a literatura mais sofisticada”<sup>357</sup>. Esse suposto degrau a meu ver depende mais do leitor do que dos textos. As leitoras entrevistadas apontam em seu rol de leituras os *best-sellers* e livros de auto ajuda, além de revistas (*Superinteressante, Veja, Isto É, Claudia, Capricho, Marie Claire*), publicações ligadas à profissão (*História Viva, Aventuras na História, Nova Escola*) e jornais (*Gazeta do Povo, O Globo, Folha de SP*). Há quem diga ler de tudo. Entre os autores indicados estão Jorge Amado, Érico Veríssimo, José de Alencar, Sidney Sheldon e Agatha Christie. A Bíblia também foi citada. Nenhuma afirmou ter começado a ler romances sentimentais e depois passado para outras leituras. Por outro lado, se há esse perfil, esses leitores podem muito provavelmente ter abandonado a leitura dos textos açucarados passando definitivamente a outros textos. Seriam estes da chamada alta literatura ou simplesmente um outro patamar de literatura de massa? Caberia aqui outra pesquisa, mas o que posso afirmar é que para as leitoras entrevistadas, a literatura sentimental é a principal leitura, aquela à qual dedicam mais tempo.

A leitora C.P.A. observa que os que criticam os romances sentimentais aceitam como leitura de qualidade os autores citados na mídia, contrapondo a literatura vendida em banca de revista como necessariamente ruim.

Já [sofri preconceito], começando dentro da própria família, que isso não é livro, isso é passatempo. Livro era outra coisa, você tinha que ler Machado de Assis, os autores que estão na mídia. Que isso é romance de banca, não tem qualidade. Mas tem sim. E dizem: você é aquela do final feliz, do romance água com açúcar, sempre num tom pejorativo. [...] Só que são pessoas que não lêem nada. Não é que leiam outro tipo de leitura e não

<sup>357</sup> NEVES, Regina. **Romance açucarado é líder de vendas**. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 18 fev 2005, p. 26

gostem desta, elas não lêem nada. Esse conceito vem de um senso comum e elas não se preocupam em olhar o que é isso.<sup>358</sup>

Parece lógico que a leitora não aceite e/ou valorize críticas de quem não tem, por sua vez, um padrão de leitura de literatura culta, ou padrão algum de leitura. Esse tipo de crítica, de quem não lê nada, também foi narrado por outras leitoras. Ao que parece, o preconceito contra os romances de séries enraizou-se no conceito do que seja literatura boa ou ruim, sem chance de redenção para as séries sentimentais, a menos que seja colocada em prática, com muita intensidade, a estratégia de reposicionamento dos romances enquanto produto, por meio de ações promocionais e eventualmente mudanças físicas, no preço e/ou na sua distribuição. O que isso significaria? Uma mudança de imagem, com base na valorização da leitura de entretenimento, o que por si só poderia gerar mais leitoras para as editoras dos textos sentimentais. Então, se esse reposicionamento é possível, parece-me o caminho mais viável para o aumento nos índices de vendas das séries e, ao mesmo tempo, do número de leitoras. Seria isso positivo ou negativo para o público? Volto mais uma vez à questão de que a leitura se faz mais pelo leitor do que pelos textos. Se houver um maior número de leitoras de romances sentimentais, também poderá haver um crescimento na leitura de outros tipos de textos, até por um efeito de multiplicação, imaginando que ver alguém com um livro na mão, em qualquer lugar, privado ou público, deixe de ser motivo de espanto, torne-se rotina.

Com suas ações de propaganda e marketing, as editoras dos romances sentimentais conseguem se aproximar e conhecer bem as demandas das leitoras. Isso não quer dizer que obtenham junto a seu público um alto grau de aprovação. Pelo contrário. O que mais se vê na comunidade *Adoro Romances* e mesmo nas pesquisas realizadas são críticas às editoras e seus produtos, pelos motivos mais diversos. Alguns já foram comentados anteriormente neste trabalho: as traduções dos originais falhas ou parciais, capas que não correspondem aos enredos, problemas com entrega de assinaturas e até correção ortográfica. Diante de tantos

---

<sup>358</sup> C.P.A., Entrevista 2

problemas, seria até mais razoável que as leitoras deixassem de ler livros de determinada editora, mas não é o que acontece. Mesmo reclamando, elas continuam fiéis às suas séries favoritas.

Mais uma vez, vale a paixão que as leitoras têm pela leitura dos romances, que as faz perder noites de sono, mesmo diante da perspectiva de um dia de trabalho duro na manhã seguinte:

Eu acordo geralmente às seis e meia da manhã, e eu fico às vezes, dependendo do livro, se é muito interessante, amanheço lendo.<sup>359</sup>

Já perdi muitas [noites de sono], mesmo tendo de trabalhar, sabendo que o despertador ia tocar às seis, ficar até as cinco lendo porque só pára quando termina. Tem algumas histórias que são assim.<sup>360</sup>

Enquanto na fala das executivas das editoras existe todo um discurso de busca de qualidade, de atendimento às demandas das leitoras, as leitoras apontam para um comportamento de descaso com as suas solicitações enquanto consumidoras:

A Nova Cultural trata muito mal seus clientes, pois já comprei livros com eles e demoraram muito para enviar. Da Harlequin não tenho queixas por enquanto.<sup>361</sup>

Uma vez tentei comprar diretamente da editora, mas não gostei, eles demoraram a me dar uma resposta e a compra não se concretizou, foi através da Harlequin.<sup>362</sup>

Escrevi uma vez pedindo informações sobre uma série (trilogia) que tinha sido lançada sem ser devidamente identificada como série. Eles nem sabiam que os livros tinham ligação. Desisti de esperar uma resposta mais precisa e recorri ao Google...<sup>363</sup>

---

<sup>359</sup> V.A.S., Entrevista 4

<sup>360</sup> C.P.A., Entrevista 2

<sup>361</sup> J.V., Entrevista 8

<sup>362</sup> L.D.A., Entrevista 7

<sup>363</sup> R.O., Entrevista 10

As visões díspares sobre a relação entre leitoras e editoras se dão por um lado na impossibilidade de as empresas atenderem sempre plenamente aos anseios das leitoras, pela própria natureza comercial de seu negócio, mas por outro também na falta de uma política interna que privilegie as respostas atenciosas e eficazes às leitoras. Mais que insatisfação, as falhas no atendimento às consumidoras refletem um posicionamento de quem sabe que lida com um público amplo e pulverizado, e que a opinião de apenas uma pessoa pouco importa. Ignoram, com isso, o efeito multiplicador das críticas, ainda mais quando a reclamação é postada na Internet, como as já mencionadas na comunidade *Adoro Romances*.

### 6.3. LEITORAS ATIVAS: E-BOOKS, TRADUÇÕES E ESCRITA.

A leitura dos textos de entretenimento não pode ser vista como uma via de mão única, na qual as editoras produzem livros que são colocados no mercado e que as leitoras simplesmente consomem e pronto. Mesmo submetidas à lógica de mercado, cada vez mais as leitoras têm se mostrado ativas, utilizando os textos e as tecnologias disponíveis de forma às vezes surpreendente. Com isso, alcançam uma maior liberdade na relação à escolha dos textos que desejam ler.

Em blogs e comunidades de discussão na Internet, as leitoras criam espaços para si. Não se restringem a comentar os exemplares publicados. Elas mesmas traduzem textos sentimentais diretamente da língua original, utilizando tradutores eletrônicos, e os disponibilizam gratuitamente na Internet na forma de *e-books*. Da mesma forma, digitalizam obras já disponíveis no mercado, em sua maioria títulos antigos e que as editoras não querem ou não podem relançar por questões comerciais. Com isso, as leitoras driblam as estratégias de produção das empresas e fogem do script inicialmente traçado para elas, enquanto consumidoras. Pomponio tratou disso no já citado encontro pessoal com as leitoras, alertando para os problemas que a empresa estaria tendo em relação a direitos autorais.

Entretanto, essa não é uma questão que preocupe as leitoras, mais interessadas em ter acesso aos textos que despertam sua atenção. A única concessão, conforme as discussões no *Adoro Romances* em torno do tema, foi evitar digitalizar livros novos, recém lançados. O que, a qualquer momento, pode ser mudado por alguma leitora desavisada ou menos conivente com a editora. A leitura de livros baixados da Internet pode ser feita no próprio computador, em aparelhos de MP4 ou celular, ou ainda, podem ser impressos e lidos no velho formato em papel. Se não é possível imaginar os personagens através das capas, por outro lado, praticamente não há limites para a escolha dos textos.

No Orkut, há várias comunidades que fornecem textos sentimentais. Entre elas estão três com nomes em série, chamam-se *E-books de Romances Românticos 1, 2 e 3*, e fornecem textos digitalizados das séries de bancas. São tantos títulos que a pesquisa precisa ser feita pela inicial do nome do autora. Apenas de Nora Roberts, são 13 livros avulsos e 13 links para trilogias (multiplicando, são mais 39 livros), ou seja, 52 títulos, todos ali, gratuitos para download. Isso apenas na primeira comunidade citada, que em outubro de 2008 completa seu primeiro ano. M., criadora da comunidade, informa que para comemorar a data, “serão liberados aproximadamente 500 *e-books* novos a partir do dia 20 de setembro até 20 de novembro de 2008”. São livros já lançados, em sua maioria. O grande volume de obras na rede pressupõe também um grande número de leitoras. São 1.300 participantes nessa comunidade. O processo para baixar os livros pela Internet é bastante simples e tem instruções claras feitas no próprio site. Com isso, cria-se uma nova tessitura na escolha de leitura, que não envolve compra e venda, direitos autorais e nem qualquer outro aspecto comercial. Nessa relação, a editora está à parte, sem qualquer influência sobre a circulação das obras. É a contramão da lógica e dos interesses de mercado. Onde está a indústria cultural? Ficou relegada a segundo plano, fornecedora involuntária de matrizes que são reproduzidas sem controle e sem a correspondente remuneração. E essa situação tende a se tornar ainda mais freqüente. Basta lembrar que com o aumento do número de



computadores nos lares brasileiros<sup>364</sup>, mais e mais leitoras terão acesso à Internet e a livros gratuitos. Como isso, quebram-se as barreiras sobre o consumo de livros, as leitoras têm uma espécie de biblioteca virtual dentro de computador, bastando a vontade de escolher e ler um exemplar. Nas comunidades, recebem as indicações sobre quais obras são consideradas mais interessantes, na versão moderna da propaganda boca-a-boca. Pouco a pouco, as empresas perdem ainda mais o controle sobre a circulação das obras, depois dos sebos e dos leilões virtuais, os *e-books* são a síntese de uma nova relação de consumo de livros, seja sentimentais ou não, em que as editoras cada vez mais precisam se curvar às demandas das leitoras.

Isso já foi percebido pela Nova Cultural, como conta Mutüs, ao ser questionada sobre “o que fala mais alto, o que é produzido ou o que as leitoras querem?”:

Acho que hoje em dia, as leitoras têm acesso à Internet, o acesso às informações é muito mais fácil e rápido. Então se a gente fosse comparar com trabalhar com romances dez anos atrás, as leitoras brasileiras tinham meio que engolir o que a gente colocava no mercado. Elas não tinham muita alternativa, não é todo mundo que dominava uma segunda língua, que viajava para conhecer o que tem lá fora, então era o que tinha disponível. Hoje elas entram na Internet, vão no site das editoras americanas, pesquisam, pedem. Essa interação é muito maior. Então eu diria que o principal objetivo da editora, do editorial e do marketing, é atender o anseio dessa leitora porque isso se reflete em venda. A gente tenta na medida do possível atender a esses desejos.

O depoimento mostra que as editoras já tentam se adaptar aos novos tempos, o que não influencia nas ações de leitoras empenhadas em burlar as regras de produção e consumo tradicionais. Há o caso de leitoras que, além de apenas digitalizar livros já existentes, traduzem obras inéditas. No que elas chamam de *Projeto Romances*, um fórum no site Yahoo, as leitoras se reúnem para digitalizar livros já lançados e disponibilizá-los através de *e-books* e também para traduzir

---

<sup>364</sup> Reportagem de capa da revista *Veja - Especial Tecnologia*, edição 2078, ano 41, “Em apenas 3 Segundos”, assinada por Sílvia Rogar, informava em setembro de 2008 que um computador é vendido no Brasil a cada 3 segundos. A reportagem analisa como o computador e a conseqüente conexão com a Internet muda o padrão de vida educacional e cultural.

livros que não foram ainda editados no Brasil. A participação é voluntária, como mostra o post da tradutora P. de 20/08/2005:

Precisamos de tradutora!!! Alguém se candidata? Infelizmente a A. está muito ocupada e não vai mais poder traduzir a história que conta o casamento do patriarca dos de Burgh. Se alguém tiver vontade, entre em contato comigo. Também está faltando uma tradutora para o romance de Deborah Simmons "The Bachelor Knight's". Todos os dois romances são pequenos (mais ou menos 120 páginas) e já foi feita a tradução mecânica deles.<sup>365</sup>

Percebe-se que essas leitoras não se limitam a usar tradutores automáticos. Após essa primeira tradução, os textos passam para uma tradutora humana que finaliza a obra, antes de disponibilizá-la na comunidade do Yahoo. Com o e-mail enviado pelas organizadoras do grupo, acessei o site e encontrei centenas de livros digitalizados, disponíveis para *download*.

Diferente da comunidade citada acima, a comunidade *E-books de Romances AR (Adoro Romances)*, com 2.521 membros em setembro de 2008, convida as leitoras não apenas a baixarem os livros, mas também abre a oportunidade para disponibilizá-los, com ressalvas a direitos autorais, como mostra a apresentação:

Comunidade para todas que amam livros de romances e nem sempre têm a oportunidade de adquiri-los via banca, livraria e afins.. Vc está convidada a debater.. pedir livros.. implorar digitalizações.. e oferecer as suas...Participe!!! Colabore com o Projeto Romances nos ajudando a disponibilizar e-books de qualidade!! Mas lembrem-se: SÓ PODEMOS DISPONIBILIZAR LIVROS SEM DIREITOS AUTORAIS.. OU SEJA LIVROS ANTIGOS! [grifo do autor]<sup>366</sup>

Assim, as leitoras oferecem o que têm em seus próprios arquivos, pedem e recebem o que querem. Em 03/05/06, um tópico nessa comunidade informava que o

---

<sup>365</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=390082>> Comunidade Adoro Romances, no post "Precisa-se de tradutoras".

<sup>366</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=12867211>>. Comunidade E-Books de Romances da AR. Acesso em 20/09/2008.

*Projeto Romances* tinha até aquele momento 34 livros traduzidos e 79 digitalizados. Já a lista completa de romances disponíveis, listada por uma leitora em dezenas de posts a partir de setembro de 2007, por não estar numerada, foi impraticável para calcular. Centenas e centenas de títulos, na proporção de 20 a 30 novos a cada dois dias até agosto de 2008. O que tudo isso demonstra? Mais uma vez, que as leitoras estão cada vez mais independentes das editoras.

Mais do que apenas ter nos livros sentimentais uma leitura para as horas de lazer, há leitoras que reproduzem os modelos dos textos e escrevem, elas mesmas, seus romances. Anos atrás, a Nova Cultural promovia concursos de textos, viabilizando inclusive a impressão de livretos contendo as melhores histórias. Hoje, isso não parece necessário. Essas leitoras-autoras postam seus textos na Internet, para que sejam lidos e discutidos nas comunidades do Orkut. Tomar a atitude de escrever representa deixar a postura passiva e assumir uma relação ativa com os textos dos romances sentimentais. As leitoras se sentem capazes de expressar suas fantasias, criá-las e não apenas sonhar com elas. O fato de que muitas dessas leitoras apenas reproduzem em seus textos o padrão já conhecido dos romances sentimentais não é surpreendente.

Essa inspiração para a escrita não foi anotada somente nesta tese. Em sua pesquisa em 2000, José Genésio Fernandes faz um relato das cartas enviadas à então editora Janice Florido, da Nova Cultural:

Dessa paixão [da leitura], surgiram sonhos que, algum tempo mais tarde, questão de meses, levaram-me a escrever o que posso chamar de romance.

Gosto de ler os Romances da Nova Cultural, pois fico fascinada pelo modo como são escritos e os lugares a que se referem, ele me despertam uma vontade louca de escrever.

Eu escrevo histórias românticas. Eu mesmo que escrevo minhas histórias. E claro que não sou uma profissional, mas gostaria que você lesse minha

história. É que eu pretendo estudar letras em 97. Meu sonho é me tornar uma escritora.<sup>367</sup>

Durante o mestrado, também entrevistei uma leitora que, inspirada pelos romances sentimentais lidos, resolveu arriscar o papel de escritora. “Comecei a escrever, achei uma história. Se eu fosse pôr no papel, mesmo, eu tinha umas 50 páginas ali. Escrevia a mão. Peguei um caderno daqueles universitários e comecei. Até esses tempos atrás eu tinha ele guardado. Depois joguei fora”.<sup>368</sup> Tempos depois, mais confiante, ela inscreveu um texto num concurso e ganhou um prêmio, a despeito do descaso de um colega:

Uma vez eu participei de um concurso que saiu na revista *Nova*. Porque eu sou louca por Fórmula 1. Tinha um concurso de contos, tinha um x de parágrafos, um x de linhas pra você escrever, e eu escrevi uma história de amor dentro de uma corrida de Fórmula 1. E mandei, mas mandei assim por... pra ver o que que vai... E fiquei em terceiro lugar. Eles mandaram um certificado, mas ganhava prêmio só o primeiro lugar. Nossa, nunca imaginei. Até na época eu trabalhava numa loja, meu gerente leu e falou: capaz que isso aqui vai ganhar alguma coisa...Eu disse, ah, só pelo espírito de participar, já vale à pena.<sup>369</sup>

Em sua análise semiótica do discurso da leitora, Fernandes aponta que

Não há como negar que, graças à prática da leitura sentimental e silenciosa, esses sujeitos tornam-se leitores apaixonados, sensibilizados pela linguagem como um interpretante que sobrepuja a imagem da fotonovela e da televisão e, também, pela prática da escrita. A partir da leitura, a adesão voluntariosa e emocionada à atividade de escrita dessas leitoras revela num sujeito de estado completamente oposto àquele dos tempos de escola, regido pelo /dever-fazer/, pois aqui não se trata de produzir em relação a um tema abstrato e sem nenhuma pregnância, mas de produzir sobre aquilo em que se depositam o sentido de suas vidas, aquilo que representa o objeto de seus desejos.<sup>370</sup>

---

<sup>367</sup> FERNANDES, José Genésio. **Leitoras de Sabrina**: usuárias ou consumidoras? (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa). Tese. São Paulo, 2000. p. 270, 272.

<sup>368</sup> M.E.L. Entrevista 18

<sup>369</sup> M.E.L., Entrevista 18

<sup>370</sup> FERNANDES, José Genésio. **Leitoras de Sabrina**: usuárias ou consumidoras? (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa). Tese. São Paulo, 2000. p.272

Escrevendo, as leitoras buscam se igualar às autoras competentes e bem sucedidas descritas nas contracapas dos livros. Ganham o *status* de produtoras, e não apenas de consumidoras. Com a Internet, essas “autoras” têm a oportunidade de levar sua produção até as leitoras e ouvir diretamente delas as críticas sobre o texto.

São diversos os “romances” de leitoras postados na comunidade *Adoro Romances*. Tanto que mereceram ganhar uma comunidade própria, a de *Livros das Autoras da AR (Adoro Romances)*, iniciada em 09/07/2008. A criadora da comunidade apresenta assim o espaço:

Esse é um espaço para as autoras da AR e para as leitoras que gostam de acompanhar suas histórias. Querida Autora, antes de começar a postar seu livro, por favor, leia o tópico com as regras e poste a sinopse do livro. Querida Leitora, o tópico das sinopses está sempre atualizado e lhe ajudará a escolher a história que mais se adequa ao seu gosto. Para conhecer um pouco as autoras que postam aqui, dê uma olhada no tópico “Com vocês, nossas autoras”.<sup>371</sup>

Em 26 de setembro de 2008, eram 18 textos postados. Títulos e sinopses dão conta de que eles não fogem dos padrões das obras contemporâneas ou históricas das editoras. Nomes estrangeiros (mesmo no Brasil), cenários idem, situações também clichês.

OLHAR DE ANJO – S.V.

Sinopse: Constance Dubois, chegou ao Brasil no ano de 1977, numa viagem de férias e desde então se apaixonou por essa terra de clima tropical. Deixando para trás a família e amigos, casou-se com um chef francês, Raoul Chevalier, que seria o pai de sua linda filha Victorine Dubois Chevalier.

Essa é a história de Victorine Dubois Chevalier uma jovem que encontrará o amor de uma forma emocionante e surpreendente

AMARGO RECOMEÇO – C.

---

<sup>371</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=60736037>> . Acesso em 20/09/2008.

Cansada de sofrer por um amor não correspondido, Isabelle tentou recomeçar sua vida fugindo para outra cidade. Ela aceitara trabalhar para Miguel Benach, um bem-sucedido diplomata espanhol que ficara cego em um ataque terrorista. Amargurado, Miguel também tentava recomeçar, longe de tudo que o lembrava da vida que levava antes do acidente. Tocada pelo sofrimento de Miguel e pela reclusão que ele se impusera, Isabelle decidiu que o ajudaria a ser feliz novamente. No entanto, ela não imaginava que, para isso, teria que sufocar seus sentimentos por ele e sacrificar sua própria felicidade.<sup>372</sup>

Além desses livros, um tópico na *Adoro Romances*, “Autoras da Comu e seus livros”, aberto em 27 de agosto de 2006, traz mais 52 links para livros escritos por leitoras. Quando vão postar os textos, as autoras se apresentam e por vezes incluem um resumo da história, inclusive para ser aprovado antes pelas outras leitoras, como narra a internauta A. em 21 de julho de 2008, quando postou o texto “O filho mais amado”, no qual trazia os primeiros capítulos de um romance:

Olá meninas esse é meu primeiro livro na AR, espero que vocês gostem estou postando aqui e não na outra comunidade porque foi aqui que postei meu resumo e ele foi aprovado, muito obrigada desde já pela atenção de todas vocês, a opinião de todas vocês é muito importante pra mim.<sup>373</sup>

Detalhe: o texto começou a ser postado em julho e até 22 de setembro estava em seu XVII capítulo, com postagens quase que diárias de novos trechos. As possibilidades de interação são muitas. As narrativas escritas pelas leitoras por vezes se entrelaçam, como no caso descrito por J.C.K, ao postar romance “A Senhora da Montanha”, em 3 de julho de 2008. Até 22 de setembro de 2008, ela tinha postado dez capítulos:

Olá meninas. Venho aqui postar meu segundo romance na comunidade. Mas este romance tem uma particularidade: A personagem principal se chama Live e ela não é minha. A algum tempo atrás estava lendo alguns romances na internet e descobri Luciane, autora de uma obra prima chamada "Guardians". Fiquei encantada com todos os personagens, mas

<sup>372</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=60736037>> . Acesso em 20/09/2008.

<sup>373</sup> ORKUT. Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=390082&tid=5225211282162744793&kw=Filho+Amado>>. Acesso em 26/09/2008.

dentro de sua historia existia uma menina que chamou mais a minha atenção. Com a autorização da Lucy (que hoje é minha amiga), criei um romance para esta menina (agora bem adulta)! E gostaria de posta-lo para vocês. Portanto: este romance seria, dentro da nossa linguagem, o segundo de uma saga.. Quem quiser ler o primeiro: <http://www.fic-guardians.blogspot.com/>.<sup>374</sup>

Há ainda tópicos em que, como num jogo, as leitoras fazem o que chamam de “história montada”, em que o texto vai sendo escrito por quem quiser, uma dando continuidade ao trecho de outra, livremente, numa espécie de exercício do modelo dos romances sentimentais.

Todos os romances postados geram comentários. No citado acima, o tópico “Comentários – O Filho mais amado” tinha em 26 de setembro de 2008 nada menos que 270 itens. No “Comentários – A Senhora da Montanha”, eram 50. Eles em sua maioria elogiam cenas narradas, comentam sobre os personagens e pedem que a autora continue a publicar os próximos capítulos da obra. No mesmo tópico, as autoras respondem diretamente, agradecendo ou antecipando as ações das personagens. Assim, na Internet, autoras e leitoras reproduzem as relações de produção de mercado, com o público influenciando a narrativa, da mesma forma como hoje se direciona o desenrolar das novelas de televisão com base na aceitação e nas respostas da audiência às situações apresentadas.

E quem são essas leitoras que mudam de lado no balcão das produções editoriais? Elas se apresentam na comunidade *Livros das Autoras da AR*, no tópico “Com vocês, nossas autoras”, traçando suas trajetórias pessoais e, ao que se pode inferir, também por vezes romantizando a própria biografia. Seguem três exemplos:

A.M. - Nem lembro quando comecei a escrever... Mas lembro que aos 13 anos li o meu primeiro livrinho (era uma Júlia florzinha!) e pensei: "é isso que eu quero escrever!". Li mais alguns (já estava viciada!) e comecei, então, a rabiscar meu primeiro romance. De lá para cá, foram muitos cadernos e agendas recheados de historinhas "e foram felizes para sempre" e, nos últimos anos, vários arquivos no computador [...] Escrevo

---

<sup>374</sup> ORKUT. Disponível em

somente romances contemporâneos e gosto muito da Miranda Lee, por isso acho que sofro uma certa influência dela. Adoro histórias onde há rivalidade e "briguinhas" entre o mocinho e a mocinha (como no Livro 1 e Herança Italiana, que postei na AR). Tenho uma paixão especial pela Itália (acho que passo um pouco dela através da Claire, de Herança Italiana) e como consequência, algumas de minhas histórias se passam lá. No entanto, para a próxima história, estou pensando em mudar de "ares" e criar algo na Espanha. rsss... [...] Um dia ainda serei uma escritora em tempo integral (meu grande sonho!). Mas enquanto isso não chega, sou pesquisadora em uma universidade da Bélgica e passo meu tempo livre lendo, escrevendo e cuidando dos meus gatos.

F. - O que posso falar de mim mesma? Sou professora, pós-graduada em Artes visuais, que é a minha segunda paixão. Desde nova descobri o prazer da leitura, iniciei como quase toda meninas com os contos de fadas, onde sempre havia um final feliz. acho que me acostumei com isso, por que depois da minha fase de colecionadora de gibis (ainda adooooooro), peguei um dos romances de minha mãe para ler. Minha mãe sempre foi uma ávida leitora, mas não colecionava romances como faço agora. Bem, voltando ao livro que peguei para ler, se chamava "Inocência e Pecado" da Anne Mather. Minha mãe primeiramente não gostou muito que eu lesse não, mas depois liberou. Este foi o romance que deu início a este meu "saudável vício". Comecei a escrever poesias e contos infantis. Depois, peguei um caderno novinho que eu tinha e resolvi escrever uma história. Foi aí que surgiu "Senhora do meu coração", o primeiro livro de minha autoria que postei na AR. Uma série de cinco livros que eu escrevi "três" (já postados) e rascunhei outros dois... (Diamante negro - estou postando na AR e Amar outra vez, que será o último da série). [...] Mais sobre mim? Gosto de viajar, conhecer pessoas e sonho em conhecer a Grécia. Tenho mais de 20 anos... e ainda acredito que encontrarei um amor

A.P. - Ler romances e escrever romances...nem sei dizer quando essas duas paixões viraram uma só! Nem bem estava alfabetizada, ganhei uma trilogia que contava as aventuras e desventuras de uma menina chamada Sophia (acho que daí nasceu a minha paixão por sagas!). Daí para frente, cultivei o hábito de ler...ler...e ler. Um belo dia comecei a imaginar finais diferentes para as histórias que eu lia. Então...uma *Sabrina* caiu nas minhas mãos e, me encantei. Já não me contentava em imaginar finais diferentes...agora eu começava a imaginar a história toda! Minha mente viajava longe e, comecei a anotar e escrever minhas histórias em cadernos. Surgiram os Clássicos Históricos e a paixão virou vício e mais do que nunca, minha mente viajava de um lugar para outro...de uma época para outra. Gosto de Históricos, especialmente os medievais e que se passam na Escócia, mas já andei passeando por várias épocas e lugares. Já escrevi e postei: Mistérios de Amor, Inocente Sedução, Fonte dos Desejos (ainda não concluído), Violet, No Coração da África - 1 , No Coração da África - II (ainda não concluído), Reino de Hallstat (ainda não



concluído, mas que será transferido da ER para cá em breve), São de minha autoria tbém as histórias de La Comtesse: Entre o Amor e a Vingança, O Príncipe Negro, Segredos e Mentiras.<sup>375</sup>

As trajetórias dessas três leitoras não são muito diferentes: a paixão pela leitura levando à paixão pela escrita. Nas duas primeiras, chama a atenção a escolaridade divulgada, acima da média, e que poderia se fazer supor de pessoas voltadas a uma literatura erudita. A frase final de M. lembra as bucólicas apresentações das autoras dos romances da Nova Cultural e Harlequin, salientando, entretanto, a suposta vida acadêmica, habitualmente séria e avessa a assuntos românticos, trazendo uma aura de competência à biografia. A professora e pós-graduada F. cumpriu o caminho dos contos de fadas infantis aos romances sentimentais, descrito por várias outras leitoras. A.P., por sua vez, mostra-se uma autora empenhada, com vários textos já finalizados. Ela cita uma outra comunidade, *ER – Escritores Românticos*, onde além de postar textos, os participantes trocam informações sobre dicas de escrita, gramática e editoras independentes que possam vir a publicar os livros mediante pagamento dos autores.

Além de ler, digitalizar, traduzir e escrever romances sentimentais, as leitoras têm ainda mais um hábito descrito por diversas vezes: adoram comentar as histórias com amigas, recomendando determinados romances, narrando os enredos como se fossem quase reais. Isso aconteceu com V.N.P.O., que no hospital em que trabalha se viu cercada por colegas de trabalho, enquanto narrava um romance:

Às vezes eu conto histórias, acho bonito. Uma vez eu estava lendo uma e aí eu levei para o serviço para terminar de ler porque eu queria terminar logo e a minha colega queria saber e eu contei a história mais ou menos para ela e ela queria saber o final. Aí eu fui contar para ela, no horário de intervalo, de café, e estava um monte de gente querendo saber o que que era: mas é filme? E eu: não, era Sabrina mesmo. E aí todo mundo falava: ah, não acredito que você estava lendo isso. Mas, para mim, era interessante, porque se não fosse interessante, ninguém ia parar para ficar

---

<sup>375</sup> ORKUT. Disponível em

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=60736037&tid=5221208381008645305>> . Acesso em 30/09/2008.

ouvindo. Eu achei que o pessoal tem um pouco de preconceito sobre essas coisas. Mas eu conheço bastante gente que lê.<sup>376</sup>

A tradição oral, que parece perdida em muitos sentidos, de alguma forma renasce nesses momentos, em que as leitoras, como tantas revelaram, comentam e contam histórias entre si. Na situação acima, investida da função do narrador, a leitora da literatura marginal e criticada ganhou status de centro das atenções, ao menos até o momento da revelação de que não se tratava de um filme de Hollywood, mas apenas de um “romance de Sabrina”. Naqueles minutos, entretanto, ela foi dona da atenção e da imaginação dos seus colegas do hospital.

Assumir o papel de narrador é simbolicamente importante. Na tradição da oralidade, os narradores eram os viajantes, que conheciam novos lugares, e os anciãos, que acumulavam experiência e sabedoria. Eles transmitiam oralmente seu saber.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. [...] ‘Quem viaja tem muito a contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do país e que conhece suas histórias e tradições.<sup>377</sup>

A relação entre as leitoras e os textos passa também pela sociabilização, presente não apenas nas comunidades virtuais. O *Adoro Romances* já proporcionou encontros pessoais entre leitoras, em vários lugares do país, conforme narrado no site. As leitoras de São Paulo, por exemplo, combinam encontros periódicos, na casa de uma leitora ou em shopping centers, sempre incluindo um lanche para comentários de romances e troca de livros, além de visitas a sebos para “garimpagem” de exemplares usados. Essas reuniões são descritas e comentadas em posts da Comunidade. Do mundo virtual para o real, os romances funcionam como motivador de uma sociabilização fundamentada na afinidade grupal. A paixão

---

<sup>376</sup> V.N.P.O., Entrevista 17

<sup>377</sup> BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e História da cultura. p.198-199

pela leitura extrapola as relações leitor/livro e ingressa em outro patamar, onde as relações pessoais são guiadas por um interesse comum. Dessa forma, os romances sentimentais conseguem motivar as leitoras, numa paixão pela leitura que interfere ativamente no cotidiano das leitoras. Talvez esse comportamento em relação à literatura só seja comparável aos aficionados por poesia, que também realizam encontros para leituras, estas, porém, mais valorizadas culturalmente.

O contato com outras leitoras também é uma forma de auto-afirmação, como conta a leitora E.M.S.

Acho importante este contato para mim, porque reafirma aquilo que acredito veementemente: que as leitoras dos romances sentimentais não são pessoas alheias à realidade. A escolha pela leitura desses livros é apenas um lado daquilo que somos, mas não pode ditar com precisão tudo o que somos.<sup>378</sup>

Reafirmando isso, essa leitora funciona como organizadora dos encontros de leitoras no Rio de Janeiro. E.M.S. revela que as reuniões acontecem a cada quatro meses, normalmente em shopping centers, exceto em setembro, quando se realiza na casa de uma leitora, pois é a data em que se comemora o aniversário da comunidade *Adoro Romances* e o encontro é considerado especial. E quem participa desses encontros? E.M.S. traçou um pequeno perfil a meu pedido, informando que em média estão presentes de 22 a 28 leitoras:

A grande maioria tem nível superior. Dentre as várias mulheres com quem estabeleci contato desde que entrei na comunidade, poucas tinham só o Ensino Médio. Vou listar algumas que me lembro agora: arquiteta, 40 anos e casada (sem filhos); advogada, 40 anos e solteira; jornalista, 29 anos e solteira (inclusive, foi promovida a assessora de imprensa de um time de futebol grande aqui no Rio); promotor de eventos, 30 anos e casada (sem filhos); contadora, 35 anos e divorciada (2 filhos); funcionária pública, 40 anos e solteira; microempresária, 33 anos e casada (2 filhas); professora, 28 anos e solteira; universitárias (que freqüentam os encontros devem ser pelo menos umas 5, entre 20 e 25 anos). Tem ainda aquelas com ensino médio, mas com planos para iniciar os estudos universitários: vendedoras, professoras do 1º ciclo do ensino fundamental. Tem várias outras que não

---

<sup>378</sup> E.M.S., entrevista 9.

mais freqüentam os encontros: umas por falta de tempo, outras por receio de ter seus nomes vinculados a este tipo de leitura.

Não deixa de ser interessante perceber que essas leitoras fogem do estereótipo de classe C/D e baixa escolaridade que tradicionalmente se assimilava a quem lê romances de banca. Casadas ou solteiras, com ou sem filhos, percebe-se uma ausência de padrões nesse perfil. A questão do preconceito contra a leitura/leitora de romances sentimentais, já citada outras vezes nesta tese, e que desponta na fala de E.M.S. com clareza, interfere na leitura dos romances e com a imagem que as leitoras fazem da leitura e de si. Aí entram as comunidades de Orkut e os encontros pessoais, que validam o gosto pela leitura dos romances das séries, driblando essa sensação de inferioridade:

Participar destes grupos é uma forma de fazer amizades que entendem a sua preferência. Você sabe que ali as pessoas compartilham da mesma paixão que você, e que não vamos ouvir críticas do tipo “cultura inútil”, “lixoteratura”, “leitura pornográfica” e tantas outras que ouvimos as pessoas dizerem ao nosso redor.<sup>379</sup>

Esse discurso traz nas entrelinhas a insegurança da leitora quando à sua escolha de leitura, em especial por ser uma pessoa com curso superior e atuação como docente. Ainda que E.M.S. defenda essa escolha, existe uma necessidade de aprovação e/ou aceitação por parte do meio social.

Nesse papel, pode-se apontar os blogs como a crítica literária dos romances sentimentais. Leitoras que se consideram fluentes no universo desses textos, com conhecimento das séries, das autoras e das editoras postam em seus sites pessoais opiniões, resumos e capas de romances de bancas novos e antigos. De uma forma ou de outras, esses blogs acabam sendo aliados das editoras na divulgação dos livros. Só para citar o mais comentado deles, *Literatura de Mulherzinha*, assinado por R.O, que se identifica como jornalista, moradora de Juiz de Fora (MG), entrevistada 10 da tese. O blog traz resenhas de livros novos e antigos das séries sentimentais, organização de sagas familiares lançadas,

---

<sup>379</sup> E.M.S. Entrevista 9.

comentários sobre personagens, tudo com bom humor e um texto leve e bem pessoal. R.O. conta o que a motivou a criar o blog:

O fato de eu ser uma colecionadora de livros, especialmente os romances de banca. Eu tenho faro para achar coleções. E reparei que a maioria não era divulgada como coleção. Então, comecei a pesquisar na Internet e só conseguia descobrir alguma informação depois de quebrar a cabeça com sites em outras línguas, percebi que não havia um site brasileiro sobre isso (e os das editoras eram desatualizados de doer). Então, no dia 16 de abril de 2005, decidi que poderia juntar as informações sobre os meus livros, o meu hobby por pesquisar e as minhas opiniões em um blog.<sup>380</sup>

Como foi divulgado nos grupos de discussão no Orkut e no Yahoo, o blog logo se tornou uma referência e é o que mais se aproxima de uma “crítica literária” dos romances sentimentais. Traz também links para os sites das editoras e de algumas das autoras mais comentadas de romances do gênero, como Deborah Simmons, Diana Palmer e Nora Roberts. E, sem surpresa, uma defesa ferrenha da leitura dos romances sentimentais como sendo informativa, prazerosa e interessante, atacando os críticos dessa prática:

Sugerir com todas as letras que os livros de romance são para mulheres mal-resolvidas, românticas, solteironas me parece um estereótipo de quem se conforma com uma análise rasa e pobre. Quem diz que os livros são mal escritos e que gostar deles é sinal de mau gosto sem saber do que está falando também pode entrar nessa lista. Aproveita e inclui um cidadão que classificou esses livros como "livros de empregadas domésticas". Ah, tem outro também que comentou, em sala de aula, que quem lê esse livro não tem senso crítico nem cultura. E todos aqueles que sempre saem com um "Você não lê coisa melhor, não?"<sup>381</sup>

O perfil da autora, tanto o apresentado no blog quanto a partir da entrevista concedida para a tese, mostra uma pessoa culta, atualmente cursando mestrado e fluente em italiano. Ou seja, está no topo da pirâmide de status cultural, com aparente respaldo perante os leitores para agregar valor ao seu texto. Por isso, o

---

<sup>380</sup> R.O, entrevista 10

<sup>381</sup> BLOG LITERATURA DE MULHERZINHA. Disponível em <<http://livroaguacomacucar.blogspot.com>>. Acesso em 25/08/2008.

blog funciona não só como um incentivo à leitura dos romances, mas também à auto-estima das leitoras, referendando as séries sentimentais. Ao mesmo tempo, requisita às leitoras e aos textos o mesmo respeito dirigido à chamada alta literatura.

R.O. afirma nunca ter recebido algum contato das editoras dos romances, nem interferência de qualquer tipo.

Tenho liberdade para escrever o que quiser, mesmo que odeie o livro (e tem alguns exemplos no blog de livros que me irritaram tanto, mas tanto, que eu não me contive e falei tudo o que estava pensando, sem meias palavras).<sup>382</sup>

Segundo ela, os leitores interferem sempre, comentando, concordando ou discordando dos posts. Assim, o blog, da mesma forma que os grupos de discussão, é mais um espaço de reunião de pares. Os tópicos muitas vezes reúnem livros que tenham algo em comum: protagonistas italianos, ou heroínas jornalistas, a autora, ou uma situação específica.

Um exemplo de texto postado no *Literatura de Mulherzinha*:

Cap. 55 - E o patinho feio era cisne!!! - autoras variadas

Sabe aquela história de que "o que vale é o interior, o que você é de verdade"? Lamento dizer isso, mas, na vida real, raramente isso acontece. Muitos homens são movidos por três forças:

- tintura certa no cabelo - comprido de preferência (loiro costuma ser o fetiche-mor)
- o decote certo
- roupas justas

Fora dessa trindade, a garota é:

- ignorada
- humilhada
- alvo de deboche e piadinhas

Se você somar os problemas eternos e comuns como:

---

<sup>382</sup> R.O. Entrevista 10.

- óculos
- aparelho ortodôntico
- altura de mais ou de menos
- quilinhos a mais

As garotas:

- se deprimem
- passam a vida eternamente insatisfeitas querendo e tentando ser o que não são.

As histórias abaixo trazem histórias nessa linha, de pessoas que se encontraram. São livros avulsos e coloquei-os aqui para semelhança de temas. Boa leitura!<sup>383</sup>

Seguem-se resenhas de 48 livros, de séries históricas e contemporâneas. Neles, R.O não se limita a reproduzir o que foi publicado nas contracapas, mas faz seus comentários sobre personagens ou situações específicas das narrativas.

Também bastante comentado no *Adoro Romances*, pela ativa participação de sua autora no site, mas bem menos atualizado (foram 13 postagens em 2007, nenhuma em 2008), há o Catalivros<sup>384</sup> (são duas versões, 1 e 2, sendo que a 1, com textos de 2006 e antes, ficou pequena para tantos arquivos). Em dezembro de 2007, a autora informa no Catalivros 2 estar passando por problemas e que assim que possível voltará a atualizar o blog, o que não aconteceu até a minha última pesquisa em setembro de 2008. Ao lado das capas dos livros, são postados os comentários, como o abaixo, de fevereiro de 2007:

O livro de hoje, continuando a "análise científica" da série Warriors, é *Esposa do Guerreiro* (de Margaret Moore). E, desculpem-me a franqueza, é uma das maiores decepções da série. Depois de seis livros do quilate dos anteriores, Miss MM errou a mão feio!!! Sir George de Gramercie, o elegante amigo do barão DeGuerre, merecia ter sido pintado com outras tintas. O cavaleiro - que parecia um gentleman no outro livro - começa esta

---

<sup>383</sup> BLOG LITERATURA DE MULHERZINHA. Disponível em <<http://livroaguacomacucar.blogspot.com>>. Acesso em 25/08/2008.

<sup>384</sup> Endereço eletrônico: <<http://catalivrosromances2.blogspot.com/>>.

história como uma versão mais afrescalhada de Brad Pitt. Depois disso, passa o livro todo num jogo de gato e rato com a mocinha (?) Alice Dugall, que lembra uma versão hardcore da Tonhão (Cláudia Raia... TV Pirata... Alguém lembra? Ai, to velha mesmo!). Bem, depois de idas e vindas, o moço começa a revelar um lado mais másculo. Rolam até umas cenas quentes e você descobre que ele (pasmem!) oculta sua verdadeira - e violenta - personalidade sob um disfarce de habitante do Village novaiorquino porque (aff, nunca vi argumento mais sem noção!) matou seu cachorrinho a varadas num ataque de fúria quando era criança. Bem, deixa eu parar por aqui. Estou mordaz demais para comentar o livro. Mas leiam, nem que seja para entender o desenrolar dos personagens da série.<sup>385</sup>

Como se vê, nem todos os comentários são favoráveis ao livro. Se a trama é inconsistente, as blogueiras chamam a atenção para isso, o que ajuda a dar uma aura de credibilidade e imparcialidade à “crítica”. Há vários outros blogs, para vendas, apenas com resumos, outros com comentários ligeiros. Chamam a atenção, apesar de serem pouco divulgados, o *Mulheres Românticas* (<http://www.mulheresromanticas.blogspot.com>) e *Meninas da Bahia* (<http://meninasdabahia.blogspot.com>). Estes são mais pessoais, trazendo diversas fotos das supostas autoras, em atividades como visitas a sebos e encontros de leitoras e até mostrando a camiseta criada para a comunidade *Adoro Romances*. Também elas se dedicam a ler os textos e comentar suas conclusões. No *Meninas da Bahia*, em 15/08/08, a autora chama a atenção para a similaridades entre um romance da série *Sabrina* e uma série televisiva norte-americana, mostrando que as mídias reproduzem os mesmos modelos, ou seja, bebem na mesma fonte:

Terminei de ler esse fim de semana *Sr. Destino*, da Candy Halliday (*Sabrina*). Engraçado que este é o 2º livro que leio desta autora, e tal como o anterior (*Como salvar um casamento*, postado neste blog) há uma incrível semelhança com o seriado televisivo *Desperate Housewives*. Vou até fazer uma pesquisa, assim que der, para ver se as semelhanças são apenas meras coincidências. Mas voltando ao livro, eu gostei muito. Os protagonistas são: Anthony Petrocelli e Kate Anderson, e há vários

---

<sup>385</sup> BLOG CATALIVROS 2 . Disponível em [http://catalivrosromances2.blogspot.com/2007\\_02\\_01\\_archive.html](http://catalivrosromances2.blogspot.com/2007_02_01_archive.html).> Acesso em 02/10/2008.



coadjuvantes com histórias paralelas se entrelaçando aos dos protagonistas. É uma trama muito bem montada.<sup>386</sup>

Com os blogs, as leitoras dedicam seu tempo não só a ler, mas também a escrever sobre os livros. É o espaço aberto para as opiniões pessoais, que podem ser comentadas por quem entrar no site.

Fechando um círculo, as leitoras de hoje conseguem ser autoras, editoras, divulgadoras e críticas dos romances sentimentais, de forma independente das editoras. Por enquanto, não tiram proveito financeiro dessas atividades, o que não quer dizer que no futuro o mesmo não possa acontecer. Ativas, organizadas e relativamente independentes das imposições das editoras, as leitoras escrevem um novo capítulo nas relações de mercado, em que cada vez mais a demanda do público é que determina os caminhos a serem tomados pela empresas, driblando aos poucos as regras originalmente impostas pela indústria cultural.

---

<sup>386</sup> BLOG MENINAS DA BAHIA. Disponível em <<http://meninasdabahia.blogspot.com/search?updated-max=2008-08-22T18%3A04%3A00-07%3A00&max-results=7>> Acesso em 30/09/2008.

## 7 CONCLUSÃO: ANDANDO NO FIO DA NAVALHA

Trabalhar todas as informações reunidas nesta tese é como caminhar no fio da navalha. Se por um lado, surgem questões que parecem subverter a ordem da indústria cultural, por outra, esta mesma indústria pode controlar e criar as demandas que sob a ótica das leitoras parecem tão livres. É preciso, então, andar com cuidado, passo a passo, para buscar uma visão mais clara desse mercado editorial e das relações entre os textos sentimentais, suas editoras e leitoras, conforme a proposta deste trabalho.

Para começar, pode-se definir que os romances sentimentais, literatura de entretenimento por excelência, são tratados pelas editoras como um produto qualquer, uma mercadoria industrialmente configurada. Taxas de vendas, tiragens, temas, número de páginas, tudo é considerado sob a ótica do consumo (até aí, não se diferenciam, entretanto, de livros da literatura culta ou dos *best sellers* uma vez que editoras são, efetivamente, empresas que visam lucro). Uma diferença seria, entretanto, que os romances sentimentais são produzidos pelos escritores como produtos de linha de série, segundo moldes previamente estipulados inclusive pelas editoras. As leitoras são tratadas como consumidoras – e assim se vêem.

Desde o início de suas atividades no Brasil, as editoras dos romances sentimentais têm se preocupado em conhecer as leitoras. O foco, obviamente, é a manutenção e aumento das vendas. Essa necessidade tem possibilitado que as leitoras, enquanto consumidoras, possam expressar suas opiniões e eventualmente obter um produto que atenda de forma mais completa às suas expectativas. As pesquisas das editoras demonstram que as leitoras têm modelos de narrativa, com relação aos quais cada novo título é avaliado e classificado entre os bons ou maus textos, com base em enredos que consideram mais ou menos interessantes. As leitoras querem, e solicitam abertamente, traduções melhores e mais completas, edição que contemple o lado lúdico através de capas que pareçam feitas especificamente para uma determinada obra, escolha de autores que tragam

enredos – mas não escrita, no sentido de elaboração textual – interessantes, coerentes ou pelo menos verossimilhantes. Enfim, que os textos se configurem em criações literárias que mereçam todos os cuidados destinados também à alta literatura.

Os livros em questão são acessíveis, tanto do ponto de vista do texto, em que linguagem, temas e desenvolvimento são facilmente intelegíveis e assimiláveis – basta lembrar que são igualmente consumidos por pessoas de níveis culturais e de escolaridade bastante diferentes – , quanto em seus aspectos comerciais, incluindo diversidade de pontos de vendas, preços e aspecto visual. Quanto aos enredos, são modelos repetidos que muitas vezes reproduzem os arquétipos dos contos de fadas. Os padrões são conformistas e ressaltam um conteúdo ideológico que propõe os papéis femininos e masculinos próprios de uma sociedade machista e paternalista. Poucas vezes isso incomoda as leitoras. Essas questões passam ao largo das avaliações delas e merecem, no máximo, alguns comentários, sem que influenciem e/ou desestimulem a leitura de outros exemplares das séries. O apelo erótico dos textos é cada vez mais explícito, como também está cada vez mais claro o interesse que isso desperta nas leitoras. Não por acaso, existem séries que contemplam especificamente narrativas com conteúdo sexual, o que demonstra que acompanham as mudanças na sociedade. Ao mesmo tempo, a padronização dos textos é menor do que se poderia supor, já que as leitoras identificam autores melhores ou piores na técnica da narrativa.

As duas editoras que dominam o mercado brasileiro de romances sentimentais, Nova Cultural e Harlequin, trabalham com um amplo aparato de marketing para que as leitoras percebam as obras como literatura de entretenimento de qualidade. São investimentos em divulgação na mídia, participação em eventos como a Bienal do Livro, publicidade nos livros e colocação em novos pontos de vendas, incluindo sites de Internet, livrarias e lojas de departamentos. Como resultado, vêm a leitura dos romances de bancas ganhar visibilidade e conseqüentemente, esperam levar a aumento do leitorado.

Se são comparáveis a sandálias de dedo<sup>387</sup>, por exemplo, os romances sentimentais são por outra parte bens simbólicos, cujo valor de alguma forma parece carregar dimensões de sentido associadas a formas de sociabilidade interpessoal. Nos encontros virtuais e presenciais, as leitoras compartilham interesses e referendam a escolha de leitura. Mais que isso, transformam a tecnologia em aliada para, através da Internet, distribuir, traduzir, criar, divulgar e comentar romances sentimentais, deixando as editoras cada vez mais à parte desse processo.

O que se pode depreender de tudo isso? Primeiro, que existe uma grande contingente de leitoras de romances sentimentais, o que confronta as estatísticas de leitura no Brasil. Ao que parece, entre esse público, lê-se muito, em patamares que impressionam. As tiragens das editoras – cerca de 12 mil exemplares por título e quase 30 títulos por mês – já seriam suficientes para colocar esses livros entre os mais vendidos do país. Se não se leva em conta esses números, é porque a literatura escolhida não é o que se deveria ler, segundo os padrões estéticos e culturais vigentes. Ignorar esse público é mascarar uma realidade de leitura e perder de vista a possibilidade de observar modos de fruição que se traduzem em leitores fiéis. Assim, acredito que é necessário não apenas incluir e/ou explicitar a participação dos romances sentimentais nas estatísticas de leitura, mas também examinar os mecanismos de construção de sua popularidade para conhecer melhor os aspectos de formação do leitor e da leitura.

É preciso aceitar que a literatura sentimental pouco tem a ver com o conceito de arte, sem necessariamente desqualificar liminarmente esses textos por conta de tal diferença. A chamada alta literatura, ao longo da história da humanidade, sempre teria sido, com raros momentos de exceção, produzida por poucos para poucos. Retomando o ensaio de Enzensberger<sup>388</sup>, *O crepúsculo dos*

---

<sup>387</sup> A comparação foi feita pela editora da Nova Cultural, Janice Florido, em entrevista à Gazeta Mercantil, reproduzida nos Anexos desta tese.

<sup>388</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995.

*resenhistas*, o fim das ilusões de que poderia *mudar o mundo* fez a literatura perder significado social e os autores, as pretensões de relevância. O autor sustenta, com certa ironia melancólica, que a queda de prestígio da atividade dos críticos literários seria decorrente da falta de prestígio da própria literatura. Para quê suplementos literários, se todos publicam basicamente os mesmos assuntos, abordam os mesmos livros e os mesmos autores, seja por estarem lançando obra por uma grande editora, empenhada em divulgá-lo nacionalmente com todo o aparato de marketing, seja por uma data comemorativa da morte ou nascimento de um autor considerado clássico? Essa mesmice, aliada à minoria que respeita essas críticas e à maioria que as ignora solenemente – e se consideramos as leitoras dos romances sentimentais, o descaso é de ambas as partes – leva ao que Enzensberger aponta, no caso do que chama de verdadeira literatura, como valorização da propaganda boca-a-boca, aquela já citada nesta tese, no capítulo anterior, que “além de ser gratuita, nunca poderia ser paga”<sup>389</sup>, como o caminho para encontrar os textos que realmente valeriam a pena. O que são os blogs de leitura e as comunidades de leitoras, senão essa mesma propaganda, feita ao pé do ouvido, quase tão sedutora quanto os textos que prega? É no referendo dessa divulgação aparentemente livre que as leitoras se enxergam como seres culturalmente ativos, passíveis de respeito e consideração, em um circuito alternativo ao que o próprio Enzensberger refere como “unísono ensurdecidor”.

Assim, as leitoras dos romances sentimentais experimentam, através da leitura, mais do que uma fuga da realidade exaustiva e/ou frustrante, um ponto de partida para a busca de uma satisfação mais real, seja em termos de relacionamentos amorosos, seja como a valorização pessoal. Para citar alguns casos narrados, com o estímulo da leitura, a leitora se torna contadora de histórias, uma Scherazade moderna, cercada de pessoas a ouvir a narrativa romântica, valorizada apenas enquanto se pensava ser um enredo hollywoodiano. Imbuída do

---

<sup>389</sup> ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1995. p.42.

conhecimento, tal qual os sábios antigos, é ela quem captura a atenção dos ouvintes. Outra tenta trazer para o próprio casamento as cenas românticas dos enredos sentimentais, o que pode frustrar, mas também reflete uma postura ativa na busca da felicidade conjugal.

O tempo para a leitura, driblando as tarefas cotidianas, torna-se propriedade individual das leitoras, defendido como o direito ao lazer e à livre escolha dos textos. Nessa questão, é preciso fazer um parêntese para pensar no quanto essa escolha é determinada pela própria indústria cultural. O intrincado jogo entre produção e consumo leva a leitora a agir como consumidora, seguindo determinadas tendências sinalizadas pela mídia e pelo mercado. Conquanto a grande mídia não se ocupe da literatura sentimental na forma de publicidade aberta, existe toda uma rede de marketing incitando o consumo de bens que valorizem a individualidade e o amor romântico.

Se às editoras interessa vender mais romances sentimentais, às leitoras, cabe consumir um número cada vez maior dos mesmos. Mas nem sempre os interesses das duas pontas se cruzam. O desajuste entre as perspectivas de produção e as formas de consumo e apropriação, que envolvem traduções, escolha de autores, edição e prazos de publicação, deram abertura para a busca de soluções possíveis com as novas tecnologias. E é a Internet que vai trazer as maiores mudanças para as relações entre leitoras e editoras.

Onde fica a indústria cultural quando as leitoras se põem a traduzir, escrever e distribuir romances gratuitamente pela *web*? Tal qual na indústria fonográfica, nesse segmento editorial parece estar se configurando uma revolução nos limites entre produção e consumo. São fenômenos incipientes, ainda difíceis de analisar, mas que apontam para algumas questões que merecem ser ponderadas. No Brasil, ainda é muito superior o número de leitoras que escolhem o meio livro para a leitura dos textos sentimentais, até por todas as facilidades de acesso e mobilidade que ele proporciona. Mas, caso a tendência de leitura digital realmente se amplie, todo o contexto editorial do segmento pode mudar.

Já há discussões correntes sobre a livre circulação de bens culturais através da Internet. Com a propriedade intelectual facilmente copiável, a tendência é que fique cada vez mais difícil vender alguns produtos culturais a preços que cubram sua produção e ainda dêem lucros. No artigo “Bits, Bandas e Livros”, o colunista e professor de economia norte-americano Paul Krugman diz que produtos como livros, músicas, filmes e softwares tendem a ser distribuídos gratuitamente ou por custos extremamente baixos, e que as indústrias produtoras deverão recuperar seus investimentos por meios indiretos, como patrocínios ou produtos correlatos. Especificamente em relação a livros, ele analisa que o processo está em andamento e se tornará realidade quando os *downloads* de livros se tornarem padrão.

De fato, se os e-books se transformarem na norma, a indústria editorial como conhecemos pode se desvanecer. Os livros podem acabar servindo principalmente como material promocional para outras atividades dos autores, tais como leituras ao vivo com cobrança de entradas.[...] Pouco a pouco, tudo que pode ser digitalizado será digitalizado, tornando a propriedade intelectual ainda mais fácil de se copiar e ainda mais difícil de se vender por mais que um preço nominal. E nós teremos de encontrar modelos econômicos e de negócios que levem em conta esta realidade.<sup>390</sup>

Essa análise demonstra que minhas percepções sobre as tendências de consumo dos romances sentimentais se integram num processo muito mais amplo de difusão de produtos intelectuais via Internet. Talvez os casos como o da autora Nora Roberts e sua grife de livros, bolsas e garrafas d’água se tornem mais corriqueiros. Já é realidade que, no caso de autores de *blockbusters* como J.K. Rowling, os produtos licenciados com a marca *Harry Potter* rendem muito mais à autora e às empresas do que a venda de livros. É possível imaginar as editoras Nova Cultural ou Harlequin colocando à venda produtos das autoras mais queridas entre as leitoras; incluindo patrocínios de empresas de cosméticos, lingerie ou

---

<sup>390</sup> KRUGMAN, Paul. **Bits, bandas e livros**. Publicado no News York Times em 06/08/2008 e reproduzido no Site Creative Commons. Disponível em <[http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=104&Itemid=1](http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=104&Itemid=1)>. Acesso em 20/10/2008.

automóveis em *e-books* ou mesmo em livros impressos gratuitos (ou quase); vendendo *downloads* de livros diretamente para leitura em celulares ou promovendo convenções de leitoras.

Do ponto de vista dos autores, a violação de direitos autorais na reprodução de obras digitalmente parece caminhar para o que propõem grupos internacionais como o Creative Commons<sup>391</sup>, que oferece modelos de licenciamento para usos flexíveis de propriedades intelectuais. Eles partem do conceito de *copyleft*, introduzido pelo programador de computadores Richard Stallman a partir dos anos 1980, que defende a liberdade de produção e circulação de plataformas e *softwares* de código aberto, assim como de diversos tipos de flexibilização e uso compartilhado e/ou cooperativo de licenças sobre produção intelectual em ambientes digitais. Trocadilho com *copyright*, o *copyleft* propõe usar a legislação de proteção dos direitos autorais de forma tal que consegue, legalmente, retirar as barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa, mas mantendo certo controle por parte dos autores, sendo diferente do domínio público, que não apresenta restrições.<sup>392</sup> Se por enquanto esses conceitos passam distantes das atividades das leitoras de romances sentimentais na Internet, não quer dizer que não possam vir a ser úteis no futuro, possibilitando a reprodução e publicação legal dos textos que hoje circulam anarquicamente.

Infelizmente – ou felizmente, dependendo do ponto de vista – não é possível entender a leitura dos romances sentimentais de uma forma unidimensional. Se é verdade que as leitoras parecem estar mais e mais tornando

---

<sup>391</sup> Segundo o site Creative Commons ([www.creativecommons.org.br](http://www.creativecommons.org.br)), trata-se de um projeto global, presente em mais de 40 países, que cria um novo modelo de gestão dos direitos autorais. No Brasil, ele é coordenado pela Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Ele permite que autores e criadores de conteúdo, como músicos, cineastas, escritores, fotógrafos, blogueiros, jornalistas e outros, possam permitir alguns usos dos seus trabalhos por parte da sociedade. Assim, um criador intelectual que deseja que a sua obra seja livremente circulada pela Internet pode optar por licenciar o trabalho escolhendo alguma das licenças do Creative Commons. Com isso, qualquer pessoa, em qualquer país, vai saber claramente que possui o direito de utilizar a obra, de acordo com a licença escolhida.

<sup>392</sup> Mais Informações sobre copyleft podem ser obtidas no site: <<http://www.gnu.org/philosophy/why-free.html>>



dispensável a mediação das editoras, principalmente aquelas que não geram os produtos de base, mas apenas os comercializam em traduções/adaptações, como é o caso da Nova Cultural, e isso põe em questão um aspecto central da noção de indústria cultural, por outro os interesses de leitura e a incorporação/reprodução de valores conservadores e tradicionais quanto ao papel da mulher na sociedade, nos arranjos familiares, nos papéis sexuais, seguem em grande medida perturbadoramente ativos. Cabe então lembrar a perspectiva de Adorno (1999) a respeito do “cliente da arte de massas”, que adere aos produtos da indústria cultural sem restrições:

Corresponde ao comportamento do prisioneiro que ama a sua cela porque não lhe é permitido amar outra coisa. A renúncia à individualidade que se amolda à regularidade rotineira daquilo que tem sucesso, bem como o fazer o que todos fazem, seguem-se do fato básico de que a produção padronizada dos bens de consumo oferece praticamente os mesmos produtos a todo cidadão. Por outra parte, a necessidade, imposta pelas leis do mercado, de ocultar tal equação, conduz à manipulação do gosto e à aparência individual da cultural oficial, a qual forçosamente aumenta na proporção em que se agiganta o processo de liquidação do indivíduo.<sup>393</sup>

Não se pode negar que as leitoras de romances sentimentais assimilam os romances das bancas como uma literatura que deve vir pronta para consumo imediato, um *fast food* literário com os ingredientes pré-estabelecidos, sem maiores pretensões. São tão apaixonadas por esses textos, que é preciso reconhecer que possivelmente não se sintam aprisionadas em celas, ou antes, não vejam maior vantagem em transitar pelo lado de fora dessas estruturas.

Antonio Cândido (2005) defende a literatura como um direito inerente e inalienável do ser humano, por trazer a possibilidade de sonho, devaneio e sensibilidade poética, aí incluindo todas as formas de criações ficcionais, das mais simples às mais complexas.

Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos [...]. O sonho assegura

---

<sup>393</sup> ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 80.

durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito –, como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.<sup>394</sup>

Ainda que o autor se detenha prioritariamente, no restante do texto citado, à chamada alta literatura, é salutar que não deixe de lado também as manifestações mais populares. Tal qual descrito acima, as leitoras entrevistadas para esta tese sentem a necessidade primordial do sonho, do devaneio que os romances sentimentais proporcionam. Essa é a motivação principal que leva à escolha desses textos, segundo revelado nesta pesquisa. E se a literatura de entretenimento oferece essa possibilidade, tão cara não apenas a essas leitoras, mas ao próprio ser humano, não me é possível considerá-la perniciosa ou potencialmente negativa.

Ao fim desta jornada – ou seria o início de novas inquietações? – penso que é hora de olhar a literatura mais ligeira, seja na forma de romances sentimentais, seja em outras literaturas de entretenimento, como possível aliada na formação do leitor brasileiro. Se a poderosa indústria editorial move suas engrenagens para conquistar as leitoras desses romances, também as estruturas acadêmicas – aqui entendidas como escolas, professores, pesquisadores – podem se utilizar não só dos mesmos mecanismos aqui descritos, mas também das suas fraquezas, igualmente expostas, para aumentar o contingente de leitores no país.

Neste ponto, penso que é o momento de voltar aos questionamentos postos na introdução. Toda leitura é boa? Acredito que sim, a cada dia com mais certeza. É o leitor que vai concretizar, para bem ou para mal, o texto escrito, seja em qual literatura este se encaixe. Cada leitora entrevistada aqui trouxe voz àqueles que acreditam que a leitura é eminentemente e prioritariamente uma atividade positiva,

---

<sup>394</sup> CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. Org. por Abel Barros Baptista. Coimbra, Angelus Novus, 2005. p. 17.

capaz de agregar sentido às menores ações. Os romances, para elas, ainda que possam ser caminho de fuga do cotidiano, não são alienantes.

Seja um romance de banca, seja um exemplar da alta literatura, todo livro simboliza a porta de entrada para um mundo onde tudo pode acontecer, do auto-conhecimento ao entendimento do outro, da confrontação à consciência social, passando também pelo simples prazer do sonho desprezioso. Essa porta merece ser cruzada por todo ser humano, em algum momento da vida, e se possível, muitas e muitas vezes. A chave está nas mãos de cada um.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)
- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Campinas: Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Cinco minutos. A viuvinha**. São Paulo: Ática, 1999.
- ANDRÉ, Lílíana Lacerda. **A imagem feminina no romance sentimental de massa**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1991.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- AVERBUCK, Lígia. (org.) **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo: Nobel, 1984.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Edições 70, 1973.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Ação, Suspense, Emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil**. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1973
- CALDAS, Waldenyr. **Uma utopia do gosto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Literatura da cultura de massa**. Uma análise sociológica. São Paulo: Editora Musa, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1971.
- \_\_\_\_\_. **O direito à literatura e outros ensaios**. Org. por Abel Barros Baptista. Coimbra, Angelus Novus, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural, entre práticas e representações**. Tradução: M. Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Práticas de leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHIAPPINI, Lúgia e AGUIAR, Flávio Wolf de (org.). **Literatura e história na América Latina**. EDUSP, São Paulo, 1993.

COHN, Gabriel (org). **Theodor W. Adorno**. Sociologia. São Paulo: Atica, 1985.

COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher**. Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CULLER, Jonathan. **Sobre a desconstrução**: Teoria e crítica do pós-estruturalismo. Tradução de Patrícia Burrowes. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997.

\_\_\_\_\_. **Teoria literária**: Uma Introdução. Tradução: Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DUMONT, Lúgia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries**. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Tradução: Pérola de Carvalho. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito a O nome da rosa**. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3 ed., 1985.

\_\_\_\_\_. **Super-homem de massa**: retórica e ideologia no romance popular. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Mediocridade e loucura e outros ensaios**. Tradução: Rodolfo Krestan. São Paulo: Ática, 1995.

EPSTEIN, Jason. **O negócio do livro** : passado, presente e futuro do mercado editorial. Tradução: Zaida Maldonado. Rio de Janeiro : Editora Record, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS. **Manual de assessoria de imprensa**. FENAJ: São Paulo, 1986.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Comunicação).

FERNANDES, José Genésio. **Leitoras de Sabrina**: usuárias ou consumidoras? (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa). 310f. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Departamento de Lingüística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FRYE, NORTHROP. **The secular scripture**. A study of the structure of romance. Harvard: Harvard, 1976.

\_\_\_\_\_. **Anatomia da crítica**. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1978.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintra. São Paulo: Edusp, 1997.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic**: the woman writer and nineteenth-century literary imagination. New Haven: Yale University Press, 1984.

GUINSBURG, Jacó (Org.). **O Romantismo**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural**. Estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org). **Tendências e Impasses**: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUMM, Maggie. **Pelos caminhos da crítica feminista**. Organon, 16. Porto Alegre, 1989

HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1999.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervar. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. 7ª ed. Coimbra: Aménio Amado, 1985.

KOPPLIN, Elisa; FERRARETTO, Luiz Artut. **Assessoria de Imprensa: teoria e prática**. 4.ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

KOTLER, Philip e ARMSTRONG, Gary. **Princípios de Marketing**. Tradução Vera Whately. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1999.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura: Memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita**. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

LÁZARO, André. **Amor do mito ao mercado**. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

LIMA, Luiz Costa (org). **A literatura e o leitor**. Textos da estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LUCAS, Fábio. **Crepúsculo dos Símbolos: reflexões sobre o livro no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

MAFRA, Núbio Delanne Ferraz. **Leituras à revelia da escola**. Londrina: Eduel, 2003

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MEIRELLES, Simone. **Das bancas ao coração**. Romances sentimentais e leitura hoje. 227f. (Dissertação). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas** : a segmentação da cultura no século XX. Editado por Jorge Claudio Ribeiro. São Paulo : Olho d'Água, 2003.

MODLESKI, Tania. **Loving with a Vengeance**. Mass-produced fantasies for women. New York: Routledge, 1996.

MOY, Toril. *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory*. London: Routledge, 1985.

OLIVEIRA, Lívio Lima de. **O livro de preço acessível no no Brasil: o caso da coleção L&PM Pocket**. 131f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

PAES, José Paulo. **A aventura literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PELLEGRINI, Tânia. **A imagem e a letra**. Aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

PÓVOA, Marcello. **Anatomia da Internet: investigações estratégicas sobre o universo digital**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

PRIDE, William & FERREL, O.C. **Marketing: conceitos e estratégias**. Tradução Cecília Lima de Queirós Mattoso. Rio de Janeiro, LTC: 2001.

RAMALHO, Christina (org). **Literatura e feminismo**. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.

SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SHOWALTER, Elaine. **Feminist Criticism in the Wilderness**. Writing and sexual difference. *Critical Inquiry*, v. 8, n.2, Winter 1981.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. Tradução de Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Paulo Sérgio. **Leitoras indiscretas visitam as bancas**. São Paulo, 1994. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

\_\_\_\_\_. **Comunicação do Grotesco: Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

\_\_\_\_\_. **Best-seller: a literatura de mercado**. São Paulo: Ática, 1985.



\_\_\_\_\_. **Reinventando a cultura.** A comunicação e seus produtos. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1994.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de comunicação organizacional e política.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. **A voz embargada.** São Paulo: Edusp, 1996.

WATT, Ian. **A ascensão do romance.** Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade.** Rio de Janeiro: Editora Puc Rio/Edições Loyola: 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

**ROMANCES SENTIMENTAIS CONSULTADOS**

ABROSE, Marty. **Case-se comigo!** São Paulo, Nova Cultural: 2008. (Sabrina, 1488).

BRADLEY, S. **Tarde demais para esquecer.** São Paulo, Nova Cultural, 2008. (Clássicos Históricos Especial).

FOX, Susan. **À moda antiga.** São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Sabrina Noivas, 109).

HALLDORSON, Phyllis. **Um homem mais velho.** São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Julia, 1161).

HANDELAND, Lori. **Quando a lua surgir.** São Paulo: Nova Cultural, 2008. (Bianca, 858).

HOWELL, Hannah. **Cavaleiro Valente.** São Paulo: Nova Cultural, 2007. (Clássicos Históricos Especial, 287).

LEIGHT, Bárbara. **O Mel do Pecado.** São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Clássicos da Literatura Romântica, s/n)

.MATHER, Anne. **Um desejo a mais.** Harlequin Books: Rio de Janeiro, 2007. (Paixão, 70)

MACKENZIE, Myrna. **Pretendente perfeito.** São Paulo: Nova Cultural, 2001. p.112. (Bianca, 766)

MARSHALL, Paula. **Além da Promessa.** Rio de Janeiro, Harlequin Books: 2008. (Romances Históricos, 40).

MCLANE, LuAnn. **Loucuras da paixão.** São Paulo: Nova Cultural, 2008. (Sabrina, 1525)

MCMAHON, Barbara. **Planos do Destino.** São Paulo, Nova Cultural, 2000. p.2 (Sabrina, 1199)

PALMER, Diana. **A tentação do desejo.** Rio de Janeiro, Harlequin Books, 2007. (Rainhas do Romance, 5)

SOUTHWICK, Teresa. **Segredos de amor.** São Paulo: Nova Cultural, 2001 (Sabrina Noivas, 126).

## APÊNDICES

### 1. ENTREVISTA DE LEONICE POMPONIO, EDITORA DA ÁREA DE ROMANCES DA NOVA CULTURAL

#### **Como é feita a divulgação dos lançamentos para as leitoras?**

Nós temos um site de romances, da Nova Cultural, ali são divulgados todos os lançamentos, as novidades e tudo mais. Nós também fazemos dentro dos próprios livros promoção de outros livros, para determinadas séries.

#### **Só estes dois canais?**

Sim, só estes dois canais.

#### **Você costuma acessar comunidades de relacionamento sobre romances no Orkut?**

Eu não, mas tem o pessoal do marketing costuma abrir o Orkut para saber das novidades. Na semana passada veio uma turminha dessa comunidade aqui falar conosco.

#### **É? E o que elas queriam, o que reivindicaram?**

Elas estão um pouco sentidas com a gente porque nós estamos cortando os romances. Por que é o seguinte. Nós temos três séries, que são Julia, Sabrina e Bianca que são livrinhos pequenos, de 120, 130 páginas. Por que nós temos estes livros? Porque são os mais baratos, são em torno de R\$ 6,90. A demanda desses livros é muito grande. Os outros livros, com mais páginas, 224 ou 324, são mais caros. E eles não têm tanta saída quanto estes pequeninhos. Esses são semanais. Então tem gente que compra os quatro livrinhos por 6,90 e é uma leitura leve, você lê em dois, três dias. E os originais, normalmente, vêm muito grandes. Então o que a gente precisa? Então os nossos colaboradores não são apenas tradutores, eles são adaptadores. O que é uma adaptação? É você pegar o livro de 500 páginas e adapta-lo para 160, sem perder a essência da história. Então obviamente você reduz determinadas coisas. Porque dentro de um livro, começa a trama, e o livro geralmente, ele enrola um pouco, porque o autor, também quando vai trabalhar com uma editora, a editora certamente diz a ele tantos mil caracteres e ele tenha assunto ou não tenha tem que produzir aquele número de caracteres. Então você percebe que todo livro grande, quando você começa a ler, o miolo, o meio, ele começa a ser repetitivo. Tem uma parte que você já viu no começo, uma, duas, três vezes. E a gente coloca tudo isso. A gente menciona, a mocinha lá está apaixonada pelo mocinho mas ele ainda não disse que a ama. Aí vai, eles se encontram, e ela continua com aquele pensamento, ele não disse que me ama, e segue mais um pouco, e ela repete. Então são coisas como essas que nós cortamos. A gente menciona a primeira vez e depois deixa entender sem reescrever esse trecho. E os outros pedaços que a gente tem que reduzir, a gente faz uma adaptação, ou seja o tradutor escreve com as próprias palavras, ele resume em duas, três páginas, vamos dizer, dez, vinte páginas do livro. Então ele condensa, mas não perde a essência. Se você ler o original e o nosso, você vai ver que a trama, o esqueleto da trama, é o mesmo, o que muda é a forma como o autor escreveu e a forma como foi publicado no nosso livro, mas a essência é a mesma. E elas [as leitoras] ficam bravas, elas não querem isso. Mas essas são uma parte ínfima das leitoras da Nova Cultural.

#### **E elas querem o que?**

Elas não querem que condense. Elas querem pegar o original de 320 páginas e que seja feito inteiro, entendeu. Era essa a reivindicação. Mas infelizmente não dá. Por que se eu atender uma comunidade, a comunidade não representa 10% do meu faturamento. Eu não

vou abrir mão de 90% do meu faturamento em detrimento desses 10%. Então, vai continuar tendo a condensação. É óbvio que para aquelas histórias, o que a gente fez para agradar um pouco, porque a gente também não pode dizer a quem reivindica eu não vou fazer isso, então nós pegamos o Bianca, que é uma série pequena e tem feito muito sucesso, por que nós colocamos uma publicação de vampiros, fatos sobrenaturais, de lobisomens, e elas gostaram muito, então nós estamos aumentando o número de páginas de Bianca, para não ter que reduzir as histórias.

#### **Eu li no blog da editora que estaria aumentando o número de páginas de Sabrina...**

Por que eram 128 páginas, nós passamos 160, isso já foi. E agora Bianca também está aumentando, vai para 224 páginas. Então se tiver que ser reduzido alguma coisa da história, será muito pouco, quase imperceptível.

#### **E a série Julia?**

O Julia não, porque eu tenho o Clássico Histórico normal, que basicamente as histórias se passam na mesma época, e nesse as histórias são quase na íntegra, se você tiver que reduzir, é muito pouco. E Julia também é um histórico. Então não tem sentido eu ter dois clássicos do mesmo tamanho. Então eu faço o Júlia reduzido, para aquele público que não pode pagar 10,90.

#### **Uma das coisas que eu percebi é que várias séries que antes eram contemporâneas, como Julia e Bianca, passaram a ter enredos de época. Por quê?**

Por que a gente fez uma pesquisa e a gente percebeu que os históricos vendem mais em termos de Nova Cultural, que os contemporâneos. Já tem cerca de dois anos, um ano e meio que a gente começou a perceber essa fatia do mercado. Por exemplo, quando eu lançava um Julia Histórico, ele vendia muito mais do que o Julia contemporâneo. No começo [dessa experiência] era um contemporâneo, um histórico. E a gente começou a medir a venda. E com o tempo nós deixamos de publicar o contemporâneo.

#### **E isso é uma tendência de mercado?**

Sim... Primeiro foi a vinda da Harlequin para cá, por que ela dominou o mercado com o contemporâneo. Então quando ela veio pra cá eles [os leitores??] começaram a dividir entre Nova Cultural e Harlequin e começaram a comprar os contemporâneos da Harlequin. Então teoricamente, vamos dizer que foi um acordo tácito, nós pegamos a fatia dos históricos. A Harlequin não publicava, ela começou agora, mas é ... o nosso não, temos uma série semanal, uma quinzenal e uma mensal, que são históricos. Então a gente basicamente pegou esta fatia que são os históricos no mercado de séries.

#### **Como é feita a escolha dos textos que serão editados no Brasil?**

A trama você diz?

**Sim...**

Geralmente as editoras nos Estados Unidos mandam os originais pra gente, a gente faz uma avaliação do livro para ver se a história é legal, se a trama é envolvente, se tem enredo e enfim, se a história é boa, se é bem escrita, se é uma autora legal, daí a gente compra os direitos de publicar o livro aqui n Brasil. Sempre dentro daquela coisa do romance, porque a nossa leitora ela gosta de ter o casal principal, aquela coisa dos dois se conhecem, atam um romance e no final ficam juntos. Ela quer um romance com final feliz. E aliado a isso ela quer uma trama, um enredo, alguma coisa que prenda a atenção dela. Então dentro desses quesitos a gente escolhe os originais.

#### **E você vê uma diferença entre as leitoras brasileiras e estrangeiras?**

Existe. Por que a leitora estrangeira, lá independe se o final é feliz ou não.

#### **Você quer dizer nos Estados Unidos ou outros países?**

Nos Estados Unidos, a gente compra de lá. Basicamente você tem um casal central. Tem uma trama envolvente, alguma coisa que chame a atenção. Lá vende de tudo, livros de mistério, de assassinato. Aqui a gente está começando a inserir esses temas agora. Coloca um livro de mistério ou que não necessariamente o casal fique junto, isso nós estamos fazendo na série Sabrina.

### **Sem que o casal fique junto?**

É. A gente está fazendo assim. Lança um agora, lança mais quatro, cinco com finais felizes, daí lança um outro com final meio dúbio. Por que eu acho mais legal, eles também, porque deixa a leitora pensando com quem ela vai ficar? Eu acho que vai ficar com determinada pessoa. Deixa a leitora decidir, entendeu?

### **E qual está sendo a recepção desses livros?**

Vendeu bem, mas como elas não estão acostumadas, elas costumam escrever ou ligar perguntando se tem uma seqüência do livro, porque ela [a personagem] não ficou com ninguém.

### **É bem diferente...**

É, e eu estou editando uma esta semana que a trama envolve assassinato, um na moça que tem uma confeitaria, de repente de frente para a confeitaria dela, abre uma ela. E uma noite ela vê que a luz da confeitaria em frente está acesa e ela vai lá e encontra a dona está morta. E ela passa a ser a suspeita do assassinato. Então o envolvimento da trama é em cima disso. Nisso entra um investigador que vai trabalhar com ela, mas ela tem uma outra pessoa com quem ela tem um romance, que é um amigo, e ela começa a conviver com os dois. E no final, os dois estão apaixonados por ela, os dois a pedem em casamento, mas ela não se decide por nenhum. Então ela deixa assim com os dois: quando eu me decidir eu falo com você. Esse livro obviamente vai ter uma seqüência. Só que a autora, ela escreve muito, então você percebe claramente que ela que ela não quer dar um final para ela, porque cada livro que ela escreve vai ter o envolvimento destes três personagens. É marketing da autora, né, pra ela vender os livros.

### **A Nova Cultural costuma fazer pesquisas com suas leitoras. O que revelaram as pesquisas mais recentes? Em termos de trama, de novos lançamentos?**

A gente sempre faz perguntas no site sobre o que ela [a leitora] acha de determinados livros, de determinadas tramas. A gente faz também um acompanhamento de capas. Periodicamente a gente muda um pouco o formato das capas, as vezes colocamos casais, outras vezes vamos diversificando, coloca só uma pessoa na capa, então a gente faz aquela pergunta, se gostou da capa, teve livros que a gente lançou metade com uma capa, metade com outra e coloca a pergunta no site para saber qual ela preferiu. E em cima disso a gente vai direcionando. No caso de Bianca, por exemplo, de mistérios, era uma incógnita se venderia bem ou não. Então lançamos o primeiro e colocamos a pergunta no site, para ver se gostaram, o que acharam, e a resposta foi positiva. Então a gente começou a direcionar para isso. Então toda vez que você vai lançar alguma coisa diferente, dentro do livro, você lança e depois pergunta no site se a leitora gostou. Já o pessoal de marketing manda mesmo uma pesquisa, um encarte no livro e as pessoas respondem e recebem um livrinho, ou um brindezinho.

### **Recentemente também foram lançados pacotes de trilogias. Como se chegou a esse formato?**

Primeiro nós lançamos os livros normalmente. Depois que fizemos o recolhimento, esperamos uns três, quatro meses, daí juntamos todos e lançamos o pacote para aquelas leitoras que perderam um exemplar, ou querem ler a história completa. Às vezes por dificuldade de distribuição, ou outros, por uma série de fatores, a leitora não conseguiu formar a trilogia. Pensamos nesse pacotinho também porque é legal para você dar de presente. E para quem não conseguiu ou para quem teve e perdeu, emprestou.

### **A trilogia é um produto importante para a leitora...Inclusive no site da Nova Cultural há um ícone apenas para as trilogias..**

È, no começo a gente não tinha idéia de lançar trilogias. Daí começaram a aparecer esses livros, com personagens que aparecem num e noutro. E daí a gente começou a comprar. Mas isso é um problema pra nós, porque dificilmente a gente consegue os três livros. Porque às vezes você compra o primeiro, vê que tem seqüência, mas daí o segundo foi vendido para alguma editora. Porque os livros que são comercializados em livrarias não são comercializados em bancas. Então vamos supor tens alguns aí que eu já lancei e que tem a seqüência de livros e que algum desses alguma editora aqui do Brasil comprou para lançar em livraria. Então eu tenho que esperar o prazo desse contrato vencer para eu poder comprar esse livro. Enquanto este livro estiver sendo comercializado em livraria, eu não posso lançar em banca, porque eu vou brigar com o livreiro, eles odeiam esse tipo de coisa.

### **Qual o caminho do livro dentro da editora?**

O livro vem em inglês, a gente faz a análise se a história é legal ou não e você compra o livro.

### **Quem faz isso?**

Eu e a minha assistente. A gente lê todos os livros. Mas a gente lê o livro inteiro? Não. A gente percebe assim. Todo livro, do primeiro ao terceiro capítulo, ele desenvolve a trama. Tem os personagens, arma toda a trama do livro. O miolo é aquela enrolação que eu te disse. Você lê e diz, nossa esse livro não acaba mais. Então a gente lê os três primeiros capítulos, o miolo, que é onde tem a parte da sensualidade, que o casal já se conheceu e daí vai pra cama, a gente lê essa parte de sensualidade, de sexo, que é muito importante, você não pode cortar. Que a leitora quer essa parte de sensualidade no livro. E depois a gente lê os três últimos capítulos, que é o desenrolar da história. Quando você faz isso, fica muito pouca dúvida sobre o livro. (...) Então a gente faz essa parte da avaliação e compra o livro. Daí vem a figura do tradutor. Nós temos dois tipos de tradutores. O tradutor que é final, que o texto dele é final, ele entrega, eu coloco na máquina, dou uma editada, mudo alguma coisa que eu acho interessante o que eu acho que está pesado a gente dá uma amenizada, ou se ele cortou alguma coisa que a gente acha importante, a gente arruma, essa edição é feita com o texto traduzido, consultando o original. Esse é o tradutor final. Aquele que eu edito e não tenho nenhum problema quase. E tem o tradutor que é para copy. Esse tradutor é uma pessoa que faz a uma frase e não fica muito legal, ele não consegue dar um link legal na história. Ele deixa o livro como se fosse um manual de máquina de lavar...Tira completamente a emoção do livro. Não sei se é a maneira dele ver o mundo, enfim, a gente percebe que a personalidade do tradutor é passada no texto dele. Então aí eu preciso de um copydesk, que a pessoa que vai reescrever esse livro. Vai pegar aquelas frases que não foram bem feitas, aqueles pedaços que não foram bem linkados e vai trabalhar no livro. Aí tem a parte da edição. O livro vem com bastante erro, de português, de gramática, de digitação. Tanto do copydesk quanto do tradutor. Aí esse livro vai para a paginação e volta para revisão. O revisor é a última pessoa que trabalha no livro. Ele vai pegar a paginação, que às vezes fica aqueles pastéis, que é quando ficou faltando um s, um de, um que, alguma palavrinha que você esqueceu de por para dar link na frase. Daí tem as viúvas, que são quando fica uma letrinha só compondo uma linha, daí tem que dar uma mexida na frase para corrigir. Essa é a parte do revisor. Daí fica pronto para ir para a gráfica, para ser impresso.

### **Alguma vez você acrescenta alguma coisa no livro, ou ele é só cortado?**

Não, antigamente os livros vinham pequenos, não davam o número de caracteres. Esse de Júlia, por exemplo, precisa ter entre 250.000 e 270.000 caracteres. É o que cabe aqui. Então antes quando você traduzia, não chegava nos 250. Aí o tradutor tinha que aumentar esse texto, dentro da história. Mas isso não acontece mais, hoje os originais são muito grandes.

**Isso acontecia quando?**

Na época de Harlequin, que nós publicamos durante 20 anos. O contrato terminou em 2003. Eles vinham pequenininhos. Agora uma vez ou outra você recebe um livro pequeno. A maioria é grande.

**Como são selecionados os tradutores, os copydesks?**

A parte do copydesk é mais complicada, porque na verdade ele é um adaptador.

**Ele precisa ser uma pessoa que escreva também, não é?**

Exatamente. Então a ferramenta dele é o texto. Ele não pode mudar o que está escrito ali, ele tem que escrever com outras palavras a mesma coisa que está na tradução. Ele não pode mudar nomes, nem lugares, nem o que aconteceu. O que ele pode fazer é, se o tradutor colocou uma realidade muito pesada, crítica, ele pode amenizar, mas sem mudar o contexto da história. O revisor só mexe na acentuação, pontuação, ele não mexe no texto.

**E como você acha um copydesk?**

É uma figura difícil, geralmente eu tenho algumas pessoas que trabalharam conosco no passado, que têm facilidade par escrever e que saíram daqui por um motivo ou outro e quiseram continuar trabalhando com texto. E neste momento, por exemplo, não temos mais ninguém, então estamos fazendo aqui.

**Na parte editorial, o que mudou para você a chegada da Harlequin no Brasil? Teve que mudar alguma coisa?**

Não. O mercado é grande, ninguém briga com ninguém. Como eu já disse, por um acordo tácito, nós ficamos com a parte de históricos, eles com contemporâneos, então não mudou.

**Mas eles vão lançar a partir de agora os históricos quinzenais...**

É, mas como eles começaram com os contemporâneos e não teve problema, acho que com os históricos também não.

**A Harlequin lança algumas autoras que as leitoras gostam muito. Como concorrer com isso?**

São autoras que vendem há muito tempo, são conhecidas. Nora Roberts, então elas gostam.. Mas não temos porque esses autores são exclusivos da Harlequin.

**Que editoras vocês estão publicando hoje?**

Temos Martin, Kensington e Harper Collins.

**Quando vocês mudaram o fornecedor de textos, saiu a Harlequin, eu percebi na Internet muitas leitoras reclamando. Vocês estavam publicando só a Kensington. Vocês passaram a publicar outras editoras por causa dessa insatisfação?**

Foi. Por que a Kensington publica autores que estão começando no mercado editorial agora. Tem alguns autores que já são bons. Nós fizemos Hannah Howell, Jo Goodman, eles tem alguns autores bons. Mas a maioria são autores que estão começando. Então as histórias são meio fraquinhas. E a gente percebeu isso por isso abrimos o leque para outras [editoras].

**Existe uma diferença de estilo ou de conteúdo entre os textos das diferentes editoras?**

Não, varia mesmo de autor para autor.

**E de quando vocês publicavam a Harlequin para agora?**

Não, só de autores. A trama é tudo a mesma coisa. Tanto faz você pegar um Kensington, um Harper, um Harlequin, você vai ver você lê três livros, cada um de uma editora, e que é o

mesmo jeito, aquele romance com casal central e só, o que muda um pouco a trama é de acordo com o autor.

**Que imagem a Nova Cultural quer passar para a sua leitora como editora? Que editora ela quer ser?**

O objetivo da Nova Cultural é levar a leitura para um público que tem menos poder aquisitivo, que não pode pagar 50, 60 reais num livro de livraria e adquirir uma leitura boa com um preço bem menor, entre 6 e 10 reais. Então é isso. Ter cultura com um preço acessível.

**Qual é o perfil atual das leitoras?**

Nós temos de tudo, desde aquela pessoa mais humildezinha até médicas, psicólogas, secretárias, advogadas. Começa dos 14, 16 anos e vai até 60, 70 anos.

**Esse perfil mudou nas últimas décadas?**

Não, acho que não. A gente tinha medo que envelhecesse o público, que a garotada não se interessasse pelos romances, mas pelas pesquisas a gente recebe bastante e-mails de meninas de 14, 15 anos que adoram romances. Que começaram a ler porque a mãe lia, então é uma coisa que você percebe que vai passando geração.

**E como conquistar novas leitoras?**

Esse é o problema, é o desafio da Nova Cultural. Nós já pensamos em lançar, por exemplo, uma leitura teen, para essa meninada que está vindo aí. Há esse projeto mas a gente ainda está com receio se será bem aceito ou não.

**Qual a série que hoje tem maior venda na Nova Cultural?**

Clássicos Históricos Especial, que é o medieval, e Clássicos Históricos normal. É relativo, porque esses aí são quinzenais. O Julia, que é o histórico pequenininho, é semanal. Se a gente for juntar no mês, o Julia passa um pouquinho os clássicos, porque ele é bem baratinho.

**Qual é a tiragem atual das séries?**

12 mil exemplares, cada série. Nós temos um acordo com a gráfica então a gente lança todas as séries com 12 mil exemplares.

**Depois do boom dos romances Sabrina, Julia e cia nos anos 80, muitas pessoas sequer percebem que os romances sentimentais continuam a circular hoje no Brasil, inclusive com crescimento do mercado editorial, lançamento de novas séries, entrada de novas editoras. Você concorda que isso acontece? Se sim, por que você acredita que exista essa “invisibilidade”?**

Eu concordo. As pessoas ignoram esse tipo de leitura porque isso elas têm na cabeça deles que romance é uma leitura pejorativa. Por ela ser uma publicação barata, acham que é um público de menos poder aquisitivo, menos cultura, que tem acesso a esse texto. E na verdade não é. A gente vê situações em que psicólogas indicam os livros para clientes, quando elas estão com problemas de relacionamento indicam essa leitura, é uma maneira de se desprender um pouco, ver as coisas de forma diferente. Você percebe que a faixa de nível cultural é crescente. Mas tem aqueles que quando falam de romance acham que é aquela leiturazinha básica, que não te acrescenta nada, e na verdade não é isso. Você aprende muito com as histórias, principalmente os históricos, aprende bastante, fica sabendo sobre guerras, sobre eventos, você conhece lugares, costumes, então na verdade é uma leitura de conhecimento, e as pessoas infelizmente ainda não acreditam nesse tipo de leitura. É o tipo que só lê livros de auto-ajuda e acha que isso é que é leitura que faz você crescer. E na verdade não é.

**Peça sua experiência na área, que futuro você vê para os romances no Brasil?**



Acho que é uma crescente, sabe por quê? O poder aquisitivo está aumentando, mas é complicado, você vai numa livraria e por menos de 30 reais você não compra um livro. E acho que a tendência é o pessoal migrar para essas leituras que são mais acessíveis. A gente vê que está aumentando o número de leitoras. Elas falam, ah, eu não tenho condição de pagar o livro de livraria, eu vou banca e eu tenho uma leitura tão boa quanto. Porque numa livraria com 50 reais você compra um livro por mês. Na banca, você lê quatro por mês. E as histórias não deixam a desejar. Você já leu alguma? Tem muita história boa.

**Uma entrevista que eu tenho recortada, da editora Janice Florido na Gazeta Mercantil, revelou que a Nova Cultural tinha intenção de reposicionar os romances no mercado, de forma similar aos que a Alpagatas fez com as sandálias havaianas, ou seja, apresentando os romances como literatura de entretenimento de qualidade. O que foi feito desde então para atingir esse objetivo? Como está o posicionamento de mercado do produto hoje?**

Eu acho que ainda falta um pouco para chegar nesse patamar. Já melhorou muito.

**Em que sentido?**

Esse preconceito, que às vezes você encontrava quem dizia, isso é leitura de empregada doméstica. Isso não existe mais. Essas meninas do Orkut que eu recebi semana passada, têm inglês fluente. Elas lêem os livros tanto em inglês quanto em português. (...) Então as pessoas têm um nível cultural e são fãs dos livros, independente do fato de ter menos poder [aquisitivo] ou não

**E para essa mudança, a Nova Cultural trabalhou nesse sentido?**

Trabalhou sim, porque a gente mudou bastante o estilo das histórias. As tramas estão mais envolventes, antigamente você via que nada acontecia, tinha uma personagem central, aquela coisa se conheciam, se gostavam e acabavam se casando, não tinha um pano de fundo. Hoje é o contrário. O que domina no livro é o pano de fundo, e o casal faz parte dessa trama.

**Isso acontece quando existe um fato histórico, não é? Não estaria aí o motivo da preferência das leitoras pelos “históricos”?**

Também. Se bem que tem histórico que você lê e é uma leitura super gostosa, envolvente, e você só percebe que é histórico porque está escrito lá no começo do livro que é de 1800. Mas o tratamento que o autor dá é tão moderno, solto, coloquial, que você nem percebe. É um outro tipo de trama, de intrigas entre famílias.

**Houve uma grande mudança entre o que era escrito na década de 70, 80, quando Sabrina se tornou uma coqueluche, e hoje. Como foi essa mudança?**

A gente faz pesquisas de mercado. E elas mesmas mandam cartas e e-mails pedindo mais sensualidade. Então você precisa colocar. Na verdade sempre teve. Na década de 80 tinha alguma coisa, era comentado, pra não deixar uma coisa tão seca. Depois começaram a descrever mais explicitamente as cenas de sexo e o pessoal se chocava um pouco quando você traduzia na íntegra e então a gente começou a amenizar. Na década de 90, por aí, a gente começou a amenizar essas cenas que eram muito explícitas. Só que depois elas foram mandando e-mails que queriam uma coisa mais picante, e a gente vai colocando, conforme elas vão pedindo a gente vai alterando. Então às vezes a gente publica um livro e recebe e-mail reclamando que está muito pornográfico, e a gente dá uma amenizada, conforme elas pedem.

Nós temos uma série, a Sabrina Sensual, que era mais sensual, histórias envolventes, mas era escrito de uma forma amenizada. A gente acha que o nome sensual atrapalhava um pouco as vendas. Porque em banca tem aquela coisa, você conhece o jornaleiro, então a mulher fica um pouco reticente de ir lá e comprar, o que o cara vai falar. Temos o Mirela que também era uma série mais picante, que também não ia [para frente]. Então depende da

capa, se você coloca um homem numa cena de mais sensualidade, você percebe que vende pouco. Então tem que tomar cuidado com esse tipo de coisa.

**Então não é só o que a pessoa vai encontrar ali, mas a imagem que ela passa**

É, existe um preconceito (...). É, mais ou menos como ir à farmácia comprar preservativo.

**Eu li as consultas que a editora faz para as leitoras no site. Como essas respostas influenciam na estratégia de escolha do texto?**

A gente faz uma contagem, um percentual. Se quatro pessoas reclamarem de algo, não significa nada, mas se trinta reclamarem, aí a gente já se preocupa.

**Existe a possibilidade de a concorrência postar coisas? O que você acha disso?**

Acredito que não. Porque além do site, elas [as leitoras] escrevem cartas, ainda, ou ligam. Se você for pensar em termos de concorrência, não faz nada, não trabalha. E vê o que é viável, para fazer o que as leitoras estão pedindo. Essa coisa de Julia e Sabrina não é viável comercialmente. Então você pondera tudo.

**Qual a posição da Nova Cultural diante do comércio paralelo de livros usados?**

Isso é complicado, nós somos concorrentes de nós mesmos. Além das bancas e sebos, agora tem também os e-books. Elas próprias [as leitoras] traduzem, então é jogo duro. A gente pode comparar com o DVD pirata, não dá pra concorrer, é complicado, porque você batalha, trabalha, e de repente alguém coloca seu livro lá de graça, na Internet, para você ler. E vai fazer o que? Isso está em todo lugar, nos DVDs.

**Você acha que isso leva a reduzir as vendas dos livros?**

Reduz sim. O sistema de trocas de usados também atrapalha muito a gente. Mas isso é uma coisa que não tem como combater.

**Você trabalha nesta área há bastante tempo?**

Na área editorial há quatro anos.

**Percebeu alguma mudança de mercado nesse período?**

Eu acho que a leitora está ficando mais exigente. Conforme você vai colocando no mercado tramas mais envolventes, elas já não aceitam aquelas historinhas mais simples, que não levam a nada.

**A que você atribui a popularidade desses romances entre as leitoras?**

Acho que é uma leitura fácil, que não te leva a pensar muito, tipo livro de auto ajuda que te faz ficar conjecturando sobre coisas. Então se você quer um momento de lazer, é uma historinha gostosa, que te transporta para outro lugar, sem te preocupar, deixar dependente de determinadas coisas, ter que pensar. É uma leitura de lazer, uma leitura gostosa. Quem não gosta de pegar um livro numa tardezinha de domingo, quando não tem nada pra fazer, e ler? Acho que é isso.

**Há quem diga que quem vai ler os textos mais sentimentais são pessoas frustradas...**

Não, eu não vejo dessa forma.

**Que seria uma compensação para a vida real...**

Não acredito nisso. Acho que é mais por uma horinha de descontração. Não que te leva a fugir da realidade. É mais por prazer mesmo.

**Antes de trabalhar na Nova Cultural, você era uma leitora [das séries]?**

Não...eu era uma leitora de best-sellers de livros para livrarias. Eu lia todos. Daí eu recebi o convite para ser editora. E eu confesso que eu tinha um pouco reserva sobre esses livros.

**No que você trabalhava antes**

Eu trabalhava em auditoria. Comecei a ler de verdade [as séries] quando eu comecei a fazer as edições. Daí eu vi como eu estava enganada com relação aos livros. Como eu era bitolada com relação à leitura.

**Quantas pessoas trabalham na produção de romances na Nova Cultural.**

Oito pessoas, oito mulheres.

**E na tradução...**

Tradutor nós temos um homem. E temos um que faz copy, o Roberto Pelegrino, que já foi editor.

**Ele foi citado por uma leitora, lembrando das cartas que ele publicava nas edições**

É, as cartas do Roberto...

**E como é escrever essas cartas hoje? Você mesma escreve?**

Dá um trabalho... Antes a gente falava sobre os romances. Depois veio uma ordem aqui dentro pra gente falar mais de marketing, falar das séries, aí não gostaram, elas reclamaram, que não era isso que elas queriam encontrar nas cartas da leitora. Queriam uma coisa mais pessoal. E a gente voltou a falar dos romances, fala da história, para localizar ela sobre aquilo que ela está comprando e a gente já dá uma idéia que é uma coisa gostosa de ler, que ela vai adorar. E elas dão muito valor a essa cartinha. Às vezes a gente faz uma comparação com a vida real, daí já dá um sonho, uma esperança.

**E as opiniões de leitoras que são publicadas agora?**

Agora a gente pega de site, de leitora que já leram o livro. De sites especializados, ...

**E como são esses sites, essas publicações são só sobre romances?**

São revistas sobre romances. A Romantic Times é sobre romances.

**E esse selo de Best-seller de Melhores Autoras do New York Times, que ilustra os livros, como surge....No New York Times, tem uma lista de melhores autoras de romances ou envolve todos os tipos de livros?**

Envolve todos. Isso quando a gente compra o original, já vem lá. É um selo das autoras mais vendidas. Nós estamos publicando a série Best-seller só com essas autoras indicadas pelo New York Times.

**2. ENTREVISTA COM CRISTIANE DE MUTÜS, GERENTE DE MARKETING DA NOVA CULTURAL.****Como é feita a divulgação das séries?**

Depende do nosso objetivo. De modo geral, nossas leitoras conhecem o produto e isso acaba passando pelo boca a boca. A gente faz ações pontuais, em ponto de vendas, assessoria de imprensa, material promocional, anúncios em revistas femininas, ações mais focadas.

**O que é feito em ponto de venda?**

A gente pode fazer uma ação com o público que está habituado a comprar em banca de jornal, a gente faz uma ação de incentivo à compra de romance. Se você vai à banca em

busca de um produto, opte por um romance e não por uma revista feminina. Campanha de TV? Não, porque de modo geral no mercado editorial, não só no de banca, mas de livros, dificilmente você vê campanha de TV, a não ser em fascículos. A própria Nova Cultural, quando lança uma coleção, faz a campanha para estar alavancando a venda de coleção que vai durar de seis meses a um ano. Mas o romance, que já é um produto de linha, a conta não fecha. Como as tiragens são menores no Brasil, a conta não fecha, porque a TV é muito cara.

#### **Quando você fala em incentivo à compra, você quer dizer o que?**

A gente tem várias maneiras. Podemos fazer ações nas praças, por exemplo, em Curitiba tem o Fernando Ghignone, que é o distribuidor, e podemos fechar uma parceria e aí alguém de lá vai entrar em contato com as rádios, olha quem leu a Bianca, tal edição, ligar para a rádio e disser o nome da personagem, vai ganhar um brinde. Na banca, temos desenvolvido displays, cartaz de banca, o que a gente chama de reprint, que é a reprodução da capa e que geralmente fica na vitrine. Porque, não sei como está em Curitiba, mas em São Paulo, a gente tem a Lei Cidade Limpa onde você não pode colar cartazes, pode exclusivamente fazer decoração de vitrines e não são todas as bancas que têm. A gente também faz minibanners, móveis, vai depender do que a gente está querendo comunicar naquele momento.

#### **Em Curitiba, eu estou pesquisando há algum tempo, e nunca vi nada em termos de promoção em ponto de vendas.**

Em Curitiba não temos feito muita coisa. De modo geral, a região Sul está muito complicada de fazer qualquer tipo de ação promocional. Paraná nem tanto, mas Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sim, por causa de problemas divisa dos Estados. Vamos supor que eu tenha uma edição que tenha um brinde... Acontece que tem publicações que trazem um DVD e você tem um produto editorial muito pequenininho, na realidade estão vendendo o DVD e os livros e revistas são isentas de ICMS e na barreira fiscal pega muito por causa disso. Então a gente tem problemas com brindes, se são feitos de outro material, porque eles apreendem, multam. Então São Paulo, Norte e Nordeste a gente faz mais.

#### **Qual a estratégia do marketing para as séries hoje? Houve mudanças em relação ao que era feito no passado?**

Sim, as séries mudaram, têm novos direcionamentos. Criou-se uma especificidade maior para cada série. Então obviamente, a gente tenta explorar essas diferenças quando você está se comunicando com a leitora. Fora isso, de 2004 para cá, nós temos a entrada de um novo concorrente. Durante muitos anos, mais especificamente durante trinta anos, reinamos sozinhos. Tivemos poucos concorrentes. Julia, Sabrina e Bianca é sinônimo de romance.

#### **Você lê Sabrina, não importa qual seja a série...**

Isso, Históricos, exatamente... É mais um caso em que a marca de torna o nome da categoria. E aí a Harlequin acabou se especializando nos contemporâneos e a Nova Cultural voltou seus esforços para os históricos. Então a nossa linha tem mudado. A gente também prima por qualidade de tradução, a gente é muito cuidadoso. As leitoras, nas comunidades do Orkut, reconhecem isso. Então a gente acaba usando isso na comunicação, sim.

#### **A equipe de marketing costuma acessar essas comunidades?**

Nossa estrutura é assim: tem eu, que sou gerente de marketing, tem a gerente de produto e uma assistente de produto. Na empresa só a máquina da assistente é liberada para acesso ao Orkut e aí ela entra e vê o que de mais importante está acontecendo.

#### **Qual comunidade é acessada?**

Eu, quando estou em casa, eu costumo ver mais a Adoro Romances. E dou uma zapeada lá e vejo o que está acontecendo, o que estão falando. Nós fazemos pesquisas quantitativas e

qualitativas e nas últimas pesquisas quantitativas percebemos que nosso público estava muito mais na faixa dos 25 aos 35 anos, algumas pessoas até diziam que o nosso público estava envelhecendo. Quando você acessa o Orkut, você percebe muitos jovens lendo e esse público não aparecia com muita frequência, com significado, nas pesquisas. Fora que facilita muito. Hoje você posta uma pergunta no site ou no blog você tem uma resposta muito rápida. Obviamente, tem que ter muito mais cuidado com o que você vai fazer.

### **E de que forma você utiliza as informações colhidas?**

De modo geral, a Internet tem uma resposta rápida, ela ns dá indícios que devem ser investigados, mas cuidadosamente. Mas as pesquisas, qualitativa e quantitativa, ainda são as nossas ferramentas de decisão.

### **Como são feitas essas pesquisas?**

A quantitativa é geralmente através de um encarte na própria publicação e a gente vai tabular de acordo com a venda por região. Então se eu vendo X na região Nordeste, vou ter que ter uma amostra representativa X naquela região para validar a pesquisa e para dar equilíbrio. Na qualitativa, a gente está fazendo em São Paulo, mas é uma luta você achar uma pessoa dentro de perfil, que não tenha nenhum viés, para se reunir com outras pessoas e dar informações pra gente.

### **E as perguntas que são postadas na Internet?**

A gente coloca, mas a Internet não dá pra fazer estatísticas. Porque quem garante que você não entrou lá e respondeu cinco vezes a mesma coisa? Então é o que eu falei, ela é um indício, ela aponta um caminho para uma investigação um pouco mais cuidadosa e precisa.

### **Como é a interação da equipe de marketing com a equipe de edição?**

Tem que ter uma sintonia muito afinada, porque nós precisamos vender aquilo que elas produzem e elas precisam produzir o que as leitoras querem. Então teoricamente nós somos a ponte entre o que o mercado quer e o que vai ser produzido. Então a gente precisa municiá-las de informação o tempo todo, apesar de também com a Internet hoje essas informações chegam mais facilmente para elas através de e-mails, mas aí a gente traz então as ferramentas estatísticas para que um comentário feito por uma leitora não influencie, pois às vezes não representa o que o mercado quer.

### **O que fala mais alto, o que é produzido ou o que as leitoras querem?**

Acho que hoje em dia, as leitoras têm acesso à Internet, o acesso às informações é muito mais fácil e rápido. Então se a gente fosse comparar com trabalhar com romances dez anos atrás, as leitoras brasileiras tinham meio que engolir o que a gente colocava no mercado. Elas não tinham muita alternativa, não é todo mundo que dominava uma segunda língua, que viajava para conhecer o que tem lá fora, então era o que tinha disponível. Hoje elas entram na Internet, vão no site das editoras americanas, pesquisam, pedem. Essa interação é muito maior. Então eu diria que o principal objetivo da editora, do editorial e do marketing, é atender o anseio dessa leitora porque isso se reflete em venda. A gente tenta na medida do possível atender a esses desejos.

### **De quanto em quanto tempo você fazem essa pesquisa quantitativa?**

Essa pesquisa é cíclica, o ideal é a gente não passar muito de quatro anos. E agora o mercado tem mudado com muito mais rapidez, mas a pesquisa é um investimento muito caro. Você imprime muito, geralmente é carta resposta, se você usa Internet você acaba filtrando um pouco o perfil de poder aquisitivo, o que não é muito legal, o ideal é carta-resposta. Então você tem tabulação, separada por região. A pesquisa qualitativa para você tem que ter um atrativo, para que a leitora venha, são investimentos pesados. Mas a gente costuma fazer de três em três anos. A última foi em 2005. Devemos estar fazendo alguma coisa este ano. No meio do caminho, a gente faz pesquisa em Internet, algumas coisas soltas no próprio livro.

**Nesta de 2005 houve alguma revelação, algo surpreendente?**

Não. Eu tenho aí guardadas pesquisas desde 90, eu nem lembro. De modo geral o perfil não muda muito. O hábito de compra também não muda muito. Geralmente elas vão uma vez por semana à banca, lêem mais de uma série, na medida do possível, podemos definir as leitoras como heavy, medium e light. São os termos que a gente classifica. A heavy é a leitora enlouquecida, extremamente fiel, lê mais de oito livros por mês. A medium lê cerca de cinco livros por mês e a light não é tão fiel, lê um livro por mês ou de forma esporádica. As pesquisas continuam mostrando uma leitora da classe BC, de 25 a 35 anos, 55% delas trabalham fora, casadas, lêem outras coisas, ou seja, se você for olhar o perfil de uma revista feminina, como Cláudia, é muito parecido.

**Eu conversei com a Leonice, sobre o reposicionamento dos romances de forma similar à marca Havaianas, numa entrevista da editora em fevereiro de 2005. O que foi feito desde então para que isso acontecesse?**

O que a gente buscou nos últimos anos foi trabalhar o produto editorialmente, a qualidade e excelência editorial, não que não tivesse antes, mas com a entrada da Harlequin no mercado, a gente precisou se voltar muito mais internamente, olhar o produto, o que o mercado precisava, qual o espaço que poderíamos ocupar, do que sair atirando. Até porque quando você fala de romances, quando você fala de Sabrina, Julia e Bianca, não existe muito uma diferenciação, é sinônimo de categoria, quando eu faço uma campanha pra mim, eu estou beneficiando o meu concorrente também. Então a nossa estratégia foi um pouco diferente, foi mais estar nos recolhendo, acompanhar o que ia acontecer com mercado, como nós iríamos nos posicionar perante as leitoras e para ver o que vinha e a partir daí começar a trilhar novos caminhos de comunicação. É o que ainda estamos fazendo.

**Você está utilizando assessoria de imprensa?**

No momento não, mas foi utilizado bastante.

**Eu percebi de 2005 para cá de forma forte, várias matérias sobre a leitura de romances. Como a assessoria trabalhou, qual era o objetivo?**

O objetivo da assessoria é exatamente levar a categoria romance para uma pauta para tentar quebrar o bloqueio do preconceito. Quando a Janice falou, lá atrás, sobre Havaianas, isso é um chinelinho, era sinônimo de uma coisa barata, vagabunda, que a partir do trabalho que foi feito, nos últimos anos, hoje está na moda de novo. Era uma coisa muito popular, e conseguiram quebrar esse preconceito. Foi isso que foi feito na assessoria. Mas isso é um ciclo, porque senão você começa a repetir os veículos e aí você não consegue mais encaixar as pautas. Geralmente a gente consegue pauta de comportamento, sobre a leitora de romance, muito mais do que sobre o benefício que essa leitura vai trazer. A gente fez uma época por um período de mais de um ano, em que a gente trabalhou pesado, vários veículos, várias pautas, desde Gazeta Mercantil, de economia, propaganda e marketing, mercado, como está vindo esta leitora, até pauta de comportamento, é um vício, elas são apaixonadas, existe preconceito, quem é que lê. e mostrar um pouquinho a cara da nossa leitora média pra quebrar esse preconceito.

**E o resultado?**

Em termos de vendas, não dá pra perceber, porque foi um período de acomodação, com a entrada do concorrente. Mas eu acredito que foi positivo, muita gente que não via romances há alguns anos, ouviu falar em romances de novo.

**Tem gente que nem sabia que ainda era publicado...**

È engraçado. A gente teve uma mudança muito grande no comportamento de compra do canal de vendas, das bancas. Se você for comparar o volume de compras nos últimos anos,

o canal tem perdido e direcionado para assinatura. A gente vende um livro num canal de revistas e jornais.

### **Qual a relação entre o que é vendido em banca e em assinaturas?**

A gente não tem uma política tão agressiva em assinaturas como tem por exemplo a editora abril. A assinatura é muito mais um serviço para a leitora, mas é um canal que pode ser trabalhado. Porque o comportamento do leitor está mudando. Por exemplo, numa cidade como São Paulo, tem questões de segurança, trânsito, local para parara, as pessoas usam pouco transporte coletivo, porque não funciona, e isso está muito relacionado à leitura. A gente até brinca, por que o brasileiro lê pouco, porque quem pode comprar livro não anda em transporte público e não tem muito tempo para ler. Este tempo no transporte coletivo, lá fora por exemplo, todo mundo no metrô tem seu livrinho. E a gente não tem esse hábito em função da nossa malha [viária].

### **As bancas compram os livros?**

As bancas não compram, têm consignação, mas o volume de um modo geral já não é o mesmo de anos atrás. Existe aí um gap que ninguém consegue me explicar. O romance sumiu da cabeça as pessoas durante um período. O que aconteceu, eu não sei. Eu já perguntei para as pessoas mais antigas que trabalham na editora, o que aconteceu e ninguém sabe me dizer. A gente tinha um produto que era extremamente conhecido, como as fotonovelas durante um período, e de repente a gente deixou de ter aí uma estrela dentro do mercado, passou a ter um outro papel, e agora começa a surgir como uma leitura mais valorizada, até porque a leitura está sendo mais valorizada porque existem políticas de governo, etc e tal. Agora porque durante um período eu não sei responder. É um buraco.

### **E agora está ressurgindo?**

Com certeza. Até em função da vida moderna. A leitura de romance deixa de sofrer um pouco o preconceito da leitura boba, como uma leitura necessária para a saúde mental das pessoas, porque na realidade é uma leitura que proporciona um certo escapismo, você consegue se distrair, uma literatura de entretenimento. Há pouco tempo atrás a gente tinha um preconceito contra a literatura de entretenimento. de um modo geral, não só de romance, tudo era bobagem. Até surgir os harry potter da vida, né.

### **Você acha que esse ressurgimento tem a ver com a entrada da Harlequin no Brasil?**

Não, acho que esse movimento vem devagar, nos últimos anos, e acredito que até esse movimento trouxe a Harlequin para o Brasil. Porque se você for analisar, o que a gente vive no Brasil, apesar das nossas dificuldades, de livro quando você tem uma queda da economia é a primeira coisa que cai de vendas, é um mercado muito sensível à vida econômica do país. As dificuldades que nós temos no Brasil, a Harlequin teve no mundo, porque antes de vir sozinha, Harlequin vinha através de nós. Durante 20 anos a Harlequin foi nossa parceira, ela entrava no mercado via Nova Cultural. E A nova Cultural participava dos encontros delas, dos licenciados no mundo, onde ela atuava e a gente via situações muito parecidas. As pessoas mais jovens já não lêem tanto, o volume de vendas sofreu queda ao longo dos anos e assim por diante. Acho que o fato de a gente ter um país grande, onde as taxas de leitura são pequenas em relação ao potencial, , acabou atraindo a Harlequin, tipo vamos atuar direto quem sabe a gente não vai conseguir fazer melhor do que eles. Mas não necessariamente, porque o mercado que a gente lida tem alguns limitantes. É muito mais difícil de trabalhar. É diferente de você vender creme dental, que é um item de primeira necessidade e vender um livro.

### **E o que influencia nisso?**

Poder aquisitivo. E hoje acho que surge uma questão nova, que é o tempo . Óbvio que não é linear no país inteiro. A gente tem as grandes cidades com um perfil de leitora diferente. Acho que quando soltarmos a nova pesquisa a gente vai ter que ficar muito atento a este

hábito de leitura, não só hábito de compra, mas hábito de onde você lê, quando você lê, quanto você lê e com certeza isso deve aparecer diferente entre capital e interior.

### **A estratégia de marketing da Nova Cultural mudou a partir da chegada da Harlequin?**

A gente teve um processo, não de encolhimento, mas a gente procurou trabalhar mais as nossas expertises para quando sair para o mercado, sair muito mais forte com um produto. Eu diria que o marketing também olhou para dentro. Então a gente está muito mais numa fase de saber o que a leitora quer e como atender esse desejo, que é próprio de reposicionamento quando você tem uma nova concorrência, do que olhar para fora. Então mudou? De certa maneira sim.

### **E o mercado de romances mudou?**

As leitoras ficaram mais críticas. Isso é uma coisa que a gente vê muito no Orkut. A tradução disso ou daquilo, acho que a exigência delas ficou maior. “Agora eu tenho o que comparar”...Eu tinha um produto que se definia, agora elas conseguem falar “eu quero comprar a Nova Cultural, ou eu quero comprar Harlequin”. Uma é melhor nesse ponto, outra é melhor naquele ponto, o formato de uma isso, de outra aquilo. Tem coisas ainda muito parecidas, mas acho que o grande diferencial é a qualidade editorial.

### **Qual a imagem que a Nova Cultural quer passar?**

Qualidade editorial. É um livro de entretenimento, mas um livro que abre as portas do mundo da leitura, um livro de qualidade. Com o mesmo carinho que a gente tem com uma edição comemorativa de 100 anos de Machado de Assis, é o mesmo carinho, o mesmo cuidado, o mesmo profissionalismo, que a gente tem com cada um dos quase vinte lançamentos por mês.

### **Como conquistar novas leitoras?**

Esse é um desafio não só da Nova Cultural, mas de todas as editoras. É um movimento grande que tem vindo, o governo tem participado, ele tirou o PIS e Confins dos livros, essa é uma lei chamada Pró Livro, para que a gente consiga ter essa cadeia produtiva e conseguir sobreviver com preços e tiragens melhores. A gente vai conseguir crescer não só quando conquistar novas leitoras para romances. Vamos conseguir ter novos leitores quando a gente tiver uma educação melhor, uma economia mais estável, aí a gente cria essa base e pode pensar em categoria. E enquanto isso o desafio é manter o que a gente tem e tentar um pouquinho a mais, aproveitar cada bolha de euforia que o país vai melhorar este ano, as pessoas têm um dinheiro a mais...

### **Como a venda dos livros se comportou depois da chegada da Harlequin?**

O mercado de romances acompanha o mercado de revista femininas. Quando um cai o outro cai na mesma proporção. Quando a Harlequin entrou a gente teve uma quedinha de vendas, mas que se estabilizou logo em seguida. Foi uma coisa pontual. E se estabilizou no novo patamar. Não vou dizer que a Harlequin entrou e o mercado dividiu, não. A maioria das leitoras lê as duas. Estatisticamente é o que dá pra falar. Mas a gente teve uma quedinha sim.

### **A tiragem de 12 mil é suficiente?**

Acho que 12 mil é o nosso mínimo, acho que temos algumas séries com tiragens maiores.

### **Isso é um número significativo...**

É quando você pensa em livro, quando você pensa em revista, não. A gente está no mercado de bancas, onde você tem um Veja que vende quase um milhão de exemplares entre banca e assinatura. Então se você disser que 50% do público de Veja é feminino, você tem aí 500 mil leitoras. Ou se você pensar na população feminina alfabetizada brasileira, estatisticamente, você vê que a gente tem muito a conquistar.



**Essa é o desafio..**

Exatamente, que não é um movimento que dá pra fazer sozinho, é um movimento que você tem que se aliar. Obviamente, tudo o que a gente faz institucionalmente relacionado à leitura é válido e até mesmo outros tipos de leitura. A gente quer que as pessoas continuem lendo, que passem menos tempo em frente ao computador.

**Hoje a Internet, além da televisão, compete com a leitura**

Por isso eu digo que não é uma coisa só de romance, é mais institucional. Todas as editoras estão se movimentando em torno dessa grande questão: como vai ficar a leitura no papel. As revistas já tem uma versão on line, com características diferenciadas, a gente vive um momento de transição. Você tem não só o desafio de vender o produto, mas estar atento às mudanças de comportamento.

**Vocês pensam em vender e-books?**

A gente pensa sim, mas não é para agora.

**Vocês vão estar na Bienal? Por que essa participação?**

Vamos sim. Vai ser em São Paulo, em agosto. Vai ser uma surpresa...É importante estar lá porque os leitores estão em busca de novidades.

**Existe a intenção de colocar os romances ali ao lado, no mesmo patamar, de outras literaturas?**

Também. É uma feira específica de quem está interessado em ler, e de negócios também. No Brasil a gente tem pouquíssimas livrarias, tem 32 mil bancas de jornal e menos de 2000 livrarias. Então você tem gente de toda espécie lá, daí é importante marcar presença, até de repente para aquele público que não sabia que romance existia, que Julia Sabrina e Bianca estavam no mercado, vai vê-las lá ao lado de todos os outros livros. Ler é uma coisa politicamente correta, se você for perguntar, você lê, mas não necessariamente todo mundo faz, mas todo mundo vai a Bienal nem que seja para levar os filhos para quem sabe, se eu não leio, ele vai ler.

**Obrigada pela entrevista...**

Espero ter ajudado e estou à disposição caso haja qualquer dúvida.

### **3. ENTREVISTA COM MÔNICA MALDONADO, CAPISTA DA ÁREA DE ROMANCES DA NOVA CULTURAL**

**Como é que você escolhe qual é a capa que vai para cada livro?**

As capas elas são feitas de acordo com a história, então, por exemplo, as capas não contemporâneas a gente tem um briefing da história, onde você tem as características dos casais, do cenário, a época, né?! Então...

**Não pega o original do inglês?**

Algumas a gente pega, porém, nem todos os originais se adequam aos nossos padrões, por exemplo, às vezes as capas originais são em formato de desenho. Então, a gente recebe briefings. As capas que são contemporâneas eu uso banco de imagens, então são aquelas fotos da linha de Sabrina, ta, que são mais contemporâneas. Quando a capa é de época, histórica, Bianca, Clássicos Históricos, Júlia... Então, a gente passa pros ilustradores, a

gente tem um banco de ilustradores. E também, as imagens variam de acordo com a época da história, ta?! Então a gente acessa ao banco e também, a escolha da imagem, é feita...

**São pessoas aqui do Brasil ou são de fora?**

Não, não, são de fora. Então a maioria das capas do briefing, então eles identificam local, época. Então tanto contemporâneo como os de época, a gente tem um briefing para fazer a capa o mais próximo possível da história. Sempre prevalecendo as características dos casais, cenário. O que a gente consegue deixar mais próxima a obra a gente...

**Porque, quando não bate isso, as leitoras reclamam, né?!**

É, elas reclamam. Elas preferem olhar para a capa e já imaginar que aquelas pessoas podem estar na história... O que deixa a história muito mais atraente. Então, basicamente é isso. Normalmente nós fazemos umas duas ou três opções, aí escolhem entre os editores, o pessoal. Aí a gente vê qual se adequa melhor.

**Certo. Então você tem um banco de imagens internacional, que são as pessoas com quem vocês têm acordo e aí vocês selecionam uma imagem deste banco e colocam nos padrões editoriais da capa?**

Exato, dentro dos nossos padrões. E os contemporâneos a gente trabalha com banco de imagens aqui do Brasil mesmo, porém são imagens, a maioria são todas...

**Agora parece que tem algumas usando fotos...**

Fotos? Você fala, por exemplo, Sabrina?! São fotos mesmo.

**E essas fotos são do que, banco de imagens também?**

Banco de imagens também. Então a gente tem o banco de imagem dos ilustradores pra ficar para os históricos e o banco de imagem que a gente pega, busca fotos mesmo pra Sabrina, pras capas contemporâneas. Algumas são ilustração, né?! E banco de imagens. Só. O resto é tudo histórico.

**Deve ser um trabalho interessante...**

É gostoso. Às vezes, assim, dependendo da história dá um trabalho, porque, assim, você imagina que o banco de imagens tem milhões de imagens, tem. Mas adaptar uma imagem com a história, com as características do personagem, nem sempre é tão fácil assim. Mas na maioria das vezes a gente consegue sempre um resultado satisfatório. Tem que ser, senão elas ficam bravas... Mas é legal, eu acho que tem que olhar a capa e tem que imaginar a história mesmo, o casal da história.

**4. ENTREVISTA DE VIRGÍNIA RIVERA, GERENTE DE MARKETING NA HARLEQUIN BOOKS NO BRASIL**

Obs. Algumas perguntas não foram respondidas pela entrevistada.

**1) Quais são as bases do marketing editorial para as séries da Harlequin?**

R. Conteúdo internacional da própria Harlequin

**2) Como é feita a divulgação direta e indireta para as leitoras?**

R. Material de ponto de venda, bancas e livrarias, dentro dos próprios livros, pelo site da empresa.

**3) Como conquistar novas leitoras?**

R. Através de ações de marketing direcionadas, além de expandir o canal de vendas.

**4) A que você atribui a popularidade dos romances das séries entre as leitoras brasileiras?**

R. Os romances “de banca” já existem no Brasil há muitos anos e neste meio tempo, conquistou um público fiel, mulheres românticas, sonhadoras, que utilizam os livros como uma ótima forma de entretenimento.

**5) Quais as diferenças entre as leitoras brasileiras e as leitoras estrangeiras?**

R. Cada público tem um gosto diferente, dependendo de sua cultura local. As brasileiras gostam muito de livros com cenas mais picantes, mas sempre dentro de um contexto de romance.

**6) Como foi traçado o plano de ação para entrada e expansão da Harlequin no Brasil? As metas foram atingidas?**

R. Estamos em crescimento.

**7) A Harlequin faz pesquisas com leitoras?**

R. Sim, pelo site .

**Se sim, o que revelaram as já realizadas? Quais dados foram relevantes para a orientação do marketing editorial da empresa?**

R. Não temos como divulgar os dados, mas sempre procuramos avaliá-los, tanto dados quantitativos quanto qualitativos.

**8) A Harlequin opta por variar a distribuição e não estar presente em todas as bancas de revistas, mas incluindo farmácias, supermercados e sites. Por quê?**

R. Não entendi a pergunta. Nosso canal principal de vendas são as bancas. Ainda não temos uma excelente cobertura nacional, mas estamos caminhando para melhorar esta distribuição. Outros canais estamos em início de trabalho, mas ainda de forma tímida.

**9) Como é feita a escolha dos textos que serão editados no Brasil? O que influencia na seleção?**

R. Com base na estratégia do negócio no Brasil e também considerando a aceitação das histórias pelo público brasileiro.

**10) As séries que existem no Brasil correspondem às que existem no exterior?**

R. Sim

**Foi criada alguma série específica para o público brasileiro?**

R. Não

**11) Qual estrutura física a Harlequin dispõe no Brasil? O que é da Harlequin e o que é da Record?**

R. No Brasil, temos 50% do negócio em parceria com a editora Record.

**12) Qual o caminho do livro dentro da editora?**

R. Temos tradutores, copidesques, revisores, capistas e toda uma equipe editorial dedicada Harlequin. Por quantas pessoas o texto passa? De que forma o texto em inglês se transforma no livro de banca em português? Quantos profissionais são envolvidos no processo? (Por favor, descreva detalhadamente pois é um item muito relevante para esta pesquisa)

**13) Como é feita a edição dos textos? Que tipo de trecho é cortado ou acrescentado? Que profissional é responsável por essa tarefa?**

R. A equipe do departamento editorial. Os livros geralmente são avaliados com relação ao número de páginas e capas.

**14) Quantas pessoas trabalham para a Harlequin no Brasil hoje?**

**15) Quantos são e como são selecionados os revisores e copydesks?**

R. Departamento editorial realiza avaliação.

**16) Qual a importância desses profissionais? Quanto de autonomia eles têm para modificar o texto?**

**17) Qual a importância da Internet no relacionamento da editora com as leitoras? Como o marketing da Harlequin utiliza esse veículo?**

R. É muito importante. Esperamos aumentar nossa participação na WEB nos próximos anos.

**18) Você vê algum ponto de convergência entre o marketing utilizado pela Harlequin e o marketing editorial de livros best-sellers? Se sim, quais?**

R. É diferente no ponto de trabalho com bancas e canais alternativos. No canal livraria, utiliza-se um modelo tradicional de divulgação.

**19) Como profissional, você acredita que o marketing de editoras bem sucedidas como Harlequin possa ser utilizado para divulgação de outros gêneros literários de forma a popularizar a leitura? Se sim, de que forma?**

**20) A Harlequin utiliza assessoria de imprensa? Por quê? Se sim, de que forma e buscando quais objetivos?**

R. No momento não.

**21) Qual a posição da Harlequin diante do comércio paralelo de livros usados, no sebos, bancas e entre leitoras? Isso ocorre também em outros países? Essa existência reflete de que forma nas vendas da empresa?**

R. Não vemos o mercado de sebos como algo que venha a denegrir nossos negócios atuais ou o crescimento dele.

**22) Que imagem a Harlequin busca passar para suas leitoras, enquanto editora?**

## 5. ENTREVISTAS COM LEITORAS

### 5.1. ENTREVISTAS FEITAS PARA A TESE EM ENCONTROS PESSOAIS OU POR E-MAIL.

#### ENTREVISTA 1

Nome: S.A.O.  
 Idade: 33  
 Sexo: feminino  
 Profissão: Economista  
 Estado Civil: solteira  
 Escolaridade: pós-graduação - especialização  
 Cidade e Estado onde mora: Curitiba-PR

#### **O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

Eu acho que de romances o que mais gosto é o que a gente não vê no dia a dia. É uma coisa que na realidade está tão banalizada e chama a atenção. As personagens geralmente são da minha faixa etária, de 30 a 40 anos, e o que a gente vê hoje na meninada é só pegação. E eu acho que nos romances é mais sentimental mesmo, uma coisa que a gente não vê.

#### **O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Sabrina, Julia, Bianca, eu lia também quando eu tinha uns 13, 14 anos. Eram aqueles romances bem melosos, quase infantis, mesmo. Hoje eu não leio mais estes, leio mais da Harlequin, editora da Nora Roberts, da Linda Howards, eu prefiro uns romances mais adultos.

#### **Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Eu não vou muito pela editora, vou pela autora. Sei pelas livrarias e eu sou sócia de uma locadora de livros, que é um clube do livro. Você paga uma mensalidade e pode alugar quantos livros quiser e ficar quanto tempo quiser. Ela tem tanto lançamentos quanto livros antigos e é ela quem me manda sempre. O que ela vai adquirindo já vai me mandando.

#### **Alguma vez você já entrou em contato com as editoras? Se sim, como foi? Ficou satisfeita?**

Não, nunca entrei em contato.

#### **Você mantém contato com outras leitoras de romances? Se sim, como e por quê? Se sim, você costuma comentar aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

Eu tenho amigas que gostam, mas nenhuma delas tem essa paixão que eu tenho. E agora que eu entrei na comunidade Adoro Romances. A gente costuma comentar a característica de algum personagem, ou algo na história que chame a atenção.

#### **O que você acha dos grupos de discussão na Internet sobre romances como o Adoro Romances? Por que participar deles?**

Eu acho bacana, porque às vezes uma leitora dá uma outra visão do livro que as vezes você não enxerga. Ela fala e você vai lá e relê o livro e fala, nossa, eu não tinha visto isso. Acho que abre a visão da gente para o entendimento do livro.

#### **Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Livrarias ou na Lig Livros, que é essa empresa locadora de livros.

**O que você acha dos preços dos romances sentimentais da Nora Roberts?**

- A. ( ) barato
- B ( ) caro
- C ( ) justo

**Comente sua resposta:**

Depende da quantidade que a pessoa vai ler. Eu comecei a ler Nora Roberts no ano passado quando ganhei um livro dela. Eu comecei a comprar e hoje custa cerca de 40 reais. Eu acho caro, se você vai comprar toda semana. Então eu comprava um por mês, lia em três dias e o resto do mês não tinha o que ler. Aí quando eu descobri a locadora, pra mim foi interessante, porque eu pago 110 reais a trimestralidade e posso ler quanto eu quiser. Agora, para uma leitora que não leia muito, 40 reais um livro acho que está dentro, não é demais. Até porque eu trabalho numa gráfica, sei o preço do papel, sei quanto custou para fabricar aquele livro, fora o que pagam de royalties da autora, etc.

**Você é ou já foi assinante das séries?**

Não.

**Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei com Sabrina, quando tinha 13, 14 anos. Depois na faculdade, aos 20 anos, parei. No ano passado, quando ganhei esse livro da minha amiga, comecei a ler novamente.

**Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia? Se sim, como?**

Em termos, porque ao mesmo tempo que ele é bem contemporâneo, mostra bem o dia a dia da gente, também é bem fantasioso. Eu não acredito que exista aquela coisa bonita dos romances, mas querendo ou não acho que ele deixa você mais sentimental, faz você perder um pouco aquela frieza que o mundo te dá, aquece o coração...

**O coração ou o corpo??**

Acho que os dois. Dá vontade da gente arranjar alguém bem especial.

**Alguma vez você já copiou na sua vida uma situação narrada num romance? Se sim, qual? Como foi?**

Que eu me lembre, não.

**Você já sofreu algum preconceito por ler esse tipo romances? Se sim, como foi?**

Se alguém tem algum preconceito, pelo menos nunca me falou.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) Capa (1)
- b) Título (3)
- c) Autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (5)
- f) o preço (3)
- g) lugar em que se passa a história (3)
- h) época em que se passa a história (3)

- i) recomendação de outros leitores (4)
- j) a editora ( 2 )
- k) propaganda publicada em outra edição ( 3 )
- l) Outro\_\_\_\_\_

**Além de romances sentimentais, você costuma ler outros livros ou revistas? Se sim, quais? Se não, por quê?**

Leio revistas, Veja, Isto é, Superinteressante, gostava muito da revista História, jornais.

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

Não é só uma fuga da realidade, às vezes até é, a gente vê TV, jornal, só vê desastres, roubos, acho que o mundo pode estar caindo ao meu redor e eu estou ali naquela história.

**Que outras autoras você lê, além de Nora Roberts.**

Bárbara Delinsky, Elizabeth Arley.

**São edições da Harlequin ou outras editoras?**

São de outras, mas nem me ligo na editora.

**Onde você costuma ler seus romances?**

Mais em casa ou também adoro ler em cafés.

**A questão da fuga da realidade, por mais que as pessoas falem que não, acaba influenciando?...**

É verdade. Mas acho que quando a gente vê jornal, só tem coisa feia. Se você puder escolher, viver num país de primeiro mundo, onde tudo funciona, claro que você preferiria do que viver num lugar onde todo mundo sofre, não tem estrutura, saúde, educação, nada. Eu gosto de ver na novela um lugar onde tem tudo, ou ser num livro que se passe num lugar bonito em que todos tem tudo, os personagens não tem problemas.

**O final feliz é importante?**

Ah, pra mim é. E nunca li um livro que acabasse com o mocinho morrendo.

**E se você lesse um livro desse?**

Eu ficaria arrasada. Por exemplo, a não ser que eles se conheceram quando eram novinhos, viveram juntos a vida inteira e na velhice um deles morreu. Daí pode ser bonito. Eu assisti aquele filme, Cidade dos Anjos, pra mim foi frustrante demais.

**A editora de Sabrina está fazendo testes em que o final é dúbio, o que você acha?**

Eu não iria gostar. É aquilo que eu falei, traz a gente para a realidade.

**Quando você lê Nora Roberts, você tem certeza que o casal vai ficar junto?**

Tenho certeza. Na metade do livro dá a entender que não vai dar certo, mas como eu já li muito Nora Roberts, eu sei que no final vai acabar dando tudo certo. Na vida da gente, infelizmente, a gente não tem essa certeza.

**Você diria que ler uma história em que tudo termina bem é um dos motivos das leitoras gostarem tanto desses livros?**

Acho que sim, é uma esperança, sabe, porque se eu vejo uma coisa. Eu sou economista, sempre trabalhei em departamento financeiro, uma coisa extremamente fria. Você sofre pressão da empresa, o seu concorrente, não interessa se tem filhos ou não, se você puder, passa por cima dele. E nos livros não tem isso. Outra coisa que acho legal é o caráter dos personagens: mau é mau, bom é bom.

**Você acha que essa divisão, é uma coisa boa?**

Não quando é muito declarado, por isso que eu parei de ler Julia, Sabrina, perdeu o interesse pra mim. A mocinha era sempre boazinha, por mais boazinha que você seja, se entra alguém no seu caminho, dá vontade de esganar a pessoa, não tem jeito. Só que eu acho legal em livros é a ética. Principalmente no país que a gente vive, onde não existe aquela coisa que se você fizer uma coisa errada, você vai sofrer uma penalidade. Aqui o crime compensa. E nos livros não. Isso que frustra na realidade.

**Você acha que a leitura de romances com final feliz é uma forma de compensar uma realidade onde os finais nem sempre são felizes?**

Eu acho. Todos, principalmente as mulheres, sonham com o final feliz. Principalmente hoje em dia. Se seu marido te trair você pode separar dele, existe mais liberdade. Antigamente a mulher tinha que ficar quietinha. Mas nos livros é bacana essa coisa de o cara ser apaixonado pela mulher e ele só vê ela, não existem outras mulheres. Na realidade, não sei.

**Os heróis dos romances são sempre príncipes encantados?**

Não, nos romances mais melosos até sim. Mas eu não gosto. Os livros que eu gosto os homens são morenos, barba por fazer, bem másculos. Não gosto dos loiros, parece que têm cara de bebê.

**Não seria porque os livros são escritos nos Estados Unidos, na Europa, onde predominam os tipos loiros, e os morenos representam os latinos?**

É mais ou menos por aí. Eles são sempre altos, têm cabelos escuros, cara de mau.

**E as cenas mais sensuais, para você é importante que o livro tenha isso?**

É um estímulo a mais, mas não que seja o ponto central da história. É uma parte legal de ler. Eu não leio livro brasileiro, porque é muito aquela coisa de pegar, se sexo por sexo. Nos romances, por mais picante que seja, sempre o cara está totalmente envolvido com a moça, ele se despede pensando nela. Isso que as mulheres sonham.

**Onde você lê?**

Em qualquer lugar. Onde você vai, num consulta de médico, onde você tem que esperar, é um tempinho pra ler. Têm pessoas que têm uma imagem de mim: nossa, como ela é culta, vive com um livro na mão. Outras pessoas, quando vêem que eu só leio romance, dizem, nossa, mas você não lê nada assim de conteúdo. Eu acho assim, a partir do momento que você faz algo por obrigação, deixou de ser um prazer. Na faculdade eu lia livros, tinha que ler três vezes para entender, no romance não, eu leio de uma vez, numa madrugada eu leio um livro.

**Você acha que os romances têm algum caráter educativo?**

Como eu não leio livros brasileiros, eles sempre mostram algo da cultura do local onde passa a história. Por esse lado sim. Também favorece muito o vocabulário.

**Você acha que a leitura de romances é uma forma de ter um tempo para si mesma, diante da correria da vida moderna?**

Hoje em dia as mulheres têm que seguir um padrão de beleza, conquistar um espaço no mercado de trabalho, têm que casar até determinada idade, ter filhos, senão você não é considerada uma pessoa feliz. Foi o que aconteceu comigo. Na minha casa somos só mulheres, meu pai faleceu quando eu tinha 10 anos. Minha mãe sempre nos criou para casar, quem não casa para ela é uma coitada. Eu tinha um noivo durante sete anos e não deu certo. Eu cobrava demais dele ser de um jeito que ele não era. Quando terminei, entrei em depressão, engordei, até que pensei, o que eu estou fazendo da minha vida. E acho que os romances me ajudaram a entender isso, a não me apoiar em outra pessoa. Daí eu entendi que não poderia colocar minha felicidade nas mãos de outra pessoa. Não é a sociedade que tem que me dizer o que eu preciso para ser feliz. Eu tenho que me fazer feliz.

**ENTREVISTA 2**

Nome: C.P.A.  
Idade: 35  
Sexo: feminino



Profissão: Professora primária  
 Estado Civil: solteira  
 Escolaridade: Superior completo (Pedagogia e Magistério Superior)  
 Cidade e Estado onde mora: São José dos Pinhais

### **Como você começou a ler romances sentimentais?**

Minha mãe me deu o primeiro romance, eu tinha 11 anos, tinha acabado de sair da quarta série, foi meio que um presente de aniversário eu poder ler os livros de adulto que ela já lia.

### **E qual foi sua primeira impressão?**

Eu adorei, porque eu nasci romântica, eu já tinha lido e gostado muito de O Guarani e de Iracema, que são dois romances bem melosos até certo ponto, e quando eu peguei aquele livrinho com aquela historinha de duas pessoas que se apaixonavam e terminavam juntas, num final feliz, eu me deleitei. Era uma Sabrina, não lembro nem a história nem o título, só me lembro que era Sabrina o primeiro que eu li.

### **O que você gosta mais nesses romances?**

O final feliz. Esse pra mim é indiscutivelmente o ponto forte deles. Eu sei que vou pegar um desses livros e que no final tudo vai dar certo, por mais que tenham conflitos, eles tornam a história interessante, mas você vai chegar lá no fim e vai ter um final feliz.

### **Se não tivesse um final feliz, você não leria?**

Não leria.

### **O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Eu conheço as duas e acho que no momento a Harlequin está fazendo coisas bem melhores, me agradam mais as autoras, a nível dos contemporâneos, nos históricos ainda fico com a Nova Cultural.

### **Que tipo de diferenças você vê entre as editoras?**

A qualidade da escrita, talvez seja uma questão da tradução e não da autora original, mas a qualidade da escrita os contemporâneos da Harlequin estão bem superiores aos da Nova Cultural.

### **Como você toma conhecimento dos lançamentos?**

Atualmente, pela Internet. Há uns 4 ou 5 anos, era nas bancas, mesmo. Agora entro no site das editoras e escolho quais eu vou comprar, quando eles me tentam muito, porque a questão do preço influencia um pouco. Pra gente estar comprando, pela quantidade de lançamentos que tem, fica um pouco pesadinho. Então a gente vai ao sebo, troca.

### **Alguma vez você já entrou em contato com as editoras?**

Já, por e-mail, para reclamar de um livro que veio faltando página. E também já entrei para elogiar algumas coisas que eu gostei.

### **E você ficou satisfeita com a resposta?**

Fiquei, porque num primeiro momento veio a resposta automática de que o e-mail havia sido recebido e depois uma resposta pessoal, então achei que essa atenção foi agradável.

### **Você mantém contato com outras leitoras de romances?**

Pela Internet. No meu círculo de amizades, só a minha mãe, que ainda lê.

### **E vocês costumam comentar sobre os livros?**

Costumamos, depois de as duas lerem. Às vezes uma leu primeiro e gostou e empurra pra outra, esse é bom, não pode perder. E depois a gente comenta a história. Como a minha mãe é que trazia as histórias pra mim, todos os romances que eu li na adolescência passaram pela censura da minha mãe, pelo filtro dela. Então hoje eu entendo o porquê que os que eu mais li primeiro foi Bárbara... Bárbara Cartland. Porque são os mais inocentes, se você pensar que é uma criança, de 12, 13 anos, realmente eles contemplam tudo o que você espera sem entrar em coisas impróprias. Eu li muito. Então volta e meia quando a gente quer ficar bonita, a gente diz: aquele vestido de musseline branca,

com fita da cor dos olhos para encontrar o duque. E pronto. (risos). Então isso virou alguns ditos entre nós duas, que vieram de livros que a gente leu.

**O que você acha desses grupos de discussão na Internet, como Adoro Romances?**

Em alguns você consegue conversar, mas às vezes as pessoas são inconvenientes. Se você passar por cima de algumas coisas, eles são muito bons. Você acaba tendo uma visão diferente do que você leu, porque vc está falando com pessoas de outro lugar, de outras culturas. No meu relacionamento, é só minha mãe, que é uma pessoa com a mesma visão de mundo que eu. E nesses grupos você tem outra visão, você pode ver coisas que não viu, reler livros que talvez você não tivesse gostado na época.

**Que tipo de coisa não é legal no grupo?**

Quando elas faltam com o respeito, quando você expõe uma opinião e o outro ataca, esse tipo de problema que acontece.

**Onde você costuma adquirir seus romances?**

Em banca de revista e no sebo.

**O que você acha dos preços dos romances sentimentais nas bancas?**

Acho justo. Eles têm um peso para a gente consumir, mas se você pensar o que o autor está ganhando, há questão de direitos autorais que está respeitado, que há um trabalho de tradução ali, que há toda uma empresa sustentando isso, eu não acho que seja caro. E a qualidade desses romances não fica a dever a outros livros que custam 4, 5 vezes mais.

**Quantos romances você costuma ler por mês?**

Em torno de dez. Quando eu estou de férias, leio um por dia, até dois.

**Você é ou já foi assinante das séries? Se sim, de qual editora? Como foi essa experiência?**

Não fui, mas agora eu fiz uma para dar de presente para minha mãe. É a primeira assinatura de série que fiz. Foi da Jéssica, Desejo e Paixão.

**Qual sua série favorita.**

Sabrina. Mas aí é uma relação emocional, porque foi o primeiro que eu li. Se eu pensar em termos de história, eu fico com os Clássicos Históricos.

**Mas você costuma ler mais Sabrina ou Clássicos Históricos?**

Mais Sabrina. E quando eu chego na banca, minha mãozinha vai direto no Sabrina.

**Mesmo gostando mais dos contemporâneos da Harlequin?**

Mesmo assim, tem aquela fidelidade.

**Você prefere os históricos ou os contemporâneos? E por quê?**

Eu prefiro os históricos. Porque tem todo aquele clima, aquelas roupas, aqueles castelos, que mexem com a imaginação da gente. Eu acho que fica naquela fantasia que a gente alimenta desde a infância. Como professora primária eu estou sempre trabalhando com isso, trabalho geralmente com alfabetização e você acaba entrando nesse mundo de conto de fadas e acaba te remetendo às coisas boas da tua vida. A acaba se envolvendo mais.

**Como professora, você indicaria esses livros para os seus alunos?**

Eu indicaria, mas para a faixa etária que eu trabalho no momento eles não são adequados. Eu trabalho com crianças até 10 anos. Quando eu trabalhava com ensino supletivo e ensino médio, era uma festa. Inclusive na hora do recreio, eu nem ia para a sala dos professores, lá íamos nós trocar livrinhos e conversar sobre os que tínhamos lido.

**Você acha que conseguiu incentivar a leitura de seus alunos com esses livros?**

Eu acho que sim, com algumas alunas eu ainda mantenho contato e elas dizem ai, que saudade do tempo em que eu tinha tempo para ler, quando nós ficávamos na sala...

**Você acha que a questão do tempo, ou da falta de tempo, influencia muito na leitura?**

Acho que influencia, não que tenha a ver, mas as pessoas têm dificuldade para gerenciar seu tempo. Então acabam abrindo mão do lazer, e infelizmente a leitura é o primeiro lazer de que elas vão abrir mão. Elas não vão deixar de assistir televisão, não vão perder o capítulo da novela, mas deixam de ler. E ficam suspirando, ah, eu queria tanto ler...

**Você acha que a leitura desses romances influencia de alguma forma o seu dia a dia?**

Influencia com certeza. Por mais que eu tenha o pé no chão, influencia o lado das expectativas de uma vida mais romântica, mais doce, das pessoas se dando melhor entre si. Influencia na própria visão de alguns relacionamentos, porque tem a coisa que você não vivencia na pele, mas vivencia no livro. E daí vamos tirar os históricos, nos contemporâneos, por serem livros que lidam com situações do dia a dia, você encontra na fazenda, no escritório, na África, um monte de situações que fazem a história do romance, mas que você acaba trazendo para situações do dia a dia, aprendendo coisas ali de como lidar com alguns conflitos.

**Você já copiou coisas que você viu no livro?**

Acho que não.

**E você já sofreu algum preconceito por ler esses romances?**

Já, começando dentro da própria família, que isso não é livro, isso é passatempo. Livro era outra coisa, você tinha que ler Machado de Assis, os autores que estão na mídia, que isso é romance de banca, então não tem qualidade. Até você pegar, abrir numa página qualquer, ler para a pessoa e dizer, me diga então se não tem qualidade. Mas tem sim. E dizem, você é aquela, do final feliz, do romance água com açúcar, sempre num tom pejorativo.

**E isso continua?**

No meio em que eu estou atualmente, continua. Só que são pessoas que não lêem nada. Não é que leiam outro tipo de leitura e não gostem desta, elas não lêem nada. Esse conceito vem de um senso comum e elas não se preocupam em olhar o que que é isso. É o preconceito pelo preconceito. Acho que volta naquilo, das caixinhas de sabão em pó, que traziam romances de brinde para aquela mulher que passava o dia em casa, que era sustentada pelo marido, que não faz nada da vida, que não tem opinião própria. Se vinha na caixa de sabão em pó, quem lê é a dona de casa, aquela que lava a roupa. Eu até brinco sobre a questão dos programas femininos, que a mulher que trabalha fora não é feminina, porque programa feminino é em horário comercial na televisão. Todos os programas dirigidos à mulher, que lidam com coisas que são do universo feminino, eles estão em horário comercial. Quem trabalha fora e chega em casa, tem a novela, noticiário, filmes, esporte e programa de auditório. É tudo o que você tem para assistir.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) Capa (3)
- b) Título (4)
- c) Autora (4)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (5)
- f) o preço (3)
- g) lugar em que se passa a história (4)
- h) época em que se passa a história (4)
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora (3)
- k) propaganda publicada em outra edição (5) Se vier sinopse sim, porque é o ponto chave para mim.
- l) Outro \_\_\_\_\_

**Você lê outros tipos de livros ou revistas?**

Revistas muito poucos, livros eu leio romance policial, livros que tratam da segunda guerra mundial eu também gosto bastante.

**Onde você costuma ler os seus romances?**

Na cama. É tomar um banho e a última coisa antes de dormir é ler. E às vezes, o dormir, coitado, vai para o espaço.

**Você já perdeu noites de sono lendo?**

Já perdi muitas, mesmo tendo de trabalhar, sabendo que o despertador ia tocar às seis, ficar até as cinco lendo porque só para quando termina. Tem algumas histórias que são assim.

**Como você acha que o sexo é abordado nesses romances?**

Acho que ainda é abordado com conseqüência de um sentimento, por mais que seja colocado de forma mais aberta, de uma atração, nunca é desvinculado de um sentimento.

**O fato de algumas vezes as descrições de sexo serem muito explícitas, isso te incomoda ou é uma coisa que você gosta?**

Não me incomoda. Não vou dizer que é uma coisa que eu escolho por saber que vai ser assim, mas não me incomoda, porque não li nenhuma até hoje que elas fossem para o lado de serem apelativas, de não fazerem sentido, então sempre que elas são de uma forma mais pormenorizada, o fato de estar dentro da história, e não usar isso como um chamariz, faz a diferença.

**Você já se identificou alguma vez com alguma personagem?**

Ah, várias. Geralmente, quando eu era mais jovem, era aquela questão de espelhar, o que eu via dentro de mim mas pela minha idade, pelas coisas que eu vivia, ainda não podia botar para fora. Eu me enxergava ali colocando para fora o que eu sentia nas personagens. Hoje eu vejo como a vida que eu já carrego comigo. Então algumas personagens que trazem algumas marcas tanto das coisas boas quanto das coisas ruins, elas têm a ver com coisas que aconteceram na minha vida, então eu paro o livro e imagino o que vai acontecer lá na frente, como ela vai reagir, e depois eu vou ver se encontro a resposta, a mesma que eu dei para aquela situação ou se será algo diferente.

**E você já se surpreendeu alguma vez com isso?**

Já cheguei e a inclusive ter algumas lições de vida com relação a isso.

**Você acha que a personagem lidou com aquela situação de uma forma melhor?**

É. Algumas vezes não tinha mais o que fazer e outras a gente vê que podia repensar e quem sabe fazer diferente numa próxima oportunidade.

**Você tem um tema preferido para os romances?**

Não, eu acho que a sinopse é que me puxa para dentro. Quando a sinopse é bem feita, com certeza vende o livro pra mim.

**Qual foi o seu romance preferido?**

Teve um que me marcou que a personagem era professora, eu não consigo lembrar o título, a autora, mas lembro de uma frase que o mocinho disse para a mocinha quando queria convence-la a casar. Porque ela falou que não precisa casar, não precisava de uma família, porque ela tinha os alunos. E ele respondeu que ela ia viver uma vida emprestada, fingindo ser mãe dos filhos dos outros. A carapuça serviu... Isso me fez pensar, porque eu estava saindo de um relacionamento, estava frágil e isso pesou um pouquinho.

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

Acho que é o mesmo que me leva, o final feliz.

**Por que essa necessidade de um final feliz?**

Porque é uma necessidade humana nossa, ter a certeza de que as coisas vão terminar bem. É o que nós esperamos. Os contos de fadas estão aí há milhares de anos e todos têm final feliz. Então eles acabam fazendo com que há tantos anos esses romances prendam o interesse. Eles se modificaram ao longo do tempo, se você pega aqueles mais antigos e compara com os de hoje, a gente vê que acompanhou as mudanças da nossa sociedade, tanto o linguajar, quanto a questão do sexo, como ele é colocado naqueles da década de 80 e como é colocado hoje, mesmo os chamados hot da época, é diferente de hoje. Ele acompanhou essas mudanças, mas a característica principal continua a mesma. Quem gostava continua gostando.

**A editora me falou que estão fazendo testes com histórias que não terminam com final feliz, já publicaram um ou dois, e no final o leitor fica sem saber se o casal vai terminar junto. O que você acha disso?**

Acho que enquanto resta dúvidas, eu posso ter a minha imaginação, posso recriar, eu não me sinto frustrada, o que eu não gosto quando realmente não termina bem, quando fica claro que a situação não se resolveu positivamente. Em filmes agora acontece, de chegar no fim, ou ele morre, ou ela morre. Um fica sozinho. Ai, que vontade que fica...Tudo bem, E o Vento levou é uma obra maravilhosa, Casablanca, aquela cena final é linda, mas não dá pra classificar como algo que satisfaça. Acho que deixa um vazio, porque a nossa vida já é tão cheia de frustrações, que quando a gente vai para o lazer, a gente quer a satisfação.

**Você acha que é uma necessidade de compensação? Porque outras pessoas me disseram que “a vida não tem final feliz” e por isso a gente precisa buscar isso nesses livros.**

Acho que não é uma compensação, é uma busca. Você vai lá, lê um livro e o final é feliz, isso te reconforta para você buscar isso na vida real. Não que substitua o que você vai ter na vida real, não é para compensar sua frustração, mas sim reforçar a sua crença de que este momento está frustrante mas que lá na frente virá algo bom.

**Na minha pesquisa de mestrado, percebi que para muitas mulheres, a leitura desses romances funciona como um momento para si, quando essas mulheres se doam demais no seu cotidiano. É dessa forma para você, ou para sua mãe?**

Pra minha mãe eu acho que é assim. Minha mãe ficou sempre em casa, se criou para ser dona de casa e cuidar da família. Aí ela se casou, teve só a mim de filha e foi uma mãe que se doou integralmente. Ela era a primeira pessoa a se levantar e a última a deitar. Ela nunca estava fazendo nada para ela, era sempre pros outros. A única coisa que ela fazia exclusivamente para ela era ler. Então eu acho que para mulheres que têm essa vida, de viver muito para o outro, isso acontece sim. Eu como ainda sou solteira, a minha vida é toda para mim, eu faço muitas coisas por mim, inclusive ler.

### ENTREVISTA 3

**Nome:** L. A.

**Idade:** 62 anos

**Profissão:** do lar

**Estado Civil:** Divorciada

**Escolaridade:** 4ª série

**Cidade:** São José dos Pinhais - PR

**O que a senhora mais gosta nos romances?**

O que eu mais gosto dos romances? O mundo da fantasia que ele nos leva.

**O que eles representam na sua vida?**

Eu acredito que um preenchimento, porque toda pessoa necessita de fantasias e a vida, tanto a minha em volta de mim, como a vida quando você olha lá fora, ela não é romântica. O pouco romantismo que existe, de pessoas eu conheço bem, as pessoas têm vergonha de externar. Então dá a impressão de que o mundo está frio, calculista, o sexo foi banalizado, romantismo ninguém confessa ter e a maioria até acha piegas ser romântico. Então, esse tipo de literatura, pra mim, me preenche interiormente e me faz continuar acreditando naquilo que a gente de repente acreditava aos 15, 20 anos. E sonhava que a vida da gente fosse ser aquela. E hoje, aos 62 e 30 anos de casada e depois de passar por um divórcio por opção dele, não minha, tive claro uma época em que realmente até fiquei deprimida. Mas hoje em dia eu me reestruturei e esse livrinhos, claro, eles mudaram, eles são mais explícitos do que os antigos do meu tempo de jovem. Mas ainda me fazem ver que existem pessoas que sentem, porque o escritor sente o que escreve na minha opinião. Ele não escreve pelo simples ganhar o dinheiro ou vender livros, não. Existe algum sentimento nessa pessoa, nem que seja um desejo não realizado. E ele põe ali no papel. O escritor ou geralmente são escritoras. Colocam aquelas situações românticas com aqueles homens maravilhosos, aqueles amores assim

instantâneos, arrebatadores. Então, a mim me preenche esse meu lado. Eu acho importantíssimo a gente nunca perder, o que eu diria, o sonho. De que a vida pode ser boa, de que existem esses tipos de amor, de vida. Porque ainda hoje todo mundo condena a Branca de Neve e o foram felizes para sempre, esses livrinhos ainda geralmente dão a entender, não dizem esta frase que é um pouco piegas, mas dão a entender que dali pra frente foi um mar de rosas. Então, pra mim, é o que mais me estimula a gostar de lê-los.

**O que a senhora acha das principais editoras do mercado hoje, a Nova Cultural e a Harlequin? A senhora conhece a diferença, a senhora sabe a diferença entre elas?**

Eu percebo no sentido, nem me passou pela idéia fazer uma análise, mas os da Harlequin me dizem mais a mim. O tipo da história é mais o meu gosto.

**A senhora prefere os históricos ou os contemporâneos?**

Não, os contemporâneos. Os históricos eu leio, mas... Inclusive até porque eles fogem da realidade. Acabei de terminar um que ela vive em 1352 e sabe o que foi que me chocou? Aí a heroína lá tinha tomado chuva e deram uma bela banheira com água quente, ela tomou um banho maravilhoso e ela foi envolvida em macias toalhas felpudas. E eu me apeguei aquilo, que eu até comentei com a Cristina, Toalhas felpudas em 1352? Então foi assim pra mim... E depois no desenrolar do romance eu achei que naquela época. Quer dizer, que de um lado eles mostravam uma orgia total naquele feudo, que me chocou. E o amor do herói e da heroína, descrito de uma maneira que, meu Deus. Se eu, em 1960 ainda não era assim, pela mudança que eu vejo hoje, que em 60 eu tinha 14 anos, então, eu não gostei.

**Está muito explícito para a senhora?**

Não que tenha sido muito explícito, mas está fora da realidade. Na minha opinião, se se tratava de 1300 e pouco, que havia orgias e esse tipo de coisa a gente sabe que é desde o tempo de Noé, mas, que uma mocinha recatada, um senhor feudal não agia daquela maneira, acredito eu que não era assim. Me chocou.

**Como que a senhora toma conhecimento dos novos lançamentos?**

Agora eu tomo conhecimento porque a C. me deu uma assinatura. Eu recebo 11, 12, às vezes 15 livrinhos todo mês. Ela me deu de presente de aniversário, então agora quando chega dia 15, 16... Com a greve dos correios eu fiquei bem louca, eu disse "ai meus livrinhos estão terminando!", mas como era por sedex, o sedex trabalhou e entregou! Então, eu, antes comprava nas bancas. Depois aqui em São José tem um sebo muito bom. A gente compra eles por um valor baixo e depois a gente leva e eles pagam a metade do valor que a gente pagou e a gente adquire novos, né?! Então aí eu já apelei pra economia.

**Alguma vez a senhora já entrou em contato com as editoras?**

Não, eu não.

**E a senhora mantém contato com outras leitoras de romance?**

Não, porque eu não mexo com a internet, com computador. Não sei nem se...

**Não tem nenhuma amiga que leia?**

Amiga, não. De solteira eu tinha, mas agora minhas amigas estão muito avós, elas não tem mais tempo pra ler. Elas dizem "ai L., você não perdeu o costume de ler?", eu digo "Não! Nunca vou perder!".

**Elas não têm tempo?**

Eu acho que elas abandonaram o romantismo da rotina da vida... Eu acho, eu, particularmente, não sei se eu sou uma romântica de nascença, mas eu acho que isso é uma necessidade, um conhecimento interior.

**E com a sua filha, como que fica a relação de vocês em relação à leitura?**

Basta olhar por aí...

**Muitos livros...**

Temos um quartinho lá... Essa casa tem três quartos, na bem da verdade só tem dois, porque o terceiro é só pra guardar uma estante de livros e todo o resto. Então, desde pequena ela também.

Não sei se porque ela me via lendo ou se é genético, porque ela já com 4 anos e meio lia. Então, claro, que a gente providencia as leituras, mas ela já não gostava daqueles livrinhos duas linhas escritas e figuras deste tamanho, ela queria livrinhos mesmo. Então a gente sempre providenciou e incentivou, porque achava importante. E hoje é aquela troca, os que eu já li estão todos ali, ela vai pegando, pegando. E ela já se informou no sebo, esses nossos que são novinhos, eles pagam melhor. Então nós já vamos levar tudo lá e pegar outros. Não vamos perder. E, nesse ponto, somos iguais. Ou de genética ou de copiar.

**A senhora costuma adquirir livros na banca ainda, ou só em sebos? A assinatura que a senhora tem é de que editora?**

Da Harlequin.

**Que série?**

Ah! Tem lá a Maverick (Destinos), Jéssica, sempre vem um Destinos, Jéssica. Esse aqui...

**Paixão.**

Que esses aqui são meio faroestinhos, daí tem esses aqui que são dos sheiks do deserto.

**Vários tipos...**

Desejo...

**O que a senhora acha do preço dos livros nas bancas?**

Olha, se eu for comparar com uma revista eu acho um livro barato, pelo conteúdo. Que um livro acrescenta muito mais à pessoa do que folhear uma revista.

**O que a senhora acha desses grupos de discussão que tem na internet, como os que a C. participa?**

Eu acho importante pela troca, digamos assim, não é nem pela troca do, de repente comentarem um livro ou o gosto por um livro e sim uma forma de pessoas iguais, com cabeças iguais, gostos iguais, se relacionarem. Porque hoje em dia está tão difícil um relacionamento de amizade, né?! Eu tenho uma única amiga, que era umas quatro de solteira, mas a única que ficou realmente minha amiga mesmo. Fazem 40 anos. De nos visitarmos semanalmente, nos telefonarmos diariamente e, isso existe hoje em dia ainda? Muito difícil! A vida é corrida, os interesses divergem. Então quando existe a possibilidade, através da internet, de se relacionar assim, eu acho muito interessante.

**Quantos livros a senhora costuma ler por mês?**

Ah! Entre 15 e 20 com certeza. Que a biblioteca eu já esgotei. A de Curitiba, na época em que eu era solteira e depois, quando a C. não era tão pequena mais, eu não tinha mais o que pegar na biblioteca. José de Alencar toda a coleção, Machado de Assis e por ali eu fui. E depois que eu descobri esses, daí muitos eu troco com amigas que, daí na época tinham sebos, a gente trocava entre si. Uma compra, a outra compra e já avisava "comprei tal, não compre". Daí a gente trocava entre si, então, sempre assim. Mas uma média de 15 a 20 livros por mês.

**E todos dessas séries?**

Sim.

**E como está sendo esta experiência de assinante? A senhora está gostando?**

Ah! Eu estou adorando! Eu não preciso sair de casa. É ótimo!

**E está chegando direitinho?**

Sim. Sempre no dia certo, sem erro.

**No caso dos romances, qual é a sua série favorita e por quê?**

Olha, a favorita é essa Maverick. Esse de cima. A série chama Destinos, mas eu sempre começo a ler essas histórias do tipo do oeste americano.

**Mas as de agora?**

De agora! Com carros modernos, tribos de índios que já não vivem em choupanas. Atual, mas de uma forma que me agrada mais. É a minha favorita. Depois dessa a dos sheiks, da Jéssica, do Prisioneiros do Deserto. São sempre, essas também.

### **E há quanto tempo a senhora começou a ler? Como que a senhora começou?**

Como é que eu comecei? Meu irmão me deu o primeiro eu tinha 14 anos, acho que ele tinha descoberto que eu já não era mais criança. Ele é um nadinha mais velho do que eu. E ele me deu o primeiro.

### **Era de qual série?**

Era Bianca, ou Sabrina. Qualquer coisa desse gênero. Não me lembro mais assim... Porque tinha Bianca, Sabrina, tinha outros nomes, Júlia. Tudo quanto é nome feminino.

### **Se a senhora tinha 14 anos, as séries têm 30 anos... Será que não foi uma Biblioteca das Moças?**

Essas outras foi depois, então. Tem razão. Aos 62, já viu... A gente já... O tempo passa muito ligeiro.

### **Será que não foi a Biblioteca das Moças?**

É. Naquele tempo tinha as fotonovelas, mas eu já não gostava, que era muita figura e pouca leitura e eu sempre tive o hábito de ler muito ligeiro, então não durava uma revista. Então, é, foi Biblioteca das Moças que ele me deu um. E daí eu já comecei a freqüentar a biblioteca. Aí eu disse "opa! Na biblioteca é mais fácil", com 16 anos, daí eu comecei. Daí eu comecei com José de Alencar, esse tipo de coisa. Porque inclusive na minha família havia censura. Até naquela época, na própria biblioteca havia uma censura dos que eu, menor de idade, podia retirar e os que não podia. Não sei se hoje ainda é assim, mas havia a censura. E em casa ainda havia também. Então, minha tia, que também tinha lido bastante, eu me lembro, eu tinha o que? Já uns 17 anos... Ela não queria que eu lesse, qual era? José de Alencar... Era o nome de uma mulher... Eu sei que aquele romance ela me disse que eu não deveria ler. Eu tinha trazido pra casa...

### **Lucíola?**

Não me lembro bem se era Lucíola, eu sei que ela disse que não era próprio pra mim. Daí não deixou eu ler também, né?! Me fez devolver lá. Mas depois eu peguei ele. Eu cresci, daí eu peguei ele.

### **E depois, como foi que a senhora começou com o Sabrina, Júlia?**

É, nessa época, porque eu colecionava a revista Manequim, quando ela começou a sair e daí eu comecei a ver os livros na banca. Aí eu comecei a adquirir, aí falei com as amigas "olha, saíram uns livrinhos, assim, assim", emprestei, elas gostaram. Eu falei "então vamos fazer um acordo! Você compra um, você compra um, você compra um, uma avisa a outra qual que comprou e a gente se troca". E ali foi continuando, depois abriu a biblioteca aqui, que não ficou mais sendo só uma biblioteca escolar. Aí tinha também já esses na biblioteca. Quer dizer, isso tudo enquanto eu criava filhos, cuidava de família e tudo mais. Mas eu nunca deixei... Eu até, às vezes, meu ex marido reclamava. Porque eu não sabia ir pra cama se eu não primeiro lesse os 30 minutos. Ele dizia "mas você não pode ler de dia?", eu digo "mas eu não sei deitar sem ler 30 minutos um pouquinho". E, é claro, com o tempo, o marido reclamou e eu deixei aqueles 30 minutos de leitura, né, pra outra hora. Mas, isso ficou gravado. Que eu tinha esse hábito, que por mais que eu tivesse lido durante o dia, mas antes de dormir era minha vitamina. Eu precisava ler um pouquinho.

### **E como é que a senhora conciliava todos os afazeres da casa com a leitura?**

Porque eu sou uma pessoa muito metódica, muito organizada. O que não parece, mas é por causa da C., ela não é e não gosta que eu seja, então, já que vivemos juntas... Não é porque ela mora na minha casa que eu vou cerceá-la da liberdade. Ela gosta assim. Isso aqui eu preciso ter sempre à mão. Aquilo lá também. Então eu deixo, tudo bem. Ta aí a dias, então que fique. Mas eu era muito organizada, levantava cedo, fazia minhas coisas, a C. era muito boazinha, não me dava trabalho, marido saía de manhã, era funcionário da Copel, não vinha almoçar em casa... Então, eu, até meio dia meu serviço estava pronto. A C. ia pra escola. E eu lia. Não a tarde inteira, porque também tem roupa pra passar, jantar pra fazer, organizar, mercado. Mas eu sempre me organizei de tal forma que eu tivesse um tempinho.

### **A senhora acha que o final feliz é importante nesses livros?**

Não exatamente o feliz, porque dependendo do desenrolar da personagem, da descrição de como a personagem é, às vezes, acontece o contrário. Há um rompimento, um afastamento. E que, desde que eu, no decorrer da leitura, tenha já começado, antes do livro contar, achar que aquela situação para aquela mocinha ou pro mocinho não era boa, eu acho certo que termine, claro que sempre



civilizadamente, não aos trancos e barrancos, com muitas brigas, aquela coisa feia, não, mas que os dois decidam que o melhor pra ambos é que a relação termine ali.

**Mas a senhora já leu livros de romance que terminam assim?**

Já!

**É?**

Já. Talvez até por isso eu tenha aceitado tão bem a minha separação. Porque, por mais que tenha sido a vontade só dele, não minha, mas eu achei que quando um perde o interesse ou se interessa por outra pessoa, que é o que geralmente acontece, o outro não tem direito de forçar a barra. E, que também, forçando com pressão, com chantagem, que existem “n” maneiras de você fazer na vida, não vai mais ser a mesma coisa. Não dá mais certo. Então eu acho que muitas vezes, que, por exemplo, quando um não confia no outro, tem aquela desconfiança, aquela desconfiança, aquele amor louco, mas sempre aquela pulginha atrás da orelha, então, na hora que isso começa a incomodar muito e ele começa a externar, ou ela começa a externar, depende de quem dos dois, eu acho que é hora de dar um basta. E fico satisfeita com esse final.

**Eu nunca encontrei um romance, uma Sabrina, uma Júlia, com um final que o casal não terminasse junto...**

Não, eu já li. Já li. Dos mais antigos. Inclusive naquele tempo ainda eram do tipo família tradicional, que se opunha a esse tipo de coisa. Então, acontecia. Por esses motivos sociais, que a moça era muito humilde, ou o rapaz, mas geralmente são as moças, né?! Então, tinha histórias que, por opção, mesmo se amando, descobriam que não daria certo até por interferência familiar.

**De uns anos pra cá, cada vez mais romances têm sido ambientados em tempos passados, históricos. Por que a senhora acha que aconteceu essa situação, de aumentar o número de séries históricas e diminuir as contemporâneas?**

Sabe que eu acho que talvez seja até para trazer um pouco mais de cultura ao povo? Porque o hoje nós estamos vendo. Claro, pessoas da minha idade, há 30 anos, há 40 anos têm noção da vida e estão vendo. Enquanto que, costumes, modos de vida, como era a vida. Porque poucas pessoas se interessam em ler alguma coisa numa enciclopédia, num livro mais cultural. O que as pessoas querem? Quem casou, quem descasou das novelas, qual é o próximo capítulo, quem vai escrever a próxima novela das 8. As pessoas, ou as revistas femininas, de moda, maquiagem, as pessoas... Está faltando cultura. E eu acredito que, pra culturalmente o ser humano entender que esse mundo não teve sempre computador, televisão, celular, tudo isso de hoje. Então a pessoa vê um pouco de como o mundo começou e como era difícil. E talvez valorize um pouco mais, né?! Desde ter filhos, conseguir um médico, ir visitar a família. Hoje você pega um automóvel, no asfalto. Naquele tempo era à cavalo, uma carroça, uma grávida com problema, a parteira não conseguia chegar porque chovia torrencialmente. Quer dizer, faz a pessoa, eu acho, pensar um pouco que não foi sempre assim tudo à mão, pega aqui, chama.

**Talvez...**

É, essa é a minha opinião. Que o ser humano precisa começar a pensar de uma vez que isso tudo não nasceu feito e que a vida já foi muito mais difícil e que as pessoas sobreviveram, tiveram muito mais filhos, viveram muito melhor, mais tranquilos, sem tanto problema, sem tanto stress. Porque o que acontece? Tudo isso que existe você quer ter, você se estressa trabalhando, trabalhando, trabalhando pra ter e você lê essas, além de ter uma noção de como era, se você tiver cabeça, você começa a questionar “mas será que eu preciso de tudo isso que eu vi lá na loja e ainda não possuo?”.

**A senhora acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

Ah! Com certeza. Me deixam mais feliz. Porque preenchem a minha fantasia. Apesar dos meus 62 anos, me fazem acreditar que existe... Que existe não, porque eu vivi. Que continua existindo harmonia entre um casal, amor, paixão. Que isto continua. Que não é porque a minha vida mudou com o divórcio que o mundo... Não, isso aconteceu comigo por alguma razão da cabeça dele lá. Quer voltar comigo, tá uma maravilha, já descobriu que eu sou a única que sou boa e tudo mais, né?!

**A senhora se divorciou faz muito tempo?**

Separação consensual vai completar 9 anos agora em outubro. O divórcio veio depois, mas, digamos assim, eu ouvi, depois de divorciada, tanta coisa boa pro meu ego que eu nunca, nem no tempo de

casada, eu recebi tantos elogios. Então realmente ele foi lá fora, apanhou, descobriu, né?! Mas é aquela coisa, eu continuo esses livros, eu não me tornei... A C. é mais cética, não acredita em ninguém. E eu digo a ela, eu não, Deus me livre, nunca mais olhei pra homem nenhum porque eu sou mulher de um homem só, mas eu ainda acredito mesmo, por exemplo, um senhor viúvo se interessar por mim e nós vivermos muito bem. Se esse fosse o meu jeito, de ter um segundo marido. Mas o meu marido foi o meu primeiro namorado, o único homem da minha vida e nunca vai existir outro. Eu gosto dele até hoje. Não tenho vergonha de confessar porque eu acho que amor é um sentimento tão nobre que eu devo me orgulhar de ter e não me envergonhar de dizer que depois de 9 anos separada do meu marido, “ah! Eu detesto porque isso, porque aquilo”, não! E esses livrinhos, numa certa forma, hoje em dia, me fazem reviver os meus 30 anos de casamento, que foram harmoniosos, maravilhosos. Tinha amor, tinha paixão. Então, me preenche, me deixam mais feliz.

**E a senhora alguma vez já copiou alguma situação narrada nos livros na sua vida? De ler, achar interessante e resolver fazer alguma coisa?**

Sentimentalmente falando, assim?

**Qualquer coisa... Desde sentimentalmente até alguma coisa mais prática.**

Olha, sabe que não. Porque, a C. sempre diz “mamãe, nós somos auto-suficientes demais, não tem homem que nos agüente. O seu agüentou porque era antigo”. Eu sou uma pessoa muito determinada, muito auto-suficiente, muito ciente do que eu quero, do que eu gosto, do que eu devo, do que eu não devo. Então, copiar alguma coisa... Eu sou tão cheia de idéias e de planos que eu acho que são certas para mim, nem a C. eu não quero que seja como eu. Ela não é e eu não quero que seja. Eu dou o direito a cada um desde que me deixe ter o meu também. Então, realmente, nunca me passou pela idéia copiar nada porque eu me sinto feliz e realizada como eu levo a minha vida. Acho que ninguém é tão feliz e tão realizada quanto eu.

**E a senhora já sofreu algum preconceito por ler esses livros?**

Absolutamente nenhum. Porque, eu não sou preconceituosa em nada com situação nenhuma. Pois como eu digo, eu vivo e deixo viver. Sua cabeça é o seu guia, é a minha opinião. E eu acho que faço o certo, porque estou me fazendo um bem, para o meu interior.

**E nunca ninguém criticou?**

Assim, críticas de brincadeira. “Ai, L., você é uma eterna romântica, isso é livro de mocinha”. Aí eu digo “mas eu ainda sou uma mocinha”. Por dentro eu sou, só a casca envelheceu. Meu coração, meu cérebro é jovem. Daí elas riem, né, dizem “ah! Eu passei”, e eu digo “que pena”. Sabe o que eu tenho pena? Porque, pelo menos pra mim, me faz um bem interior tão grande que eu, eu acho, como você é jovem com dois bebezinhos, se você de repente começar a virar a super mãe e ficar toda, né?! Larga marido pro lado, já não se enfeita mais, porque bebê dá tanto trabalho e não sei o que, eu fico com pena. Eu digo “puxa, ela não sabe viver! Olha que tempo grande da vida ela está perdendo, quando ela for retomar ela já entrou nessa rotina e não sai mais”. E eu acho que é tão necessário a gente, não ser infantil, não ser ridícula, no meu caso vestir minissaia, bota comprida, blusa decotada de alcinha, não! Mas, interiormente ser uma eterna jovem. Eu acho importante me manter assim, faz bem.

**Eu vou falar algumas coisas que influenciam na hora das pessoas escolherem os livros, daí eu gostaria que a senhora dissesse que, se isso influencia muito, pouco ou médio. Ou se a senhora quiser dar uma nota, de um a cinco, o um é menos importante, o cinco é o mais importante.**

- a) Capa (0) nada
- b) título(5)
- c) autora(5)
- d) sinopse (resumo da contracapa)(1) Não leio pra não fazer idéia do que vem pela frente.

**A senhora nem lê a sinopse? A senhora não sabe nem do que o livro trata quando a senhora começa a ler?**

Não, porque de repente pode dizer alguma coisa que está lá no meio do livro e no começo eu nem sei que os dois vão se encontrar. Eu não gosto de saber nada antes.

- e) a série (5)
- f) o preço (2) Bom, aí vai do poder aquisitivo da pessoa. Mas é como eu falei no início, se eu for comparar com uma pessoa, o preço é barato.
- g) lugar em que se passa a história (5)
- h) época em que se passa a história (5) Muito, porque eu não gosto dos medievais.
- i) recomendação de outros leitores (3) Se eu conhecer bem a pessoa é importante, porque daí eu sei mais ou menos o gosto. Agora, normalmente não me influencia.
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (5) Essa, às vezes atrai, a gente ficar esperando chegar aquele.

#### **Alguma outra coisa te influencia na escolha?**

Poxa, que perguntinha difícil essa. Alguma outra coisa? A vontade de ter mais um para ler.

#### **Como que a senhora acha que o sexo é abordado nesses romances?**

Olha, hoje em dia, na minha opinião, é muito banalizado. Porque a mocinha olha os pelos do peito e as coxas na calça jeans, não é assim que um relacionamento deve atrair uma pessoa para que seja uma coisa séria, não. Na minha opinião, claro.

#### **Mas mesmo nos romances a senhora acha que está muito banal?**

Banal nesse sentido. Que, em uma primeira olhada, por causa de uma cor, do pêlo do peito, ou por causa da grossura da coxa... Se um homem for feito só de pêlos no peito e coxas grossas nós estamos bem mal, né?! Se isso for amor, quer dizer que qualquer coisa que o homem perca o pêlo ou emagreça, acabou a paixão? Então, é muito banal hoje em dia.

#### **Acha que se limita muito a sexo, a parte sexual?**

Isso. Exatamente. A afetividade entra muito pouco. Depois um tanto eles dão uma melhoradinha mais, digamos assim, são livros escritos para as meninas novas de hoje, não pra senhoras do meu tempo. Porque essas meninas novas encaram o sexo assim. Olhou, gostou, ficou e já foi pro motel. Mas na minha opinião um relacionamento não é por aí. Então isso, às vezes, me choca um pouco de que isso só incentive mais essa banalização que está no mundo. Que eu vejo aqui, temos um colégio perto, então, incentiva a banalização, enquanto que os que eu lia, talvez até por isso eu seja essa romântica, os que eu lia na minha época eram mais suaves, o sexo era... Nem a palavra sexo não caía, era amor. E eu talvez tenha sido influenciada por isso. Mas, de qualquer maneira, eu como ser humano vendo o mundo, eu critico isso. Não acho isso certo. Porque eu vejo que as meninas, que os meninos é outra história, mas as meninas estão se desvalorizando, se jogando fora. E eu sempre digo pra qualquer menina que eu tenha a oportunidade, que a gente converse alguma coisa. Eu digo "olha, minha filha, se você fica aqui, fica ali, fica acolá e depois um belo dia tem um com quem você casa, você não sabe o que perdeu na vida. Porque você se guardar pro homem que você ama e com aquele que você vai a primeira vez pra cama, é uma experiência que eu tenho dó que vocês percam com essa banalização que vocês acham que virgindade é crime". Talvez pelo meu romantismo, não sei.

#### **E a senhora acha que os livros de hoje seguem essa ...**

Seguem essa característica moderna, como eu digo. Se uma menina de hoje for ler o que eu li aos 15, 20, 25, 30, ela vai dizer "que coisa mais ridícula".

#### **E esses romances de Sabrina, a senhora percebe muita diferença entre os primeiros que a senhora leu e os novos?**

Não tenho lido os novos, faz tempo.

#### **Mas esse Jéssica é uma Sabrina moderna, né?!**

Sim.

#### **Entre a Jéssica e o que a senhora lia, Sabrina?**

Ah! Sim.. todos eles são iguais.

**Sim, mas tem muita diferença?**

Tem! Muita, muita, muita. Não se falava. Aí eles praticamente descrevem o ato sexual do começo ao fim nos mínimos detalhes. Coisa que naquele tempo meu Deus do céu, jamais. Então, eu entendo que acompanharam o que está aí, mas eu acho que um livro deve ser feito para enriquecer o espírito. E o que enriquece o espírito não é exatamente retratar como certo, comum e maravilhoso o que está acontecendo no mundo. Porque se fosse bom, este mundo não estaria como está.

**A senhora já interrompeu a leitura de um livro por causa de uma cena picante demais?**

Ah! Não. Hoje em dia o picante me relembra as minhas picâncias. Eu tenho que ser franca, você quer a minha opinião.

**Então a senhora gosta de textos um pouco mais picantes?**

Mas eu, claro, eu senhora. O que eu não acho certo é que as meninas de 14, 15, 12, que tenham acesso a isso e cresçam com essa idéia. Porque pra mim é um lembrar, aí até é bom.

**Então nesse caso de descreverem as cenas é interessante, a senhora acha?**

Mas claro! Só deveriam ser livros para maiores.

**A senhora acha que deveria existir algum tipo de censura, livros para maiores de 18 anos ou coisa assim?**

Sim, sim! Ou uma censura como eu tive em casa e como eu fiz com a C. também. Ela sabia ler, mas não tinha acesso aos meus livros, ela tinha os dela. Mas como os pais hoje não têm esse controle, então, no mínimo, dizer em cima “não recomendado para menores”, o que não adianta muito, mas eu acho que seria, psicologicamente, para uma leitora como eu, amenizar a coisa.

**Certo. O que a senhora acha que leva as mulheres a lerem a tanto tempo esses livros?**

Porque o romantismo não morre. Apesar de todo mundo negar e rirem de mim quando eu sou uma romântica assumida. Mas não é assim, ainda tem muita pessoa romântica, muita mulher principalmente. E mesmo homem, tem homens românticos, mas o homem vai pegar uma Sabrina e vai deixar alguém ver? Se ele lê é no banheiro, escondido. E depois joga e dá descarga. Porque tem homem romântico, tem!

**A senhora costuma ler onde?**

Aqui, na minha poltrona, porque... Agora eu não leio mais na cama, porque hoje em dia a gente tem televisão no quarto, sempre tem alguma coisa, né?! Ou a gente vai dormir, não lê nada, fica muito de pé. Mas, geralmente aqui.

**E a senhora lê muitas horas por dia?**

Olha, se o livro for muito bom enquanto ele não terminar eu não paro. Quer dizer, eu paro pra fazer a minha obrigação e volto. Mas eu leio, digamos assim, em média, diariamente, no mínimo duas a três horas com certeza.

**De duas a três horas por dia?**

Com certeza. E, às vezes, até mais.

**E o que a senhora acha de leituras como a Bárbara Cartland, que são mais inocentes...**

Naquela época, eram os meus preferidos, entre todos. E eu achava recomendável pra C., porque não tinha nada que desabonasse a boa moral. E era a minha escritora preferida. Que eu também li muito Agatha Christie, eu gostava muito, mas Bárbara Cartland, no romantismo, eu acho que ninguém chegou a ser tão bom quanto ela.

**Além dos romances, a senhora costuma ler o que mais? Que outro tipo de leitura?**

Bom, Gazeta do Povo todo dia inteirinha, pra estar por dentro de tudo. Aqui temos um livro de São José, da imigração no município, então eu me interessei muito. Quando eu não tenho nada, agora não é o caso, mas antes que eu não tinha essa coleção toda, todo mês, eu lia até os livros didáticos da C.. Desde que não fossem de matemática. Principalmente português, geografia... Mas, na biblioteca não tenho mais ido, que eu tenho dificuldade de locomoção, o estacionamento que tem na frente é muito ruim, então eu não tenho ido. Ah! Sou assinante da Seleções, gosto muito de ler. Até acabei

com a assinatura esse ano, cancelei. Porque Seleções não tem mais a qualidade que tinha antes. Que eu sou leitora de Seleções desde os 10, 11 anos.

**Então a senhora conhece, se mudou a senhora percebeu.**

E muito, e muito. A qualidade dos artigos, tudo mais... Porque, em casa, como eu sou de família de origem alemã, então a minha falecida avó ela lia as alemãs, então ela me passava. Isso eu era criança. Eu tinha 10, 11 anos eu já lia Seleções em alemão. Que eram as da minha avó. Depois de adulta eu assinava. Mas esse ano eu cancelei porque a qualidade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo tanto que eu digo “não, não vale mais a pena o investimento”... Que é um preço de um livro desses e o conteúdo muito, muito pobre.

**Então a senhora lê o jornal, revista e livros.**

Revista muito pouco. Muito pouco. Só... Nem *Veja* mais eu não gosto porque é muita política. Eu gosto de ler Planeta, tudo que tiver de medicina, eu sempre digo, só me falta o diploma. Livros de Direito. Na biblioteca eu peguei toda a coleção de psicologia. Porque eu sou assim, uma advogada frustrada, uma psicóloga frustrada, uma professora frustrada... Porque, sabe aquela coisa. Não, você já terminou o quarto ano, o diploma, né?! Naquele tempo era diploma do quarto ano. Mulher tem que saber cozinha, lavar, passar, costurar, não sei o que, não sei o que. E eu queria ser professora. Me realizei com a minha filha. Então, como eu não fui de ficar parada e me interessava muito por psicologia, por direito... Então, quando saiu o novo código civil eu falei “C., pelo amor de Deus, me imprima tudo”. Ela me imprimiu, ta encadernadinho lá. E eu só por aqui, lendo todo o novo código civil. E, sobre medicina, novidades da medicina. Eu tive câncer ósseo, então eu fiz o tratamento tudo. Então na época eu comecei a ler muito a respeito. E, de qualquer maneira, artigos médicos, novidades da medicina me interessam demais.

**A senhora gosta de ler tudo, então?**

Eu sou uma leitora eclética. Só não gosto de ler, me emprestaram há muitos anos e eu parei: Cassandra Rios

**E por quê?**

Olha, pornografia... Porque aí como você disse “ah! Cenas picantes”, não, cenas picantes é outra história, porque eu sou adulta. Agora, pornografia. Quer ver uma coisa que eu não suporto em leitura? Palavrões. Começou com palavrões, estou fechando, não quero mais ler. Então, são pequenas coisas assim que me chocam e daí, não. Agora, qualquer outra coisa. O que cair na minha mão eu estou lendo. Até panfletos de propaganda eu leio. Sou viciada em leitura.

**ENTREVISTA 4**

**Nome:** V. A. S.

**Idade:** 21

**Sexo:** Feminino

**Profissão:** Educadora

**Estado Civil:** Solteira

**Escolaridade:** Superior em curso

**Mora em:** Pinhais – PR

**O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

Assim, é trazer um pouco de romance pra vida, sabe? O lazer, é mais fácil quando eu estou lendo, se divertir um pouco, já que eu não tenho, é sonhar um pouquinho.

**O que você acha das editoras que estão no mercado: a Harlequin e a Nova Cultural?**

A Harlequin, agora que está sozinha, eu ainda não li nada. A Nova Cultural era muito boa, antigamente, depois começou com aquelas séries xaropes, tipo a “Família Fortuna”, que eu não gostei de nenhum, eu já parei de comprar. “Destinos”, acho que tem, outras mais séries.

**Que não são mais da Harlequin...**

Não são mais da Harlequin. Não, não gostei.

**E o que você acha que mudou?**

As histórias, ficaram parece que mais chatas.

**Mas por que mais chatas?**

Eu não sei. Como que eu posso dizer? Eu tinha algumas autoras, que a gente tem mais identificação e com essas atuais, sabe, eu não gostei. Sabe quando você começa a ler... Eu comprei quatro até, dois da “Família Fortuna”, um é “Destinos” e o outro eu não lembro qual é a série. E eu não gostei. Sabe quando você começa a ler, e daí você tem aquela expectativa, “poxa, uma coisa vai ser interessante”, e tudo mais. E... não foi, não gostei.

**Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Aí está, eu não tomo. Geralmente eu compro em sebo, mas é aquilo, eu participo do “Adoro romances”, ela sempre comenta muita coisa. Eu sempre visito o “Literatura de Mulherzinha”, não sei se você já viu?!

**O blog...**

Sim. Também, sempre tem alguma coisa. Geralmente são coisas mais antigas, mas às vezes traz alguma coisa nova. E às vezes, assim, muito raramente, eu entro no “Bolsa de Mulher”, que também tem alguma coisa.

**Ah! Sim, o “Bolsa de Mulher” é ligado com à Harlequin...**

**E por que você prefere os sebos?**

Pela imensa variedade que eu posso escolher e pelo preço mais baixo. Na banca você vai e “ai, saiu esse essa semana, esse, aquele e aquele outro”, só. Se você não gostar, é nenhum. Você vai ao sebo, acha de mil novecentos e não sei quanto, esses de florzinhas ainda são textos muito bons, são bem românticos mesmo. Ou então você pega alguns históricos do início da década de 90, que são, na minha opinião as melhores, com uma diversidade muito grande de escolha. Eu, que compro vários sempre e demoro muito pra comprar.

**Sua coleção tem quantos livros hoje?**

Mais de trezentos.

**Alguma vez você já entrou em contato com as editoras, para elogiar ou reclamar?**

Não.

**E você mantém contato com outras leitoras de romance?**

Sim.

**E o que vocês costumam comentar sobre os textos, como que vocês comentam?**

É aquilo, tipo, “ah! O livro é maravilhoso, tem isso, isso e isso”. O que as meninas, geralmente, que adoram romance me mandam mais é “olha! Esse é hot, hot, hot”. Esse tipo de coisa.

**E essa questão de ser “hot”, é importante?**

Não é importante. Tem muito livro muito bom que não tem a...

**Parte sexual...**

É... Que tem só... O final é um beijo. Tem histórias que são muito bonitas assim. Agora, tem histórias que, tipo, você está em um momento meio “deprê”, brigou com o namorado, sabe, sabe daqueles que você está um lixo... Você lê um daquele, você se anima!

**Você costuma contar o livro para outra pessoa?**

Eu tenho esse hábito. Geralmente quando eu vou passar para alguma delas, ela principalmente, “olha, eu comprei esse aqui, acontece isso, isso e isso você quer ler?”, “ah! Não sei...”, “oh! Mas tem isso!”, “ah! Eu quero!”.

**O que você acha de grupos de discussão na internet sobre romances como a “Adoro Romances”? Por que participar deles?**

A troca de informações. Às vezes eu tenho o romance X, a menina que está lá no Pará tem o que eu quero e não tem o que eu tenho. Então dá para fazer esta troca.

**Você costuma trocar, mandar pelo correio, essas coisas?**

Eu só troquei um livro, uma vez. Que foi lá no Pará. Só. Tinha um que eu queria desesperadamente e tal. Mas, por exemplo, aquele que eu comentei, o “Corações Indomáveis”, se eu encontrasse alguém, pode ser lá quase na Venezuela, que eu troco, sabe? No “Adoro Romances”, ah... os e-books, o pessoal digitaliza, revisa e manda pra frente. Daí você tira o lucro da editora. Só que tem livro que a gente vai procurar e não acha mais, alguns bem antigos.

**Então você acha que vale a pena?**

Acho que vale.

**Você costuma ler em e-books?**

Eu tive paciência mesmo de ler inteiro só o “Fascinante Inimiga”, que é um livro que eu já tinha lido antes e, assim, eu acho maravilhoso, chegou pra mim e eu falei “vou ler!”. Mas, sem que eu tenha paciência, não dá, porque eu tenho miopia, eu tenho astigmatismo... Ficar na frente do computador... Eu uso óculos, mas ficar na frente do computador lendo aquilo, não dá muito certo.

**O que você acha do preço dos romances nas bancas? Barato, caro ou justo?**

Os últimos que eu comprei, que foram esses que eu falei, acho que estava seis e alguma coisa, sete e alguma coisa quando eu comprei. Não valeu a pena eu ter pago isto, foi caro. Agora, se me dessem um “Clássico Histórico” e fosse lá, nove reais, como era quando editava ainda, sem sombra de dúvida.

**Aí seria barato?**

Seria barato, porque o que eu gosto mesmo, que custe caro pra mim, sai barato.

**Quantos romances você costuma ler por mês?**

Esse mês eu li oito. E eu estou lendo mais um... Só que todos que eu já havia lido.

**Essa é a sua média?**

É a minha média. Na época do colégio eu já lia três por semana.

**Você já foi assinante de algum romance de série?**

Ainda não. Já pensei, mas, por conta da mudança que teve...

**Por que a série “Clássicos Históricos” é a sua preferida?**

Eu não sei o que acontece. Eu tenho uma paixão pelo período medieval, essas coisas, e também a questão celta, muita coisa, assim. É um período da história que eu acho muito interessante, apesar de ser Idade de Trevas, eu acho muito interessante. E daí, como eu disse, a maioria das histórias que eu gosto são bem antigas, são dessa época. E, não sei, porque me remete a um tempo que eu não vivi e que eu acho maravilhoso.

**Você acha que você aprende coisas com este texto?**

Olha, sinceramente, a única coisa que eu aprendi lá, vendo... Aquela história, primeiro o herói maltrata a heroína, pra depois você fala homem é muito difícil de lidar. Mas só isso.

**Você acha o final feliz importante para a leitura do romance?**

Acho, normalmente importante pelo seguinte, na vida a gente não tem final feliz. É muito difícil. E vai demorar muito pra gente chegar a um final para saber se ele é feliz ou não. Então a gente tem que trazer um pouco disso pra gente, mesmo que não seja realidade, pra dar um ânimo, este tipo de coisa.

**Você acha que a leitura desses romances influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

Olha, o que influencia assim é que eu acordo geralmente as seis e meia da manhã, e eu fico as vezes, dependendo do livro, se é muito interessante, amanheço lendo. É o que influencia. Eu leio inteiro.

**Você perde noites de sono?**

Já perdi muitas. É que, é muito interessante se eu vou ler.

**Não importa que tenha que acordar no dia seguinte cedo?**

Não, porque daí eu nem durmo, eu vou direto.

**Você já copiou alguma situação que você viu, ou alguma coisa que você leu, você já copiou no seu dia-a-dia?**

Não, pelo seguinte. No romance é passado pra gente bastante da personalidade da pessoa, por exemplo, com o meu namorado, eu não achei ninguém com a personalidade parecida com a dele, então eu não vou tentar uma coisa diferente com medo já de não dar certo. Tem algumas coisas assim, tipo, aquilo de você estar com um problema, não é todo problema que eu tenho que jogar pra cima dele. É isso que a gente percebe, tipo aquelas, “eu estou grávida, não vou contar”. Tudo bem que geralmente é por orgulho, mas eu já olhei pro lado das dificuldades da vida, mas tudo que eu joga pra cima dele, já vendo que é coisa que acontece na vida.

**Você acha que quando a heroína poupa o herói de alguma situação mais difícil isso pode ser um bom exemplo para a vida da gente?**

Não que seja um bom exemplo, é o que eu já disse, depende da personalidade da pessoa, como a personalidade dele é aquela coisa, se eu falar “Olha! Aconteceu isso”, ele já vai ficar encucado, tipo, nem está acontecendo direito, mas pode acontecer de eu ficar, parcelando aquilo, eu já nem joga pra cima. Mas poupar homem? De jeito nenhum! Poupar das coisas... Só uma situação ou outra muito difícil, que é só sua.

**Você já sofreu alguma vez algum preconceito por ler livros de séries?**

Muitas.

**De que tipo? Narre alguma situação.**

Na época do magistério, por exemplo, chegava no colégio, intervalo, ia na biblioteca, sentava, pegava os livros, “não acredito que você vai ler esta porcaria!”, os professores algumas vezes criticaram, a minha mãe “acho que você não deve ler este tipo de coisa, a sua vida não é isso e blábláblá”, sabe? Minha irmã também achava em relação a isso. Este tipo de preconceito, sabe? Milhares de professores e amigas.

**No colégio, no magistério?**

É. Não lembro agora qual ano foi que a professora falou que aquilo era inútil, que eu não devia gastar meu tempo lendo aquilo.

**Mas eles estavam na biblioteca do colégio?**

Os livros?

**Isso.**

Sim, foram doados, por alguma pessoa, estavam lá.

**E eram bastante locados?**

Pela gente, sim.

**Eu vou falar algumas coisas pra você me dizer o que influencia você na hora de escolher um romance. Daí você diz de um a cinco, sendo o um o menos importante e o cinco o mais importante.**

- a) Capa (3)
- b) Título (3)
- c) Autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (10)
- e) a série (5) Clássicos Históricos
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (5)
- h) época em que se passa a história (5)
- i) recomendação de outros leitores (3)
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (3)
- l) Outro \_\_\_\_\_



**Além desses romances, você costuma ler outros tipos de livros ou revistas?**

Sim, eu sou assinante, por exemplo da Super, que é aquela coisa “eu vou ler pra me divertir”. Da Nova Escola, por questão de trabalho, e da Inco, pelo meu curso, pela faculdade. São as revistas que eu leio. E se cai na minha mão um livro que eu acho interessante, que a minha mãe diga “olha, esse é muito bom”, por exemplo, eu leio.

**Que tipo de livro? Best-seller?**

Por exemplo, há pouco tempo atrás ela me trouxe o “Mundo de Sofia”. Olha, é complicado, eu achei legal, adorei! Esse tipo de livro.... Uma amiga trouxe pra mim “Fortaleza Digital”, do Dan Brown. Olha é muito, muito bom!

**Você gostou?**

Gostei pra caramba. Varia, né?!

**Onde você costuma ler os seus romances?**

Deitada, na minha cama, antes de dormir.

**Como você acha que o sexo é abordado nesses romances?**

Em que sentido? Na conotação sacanagem mesmo ou no romantismo?

**De qualquer forma...**

Ah! Eu acho bonitinho em alguns, porque não te diz que isso aconteceu assim, assim e assim. Agora tem alguns tipo, “Julia Sensual”, “fulano penetrou fulana”, daí a coisa já é mais escrachada, né?!

**Mas como que você acha que é abordado? Você gosta ou você não gosta?**

Ah! Eu acho legal! É o que eu disse, tá em um dia “deprê” você precisa ler uma coisa “tchananan”.

**Como você começou a ler esses livros?**

Eu estava na oitava série, uma amiga trouxe.

**Qual idade você tinha?**

14. “V., você quer ler?”. “Eu tenho esses livros em casa, você quer ler?”, “ah! Eu quero!”. Beleza, adorei! Só que daí eu não comprei mais nada, não fui atrás de nada. No magistério tinha esses na biblioteca, que eram de outro colégio. “Olha, tem esses romances”, peguei e comecei. Aí eu comecei a comprar, toda semana. Aí eu comprava na banca mesmo. Até que era um preço mais acessível e eram alguns livros até interessantes, alguns “Bianca”, sabe? Daí uma amiga trouxe também um “Bianca” que era da avó dela, só que ele era antigo, era de noventa e poucos. Daí foi muito bom só que daí acabou. Compro em sebo agora.

**Você já se identificou com algum personagem de romance alguma vez?**

Eu acho que já...

**Por quê?**

Fases difíceis. A pessoa tá vivendo uma fase difícil naquele trecho da história e você está numa fase difícil similar. De repente aparece uma solução, você pensa “puxa, se apareceu, por mais que foi na fantasia, pode ser que eu consiga resolver o meu também”, esse tipo de coisa.

**E daí, você conseguiu resolver, deu certinho?**

Não.

**Você tem um tema preferido pros romances?**

Época medieval, geralmente briga entre clãs, assim, acho bem interessante, na Escócia, né, Irlanda.

**Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

“Corações Indomáveis”, da Suzane Banclay, foi um dos primeiros que eu li. A heroína vai lá porque vai vingar a irmã dela porque ela supõe que o herói assassinou a irmã dela, que era amante da irmã dela. E no desenrolar dos fatos ela descobre que não, que não era aquilo e ele tem um irmão gêmeo, só que ele é o mais velho de nascimento, então ele vai ser o herdeiro. Só que ele quer deixar a herança pro irmão e não quer casar e por aí vai. E eles acabam se apaixonando no meio de muitas

batalhas, até porque ele era meio que pirata, eles acabam se apaixonando e tudo mais. É uma coisa muito bonita, né?! Por isso.

**O que você acha que leva tantas mulheres há tanto tempo a lerem estes romances?**

A falta de romance na vida. Na minha opinião, né?! Acho que eu comecei quando eu não tinha nada de romance, era eu e eu, né?! Acho que isso era pra espairer um pouco, sair um pouco daquilo “poxa, minha vida, isso é um lixo, briguei com o meu namorado, e tudo mais, vou ler alguma coisa pra relaxar”, né?! Este tipo de coisa.

**Tipo uma fuga da realidade?**

É, seria isso...

**Ou pra esquecer uma realidade?**

Um fuga, assim, por algum tempo, pra deixar a cabeça limpa e depois pensar “puxa, isso eu não podia ter feito assim”, sabe? Pra livrar a cabeça assim de problemas, né?! Esse tipo de coisas.

**ENTREVISTA 5**

**Nome:** I. S.

**Idade:** 22 anos

**Profissão:** Educadora

**Estado Civil:** Solteira

**Escolaridade:** Ensino Médio

**Mora em:** Pinhais - PR

**O que você mais gosta nesses romances?**

A história em si, pelo lazer de estar lendo, espairer um pouco.

**Mas por que espairer lendo este tipo de livro e não outros?**

Na verdade eu leio um pouco de tudo, mas...Ah! Sei lá, entende... Porque é gostoso ler.

**Você conhece as editoras, você sabe diferenciar?**

Não... Eu gosto assim dos livros em si, não entendo de editora. Na verdade eu leio o que elas lêem, o que a V. me passa.

**Então você não compra livros, você só empresta?**

Não. Eu comecei a comprar, mas daí é muito empenho fazer coleção, daí desisti e vendi pra ela.

**Você tinha quantos livros?**

Ah! Não lembro... Uns 20.

**É? De que coleção você comprava?**

Eu acho que era bem variado, né?! Bem variado.

**Tinha “Sabrina”, tinha “Julia”?**

Sim.

**Eram todos históricos?**

Não.

**Você prefere os históricos ou os contemporâneos?**

Os contemporâneos.

**Por quê?**

Ah! Porque eu não entendo muito História, acho muito chato. A História em si, assim. Porque, assim, eu gosto de todos na verdade, mas pela história, não pela época.

**Você mantém contato com outras leitoras além da V.?**

Não.

**Mas com ela você comenta bastante sobre os livros?**

Sim, todos os que ela lê, daí ela me passa, daí a gente comenta se a gente gostou.

**E vocês se encontram e, depois que as duas leram os livros, vocês comentam sobre eles?**

Quase sempre.

**Que tipo de coisas vocês comentam?**

A gente comenta assim, quase do livro todo.

**Das partes mais picantes...**

É.

**Tipo, assim, mais sexuais?**

Sim.

**Mas assim, se vocês gostaram, se não gostaram, se foi bom, se não foi bom...?**

É, então, a gente comenta o que gostou, o que teve de legal, o que mais gostou.

**Essas partes, assim, mais picantes, você acha que o livro tem que ter?**

Acho que não é o fundamental, acho que o romantismo em si é o principal.

**Mas se tiver é melhor ou é pior?**

Ah! É melhor...

**Você participa de algum grupo de discussão na internet?**

Não.

**Quando você fazia sua coleção, o que você achava do preço dos romances nas bancas? Era caro, barato ou justo?**

Eu acho que era justo. A gente comprava sempre no sebo, né?! Sempre foi no sebo.

**No sebo, então, o preço do sebo é justo. O das bancas você acha alto?**

Alguns, sim.

**Por quê?**

Porque às vezes a história não vale tudo aquilo. Como aqueles que ela falou, que ela comprou quatro, né?! Eles eram caros em relação à história, que não trazia o que você queria.

**Quantos romances você costuma ler por mês?**

Atualmente acho que eu estou lendo um por mês. Mas, quando a gente estudava só, eu lia dois por semana.

**E isso é na época que você estava no magistério?**

Isso.

**Agora você estuda o que? Você está estudando, não?**

Não.

**Como você começou a ler?**

Influenciada por ela, a V.

**Quantos anos você tinha?**

16.

**Depois disso você não parou mais?**

Não.

**Então, você nunca foi assinante dos livros?**

Não.

**Qual é a sua série favorita?**

Ah! Não tenho, assim, uma série, até porque eu não me prendo, né?! Os que ela vai me passando, eu vou lendo. Eu gosto mais da história, assim. Agora, de série... Mas "Julia Paixões Picantes" é uma das melhores...

**Você acha importante o final feliz?**

Acho.

**Por quê?**

Ah! Porque eu acho que na vida todo mundo procura um final feliz e nem sempre isso é possível, então as pessoas, é como se estivessem suprindo isso que elas não têm na vida real.

**Vocês acham que ninguém tem final feliz na vida real?**

Difícil. Eu não conheço ninguém, pelo menos...

**E, viagens... Você falou alguma coisa de viagens...**

Ah, é! Romance, você viaja pro mundo da fantasia. Aquilo que você queria que fosse sua vida, mas na verdade não é.

**Você acha, então, que a leitura dos romances influencia seu dia-a-dia de alguma forma?**

Não. Acho que não... Acho que, assim, quem lê tem uma visão mais humana da vida, compreende melhor as pessoas. Só neste sentido.

**Você já copiou alguma situação que você leu num romance, na sua vida?**

Não.

**Parece que você leu muita coisa nos romances, hein?! Não deu vontade nunca de copiar?**

Sim, de copiar, sim. Mas eu não cheguei a copiar.

**Deu vontade, mas não tinha como?**

Não.

**Você já sofreu algum preconceito por ler esses romances?**

Não, porque só ela sabe que eu leio.

**Você esconde das outras pessoas?**

Não, não é que eu escondo, é que a única pessoa que eu sei que lê é ela, então eu só comento com ela... Nunca cheguei a comentar com ninguém, mas não por vergonha ou por esconder, é porque nunca surgiu a oportunidade.

**Você conversa na sua casa... Você mora com quem?**

Com a minha mãe. A minha mãe sabe, mas pra ela é indiferente.

**E na escola?**

Na escola também não. É que ela foi sempre mais faladeira, assim, via na escola e todo sabia que ela lia, eu não.

**O que influencia você na hora de escolher um romance? Na verdade você vê essas coisas, capa, título, isso aí, ou você só lê o que ela te dá?**

Resumo, o resuminho atrás.

**Resumo é o mais importante?**

Acho que sim. Dá uma idéia, porque eu leio, tipo, ela me empresta uns oito, aí eu vou pelo resumo. O resumo que eu acho mais interessante eu começo a ler primeiro.

**Então, agora eu vou falar, de um a cinco, um menos importante, cinco mais importante. O que você, na hora que você pega esses oito livros, você vai escolher o que você vai ler, a ordem que você vai ler.**

- a) capa (1)
- b) título (2)
- c) autora (1)
- A autora um, se for outra, né?! Se for Daniele Steel, cinco
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (3)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (1)
- h) época em que se passa a história (1)
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora (1)
- l) propaganda publicada em outra edição (1)
- m) Outro \_\_\_\_\_

**Alem dos romances você costuma ler outros livros ou revistas? Quais?**

Eu costumo ler a Nova Escola e livros relacionados à educação, que é a minha área de interesse.

**Então livros técnicos?**

É.

**Mas, outros livros de ficção, não?**

Eu gosto do Sidney Sheldon e Agatha Christie.

**Onde você costuma ler os seus romances?**

No quarto, deitada.

**Como você acha que o sexo é abordado nos romances?**

Acho que, normal. Depende, né?! Se você quer alguma coisa mais, assim, você já vai pra um "Julia Paixões Picantes", se quer uma coisa mais light, um "Bianca".

**Mas você acha que é abordado de uma forma normal, do jeito que tem que ser?**

É. Porque tem a sua categoria, né?! Quem gosta de mais light, assim, vai pro "Bianca", quem gosta dos mais picantes, vai pro "Julia Paixões Picantes".

**Você já se identificou com um personagem de romance?**

Ah! Não lembro. Já devo ter me identificado, mas não lembro.

**Você tem um tema preferido para os romances?**

Como assim?

**Um tema, algum tipo de situação que você goste mais?**

Ah! Eu gosto daqueles que são mais próximos da vida real. Por isso os contemporâneos. Eu acho que os históricos fantasiavam muito, assim, coisas que aconteciam e que não acontecem mais.

**Qual foi o seu romance preferido?**

"Anel de Noivado".

**De quem?**

Daniele Steel.

**E por quê?**

Ah! Porque ele retrata toda uma tragédia que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, e ela sofre bastante. Envolve três gerações. E ele te prende. Eu comecei a ler ele quando eu cheguei do colégio,

onze horas. Onze horas. Eu só consegui parar cinco horas porque eu tava com muito sono, porque te prende bastante, eu não conseguia parar de ler.

**O que você acha que leva as pessoas a lerem este tipo de coisa?**

Ah! Eu acho que é justamente a coisa da realidade, viajar pro mundo da fantasia e ter na ficção aquilo que não tem na vida real, que é muito difícil. Pode até existir uma ou outra, mas eu não conheço ninguém.

**E é isso que te leva a ler?**

Também.

**Como que você compara a sua realidade com aquilo que você lê nos livros, nesses romances contemporâneos?**

Ah! Não tem muito o que comparar, porque, assim, eu não tenho namorado. Quem compara mais é quem tem namorado, quem tem seu ideal. Mas, eu comparo no que eu quero ter um dia.

**De que forma?**

Ah! Porque é aquele sonho, né?! De toda mulher, aquele homem carinhoso, coisa que é muito difícil. Atencioso, que sabe o que você quer. A gente sabe que não acontece na vida real.

**ENTREVISTA 6**

**Nome:** D. R. F.

**Idade:** 21 anos

**Profissão:** Educadora social

**Estado Civil:** Solteira

**Escolaridade:** Cursando Superior – Pedagogia

**Mora em:** Curitiba - PR

**O que você mais gosta nesses romances? Quando você começou a ler?**

Faz pouco tempo, nas férias. Mas foi porque a V. que indicou, porque eu não fazia nem idéia do que se tratavam esses livros.

**Você nunca tinha visto antes?**

Já, por causa da V. e da I., que liam no magistério. Mas a gente já andava juntas e eu era, talvez uma das pessoas que tinha preconceito em relação a esses livros.

**Você então tinha preconceito... Você começou a ler, você já leu quantos?**

Eu li, eu to terminando o segundo, só falta um pedacinho.

**E você tinha preconceito sobre eles de que forma?**

Não sei direito assim, eu sempre li, sempre tive o hábito de ler, mas sempre livros técnicos e outros livros que falassem mais da realidade. Agora, não sei por que eu tinha preconceito. Acho que era porque eu achava que era muito essa coisa da imaginação, da fantasia, que não era real.

**E agora que você já leu dois, o que você acha?**

Acho legal as histórias, assim. Eu achei bem interessante, assim, podia ter começado antes a ler. Não que eu, talvez, ainda não sou viciada assim em ler livro, igual a V. e a I., mas eu achei as histórias bem bacanas, não sabia que eram, né?! Que dá pra se comparar com a realidade também, né?! Então, eu achei bem legal.

**Quais foram os livros que você leu?**

“A Serra dos Sonhos”, que eu não lembro a autora e agora “Atraídos pelo Destino”.

**E eles eram históricos ou contemporâneos?**

Eram históricos e os dois seguem a mesma linha. Não sei se todos são assim, porque eu não li.

**Mas que tipo de linha?**

Assim, os dois se passam nos Estados Unidos e não sei se é na mesma ainda, porque eu não consegui meio que identificar, mas é mil oitocentos e pouco. Mas a história em si, tipo, troca os personagens, mas tem algo em comum.

**Como que você analisa hoje esses livros?**

Hoje eu acho interessante, assim. Mas, é, eu acho que é bom, igual elas falaram, pra fugir um pouco da realidade, mas que esse livro ele tem a ver com, tipo, não no mesmo contexto histórico, mas nas relações entre as pessoas. Acho que tem bem, tipo, você compreende melhor algumas atitudes.

**Você acha que coisas que você em livros como esses você pode aproveitar na vida real?**

Acho que sim. Tem algumas situações, assim, pelo menos nos que eu li, tem um pouco de humor também, assim. Então tem algumas coisas que são legais. Não aproveitar, mas você compara com algumas situações que acontecem.

**E você acha que daria pra copiar alguma coisa que você viu ali, na vida real?**

Copiar, assim, acho que todo livro que a gente lê, alguma coisa a gente coloca na vida real. Não sei assim ao certo o que, mas alguma coisa acho que dá pra comparar, sim.

**Quantos livros você costuma ler ao mês?**

Agora, assim, é bem corrido, pelo fato de, né?! Estudar, trabalhar e tal. Mas eu leio um em média, assim, por mês. Mas, eu leio, como livros técnicos, assim, eu não chego a ler todo, então eu leio uma parte, daí depois eu leio outra, daí pego outro e já leio outra parte.

**E esses outros livros que você lê, que tipo de livros são?**

É, eu leio, ta, na área de educação, mas eu lia muito antes de ler isso daí, de auto ajuda.

**Auto ajuda?**

Sim, leio.

**Por que você gosta deste tipo de livro?**

Sei lá, acho que é porque... É, talvez isso, pra me ajudar... Mas eu acho que é uma forma, assim... Eu achava, é um tipo de leitura que você pode aproveitar pra sua vida, né?! Eu acho que tem alguma mudança, é significativo, então, por isso que eu gosto.

**Onde você costuma ler?**

No ônibus.

**Os seus romances, também no ônibus?**

Às vezes, é, só que... e romance eu leio no serviço também, quando eu tenho alguma folga, aí eu fico lendo.

**E dá pra ler no trabalho?**

Dá. Quando as crianças dormem. Aí eu leio. Não, mas é tranquilo, assim, horário de almoço. A diretora da minha escola também lia, assim, quando era adolescente, agora ela tem em média uns 40 anos, daí eu percebo que as pessoas mais nessa faixa etária que tinham bastante esse hábito de ler livros desses. Daí ela até viu eu lendo e ela “nossa, você lê esses livros ainda?” e eu “não, comecei agora”.

**E ela não lê mais?**

Não. Mas ela falou que devorava também, só que não lê mais.

**Agora que você começou a ler esses livros, você sofreu algum tipo de preconceito?**

Sim.

**Como que foi?**

Deixa eu ver, acho que dela mesmo, porque ela falou assim “nossa, você lê esses livros ainda?”.

**A diretora da escola onde você trabalha?**

Isso.

**É uma creche?**

Sim.

**E o que ela disse?**

Ela falou assim “é, você lê esses livros ainda?”, mas não assim, pela pauta da história. Ela falou isso no sentido, assim, de serem antigos, não de serem alguma coisa...

**Ruim...**

Tanto que ela falou que ela lia, mas que, digamos, ela achou descontextualizado pra hoje.

**Certo. O que você acha importante para escolher um livro? Eu vou falar de um a cinco, um o menos importante ao mais importante. Você está conhecendo agora, mas o que te influenciaria.**

- a) Capa (3)
- b) Título (5)
- c) Autora (1)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (3)
- e) a série (1)
- f) o preço (3)
- g) lugar em que se passa a história (3)
- h) época em que se passa a história (3)
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (4)
- l) Outro \_\_\_\_\_

**Nesses livros que você leu você se identificou de alguma forma com os personagens?**

Não, acho que eles são o oposto de mim.

**Então, na verdade, você achou que você era o oposto?**

Não, mais ou menos, assim, são diferentes.

**Por enquanto você só leu livros emprestados?**

Só.

**Mas você pretende comprar?**

Talvez, mas eu empresto da V..

**Ela tem bastante?**

Tem, até eu ler todos...

**E você pretende continuar lendo?**

Sim, se for, assim, ela normalmente me indica um, se for, eu pedi, ela me indicou esses dois porque falou que eram legais e eu gostei, então eu continuo.

**Além desses romances, o que mais você costuma ler em termos de revistas, livros?**

Revistas? Eu leio a Nova Escola, leio... É hoje em dia você vê mais na internet algumas coisas, nas revistas, é algumas...

**Livros?**

Livros eu leio, né?! Os de auto ajuda e os pedagógicos.

**O que você acha que leva as mulheres a lerem a tanto tempo este tipo de livro, agora que você conhece esse tipo de enredo?**

Eu acho que eles, são a coisa da fantasia mesmo. Eu acho que depois que você começa a ler você vê que eles são assim, quase um conto de fadas talvez, sei lá. É você que, as mulheres se



identificam com aquilo que elas consideram que fosse o ideal, acho que é por aí. Isso. Com todos os, tipo, tem todos aqueles problemas antes da história, mas tem o final feliz, né?! Então, isso...

**O final feliz é importante?**

É, né?! Porque vai... você lê um livro inteiro daquela grossura e ainda um final triste...

**Se o final fosse triste você não ia gostar de ler?**

Ah! Não, porque daí ia ser, daí, sei lá, acho que não. Não que seja o final extremamente feliz, mas não triste, assim... Ou o real, mas não...

**E o que seria o final real?**

Real seria, deixa eu ver... Ah! Podem até não ficar, tipo, num romance não ficarem juntos, cada um viver sua vida e tal, nunca li livro assim, mas é real. Mas, não algo como morte, essas coisas.

**ENTREVISTA 7**

Nome: L.D.A.

Idade: 22 anos

Sexo: feminino

Profissão: estudante

Estado Civil:

Escolaridade: 3º grau (cursando)

Cidade e Estado onde mora: Campina Grande /PB

**O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

Eu gosto do desenrolar da história, de como apesar dos percalços, os protagonistas sempre conseguem ficar juntos.

**O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Eu leio as duas só que em ângulos diferentes. Da Nova Cultural eu gosto de ler os Clássicos Históricos e as Biancas (romances místicos), já da Harlequin eu gosto dos romances paixão e Jessica, o que mais me atrai no primeiro e o desenrolar das histórias pois os Che (Clássicos Históricos Especiais) têm em média 300 páginas então geralmente a fundamentação histórica é melhor, da série Bianca eu gosto de sobrenaturais apesar da Nova Cultural haver cortado as histórias quando as traduziu, já as séries da Harlequin que eu citei são leves e atuais com histórias que na realidade seriam muito difícil de ocorrer na realidade, mas o preço me desanima a comprar diretamente na banca por isso prefiro troca-los na comunidade da AR (Adoro Romances) ou em sebos.

**Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Eu entro nos sites das editoras e de algumas autoras que eu gosto.

**Alguma vez você já entrou em contato com as editoras? Se sim, como foi? Ficou satisfeita?**

Uma vez tentei comprar diretamente da editora, mas não gostei, eles demoraram a me dar uma resposta e a compra não se concretizou, foi através da Harlequin.

**Você mantém contato com outras leitoras de romances? Se sim, como e por quê? Se sim, você costuma comentar aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

Sim, mantenho contato através da comunidade

**Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Nos sebos, nas bancas de revistas e em alguns sites como o submarino e saraiva

**O que você acha dos preços dos romances sentimentais nas bancas?**

- A. ( ) barato  
 B (X ) caro  
 C ( ) justo

**Comente sua resposta:**

Pelo fato de muito serem em estilo pocket como os da Harlequin algumas séries como os Jessica ou Paixão não valem a pena , já da Nova Cultural acho caro pagar R\$5,90 por 128 paginas , já os Clássicos Históricos Especial acredito que estão mais dentro do padrão de preços.

**Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Novos uns dois ou três depende dos lançamentos , usados comprados nos sebos uns dez e releio na mesma medida os que eu tenho em casa pois sou colecionadora.

**Você é ou já foi assinante das séries? Se sim, de qual editora? Como foi essa experiência?**

Não , nunca foi assinante pois me mudava muito , mas já pensei em assinar os CHE da Nova Cultural.

**No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Clássicos Históricos Especial , pelo desenrolar da história , pelo fato dos personagens e das histórias serem mais estruturados em relação às outras séries , além de em 85% dos livros o contexto sócio-cultural é bem “fiel” à realidade

**Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Eu leio vai fazer dez anos, comecei a ler quando encontrei um livro perdido dentro de um ônibus numa viagem , depois li mais alguns e abandonei o hábito por uns dois anos até que encontrei uma amiga e passamos a percorrer juntas os sebos , de lá para cá não parei de ler .

**Você prefere romances “históricos” ou “contemporâneos”?**

Históricos.

**Você acha o final feliz importante para a leitura desses romances? Por quê?**

Sim, pois de certa forma é a fuga da realidade dramática que temos o que nos leva a ler esses livros, mas temos outros padrões como, por exemplo, livros em que a mocinha trai muito o mocinho de um certo modo e mal visto pois desvia desse padrão mesmo que no final eles fiquem juntos.

**Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia? Se sim, como?**

Sim, influencia. De uma certa maneira passei a ser mais parcial a ver as coisas de pontos de vista diferente, a não encarar tudo tão de frente e a sempre esperar e/ter paciência

**Alguma vez você já copiou na sua vida uma situação narrada num romance? Se sim, qual? Como foi?**

Não isso nunca me ocorreu

**Você já sofreu algum preconceito por ler romances das séries? Se sim, como foi?**

Sim, principalmente na faculdade, pois somos estimulados a ler somente livros que estão interligados a nossa graduação. Tive um episódio constrangedor quando uma pessoa no avião perguntou como eu não tinha vergonha de ler esse tipo de leitura em público, eu lhe disse que não e ela respondeu que eu não tinha noção do que era leitura e/ou cultura e com certeza era uma sonhadora que teria que batalhar muito para conseguir sair do colégio. Então eu disse a ela que falava, contando com o português, três idiomas e que fazia duas graduações e isso a deixou chocada. A sociedade é muito preconceituosa em relação a livros românticos.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( Use muito, pouco ou medianamente) ou ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) Capa (1)
- b) Título (1)
- c) Autora (3)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (4)
- f) o preço (5)
- g) lugar em que se passa a história (2)
- h) época em que se passa a história (2)
- i) recomendação de outros leitores (3)
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (1)
- l) Outro \_\_\_\_\_

**Além de romances sentimentais, você costuma ler outros livros ou revistas? Se sim, quais? Se não, por quê?**

Sim leio revistas específicas como História Viva , Superinteressante , Aventuras na História e Mundo Estranho, além de específicas com matérias interessantes relacionadas à educação, história e literatura , pois trabalho com literatura comparada

**Onde você costuma ler seus romances?**

Geralmente no ônibus e no meu quarto

**Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

Dependendo da série e só uma alusão como ocorre nas Sabrinhas já, nos Clássicos Históricos e na série Paixão são bem descritos mas não totalmente explícitos, digamos que as figuras de linguagem são bem trabalhadas nessas cenas

**Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

Eu me identifico muito com a Marion de “O Lobo Domado”, pois gosto de pensar que tomaria as mesmas atitudes que ela , também me identifico bastante com a Morgana de “As Brumas de Avalon”.

**Você tem um tema preferido para os romances?**

Gosto de livros envolvendo crianças, raptos e muita aventura , além de misticismo.

**Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

Caramba essa é uma pergunta difícil, posso te mandar uma lista com os preferidos mas não consigo te dizer um só.

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

A esperança de que um dia conseguiremos achar um pouco do que a heroína do livro conquistou , ou seja, o amor e a fidelidade de seu homem para sempre.

**ENTREVISTA 8**

Nome: J.V.

Idade: 24 anos

Sexo: feminino

Profissão: assistente administrativa em corretora de seguros.

Estado Civil: solteira

Escolaridade: Nível Técnico

Cidade e Estado onde mora: Ijuí - RS

**Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei a ler aos 12 anos, quando meu padrasto encontrou um romance da série “Momentos Íntimos” perdido na rua. Sabendo que eu adorava literatura, levou-me e eu adorei o romance.

**O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

Os romances sentimentais são sensíveis às necessidades femininas como romantismo e doçura. Normalmente em romances a personagem feminina nunca é idealizada e cada mulher consegue ver seus defeitos e anseios dentro da protagonista.

**Além de leitora, você comercializa os livros. Como isso começou?**

Sim, mas não por fins lucrativos e sim apenas para “manter” o vício. (risos). Comecei quando encontrei um romance da Diana Palmer num sebo. Paguei R\$1,00 por ele e o li. Quando terminei de ler, o postei na internet avisando as meninas que eu tinha o romance. Minha intenção era troca, mas varias começaram a me fazer ofertas. Quando uma das moças me ofereceu R\$ 100,00 por ele, o vendi na hora.

**Quais os canais de vendas que você utiliza?**

Vendo somente livros pela internet.

**Você tem um sebo ou vende sua coleção pessoal? São só romances sentimentais ou você vende também outros livros?**

Somente coleção pessoal e somente romances sentimentais que eu leio, mas não amo de coração. Os meus preferidos não vendo por nada.

**Você já teve alguma interferência da editora em sua atividade na venda de livros?**

Não, nenhuma.

**Nos leilões do Mercado Livre, qual o preço médio aplicado nos livros?**

Médio é 7,00

**Qual foi o melhor preço que você conseguiu e em qual exemplar foi? Essa valorização aconteceu por quê?**

Consegui R\$ 200,00 por uma Sabrina. A valorização aconteceu porque o livro era super raro. A Sabrina era “Poder e Sedução”, da Diana Palmer e hoje não é tão raro, porque várias meninas já conseguiram e tal... mas a uns 5 anos atrás era edição raríssima.

**Quantos livros de romances sentimentais você vende em média por mês?**

Já vendi cerca de 20. Hoje vendo um ou dois pois não tenho mais tempo de ir atrás de romances no sebo.

**Você mantém algum site ou blog? Se sim, qual e como é a repercussão dele?**

Sim. Mas hoje ele esta abandonado pois não tenho mais tempo de postar nele. O endereço é romancesdajosy.weblogger.com.br.

**Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Uns 20. Não chega a ser um por dia pois as vezes tenho reunião a noite (meu horário de leitura)

**No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Clássicos Históricos. Sou apaixonada por épicos e adoro um bom romance de cultura diferente.

**Você prefere romances “históricos” ou “contemporâneos”?**

Históricos.

**Você acha o final feliz importante para a leitura desses romances? Por quê?**

Sim, pois sou daquelas pessoas que acredita que de depressivo, já basta a vida. Normalmente me informo se o final do romance é feliz. Se não for, nem leio.

**Além de romances sentimentais, você costuma ler outros livros ou revistas? Se sim, quais? Se não, por quê?**

Leio Bestsellers e jornais.

**Onde você costuma ler seus romances? Você acha que o local influencia a forma de ler?**

Em casa, antes de dormir. Sim, pois não consigo me concentrar em outros lugares.

**Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

De maneira sensível e poética.

**Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

Sim, a maneira de pensar e algumas atitudes. Muitas vezes me vi descrita em romances, como se a autora me conhecesse.

**Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

Tenho muitos, mas o meu xodó é "A Esposa Virgem" de Deborah Simmons. O título é ridículo em português, mas a obra é fantástica. Trata-se de uma história de vingança, onde um homem se casa com uma jovem apenas para se vingar da família dela e fazê-la sofrer.

**O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

A Nova Cultural trata muito mal seus clientes, pois já comprei livros com eles e demoram muito para enviar. Da Harlequin, não tenho queixas por enquanto. Sobre os romances, a Harlequin possui autoras melhores, mas a Nova Cultural está investindo em muita gente boa também.

**Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Através do Orkut.

**Alguma vez você já entrou em contato com as editoras? Se sim, como foi? Ficou satisfeita?**

Sim, não fiquei.

**Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Sebos e Internet

**O que você acha dos preços dos romances sentimentais nas bancas?**

- A. ( ) barato  
 B ( X ) caro  
 C ( ) justo

**Comente sua resposta:**

A

maioria são histórias curtas e os preços são exorbitantes.

**Você é ou já foi assinante das séries? Se sim, de qual editora? Como foi essa experiência?**

Não.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( Use muito, pouco ou medianamente) ou ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- |   |     |
|---|-----|
| a) capa                                 | (2) |
| b) título                               | (1) |
| c) autora                               | (5) |
| d) sinopse (resumo da contracapa)       | (4) |
| e) a série                              | (4) |
| f) o preço                              | (1) |
| g) lugar em que se passa a história     | (3) |
| h) época em que se passa a história     | (4) |
| i) recomendação de outros leitores      | (5) |
| j) a editora                            | (3) |
| k) propaganda publicada em outra edição | (1) |
| l) Outro _____                          |     |

**Você mantém contato com outras leitoras de romances? Se sim, como e por quê? Se sim, você costuma comentar aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

Sim, mantenho contato com várias leitoras. Costumamos dar dicas umas as outras. Somos como viciados que falam um ao outro qual o melhor produto..

**O que você acha dos grupos de discussão na Internet sobre romances como o Adoro Romances? Por que participar deles?**

Excelente, pois sempre é bom saber que não se é sozinha.

**Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia? Se sim, como?**

Não. É apenas lazer.

**Alguma vez você já copiou na sua vida uma situação narrada num romance? Se sim, qual? Como foi?**

Não lembro.

**Você já sofreu algum preconceito por ler romances das séries? Se sim, como foi?**

A família às vezes gosta de provocar, mas como sou eu que compro com meu dinheiro, ninguém se mete.

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

Lazer e descontração. Somos naturalmente românticas.

## ENTREVISTA 9

Nome: E. M. S

Idade: 27 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Historiadora e Professora de História

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Ensino Superior

Cidade e Estado onde mora: Nova Iguaçu – RJ

**Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Eu tinha aproximadamente 12 anos quando tive contato a primeira vez com este tipo de leitura. Eu tinha ficado doente e quando voltei pra casa não tinha absolutamente nada pra fazer. Revirei algumas gavetas e encontrei uns “Momentos Íntimos” e “Julias” que pertenciam a minha irmã (ela nega isso até a morte hoje). Vou te confessar que odiei os dois. O primeiro exatamente por ter cenas de sexo. Eu tinha 12 anos e era uma boboca. Ainda brincava de bonecas e achei aquilo um absurdo. Fiquei constrangida por vários dias, achando que todo mundo aqui de casa sabia que tinha lido aquilo. O segundo porque achei um ultraje a personagem principal sofrer como um cão na mão do “moçinho” e no final acabar tudo bem, com os dois felizes e contentes. Meu pai sempre estimulou nas filhas o ato da leitura, e foi ele que comprou meus primeiros livros, num sebo perto de casa. Nessa época conheci dentre autores brasileiros e estrangeiros, conheci também os chamados “Clássicos da Literatura Romântica” e deste eu gostei, apesar de alguns também terem de cena de sexo, que eu pulava estrategicamente.

**O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

Gosto exatamente desta questão “amarrada e sem susto” sabe? Você sabe exatamente o que está buscando quando lê este tipo de livro. Sabe que no final vai acabar tudo bem. Como na vida real isso não é verdade, a gente busca isso em algum lugar.

**Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Hoje não leio mais do que 4 ou 5. Com a faculdade, a pesquisa e o trabalho, não sobra muito tempo pra literatura de entretenimento da minha vida.

**No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Não tenho série favorita. Se a história me interessa, leio. Não importa a série.

**Você prefere romances “históricos” ou “contemporâneos”?**

Históricos, por uma questão óbvia... (ser historiadora)

**Você acha o final feliz importante para a leitura desses romances? Por quê?**

Acho primordial. Acredito que é exatamente por isso que eles são esse sucesso a trinta anos no Brasil. A leitora procura exatamente o “final Feliz”.

**Além de romances sentimentais, você costuma ler outros livros ou revistas? Se sim, quais?**

Eu tenho um gosto literário muito eclético (uma amiga minha diz que duvidoso), leio Jorge Amado (meu escritor favorito de longe), Érico Veríssimo, Eric Hobsbawm (por causa do meu curso), revistas de história, artigos de educação.

**Onde você costuma ler seus romances?**

Somente em casa.

**Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

Romantizado.

**Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

Sinceramente não. A maioria são personagens fora da realidade. Fica difícil se identificar com qualquer uma delas.

**Você tem um tema preferido para os romances?**

Geralmente temas que envolvam crianças, bebês, órfãos...

**Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

“O Casamento de Hester”, da Paula Marshall. Gostei porque o personagem principal fugia dos padrões estabelecidos pelas autoras: bom caráter, acima de qualquer suspeita, sem defeitos. O personagem era quase um “vilão” por assim dizer. Só quando estava com a protagonista é que ele “se transformava em mocinho”.

**O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Na minha pesquisa, analiso exatamente as editoras de romances que estão atualmente no mercado editorial brasileiro. A Nova Cultural possui o nome, já que foi através dela que a Harlequin se tornou conhecida no Brasil. A Harlequin possui as editoras mais conhecidas, e isso é uma vantagem que ela tem sobre a Nova Cultural. Ambas são concorrentes, já que buscam o mesmo público alvo, porém, atualmente elas estão explorando motes diferentes: a Nova Cultural se voltou mais para os romances históricos, enquanto a Harlequin mais para os contemporâneos. Com relação a conteúdos ou as histórias que são contadas, não há uma diferença marcante.

**Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Geralmente através dos sites, mas confesso que atualmente, tem sido as bancas de jornal mesmo.

**Alguma vez você já entrou em contato com as editoras? Se sim, como foi? Ficou satisfeita?**

Entre em contato para a minha pesquisa e confesso que não fiquei satisfeita. A Harlequin mostrou muito descaso e a Nova Cultural nem me deu ouvidos.

**Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Preferencialmente nos sebos.

**Você é ou já foi assinante das séries? Se sim, de qual editora? Como foi essa experiência?**

Não.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( Use muito, pouco ou medianamente) ou ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- |   |     |
|---|-----|
| a) capa                                 | (1) |
| b) título                               | (1) |
| c) autora                               | (5) |
| d) sinopse (resumo da contracapa)       | (4) |
| e) a série                              | (1) |
| f) o preço                              | (5) |
| g) lugar em que se passa a história     | (1) |
| h) época em que se passa a história     | (5) |
| i) recomendação de outros leitores      | (5) |
| j) a editora                            | (1) |
| k) propaganda publicada em outra edição | (1) |
| l) Outro _____                          |     |

**Você mantém contato com outras leitoras de romances? Se sim, como e por quê? Se sim, você costuma comentar aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

Antes de montar um perfil no Orkut, conhecia pouquíssimas leitoras de romances. Na época da escola conheci uma, que também não dizia a ninguém que lia. Fiquei sabendo por acaso, quando ela deixou cair um livro no chão. Na faculdade, descobri várias, inclusive que me apresentou a comunidade “Adoro Romances”. Depois disto, várias outras foram surgindo, inclusive na faculdade mesmo. Acho importante este contato para mim, porque reafirma aquilo que acredito veementemente: que as leitoras dos romances sentimentais não são pessoas alheias a realidade. A escolha pela leitura desses livros é apenas um lado daquilo que somos, mas não pode ditar com precisão *tudo que somos*.

**O que você acha dos grupos de discussão na Internet sobre romances como o Adoro Romances? Por que participar deles?**

Ultimamente participo mais como uma espécie de “promoter” aqui do Rio de Janeiro. Acabei ficando com o contato de todas as meninas e sou eu que costumo marcar os encontros. Participar destes grupos é uma forma de fazer amizades que entendem a sua preferência. Você sabe que ali as pessoas compartilham da mesma paixão que você, e que não vamos ouvir críticas do tipo “cultura inútil”, “lixoteratura”, “leitura pornográfica”, e tantas outras que ouvimos as pessoas dizerem ao nosso redor.

**Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia? Se sim, como?**

Sinceramente não.

**Alguma vez você já copiou na sua vida uma situação narrada num romance? Se sim, qual? Como foi?**

Não.

**Você já sofreu algum preconceito por ler romances das séries? Se sim, como foi?**

Preconceito a gente sofre sim, quando admite abertamente que lê esses romances. Tenho algumas amigas que me dão aquela sacaneada, mas eu vou levando. Claro que isso me aborrece, porque a impressão que tenho é que preciso matar um leão por dia para mostrar que sou tão ou mais inteligente do que elas. A alguns meses atrás eu e três amigas estávamos estudando para um concurso aqui do meu estado. Lembro que uma delas disse que dificilmente eu me concentraria, porque estava com a cabeça nos “moçinhos de papel jornal” (expressão que ela ouviu de uma professora de faculdade). A impressão que me deu que aquilo me deu mais garra para estudar do que qualquer outra coisa. A única que passou fui eu.

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

É uma forma de encarar a realidade. As mulheres, em sua grande maioria, têm jornada dupla de trabalho. Ler esses romances é uma forma de alívio para um dia massacrante de trabalho. O sucesso desses romances está exatamente no fato de sempre terem um final feliz. É um amarrado que dá certo.



**Além de leitora, você está fazendo uma pesquisa sobre o tema. Como é essa pesquisa? Já tem resultados?**

Minha pesquisa se concentra nas duas editoras mais conhecidas no mercado, a Nova Cultural e a Harlequin Books do Brasil, dando uma passada pela Mythos Books, que também está se enredando pelos caminhos dos romances sentimentais de banca. Procuro também falar da relação que as leitoras atuais mantêm com esse universo, agora com a internet.

**Como conduz essa relação, de leitora e pesquisadora? Muda alguma coisa na forma de ler o fato de também estudar o tema?**

Vou confessar que foi muito difícil para eu optar por escrever sobre o tema, principalmente depois de ler os trabalhos que iam chegando a minhas mãos. Sem rasgar seda, o mais sensível foi realmente o seu. Como leitora que sou e pesquisadora que me esforço em ser, ficou difícil não concordar com as colocações que você ia fazendo em seu trabalho. Li alguns artigos e relatórios de pesquisa que tratavam do tema, e várias vezes pensei em desistir. Acabei direcionando a minha pesquisa para os aspectos mercadológicos, falando mais do lucro oriundo desses livros, conversando com jornalistas, donos de sebos, pessoas que trabalham em feiras e tem sites de vendas na internet. Pude me concentrar em aspectos diferentes daqueles ligados a preconceito ou discriminação, para tentar ser o mais imparcial possível. É claro que a imparcialidade é algo complicado de se alcançar, mas a gente tenta.

**Você organiza encontros de leitoras no Rio de Janeiro? Como são? O que vocês conversam? O que fazem? Onde vão?**

Eu comecei organizando os encontros meio por acaso. Houve um problema envolvendo uma moça (que não mais participa da comunidade) e eu me senti no dever de dar andamento aos encontros aqui no Rio. Antes era só abrindo o tópico da comunidade. Nos encontros, fui pegando os contatos com as meninas e mandando também e-mails. Se a menina não se manifestasse mesmo, aí eu ligava. Geralmente, a periodicidade dos encontros é de quatro em quatro meses, sempre deixando um encontro para setembro, para comemorarmos juntas o aniversário da comunidade "Adoro Romances". Nesses encontros, as meninas trocam os livros. Usados e novos. Trocam informações sobre as editoras, autoras favoritas, séries... Enfim, tudo que envolve esse universo romântico. Na maioria das vezes, nos encontramos em shoppings aqui do Rio, mas no aniversário é na casa de uma das meninas. Esse é o segundo aniversário que comemoramos na casa da Andreia, uma contadora aqui do Rio

**Que benefícios você vê nos encontros de leitoras?**

Acredito que nesses encontros, além de conhecermos pessoas que compartilham do mesmo gosto de que nós, podemos nos expressar sem receio de sermos discriminadas ou ridicularizadas por isso. Geralmente, a opinião do senso comum sobre as mulheres que lêem esses romances é muito próxima, e acabamos por esconder essa preferência. Acredito que esses encontros acabem por aproximar mais todas as leitoras que participam deles, além de servir como um mote para novas amizades.

**Qual o perfil das leitoras que participam (profissões, idades, estado civil) .**

A grande maioria tem nível superior. Dentre as várias mulheres com quem estabeleci contato desde que entrei na comunidade, poucas tinham só o Ensino médio. Vou listar algumas que me lembro agora: arquiteta, 40 anos e casada (sem filhos); advogada, 40 anos e solteira, jornalista, 29 anos e solteira ( inclusive, foi promovida a assessora de imprensa de um time de futebol grande aqui no Rio), promotor de eventos, 30 anos e casada (sem filhos), contadora, 35 anos e divorciada (2 filhos), funcionária pública, 40 anos e solteira, microempresária, 33 anos e casada (2 filhas), professora, 28 anos e solteira, universitárias (que freqüentam os encontros devem ser pelo menos umas 5, entre 20 e 25 anos). Tem ainda aquelas com ensino médio, mas com planos para iniciar os estudos universitários: vendedoras, professoras do 1º ciclo do ensino fundamental. Tem várias outras que não mais freqüentam os encontros: uma por falta de tempo, outras por receio de ter seus nomes vinculados a este tipo de leitura.

**Em média, quantas pessoas participam de cada encontro?**

Em média são em torno de 22 a 28 mulheres... Neste encontro de setembro (de 2008), estamos esperando 30 mulheres.

## ENTREVISTA 10

Nome: R.O.

Idade: 29 anos

Sexo: Feminino

Profissão: Jornalista

Estado Civil: solteira

Escolaridade: 3o grau completo (se Deus quiser e eu não surtar, em breve, aluna de Mestrado)

Cidade e Estado onde mora: Juiz de Fora, MG

### **Você criou o blog *Literatura de Mulherzinha*, sobre romances, que é bastante divulgado na comunidade *Adoro Romances*. O que a motivou a criar esse blog?**

O fato de eu ser uma colecionadora de livros, especialmente os romances de banca. Eu tenho faro para achar coleções. E reparei que a maioria não era divulgada como coleção. Então, comecei a pesquisar na Internet e só conseguia descobrir alguma informação depois de quebrar a cabeça com sites em outras línguas, percebi que não havia um site brasileiro sobre isso (e os das editoras eram desatualizados de doer). Então, no dia 16 de abril de 2005, decidi que poderia juntar as informações sobre os meus livros, o meu hobby por pesquisar e as minhas opiniões em um blog. A parte cômica é que eu não sou uma expert em webdesign, então o site é de uma simplicidade visual que até me irrita, por isso, tento investir nos textos. Apesar de, no último ano e meio, desde que cismeiei de investir na Pós-Graduação, deixei um tanto a desejar como blogueira...

### **Que retorno você tem de leitoras e das editoras a partir do blog?**

Até o ponto onde eu sei, nunca tive retorno de uma das editoras. Já tive retorno de autora, mas nunca das editoras. Tanto que o blog não tem patrocínio. Isso favorece o fato de eu ter liberdade para escrever o que quiser sobre os livros. Tento ser sempre o mais justa possível, o que significa superar antipatias pessoais e deixo sempre claro que minha opinião não é definitiva. As pessoas devem ler e criar a própria avaliação. Só forneço algumas pistas que podem agradar ou não as leitoras como eu. E as leitoras têm sido maravilhosas. Graças ao *Literatura de Mulherzinha*, à comunidade *Adoro Romance* no Yahoo e no Orkut, conheci várias outras pessoas, leitoras tão ou mais dedicadas que eu, que também tinham informações preciosas e não tinham lugar para compartilhar. Já ganhei livros, consegui coleções emprestadas, encontrei livros que faltavam para minhas coleções, consegui dicas de leitura. Fiz amizades interessantes a ponto de, quando estava mais ativa no blog, já imaginar quem iria reagir a qual comentário (tanto que, se observar, muitos posts fazem menção direta às outras leitoras). Das leitoras, eu não tenho do que reclamar. Das editoras, a lista é longa, como blogueira, leitora e consumidora.

### **Depois que passou a escrever no blog, mudou alguma coisa na relação que você tem com os romances?**

Não. Continuo a mesma leitora compulsiva, exigente e muitas vezes desorganizada (o armário onde eu guardo os livros já passou por tantas formas de arrumação que atualmente não tem nenhuma). Eu exijo uma boa história, capaz de prender a minha atenção por algumas horas. Isso para qualquer tipo de livro: seja os romances de banca, os bestsellers e até os livros teóricos (a minha maior reclamação é quem determinou que trabalhos acadêmicos têm que ser tão chatos de ler. Um em dez prende a sua atenção naturalmente. A maioria parece tortura.)

### **Quando começou a escrever o blog (faça um pequeno histórico)?**

O motivo foi esse, colocar o que eu sabia, tinha pesquisado e achava sobre os livros da minha coleção. Se tivesse retorno, ficaria feliz. Na pior das hipóteses, ajudaria outras leitoras, sem que elas tivessem que ficar pesquisando em sites norte-americanos, ingleses, italianos, espanhóis e franceses. Porque para ter as informações e o *Literatura* ser algo mais que "o que eu penso", tive que recorrer a eles. E eu não sei uma palavra em Espanhol. Estudei Francês, mas desisti. Muito difícil para falar. Tenho um domínio bom do Inglês e atualmente estudo Italiano. Os primeiros posts foram definidos com base no que estava mais perto (tenho uma pilha de livros na mesa do computador) e depois das séries que eu gostava mais. Depois comecei a inventar moda... como os posts sobre copa do mundo, o especial do meu aniversário e do niver do blog, as listas para escrever um livro como se fosse uma das autoras mais conhecidas e amadas pelas fãs...

### **O blog foi sua primeira experiência na divulgação dos romances?**

Primeira e única. Dá muito trabalho. Queria ter mais tempo e mais idéias para cuidar melhor dele. Como é algo baseado no meu ponto de vista, pra mal ou pra bem, não posso passar para outra pessoa. Perderia a identidade e a graça...

### **Alguma vez você já teve alguma interferência das editoras na forma como divulga e analisa os romances no blog?**

Nunca. Nem sei se eles sabem que o Literatura de Mulherzinha existe - suponho que, se eles acompanham as comunidades no Orkut e no Yahoo, devem saber... Acho que ainda não fiz por merecer atenção deles. Como disse, tenho liberdade para escrever o que quiser, mesmo que eu odeie o livro (e tem alguns exemplos no blog de livros que me irritaram tanto, mas tanto que eu não me contive e falei tudo o que estava pensando, sem meias palavras). Os leitores interferem mais, deixando recados aprovando, discordando, contestando e mostrando outros pontos que eu deixei passar nos meus comentários.

### **Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Bem, comecei a ler com uns 12, 13 anos. Eu contei a história em vários posts, incluindo o "28 lembranças literárias da Mulherzinha". Eu aprendi a ler sozinha, devorava contos de fadas e histórias em quadrinhos, livros da coleção Vagalume, até que achei os romances na estante da minha prima. Pedi emprestado, ela conversou com a minha mãe que liberou e eu levei alguns livros pra ler. Depois, pedi dinheiro à minha mãe para comprar. Por fim, quando comecei a ter meu dinheiro, comprei mais ainda. Sinceramente, não sei precisar quantos livros eu tenho. Só vendo ou troco quando não gosto da história.

### **O que você mais gosta nos romances sentimentais?**

A capacidade que eles me permitem de desligar do dia-a-dia. São histórias simples, muitas vezes que podem acontecer com quem está lendo. O fato de passar em outros países - quando bem escrito, isso é um atrativo. E o preço ajudava... até um tempo atrás.

### **Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Atualmente, se li um foi muito, por conta da dedicação às aulas do Mestrado. Mas tenho fases de ler muito e de ignorar os livros. Geralmente depende do meu humor - eles são um excelente termômetro de como estou: se estou bem, compro e leio; se estou mal, compro muito e leio mais ainda. Se o problema é sério, paro de ler. Geralmente, de 2 a 3 livros por semana numa maré boa.

### **No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Sou suspeita para falar. Adoro séries. Tanto que elas são citadas aos montes no Literatura de Mulherzinha. Por ordem de lembrança, vou escrever algumas das que mais gosto:

Contemporâneos

- \* Família Marchetti, Tereza Southwick.
- \* Família MacGregor, Nora Roberts.
- \* Família Biscoito, Diana Palmer
- \* Mercenários/Jacobsville, Diana Palmer

Clássicos

- \* Família Cavendish, Tori Phillips
- \* Família Sparhawk, Miranda Jarrett
- \* Irmãos de Burgh, Deborah Simmons
- \* Irmãos de Lacy, Deborah Simmons
- \* Família MacAlpin, Ruth Langan

E uma série que eu não tenho completa - até mesmo porque não foi lançada aqui na totalidade (até onde sei) - é a da saia mágica. A premissa é muito curiosa e as histórias são bem contadas.

Claro, a trilogia da Magia e a série Mortal (apesar de eu só ter lido quatro deles), da Nora Roberts. O herói (?) da série Mortal, Roarke, tem um fã clube do tamanho do mundo entre as leitoras, mas meu xodó mesmo é o Mac, do segundo livro da trilogia da Magia.

E depois que eu enviar esse e-mail, tenho certeza de que ficarei inconformada por ter esquecido de citar alguma série...

### **Você prefere romances "históricos" ou "contemporâneos"?**

Prefiro boas histórias não importa onde elas estejam situadas. Exijo coerência, respeito à inteligência das (os) leitoras (es). Nos casos necessários, mostrar o resultado de pesquisa também ajuda. E uma

trama cativante com personagens que prendam a minha atenção.

**Você acha o final feliz importante para a leitura desses romances? Por quê?**

O final feliz não é necessário para fazer uma boa história. A autora Mary Canon tem um trilogia que se passa durante a guerra entre Irlanda e Inglaterra, que terminou com a submissão dos irlandeses ao império britânico. Não tem o *happy end* clássico, porque não tinha esse motivo. Personagens com quem eu havia me encantado morreram sem piedade, mas dentro do contexto. No entanto, no nosso dia a dia, o *happy end* ajuda. As pessoas sentem necessidade de boas notícias em um mundo cheio de maus exemplos e coisas ruins. Tem dia que dá raiva ler/ver/ouvir o noticiário (e, no meu caso, como jornalista, produzi-lo): parece que os fatos conspiram para você não querer sair de casa. O *happy end* no momento de lazer vira um alívio, uma catarse, uma esperança de que as coisas podem, sim, ser diferentes.

**Além de romances sentimentais, você costuma ler outros livros ou revistas? Se sim, quais? Se não, por quê?**

Como eu disse no post "28 lembranças literárias da mulherzinha", eu leio qualquer coisa que caia nas minhas mãos. Leio jornais (O Globo, Extra, Lance!, Folha de SP, Estado de Minas) - a maior parte pela Internet. Adoro revistas. Quando pequena, sonhava em trabalhar na National Geography (meus pais colecionavam) - até que percebi que essa história de viajar por Savanas, ficar em meio à poeira não era minha praia, não. Como sempre fui incentivada a ler e minha mãe e minha irmã compartilham esse gosto (cada uma dentro de suas preferências), sempre tem revista aqui: Caras, Cláudia, Nova, Capricho e a minha favorita, Marie Claire. E isso se aplica aos livros, além dos livros teóricos - necessários para o Mestrado para o qual estou me candidatando - li alguns sobre futebol: o da série camisa 12 sobre o Botafogo (meu time de coração); outro chamado 100 anos de Paixão, que conta a história dos clubes do Rio de Janeiro. Acabei de ler recentemente (entre idas e vindas por causa da falta de tempo) um chamado "Invasão de Campo", da Barbara Smit, que conta a história da Adidas (e a conseqüente criação do marketing esportivo). Atualmente, estou lendo "A sociedade do espetáculo", Guy Debord (para a prova do Mestrado) e promovi o "Febre de Bola", do Nick Hornby para a categoria "leitura entre idas e vindas". A minha paixão é tanta que sempre que possível saio com um livro na mochila ou na bolsa. Ajuda em filas de bancos, espera em consultório de dentistas e pontos de ônibus. Devo pegar nesta semana o "Comer, rezar, amar" - a edição que eu havia comprado estava com algumas páginas danificadas. Como havia comprado o último da loja, a livraria se comprometeu a me passar outro assim que chegasse.

**Onde você costuma ler seus romances? Você acha que o local influencia a forma de ler?**

Em casa; na fila de banco; na espera do médico, dentista, ônibus. Geralmente, leio em casa, no meu quarto. Ou na cadeira do computador ou na cama. Por isso, volta e meia falo que quis jogar o livro pela janela, quando não gosto dele. No meu caso não influencia. Se a história capturou minha atenção, sou capaz de ler em qualquer lugar, com barulho, sem barulho, sozinha ou acompanhada. O porém é que não gosto de ser interrompida. Se estou mergulhada naquele universo, não gosto que me tragam de volta antes da hora.

**Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

Depende da autora. Há casos em que a história ficou esquecida em algum lugar externo ao livro (o exemplo mais drástico disso que eu citei no livro foi O Soberano Poderoso). Há casos em que ele é usado como um instrumento de dominação/submissão (as histórias da Diana Palmer, onde os personagens sempre precisam superar um trauma, pessoal ou do parceiro para serem felizes). Há casos em que é instrumento de punição/redenção (Lynne Graham, a criadora das virgens mártires mais desinformadas do planeta). Claro, há os casos onde ele é parte de um contexto de um relacionamento que se tornará uma história de amor, mas passa por diferentes estágios até alcançar este nível. Ouvi falar uma vez que algumas cenas eram cortadas porque as leitoras brasileiras não gostavam de cenas picantes. Absurdo. O sexo também é uma forma de avaliar como os tempos mudaram e isso foi retratado nos romances. Quem ler algo escrito na década de 70 e início dos anos 80, vai perceber que a mocinha tinha a necessidade de se manter pura. E as cenas eram insinuadas. Atualmente, tem algumas descrições que exageram na dose. Há quem confunda 'hot' ou aquela pimentinha da capa com mau gosto mesmo. Há quem sabe temperar bem a mistura e as leitoras agradecem!

**Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

Várias! Geralmente porque elas enfrentam algo que eu enfrentei. Uma vez, na comunidade Adoro Romances do Yahoo, um dos meus posts iniciou um grande debate: o que fala sobre os "patinhos feios". Tanto que este é um dos campeões de comentários no Literatura de Mulherzinha. Quando me deparo com uma heroína discriminada por alguma característica que eu tenho - ou tive (como o aparelho ortodôntico) - já costumo simpatizar com ela. Ou se ela ama livros, gatos, se é do signo de Escorpião, também cai nas minhas graças rapidamente. Se tem um temperamento fechado - um tanto por timidez - e de vez em quando um temperamento difícil também. É o caso da Ripley, a heroína do segundo livro da trilogia da Magia. Ou a Elene, de O Anel de Noivado, que teve motivos para desconfiar do mundo, até ter o paciente, amoroso e justo Geoffrey. No entanto, nem sempre se chamar R. no livro ajuda. Uma vez, li um que a mocinha era tão insegura e medrosa que eu terminei o livro convicta de que tinham dado nome errado à ela. E claro, humor. Heroínas bem humoradas são fundamentais. Gosto delas de cara.

#### **Você tem um tema preferido para os romances?**

Humor, inteligência e aventura. Personagens cativantes vivendo situações cotidianas, mas que no livro se tornam fora do comum. O livro "O vizinho perfeito" da Nora Roberts cita a aproximação de dois vizinhos com personalidades distintas. Geralmente escolho livros que se passam em locais onde posso "viajar" - a minha coleção de livros com heróis gregos, italianos, franceses e britânicos é incontável. Gosto também dos períodos medieval e da regência, na Inglaterra. Li alguns que se passam na Rússia. Se atçou minha curiosidade, eu leio! Só não gosto de drama, muito drama. De triste, já basta a vida.

#### **Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

Ai, tem tantos... "O anel de noivado", da Deborah Simmons segundo da série Irmãos de Burgh da Deborah Simmons, o santo Geoffrey é de derreter a mais durona das mulheres. Afinal de contas ele possui inteligência, gentileza e romantismo sem parecer um idiota. "Um amor de detetive", da Sarah Mason, que tem uma jornalista atrapalhada como protagonista. Outro que também tem uma jornalista, mas em busca de afirmação, é "Um amor de detetive", da Anne Avery. E tem o "Arizona Ardente", que tem uma R. como protagonista, apesar das descrição física ser diferente, o bom humor (e o medo de aranhas e bichos nojentos) era parecido comigo... Fora os livros da Nina Beaumont que falam de viagens no tempo (todas para o período do Renascimento Italiano). Enfim, deu para notar que eu não tenho apenas um preferido...

#### **O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Há um bom tempo, a Nova Cultural publicava os livros da Harlequin. Já me confessei viúva desta fase, porque os livros eram muito bons. Os romances históricos eram realmente históricos. Depois que a parceria foi rompida, confesso que demorei para me adaptar aos livros da Kensington, que passaram a ser publicados pela Nova Cultural. Achei as histórias fracas, sem personagens carismáticos. No entanto, reparei - graças às indicações de outras leitoras - que eram problemas de algumas autoras. A Kensington também tem autoras boas, como a Quinn Taylor Evans. A principal diferença é que as autoras da Harlequin são mais conhecidas. As da Nova Cultural precisam ser descobertas. Confesso que atualmente tenho comprado mais livros da Harlequin, então, não posso dizer como o fator preço poderia desempatar no caso de leitoras indecisas.

#### **Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Pesquisando nos sites das editoras, por indicação de outras leitoras via e-mail, blog ou pessoalmente e por indicação da dona da loja onde eu compro. Ela já sabe o que eu gosto, então sempre manda me avisar quando chega algo.

#### **Alguma vez você já entrou em contato com as editoras? Se sim, como foi? Ficou satisfeita?**

Escrevi uma vez pedindo informações sobre uma série que tinha sido lançada sem ser devidamente identificada como série. Eles nem sabiam que os livros tinham ligação. Desisti de esperar uma resposta mais precisa e recorri ao Google...

#### **Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Nas bancas de jornais, trocando com outras leitoras (muito raramente) e nos sebos. Aqui na minha cidade, tem uma galeria com umas 5 lojas. Faço uma festa lá. Já sou conhecida pelas donas e por alguns funcionários e posso mexer à vontade nas prateleiras!

**O que você acha dos preços dos romances sentimentais nas bancas?**

- A. ( ) barato  
 B ( x ) caro  
 C ( ) justo

**Comente sua resposta:** O brasileiro mal tem dinheiro para pagar o que precisa para sobreviver. Para muitos, leitura é um luxo. E raramente entra na lista de prioridades. As leitoras precisam ficar espertas. Eu já vi livros que comprei no sebo serem vendidos com capas duras e mais chiques a um preço exorbitante nas livrarias. Então, se as editoras praticassem preços mais acessíveis, facilitaria o acesso das leitoras.

**Você é ou já foi assinante das séries? Se sim, de qual editora? Como foi essa experiência?**

Nunca fui assinante. Primeiro pelo preço. Pesaria no meu orçamento familiar. Depois, porque gosto de ter a liberdade de escolher ou rejeitar um livro. Como assinante das séries, eu receberia todos os livros, inclusive os das autoras que não me agradam.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( Use muito, pouco ou medianamente) ou ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( 4 )  
 b) título ( 3 )  
 c) autora ( 5 )  
 d) sinopse (resumo da contracapa) ( 5 )  
 e) a série ( 5 )  
 f) o preço ( 5 )  
 g) lugar em que se passa a história ( 5 )  
 h) época em que se passa a história ( 5 )  
 i) recomendação de outros leitores ( 4 )  
 j) a editora ( 3 )  
 h) propaganda publicada em outra edição ( 4 )  
 k) Outro \_\_\_\_\_

**Você mantém contato com outras leitoras de romances? Se sim, como e por quê? Se sim, você costuma comentar aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

Graças ao Literatura de Mulherzinha, consegui contato com várias leitoras de outras regiões do Brasil. Já recebi até um comentário em Espanhol. Infelizmente, esse eu não pude responder porque não entendo nada de Espanhol. Eu comento as minhas opiniões no blog, as pessoas respondem e, em muitos casos, a gente troca informações. Muitos me mandam e-mails indicando livros e até mesmo pedindo comentários sobre um ou outro que eu ainda não li. Eu não gosto de contar o final de livro. Só faço isso se a pessoa pedir. E quando fiz no blog, avisei que contaria muito mais do que alguns leitores gostariam de saber. Detesto saber o final. Gosto de descobrir sozinha. Por isso, tomo cuidados. Geralmente falo se o livro tem humor, drama, se o personagem é cativante ou não. Se tem muita atitude burra nas histórias (porque tem livros que exageram na dose).

**O que você acha dos grupos de discussão na Internet sobre romances como o Adoro Romances? Por que participar deles?**

Eu gosto dos grupos de discussão. É uma chance para trocar opiniões, impressões, dicas, comentários engraçados, críticos. O Literatura de Mulherzinha só ficou conhecido graças aos grupos de discussão, porque divulguei no Orkut e no Yahoo. E é divertido ter acesso a outros pontos de vista. O meu personagem favorito na saga dos irmãos de Burgh é o Geoffrey, mas de tanto ler sobre o Dunstan (irmão mais velho, da história "O lobo domado"), não consigo reler o livro sem pensar em algumas coisas que li a respeito dele.

**Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia? Se sim, como?**

Sim, quando leio uma cena engraçada, me incentiva a manter o humor, mesmo quando enfrento uma situação mais complicada no meu dia-a-dia. Quando leio algo sobre a Itália, especialmente, sobre Florença, prometo a mim mesma que vou anotar os detalhes para conhecer de perto (quando realizar

meu sonho de ir até lá). Às vezes me pego fazendo algo e penso: "Está parecendo aquela criatura do livro..." Por isso, evito ler histórias muito tristes. Elas me deixam para baixo. E eu lido com muitas histórias tristes - e o pior, verdadeiras - no meu dia-a-dia. Quero leveza na diversão.

**Alguma vez você já copiou na sua vida uma situação narrada num romance? Se sim, qual? Como foi?**

Já. Já mandei cartas anônimas me declarando para um garoto que eu gostava. Não deu certo. Nos livros sempre funcionam! Também já sai com um rapaz por quem eu sempre fui interessada, para descobrir que ele não era aquilo que eu pensava... Já perdi a paciência com vendedor em uma loja de sapatos, que me atendeu mal porque eu queria um sapato barato (era para ir à uma festa à fantasia) e falei com todas as letras que nunca mais voltaria lá e que ele tinha perdido uma cliente que poderia comprar o que quisesse lá dentro (no carnê, mas isso ele não precisava saber) Já me atralhei bancando cupido para os outros. Já falei o que não devia com quem não devia. Enfim, no final das contas, terminei rindo de mim mesma. E isso é muito bom.

**Você já sofreu algum preconceito por ler romances das séries? Se sim, como foi?**

Lógico. Minha mãe gostaria que eu lesse menos, até mesmo para "não cansar os olhos" (uso óculos, tenho miopia e, se deixar, não ligo os livros). Já teve gente que ficou "chocada" ao ver que uma jornalista gosta destes livros sem cultura, de empregada doméstica, de mulher frígida blá blá blá... Até mesmo uma parente, que fazia faculdade de Contabilidade, fez questão de repetir que o professor disse que estes livros são para pessoa sem esclarecimentos e de mente limitada. Eu perdia a paciência e respondia de forma ácida e crítica. Neste dia, preferi me fazer de surda e apelar para a diplomacia afirmando que "leitura sempre faz bem." Certo tempo depois, fui digitar um trabalho desta parente e de algumas amigas. E não é que tinha, entre outras coisas, um nada bonito "trajédia" no texto? Chamei minha mãe, mostrei a ela e disse que nem as heroínas limitadas dos meus livrinhos escreviam isso... Citei outras situações como estas no blog. Atualmente, parto para o "Já leu? Não. Então, não critica. Você não sabe do que está falando."

**O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

A capacidade de que o ser humano tem de querer um pouco de fantasia na sua vida. Todo dia é a mesma coisa: correria, poluição, contas de mais, dinheiro de menos. Por ser uma diversão "barata" quando comparada com outras. Por permitir um tempo para si mesma. E por abrir caminho para nossa imaginação. Eu não acreditava que jornalistas se casavam com príncipes na vida real, mas aí não é que a futura rainha da Espanha me mostrou que até alguns sonhos muito cor de rosas de meninas apaixonadas pelo azul podem se tornar reais? Eu tenho que ser prática, objetiva, séria na minha rotina. O bom humor tempera isso tudo, evita gastrites nos momentos de estresse. Os livros me ajudam a escapar desta bolha, pesquisar sobre assuntos que me despertam a curiosidade, imaginar situações que eu gostaria (ou não) que acontecessem comigo. Acho que cada uma tem suas razões. As minhas podem coincidir com as de outras. No final, todo mundo adora ter alguns minutos de paz com um livro, em busca de uma boa história...

## **.2. ENTREVISTAS FEITAS PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO "DAS BANCAS AO CORAÇÃO" EM 2001**

### **ENTREVISTA 11**

- 1) Nome – G.F.C.
- 2) Idade: 36 anos
- 3) Sexo: Feminino
- 4) Profissão: Atendente de confeitaria, em Curitiba
- 5) Estado civil: casada (um filho)
- 6) Escolaridade: Segundo grau incompleto

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

empresta ou troca com amigos

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

Momentos Íntimos

**8.a) Por quê?**

Porque é mais picante.

**9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

d) Dez anos ou menos

**10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

um

**11) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são: ( nada, pouco, medianamente, muito ou extremamente)**

- a) Autoritárias (muito)
- a) submissas (muito)
- b) independentes (medianamente)
- c) dependentes (extremamente)
- d) modernas (extremamente)
- e) antiquadas (medianamente)
- f) vaidosas (extremamente)
- g) pouco vaidosas (medianamente)
- h) bonitas (extremamente)
- i) feias (nada)
- j) ricas (medianamente)
- k) pobres (medianamente)
- l) bem sucedidas profissionalmente (medianamente)
- m) liberadas sexualmente (medianamente)
- n) sedutoras (extremamente)

**11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, e extremamente)**

- a) autoritários (muito)
- b) submissos (muito)
- c) dependentes (muito)
- d) independentes (pouco)
- e) modernos (extremamente)
- f) antiquados (nada)
- g) vaidosos (muito)
- h) bonitos (extremamente)
- i) feios (nada)
- j) ricos (muito)
- k) pobres (medianamente)
- l) bem sucedidos profissionalmente (extremamente)
- m) liberados sexualmente (extremamente)
- n) sedutores (extremamente)

**12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. O sexo não é abordado de uma forma aberta. Como vou explicar... Eles descrevem bastante, mas não é aquela coisa cheguei, já vai pra cima...Ficam seduzindo, preparando o momento.

**13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?**

sim

**14.a) Por quê?**

R. Não sei se é bem a palavra, eu me identifiquei, porque eu queria ser aquela pessoa, naquele momento, entendeu.

P) O que ela estava fazendo?



Ela estava tentando seduzir o chefe dela, no caso o patrão dela. Era muito interessante. Na verdade, ela era uma empregada que morava e trabalhava na casa com um patrão muito do “tchan” e ela estava, assim, doidona por ele.

**14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?**

a) sim

14.a) Se sim, em qual situação?

R. Nessa situação que eu falei, da sedução.

**15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Sim, um pouco.

15.a) Se sim, de que forma?

R. Eu me sinto mais romântica, mais esperta. Eu tenho mais atitude, em relação a não ter vergonha de falar o que sente, o que acha.

**16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?**

R. Não.

**17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?**

R. Não

**18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?**

R. Sim

18.a) Se sim, quantos e de que sexo?

R. Várias, todas mulheres

18.b) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?

R. Sim

**19.b1) Se sim, o que vocês costumam comentar?**

R. Aquela coisa da atitude das mulheres, principalmente das mulheres darem em cima dos homens. Elas fazem muito isso, as mulheres são mais liberais nos livros do que na vida real. Nas revistas também, tipo Ela, Cláudia.

**20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- |                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| a) capa                             | (5) |
| b) título                           | (5) |
| c) autora                           | (3) |
| d) sinopse (resumo da contracapa)   | (5) |
| e) a série                          | (3) |
| f) o preço                          | (1) |
| g) lugar em que se passa a história | (5) |
| h) época em que se passa a história | (5) |
| i) recomendação de outros leitores  | (1) |
| j) Outro _____                      |     |

**21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?**

R. Tem tanta coisa que eu gosto. Gosto daquelas histórias de amor lindas. Os condes, que eu adoro, tenho paixão. Aquelas pobres meninas que se apaixonam pelo patrão, como eu falei, e assim por diante.

P – Você gosta então das histórias em que a moça pobre se casa com um homem rico, é isso?

R – É isso mesmo. É a conquista, né? A batalha. Às vezes as meninas pobres vão para uma casa daqueles condes, aqueles homens lindos, maravilhosos. Elas batalham, conquistam até o último, até conseguir. É uma vitória, né.

**22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Não lembro o nome, li há muitos anos. Só lembro que é de uma empregada que se apaixonou pelo patrão. Aquela que eu falei.

**23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

- a) Jornais – Gazeta do Povo
- b) Revistas – Cláudia, Capricho
- e) Outros - Bíblia

Comentários da pesquisadora:

(Sobre as séries preferidas)

R. A leitora, apesar de preferir a série “Momentos Íntimos”, tem inúmeros livros da série Barbara Cartland. Acreditamos que a estes ela se refere ao falar de “condes” e “castelos”. (Sobre a preferência pela narrativas que enfocam a ascensão social da heroína)

A entrevistada durante muitos anos foi empregada doméstica e babá. Apesar de não ter se envolvido sentimentalmente com os patrões, a condição de doméstica faz com que pareça natural a identificação com narrativas que tenham como heroínas personagens que exercem funções parecidas com esta.

**Comentários da leitora, depois de encerrada a entrevista:**

**(Sobre a forma de “viajar” com a leitura )**

G. F. C. - “Quando a gente está lendo um romance bem interessante, assim uma coisa gostosa, você está vivendo aquele romance naquela hora. A gente se transforma, de repente eu sou a mocinha, eu sou a condessa, não é assim quando a gente está lendo? A gente se imagina com aqueles vestidos lindos, maravilhosos, cheio de babados...”

**(sobre o que influência na escolha dos livros)**

G.F. C. “Eu mesma, vou muito mais pela capa, pelo desenho e pelo título. Por exemplo, ‘Uma louca paixão’, eu já imagino uma louca paixão. Revista, mesmo, a gente compra às vezes só pela capa, pelo que está acontecendo. Ah, fulano está namorando sicrana. Isso atrai muita gente”

**(Sobre identificação com a realidade)**

“Lembro quando a gente foi para Campos do Jordão, eu não me lembro que história que eu li, eu me imaginei lá em Campos do Jordão, naqueles castelos, aqueles hotéis lindos. É lindo aquilo lá (...). Eu tenho um livrinho lá em casa – nem sei se está lá ainda – tem um castelo na história que é exatamente - bem parecido com aquele lá (de Campos do Jordão)”.

**ENTREVISTA 12**

- 1) Nome: A.C.R.
- 2) Idade: 21
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: desempregada, em Curitiba
- 5) Estado civil: solteira
- 6) Escolaridade - Segundo grau completo

**6) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

Empresta ou troca com amigos

**7) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

m) Outra. Não tenho um preferido

7.a) Por quê? \_\_\_\_\_

**8) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

Um ano ou menos

**9) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

c) três

10) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritárias ( medianamente )
- a) submissas ( muito)
- b) independentes (extremamente)
- c) dependentes (muito)
- d) modernas (extremamente)
- e) antiquadas(muito pouco)
- f) vaidosas(muito)
- g) bonitas(muito)
- h) feias (pouco)
- i) ricas (pouco)
- j) pobres (medianamente)
- k) bem sucedidas profissionalmente (muito)
- l) liberadas sexualmente (muito)
- m) sedutoras(extremamente)

11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)

- a) autoritários (extremamente)
- b) submissos (muito)
- c) dependentes (muito) (Comentário - sempre precisam de algo, mesmo quando não admitem)
- d) independentes (pouco)
- e) modernos (extremamente)
- f) antiquados (muito)
- g) vaidosos (pouco)
- h) bonitos (extremamente)
- i) feios (pouco)
- j) ricos ( medianamente)
- k) pobres (muito )
- l) bem sucedidos profissionalmente (muito)
- m) liberados sexualmente (muito)
- n) sedutores (extremamente)

12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?

R. De uma forma bem aberta. Como posso dizer... não é aquela coisa de livro que conta só por cima. Falam aberto, contam em detalhes.

12a. E as personagens em relação a sexo, elas são abertas?

R. As personagens não, elas não falam tanto, mais é o narrador.

13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?

b) não.

14.a) Por quê?

R. Acho que não tem nada a ver comigo, as personagens.

14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?

R. Não

15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?

R. Não

16.a) Se sim, de que forma \_\_\_\_\_

16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?

R. Não.

**17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?**

b) Não

17.a) Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

**18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?**

R. Não

18.a) Se sim, quantos e de que sexo? \_\_\_\_\_

**18.b) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?**

R. Não

19.b1) Se sim, o que vocês costumam comentar? \_\_\_\_\_

**20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- |   |     |
|---|-----|
| a) capa   | (1) |
| b) título   | (4) |
| c) autora   | (1) |
| d) sinopse (resumo da contracapa)   | (5) |
| e) a série  | (1) |
| f) o preço  | (1) |
| g) lugar em que se passa a história   | (1) |
| h) época em que se passa a história<br>(comentário – prefiro a época atual) | (4) |
| i) recomendação de outros leitores  | (1) |
| j) Outro _____  |     |

**21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?**

R. A história, é gostoso de ler, se ela for bem interessante,

**22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Não tive um preferido.

**23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

- a) Jornais. Quais: Primeira Hora, Gazeta do Povo  
 b) Revistas. Quais: Contigo, Alô Garota  
 c) Livros. De que tipo: biografias, série Vaga-lume, Jorge Amado.

**ENTREVISTA 13**1) **Nome:** I.G. B.2) **Idade:** 583) **Sexo:** feminino4) **Profissão:** perita criminal, em Curitiba5) **Estado civil:** separada (um filho)6) **Escolaridade**e) **superior completo** - Direito**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

a) Banca

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

Sabrina

d) Julia

8.a) Por quê?

R. Porque eu acho que a descrição que eles têm do fato, como eles descrevem a parte histórica e geográfica da historinha que eles vão contar é interessantíssimo. Dá a impressão que você está lá. Por exemplo, uma que eu li há muitos anos atrás, era sobre uma tribo de índios, muito interessante. Descreveu uma situação de costumes, me deu a impressão que eu estava na tribo. Teve outra que eu peguei no final do ano passado, começo deste ano, do Pólo Norte, outra da França, na estrada férrea, eles descreveram a situação de Toulouse, uma série de detalhes que eu fiquei encantada. Dos engenheiros... A parte da profissão dos personagens, tem pratos típicos que eles fazem que às vezes eu pego e faço em casa para ver se é como eles se referem.

**8) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

e) mais de dez anos - (comentário - bem mais que dez)

**9) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

e) cinco ou mais

**10) Você acha que as heroínas dos romances sentimentais que você lê são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)**

- a) autoritárias (extremamente) – (comentário – De uns dez anos para cá elas são bem mais autoritárias).
- b) submissas (pouco) – (Comentário: Normalmente elas são submissas naqueles romances espanhóis, que já tem tradição de família, ou mexicanos, que tem aquela formação familiar)
- c) independentes (medianamente)
- d) dependentes (medianamente)
- e) modernas (medianamente)
- f) antiquadas (medianamente)
- g) vaidosas (pouco) – (Comentário: Menos vaidosas do que nos romances de 20 anos atrás. Hoje são mais ambiciosas, a ambição fala mais alto).
- h) Bonitas (medianamente) (Comentário: Antes elas eram todas muito bonitas, agora elas já estão mais normais como a gente)
- i) Ricas (extremamente) – (Comentário: Ou são ricas por família ou são pobres que chegam até lá quando se esforçam, através do casamento ou através do trabalho)
- j) Pobres (medianamente)
- k) bem sucedidas profissionalmente (extremamente) – (Comentário: Principalmente aquela classe de enfermeiras, administradoras, que é o que mais aparece. Elas se saem bem)
- l) liberadas sexualmente (medianamente) – (Comentário: É tudo meio camuflado)
- m) sedutoras (extremamente)

**11) Você acha que os heróis desses mesmos romances são: (nada, pouco, medianamente, muito, extremamente)**

- a) autoritários (medianamente) – (Comentário: Antes eles eram mais autoritários. Agora já estão ficando submissos)
- b) submissos (medianamente)
- c) dependentes (muito) – (Comentário: Emocionalmente eles são mais dependentes nos romances)
- d) independentes (medianamente)
- e) modernos (muito)
- f) antiquados (pouco)
- g) vaidosos (muito) – (Comentário: São bonitos e morrem de medo das mulheres. Receiam que a mulher não goste deles se não estiverem bem apresentados)
- h) bonitos (muito)
- i) feios (muito pouco)
- j) ricos (extremamente)
- k) pobres (muito pouco)
- l) bem sucedidos profissionalmente (muito)
- m) liberados sexualmente (muito)
- n) sedutores (extremamente) – (Comentário: Sim, os homens são sempre os “bons” da história; culpa de quem escreve)

**12) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. Um ainda são bem antigos, mas outros já começam a mostrar avanços na descrição da sexualidade dos personagens. Tem mais abertura agora. Antes só dizia e a gente ficava imaginando .

**12.b). E você acha isso melhor?**

R. Depende, depende da ocasião, da hora que você está lendo.

**13) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental?**

a) sim. (Comentário: é claro).

**13.a) Por quê?**

R. Justamente porque era uma pessoa de classe média baixa e o homem era de classe rica, e havia aquele desencontro próprio das situações da vida, que eu estava passando. Eu estava passando pela mesma situação. Então foi muito engraçado, porque eu li, me identifiquei e amei o romance. Está guardado.

**13.b) Está guardado?**

R. Está. Todos os que eu amo eu guardo.

**14) Você já teve vontade de agir como uma personagem de romance sentimental?**

R. Sim.

**14.a) Se sim, em qual situação?**

R. Principalmente, largar tudo e ir correr o mundo como uma fez. Achei aquela lá a mais liberal. Amei. Mas eu não fiz, não tive essa coragem.

**15) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

b) não. (comentário - Assim, só a cabeça, para distração, para lazer. É o único lazer que eu tenho assim, de certeza, sempre).

16.a) Se sim, de que forma \_\_\_\_\_

**16) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?**

R. Sim. Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado. Ela deveria ter ido buscar um meio, porque ela ficou estressada um bom tempo, até que achou um policial, que era namorado dela. Depois descobriram tudo. Se ela tivesse falado logo, teria resolvido tudo.

**17) Você costuma ter vergonha ou esconder que lê romances sentimentais?**

b) Não . Todos os meus amigos sabem, e às vezes eu digo, pode me dar de presente. Quando cheguei na banquinha e o moço disse – você pode responder a pesquisa? – eu disse: ela vai ter uma surpresa, porque não sou criança, sou formada e amo ler isso aí como se fosse uma guria nova. Amo!.

17.a) Se sim, por quê? \_\_\_\_\_

**18) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais?**

a) sim.

**18.a) Se sim, quantos e de que sexo?**

R. Duas, mulheres

**19.) Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu?**

Sim.

**19.b) Se sim, o que vocês costumam comentar?**

Ah, esse é legal, esse tem uma situação que você vai gostar, a personagem é aquilo que a gente queria ser, sabe, cabeça de sonhadora. Eu lembro de um que eu trouxe para Marli, que trabalha comigo, não sei se Julia ou Sabrina, Karina. Era de um caubói que era de outro mundo. Ele era um espírito. Esse era bem estranho. Esse eu gostei muito.

**20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa (1)
- b) Título (5)
- c) Autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 1)
- e) a série (5)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (1)
- h) época em que se passa a história (4) (Comentário: Atual. Antes eu gostava antigos, agora não, só o tempo atual)
- i) recomendação de outros leitores ( 1)
- j) Outro – A profissão das pessoas é importante. Se for uma profissão que não seja tão comum, eu dou prioridade.

**21) Do que gosta mais nos romances sentimentais?**

R. Do enredo, lógico, tem que ter, senão não tem graça.

**22) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Esse do caubói foi muito bom, o de Toulouse também. Justamente pela trama, como eles envolvem a gente para ver problema do personagem. A vivência da gente em relação ao que eles estão transmitindo.

**23) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

- a) Jornais. Quais: Gazeta do Povo, o Estado do Paraná
- b) Revistas. Quais: Marie Claire
- c) Livros. De que tipo?: R. Desde romances didáticos, clássicos, “o que cair, morre”.

**Comentários após a entrevista:**

P. Como você acha que as mulheres são retratadas nesses romances?

R. Algumas são dependentes, outras já estão se libertando, profissionalmente principalmente. Então tem aquele choque, entre o trabalho e a casa; entre o trabalho e formação da família.

**P. Você percebeu alguma modernização na imagem feminina?**

R. Sim, porque as mulheres trabalhando já é moderno. E os homens têm que aceitar que elas ponham a criança em creche, ou que elas tenham alguém, eles descrevem o que acontece.

**P. Você se preocupa muito com a profissão do personagem. Por quê?**

R. Eu acho fundamental. É isso que está evoluindo as mulheres. Senão elas ficam em casa, lavando roupa, cuidando de criança. Para mim é fundamental que elas tenham uma profissão, uma realização pessoal, para poderem viver bem. Se elas não forem independentes, elas não vivem bem.

Comentário da leitora depois das perguntas:

(Sobre o lazer que os romances representam)

“Eu não viajo se não tiver levado comigo uns romancinhos, uns dois, três. Senão, como eu vou ficar? Numa dessas eu chego lá só tem os que já li, então eu tenho que levar novos daqui. Se eu vou demorar uma semana, tem que ter uns três, quatro”.

## ENTREVISTA 14

OBS. Esta entrevista foi gravada diretamente do telefone, uma vez que a entrevistada não mora em Curitiba. Em alguns trechos, a gravação ficou inaudível, o que entretanto não comprometeu o entendimento de nenhuma das respostas.

- 1) Nome: T. A. S.
- 2) Idade: 24
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: secretária, em Londrina-PR

- 5) Estado civil: solteira
- 6) Escolaridade: Segundo Grau completo

**7) Onde costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Loja de livros usados

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

R. Clássicos Históricos.

**8.1) Por quê?**

R. Por mostrar hábitos diferentes dos atuais. Tem tantos detalhes que dá para imaginar como era antigamente. O que é permitido hoje naquela época não era. O contraste entre o antigo e o atual é interessante.

**9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

R. 12 anos.

**10) Quantos romances sentimentais costuma ler por mês?**

R. Uns 40. Leio rápido. Sou secretária de uma psicóloga e fico sozinha a maioria do tempo. Aproveito para ler no trabalho.

**11) O que você gosta mais nos romances?**

R. Situações em que as pessoas mostram seus sentimentos para o outro.

**12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como você faria?**

R. Depende dos livros. Nos romances mais atuais, elas são mais independentes e senhoras de si. Nos romances históricos as mulheres são, não retraídas, mas mais dependentes, têm alguma coisa que faz com que elas não sejam elas mesmas. Nos atuais são mulheres que trabalham, que têm personalidade forte.

**13) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?**

R. Num contexto geral, como são histórias, a maioria das heroínas tem uma vida sofrida, retraída, perdeu um amor, mais ou menos assim. Podia dizer que metade delas são assim, perderam um amor e não querem se envolver com alguém. É, a maioria é assim. O que é bom é que são liberais, entendeu, como as mulheres de hoje em dia. Elas não precisam ter um relacionamento afetivo para ter um relacionamento sexual. Metade delas é assim e a outra metade é retraída.

**14) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. Nos romances atuais é algo liberal, não é tão reprimido quanto nas histórias antigas. Acho que acompanha exatamente como é a sociedade hoje em dia, acho que as mulheres são liberais e as heroínas também são. Como as mulheres são elas aparecem nos romances.

**15) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?**

R. É bem diferente. Nas histórias atuais normalmente o homem é milionário ou a mulher é. A realidade no Brasil não é assim. Acho que as mulheres que lêem esses livros no Brasil para conquistar algo que elas não puderam por elas mesmas. Todo mundo gostaria de ter uma posição estável, ter um relacionamento da forma que elas têm. Geralmente nos livros, são assim, ou se a mulher não é assim, ela vem a conquistar. Geralmente nos livros elas casam [*frase inaudível*]. Então não têm que se preocupar. E as mulheres que lêem esses livros, por ser de uma classe social baixa, têm problemas com relação ao financeiro, ou com a família. Então, como elas não podem ter isso, o livro faz com que elas se sintam melhores, faz sonhar.

**16) Você já se identificou com uma personagem de romance?**

R. Não.

**17) Você acha que a leitura desses romances influencia de alguma forma o dia-a-dia?**

R. Não.

**18) Em algum romance você já desaprovou o comportamento da heroína?**



R. Não. Quando eu leio o livro é como se eu entrasse dentro da história, mas só como espectadora, jamais para me colocar no lugar da heroína. Eu sou uma espectadora passiva.

**19) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

R. Sim. Geralmente a gente conhece o gosto (da amiga), as séries que gosta mais de ler. Se eu leio um livro que tem uma história interessante, que eu achei legal, se eu souber que é a série que ela gosta, eu digo "leia esse, que o enredo é legal, acontece assim, assim". Os comentários que a gente troca geralmente é isso. Eu tenho uma amiga que gosta de ler histórias que tenham bebês, sempre. Então eu digo, leia essa, que tem bebês, essa história é legal.

**20) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental ( muito, pouco ou medianamente)**

- a) capa (pouco)
- b) título (medianamente)
- c) autora (muito) - (Comentário: das que eu conheço influencia muito)
- d) sinopse (muito)
- e) a série (medianamente)
- f) preço (muito)
- g) lugar em que se passa a história (pouco)
- h) época em que se passa a história (medianamente)
- i) recomendação de outros leitores (medianamente)

**21) O que você quis dizer com relação às autoras, que das que você conhece influencia muito?**

R. É que tem autoras que são mais conhecidas. A Daniele Steel, Anne Mather, Janet Dailey, tem um monte. Tem aquela Barbara Cartland, eu não gosto muito dela. Então como eu sei que não gosto das histórias que ela escreve, se eu vejo um livro dela eu nunca pego. Agora, tem da Anne Mather, da Robin Donald, da Daniele Steel, que eu sei que gosto bastante, se eu vejo um livro delas, eu vou e pego, porque sei que são boas escritoras, que as histórias são geralmente legais.

**22) Quando você fala que elas são boas escritoras e as histórias são legais, a que você está se referindo?**

R. É que a história é interessante, tem um texto legal. (*trecho inaudível*) Além de ter romance, tem que ter comédia, mistério, não só o romance em si. Tem romances que eu comecei a ler e nem terminei porque eram a coisa mais chata do mundo.

**23) Você tem um romance preferido?**

R. Um título ou uma série?

**24) Um título...**

R. Não. Eu já li tantos que não consigo guardar, nem o nome. O que eu guardo mais é o nome da autora, porque elas têm vários livros.

**25) E tem uma situação, em especial, que você prefira?**

R. Tem a situação do casal que se conheceu juvenzinho, a moça engravida e por uma situação ou outra eles se separam. Depois eles vão se reencontrar e ele vai saber que é pai da criança. Depois de muito tempo, quando ele encontra com a criança, essas situações geralmente são muito legais. [*trecho inaudível*] O personagem demonstra muito sentimento pelo filho, demonstra muito amor. Como a pessoa está se sentindo naquela hora em relação ao filho, à situação, ao parceiro que deixou de revelar que ele tem um filho. É bem interessante.

**26) Esse tipo de situação tem alguma coisa a ver com a sua vida, você tem filhos?**

R. Não, mas eu adoro criança.

**27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

Leio bastante. Revistas, como Veja, Isto É, Exame, Superinteressante e revistas femininas. E livros de auto-ajuda.

28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?

R. Tem pessoas que lêem porque querem fugir da realidade, da situação financeira, muito problema familiar, um relacionamento familiar difícil, relacionamento amoroso é difícil, mas tem também pessoas que têm namorado, são casadas, que lêem simplesmente porque gostam. Eu acho que as mulheres gostam de romances, (..) gostam de sonhar, de ser bem tratadas, e no romance, a personagem é bem tratada, amada, ele (o herói) demonstra, enquanto na vida real elas não têm isso. Eu acho que elas gostam de ler porque a heroína recebe muito carinho dos personagens, na vida real geralmente o companheiro não demonstra tanto.

**29) Hoje em dia está difícil as pessoas arrumarem tempo para ler...**

R. É verdade. Muita gente tem que levantar, ir para o trabalho, chega em casa, tem que estudar ou tem filho, tem a casa, tem marido, fica muito cansada para ter tempo para ler.

**30) E ainda assim as pessoas lêem bastante os romances...**

R. É uma coisa que faz relaxar. Tem gente que joga futebol, baralho, outras preferem comer, assistir novela. É uma válvula de escape para as tensões que existem no dia-a-dia.

**ENTREVISTA 15**

1) Nome: E.A.S.

2) Idade: 36

3) Sexo: feminino

4) Profissão: auxiliar de cozinha, em Londrina-PR

5) Estado Civil: solteira

6) Escolaridade: segundo grau completo

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Troco com amigas ou às vezes compro no sebo ou na livraria.

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

R. Eu gosto da Sabrina. É a que eu sempre li, acho que tem as histórias mais legais.

**9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

R. Há uns 20 anos.

**10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

R. Já li muito, mas agora não tenho muito tempo de ler, não. Por mês, hoje eu leio umas 15.

**11) O que você gosta mais nos romances?**

R. Ficar conhecendo lugares que a gente tem certeza que nunca vai poder ir. Às vezes descreve tanto o lugar que dá a impressão que a gente está lá naquele lugar, conhecendo. Às vezes passa alguma coisa na televisão, alguma coisa de conhecimento, às vezes eu até sei. Minha filha pergunta: nossa, mãe, como você sabe? E eu: ah, na Sabrina que eu estou lendo... É uma forma de cultura, mesmo, eu gosto muito de ler.

**12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, o que você diria sobre elas?**

R. São sempre mulheres independentes, têm um certo grau de estudo, trabalham.

**13) Você acha que elas são independentes financeiramente...E sentimentalmente, elas também são seguras?**

R. Nem todas...

**14) Você acha que algumas delas passam uma insegurança, em relação aos homens?**

R. Não sei.

**15) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor. Elas tentam mudar a vida delas, ou deixam a vida levar...?**

R. Eu acho que elas são bem independentes, bem conscientes.

**16) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais. É de uma forma aberta ou não, é muito romaneado?**

R. É bem romaneado, bem fantasia. As relações, também, tudo com final feliz. Na nossa vida do dia-a-dia, é nada disso. Às vezes eu penso, é tipo uma fuga, a gente ler. Às vezes a vida da gente está tão tumultuada, e eu leio, assim, e as histórias até dá um erguida na gente... anima.

**17) Você acha que quando você lê, você se sente melhor...**

R. Me sinto bem melhor.

**15) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?**

R. Não faz diferença, não. Para mim, não.

**16) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

R. Não.

**17) E alguma vez você já leu algum romance e pensou que a postura dessa heroína não era a correta, que ela fez alguma coisa que você achou errado?**

R. Não. Às vezes a gente lê tanto que...Acho assim, que é romance, tem muita fantasia... Tipo assim, se de repente você marca um encontro com uma pessoa às escondidas, sem você conhecer, sem nada. Isso tudo é uma coisa que no dia-a-dia você não faz uma coisa dessas. Pegar uma carona, essas coisas, nada disso. É tipo uma fantasia. A gente lê, é um romance, porque a gente gosta. Mas no dia-a-dia da gente isso não tem nada a ver. Que nem eu estou falando pra você. De repente você ir morar em outro país, com uma pessoa que você nunca viu, que não conhece. Isso não acontece no seu dia-a-dia. É coisa de romance mesmo.

**18) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Não, não influencia em nada.

**19) Não traz nada de novo para a sua vida?**

R. Às vezes eu fico pensando, que nem no momento, eu estou muito parada. Eu queria estar voltando a estudar, alguma coisa... Às vezes quando eu leio alguma coisa, que as personagens têm seu emprego, apesar que a gente trabalha e tudo, dá vontade de voltar a estudar, de fazer uma faculdade, alguma coisa...

**20) Você está pensando isso? Você voltaria a estudar?**

R. Estou pensando realmente, prestar vestibular, fazer uma faculdade...

**21) E você se inspira nessas heroínas para tentar conseguir, de repente, algo?**

R. Um emprego melhor, né, uma coisa melhor...

**22) E você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estas amigas aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários vocês fazem?**

R. É, a gente conta histórias. É a mesma coisa que fosse um filme. Às vezes a gente achou muito linda a história, a gente comenta uma com a outra: olha, tem um livro, tal, tal, tinha uma história assim...Que nem outro dia, a minha prima estava comentando no hospital onde ela trabalha, com um amiga, ela falou assim que de repente ela olhou pro lado, estavam os médicos, enfermeiras, tudo ao redor, porque pensaram que era uma história verídica. De repente ela falou assim, é uma Sabrina que eu li, e todo mundo ficou P da vida. Todo mundo falou, ah, não, Sabrina... Ué, mas eu não mandei vocês pararem para escutar... Todo mundo ficou e no final era uma Sabrina.

**24) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

a)capa (pouco) (Comentário: Eu leio primeiro atrás [a sinopse]. Histórias de bebês, da cegonha, eu gosto muito. Quando a história é mais água-com-açúcar, que de repente volta, reencontra, essas histórias eu gosto mais).

b)título (pouco)

- c) autora(muito). (Comentário: Tem histórias de algumas autoras que sempre são bonitas )  
 d) sinopse (resumo da contracapa) ( muito)  
 e) a série (muito )  
 f) o preço (pouco) (Comentário: Eu não ligo. Quando eu estou com vontade de ler, eu não me importo de ir lá na banca e comprar. Muitas vezes falam você é louca de comprar e pagar tanto, mas eu não ligo. Eu gosto muito de ler).  
 g) lugar em que se passa a história (medianamente). (Comentário: Quando a história se passa aqui no Brasil eu não leio. Mesmo quando eles vêm da Inglaterra, de algum lugar da Europa, e vêm para o Brasil, essas histórias eu não me interessam. Eu gosto mais pra lá, mesmo, da Grécia, eu gosto mais.)  
 h) época em que se passa a história (muito). (Comentário: Gosto do atual.)  
 i) recomendação de outros leitores (muito)  
 j) Outro \_\_\_\_\_

**25) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Olhe, eu nem lembro mais, mas eu tinha uns 12 anos, eu não sei mais o título, mas era uma história que se passava na Grécia. Nessas histórias gregas as mulheres são prometidas, tem casamento de conveniência, essas histórias todas. E essa história me influenciou muito, achei uma história muito linda. Eu penso assim, acho que comecei a ler por causa daquela história. Se eu tivesse pegado primeiro uma história que fosse chata, talvez eu não teria me interessado de ler, tem gente que não gosta de ler, né.

**26) E foi o primeiro romance que você leu?**

R. Foi o primeiro.

**27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

R. Leio, leio bastante. Tenho meus livros em casa. Como eu sou uma pessoa católica, eu leio livros sobre a minha religião, sobre a minha igreja. Às vezes as minhas amigas me emprestam livros e eu leio. Não leio só Sabrina, não, leio outras coisas também.

**28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances, como você, que lê há 20 anos, é uma coisa que não enjoa. Por quê?**

R. Acho que é porque é um sonho, é um romance, uma coisa que não é real. Acho que é isso que cativa a gente.

**29) Sua amiga tinha comentado comigo que você gosta de histórias com bebês. Você lê a série Sabrina Cegonha, o que lhe atrai nessas histórias ?**

R. Sei lá, eu acho bonito.

**30) Você tem filhos?**

R) Não tenho, tenho muitos sobrinhos, mas eu gosto da série. Geralmente as histórias são tão bonitas, porque através do bebê as pessoas se chegam, se encontram, é aquela ligação.

**31) Você percebe alguma diferença entre os romances publicados hoje e os publicados há 10, 15 anos?**

R. Olha, eu achava as histórias mais bonitas. As de agora, algumas são bonitas, mas talvez eu não leia assim com tanta frequência. Agora descrevem o sexo, descrevem tudo. E antes era uma coisa assim...

**32) Você acha que ficou uma coisa mais explícita, tirou um pouco o encanto?**

R. É.

**33) Você preferia que fosse uma coisa mais romântica, menos picante...**

R. É . Às vezes é muito picante, tem muita coisa, na relação explica muita coisa. E, às vezes, do encontro, do lugar, não fala muita coisa. Nas outras, antigas, falava mais.

**34) Você lembra das autoras de que gosta mais?**

R. Deixa ver aqui [*a leitora procura alguns livros da sua coleção*]. Tem uma aqui que é bem antiga, é de Sabrina, de uma autora que eu gostava muito, e agora já nem vejo mais. É Anne Mather. Eu gosto muito dela.

**35) Você costuma guardar o seus romances?**

Alguns eu tenho guardado. Tem outra autora que eu gosto, é um nome grego [*a leitora busca outro livro e soletra*] Janelle Denison. Tem umas histórias boas.

**36) Você que vem sempre na banca, comprar os livros. Graficamente, lhe agrada como são os romances, como é a capa, como eles são apresentados, você acha bonito? Poderia ser melhor ou tem algo que você não goste?**

R. Eu acho bonito. Tem umas capas que são bonitas.

**37) Sempre que você abre o livro tem aquele “querida leitora”. Você costuma ler?**

R. Às vezes, não é sempre não. Eu vou mais pela história.

**38) Não para escolher, mas o que você acha dessas mensagens?**

R) Esses tempos, por acaso eu li, e ela estava falando... eu não lembro, mas na hora achei interessante, a leitura.

**39) E você lê no final a apresentação das autoras?**

R) Da vida delas, né. Eu sempre leio, no final. O recadinho da Janice eu nunca leio, o que ela escreve para a gente eu nunca leio, é difícil, mas falando sobre escritora eu sempre leio.

**40) E o que você acha?**

R) É interessante, porque geralmente elas começam a escrever por *hobby*, às vezes como um escape, e são pessoas simples, moram com a família, às vezes até em lugares isolados. É uma coisa meio sonhadora...

**41) O que você acha que é sonhadora, a autora ou o jeito como ela é apresentada?**

R) O jeito como ela é mostrada.

**42) E você acha que é verdade o que eles falam da autora?**

R) Da autora? Acredito que sim, que ali estão falando a verdade. E agora é que mostram, nas Sabrinhas antigas não mostravam [*a apresentação da autora*].

**P) E você acha estimulante falarem da autora?**

R) Eu acho legal. A gente acaba conhecendo um pouquinho. Na semana passada eu li uma e a menina (*a autora*) dava até endereço para corresponder com ela.

**ENTREVISTA 16**

1) Nome: V.N.P.

2) Idade: 35

3) Sexo: feminino.

4) Profissão: auxiliar de costura em empresa, em Londrina-PR

5) Estado Civil: solteira (um filho)

6) Escolaridade: 1º grau completo

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Compro umas e como eu tenho uma prima e minha irmã que lêem, a gente troca.

**8) Você compra na banca novo ou usado?**

R. Usado. Porque eu prefiro as antigas.

**9) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

R. Julia. Porque eu gosto mais das histórias da Toni Black.

**10) É uma autora que escreve sempre para Julia?**

P. É.

**11) Mas quando é de outra autora, você lê também?**

R. Leio.

**12) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

R. Faz um tempo, já. Eu tinha uns 13, 14 anos quando comecei a ler.

**13) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

R. Um ou dois por mês, porque agora não tenho mais tanto tempo.

**14) O que você gosta mais nos romances?**

R. Porque eles descrevem cidades, locais, essas coisas. Falam sobre a África, ou Europa, Nova York, essas coisas, Inglaterra, daí eu gosto bastante.

**15) Da descrição dos lugares, é o que você mais gosta?**

R. É, a descrição dos lugares.

**16) Falando das heroínas que aparecem nos romances, se você fosse definir essas mulheres, como faria?**

R. São pobres, sempre são submissas. Dizem que não, mas sempre acabam fazendo o que os homens querem. Por uma causa ou por outra, mas sempre fazem o que eles querem.

**17) Então você acha que elas são submissas. Você está acostumada a ler os romances mais antigos. Você acha isso nos atuais também?**

R. Nos atuais também, é a mesma coisa.

**18) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?**

R. Elas sempre sonham. São desiludidas e depois ele conquista elas. É como... encontram o príncipe encantado.

**19) Você acha que elas têm uma postura de esperar o príncipe encantado?**

R. Isso.

**20) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. Acho que é legal. Tem umas que falam muito declarado, mas umas é só sensualmente, assim. Eu gosto.

**21) Tem uns mais explícitos.**

R. É, tem uns que falam mais a fundo, mas outros aguçam mais a imaginação

**22) Você prefere qual?**

R. Os que aguçam mais a imaginação.

**23) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?**

R. Eu acho que faz. Porque parece que elas são mais abertas. Eu peguei uma para ler, era aqui do Brasil, e eu não gostei, porque a moça falava muita gíria. Não gostei, achei muito atual.

**24) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

R. Não, porque eu não tento ficar sonhando com isso. Então eu nunca me identifico, não.

**25) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Não, também. Porque eu não deixo influenciar. Talvez já tenha influenciado, algum tempo atrás, mas agora não.

**26) Quando você fala que influenciou, você quer dizer o que?**

R. Quando eu era mais jovem, agora não. Eu achava que era mais romântica, mais sedutora.

**27) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Se sim, poderia citar uma dessas situações?**

R. Eu sempre desaprovo. Porque de repente ele quer, e ela não quer, e depois acaba aceitando.

**28) O que exatamente?**

R. De repente ela gosta dele, ela está apaixonada por ele, e ele também, mas nenhum se declara. E por um motivo ou outro ele chama ela para casar e ela não aceita. Ele tem que usar de chantagem, essas coisas. Isso eu desaprovo.

**29) Então você acha elas se submeterem errado?**

R. É.

**30) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

R. Antes eu conhecia bastante gente que lia, hoje é menos. A gente sempre comenta: fala esse aqui é bom, esse não, esse aqui é ótimo. Conta alguma história, alguma coisa, não conta tudo, porque a gente não deixa, pra ficar mais interessante

**31) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

- a) capa (médio)
- b) título (médio)
- c) autora (muito).
- d) sinopse (resumo da contracapa)( muito ) (Comentário: Eu sempre leio atrás para comprar ou emprestar.)
- e) a série (pouco)
- f) o preço (muito) (Comentário: Acho que poderia ser mais acessível. Quando está caro, eu não compro)
- g) lugar em que se passa a história (muito) (Comentário: No deserto, em praias desertas, é mais interessante)
- h) época em que se passa a história (muito) (Comentário: Eu gosto quando fala de sheiks)
- i) recomendação de outros leitores (muito)
- j) Outro \_\_\_\_\_

**32) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Não lembro... Tem uma história que eu li há pouco tempo, que era de um bebê, que foi encontrado numa linha férrea. O homem achou e levou ao hospital. A mulher era enfermeira e os dois se apaixonaram. E ele chamou para ela casar-se com ele, para trabalhar com ele. Depois a mãe verdadeira, biológica, quis a criança de volta, e os dois já estavam amando a criança. Então esse me marcou bastante.

**33) E eles ficaram com a criança, foi um final feliz?**

R. Ficaram.

**34) Isso tem alguma coisa a ver com a sua vida, você conhece alguém que passou por isso, você tem filhos? Alguma motivo que pelo qual você gostou mais dessa história...**

R. Eu tenho uma filha, mas acho que não tem a ver. É porque fala de criança e foi uma história bem emocionante.

**35) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler? Você lê outras coisas?**

R. Não. Está bem restrito o meu tempo. Eu gosto de ler várias coisas, mas não tenho tempo.

**36) Você começou a ler com 13 anos. O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

R. Não sei, nunca parei para analisar. Acho que é porque eu gosto de ler.

**ENTREVISTA 17**

1) Nome: V.N.P.O.

2) Idade: 32 anos

- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: auxiliar de enfermagem, em Londrina-PR.
- 5) Estado Civil: divorciada
- 6) Escolaridade: 2º grau completo

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Normalmente eu empresto das minhas primas ou da minha irmã. Nos últimos meses tenho tido pouco tempo para ler, então só empresto, quando eu posso. Faz uns seis meses que eu li o último.

**8) E você parou de ler por quê?**

R. Por falta de tempo. Estou cuidando da minha sobrinha pequena e fazendo um curso.

**9) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

R. Não sei falar. Eu gosto daquelas mais antigas.

**10) Em que a história se passa no passado?**

R. Isso, romances de época.

**11) Quando você lia com mais freqüência, há seis meses, quantos romances sentimentais costumava ler ao mês?**

R. Às vezes um por dia.

**12) E quanto tempo faz que você lê?**

R. Desde quanto eu tinha 12 anos. Faz 20 anos.

**13) E agora deu uma paradinha... E você pretende voltar a ler?**

R. Eu pretendo, tem um monte aqui em casa, é só estou esperando arrumar tempo.

**14) O que você gosta mais nos romances?**

R. Não sei falar. Tem um monte de coisas, lugares que eles descrevem. Acho que você aprende bastante lendo.

**15) Então você acha que lhe traz conhecimentos novos?**

R. Traz, bastante.

**16) E por que você gosta mais de romances de época?**

R. Não sei, acho mais interessante, mais romântico.

**17) Se você fosse definir as heroínas dos romances, você diria que elas são?**

R. Elas são sempre boazinhas, inocentes, virgens, corajosas.

**18) Você lê romances das séries Barbara Cartland ou Clássicos Históricos?**

R. Ah, já li bastante a Barbara.

**19) É, porque as heroínas que você descreveu lembram as da Bárbara... Você acha que as dos Clássicos Históricos também são assim?**

R. Também são. Eu leio atrás primeiro, aí se eu gosto eu leio.

**20) Então primeiro você lê a sinopse. E depois, o que desperta a sua atenção?**

R. A capa.

**21) De que jeito você gosta mais da capa?**

R. Gosto quando vêm os dois na capa. Tem umas que vêm desenhadas, que são lugares bem bonitos, românticos.

**22) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?**

R. Elas são bem sonhadoras.

**23) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**



R. Acho legal. Eles não escrevem vulgarmente, escrevem de uma maneira bonita. É um romance mesmo.

**24) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

R. Não.

**25) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Não, não influencia.

**26) Por quê?**

R. Aquilo lá é uma ficção. Eu sou bem realista. Eu leio aquilo lá, me envolvo, parece que eu estou entrando na história, mas é só aquilo. Depois acabou, acabou.

**27) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína?**

R. Não me lembro não. Às vezes a gente fica com raiva, fala pô, ela fica se fazendo de boba, a gente fica até com raiva, quando ela se faz de boba demais. Mas depois, no final acaba sempre do jeito que a gente quer.

**28) E você acha “acabar do jeito que a gente quer” é uma coisa importante no romance?**

R. Eu acho que é. Por que na vida real você já vive um monte de coisas que não dá certo, agora você vai ler o que não acaba da maneira que você quer, acho que também não ia ter interesse.

**29) Você tem amigas e a sua irmã que costumam ler, não é? Vocês costumam comentar com elas aspectos de livros que leu?**

R. Ah, eu costumo.

**30) Que tipo de comentários?**

R. Às vezes eu conto histórias, acho bonito. Uma vez eu estava lendo uma e aí eu levei para o serviço para terminar de ler porque eu queria terminar logo e a minha colega queria saber e eu contei a história mais ou menos para ela e ela queria saber o final. Aí eu fui contar para ela, no horário de intervalo, de café, e estava um monte de gente querendo saber o que que era: mas é filme? E eu: não, era Sabrina mesmo. E aí todo mundo falava: ah, não acredito que você estava lendo isso. Mas, para mim era interessante, porque se não fosse interessante, ninguém ia parar para ficar ouvindo. Eu achei que o pessoal tem um pouco de preconceito sobre essas coisas. Mas eu conheço bastante gente que lê.

**31) Sim, sem saber o que era as pessoas pararam para ouvir e acharam interessante...**

R. É, acharam interessante, mas na hora que eu falei quer era esses romances, ficaram tirando sarro, Falaram pra mim não ficar lendo essas coisas.

**32) E foi em que ambiente que isso aconteceu?**

R. No hospital onde eu trabalho, o Hospital Universitário.

**33) Você se sentiu de alguma forma importante, quando você estava narrando isso, e as pessoas em volta, escutando?**

R. Eu achei legal, porque podem até achar que não é cultura, mas você aprende bastante lendo. Tem palavras que você não sabe, que você vai lá, procura no dicionário, você aprende palavras novas. Tem bastante coisa importante, interessante. Acho que tudo o que você lê é cultura, é aprendizado. Teve uma vez também que nós estávamos assistindo o Show do Milhão e teve uma pergunta: o que era jade. Se era uma flor, se era mineral, daí perguntaram lá o que era. Eu e minha irmã falamos que era um mineral. E o rapaz que estava junto com a gente falou que era uma flor. Daí quando saiu a resposta, ele perguntou como que a gente sabia. E as duas responderam do mesmo jeito: lendo Sabrina, que a gente aprendeu o que era jade.

**34) E você tem um tema preferido ou uma situação nos romances?**

R. Não... Eu gostava daquelas antigas, que tinha lorde, conde.

**35) Quando envolvia a aristocracia...**

R. É.

**36) E o que você gostava mais neles, porque tinha a aristocracia ou porque descrevia o modo de vida deles?**

R. Ah, eles descreviam o modo de vida, o jeito deles se comportarem. Geralmente a mocinha é pobre, tal, e ele vai ensinar alguma coisa pra ela, tal, eu acho bem legal.

**37) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

- a) capa (muito)
- b) título (medianamente)
- c) autora (pouco)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (muito)
- e) a série (medianamente)
- f) o preço (pouco)
- g) lugar em que se passa a história (muito)
- h) época em que se passa a história (muito)
- i) recomendação de outros leitores (muito)

**38) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. O nome eu não lembro, mas foi essa que eu estava contando para você, que era da série da Barbara. Era uma história em que ela tinha uma irmã gêmea, e não sabia, e o cara achou que era ela, viu ela se prostituindo e achou que fosse ela, mas não era. Depois, no final, ele descobre que ela tinha uma irmã gêmea que nem ela sabia que tinha. Foi bem legal.

**39) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

R. Leio. Leio qualquer tipo de livro que seja bom. Às vezes as pessoas me indicam e eu leio.

**40) Por exemplo?**

R. Paulo Coelho.

**41) Você costuma ler aquela parte dos livros das séries que tem “Querida leitora”?**

R. Às vezes.

**42) O que você acha?**

R. Eu acho interessante. Mas às vezes eu não presto atenção, vou direto na história.

**43) E a apresentação da autora?**

R. Também nunca prestei atenção.

**44) Você lê desde os 12 anos. Deu uma pausa agora, mas você nunca enjoou disso. Então o que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

R. É aquilo que eu te falei. É uma forma de você sonhar um pouco, sair um pouco da realidade. Geralmente acaba super bem a história e é isso que a gente quer. Você acaba sonhando.

**45) Você acha que o final feliz é o que faz as pessoas lerem sempre...**

R. É.

**46) Apesar de andar com pouco tempo para ler, você acha que esse tempo que você tem para ler, é importante para você?**

R. Acho importante. Agora ando seu tempo, estou cuidando de uma nenê, mas acho importante. É um momento só seu mesmo.

**ENTREVISTA 18**

Nome: M.E.L.

Idade: 36

Sexo: feminino

Profissão: secretária, em Curitiba, PR

Estado civil: casada (tem dois filhos)  
Escolaridade: segundo grau completo

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Emprestando de alguém, trocando, dificilmente eu compro.

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

R. Não tenho uma série favorita, tem sempre uma história, porque eu me envolvo na história. A série é indiferente, eu conseguindo entrar na história, é indiferente da série.

**10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

R. Antes eu lia uma média de seis por mês. Depois de filhos, é um e olhe lá. Às vezes passo dois meses para ler um.

**11) O que você gosta mais nos romances?**

R. Acho que é fantasioso demais. Tem lugares que você fantasia, muito bonitos. Digamos assim, umas ilhas, uns lugares diferentes. É difícil de imaginar que aquilo existe. Então você fica imaginando: será que aquilo existe mesmo, será que é bonito como fala, aonde que é mesmo, então eu acho o cenário que eles estampam muito bonito.

**12) E você acha que os lugares que eles descrevem tão interessantes quanto o romance de amor?**

R. Isso.

**12) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria?**

R. Eu acho que elas têm... chegam a ser ingênuas. Às vezes a gente fica lendo, de fora, a gente vê coisas que elas não estão vendo, fica imaginando mas como ela é ingênua, como ela é tontinha, Meu Deus, mas ela podia fazer assim, ela não está vendo que não é isso, porque tem aquelas intrigas, aquelas coisas. Então eu definiria todas, de forma geral, como ingênuas.

**13) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?**

R. Fantasiosa. Eu acho que elas vivem da fantasia delas. Elas fazem do amor, uma coisa assim, a coisa mais linda do mundo. Tem mais importância do que deveria ter, dão mais atenção... Porque o amor na verdade não é aquilo ali, aquela vivência, aquela coisinha deles ali, aquelas fantasias, aquelas ilhas, aquela coisada, que envolve o amor deles. É tudo um cenário para o amor, mas a gente lendo, a gente diz, mas eles têm uma visão tão diferente do amor, né. Porque o amor não é aquilo ali, não é aquela hora de amor, o amor é a vivência, a convivência é o amor. Se você não tiver um amor mesmo, você não vive com ninguém. E ali a intenção que se tem é daquele amor eterno, aquela coisa fantasiosa, aquela vidinha linda e maravilhosa o resto da vida. Elas entendem que o amor vai ser isso o resto da vida.

**14) Você acha que quem entende isso são as heroínas ou são as autoras que querem passar isso para a leitora?**

R. Elas querem passar isso para as leitoras, quem escreve. Elas querem passar uma fantasia que na verdade, na verdade, se você for pensar, não existe.

**15) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. É uma forma aberta... Tem uns romances que você lê, que não tem, fala-se muito de sexo mas não acontece. Então eles tratam o sexo como uma coisa, uma forma de romance... como posso dizer, meio que assim, desleixada. Faz parte mas não é o importante. Usa ele no romance, só pelo fato de prender a atenção.

**16) Certo, mas não como algo importante...**

R. Não, só para prender, pra ficar: será que ela vai ceder, será que ela não vai. Então é uma coisa pra te prender, mas não que eles usem como uma coisa mais importante.

**17) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade diferente?**

R. É aquilo que eu te falei, tem a curiosidade de saber se aquilo existe. Porque passam uns lugares que, particularmente, é difícil de ouvir falar.

**18) Por exemplo?**

R. Uma ilha, assim. Tem um livrinho que eu estava lendo, chama-se “Ato de amor”, eu li estes dias atrás, num lugar, numa ilha, que você não consegue imaginar, aonde ele possa ser. Você diz assim: no Brasil não tem isso.

**19) E no livro, não diz onde é?**

R. Ele fala que é na Itália. Você calcula na Itália, mas será que existe? Porque eles fantasiavam tanto, a ilha, ao redor aquele mar lindo e maravilhoso, aqueles não sei o que, coqueirais, as flores, e você fica imaginando, será que é possível juntar tudo isso num lugar só? Ou é uma pura fantasia? Você fica com curiosidade de saber, dá vontade de conhecer, se existir.

**20) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

R. Já. Eu li um romance uma vez que tinha uma história parecida com a minha com o meu marido. Foi uma história assim bem leve. Foi a primeira história que eu li, foi numa Sabrina, que ela não continha sexo. Ela era só um romance, assim, de encontros, envolvendo amigos que tentavam fazer um romance, pessoas que quando foi marcado o casamento, e eles casaram. Coisa difícil de ver em romance é um casamento. Você vê que ficam juntos, mas não casamento, com festa, e tal. E me identifiquei muito. Se me recordo, o nome da moça era Camile. Mas foi bem parecido o romance de vivência dela... teve todo esse processo de conhecer, os cupidos envolvidos, pessoas que fazem aquele correinho, assim, ah, fulano falou tal coisa...E você fica toda encantada, ah, será que é isso mesmo? Foi um romance bem leve, bem suave, no fim terminou na festa de casamento deles, foi bem gostoso de ler. Camile, eu nunca esqueci o nome da moça. Não era aquela coisa provocada, que você vê nos romances, aqueles encontros que parece que foi... a sensação que você tem é que a pessoa fica correndo atrás daquele encontro. Aquele foi mais natural, eles se encontravam mais naturalmente, o cenário não era aquelas fantasias de ilha, castelos, era bem natural. Foi numa Sabrina que eu li.

**21) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Sabe que eu acho que eles ajudam você a ter uma visão de vida mais pra frente.

**22) Como assim?**

R. Pra frente no sentido de você acreditar que você pode fazer alguma coisa, no sentido de mudar a sua vida conjugal, às vezes você pode mudar. Claro que você nunca vai viver um romance igual a gente lê, nunca, na vida real é impossível, praticamente. Mas de repente você termina de ler um romance carinhoso, e você tem aquele carinho com o teu esposo. A mulher, né, porque homem não se liga nessas coisas... Às vezes você quer fazer um carinho, um tipo de vida meio parecido com aquele romance. Então às vezes você muda no sentido de ficar pensando, poxa vida, eu faço isso, mas eu poderia fazer aquilo do romance. Então às vezes você cria uma situação romântica. Então eu acho que ajuda no sentido de mudar um pouco o seu jeito de viver, porque às vezes o dia-a-dia é tão triste, no sentido de que você corre pra lá e pra cá, é filho, marido, casa, trabalho. E você lê um romance desses, vê aquelas mocinhas tão calminhas, e você pensa, vou chegar em casa hoje e vou fazer um carinho no meu marido. Muda de alguma maneira.

**23) Você acha que põe um pouco mais de romance na vida real?**

R. É. Eu acho que ajuda a você tentar mudar a vida.

**24) E quando você tenta isso, colocar esse romantismo na sua vida, dá certo, ela melhora?**

R. Melhora, melhora. Eu converso muito com meu marido. Falo, eu li um romancinho assim, tão gostoso, a gente podia viver igual. Ele diz, nunca vai ser igual, mas a gente pode tentar. Ele aceita, ele concorda. Então a partir de agora a gente vai fazer assim. Vai dois, três dias, e depois você já cai de novo naquela bagunça de filhos. Mas ajuda, às vezes ele pergunta: já terminou de ler o livrinho romântico? Eu digo: terminei, depois nós vamos fazer tudo igualzinho. Eu converso, digo depois que os filhos tiverem grandes, nós vamos fazer uma lua-de-mel igual a desses livros, mas isso é... Mas ajuda a você a sonhar um pouco.

**25) E sonhar ajuda a vida?**

R. Claro.

**26) Você disse que seu marido fala do seu livrinho romântico. Ele encara essa sua leitura com respeito ou não?**

R. Sim, sim, ele é da opinião de toda leitura é bem vinda, independente do que ela seja.

**27) E não te envergonha em nada, ler esses romances?**

R. Não, às vezes eu estou lendo perto dele, eu digo: olha, estou lendo uma cena bonita, depois nós vamos querer fazer igual. Digo, lê aqui junto. Ele diz: eu não vou ler esses livrinhos, esses livrinhos são pra mulher. E eu: não, homem devia ler também, que era pra aprender a ser mais romântico, a ser cavalheiro, abrir porta de carro, deixar a dama passar. Ele diz: ah, isso é coisa pra livrinho. E eu digo: não, isso é coisa pra livrinho não, é vida real.

**28) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína, achou que ela agiu errado?**

R. Que eu esteja lembrando, de momento, não. Elas são sempre tão mansinhas, tão certinhas. É difícil achar uma heroína que não.... Porque além desses romances eu lia muito Sidney Sheldon, aquela Daniele Steel, lia bastante esses livros assim. É tudo romance, tudo tinha as heroínas, do Sidney Sheldon e da Daniele Steel eu cheguei a ler toda a coleção deles, até uns dois anos atrás. É tudo também...só que uma história diferenciada, mas tinha lá suas heroínas, tinha lá o seu romance de amor no meio, sempre tem.

**29) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais. E vocês costumam comentar o quê?**

R. Quando a gente se reunia com mais freqüência, antes de ter filhos, a gente sempre comentava. Você leu aquele romance, que tinha aquela mocinha, a fulana, que fez aquela cena...A gente sempre comentava. Agora, a conversa muda. Você não tem tempo pra conversa desse nível. Você lê e guarda pra você. A conversa agora é como está seu filho, isso, aquilo. Mudou a conversa. Mas ontem, ainda, teve uma colega aqui em casa, e nós estávamos lembrando da época que a gente tinha tempo pra ficar deitada. Eu, enquanto não visse o fim da revistinha, não sossegava. Saía da escola e era ler revista. Às vezes estava no meio da escola e estava lendo a revistinha, para ver o que que a menina ia fazer. Perguntei pra ela: e quantas você lê agora? Ela falou: nossa, se eu te contar que peguei uma e não consegui chegar na metade... Eu digo: viu, muda completamente. É uma vez ou outra que a gente consegue ler.

**30) Você tem um tema preferido, nos romances?**

R. Não. O romance, pra mim, tem que me prender desde a primeira, segunda página, senão não adianta. Mas ele tem que ter um começo gostoso, suave, uma historinha que você já se interesse em saber como ela vai terminar, senão não vai. Pra mim, o livro tendo começo, meio e fim, ele já está de bom tamanho. Às vezes você pega umas historinhas tão vagas, tão..

**31) Eu não perguntei antes, mas há quando tempo você lê romances, desde que idade?**

R. Desde os quatorze, quinze anos que eu comecei a ler essas historinhas. Hoje tenho 36.

**32) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

a) capa (muito)

b) título (muito)

c) autora (medianamente)

d) sinopse (resumo da contracapa) (muito) – (Comentário: O resumo é tudo, ali você já tem uma noção se vai ser bom ou não)

e) a série(pouco)

f) o preço (medianamente) (Comentário: Porque a gente mais troca. Tem gente que faz coleções, que guarda anos, e a gente pega as nossas e vai lá. Quando chega, às vezes está até caindo as páginas, de tanto que já foi emprestado)

g) lugar em que se passa a história ( muito) (Comentário: A fantasia é importante)

h) época em que se passa a história (médio)

i) recomendação de outros leitores (importante)

(Comentário: O importante é você ter uma noção da história, que é o resumo, que é uma das coisas mais importantes. A capa , também, te leva a já ter uma fantasia)

**29) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler, além do Sidney Sheldon e Daniele Steel?**

R. Já li muito aqueles romancinho água-com-açúcar da Agatha Christie. Não posso nem ouvir falar naquela mulher mais.

**30) E atualmente, você ainda pega algum livro diferente?**

R. Pego, tenho aqui "O Poderoso Chefão", que eu estou tentando começar a ler agora, que é do Mario Puzo. Mas eu gosto de ler. Nunca consegui jamais, ler três páginas daquele Jorge Amado. Não consigo.

**31) Você gosta, então, dos *best sellers* internacionais...**

R. É. Para falar a verdade, de brasileiro eu não li nenhum. Tem aqueles de escola, que eu nem lembro mais o nome, mas eles não têm uma fantasia.

**32) Na época em que você lia os livros de escola, você lia também Sabrina...**

R. Era muito mais interessante. Porque ela tinha uma fantasia para você viver. Agora aqueles livrinhos da escola, de Machado de Assis, aqueles "indinhos", aquelas coisas... Não me identifico com escritor brasileiro, não consigo. Numa época atrás, faz anos, já, eu comecei a fazer um romancinho desses, tipo Sabrina.

**33) Você começou a escrever também?**

R. Comecei a escrever, achei uma história. Se eu fosse pôr no papel, mesmo, eu tinha umas 50 páginas ali. Escrevia a mão. Peguei um caderno daqueles universitários e comecei. Até esses tempos atrás eu tinha ele guardado. Depois joguei fora.

**34) E não chegou a terminar?**

R. Não. É que você vai lendo tanto, que começa a ter idéias. Daí, desisti.

**35) E alguma vez você chegou a escrever cartas para a editora?**

R. Uma vez eu participei de um concurso que saiu na revista *Nova*. Porque eu sou louca por Fórmula 1. Tinha um concurso de contos, tinha um x de parágrafos, um x de linhas pra você escrever, e eu escrevi uma história de amor dentro de uma corrida de Fórmula 1. E mandei, mas mandei assim por... pra ver o que vai... E fiquei em terceiro lugar. Eles mandaram um certificado, mas ganhava prêmio só o primeiro lugar. Nossa, nunca imaginei. Até na época eu trabalhava numa loja, meu gerente leu e falou: capaz que isso aqui vai ganhar alguma coisa...Eu disse, ah, só pelo espírito de participar, já vale à pena.

**36) Você tinha quantos anos?**

R. Tinha 22 anos.

**37) E naquele época você lia bastante Sabrina, você acha que foi isso que te inspirou a escrever?**

R. Eu lia. Acho que foi, porque na época eu não tinha namorado, tinha tempo só pra isso, não tinha filhos, não tinha preocupação com casa. E como eu assistia muito Fórmula 1, pensei, vou juntar os dois, ver o que é que vai dar.

**38) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

R. Eu acho que é a fantasia que eles mostram. Eu penso comigo, que por mim, eu ia gostar de viver uma vida, ter um romance daqueles. Não digo num lugar daqueles, mas no dia-a-dia, no cotidiano, num romance daquele. Eu gostaria. Aquele carinho, aquele amor, aqueles passeios, aqueles jantares cheios de sofisticação. Eu acho que ia ser gostoso viver assim. Se a minha rotina fosse essa, acho que eu ia gostar. Acho que é isso que leva as mulheres a ler, porque você não tem isso no dia-a-dia. Claro que você vai um dia ou outro, jantar, almoçar, passear num parque, você faz tudo isso, mas não é aquele carinho, naquela atenção, naquele amor. A impressão que tem é que eles, naqueles romances, que depois de muitas brigas, daqueles desencontros, a sensação que você tem é que o homem vive pra você, pra heroína, no caso. Acho que no fundo, no fundo, toda mulher gostaria de ter um homem que vivesse pra gente. Igual, aquela gentileza, porque eu, a maioria das mulheres, eu acho muito bonito um homem gentil, que abre a porta de carro, que puxa a cadeira pra sentar, que serve num restaurante. Eu acho bonito. Acho que toda mulher, no fundo, gostaria de ter um homem que fizesse tudo isso. E o que o romance faz: você viver aquela situação, não é? Quando você lê

aqueles romances, você fecha o olho e já começa a imaginar. Você está lendo, ali, e você vive as emoções da heroína, você sofre junto com ela, eu pelo menos faço isso, consigo penetrar na leitura. A gente pensa: puxa vida, seria tão bom, um marido assim, ah, como seria gostoso. Tem uma situação ou outra, mas não é o cotidiano. Acho que as mulheres gostariam de viver o cotidiano assim. Porque elas se fantasiam nesses livros.

**39) As suas amigas que lêem, também têm essa postura de ler, junto do marido ou elas têm vergonha de ler?**

R. Sabe que eu nunca perguntei pra elas? Nunca perguntei se o marido aceita.

**40) Tem muito de dizerem que é besteira...**

R. Uma coisa fútil, que coisinha mais sem graça...Eu ouvia muito esses comentários quando o pessoal com quem eu trabalhava me via lendo e dizia: não tem coisinha mais importante pra fazer? Culturinha inútil... Eu digo, não deixa de ser uma cultura, igual às outras. A leitura, independente do que ela é, ela é cultura. Você vê palavras diferentes, que você nunca ouviu falar, que você corre atrás para saber o que é. Ou então, dependendo do sentido dela, na história, você já sabe o que significa. Mas já ouvi muito: eta, livrinho mais jaguara. E eu: deixa eu ler o meu livrinho jaguara, eu gosto. (...) Sabe, eu estava numa banquinha, outro dia, e vi duas meninas novinhas olhando atrás dos romances e comentando, pra comprar.

**41) De que faixa etária?**

R. Entre 13 e 15 anos, não mais que isso. Elas estavam comprando. Eu até olhei e pensei: nossa, passei por essa fase...Hoje, a gente já procura a troca. (...) Foi interessante, porque eu achava que as meninas não iam comprar essas histórias, porque o mundo está tão mudado. E elas estavam lá, as duas comprando, comentando entre elas.

**ENTREVISTA 19**

- 1) Nome: B. M. M.
- 2) Idade: 40
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: bancária, em Astorga-PR
- 5) Estado Civil: casada (tem três filhos)
- 6) Escolaridade: Superior completo

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Na banca, na livraria.

**8) Novos ou usados?**

R. Novos. E às vezes a gente faz troca. Aqui em Astorga não tem lugar, não tem sebo. Em Maringá, você acha Blancas velhas numa caixa, para você trocar. Aqui não tem. Só tem novo ou entre a gente, que a gente sabe que lê.

**9) E qual sua série favorita?**

R. Eu prefiro Julia, Bianca e Sabrina, nem sei se tem as três ainda, agora tem a série dos bebês, não sei se você já pegou, é muito joinha. Atualmente, se fosse ver, a série dos bebês [seria a preferida].

**10) É, e por quê?**

R. Porque sempre tem criança no meio, ou homem cuidando de criança, que eu acho o máximo.

**11) Eu entrevistei várias pessoas que também apreciam esta série. A editora também me falou que eles criaram essa série a pedido das leitoras. O que tem de tão especial nesta série?**

R. É bem interessante, você ver, porque eles relatam, vez por outra parece coisa utópica, mas eles relatam as dificuldades todas que uma pessoa muitas vezes sem prática tem para cuidar de uma criança, um bebê.

**12) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

R. Desde uns 14, 15 anos. Foi desde quando foi lançado.

**13) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

R. Não tenho uma...por exemplo, deve fazer uns dois, três meses que eu não leio nenhuma. Tudo depende do tempo, de como está o dia-a-dia. Mas por exemplo, já aconteceu quando eu vou para a praia, aconteceu de eu ler, principalmente aqueles que têm mais de uma história, de eu ler três, quatro histórias em dois dias. Depende do tempo. Mas de uma maneira geral, quando eu estou lendo, eu leio quatro por mês, um por final de semana, porque no meio da semana não dá.

**14) O que você gosta mais nos romances?**

R. Eu acho que é um pouco da parte do romantismo, que hoje a gente não vive mais. Ali eles retratam bem essa parte romântica que toda mulher, digamos assim, escondida, sonha. Ainda mais se a mulher é como eu, com 20 anos de casada, onde não sei se é por a gente não ter sabido cativar, mas também não sobrou muita coisa disso. Então eu acho que é mais a parte do romantismo mesmo, sabe, da parte intrigante da coisa, do envolvimento das duas pessoas. A gente sabe que vai terminar tudo bem, mas é sempre aquelas confusõeszinhas, ou então vamos dizer assim, aquele café da manhã que ele levou na cama para ela, aquelas flores que ele deu pra ela, tudo isso a gente, quando está lendo isso, a gente se enleva com isso, entendeu. Você sonha um pouco. Você vive um pouco aquilo lá. Porque na verdade o que o livro faz é fazer você viver a história, porque se você não estiver dentro da história você não está lendo.

**15) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria?**

R. Ali é um mundo machista. Apesar de ter algumas histórias, talvez 40% das histórias a mulher é pobre e o homem é rico; e o restante os outros 40% (sic) a mulher é rica e o homem é pobre. Mas apesar de elas serem ricas, o machismo prevalece. Ou então, talvez uma figura um pouco paterna no homem. No fundo, no fundo, acho que é o que a gente busca, apesar de tudo, porque o mundo da gente eu ainda vejo muito machista. Eu vejo que a gente quer proteção, a gente quer segurança. Eu estava lendo na revista *VIP* deste mês, agora, diz que a mulher quer alguém para pagar as contas e para dar carinho. Então, no fundo, retrata isso, aquilo que a gente sempre está buscando.

**16) Você acha que o romance é machista porque é isso que a leitora quer?**

R. Ah, sim. Por exemplo, como não é uma literatura, não é um livro assim, cheio de detalhes intrincados, igual é uma literatura um pouco mais elaborada, que a gente pode dizer que se você não prestar atenção você vai se perder, e na *Sabrinas*, você já deve ter notado, no começo ela tem o olho azul, no final tem castanho. Eu já peguei algumas delas que a descrição física não bateu, por erro mesmo, pela qualidade, entre aspas, e nem por isso eu deixo de ler, é uma literatura que se a gente largar no meio de um capítulo, e não der mais pra ler hoje, a gente pega amanhã, lê dois, três parágrafos antes e vai continuar e não vai perder nada.

**17) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor?**

R. A maioria delas, apesar de brigar muito pela autenticidade feminina, mostrar algumas que trabalham fora, a maioria delas é submissa. Pelo menos a visão da grande maioria dos livrinhos, que traz para mim, é um ou outro só que tem uma que é mais independente. Mas mesmo ela sendo independente ela ... Porque uma vez eu defini o amor mais como renúncia. Para você conviver bem com o seu marido, você tem que renunciar a muita coisa. Então você vê que elas renunciam muito mais do que eles. Então existe aquela submissão.

**18) Como você acha que o sexo é abordado nos romances sentimentais?**

R. Antigamente, quando a gente começou a ler, por exemplo, *Sabrina* e *Bianca*, não se sabia praticamente nada, no máximo um beijo e a maioria delas, só depois que casava que consumava o ato em si. Hoje em dia, você pegando mesmo a *Bianca* e a *Sabrina*, eles relatam o relacionamento físico de uma forma um pouco mais light do que nos *Momentos Íntimos*. Mas eu acho que eles não relatam de uma maneira que choque. Eles relatam de uma maneira que é o que a gente vive. Talvez com um pouco mais de romantismo. Nada chocante, nem vulgar. É uma descrição bonita do ato em si.

**19) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria nos Estados Unidos ou fora do Brasil faz alguma diferença para a leitora no Brasil? É uma realidade muito diferente?**

R. Teve algumas que eu li que eu não sabia de que lugar que era. Mas que é interessante você ver a descrição, por exemplo, de montanhas com os picos cobertos de neve, assim, essa descrição que não faz parte da realidade nossa, até que é gostoso. É a mesma coisa quando a gente pega um *Daniele Steel*, ou então um desses *best sellers*, a gente depara com este tipo de descrição do local. Eu acho que poderia haver...eu já li alguns, tipo desses livrinhos, porque se você procurar tem tipo



desses livrinhos só que não tão bons, em termos de qualidade de escrita, que se passam aqui no Brasil, escritos por leitoras, ou melhor, escritora brasileira. Só que a qualidade das histórias, a Julia, Bianca, Momentos Íntimos, Sabrina, é bem melhor, em termos de diálogo, em termos de uma linha da história. Porque uma das coisas que a Sabrina tem, apesar do final, a maioria, acho que eu li uns dois ou três só que o final não foi feliz, entre aspas, que o casal, o par romântico, ficou separado. Então eu li algumas desse tipo, mas não sei se por causa da qualidade, a gente não gostou muito. Agora se a gente tivesse, dentro da realidade da gente... Por exemplo, castelo, que tem algumas que se passam em verdadeiros castelos, mas pra descrever isso, só se for lá mesmo, na Europa. Por isso eu acredito que normalmente quem lê tem um pouco desse conhecimento geográfico. Pode não conhecer pessoalmente...A pessoa já tem um conhecimento pessoal dela, ou então de filme que assistiu. Por isso eu acho que não dificulta. Agora, se a gente tivesse algumas histórias dentro da realidade da gente, igual, teve um livrinho que eu li que tinha uma festa mexicana. Aí, se a gente tivesse alguma que retratasse as festas da gente, os lugares que a gente conheça, acho que a gente ia gostar também. Mas acho que não dificulta, o fato de não conhecer os lugares. É até bom pra gente conhecer um costume que às vezes a gente não conheça, ver a descrição de algum lugar, e imaginar. E isso é leitura, né, imaginar o que você está lendo.

**20) Você já se identificou com uma personagem de romance sentimental? Por quê?**

R. O problema desse livrinho é que, por exemplo, você termina de ler um hoje, se você não guardar a capa, e voltar daqui a um mês e pegar aquele livrinho e não lembrar da capa, e começar a ler a história, às vezes vai descobrir que leu lá pelo segundo capítulo. Então a questão de identificar com uma personagem, acho que não. Ler Sabrina é um lazer, um passatempo, e não deixa de ser alguma leitura que você está fazendo, que você está aproveitando, porque você tira alguma coisa, sempre tira, nem que seja no português, você tira alguma coisa. Então eu acho que é mais lazer mesmo, por ser uma coisa sem você ter que se prender demais na atenção para entender, é um passatempo mesmo.

**21) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. É o que eu acabei de falar, um passatempo. Passou o sábado e domingo, normalmente é mais domingo os dias que eu lia, passou aquele momento lá, é difícil eu ter um pensamento para o livro, sobre aquela história. A verdade é que eles são muito iguais. Apesar de terem pessoas diferentes, com tipos físicos diferentes, lugares diferentes, o enredo diferente, de uma certa maneira eles são iguais.

**22) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína?**

R. De vez em quando a gente acha elas meio bestas. Você pensa assim: se fosse eu, já tinha botado para andar faz tempo... Ah, não fazia de jeito nenhum comigo essas coisas. E às vezes você acha esse tipo de coisa e às vezes acha que o homem está indo fundo demais, está dando uma de Thyrsos, do Big Brother, dando uma de mané, de vez em quando.

**23) Em alguma situação em especial?**

R. Não lembro. É mais em relação ao relacionamento deles. Mais de uma vez eu li aquela coisa do casamento arranjado, e depois dá tudo certo, é esse tipo de coisa que a gente desaprova, porque na cultura da gente não existe isso.

**24) Você tem amigos(as) que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com estes amigos aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

R. A única coisa que a gente fala é que é um excelente passatempo e uma maneira de dar uma sonhadinha.

**25) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

- a) capa (pouco)
- b) título (pouco)
- c) autora (pouco)
- d) sinopse (resumo da contracapa)(muito )
- e) a série (medianamente)

- f) o preço (medianamente). (Comentário: Às vezes tem livros com duas histórias que chamam mais a atenção do que com uma história só. Se bem que hoje vale mais a pena comprar os que têm duas histórias do que comprar separado)
- g) lugar em que se passa a história (pouco)
- h) época em que se passa a história (muito) (Comentário: Prefiro a época atual)
- i) recomendação de outros leitores (pouco) (Comentário: Nunca ninguém me recomendou)

**26) Qual foi o seu romance preferido e por quê?**

R. Não lembro. Eu leio e passo. Não é uma coisa que fique.

**27) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler?**

R. Tem livros de auto-ajuda. Tenho comprado livros motivacionais, de auto ajuda, *Histórias para Aquecer o Coração*, revistas eu gosto de ler a *Superinteressante*, temos a *Veja*, também, que quando eu tenho um tempinho eu leio. Porque pro serviço já tem muita coisa pra ler. Eu sempre gostei de um romance bom, de *best seller*, essas coisas. Se eu tiver oportunidade e tempo... Porque a Sabrina e a Bianca, é uma leitura descompromissada. Já um livro mais assim é uma coisa que você tem que se propor a fazer, e pra gente que trabalha, é difícil sentar a conseguir ler um romance mais assim, só se for nas férias ou tiver um feriado um pouquinho maior.

**28) O que você acha que leva tantas mulheres, há tanto tempo, a lerem esses romances?**

R. Eu me colocando no lugar, eu, que comecei lá atrás, eu lembro que eu comprei os nove primeiros volumes da Sabrina, a primeira série a sair, se não me engano. Naquela época, eu estava com 17, 18 anos, eu era de uma certa maneira apaixonada. Já tinha lido Jorge Amado, já tinha feito as lições da casa com Machado de Assis, e mais não sei o que, eu já tinha lido tudo isso, mas eu era de uma certa maneira romântica e apaixonada. Naquela época foi aquilo. Eu sempre gostei de ler. É costume. Eu não sei ler as coisas pela metade. Uma das grandes dificuldades, depois que eu tive as crianças, foi justamente a constância, de eu poder ler um livro, de uma coisa um pouco mais elaborada, não pode ser duas, três páginas num final de semana e só pegar no outro final de semana. E normalmente estes livros não têm 100 páginas, eles têm 200, 300. O que eu posso falar é que a Bianca dá a oportunidade de a gente ter acesso a uma leitura, ao invés de ficar o tempo inteiro na frente da televisão, e você dar andamento na sua casa, na sua família. Hoje, é isso. E o prazer, também, de sonhar um pouco.

**29) Você tem vergonha de ler esses romances ou é uma coisa que você lê sem problemas?**

R. Eu leio sem problemas. Se eu tiver que ler lá na praia, eu leio. Se tiver que ir no ônibus, eu leio. Provavelmente, se perguntarem qual é o meu livro de cabeceira, eu não vou dizer que é uma Sabrina. Vou lembrar talvez do *Presente Precioso*, que muita gente fala, é um livrinho de nada, mas te fala alguma coisa, é auto-ajuda também. Ou *Ontem eu Chorei*, não vou falar que é uma Sabrina. Uma, que a Sabrina normalmente eu leio e dou, porque a gente não tem espaço para colecionar. Já cheguei a ter umas duas pilhas, mas você se desfaz delas, não é uma coisa que você vê necessidade de guardar.

**30) Você costuma ler o texto “Querida leitora”, que vem logo na segunda página do livro?**

R. Ah, aquele lance que é como se fosse uma nota da editora, um negócio assim, né? Leio sim.

**31) E o que você acha daquilo?**

R. É um chamativo bom. No final também, quando eles colocam alguma coisa sobre a biografia da autora, também é legal.

**32) Você acha isso importante?**

R. Acrescenta, eu acho. Pelo menos procura demonstrar um pouco mais de qualidade da leitura, pra gente não achar uma coisa muito...Que não é uma leitura tão casual, como eu falei, o livro procura passar, como aquelas orelhinhas que têm nos livros que você compra em livraria, livro mais assim, a nota do editor. Então ele tenta passar isso pra você, pra você se sentir um pouco melhor.

**33) Então você acha que passa a idéia que você está lendo uma literatura de qualidade...**

R. Isso. Bem isso.

**34) E da apresentação da autora, você acha? O que está ali é verdade?**

R. É muito romântico, também. Eu acho que não passa bem a realidade, não, mas não deixa de acrescentar alguma coisa. Você acha bonito o fato de uma pessoa morar num lugar como aquele, ter uma família tão perfeita quanto aquela, com até cachorro.

**35) É, sempre fala de animais, de um casamento sólido. E mesmo assim você acha que acrescenta à leitura.**

R. É, acho que sim.

**36) É isso, obrigada.**

R. É isso.(...) Mas por exemplo, se estivesse dentro da realidade brasileira, eu não sei o quão seria procurado, mas tenho certeza que muita gente assim, que lê, eu acho que Sabrina se lê desde a classe mais baixa até gente bem rica. Eu posso estar muito enganada... Mas de repente se tivesse de qualidade, com a qualidade um pouco melhor, de autoras nacionais, que mostrassem lugares nossos, festas nossas. Porque a Sabrina tem muito de descrição dos lugares, muito detalhado, né. Então, de repente muita gente ia gostar.

**37) É, muita gente aponta a descrição dos lugares como um dos atrativos dos romances...**

R. É, naquela pergunta que você falou, se o lugar me atraía, eu nunca olhei o lugar para escolher o livrinho, era o resumo mesmo que me levava, mas se você vê a descrição de um lago bonito, e pedra daqui e pedra dali, é legal, né.

**ENTREVISTA 20**

- 1) Nome: R.R.
- 2) Idade: 16
- 3) Sexo: feminino
- 4) Profissão: balconista, em Curitiba
- 5) Estado Civil: solteira
- 6) Escolaridade: primeiro grau incompleto

**7) Onde você costuma adquirir seus romances sentimentais?**

R. Empresto.

**8) No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita?**

R. Barbara Cartland.

**9) Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais?**

R. Uns dois anos, mais ou menos.

**10) Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

R. Varia, às vezes um ou dois, quando eu tenho tempo, daí eu leio.

**11) O que você gosta mais nos romances?**

R. As histórias. Pra falar a verdade, eu gosto do final, que dá tudo certo. Mas como vai acontecendo, tudo, é muito interessante, muito gostoso de ler.

**12) E porque você gosta mais da série da Barbara?**

R. Não sei, porque é boa, eu gosto dos livros dela.

**13) Mas o que tem de especial?**

R. Ah, como ela conta, como ela escreve. Cada vez você quer ler mais. É isso.

**14) Se você fosse definir as heroínas dos romances, como faria, como elas são, as mocinhas?**

R. Acho que as mocinhas, quando começa o romance, do conde ou do duque, elas são diferentes das outras mulheres, que querem conquistar. Elas são mais na delas, quietas. Não ficam se atirando. Eu acho isso. Não sei a palavra exata, mas elas não se atiram.

**15) Elas são mais recatadas...**

R. Isso. Elas não se atiram.

**16) Que tipo de postura você acha que essas heroínas têm diante da vida e do amor, como elas são?**

R. As mocinhas, né? Elas sonham muito de encontrar o amor, o príncipe encantado delas.

**17) E elas vão atrás desse príncipe ou elas esperam as coisas acontecerem?**

R. Elas esperam. As mocinhas que são quietas, como o livro conta, a gente vai lendo e vai...Acho assim, elas esperam e daí acontece, como a gente vai lendo. De repente, o duque, o conde encontra a mocinha, assim vai indo.

**18) Você acha que o fato de as histórias se passarem em sua maioria fora do Brasil faz alguma diferença para a leitora no Brasil?**

R. Não acho. Era bom se tivesse uma história aqui, no Brasil.

**19) Você acharia interessante?**

R. Acharia interessante.

**20) Você já se identificou com uma personagem?**

R. Não.

**21) Nunca? Nunca pensou assim: essa menina parece comigo?**

R. Ah, sim. Eu também penso em encontrar uma pessoa certa, que nem nos romances assim. A gente sonha. Mas só nesse ponto. Eu fico pensando: ah, tomara que eu encontre uma pessoa legal. Eu fico olhando os romances e: ah, meu Deus, por que não chega a hora minha. Eu fico bem assim.

**22) Você acha que a leitura dos romances sentimentais influencia de alguma forma o seu dia-a-dia?**

R. Não vamos dizer que é bem influenciar, mas que nem eu te falei, eu fico pensando que espero que eu encontre uma pessoa. E no romance você vai lendo e toda história é final feliz. E eu espero que eu encontre, que eu seja feliz, como nos romances.

**23) E você faz alguma coisa igual aos romances para tentar que isso aconteça?**

R. Não. Eu só espero.

**24) Em algum romance, você já desaprovou o comportamento da heroína? Ela já agiu de uma forma que você não gostou?**

R. Não.

**25) Você tem amigas que costumam ler romances sentimentais? Se sim, você costuma comentar com essas amigas aspectos de livros que leu? Que tipo de comentários?**

R. Às vezes. Como que é, sobre a história que a gente vai lendo. Mas é difícil a gente comentar, quase não dá tempo da gente se falar.

**26) Você tem um tema preferido para os romances, uma situação que você goste mais?**

R. Quando a gente vai lendo e aí o rapaz encontra a mocinha e eles vão se conhecendo. E quando um se declara para o outro, que gostam, esse é o melhor momento que eu acho.

**28) O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? (Use muito, pouco ou medianamente)**

- a) capa (muito) (Comentário: É mais o título que o desenho)
- b) título (muito)
- c) autora (muito) (Comentário: Gosto da Barbara.)
- d) sinopse (resumo da contracapa)(pouco)
- e) a série (muito) (Comentário: a série da Barbara)
- f) o preço (pouco) (Comentário: Não, porque eu empresto.)
- g) lugar em que se passa a história (pouco)

h) época em que se passa a história (pouco) (Comentário: Sabe que eu nunca reparei na época?)

i) recomendação de outros leitores (muito) (Comentário: Por causa que eu comecei a ler por causa da minha amiga. Eu via os romances na casa dela e ela comentou comigo que era bom. Daí eu comecei a ler. Então eu fui influenciada)

**29) Qual foi o seu romance preferido?**

R. *Um beijo no deserto.*

**30) E por que você gostou mais dele?**

R. Foi o que eu achei mais empolgante de ler, como os fatos foram acontecendo.

**31) E o que acontecia nesse romance?**

R. É que o conde ia viajar pro deserto, eu não lembro o nome do deserto, e ele foi e viajou. E começou a conhecer tudo. Daí ele viu uma moça, tinha o nome de uma deusa. Ele viu essa moça mas na hora que ele foi encontrar com ela, ela sumiu. E daí ele foi indo todos os dias, no mesmo horário, pra ver se achava ela. Um dia deu certo dele encontrar com ela. Mas ela saiu correndo e ele saiu atrás dela. E ele viu onde ela entrou e era a casa dela. Depois de um certo tempo, ele voltou e foi direto na casa dela, atrás dela e os dois se conheceram. E foi indo. Ela começou a mostrar o deserto pra ele, tudo. Por isso eu gostei.

**32) Além de romances sentimentais, o que mais você costuma ler? Você lê mais alguma coisa?**

R. Ultimamente, não.

**33) Você costuma ler aquele texto “querida leitora”, que tem nos livros? Tem na Barbara o “Querida leitora”?**

R. Costumo. Acho bom, eu gosto.

**34) E a apresentação da autora, o que você acha?**

R. Acho bom. Daí a gente sabe certinho sobre ela, nome, tudo, onde nasceu, que ano. É bom.

### 5.3. ENTREVISTAS FEITAS ATRAVÉS DE ENQUETE NA COMUNIDADE ADORO ROMANCES, COM DEPOIMENTOS VOLUNTÁRIOS.

#### ENTREVISTA 21

Nome: M.

Idade: 30

Profissão: Advogada

Escolaridade: Superior completo

Cidade onde mora: Campinas/SP

**Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

1. Eu leio de 2 à 3 por dia e se ficar em casa sem fazer nada já li mais de cinco, como leitora voraz ao mês no mínimo 60 livros. Desculpe não é exagero mas nesta conta 30% não é "sentimental", como você denomina.

**O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

2. Atualmente a Harlequin tem escritoras que já são conhecidas e que chamo de seguras, você sabe o que esperar da Penny Jordan, Lynne Graham, Diana Palmer, Nora Roberts etc. Isto garante que eu compre mais livros da Harlequin, mas as capas e o resumo da história, contida no verso do livro é muito importante quando vou adquiri-lo, então depende de tudo. Outra coisa que me chama atenção

são as "chamadas" no final sobre os próximos livros.

**Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

3. Nos próprios livros, nos sites da Harlequin e NC, no Orkut nas comunidades, têm o blog da Roberta Literatura de Mulherzinha, que comenta os romances. R., adoro seu blog coloca mais coisa....

**No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

4. Como já disse eu compro os livros pelas autoras e se eu gostar do resumo do livro, pelas capas e o resumo da história, contida no verso do livro, as "chamadas" no final sobre os próximos livros, se eu me interessar fico aguardando sair na banca. Vou a três bancas e gosto de ver capa, resumo e autora.

**O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

A. ( ) barato

B ( ) caro

C (X ) justo(mas fica caro,principalmente qdo o livro é uma bomba)

Comente sua resposta... principalmente como leitora que compra em livraria a diferença é gritante, mas dava pra melhorar a qualidade do texto, em diversos livros parece que algumas partes são cortadas, o nome dos personagens trocados, partes importantes abandonadas, parece que a estória está solta, perde-se o enredo.

**Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

6. Fazem 15 anos que os leio, a minha prima sempre lia e não me emprestava nenhum, fiquei muito curiosa, uma tia tinha um solto na estante peguei e amei. E difícil não ficar viciada, são livros simples com linguagem acessível, com histórias que todas se sentem ou desejam ser a protagonista, com final feliz.

É como um conto de fadas, eu prefiro aqueles com um toque engraçado.

**Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc)?**

7. Em casa na cama ou no sofá.

**O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

a) capa (5 )

b) título (5 )

c) autora (5 )

d) sinopse (resumo da contracapa) (5 )

e) a série ( 1)

f) o preço (1 )

g) lugar em que se passa a história (1 )

h) época em que se passa a história (5 )

i) recomendação de outros leitores (4 )

j) a editora ( 1)

k) propaganda publicada em outra edição (5 )

l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 22**

Nome: I.

Idade: Tenho 18 anos.

Profissão:Sou estudante/universitária.

Escolaridade: Tenho o 2º grau completo e estou indo pro 4º período do curso de Direito.

Cidade onde mora: Moro em uma cidade linda! Chama-se Arraial do Cabo - RJ. Fica no litoral norte do Estado e tem um pouco mais de 22.000 habitantes.

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Ih... em livros posso dizer que ao menos tenho que ler 2, ao mês. Mas isso é no mínimo!

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Gosto simplesmente do fato de uma editora ainda se preocupar em estar lançando esses tipos de histórias, tendo em vista as outras modalidades de revistas que há hoje em dia no mercado. A Nova Cultural é conservadora em alguns aspectos e isso é desagradável. A Harlequin é mais dinâmica e moderna... prefiro esta! Sem, é claro, desmerecer a Nova Cultural pois também lei alguns livros dela de vez em quando.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Ora, vou nas bancas! E como sempre estou na internet vejo alguns lançamentos. Ainda que, saia antes nas bancas do que nos sites oficiais.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Algumas. Sou meio chata quando escolho algo para ler, mas é inevitável: quando é bom, não importa a série, eu leio!

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A.  barato
- B.  caro
- C.  justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Sei lá... acho caro as vezes e sei que é justo. Tem gente que trabalha duro pra editar um livrinho e isso eu valorizo.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Leio desde os meus 11 ou 12 anos. Foi por curiosidade, minha mãe lia mas nunca tinha me contado, e então fiz essa descoberta sozinha e até hoje não parei.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Geralmente em casa. Mas onde eu estiver calma e em paz, estou lendo. Ah... eu sem nada pra fazer...rs.

**8 O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante).**

- a) capa (1 )
- b) título ( )
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (4)
- e) a série ( )
- f) o preço (2)
- g) lugar em que se passa a história (3)
- h) época em que se passa a história ( )
- i) recomendação de outros leitores ( )
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro\_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 23**

Nome: L.

Idade: 17 anos

Profissão: Trabalho em uma empresa na parte financeira, estagiando!

Escolaridade: Faço faculdade de Direito.

Cidade onde mora: Pato Branco -PR

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Depende, mais em média uns 30 livros por mês, levando em conta os chatos que leio pela metade

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

2. Os contemporâneos da Harlequin são melhores, quanto aos históricos, prefiro os da Nova Cultural.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

3. Site.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

4. Não olho muito pela série, compro por determinadas autoras e indicações.

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

A. ( ) barato

B ( \* ) caro

C ( \* ) justo

5. Como já vimos, muitas vezes nossos livros são mutilados, tanto com cortes como na tradução. Quando percebo que isso ocorre, esse livro perde totalmente o valor. Porém aqueles que estão certinho, acho justo o preço.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

6. Uns 5 -6 anos, comecei a ler pegando os livros de minha mãe.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

7. Em casa, quando é em papel normalmente na cama!

**8 O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante).**

a) autora (5)

d) sinopse (resumo da contracapa) (3)

f) o preço (2)

h) época em que se passa a história (1)

i) recomendação de outros leitores (4)

**ENTREVISTA 24**

Nome: M.

Idade: 17 anos

Profissão: Só estudo

Escolaridade: Faço o primeiro período de Direito na UFRN

Cidade onde mora: Caicó - RN

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Em média uns dez romances por mês quando estou em época de aula e uns 20 quando estou de férias.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Antes eu lia muito os da Nova Cultural, quando ela tinha parceria com a Harlequin, agora leio mais os da Harlequin, pois acho a qualidade das histórias melhor e com mais diversidade de séries.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**



Principalmente através do site das editoras.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Gosto muito de clássicos históricos em geral e dos livros da Nora Roberts, Deborah Simmons, Linda Howard, Nina Beaumont, e outros..

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B ( ) caro
- C (x) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Pra mim o preço é justo, muitas vezes menos de dez reais e qualidade do livro é boa, o que compensa muitas vezes o preço, que são bem mais baratos que os de livraria.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei a lê aos 12 anos, a minha mãe sempre lia romances de banca e os primeiros livros que li eram dela e depois comecei a comprar os meus próprios.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa mesmo.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa (2)
- b) título (2)
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (4)
- e) a série (3)
- f) o preço (3)
- g) lugar em que se passa a história (4)
- h) época em que se passa a história (4)
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora (3)
- k) propaganda publicada em outra edição (3)
- l) Outro\_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 25**

Nome: V.

Idade: 17 anos

Profissão: Estudante

Escolaridade: Superior Incompleto - Geografia

Cidade onde mora: Fortaleza - CE

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Eu leio um por dia normalmente. Às vezes, não consigo terminar um no mesmo dia, por isso, não posso dizer ao certo quantos leio por mês.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Não vejo muita diferença, até porque eu não ligo muito pras editoras, não.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Internet, indicação.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Ai... Não sei dizer... Eu gosto de muita coisa!

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B. ( ) caro
- C. (X) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Tá de acordo com o que posso pagar. Então, pra mim, tá justo!

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Sempre gostei de ler de tudo. Tanto que sou fã de José de Alencar!

Agora, desse estilo e com essa frequência, faz pouco tempo, mas lia um aqui e outro acolá quando era mais nova... Comecei por curiosidade mesmo.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa, na cama, no ônibus etc.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( )
- b) título (2)
- c) autora (3)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (4)
- e) a série (1)
- f) o preço ( )
- g) lugar em que se passa a história ( )
- h) época em que se passa a história ( )
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 26**

Nome: M.

Idade: 34 anos

Profissão: Analista de CRM

Escolaridade: Superior Completo - Comunicação Social

Cidade onde mora: São Paulo - SP

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Quando estou trabalhando leio 04 por mês... de férias por volta de 10.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

A principal diferença entre as editoras é que a Nova Cultural publica livros Históricos com melhor qualidade, mas ambas pecam na falta de respeito com o consumidor, começam a publicar as sagas de família e não fazem na seqüência correta e às vezes deixam faltando as continuações.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Internet, indicação e bancas.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Clássicos Histórico, tem mais conteúdo e agrega mais conhecimento.

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B. (X) caro
- C. ( ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Antes era justo, mas a qualidade das traduções e 'estórias' caiu de 02 anos pra cá.. então é caro pela qualidade atual um tanto duvidosa.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Há 22 anos, comecei a ler em uma promoção do sabonete Lux (livrinho grátis), gostei tanto quanto os da série Vagalume e passei a comprar.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa e na condução ao trabalho.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa (1)
- b) título (1)
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (4)
- e) a série (4)
- f) o preço (3)
- g) lugar em que se passa a história (1)
- h) época em que se passa a história (4)
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora (3)
- k) propaganda publicada em outra edição (4)
- l) Outro\_5\_(continuação de Saga)

**ENTREVISTA 27**

Nome. S.

Idade: 32 anos

Profissão: Empresária

Escolaridade: Faço Faculdade de Letras

Cidade onde mora: Natal/ RN

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Em média, leio um romance a cada dois dias, se o livro for bom, eu leio em um dia, se for ruim posso demorar até quatro dias.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Eu prefiro a NC, pois eu percebi alguns cortes nas histórias da Harlequin. Eu tenho preferência por romances históricos e a qualidade da NC quanto a eles é superior.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Eu sempre entro no site da NC e de vez em quando da Harlequin também, anoto os títulos que mais me interessam e aguardo saírem nas bancas.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Eu prefiro os Clássicos Históricos Especiais, pois eles englobam praticamente quase todos os livros que eu gosto, mas se alguma autora estiver em outra série, eu compro também.

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

B ( x ) caro

**5.1 Comente sua resposta...**

Eu acredito que pela quantidade de séries que as editoras publicam, elas poderiam baixar um pouco o valor de alguns livros.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Eu leio desde meus vinte anos e comecei a ler romances porque li um muito bom na época e comecei a comprar e gostar cada vez mais.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Eu costumo ler meus romances onde eu puder, sempre tenho um livro ao meu lado.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- d) sinopse (resumo da contracapa) (1)
- h) época em que se passa a história (2)
- i) recomendação de outros leitores (3)
- f) o preço (4)
- c) autora (5)

**ENTREVISTA 18**

Nome: H.

Idade: 23 anos

Profissão: Jornalista, redatora de rádio.

Escolaridade: Faculdade de Jornalismo...tô terminandoooooo, graças a Deus!!!

Cidade onde mora: Presidente Prudente – SP

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Poxa...nunca contei...mas ultimamente tenho lido uma média de 3 por semana...o que dá uns 12, até 15 livros por mês...

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Há diferença sim...mas eu ainda prefiro os da Nova Cultural.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

A maior parte eu tomo conhecimento aqui na comu mesmo, ou então pelo site das editoras...

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Históricooooos!!!Sempre...

Porque acho que as histórias antigas tem sempre um charme a mais...os conflitos entre clãs, famílias, casamentos arranjados...tudo isso me encanta! Sem contar que um bom contexto histórico faz toda a diferença né...

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

A. ( ) barato

B ( ) caro

C ( X ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Acho que o conteúdo vale o preço...só isso...

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Desde que eu tinha uns 12 anos...ou seja, há quase 10!

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa, na cama, no ônibus e onde eu tiver um tempinho!!! Mas, pra mim pelo menos, ficou mais fácil ainda ler meus livros no mp4...pq ele é pequenininho e eu posso até ler durante alguma aula chata...

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( 4 )
- b) título ( 4 )
- c) autora ( 5 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 5 )
- e) a série ( 4 )
- f) o preço ( 3 )
- g) lugar em que se passa a história ( 5 )
- h) época em que se passa a história ( 5 )
- i) recomendação de outros leitores ( 5 )
- j) a editora ( 3 )
- k) propaganda publicada em outra edição ( 2 )
- l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 29**

Nome: N.

Idade: 22 anos

Profissão:estudante

Escolaridade: superior em andamento

Cidade onde mora: Rio de Janeiro

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Cerca de 20 livros de banca e qtos eu puder comprar de livraria

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Leio mais a Harlequin, pois a maioria das autoras que gosto publica por essa editora.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Pela internet, pelo site da editora, pela comunidade AR...

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Harlequin Paixão

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B ( \*) caro
- C ( ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Acho o preço na banca caro, geralmente espero ir para o sebo perto aki de casa onde geralmente compro todos eles por R\$3,00 a 3,50. Se o preço fosse menor nas bancas a leitura seria mais acessível a todas.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei com os livros da minha mãe aos 13 anos, hoje tenho 22. Ou seja, lá se vão quase 10 anos.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Ônibus e Casa.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( )
- b) título ( )
- c) autora (2)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (4)
- e) a série ( )
- f) o preço ( )
- g) lugar em que se passa a história (3)
- h) época em que se passa a história ( )
- i) recomendação de outros leitores (5)
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro : O final (1)

ENTREVISTA 30

Nome: L.

(Não informou os outros dados)

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Mais ou menos 10 por mês. Estou sem tempo senão leriam mais!

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Vejo muitas reclamações quanto as editoras cortas trechos ou traduções ruins com ambas, mas principalmente com a Harlequin. Normalmente a Harlequin tem autoras mais conhecidas que aprecio mais, creio que essa seja a maior diferença.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

No site e por indicação.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Gosto dos contemporâneos, sinto-me mais na história.

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B ( x) caro
- C ( ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Bem, o papel é reciclado e não tem impostos, segundo a Constituição Federal, eles são finos e, mesmo assim, tem o preço muito alto.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Bem, comecei com 11 anos, uma prima deu para mim. Após os 15 anos diminui a frequência de leitura por falta de tempo (estudo e trabalho), voltei graças a comunidade, há 2 anos.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa, se em papel, na cama. Mas sempre no meu quarto.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( 4)
- b) título ( 2)
- c) autora ( 1 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) (3)
- e) a série ( )
- f) o preço ( )
- g) lugar em que se passa a história ( )
- h) época em que se passa a história ( )
- i) recomendação de outros leitores ( 5)
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 31**

Nome: C.

(não informou os outros dados)

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

De dez a quinze livros.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Comecei a ler com a Nova cultural, mas confesso que a tempo não perco meu tempo em comprar seus romances. A qualidade caiu muito, fora os cortes e a tradução horrível, embora problemas com tradução e erros de português existem nas duas, acho que Nova Cultural corta mais trechos da história.

Gosto mais da Harlequin por causa das histórias das autoras antigas e enredos interessantes.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Pelo site e comentários das meninas das Comunidades do Orkut.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Hoje, Paixão e Desejo, da Harlequin. Já gostei muito de M.I. (Momentos Íntimos) da Nova Cultural.

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

- A. ( ) barato
- B ( \*) caro
- C ( ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Papel reciclado (nada contra, somente mesmo o preço do livro). Quantia de páginas e muitas vezes histórias ruins me fazem desanimar com o preço, fora saber que é isento de impostos...

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei a ler romances muito cedo e o primeiro que ganhei foi de minha avó. Leio romances há mais de trinta anos. Ainda tenho (só o pó...rsrsr), os primeiros romances da Nova Cultural.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Já me escondi até no banheiro para poder ler sossegada um romance, mas gosto mais de ler na cama.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( 4)
- b) título ( 1 )
- c) autora ( 5 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 2 )
- e) a série ( 4)
- f) o preço ( 3)
- i) recomendação de outros leitores ( 3 )
- j) a editora ( 3)

**ENTREVISTA 32**

Nome: I.

(não informou os outros dados)

**1.Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Por volta de uns 15 se forem finos e 10 dos mais grossos.

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Não vejo diferença entre os livros publicados por uma ou outra editora, lamento por tanto uma como a outro ainda não terem conseguido se impor com as editoras internacionais de modo que pudessem lançar os livros seguindo a ordem correta de suas séries e sagas.

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Pelo site das editoras e por amigas.

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Nova Cultural - Clássicos Históricos Especiais

Harlequin - Romances Históricos

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

A. ( ) barato

B ( ) caro

C (X) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Creio que o preço até que é compatível qdo a editora não comete o absurdo de retalhar o livro, pagamos muito mais caro por coisas que muitas vezes não trazem nem divertimento e muito menos cultura, com esses livros dá para aprender um monte de coisas, além de cultivar o excelente hábito da leitura.

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Há uns 15 anos, comecei por pura curiosidade e viciiei.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Onde surgir oportunidade.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( )
- b) título ( )
- c) autora ( 4 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 5 )



- e) a série ( 1 )
- f) o preço ( )
- g) lugar em que se passa a história ( 3 )
- h) época em que se passa a história ( 2 )
- i) recomendação de outros leitores ( )
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro \_\_\_\_\_

### ENTREVISTA 33

Nome: M.  
(não informou os outros dados)

#### Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

De 10 a 20 novos... Não é uma conta certa. Depende da agenda. Mas sempre leio um a noite... Ou re-leio algum antigo que gostei muito.

#### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

Eu acho que tem algumas diferenças, sim... Apesar de não saber dizer o que é, além do tipo "gosto". Eu gosto mais dos romances da Harlequin do que da NC. Por quê? É um mistério.

#### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

Internet.

#### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

Harlequin - Paixão, Desejo, Desejo Fuego!  
NC - Sabrina

#### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

- A. ( ) barato
- B (x) caro
- C ( ) justo

##### 5.1 Comente sua resposta...

Eu compro no sebo perto da minha casa. É mais barato. Então, não posso dizer que acho barato o romance da banca, certo?

#### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

Desde 2005. Sempre gostei de ler... E comecei a ler porque o meu outro vício de leitura (mangás) não estava dando vazão para o mês inteiro. E eu já tinha usado e abusado do livros para-didáticos da biblioteca do, então, meu colégio. Aí, vi uma Sabrina na banca... Lembrei da minha mãe falando que na época dela, as meninas liam essas revistas, ao invés de "revistas de quadrinhos de trás para frente" (como ela denomina "mangás")... Comprei. Li. Gostei... Comprei mais uma. Li, gostei... E não parei mais.

#### 7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

Geralmente, em casa e na minha cama... Mas leio em outros cantos da casa e, até, na faculdade no intervalo de uma aula para outra.

#### 8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa ( )
- b) título (2)

- c) autora (3)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série ( )
- f) o preço ( )
- g) lugar em que se passa a história ( )
- h) época em que se passa a história (1)
- i) recomendação de outros leitores (4)
- j) a editora ( )
- k) propaganda publicada em outra edição ( )
- l) Outro \_\_\_\_\_

### ENTREVISTA 34

Nome. L.L.  
(não informou outros dados)

#### 1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

Cerca de 20.

#### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

Muitas diferenças, pelo menos em relação aos contemporâneos (raramente leio históricos então não posso opinar).

Harlequin - gosto e leio muito.  
Nova Cultural - não gosto e não costumo ler

Harlequin - autoras antigas e famosas  
Nova Cultural - autoras desconhecidas (pelo menos para mim)

Harlequin - histórias com enredo mais interessante, mais bem escritas  
Nova Cultural (só li dois livros) - texto muito cortado pelo tradutor que destruiu o livro, não deu para perceber se o texto original seria bom ou não.

Harlequin - livros com formato bolso, menor e mais prático  
Nova Cultural - livros maiores

Harlequin - os resumos na contracapa mostram histórias mais atraentes  
Nova Cultural - os resumos não me atraem  
Um ponto a favor da Nova Cultural seriam os livros com temática sobrenatural que a Harlequin não publica mas o único que li como já disse antes, aparentemente, foi destruído pela própria editora. Parece que a Nova Cultural vai aumentar o número de páginas e contratar novos tradutores. Tenho esperança que melhore então vou tentar de novo a Nova Cultural.

#### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

Vou a banca de jornal e consulto o site da editora na internet.

#### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

Harlequin - Paixão em primeiro lugar e Jéssica em segundo lugar. São as séries onde encontro a maior parte dos livros das autoras que gosto.

#### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

- A. ( ) barato
- B. ( ) caro
- C. (x) justo

### 5.1 Comente sua resposta...

Os livros de livraria custam em torno de R\$ 40,00 e são maiores e com papel de melhor qualidade.

### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

27 anos. Vi os livros na banca de jornal e me interessei.

### 7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

Em casa

### 8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa (1)
- b) título (1)
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (3)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (1)
- h) época em que se passa a história (3)
- i) recomendação de outros leitores (4)
- j) a editora (4)
- k) propaganda publicada em outra edição (5)
- l) Outro \_\_\_\_\_

## ENTREVISTA 35

Nome: R.

Idade: 43

Profissão: Funcionária pública

Escolaridade: Superior

Onde Mora: João Pessoa - PB

### 1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R.: Leio em media uns 15 livros por mês

### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

R.: Existe uma diferença que acho fundamental que é a tradução, a da Nova Cultural é superior.

### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

R.: pelo site delas

### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

R.: Minha série favorita pela Nova Cultural são os Clássicos Históricos e pela Harlequin é a Série Paixão.

### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

A. ( ) barato

B (x) caro

C ( ) justo

### 5.1 Comente sua resposta...

R.: eu acho caro por causa da isenção de imposto...querendo ou não livro é cultura.

### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

R.: Por incrível que pareça iniciei a leitura de romances sentimentais em 1979 quando surgiu a serie

Sabrina (foi a primeira) e de lá para cá sempre comprei todas as séries.

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

R.: Em casa deitada na cama.

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa (4)
- b) título (3)
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (1)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (4)
- h) época em que se passa a história (5)
- i) recomendação de outros leitores (1)
- j) a editora (2)
- k) propaganda publicada em outra edição (1)
- l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 36**

Nome: S.

Idade: 36

(não respondeu outros dados)

**1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?**

Dois ou três por dia

**2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?**

Os contemporâneos prefiro da Harlequin e os Históricos os da Nova Cultural, problemas com tradução e erros de português existem nas duas, embora ache que Nova Cultural corta mais trechos da história que a Harlequin

**3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?**

Pelo site, pela comunidade e pelo grupo

**4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?**

Todos da Nora Roberts, Diana Palmer e Linda Howard por que elas são maravilhosas. Também gostei muito da serie dos Elliot's pois é bem atual

**5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?**

A. ( ) barato

B ( ) caro

C ( x ) justo

**5.1 Comente sua resposta...**

Justo, tendo em vista os valores cobrados por livrarias

**6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?**

Comecei com dez anos, então tem 26

**7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?**

Em casa e no trabalho

**8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)**

- a) capa ( 1 )
- b) título ( 1 )
- c) autora ( 5 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 4 )
- e) a série ( 5 )
- f) o preço ( 1 )
- g) lugar em que se passa a história ( 1 )
- h) época em que se passa a história ( 1 )
- i) recomendação de outros leitores ( 5 )
- j) a editora ( 1 )
- k) propaganda publicada em outra edição ( 5 )
- l) Outro \_\_\_\_\_

### ENTREVISTA 37

Nome: L.A.

Idade: 34

Profissão: consultora de vendas

Escolaridade: Ensino Médio

Onde mora: Ribeirão Preto - SP

#### 1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R: 3 por semana em média...

#### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

R elas estão em algumas edições deixando a desejar com mutilações nos textos.

#### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

R pelos sites das editoras e principalmente pela Comu AR

#### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

Os CHE... porque são medievais e têm muito mais conteúdo.

#### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

A. ( ) barato

B ( x ) caro

C ( ) justo

#### 5.1 Comente sua resposta...

R São vários lançamentos ao mês, então se vc for acompanhar está falida no final do mês...

#### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

R: Comecei tinha nove anos... porque minha irmã lia... parei um tempo e agora que voltei tá mais difícil de parar.

#### 7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

R: No ônibus

#### 8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

a) capa ( 5 )

b) título ( 3 )

c) autora ( 5 )

d) sinopse (resumo da contracapa) ( 4 )

e) a série ( 3 )

f) o preço ( 1 )

- g) lugar em que se passa a história (5)
- h) época em que se passa a história (5)
- i) recomendação de outros leitores (3)
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (1)
- l) Outro \_\_\_\_\_

## ENTREVISTA 38

Nome: V.  
 Idade: 32  
 Profissão: Professora  
 Escolaridade: Doutorado incom.  
 Onde Mora: Brasília – DF.

### 1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

Leio esporadicamente, então posso ler dois ou três, ou nenhum.

### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

Acho que a qualidade é semelhante, não vejo diferença.

### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

Na banca, no site da editora ou aqui, no Orkut.

### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

Prefiro clássicos históricos, tanto da Harlequin quanto da Nova Cultural. Não sinto vontade de ler séries contemporâneas.

### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

- A. ( ) barato
- B (X) caro
- C ( ) justo

### 5.1 Comente sua resposta...

Algumas traduções e adaptações são precárias, a revisão de texto deixa a desejar em alguns volumes e há cortes, logo, é muito caro.

### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

Uns três anos. Duas colegas, que fazem parte desta comunidade, disseram que havia mangás (quadrinhos japoneses) baseados nestes romances. Comprei um, achei terrivelmente ruim, e elas decidiram me convencer que havia bons romances e boas séries. Me ofereceram “O Lobo Domado”. Bem, desde então, mudei de idéia.

### 7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

Nos lugares citados na pergunta.

### 8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa (2)
- b) título (1)
- c) autora (5)
- d) sinopse (resumo da contracapa) (5)
- e) a série (4)
- f) o preço (1)
- g) lugar em que se passa a história (2)
- h) época em que se passa a história (3)

- i) recomendação de outros leitores (4)
- j) a editora (1)
- k) propaganda publicada em outra edição (3)
- l) Outro \_\_\_\_\_

## ENTREVISTA 39

Nome: L.  
(não respondeu outros dados)

### 1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

R: Leio em média 5 a 7 livros

### 2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

R: As capas da Harlequin são bonitas e às vezes a história não vale a pena, mas no momento prefiro a Harlequin que a Nova Cultural.

### 3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

R: Sempre na contra capa de um livro ou acessando o site de cada uma delas.

### 4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

R: Não tenho preferência, varia de acordo com a autora, exceto da Diana Palmer que ela lança um livro, eu compro.

### 5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

- A. ( ) barato
- B ( x) caro
- C ( ) justo

**5.1 Comente sua resposta...** a concorrência com a venda dos livros usados é grande por isso acho que eles deveriam baixar mas o preço, além disso tem histórias que são "mutiladas"

### 6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

R: Tem 15 anos que leio os livros, comecei aos 13 anos e achei o meu no ônibus, era uma Bianca : Versos ao Vento, Emilie Richard.

### 7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

R: Gosto de ler em casa, no meu sofá e as vezes no ônibus...quando encontro um lugarzinho...

### 8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

- a) capa (1 )
- b) título (5 )
- c) autora (5 )
- d) sinopse (resumo da contracapa) ( 5)
- e) a série ( 1)
- f) o preço ( 5)
- g) lugar em que se passa a história (1 )
- h) época em que se passa a história ( 1)
- i) recomendação de outros leitores (5 )
- j) a editora (5 )
- k) propaganda publicada em outra edição ( 1)
- l) Outro \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA 40**

Nome: J.C.K.

(não informou outros dados).

1. Quantos romances sentimentais costuma ler ao mês?

De 10 a 15.

2. O que você acha das principais editoras atualmente no mercado: Harlequin e Nova Cultural? Há diferenças entre elas e/ou os livros que publicam? Se sim, quais?

A Harlequin é mais preocupada com a qualidade dada a nós. Mas no geral, são muito parecidas.

3. Como você toma conhecimento dos novos lançamentos das editoras?

Através do Orkut.

4. No caso dos romances sentimentais, qual sua série favorita? Por quê?

Clássicos Históricos. Amo historia e romances épicos.

5. O que você acha dos preços dos romances nas bancas?

A.  barato

B  caro

C  justo

5.1 Comente sua resposta...

São caros, pois tenho certeza de que o custo para fabrica-los não custa nem 10% dos preços que pagamos.

6. Há quanto tempo costuma ler romances sentimentais? Como você começou a ler esses livros?

Desde o começo da adolescência... uns 14 anos.

7. Onde você costuma ler seus romances (em casa, na cama, no ônibus etc) ?

Em casa.

8. O que influencia você na hora de escolher um romance sentimental? ( de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante)

a) capa (3)

b) título ( )

c) autora (5)

d) sinopse (resumo da contracapa) (2)

e) a série ( 1)

f) o preço ( )

g) lugar em que se passa a história ( )

h) época em que se passa a história ( )

i) recomendação de outros leitores (4)

j) a editora ( )

k) propaganda publicada em outra edição ( )

l) Outro \_\_\_\_\_



## ANEXOS

### 1.MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL O ESTADO DE S. PAULO EM 03/07/2005.

Reproduzida do Site Observatório de Imprensa. Disponível em <[www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=336ASP004](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=336ASP004)>. Acesso em 13/10/2008.

#### FINAL FELIZ FAZ O SUCESSO DAS SABRINAS

---

Ana Paula Lacerda O Estado de S. Paulo - SP

*Com romances simples e baratos, Nova Cultural e a parceria Record-Harlequin atraem mais de 350 mil leitoras todos os meses*

Paixões inesperadas, obstáculos e um final feliz para o casal protagonista. O roteiro pode parecer simples, mas são histórias como esta - com pitadas de suspense e sensualidade - que fazem o sucesso de um ramo editorial no Brasil: o de romances vendidos em banca. A editora Nova Cultural vende mensalmente 350 mil exemplares de suas oito coleções, entre elas as famosas Sabrina, Julia e Bianca.

Segundo a editora Nova Cultural, leitoras compram de 3 a 4 romances por mês

A editora Record entrou em abril nesse mercado, com Jéssica e outras quatro coleções, em parceria com a Harlequin Books, e estima vender, no curto prazo, dez mil exemplares mensais de cada uma delas. 'Nossas leitoras são muito fiéis, compram 3 ou 4 livros todos os meses', conta Daniela Tucci, gerente de Marketing dos romances da Nova Cultural. Segundo ela, a série Sabrina - há 26 anos no mercado - é o carro-chefe dos romances, com vendas de até 100 mil exemplares por mês.

Com características pitorescas. 'Elas buscam sair da realidade. Histórias com xeiques árabes, por exemplo, vendem mais.' Os romances - que custam de R\$ 4,90 a R\$ 11,90 - correspondem a 40% do faturamento da editora.

Para o presidente da Record, Sérgio Machado, o fato de os livros serem pequenos e terem enredos descomplicados favorece a venda. 'A leitora pode estar no ônibus ou na fila do banco e ler. É uma literatura puramente de lazer, que estimula a leitura em geral', diz. As leitoras concordam. 'Apesar do preconceito que muitas pessoas têm, acho as histórias bonitas e cativantes', diz a estudante de eletrônica Cristiane Lins, de 18 anos. 'Você sai de uma semana estressante e pega um desses livros para relaxar porque não demora pra ler.

O problema é que algumas histórias são muito parecidas.' Para a estudante Elaine Cordeiro,

de 39 anos, os romances são leitura leve antes de dormir. 'Prefiro quando são mais próximos da vida real. Se o homem é o mais lindo e o lugar é o mais paradisíaco, perde um pouco a graça.' Já a assistente administrativa Leide Jales prefere as que se passam em lugares distantes. 'Quando leio, imagino como seriam esses lugares. Meu grande prazer é a leitura.' Ela costuma comprar livros toda semana. 'Esses romances eu leio desde os 11 anos, hoje tenho 33.' Depois que lê os romances, Leide troca com as amigas ou vende em sebos.

Na região central de São Paulo, é possível encontrar edições antigas a partir de R\$ 1 em sebos. 'Somos grandes concorrentes de nós mesmos', comenta Daniela, sobre o comércio de segunda mão. A Nova Cultural espera este ano aumentar as vendas de 10% a 15%. Os romances vão aparecer nas sacolinhas distribuídas em bancas e marcadores de livro. Já a dupla Record/Harlequin apostou em outdoors, aproveitando que as leitoras do gênero conhecem os livros da Harlequin - há alguns anos, era a empresa canadense que fornecia os romances para Sabrina e suas irmãs. 'Estamos na fase de criação de leitorado e trazer um produto que já é conhecido pelas mulheres nos favorece. Há espaço neste mercado, e quanto mais gente lendo, melhor', diz Machado.

Para cada leitora, há um estilo de livro. Dentre os editados pela Harlequin, Desejo é o mais romântico, enquanto Paixão traz homens e lugares maravilhosos. Destinos conta a história de uma família e Jéssica descreve paixões arrebatadoras. A Nova Cultural oferece Sabrina para a mulher romântica, Julia para a moderna e Bianca para a bem-humorada. Mirella e Sabrina Sensual são mais picantes e os Clássicos Históricos ocorrem em séculos passados. 'Livros sem violência e com delicadeza atraem mulheres e até homens, curiosos em saber o que elas lêem', opina Gladys Posmik, uma das poucas brasileiras que escrevem romances para a Nova Cultural. 'É um primeiro degrau. No futuro, ela vai buscar Shakespeare e outros.'

## 2. REPORTAGEM DE O ESTADO DE SÃO PAULO EM 16/07/05.

Reproduzida do site Observatório de Imprensa, disponível em :  
<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=337ASP028>>. Acesso em 13/10/2008.

### MERCADO EDITORIAL

#### **"Novo selo quer conquistar povo com livro de bolso", copyright *O Estado de S. Paulo*, 16/7/05**

"A editora canadense Harlequin Books, especializada em literatura feminina, entrou de sola no mercado de livros de bolso, em parceria com a Record. A presidente do grupo, Donna Hayes, esteve no Rio para o lançamento oficial. Os livros já estão nas bancas de revista do Rio e de São Paulo desde abril. 'Agora, vamos nos estender pelo Brasil, um mercado que nos interessa pelo tamanho e potencial de crescimento', disse ela. 'Nosso grupo existe desde 1949, vende 140 milhões de livros por ano, em 95 países e 27 idiomas. Temos 12

séries temáticas e vamos começar com cinco no Brasil. Nos EUA, lançamos 112 títulos por ano. Aqui serão dez por mês.'

A Harlequin faz literatura de entretenimento, 'para atender a uma demanda do público e não à do autor, como acontece no mercado editorial normal', explicou a diretora da editora no Brasil, Valéria Chalita. 'Com o Plano Real, as classes C e D passaram a consumir novos produtos e livros estão entre os objetos de desejos desses grupo.'

Grandes Autores, Paixão, Destinos, Jéssica e Desejo são as séries lançadas no Brasil. As duas últimas são folhetins, em que personagens fixos e se envolvem em histórias românticas e/ou de aventuras. 'Nosso público é a mulher entre madura, chefe da família, que apesar da dura jornada de trabalho, sonha e anseia por romance', definiu Valéria. 'Nossos livros custam entre R\$ 3,90 e R\$ 9,90, primeiramente em bancas de revistas, mas depois em farmácias, supermercados e até em livrarias.'

E a Record nessa história? Segundo o presidente do grupo, Sérgio Machado, com essa parceria, a editora quer aprender a metodologia do livro de bolso. 'Não é só um formato nem um patamar de preço, mas um tipo de publicação que você só compra se tiver lido o anterior.'

Por enquanto, só serão lançados títulos traduzidos do inglês, língua de todos os mil autores (na verdade autoras, pois são só três homens, um deles escrevendo em parceria com a esposa). Mas é plano da Record e da Harlequin lançar, no futuro, histórias nacionais. 'Mas isso é como novela de televisão. Primeiro a gente compra pronta, depois só o texto, para só então passar à produção própria. Neste caso, estamos ainda na época de Glória Magadam', concluiu ele."

### **3. REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL VALOR ECONÔMICO EM 15/09/2005 .**

Reproduzida do site da Câmara Brasileira do Livro. Disponível em <<http://www.cbl.org.br/content.php?recid=2745&type=>>. Acesso em 13/10/2008.

#### **Editoras disputam leitora de romances açucarados - Valor Econômico - 15/09/2005**

Mesmo depois do movimento feminista na década de 60 e da crescente participação no mercado de trabalho, uma boa parte das mulheres continua a sonhar com o príncipe encantado. Pelo menos, nas páginas editoriais.

A Nova Cultural, que reinava absoluta nesse mercado desde 1980, vendendo dois milhões de exemplares por ano, ganhou, desde abril, uma concorrente de peso. A sua principal fornecedora de romances, a canadense Harlequin, firmou uma joint venture com a Record - maior editora de obras gerais no país - em abril deste ano. Desde a rescisão do contrato com a Harlequin no final de 2003, a Nova Cultural tem quatro novos fornecedores: Random House, Kensington, HarperCollins Publishers e Simon and Schusters.

Em comum, as editoras disputam a fidelidade das leitoras de romances açucarados. Elas têm entre 20 e 50 anos, pertencem à classe média e lêem em média quatro livros desse segmento por mês.

Sergio Machado, presidente da Record e porta-voz da Harlequin, explica que a editora sediada em Toronto e presente em 95 países decidiu investir diretamente no país e rescindiu o contrato com a Nova Cultural.

Richard Civita, presidente da Nova Cultural, contou que a Harlequin propôs uma parceria, porém, ele não aceitou. "Eles queriam uma sociedade na qual tivessem maior poder de decisão", contou ele, enfatizando esse aspecto da proposta. Civita garante que a editora não foi prejudicada pela mudança de fornecedores nem perdeu participação no setor. Mesmo com a concorrência estima crescer entre 10% e 15% em 2005.

Machado, da Record, acredita, entretanto, que as leitoras estão sentindo a mudança na Nova Cultural, já que o conteúdo da Harlequin, antes publicado nas séries Sabrina, Julia e Bianca, da Nova Cultural, agora são reproduzidos nas séries Jéssica, Desejo, entre outras, da HR (Harlequin/Record).

O desafio da HR, agora, é expandir para outros canais de vendas. "Queremos aumentar a base de distribuição", diz Machado. Ele afirma que o negócio está "dentro da expectativa". A HR vende seus dez títulos de romances em 20 mil bancas de jornal em todo país. A meta é comercializar dez mil unidades de cada título, por mês. O próximo passo da empresa é chegar aos supermercados e pontos alternativos, como estações de metrô e lojas de conveniência.

Os romances da Nova Cultural estão em 25 mil bancas de jornal no Brasil e vendem uma média de 167 mil exemplares por mês. Julia e Sabrina são os campeões de venda. O segmento de romances corresponde a 40% do faturamento total da companhia, de valor não revelado. O restante é obtido através de catálogos produzidos para a Avon e coleções como "Os Pensadores" vendidas em bancas.

Segundo Leonice Pomponio, editora da Nova Cultural, a leitora desses romances é muito fiel à histórias de final feliz. Há dois anos, alguns títulos influenciados por séries como "Sex and the City", onde as mulheres são mais independentes e os homens menos provedores, foram traduzidos no Brasil. A aceitação não foi unânime, já que a leitora procura figuras masculinas fortes e protetoras.

#### **4. MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL GAZETA MERCANTIL EM 18/02/2005.**

Reproduzido do Site Gazeta Mercantil. Disponível em

<http://indexet.gazetamercantil.com.br/arquivo/2005/02/18/318/Romance->

[acucarado-e-lider-de-vendas.html](http://indexet.gazetamercantil.com.br/arquivo/2005/02/18/318/Romance-acucarado-e-lider-de-vendas.html) . Acesso em 20/03/2008.

#### **Romance açucarado é líder de vendas**

Data: 18/02/2005

(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 26)(Regina Neves)

São Paulo, 18 de Fevereiro de 2005 - Voltadas ao público feminino até 40 anos, séries da Nova Cultural vendem 4 milhões/ano. A tão cantada, em prosa e verso, "nova mulher", esta heroína que surgiu a partir dos anos sessenta e se transformou numa poderosa e muito atuante "player", social, sexual e economicamente ativa, no antes exclusivamente masculino

"mundo fora do lar", foi, com certeza, a protagonista de uma das maiores revoluções de costumes da história. Mas, acreditem ou não, nunca abriu mão de sonhar com seu dia de Cinderela em sapatinhos de cristal, mesmo que não se esforce em divulgar muito este lado do seu perfil. Pelo menos é o que vem constatando, ao longo dos últimos 25 anos, a editora Nova Cultural com seu segmento "Romances", livros com açucaradas histórias de amor vendidos em bancas em edições de baixo custo - com preços entre R\$ 4,90 e R\$ 12 - e que alcançam mais de quatro milhões de exemplares vendidos por ano, batendo, no mercado interno, autores campeões como Paulo Coelho e Luís Fernando Veríssimo. A série "Romances" responde por 35% do faturamento da editora. Esse patamar de vendas de quatro milhões de livros da série "Romances" foi alcançado em 1998 e, desde então, se mantém.

Mas a Nova Cultural pretende agora ampliá-lo, partindo para o reposicionamento da categoria, em bases que considera mais reais. "A série vive, hoje, uma situação no mercado similar às sandálias havaianas há 30 anos. Todo mundo usava, mas ninguém confessava. A São Paulo Alpargatas fez um extraordinário trabalho de reposicionamento da marca e, hoje, ela é este sucesso fashion de nível mundial", compara a publisher Janice Florido. "Nova intenção é fazer um trabalho semelhante", afirma. Janice deixa claro que, em nenhum momento, a editora pensa que a série tem a mais remota pretensão de atender à chamada "grande literatura", mas garante que são "edições bem cuidadas, com traduções de qualidade". Segundo ela, "os livros têm a função básica de entreter mas tem representado para muitas leitoras a porta de entrada para a literatura mais sofisticada". Para Janice não é raro começar-se lendo Barbara Cartland, a adorável lady inglesa, avó de Lady Di e que foi um dos ícones destes romances açucarados que produziu em profusão em sua longa vida, e acabar gostando de Machado de Assis. "As séries de romances históricos, por exemplo, passadas em séculos anteriores, trazem cuidadosas reconstituições de época, da arquitetura à política. Os livros também falam com detalhes de quem conhece de países distantes o que agrada muito as leitoras e não deixa de ser uma fonte de novos conhecimentos para elas", garante a publisher.

Ela garante, por pesquisas e pela movimentada correspondência que a série tem leitoras de todas as classes sociais e nível cultural. "É hora de assumirmos o prazer de uma leitura de entretenimento e, no caso, uma que faça bem à alma feminina, sem violência, sem mortes, com grandes histórias de amor, com final feliz", avalia ela. "Afinal, que mulher pode negar que gostou de um filme como "Nothing Hill" (com Julia Roberts e Hugh Grant)?", pergunta. Obviamente, para atender à nova mulher, as heroínas e as histórias são muito diferentes das recatas vidas das moçoilas das páginas da "Biblioteca das Moças" de que as mulheres com mais de 50 anos ainda se lembram. "As histórias acompanham os tempos, falam de Aids, uso de camisinhas, o sexo antes do casamento é corriqueiro e bem aceito e as histórias tratam de temas mais sensuais.

O grande romance não acaba do lado de fora da porta da alcova como antigamente, quando ficava tudo na imaginação da leitora" assegura Janice. Mas, imutável no tempo, toda história tem que ter um final feliz, ou encalha na banca. O público do segmento Romances é 99% feminino e a faixa etária vai dos 19 aos 40 anos, mas varia por região segundo pesquisa qualitativa e quantitativa realizada pela editora em todo o País. No Nordeste, os livros atingem um grupo mais jovem, no sul e sudeste mulheres entre 30 e 45 anos, no centro-oeste mulheres de 20 a 30 anos. Os livros são consumidos da classe C à classe A, com predomínio da classe B e atinge todos os níveis culturais.

O segmento da Nova Cultural é composto por nove séries, algumas delas subdivididas dando um total de 12 itens: "Sabrina", "Julia" e "Bianca" são as mais antigas agora reforçadas pela também superpoderosa Mirella, com histórias mais picantes. Há ainda a série de Barbara Cartland, a Bestseller, as séries "Clássicos Históricos" I e II, os "Especiais" e "Super Romances". A campeã, a série "Sabrina" tem ainda as versões "Sabrina Especial" e "Super Sabrina". Vende 100 mil exemplares por mês, em quatro edições semanais. O último lançamento foi "Frenesi de Paixão", de Lucy Monroe, com um enredo fascinante: "O sedutor Rand faz com que Fiona aceite acompanhá-lo em uma viagem. Ela não só aceita

como também se entrega de corpo e alma. Passado o frenesi da paixão, Fiona percebe que cometeu um erro. Mas como voltar atrás?", diz o texto de divulgação da Nova Cultural. Será que haverá mesmo tanta diferença nos problemas do pretensamente cult "Bridget Jones" que já ganhou duas versões no cinema? Cada série do segmento "Romances" tem características próprias. Assim, "Bianca" trata mais do cotidiano de pessoas comuns; "Sabrina" é mais romântica e "Julia" fala de mulheres mais modernas e independentes. A série Best Seller traz o que a editora chama de títulos consagrados no mercado. E seu último lançamento, de número 79, é "A Fabulosa Emily", de Jacqueline de Montravel. Veja um resumo do enredo: "Henry surgiu na vida de Emily para virá-la do avesso e de cabeça para baixo! A rotina e o tédio deram lugar a situações imprevisíveis, excêntricas, hilárias, desafiadoras e românticas. De repente, Emily embarcou em uma viagem alucinante pelos caminhos do amor... rumo ao amadurecimento!" A conferir.

"Além de só aceitarem finais felizes, nossas leitoras adoram ilustrações com homens bonitos. Com eles na capa a edição vende mais mas se a imagem não condiz com o conteúdo da história, elas reclamam mesmo!", garante Janice. Autor nacional O estrangeirismo dos nomes nos livros é consequência de serem, quase em 100%, traduções de títulos da Kensington Books, a maior editora do gênero nos EUA, que vende cerca de 6 milhões de exemplares por ano no mercado americano. A série de Barbara Cartland, de origem inglesa, vem de outra editora.

Mas a Nova Cultural começa, agora, a investir também em autores nacionais. Já são quatro autores que começam a colocar sua produção no mercado. Nesta linha a brasileira Gladys Posmick, terá seu primeiro livro "O Telefone" nas bancas em março. "Ela nos mandou um original e achei muito interessante. A história se passa na cidade americana de São Francisco, que a autora descreve com detalhes de quem conhece bem, o que é sempre muito importante nas nossas séries", conta Janice. Outro sucesso é "Sob o Céu de Paris", de Lucia Pinto de Souza, em que a personagem vive uma incrível história de amor "na fervilhante Paris onde ela precisa se decidir entre a razão e o coração, entre uma vida pacata e uma revolução". No seu processo de decisão, a personagem passa ainda por Roma, Madri, Argélia e Buenos Aires.

Segundo Janice, a linha Romances é lucrativa pelo seu volume de vendas e para seu sucesso é fundamental a venda em bancas. "Existem 45 mil bancas no País contra apenas 4.200 livrarias e há também o fato do ambiente da livraria, com um atendente as vezes solícito demais, constranger o leitor iniciante", afirma. A Nova Cultural originou-se da Abril Cultural e especializou-se em tornar acessível a compra de títulos em bancas de jornais, transformando-se em líder nesse segmento. Entre suas produções com grande impacto e vendagem estão a "Enciclopédia Conhecer", vendida em fascículos em 1966 e que tornou-se referência na área de pesquisas escolares.

Ainda no setor cultural, a editora publicou a coleção "Obras Primas", tornando acessível a venda de grandes títulos como "Madame Bovary", de Flaubert ou "Dom Quixote", de Cervantes. Outras séries de grande sucesso foram a "Medicina e Saúde", "Bom Apetite", "História da Música Popular Brasileira", uma obra inédita, formada por fascículos e discos, a obra "Nosso Século", a coleção "Pensadores" Com quase 40 anos, a editora Nova Cultural se mantém líder no segmento, com 300 séries publicadas e vendidas em bancas de jornal de todo o Brasil. A Editora Best Seller, selo da Nova Cultural para livrarias, oferece ao mercado títulos líderes em ficção e não-ficção, prestigiando autores nacionais e estrangeiros, como Ana Maria Braga, Marco Aurélio Dias da Silva, Aparecida Liberato, Márcio Bontempo, Deepak Chopra, Louise Hay, Stephen Covey, entre tantos outros. (Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 26)(Regina Neves)

## 5. REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL DIÁRIO POPULAR, DE PELOTAS, RS, EM 21/08/2005.

Reproduzido do site do veículo e disponível em <[http://www.diariopopular.com.br/21\\_08\\_05/estilo.html](http://www.diariopopular.com.br/21_08_05/estilo.html)>. Acesso em 10/09/2008.

### ***Estilo: Romances populares vendem mais que best-sellers***

Em dias de violência, crises econômicas e relacionamentos difíceis, os livros que proporcionam diversão e uma boa dose de romance fazem os leitores esquecerem os problemas por alguns momentos. Nomes como Nora Roberts e Barbara Cartland, a avó de Lady Di, evocam grandes histórias de amor, atraindo um público expressivo no mundo todo. Os críticos torcem o nariz para as publicações na linha fast-food, mas a verdade é que vendem feito pão quente. As histórias importadas e traduzidas para o português (os títulos são da Kensington Books, a maior editora do gênero nos Estados Unidos) atingem a incrível marca de 4 milhões de exemplares vendidos por ano, deixando para trás autores como Paulo Coelho.

Best-sellers das bancas de jornais, as séries Júlia, Sabrina, Bianca, Mirella e Sabrina sensual são publicadas pela editora Nova Cultural, que imprime 400 mil deles por mês. Além das histórias, os preços também são irresistíveis, entre R\$ 4,90 e R\$ 12,00. E engana-se quem acha que os populares livrinhos, semanalmente nas bancas, são lidos apenas por adolescentes sonhadoras.

Jovens universitárias, executivas, advogadas, donas-de-casa, senhoras na faixa dos 70 anos e até mesmo homens (isso mesmo!) são leitores fiéis dos romances açucarados. A idade vai dos 19 aos 40 anos, mas varia por região, segundo pesquisas realizadas pela editora em todo o país. No Nordeste, os livros atingem um grupo mais jovem; no Sul e Sudeste, mulheres entre 30 e 45 anos e, no Centro-oeste, as de 20 a 30 anos.

O fenômeno dos romances surpreende em tempos de sites de relacionamento, sex shops sofisticadas e revistas femininas que praticamente só falam de sexo. Será que as leitoras ainda sonham com o príncipe encantado? Segundo Leonice Pomponio, editora de romances da Nova Cultural, a mulher é romântica por natureza. "Por mais liberais que sejamos, idealizamos um príncipe encantado ou um par ideal."

Cada leitor tem sua preferência. "A série Sabrina é mais romântica e com sexo light; Júlia é para a mulher madura e independente; Bianca aborda o casamento com humor, e as novas Mirella e Sabrina sensual são mais picantes." Para atender à nova mulher, as heroínas e as histórias não se espelham nas vidas recatadas das donzelas que eram retratadas em Biblioteca das moças - um folhetim do qual as mulheres com mais de 50 anos devem se lembrar.

"A sensualidade é explícita e as histórias acompanham os tempos, falam de Aids, sexo e uso de camisinha." Uma curiosidade: além de só aceitarem finais felizes, as leitoras reclamam se a ilustração da capa não condiz com a descrição do personagem do romance. De leitora à autora

Gladys Posmik, de 68 anos, é fã da série Júlia e, em especial, da autora Nora Roberts, autoridade em finais felizes. "Os livros são bem escritos e, neles, a mulher é reverenciada, sem contar o clima de romance, que é mágico." As histórias, segundo ela, despertam o gosto pela literatura.

No entanto, o mais curioso é que, de leitora fiel dos romances, Gladys passou a ser autora, abrindo espaço para nomes nacionais dentro da editora. Incentivada por uma amiga do meio

editorial, a quem mostrou suas crônicas e contos, ela aceitou o desafio e já está terminando o seu segundo livro.

"O primeiro, Encontro de corações, deve sair este mês pela Nova Cultural e tem como personagem principal uma arquiteta que gosta de esculturas. O segundo é sobre a vida de uma repórter-fotográfica", conta. Ambos são ambientados em cidades americanas, o que exigiu uma pesquisa minuciosa dos costumes e locais por parte da autora - ela é apaixonada por Chicago, onde se passa uma das histórias.

Com 19 anos, a atendente de banco Daniele Mello de Oliveira conta que, por volta dos dez, 11 anos, pedia os romances emprestados para a irmã mais velha e não parou mais. Toda semana ela corre às bancas. "Cheguei a ler dois romances por dia." Aonde vai, a jovem carrega os livros, até mesmo no trajeto que faz de ônibus da casa para o trabalho.

Tanta concentração despertou a curiosidade do seu namorado, que, ao folhear as páginas, surpreendeu-se com algumas passagens picantes. "No lugar de donzelas, as histórias falam de mulheres modernas, que sabem o que querem, como nos dias de hoje."

Um leitor no meio delas

O público feminino corresponde a 99% dos leitores desses romances, mas alguns homens, embora raros, também apreciam esse tipo de literatura. O consultor financeiro Pedro Costa, de 47 anos, casado, e pai de três filhos, é leitor assíduo da série Sabrina.

Começou por curiosidade. "Perguntava nas bancas o que as mulheres gostavam de ler além das revistas femininas, e os romances sempre eram citados entre os mais vendidos." Pedro diz que começou a lê-los para melhor entender as mulheres. Ele conta que, a partir dos livros, adquiriu o romantismo e, até profissionalmente, teve ganhos. "As mulheres são clientes diferenciadas, sensíveis e, com os romances, passei a ser mais atencioso e também um bom ouvinte", fala ele, pouco se importando com o preconceito que nomes como Frenesi de paixão, O preço da ousadia e Me ame como sou! podem causar entre a galera masculina.

## **6. REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ EM 06/04/2005.**

Reproduzido do site do veículo e disponível em

<<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=214654&edicao=11184&anterior=1>>.

Acesso em 10/09/2008.

### **Romances de banca completam 25 anos no Brasil**

**Os primeiros romances publicados foram os da inglesa Barbara Cartland, hoje a editora já trabalha com autores brasileiros**

#### **DÉBORA MIRANDA**

Folhapress - São Paulo

Julia, Sabrina, Bianca e Mirella têm algo em comum: são séries de livros sobre amores possíveis, complicados, modernos, de época. E sempre com final feliz. Há gerações, os romances de bancas encantam mulheres -99% dos leitores do estilo. "Não temos propaganda pesada. Os livros passam das avós às netas. Recebemos cerca de 1.200



cartas e e-mails de leitoras por mês e respondemos a todas", diz Daniella Tucci, gerente de produtos da série "Romances", da editora Nova Cultural.

Os primeiros romances publicados no Brasil foram os da inglesa Barbara Cartland (1901-2000), sucesso no mundo todo com suas mais de 700 histórias de amor. Hoje, as tramas são fornecidas pela empresa americana Kensington, e a editora avalia se interessam às brasileiras. Se interessar, a trama é traduzida e passa por uma última revisão. "Começamos agora a trabalhar com autores brasileiros. Já temos quatro, mas só um publicado, a Lucia Pinto. A próxima será Gladys Posmik, que lançará seu primeiro livro em maio".

Neste ano, a expectativa da editora é aumentar as vendas em 20%. "Vamos investir em divulgação."

De fã a autora - "Sempre li romances. Eles têm mensagens boas, as histórias são bem escolhidas", diz Gladys, que, aos 68 anos, está prestes a lançar seu primeiro livro, que faz parte da série "Julia".

Formada em pedagogia, a autora já foi professora, assessora de imprensa e "ghost writer" (escritora de livros assinados por outros) e deu palestras sobre motivação. "A vida traz idéias. Sempre lidei com os sonhos alheios, a auto-estima, a ansiedade. Meus romances são um pouco auto-ajuda. Ensinam caminhos de luta, de amizade e de confiança", avalia. Casada há 47 anos, a gaúcha diz estar numa fase difícil, com o marido doente. Assim, buscou na escrita uma motivação. "Estou parecendo uma adolescente. Não vejo a hora de sentar no computador e escrever. Eu me apaixono por cada história", diz Gladys, que já está trabalhando em seu segundo livro.

Apesar do sucesso dos romances de bancas, a autora reconhece que existe preconceito. "Porque os livros são vendidos em bancas de jornal e muito baratos. As pessoas desconfiam. Eles podem não ter status literário, mas oferecem muito. Não têm a pretensão de intelectualizar, mas de abrir as portas para a literatura."

## **7. REPORTAGEM PUBLICADA PELO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO EM 04/06/2005.**

Reproduzida do site do veículo e disponível em < [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)>.

FEMININO

O ESTADO DE S.PAULO

Sábado, 4 de Junho de 2005

Final feliz

Os romances açucarados, vendidos em bancas de revista, sobrevivem (e muito

bem!) ainda hoje

Vera Fiori

Em dias de violência, crises econômicas e relacionamentos difíceis, os livros que proporcionam diversão e uma boa dose de romance fazem os leitores esquecerem os problemas por alguns momentos. Nomes como Nora Roberts e Barbara Cartland, a avó de Lady Di, evocam grandes histórias de amor, atraindo um público expressivo no mundo todo.

Os críticos torcem o nariz para as publicações na linha fast-food, mas a verdade é que vendem feito pão quente. As histórias importadas e traduzidas para o português (os títulos são da Kensington Books, a maior editora do gênero nos Estados Unidos) atingem a incrível marca de 4 milhões de exemplares vendidos por ano, deixando para trás autores como Paulo Coelho.

Best-sellers das bancas de jornais, as séries Júlia, Sabrina, Bianca, Mirella e Sabrina Sensual são publicadas pela editora Nova Cultural, que imprime 400 mil deles por mês. Além das histórias, os preços também são irresistíveis, entre R\$ 4,90 e R\$ 12,00. E engana-se quem acha que os populares livrinhos, semanalmente nas bancas, são lidos apenas por adolescentes sonhadoras.

Jovens universitárias, executivas, advogadas, donas de casas, senhoras na faixa dos 70 anos e até mesmo homens (isso mesmo!) são leitores fiéis dos romances açucarados. A idade vai dos 19 aos 40 anos, mas varia por região, segundo pesquisas realizadas pela editora em todo o País. No Nordeste, os livros atingem um grupo mais jovem; no sul e sudeste, mulheres entre 30 e 45 anos e, no centro-oeste, as de 20 a 30 anos.

O fenômeno dos romances surpreende em tempos de sites de relacionamento, sex shops sofisticadas e revistas femininas que praticamente só falam de sexo. Será que as leitoras ainda sonham com o príncipe encantado? Segundo Leonice Pomponio, editora de romances da Nova Cultural, a mulher é romântica por natureza. "Por mais liberais que sejamos, idealizamos um príncipe encantado ou um par ideal."

Cada leitor tem sua preferência. "A série Sabrina é mais romântica e com sexo light; Júlia é para a mulher madura e independente; Bianca aborda o casamento com humor, e as novas Mirella e Sabrina Sensual são mais picantes." Para atender à nova mulher, as heroínas e as histórias não se espelham nas vidas recatadas das donzelas que eram retratadas na Biblioteca das Moças - um folhetim do qual as mulheres com mais de 50 anos devem se lembrar.

"A sensualidade é explícita e as histórias acompanham os tempos, falam de aids, sexo e uso de camisinha." Uma curiosidade: além de só aceitarem finais felizes, as leitoras reclamam se a ilustração da capa não condiz com a descrição do personagem do romance.

#### DE LEITORA A AUTORA

Gladys Posmik, de 68 anos, é fã da série Júlia e, em especial, da autora Nora Roberts, autoridade em finais felizes. "Os livros são bem escritos e, neles, a mulher é reverenciada, sem contar o clima de romance, que é mágico." As estórias,

segundo ela, despertam o gosto pela literatura.

No entanto, o mais curioso é que, de leitora fiel dos romances, Gladys passou a ser autora, abrindo espaço para nomes nacionais dentro da editora. Incentivada por uma amiga do meio editorial, a quem mostrou suas crônicas e contos, ela aceitou o desafio e já está terminando o seu segundo livro.

"O primeiro, Encontro de Corações, deve sair este mês pela Nova Cultural e tem como personagem principal uma arquiteta que gosta de esculturas. O segundo é sobre a vida de uma repórter-fotográfica", conta. Ambos são ambientados em cidades americanas, o que exigiu uma pesquisa minuciosa dos costumes e locais por parte da autora - ela é apaixonada por Chicago, onde se passa uma das histórias.

Cristiane Paraense, de 43 anos, administradora de empresas, e sua mãe Ivy, de 70 anos, encontram nas publicações romanceadas "uma leitura leve, descompromissada e relaxante." Leitora de Agatha Christie, Sidney Sheldon, entre outros autores de best-sellers, Cristiane destaca os preços como um forte atrativo. "Nos sebos, saem mais em conta ainda."

Com 19 anos, a atendente de banco Daniele Mello de Oliveira conta que, por volta dos 10, 11 anos, pedia os romances emprestados para a irmã mais velha e não parou mais. Toda semana, ela corre às bancas. "Cheguei a ler dois romances por dia." Aonde vai, a jovem carrega os livros, até mesmo no trajeto que faz de ônibus da casa para o trabalho.

"Você está parada no meio do trânsito engarrafado e, de repente, por meio da leitura, se sente transportada para uma ilha paradisíaca. Nem que a fantasia dure alguns minutos, vale a pena." As publicações, segundo ela, lhe abriram o apetite para a literatura. "Gosto muito de José de Alencar, autor que retrata a alma feminina, como nos romances Senhora e Diva", comenta, dizendo que os livros sempre trazem uma mensagem positiva. Tanta concentração despertou a curiosidade do seu namorado que, ao folhear as páginas, surpreendeu-se com algumas passagens picantes. "No lugar de donzelas, as histórias falam de mulheres modernas, que sabem o que querem, como nos dias de hoje."

## UM LEITOR NO MEIO DELAS

O público feminino corresponde a 99% dos leitores desses romances, mas alguns homens, embora raros, também apreciam esse tipo de literatura. O consultor financeiro Pedro Costa, de 47 anos, casado, e pai de três filhos, é leitor assíduo da série Sabrina. Começou por curiosidade. "Perguntava nas bancas o que as mulheres gostavam de ler além das revistas femininas, e os romances sempre eram citados entre os mais vendidos."

Pedro diz que começou a lê-los para melhor entender as mulheres. "Trabalhava na Bolsa de Valores com mais de mil homens e, pelo próprio ambiente, você acaba se esquecendo das pequenas gentilezas." Ele conta que, a partir dos livros, readquiriu o romantismo e, até profissionalmente, teve ganhos. "As mulheres são clientes diferenciadas, sensíveis e, com os romances, passei a ser mais atencioso e também um bom ouvinte", fala ele, pouco se importando com o preconceito que nomes como Frenesi de Paixão, O Preço da Ousadia e Me Ame como Sou! podem causar entre a galera masculina.

## . REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL O FLUMINENSE EM 11/05/2006.

Reproduzida do blog "Cata Livros" e disponível em [http://catalivrosromances.blogspot.com/2006\\_05\\_07\\_archive.html](http://catalivrosromances.blogspot.com/2006_05_07_archive.html). Acesso em 13/09/08.

### **Cada vez mais românticas**

Publicado em 11/05/2006 no jornal "O Fluminense"

Por Marina Neves

Vamos começar pelo óbvio: mulher que é mulher gosta de romance e, por isso, é conhecida como a "rainha do romantismo". Todo mundo diz, e quase sempre tem razão, que mulher de verdade é aquela que sofre profundamente, discute relação, chora, chora e chora, mesmo que seja de "salto alto". As mulheres também adoram histórias de amor, principalmente, romances dos livros de ficção. Por isso, cada vez mais, as editoras confirmam a presença feminina no público leitor brasileiro.

Para a arquivista e amante dos livros Rossana Fernandes, 28 anos, por exemplo, o empenho em vender livros para as mulheres não poderia ser diferente. Ela acredita que a literatura hoje está se voltando para o público feminino com capas e desenhos que chamem a atenção da mulherada.

"O mercado descobriu na mulher um público de consumo e deve tratá-lamuito bem e com carinho, pois hoje ela está mais emancipada do que nunca", analisa a niteroiense que esconde na nuca uma tatuagem com a frase, em inglês, "Eu vejo flores em você", o que já demonstra a tendência de Rossana para o romantismo.

Se depender de Rossana Fernandes, todas as mulheres deveriam ler desde A mulher que amou demais, de Nelson Rodrigues, até Memórias das minhas putas tristes, de Gabriel García Márquez, livros preferidos de Rossana.

"A literatura entrou na minha vida como uma forma de autoconhecimento. Sempre se aprende um pouco com os livros, mesmo quando não se pode absorver tudo que ela proporciona. Mas garanto que as leituras são ótimas para ter o que conversar depois em uma roda de amigos", conta ela.

Outra amante dos livros é a professora Teresa Cristina Cerdeira. Ela não esconde que gosta da literatura que constrói com delicadeza as figuras femininas. Dentre as sugestões da professora, estão os livros de Helder Macedo que, segundo ela, sabe criar mulheres modernas e interessantes. A sugestão de Teresa? Ler Pedro e Paula, de Helder.

"A Paula é uma personagem solar. Isso quer dizer que ela sabe encontrar como se afirmar no mundo. Paula é só uma jovem de 26 anos e é uma mulher moderna. O Helder sabe como tratar personagens femininas. Gosto de literatura assim", assume Teresa cheia de obras de Helder Macedo nas mãos, inclusive o recém lançado Seu Nome.

Para as jovens, a dica de leitura fica por conta da niteroiense Monique Mendes, de 12 anos, que garante que ela própria escolhe o que vai ler, além daqueles que os professores na escola indicam.

"O último livro que li foi Diário de Princesa, da Meg Cabot, e sugiro Tudo por um pop star, da Thalita Rebouças", conta Monique.

Vale lembrar que a escritora Thalita Rebouças vai estar em Niterói autografando seu livro na livraria Ver e Dicto, no próximo dia 25, a partir das 18 horas.

### Sugestões para o Dia das Mães

O Dia das Mães ajuda a deixar os sentidos femininos – e maternais, é claro – à flor da pele. Por isso, as editoras já estão preparadas para encher de presentes aquelas que amam romances.

A editora Rocco, por exemplo, preparou uma série de lançamentos para o período. Entre eles estão *O Oposto do Destino*, de Amy Tan, e *Uma Voz na Escuridão*, da Sandra Brown. No entanto, há publicações mais recentes da editora que apontam para uma literatura mais romântica como *O diabo que te carregue*, de Stella Florence. O livro acompanha o processo de separação de uma mulher. Segundo a autora, os sentimentos de amor, raiva, ciúme, alívio, humilhação e desejo se misturam durante esse período. Mas com muito bom humor, o que é bem característico da autora, o livro relata episódios tocantes protagonizados pela própria Stella Florence durante uma separação. Quem antes achava que separação é motivo para se descabelar, vai se surpreender.

Já a Nova Fronteira, dá sugestões de livros que podem agradar ao público feminino. Quase tudo, de Danuza Leão, foi lançado em 2005 e é o carro-chefe da editora. O livro narra a vida de paixões, alegrias, tristezas e muita vontade de viver de Danuza Leão, personagem que cresceu no Rio de Janeiro, na época em que a cidade era a capital do turismo de luxo internacional, já que ali desembarcavam nove entre dez estrelas de Hollywood. Influenciada pelo espírito de independência do pai, a adolescente Danuza aprendeu bem cedo a pensar com a própria cabeça e a levar uma vida avançada para os padrões da época. Sobre o empenho em abrir sua vida em livro, Danuza comenta.

"Não sei por que resolvi escrever esta obra. Acho que precisava falar, botar para fora coisas que jamais havia contado para ninguém e que estavam enterradas lá no fundo. Sempre ouvi dizer que falar faz bem. E descobri que faz sim porque depois do livro concluído, sou uma pessoa mais livre. Me empenhei em contar quase tudo, o que foi, muitas vezes, doloroso. Mas está tudo aí e é tudo verdade", explica Danuza Leão.

Outra sugestão da Nova Fronteira para as mulheres que amam romances é *As Boas Mulheres da China*, da jornalista chinesa Xinran, que entre 1989 e 1997 entrevistou mulheres de diferentes idades e condições sociais para compreender a condição feminina na China moderna. Vida íntima, violência familiar, opressão e homossexualismo são temas que envolvem as histórias relatadas pelas chinesas. Para as mulheres que gostam de sentir as dores das outras, o livro é ideal, já que Xinran colheu inúmeros relatos de mulheres nos quais predominam a memória da humilhação e do abandono como os casamentos forçados, estupro, decepções amorosas, miséria e preconceito.

É preciso estar atenta para os lançamentos que mesmo já ultrapassados não deixam de lado os clássicos da literatura feminina. É o caso de *Amêndoa*, de Nedjma. A autora, de 40 anos, vive em um país do norte da África e assina o livro com o pseudônimo Nedjma.

### Vendidos na banca de jornal

Romances cheios de paixão em cenários glamourosos. Assim são conhecidos os livros da editora Harlequin. Há quase 60 anos no mercado editorial, a editora canadense tem publicações ideais para quem gosta de combinar paixão e drama. Vendidos, em geral, nas bancas de jornal, os títulos *Jéssica*, *Paixão*, *Destinos*, *Desejo* formam o time carro-chefe da editora.

Em *Paixão*, um magnata charmoso e irresistível vive um caso de amor inesperado. Já em *Destinos*, os leitores acompanham a família Fortune que, a cada mês vive duas novas histórias. Os outros livros tratam da mesma temática amorosa. Enfim, uma coleção de "água com açúcar" para mulher nenhuma colocar defeito. Dentre as autoras principais, dos livros da Harlequin estão Diana Palmer, Jane Porter, Miranda Lee, Maureen Child, Sharon Sala, Bárbara McCauley, Kathryn Jensen, Suzane Brockmann, Kristi Gold, Laura Wright, Charlene Sand, Carol Marinelli, Anne McAllister, Amanda Browning, Sara Wood, Julia James, Alison Fraser, Sharon Kendrick, Diana Hamilton, Kim Lawrence, Anne Mather e Cathy Williams.

## **9. REPORTAGEM PUBLICADA NA REVISTA PANORAMA EDITORIAL, EDIÇÃO N. 21, DE JULHO DE 2006, MATÉRIA DE CAPA, P. 20-26.**

### **Com açúcar e com afeto, o livro predileto.**

*Com tiragens impressionantes, comparadas à média do que todas as editoras livros colocam no mercado, os romances populares, vendidos em bancas de jornal, repetem há décadas a mesma fórmula e mantêm um incontestável sucesso entre mulheres de todo o País. Vale refletir, então, sobre quais são os ingredientes que as conquistam e, principalmente, em que medida esses livros podem ser a porta de entrada para que esse enorme público tome também gosto pela leitura e possa descobrir outros gêneros literários*

A estrutura da trama, invariavelmente, é assim: um casal que se apaixona, enfrenta uma série de obstáculos para ficar junto, mas ao final da história, alcança a plenitude de seu amor. Como elementos variáveis dessas histórias estão a época, o país, a ambientação e todo um conjunto descritivo de modos e costumes, no qual ela se desenvolve. Estamos falando dos romances populares, água-com-açúcar ou cor-de-rosa, entre outros adjetivos usados para expressar uma literatura que tem como objetivo o puro entretenimento. De fácil acesso - estão disponíveis em qualquer banca de jornal, do Oiapoque ao Chuí - e a preços que cabem no orçamento de uma grande maioria, já que os valores variam de R\$ 5,90 a R\$ 12,00, vendem milhares de exemplares por mês e contam com um público cativo de mulheres, de uma ampla faixa etária, que vai dos 20 aos 50 anos, e de todas as classes sociais, em maior ou menor escala. E, mais, elas compram com regularidade, geralmente de duas a três edições por mês, e fazem esses livros circularem constantemente, emprestando e trocando exemplares com as amigas.

Além disso, a demanda nada desprezível desses livros gerou um mercado paralelo praticado pelos próprios jornalheiros, que aceitam de suas clientes exemplares já lidos como parte do pagamento de uma edição nova e revendem os usados para outras leitoras. E, como se a paixão apenas por ler esses romances não bastasse, suas fiéis leitoras ainda criaram a comunidade "Adoro Romance", no Orkut - rede de relacionamento virtual -, pela qual se comunicam diariamente e promovem grupos de discussão.

Em meio a essas informações e levando em conta que o último estudo realizado sobre o hábito de leitura no País (*Retrato da Leitura no Brasil*, pesquisa realizada em janeiro de 2001, patrocinada pelas entidades CBL, Snel, Abrelivros e Bracelpa) indica que a população lê, em média, 1,8 livro por ano, cria-se um fértil e talvez proveitoso terreno para discussões. Por exemplo: quais seriam os componentes que levam as leitoras desses romances populares a esse comportamento consumidor de fazer inveja a muitos editores e livreiros? Estaria no canal de distribuição utilizado, mais popular do que as livrarias? Nos preços praticados, que são imbatíveis para esse tipo de produto, que é em formato de bolso e com

papel jornal? Ou seria tão somente pelo gosto por esse gênero, restrito a um universo romântico, onde só cabem enredos que terminem em final feliz? E, por fim, em que medida esse tipo de literatura pode significar uma porta de entrada para ampliar o hábito de leitura?

### Contexto

Os números que as empresas que publicam esses romances movimentam são espantosos, mas também chama a atenção o conhecimento que elas têm sobre seu público. Para isso, investem em frequentes pesquisas e estabelecem canais diretos de comunicação.

Basicamente, duas editoras disputam o mercado de romances populares vendidos em banca: a Nova Cultural e a Harlequin Books Brasil.

Até agora líder no segmento, a Nova Cultural inaugurou sua série de romances em 1978, com Sabrina, e hoje conta com outras sete - Julia Históricos, Julia Mulheres Modernas, Sabrina Sensual, Bianca, Clássicos Históricos, Clássicos Históricos Especial e BestSeller-, que somam cerca de 400 títulos publicados anualmente. Só a série Sabrina tem aproximadamente 40 mil exemplares por mês e, no total, são comercializados em torno de dois milhões de livros por ano, o que significa uma média de 170 mil exemplares por mês. As edições mais baratas são Sabrina e Bianca, vendidas a R\$ 5,90, e a mais cara é a BestSeller, no valor de R\$12,00.

Seu público é composto por 99% de mulheres, das quais 40% entre 20 e 29 anos e 33% na faixa dos 30 aos 39 anos. Destas, 70% trabalham fora, 19% são donas-de-casa e 10% são estudantes. Em termos de escolaridade, 43% completaram o ensino médio e 28% têm curso superior completo. Já a distribuição por classe social é a seguinte: 9% pertencem à classe A, 42% à B, 33% à C e 5% à D.

De origem canadense, a Harlequin Books, há cerca de 50 anos no mercado, hoje presente em 96 países, aportou no Brasil em abril de 2005, por meio de uma joint-venture com a Editora Record, em que cada uma das empresas detém 50% do capital.

"A Harlequin Canadá é líder nesse segmento mundialmente. Em todos os países em que se estabeleceu conquistou a liderança na categoria de romances. A Record, por sua vez, entendendo que o mercado internacional é muito forte na publicação de pockets, decidiu se alinhar a uma empresa líder nesse segmento", conta Vânia Tavares, gerente-geral da editora.

Até agora vendeu 450 mil livros de suas séries - Jéssica, Paixão, Desejo, Grandes Romances, Grandes Romances Históricos e Harlequin Romances —, cujos preços variam entre R\$ 7,50 e R\$ 10,90, com uma tiragem média de 12 mil livros, dependendo da série. Em termos de perfil de público, a editora informa que é composto essencialmente por mulheres, numa faixa etária que vai de 26 a 50 anos, sendo que 66% têm uma atividade profissional e compram de um a três livros por mês.

Esse comportamento de compra se repete com os títulos da Nova Cultural. "Nossas leitoras compram, em média, três exemplares por vez. Muitas delas visam a quantidade de histórias que podem adquirir. Assim, dependendo de sua condição de investimento, em vez de gastar R\$ 12,00 com um título da série BestSeller, preferem comprar dois ou três da série Sabrina", destaca Daniella Tucci, gerente de Marketing de Romances da editora.

Se o consumo per capita indicado pelas editoras já impressiona, ainda existe uma considerável circulação e comercialização paralela dessas séries. As leitoras têm por hábito trocar esses romances com amigas, assim como os jornaleros fazem negócio com obras já lidas. "E uma prática que não temos como controlar; tentamos, mas é impossível e, assim como dizemos aqui, concorreremos com nós mesmos. O jornalista não deveria fazer isso, teoricamente estaria perdendo venda, mas ele mesmo incentiva. A leitora leva os velhos, traz um novo, aí ele pega os velhos e vende mais barato, como se fosse sebo", explica Daniella, complementando que os sebos são outro canal que as clientes buscam para se abastecer. "E só ir até um para ver o que se acha desses livros lá. E também impressionante o que esse mercado movimenta".

Independente disso, a gerente da Nova Cultural atesta a eficiência do canal de distribuição que adota, exclusivamente bancas de jornal. Hoje as obras são encontradas em cerca de 30 mil pontos, o que significa 90% das bancas de jornal em todo o Brasil.

Já a Harlequin Books Brasil, segundo a gerente-geral, quer também conquistar outros canais. "Nossa distribuição é voltada para a banca de jornal e o varejo. Estamos começando a colocar nossos livros em alguns supermercados, como a rede Bom Preço, no Nordeste, e algumas drogarias em São Paulo". Ela também não descarta a possibilidade de vender em livrarias. "Mas somente em algumas", esclarece.

Outra característica comum desses títulos é a origem do texto: as obras são de autores estrangeiros, embora isso esteja mudando. Na Nova Cultural as histórias são solicitadas às editoras norte-americanas, e depois de uma avaliação prévia, compra os títulos de interesse e providencia a tradução. No entanto, a editora começa a contar com a colaboração de escritoras brasileiras. "Desde o ano passado abrimos a oportunidade para autoras nacionais. O motivo por não termos trabalhado assim antes era, principalmente, porque não conseguíamos aqui o volume de produção que precisávamos. Lançamos em torno de 15 a 20 títulos por mês. Então, precisaríamos de inúmeros autores escrevendo pelo menos três ou quatro romances por mês. Uma demanda difícil de atender no mercado interno, por isso buscamos fora do País", justifica a gerente da empresa.

No caso da Harlequin é adotado o portfolio da editora no Canadá. "Montamos com eles a programação para o Brasil. Em geral, buscamos avaliar as preferências das nossas consumidoras, privilegiando as autoras que fazem mais sucesso", comenta Vânia. Essa sintonia fina com as leitoras, aliás, é super valorizada, segundo a gerente da Nova Cultural. O que elas gostam ou não gostam nas obras facilmente é refletido no desempenho das vendas. Esse resultado, aliado às opiniões das leitoras que se manifestam espontaneamente - a editora recebe em média 1.200 correspondências por mês, entre cartas e e-mails -, é fundamental para orientar as edições, assim como as telenovelas que vão alterando o destino de suas personagens em função dos níveis de audiência.

"Sabemos, por exemplo, que elas adoram romance com criança. Não é fácil conseguirmos um original que tenha uma trama com elas, mas quando lançamos algum vendemos muito mais. Também é importantíssimo que o casal que está na foto da capa tenha as mesmas características das personagens que são descritas lá dentro. Se colocarmos uma loira e no romance ela for morena, elas reclamam. São vários detalhes que você tem de estar sempre atenta", afirma Daniella, complementando que as leitoras em suas mensagens fazem todo tipo de comentário. "Elas escrevem falando que adoram determinado romance, que lêem aquela série há anos, nos dão parabéns, mas também dizem que acharam determinada autora uma porcaria e não deveríamos publicar mais nenhum livro dela".

Além desse canal de comunicação, periodicamente a editora faz pesquisas junto às leitoras, por meio de questionários encartados nas obras ou pelo site específico dessas publicações da Nova Cultural ([www.romances.com.br](http://www.romances.com.br)). E, de dois em dois anos, realiza pesquisas em grupo, reunindo um determinado número de leitoras para uma conversa direta. "Entro, ainda, na comunidade "Adoro Romance" do Orkut, e informo sobre lançamentos, pergunto a opinião delas e discuto qualquer mudança que vai acontecer. Elas são o elemento-chave para aperfeiçoar nossos produtos".

### **Ingredientes de sucesso**

Pois bem, o sucesso é indiscutível, mas quais seriam as razões para que uma fórmula que se repete há tanto tempo - considerando que sua fonte vem da mesma estrutura dos romances do século XIX - continue a conquistar e fidelizar tantas leitoras?

Para Ailton Amélio da Silva, psicólogo e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) e autor dos livros "O Mapa do Amor" e "Para Viver um Grande Amor", o ingrediente básico está no ideal de amor romântico. "Fiz um estudo sobre fantasias sexuais, utilizando uma lista com quase 80 fantasias de uma universidade norte-americana, que eu apliquei em homens e mulheres, demonstrando que eles e elas são muito semelhantes, mas a diferença está no fato de que as mulheres tendem a ir para o romance. Uma das fantasias femininas, por exemplo, é casar. Os homens jamais colocariam isso como tal".

Mesmo considerando o sexo importante, assim como os homens, completa, as mulheres impõem o requisito romance. Talvez por isso, pondera, a tentativa de lançar um versão feminina da Playboy tenha fracassado. "Já vi uma analogia entre esses romances e esta



revista masculina, alguém que dizia que a série Sabrina era a Playboy das mulheres. Isso parece fazer sentido, porque tentaram lançar a Playgirl, e não pegou. Sexo explícito não é muito o gosto das mulheres, elas gostam muito de romance", comenta o psicólogo, acrescentando que diferente dos homens as mulheres não se excitam visualmente. "Por isso, geralmente, elas não gostam de filme pornô. Só de ver, o homem já se excita, mas a mulher quer uma historinha, mesmo no filme erótico".

Segundo ele, uma das explicações para essa valorização do ideal romântico estaria na teoria psicobiológica, na história filogenética (da evolução da espécie). "Na época em que éramos nômades o sexo casual para as mulheres tinha um custo enorme, porque a gravidez representava um empecilho para realizar uma série de tarefas e até mesmo se locomover. E as dificuldades continuavam depois com a amamentação e os cuidados com a criança, que ficava dependente até cerca de 11 anos. Já os homens, tudo que tinham a perder eram meros espermatozoides, enquanto podiam ganhar muito, a descendência". Por isso, ele completa, a mulher não podia tratar o sexo com a mesma displicência que o homem. "Para chegar ao sexo teria de ser alguém de quem gostasse e que demonstrasse o mesmo por ela. Para essas mulheres, ainda segundo essa teoria, na medida em que tinham um parceiro para compartilhar tudo, aumentou tremendamente a chance da sobrevivência de sua cria". Isso explicaria essa eterna busca por um parceiro.

Para a antropóloga Mirian Goldenberg, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e também autora das obras "Os Novos Desejos", "Toda Mulher é Meio Leila Diniz" e "De Perto Ninguém é Normal", esses livros fazem parte de um todo da socialização feminina que é voltada para a fantasia, para o romance, para a irrealidade. "O desejo do final feliz é uma expectativa universal, porque nós somos socializadas com contos de fadas, com romances, com novelas, que têm o ápice no final feliz. Aliás, o que é interessante é que ninguém sabe o que acontece depois disso. Porque o final desses romances, na verdade, é o começo de algo, talvez não tão feliz. Porque é quando começam a vida juntos e o cotidiano de um casal, que forma uma família, tem coisas boas e coisas problemáticas sempre. Assim, esse gênero de romance dá a ilusão de que é possível paralisar naquele momento do ápice da relação, que é quando os dois se comprometem".

### **Gosto pela leitura ou por um gênero?**

As editoras que produzem esses romances deixam claro o propósito dessas publicações, referindo-se a elas como literatura de entretenimento. Nesse sentido, está claro que não será por meio delas que as leitoras ampliarão o seu repertório, seu universo, assim como acontece com outros produtos da indústria cultural de massa. Mas, afinal, poderiam ter algum papel no sentido de ampliar o hábito de leitura e fazer com que suas leitoras pudessem migrar para outros gêneros, atendendo aos anseios de elevar os índices nacionais de leitura?

Para Márcia Abreu, professora e diretora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é uma pergunta complicada de responder. Tanto pode como não acontecer, mas com certeza não é uma relação direta. "Pode desenvolver o gosto pela leitura, porque descobre que nos livros há tramas interessantes, que ela pode se emocionar ou pensar na vida. Nunca se tem certeza sobre o que a leitora atribui àquilo. Alguns afirmam que é para fugir da vida cotidiana, mas tem gente que lê para pensar sobre sua vida. A leitura não é uma coisa tão direcionada, que o autor consiga conduzir tão fortemente. Então, pode acontecer da pessoa começar a ler esse tipo de literatura, e como ela é repetitiva, algumas se cansam da fórmula e aí buscam outra. Não acho que é uma evolução, 'daí vai se tornar um bom leitor depois', mas pode passar disso para outro tipo de romance ou livros que tratem de temas esotéricos ou de auto-ajuda. Não diria que vai passar para um Guimarães Rosa, mas também não é possível que todo mundo leia Guimarães Rosa".

Como professora do curso de Letras, ela utiliza esses romances populares não para analisá-los, mas exatamente para discutir sobre a questão de se o brasileiro lê ou não. "Diante dos números que esse segmento movimenta, não dá para falar que não lê". Mais democrática em comparação aos demais acadêmicos que lidam com Literatura, Márcia diz que jamais

classificaria esses livros como subliteratura. "Eles mantêm uma fórmula que vem do século XIX. O romance moderno é cultura de massa, assim como eram naquele período.

Romances que hoje consideramos bons, como Robison Crusó e Viagens de Gulliver, em sua época eram consumidos como cultura de massa e classificados de subliteratura, pois o gênero valorizado então era a poesia, os épicos".

Por outro lado, ela destaca que essa estrutura não é simplesmente repetida; com o passar do tempo são agregados aspectos da atualidade. "Tenho uma aluna que fez um trabalho para final de curso, comparando os romances de agora com os de uma coleção de sua mãe e se percebe que desses para os atuais os ingredientes foram mudando. As mulheres vão trabalhar, passam a ter outro tipo de problema. Então, a fórmula não é tão estática".

Márcia pondera que o hábito por um gênero de literatura está relacionado à sua formação cultural e também a uma questão econômica. E questiona: "Se as pessoas são tão diferentes, por que vão ler a mesma coisa?" E faz um recorte ao lembrar de uma experiência que teve numa época em que trabalhava na formação de professores no Mato Grosso. "Eles costumavam dizer que as meninas que liam Sabrina eram ótimas, porque tinham mais vocabulário e uma redação melhor. Então, depende do referencial. Se as alunas vêm de uma família culta, estudam num colégio de elite, a professora pode até não gostar que leiam Sabrina, mas entre meninas pobres, com pouco acesso aos livros, as que lêem esse tipo de obra são as intelectuais da classe".

Já Mirian Goldenberg acha difícil que esses romances possam ser um caminho para ampliar a leitura. "Tenho dúvida se é um gosto pela leitura ou se é um gosto similar ao que teria, em relação a uma novela, um filme romântico. Não sei se alimentam a leitura ou o desejo por mais e mais romances, em diferentes meios. Acho que quem busca esse tipo de livro não procura o prazer da leitura, mas o prazer da fantasia que ele oferece. Não tenho capacidade para dizer de forma afirmativa, mas me parece que é outro tipo de busca".

Para ela, suprir esse desejo da fantasia e o de livros são coisas que correm em paralelo, tomando por base seu próprio exemplo. "Quando jovem li inúmeras fotonovelas e também livros, mas não foi a fotonovela que me levou para a literatura. O que eu buscava na fotonovela era o romance. Com os livros tinha um outro tipo de desejo: o conhecimento, o desenvolvimento intelectual, o crescimento pessoal". Ou seja, cada gênero cumpre um papel distinto para suprir diferentes necessidades do leitor. "Esses romances levam a leitora a se alienar da vida dura, da concretude da vida cotidiana. Ao lê-los entra no mundo da fantasia e isso não é ruim, assim como a gente vai ao cinema e assiste a uma comédia romântica. Não leio mais esses livros, mas tenho com a novela, com o filme de Hollywood, com os seriados românticos da televisão essa mesma relação. É uma necessidade totalmente feminina e que esses romances preenchem e isso é positivo".

Menos condescendente do que a professora Márcia, Luiz Percival Leme Britto, professor e presidente da Associação de Leitura do Brasil - entidade organizadora do Congresso de Leitura do Brasil (Cole), um dos mais importantes eventos do gênero no País - não tem dúvida em classificar essas obras como subliteratura. "É uma produção industrial, sem intenção estética clara. Tem por base o entretenimento, a distração. Então, a sua validade é dar às pessoas a possibilidade de preencher o tempo. Eu não vejo nenhuma diferença entre elas e as antigas fotonovelas ou uma novela de televisão. Têm um formato definido, com um enredo conhecido e com estratégias narrativas todas também conhecidas. Então, não existe investimento artístico, subjetivo nenhum. Nesse sentido, é ' subliteratura".

Ele acredita que essas obras respondem a uma demanda, a uma vontade específica de uma população em função dos seus hábitos culturais. E quanto ao fato de poderem representar um meio para formar novos leitores, afirma que não somente esta, mas nenhuma literatura forma leitor. "Os leitores é que formam ou que permitem a sobrevivência de certas literaturas".

Para ele, são as formas de inserção na cultura que fazer com que as pessoas tenham interesse em ler. "Inserida num ambiente cultural elas têm disponibilidade, vontade, digamos, de fazer esse investimento pessoal na leitura. Quer dizer, são muito mais as formas de inserção na cultura do que a disponibilidade dos objetos que permitem e que fazem com que a pessoa leia mais. Isso não quer dizer que a disponibilidade não seja

importante. Quanto mais acessível uma boa obra estiver, evidentemente que a possibilidade de mais pessoas virem a usufruir e a conviver com esse objeto é maior", enfatiza Britto. E acrescenta: "A cultura circula em função das relações das classes sociais, dos subgrupos de classe. Então, nesse sentido, se a pessoa lê Julia não é porque tem a intenção de ser ou deixar de ser leitora, mas porque está inserida num ambiente cultural em que isto faz sentido para ela".

Em relação aos números que esse mercado de romances populares movimenta ele comenta: "Quando você vai dizer 'leitor' tem de dizer leitor de quê. Ler é verbo transitivo, importa o quê. E uma ambiguidade muito grande, pois as pessoas entendem que ler é bom, mas não importa o quê. E não é essa a questão".

## **10. REPORTAGEM PUBLICADA NO JORNAL O POVO, DE FORTALEZA-CE, EM 17/07/2006.**

Reproduzida do site Overmundo, disponível em

<http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-cor-de-rosa>, acessado em 20/06/2008.

### **OLHOS E CORAÇÃO**

#### **Literatura cor de rosa**

Sucesso no final da década de 80, as séries Sabrina e Júlia, romances sentimentais da Editora Nova Cultural, têm público cativo ainda hoje e vende dois milhões de exemplares por ano. Mas afinal, o que há de tão atraente nessas leituras?

17/07/2006

O capitão Hawke é obcecado por encontrar o vilão que destruiu sua família e o impediu de receber a posse da herança de seus ancestrais. Jovem, loiro, alto, másculo, forte, íntegro. Um deus grego. O capitão, príncipe dos mares, tem seus planos colocados em risco quando conhece a bela e destemida Adrienne, moça simples, mas de grande coragem e astúcia. A raiva inicial é, na verdade, o mais puro dos amores que vai mudar para sempre a vida desse dois seres unidos por um único objetivo: a felicidade.

No Centro da cidade, se desvia da multidão que se atropela. Nas mãos, meia dúzia dos livros terminados em pouco mais de um mês. Eliane da Silva Valentim, 43, simpática morena baixinha e de óculos, caminha até a Banca Ravera, em frente à Esplanada. Lá, Sérgio Freire, da banca, organiza a pilha de livretos amarelados. A costureira, se direciona ao monte em organização, por detrás das revistas pornográficas, em busca de seu tesouro. Lá está, Júlia - Paixão Clandestina, a história do mesmo jovem, loiro, alto, másculo, forte, íntegro capitão Hawker, um dos títulos da chamada Biblioteca das Moças que ainda não leu. Pronto. Mais um "conto de fadas" está garantido.

Mesmo já superando a marca dos dois mil livros entre Sabrinhas, Biancas, Júlias, Mirelas e Bárbaras que Eliane consome vorazmente em dois - no máximo três - dias cada exemplar, sempre tem coisa nova, novos títulos com histórias não tão novas assim.

Esses livros eram, para a maioria das moças do final da década de 70, a única fonte de informação sobre sexo. "Minha mãe não me disse o que ia acontecer depois que eu casasse. Fiquei sabendo por esses livros". Eliane casou com 17 anos, sonhando com os príncipes dos livros. Começou a ler para passar o tempo, o marido trabalhava muito, passava o dia sozinha em casa. Gostou e não largou mais. Comprava, trocava. Reunia-se com as amigas quando ainda morava no bairro José Walter só para conversar sobre Sabrina, Júlia. Na casa que mora hoje, no Jockey Club, um cantinho reservado para as suas preciosidades. "Preciso deles para trocar por outros".

"Quando eu estou lendo, me envolvo. Choro, riu, meu marido diz que eu sou perturbada". A mudança de bairro Jockey Club não diminuiu o contato e as conversas com as amigas, todas casadas, com filhos e fãs da literatura das moças. No telefone, o assunto são os enredos, os desfechos, indicações dos melhores exemplares e, claro, marcar encontros para trocar os livrinhos. "A história sempre acontece em alguns países distantes, Havaí, Paris, me sinto transportada para lá. Me sinto no lugar da personagem. As pessoas dizem que eu sou masoquista, mas eu gosto quando a mulher sofre. Quando é muito melosa eu não gosto. É legal daquelas quando o cara faz ela sofrer muito e depois descobre que está apaixonado. Ele luta pelo amor dela, ou ela luta pelo amor dele, são as melhores. Quando ele é muito galinha eu não vejo, eu paro de ler".

A costureira faz dos livros sua inspiração. Quer ser mais romântica no casamento, levar café na cama. "Mas meu marido pergunta 'o que é isso, mulher?', ele não é romântico não. Hiii, no pensamento ele é chifrudo! Eu já traí ele com vários homens dos livros". O melhor de todos? O primeiro que leu. Sabrina, Primeira Noite de Amor, segundo Eliane, uma história linda, de amor proibido. "Ela achava que havia ficado viúva e se apaixonou novamente. Quando descobriu que o marido estava vivo, teve que renegar seus desejos para fazer o que é certo". Nos mais de 25 anos de leitura, já deixou muito arroz queimar de olho nas histórias. É com uma mão mechendo a comida, e a outra com o livro da mão. Só gosta desses livros, não lê outra coisa não. Sobre o preconceito com seus romances, Eliane não se importa nem um pouco. "O importante é que eu gosto e me faz bem". O sobrinho dela, Daniel Campos, completa. "Pelo menos ela está lendo alguma coisa, se ocupando, sonhando".

Na banca do Sérgio, todos os dias, cerca de oito mulheres procuram os livrinhos. As bancas e o sebos são o ponto de encontro das leitoras que querem adquirir aquele título que a amiga falou bem, aquela série especial com duas histórias, aquela história mais bem-humorada ou mais triste, mais picante. Tudo para sonhar. Um escape. Seu livro mais 40 centavos é o preço de um exemplar usado na banca. "A maioria só quer os antigos, pra trocar, os novos vendem menos, antigamente tinha muito mais procura. E quem vem mais é senhora, a maioria são as mesmas de 20 anos atrás", explica Sérgio. Na pilha, um exemplar de 1979: Bianca - Paris, Cidade dos Prazeres. 230 cruzeiros. "Esses aí eu não vendo não. Só troco. Porque temos que ter variedade, se não a cliente muda de banca. E se gente vende um desses, não recupera nunca mais". Sérgio já sabe a preferência das leitoras mais assíduas. A série Sabrina é mais romântica e com sexo light, Júlia é para a mulher madura e independente, Bianca aborda o casamento com humor, e as novas Mirella e Sabrina Sensual são mais apimentadas.

Atolada em livros, revistas, jornais, Zilmar Bezerra agora assume a banca que foi do finado marido. O Maciel, nome da sua banca na Praça do Ferreira, e do marido também, não faz trocas, somente vendas dos livretos novos. "Meu marido levava sempre pra casa aí eu lia. Gostava muito, viajava, era muito bom". O tempo fez Zilmar perder o interesse pelas histórias, mas, entre um cliente e outro, ainda hoje dá uma espiadinha em Sabrina. "Meu marido dizia que era livro de besteira, mas não deixava de levar um lá para casa". As vendas do livrinhos diminuíram muito. "Mas ainda tem quem procure".

Luíza Aurélio também já leu muito Sabrina. Até os seus 15 anos, a cabelereira e professora só queria saber das histórias da "literatura cor de rosa". "Uma amiga bem mais velha me emprestava e lá em casa lia eu e minhas irmãs. Bem no início da década de 80 era moda, todo mundo lia. Era sempre a história de uma mocinha classe média ou pobre, que encontra um cara muito rico numa viagem. Às vezes ela precisava se hospedar na casa dele por causa do trabalho e os dois se odiavam, até se descobrirem apaixonados. Em todas as histórias tinha também um vilão, como nas novelas mexicanas. Só mudava o nome dos personagens e o cenário, que era perfeito: as ilhas gregas, praias afrodisíacas em Acapulco. O mocinho de olhos azul cobalto e eu me perguntava 'que diabos de azul é esse?'".

Era fase. Luíza se interessou por outros assuntos, outros autores, embora ainda prefira o romance. "As cenas de sexos eram bem sutis, talvez pela época. Mas o irmão de uma amiga, que era advogado, não queria que ela lesse de jeito nenhum. Colocava os livros sob da cama e ela tinha que ler escondido", conta. Luíza, como tantas outras moças pelo mundo a fora, enquanto lia, sonhava com o príncipe encantado que traria para ela ovos mexidos com bacon. "Quando descobri que bacon era toicim, pense na decepção".

Para ela a fase já passou. Mas para as milhares de mulheres que desde a adolescência aumentam as cifras da Editora Nova Cultural, especializada em livros de banca, a série de romances sentimentais ainda é mania. Os números, de fazer inveja a qualquer autor de best-sellers, são apenas de exemplares novos, que a editora publica semanalmente, um livro de casa série. Isto sem contar as trocas diárias que acontecem por aí a fora. Grande parte das leitoras prefere as histórias antigas. Dizem que são melhores.

### **Fuga do cotidiano**

17/07/2006

A repetição de um modelo, que se renova pela variação, e não pela ruptura. Essa é a principal característica dos romances sentimentais, para Simone Meirelles, mestre em letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), que está fazendo doutorado sobre os romances sentimentais. "É um produto voltado ao lazer, e não para a arte. A leitora romance sentimental sabe que o casal vai terminar unido - o importante é como isso acontecerá".

Para desenvolver sua tese, Simone entrevistou 20 mulheres que são leitoras assíduas desse tipo de literatura. O público alvo da editora são mulheres na faixa etária a partir dos 15 anos. Mas as principais consumidoras estão na faixa dos 25 aos 45 anos. "São mulheres que acompanharam a fase áurea desses romances, entre os anos 80 e 90".

O sucesso das séries sentimentais está calcado em alguns fatores. Para Simone, os romances repetem uma tradição que vem de antes ainda dos primeiros folhetins publicados no século XIX, com elementos também dos contos de fadas. Outro ponto é a facilidade de acesso: os livros são encontrados em bancas de revista em todo país, a preços acessíveis, e existe ainda um grande comércio paralelo de exemplares usados, trocas entre leitoras e até leilões na Internet.

A leitoras entrevistadas por Simone buscavam, nesses livros, a fuga de um cotidiano massacrante. São mulheres em sua maioria com dupla jornada de trabalho que, quando lêem, fazem algo por si mesmas, não para agradar alguém, não para os outros. "Esses momentos representam as horas em que não precisam se submeter a um universo limitado às paredes de suas casas, horas de liberdade".

## 11. REPORTAGEM PUBLICADA NO SITE GUIA DA SEMANA – SÃO PAULO, EM 2006 (A DATA NÃO ESTAVA DISPONÍVEL NO SITE)

Reproduzido do site Guia da Semana, disponível em

<[http://www.guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=9&cd\\_news=13881](http://www.guiadasemana.com.br/noticias.asp?ID=9&cd_news=13881)>. Acesso

em 30/07/2007.

### NOTÍCIAS - ESPECIAIS

Páginas de amor

**Saiba tudo sobre aqueles romances vendidos em bancas de jornais que são sucesso de público há quase 30 anos**

*Por Thiago Kaczuroski*

Quando você pensa em comprar um livro, onde procura? Livraria, sebo, biblioteca? Qual é o fator determinante para finalizar a escolha? O preço, a capa, o assunto? Resolvemos fazer um teste: o que um repórter acostumado a ler histórias policiais, cheias de tiros, assassinatos e perseguições, acharia daqueles livros que sempre vemos nas bancas de jornal, com nomes de mulheres, como Júlia, Bianca ou Sabrina, e que trazem na capa sempre fotos de casais felizes? O **Guia da Semana** conversou também com a gerente de marketing da série Romances, que contou tudo sobre os livros que encantam mulheres de todo o Brasil há quase 30 anos.

Todos os meses, cerca de 20 romances chegam às bancas, com histórias de um casal que vive um grande caso de amor. O preço é bem convidativo: entre R\$ 4,90 e R\$ 12,00 é possível levar pra casa um dos livros, que é editado sempre da mesma forma: com uma espécie de papel jornal, porém mais resistente, e capa mole, com ilustrações em alta definição e títulos como *Deserto de Paixão* e *Tramas de Amor*.

Daniela Tocci (foto abaixo), gerente de marketing da *Nova Cultural*, editora que desde 1978 publica os livros, conta que atualmente existem oito diferentes séries no mercado, todas com um perfil voltado para um grupo de leitoras (veja tabela abaixo). Daniela aponta que quem compra esse tipo de romance, em sua maioria mulheres (99%), pertencem as classes B e C, na faixa de idade dos 25 aos 45 anos.

A maioria das obras é traduzida de originais americanos. Por isso, nomes de personagens como Trent, Melanie, Kyle e Lynnete não são difíceis de serem encontrados. "*Já tentamos adaptar os nomes à nossa realidade, mas as leitoras não gostam, preferem os nomes originais, para que a história as remeta para outros lugares*", explica Tocci. Por mês, cerca de 50 novas histórias chegam à editora, que seleciona os livros de acordo com o perfil de cada série. "*Abrimos recentemente espaço também para autores brasileiros, mas não temos volume suficiente de romances como precisamos*".

Daniela afirma receber muitos e-mails, cartas e telefonemas de leitoras. "*Elas ligam falando que gostaram de determinado título ou autor, pedindo mais livros na mesma linha*". E quanto

ao 1% masculino, que segundo a editora, também lê os romances? "*Já recebemos cartas falando que nos direcionamos apenas às leitoras, e não aos leitores de um modo geral. Temos sim leitores homens, mas não está nos planos criar uma linha de romances direcionada a eles*".

Os livros, que são bastante leves e podem ser levados na bolsa, na mochila ou na sacola, são encontrados em 25 mil bancas espalhadas pelo Brasil, e também pelo sistema de assinaturas da editora. O semestre da série *Clássicos Históricos* custa cerca de R\$ 100,00, e a leitora recebe dois livros por mês em casa. *Sabrina*, a série pioneira, vende 100 mil exemplares por mês.

Mas e o preconceito contra as obras? É possível, sim, achar em quase todas as bancas (na região da Av. Paulista, em São Paulo, todas tinham pelo menos alguma das séries de romances) mas em algumas delas, fica na prateleira inferior, quase escondidos. E quando um homem vai comprar um desses livros, como foi o caso dessa reportagem, é olhado com, digamos, desconfiança.

Ao contrário do ledô engano, os livros são muito divertidos, mesmo para alguém que não está familiarizado com o universo de romances fofinhos e novelas mexicanas. Como não se envolver, e até se emocionar com a história dos irmãos Duncan, ou com o romance de Zoe Harper e Paul Grffin no deserto de Utah - este com algumas cenas um pouco mais picantes (e, combinemos, não são tão picantes). Mas o preferido foi *Amor Antigo*, de Kathy Love, que começa com a terrível cena da garota sendo vítima de uma brincadeira de mau gosto do garoto que amava, que havia recebido dinheiro dos amigos para beijar a mais feia da escola. O tempo passa, e a feia agora é uma modelo internacional. O garoto virou chefe de polícia, e, sem lembrar do incidente do passado, tenta reconquistar a modelo, que fica sempre com o pé atrás.

Tirando todas as improbabilidades do enredo, e as páginas onde a melosidade dos muitos adjetivos chegam a cansar um pouco, os livros são uma boa pedida para os tempos de grana curta, ou quando você vai fazer uma viagem longa, se fica bastante tempo no trânsito ou se vai passar uma temporada no mato, sem sinal de diversão realmente empolgante. E não estranhe se comemorar quando o casal dá o primeiro beijo depois de 40 longas páginas, ou se os olhos marejarem quando o livro chegar ao final.

## **12. MATÉRIA PUBLICADA NO JORNAL DO COMÉRCIO, DE RECIFE, PERNAMBUCO, EM 12/06/2006.**

Reproduzida do site do veículo e disponível em

<<http://jc.uol.com.br/jornal/2006/06/12/>>. Acesso em 20/06/2006.

## **LITERATURA**

## Final feliz que cabe na bolsa

Publicado em 12.06.2006

*Romances Júlia, Bianca e Sabrina são publicados há três décadas no Brasil e alcançam um número incrível de leitoras*

SCHNEIDER CARPEGGIANI

Existe um universo em que o amor não é roleta-russa, o telefone sempre toca e onde o 12/06/06 (para alguns solteiros) não corresponde, ideologicamente, ao 6/6/6, a data que tanto apavorou a humanidade semana passada. É assim que o mundo gira nos romances *Júlia, Sabrina e Bianca*, publicados no Brasil há quase três décadas pela Editora Nova Cultural, dentro da *Série Romances*. Neles, o previsível final (feliz por decreto) da trama não impede que dois milhões de títulos sejam vendidos por ano no Brasil, levantando suspiros, sonhos e algumas outras sensações, essas aí, impubescíveis.

Aqui vão mais números desses devaneios: A pioneira *Sabrina* vende 100 mil exemplares por mês, 40% do faturamento da editora Nova Cultural se deve à venda da série, e 99% do público alvo é feminino, a maioria das classes B e C. Não há feminismo que agüente! "Acho que o sucesso da série entre as mulheres vem do fato de sermos mais românticas. As mulheres ainda esperam o príncipe encantado, querem alguém abrindo a porta do carro, sonham em receber uma rosa", explica a gerente de produtos da *Série Romances*, Daniella Tucci.

Suas leitoras sabem o que querem e não deixam barato quando o título comprado não corresponde ao que elas desejam. "Algumas escrevem reclamando que o casal da capa não parece com a descrição do livro. Outras dizem que não gostaram dessa ou daquela trama", continua Daniella, que, entre cartas e e-mail, recebe mais de 1000 respostas por mês das suas leitoras – "Há uma interação muito grande entre nós."

Falar do mundo açucarado de *Sabrina* e companhia, à primeira vista, parece anacrônico. Longe disso. No ano passado, chegou ao Brasil a editora Harlequin, a maior do mundo nesse segmento, produzindo romances da mesma linha de *Sabrina*, em cinco séries diferentes. Agora as leitoras têm o dobro de opções.

"As editoras – tanto a Nova Cultural quanto a Harlequin – buscam reposicionar seus produtos no mercado, aumentando o número de leitoras e reduzindo o estigma contra esse tipo de leitura. Basta ver o slogan da Harlequin – 'o livro de bolsa da mulher moderna'", destaca a pesquisadora Simone Meirelles, que desenvolve uma tese de doutorado da Universidade Federal do Paraná sobre esse açucarado lado da literatura.

Se para Daniella Tucci a crença no príncipe encantado guia as leitoras, para a pesquisadora há maiores explicações: "A leitura dos romances vai proporcionar uma catarse, uma satisfação na certeza de que os conflitos serão resolvidos, o que nem sempre acontece na realidade. Então a fuga e o sonho também são objetivos da leitora, e não necessariamente perniciosos. Acredito que o ser humano precisa da fantasia como contraponto com a realidade."

"Esses romances repetem uma tradição que vem de antes ainda dos primeiros folhetins publicados no século 19, com elementos também dos contos de fadas. Depois vieram séries lidas por nossas avós, como a Biblioteca das Moças, sucesso na primeira metade do século 20. Na seqüência, as fotonovelas, que deixaram de circular praticamente na mesma época do lançamento da série *Sabrina*, 1978. Esses modelos são incorporados no imaginário popular. A elaboração da história segue os mesmos padrões dessas leituras anteriores – heroína, herói, conflito, final feliz", explica Simone.



É consenso que a graça de um livro é não saber o final. A regra, no entanto, não se aplica às leitoras *Sabrina*. "A regra dos nossos romances é que o casal tem de terminar junto. Não é isso o que as pessoas esperam? Há, claro, algumas leitoras que escrevem reclamando, dizendo que o final poderia ser desse ou daquele jeito. Mas tem de ser feliz!"

"A previsibilidade, longe de ser um defeito, é desejável entre as leitoras das séries sentimentais. A sustentação da literatura de entretenimento se baseia na repetição de um modelo, que se renova pela variação, e não pela ruptura. As leitoras dos romances sabem que o final será feliz – o importante é saber 'como' se chegará a esse final", define Simone.

Para o seu projeto, a pesquisadora entrevistou inúmeras leitoras e percebeu que há vários tipos delas. E mais importante: longe de aceitar passivamente a leitura dos romances, elas tinham consciência crítica das imagens estereotipadas apresentadas no texto.

"Havia leitoras que levavam idéias dos romances para seu cotidiano, tentando melhorar as relações amorosas, leitoras que se sentiam confiantes para expor seus sentimentos, leitoras que passaram a escrever seus próprios romances, outras que se reuniam em clubes para comentar a leitura. Além disso, a leitura aparece como um tempo destinado para si mesmas – longe de problemas como trabalho, filhos, marido. Um tempo precioso, furtado do cotidiano, muitas vezes enfrentando críticas de quem preferia que não lessem nada a ler 'livrinhos água-com-açúcar'", lembra Simone.

**CAMISINHA NA BOLSA** – Engana-se quem acha que a *Série Romances* fala apenas de um mundo pré-aids e discussões à *Sex and city* sobre as diferenças entre os sexos passam longe. Como num restaurante self-service, há opções para todos os paladares. "É claro que existem romances em que tratamos de temas contemporâneos, como aids, camisinha, em que a mulher trabalha fora e tem outras obrigações além de ficar pensando em encontrar o príncipe encantado", afirma Daniella Tucci.

Alguns dos livros da série são feitos para as mulheres que preferem viver num calendário todo particular. "Temos a série histórica, que é de época, para quem gosta". E sexo, as personagens já vão aos finalmentes? "Bem, tem sexo sim, pois há livros para quem quer ler descrições sexuais, mas sem vulgaridade, nada explícito, você por exemplo vai ler algo como 'ele tirou a camisa dela...' Em outros, não há nenhum tipo de descrição: o leitor vai só até a porta do quarto do casal."

Para a gerente de produtos, a série não 'deforma' as leitoras, em relação a estreitar horizontes literários – "Pelo contrário, nós somos uma porta de entrada para a grande literatura."

A pesquisadora Simone Meirelles discorda: "A despeito de arrebanharem um grande número de leitoras, é claro que os romances das séries têm problemas enquanto literatura: textos superficiais, personagens estereotipados, enredos sem criatividade, repetitivos. Mas é fato também que isso não incomoda as leitoras. Talvez, pela falta de contato com textos mais elaborados, que levem à reflexão e à crítica. Talvez, porque busquem exatamente uma diversão ligeira e superficial."

Diante de tamanha angústia pelo final feliz perfeito, resta a dúvida: Há alguma chance de, no futuro, as leitoras de *Sabrina* encontrarem um livro em que a personagem termine sozinha, mas feliz? "Não", dispara Daniella.